BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

TERCEIRO ANNO

TOMO XIV

R-96

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
José Bastos—Livreiro-Editor
Rua Garrett, 73 e 75
1896

RIO DE JANEIRO
H. LOMBAERTS & C.ª
Livreiros-Editores
Rua dos Ourives, 17
1896

Marjorie Daw

I

O doutor Dillon a Eduardo Delaney.
Nos Pinhaes, correio de Rye.

8 de agosto de 1872.

MEU CARO SENHOR

Tenho a satisfação de lhe poder affirmar que não tem motivo para inquietações. Flemming está condemnado a conservar-se extendido umas tres ou quatro semanas, e a não se servir, em seguida, da perna senão com muitas precauções, pelo menos nos primeiros tempos. Uma fractura d'aquelle genero é sempre uma coisa aborrecida; felizmente, a d'elle foi muito bem concertada pelo cirurgião que o acaso tinha conduzido a uma pharmacia onde o levaram depois da queda; não receio por isso nenhuma consequencia grave.

O nosso amigo está physicamente no melhor caminho possivel; no emtanto confesso-lhe que o estado de espirito irritavel e morbido em que o vejo não deixa de preoccupar-me. Era o ultimo homem no mundo que devesse partir uma perna. Conhece a impetuosidade natural do seu caracter, a necessidade que elle tem de movimento, de acção;

para estar satisfeito, precisa ter constantemente que se atirar a qualquer objecto como um touro a um panno encarnado... excellente rapaz, comtudo. Pois bem, já não é *excellente*. Pelo contrario, o genio tem-se-lhe tornado medonho. Miss Fanny Flemming, que chegou de Newport, onde a familia está passando o verão, para lhe offerecer os seus cuidados, foi despedida na manhã seguinte, banhada em lagrimas. Tem as obras completas de Balzac, vinte e sete volumes, n'uma pilha em cima do canapé, para atirar com ellas á cabeça de Watkins, todas as vezes que este modelo dos creados lhe apparece com alguma cousa de comer.

Hontem levei innocentemente a Flemming um cestinho com limões; sabe que foi uma casca de limão em cima do passeio a causa do accidente? Apenas olhou para esses desastrosos fructos, accommetteu-o um furor indescriptivel. E ainda não foi esse um accesso dos mais violentos. N'outras occasiões, fica de cabeça baixa a olhar para a perna partida n'um desespero sombrio e mudo. Quando esta melancholia o ataca, e muitas vezes dura ella um dia inteiro, não ha nada que o distraia. Rejeita a comida, nem sequer lê os jornaes;—os livros, excepto como projecteis, não teem para elle nenhum attractivo.

O seu estado faz devéras dó. Se se tratasse d'um pobre diabo cujo trabalho diario sustentasse uma familia, era facil de explicar aquella irritabilidade, aquelle abatimento; mas n'um rapaz rico e sem o mais leve cuidado, não é monstruoso? Se continua a abandonar-se assim aos seus caprichos acaba por causar uma inflammação do peroneo,—é o peroneo que está fracturado. Já tenho exgotado o rol das minhas prescripções. Tenho narcoticos e fricções para fazer dormir as creaturas e allivial-as; mas não tenho nenhuma panacea que restitua aos doidos o senso commum; isso ultrapassa o meu poder.

Talvez seja mais habil do que eu. E' o amigo intimo de Flemming, o seu *fidus Achates*. Escreva-lhe,—escreva-lhe

muitas vezes, distraia-o, console-o, veja se o impede de cair n'um marasmo absoluto. O seu captiveiro forçado não transtornaria certos planos que eu ignoro? N'esse caso, devia estar ao corrente, e podia vir de si um bom conselho.

Espero que seu pae se tenha dado bem com a mudança d'ar, e peço me creia seu muito dedicado

Dr. D.

II

Eduardo Delaney a John Flemming, rua 38 oeste, New-York.

9 de agosto.

Meu caro Jack, soube esta manhã por carta de Dillon que a tua queda era menos grave do que por ahi se dizia. Como certo personagem, não és tão negro como te pintam. Dillon põe-te firme, nos dois prumos, segundo elle diz, em tres semanas, se quizeres ter um bocadinho de paciencia e fazer o que elle manda. Recebeste o meu bilhete de quarta-feira passada? Ao principio fiquei afflicto com a noticia do desastre.

Estou imaginando que deves parecer um santinho com essa perna n'um estojo. Foi deveras uma grande falta de sorte da tua parte, visto que tinhamos combinado passar um mez de vida folgada, mas que remedio senão conformarmo-nos? O que eu tenho sobretudo é pena que a saude de meu pae me colloque na impossibilidade de o abandonar. Elle está melhor, o ar do mar é o seu elemento natural; mas precisa ainda do meu braço para os seus passeios e não lhe bastariam cuidados menos attentos que os meus. Assim, não posso ir ter comtigo, querido Jack; ao menos, hei de aproveitar as minhas numerosas horas va-

gas para encher a caixa do correio, se este exercicio te puder distrahir. Sabe Deus, que não tenho muito para dizer! Se ao menos habitassemos uma das casas da praia, poderia fazer alguns estudos de caracteres e povoar a tua imaginação com uma turba de nymphas e de ondinas, todas com as suas cabelleiras, — ou as d'outrem, — loiras ou castanhas, em todo o caso caidas por sobre uns hombros brancos: terias Aphrodite em penteador, em toilette de noite, em fato de banho; mas estamos longe d'isso tudo, desterrados n'uma quinta, n'uma estrada desviada, a duas milhas dos hoteis. Assim a nossa vida é das mais monotonas, que é possivel imaginar. Não ser eu ao menos romancista? Esta velha casa com as suas lages cobertas de areia, os seus altos tectos de carvalho, as suas janellas estreitas deitando sobre um bosque de pinheiros que se transformam em harpas eoleas cada vez que o vento sopra, seria o logar por excellencia para se escrever uma aventura de verão, uma d'essas historias em que se respiram os perfumes da floresta e o sopro do mar. Gostava de fazer um romance como o d'aquelle russo cujo nome ninguem pode soletrar, Tourguénieff, Turgueneff, Toorguniff, Turgenjew, que sei eu? — a propria mãe d'elle se deve sentir um pouco embaraçada. Comtudo mesmo se uma Lisa ou uma Alexandra Paulovna conseguisse commover o coração d'um rapaz que sente picadas constantes na perna, pergunto se alguma das nossas meninas *yankees* mais prendadas, altiva e espirituosa, te consolaria no estado deploravel em que estás. Se eu imaginasse isso corria á praia a roubar uma, ou, ainda melhor, encontraria a mais bella de quantas é possivel conceber, do lado de lá da estrada.

Imagina tu uma grande casa branca quasi em frente do nosso cottage, — não é propriamente uma simples casa; é uma d'estas residencias que datam apparentemente da epocha colonial, com vastas dependencias, um telhado bastante elevado, uma grande *piazza* de tres lados diferentes entre si, formando o todo um pedaço de architectura do

melhor tom, orgulhoso e imponente. Este solar eleva-se a certa distancia da estrada, rodeado por um pateo onde se vêem ulmeiros, carvalhos e salgueiros. A's vezes, quasi sempre á tarde, quando o sol se esconde deixando a piazza na sombra, apparece uma rapariga com um bordado ou um livro na mão. Está ali uma rede, que de cá me parece tecida de fibras de ananaz. Uma rede é verdadeiramente um bello accessorio, quando se tem dezoito annos, cabellos de oiro, olhos negros e um vestido azul claro arregaçado como o de uma pastora de Saxe. Além d'isso calça á moda d'uma dama do tempo de Luiz XV, — uns sapatinhos adoraveis! Todo este esplendor se installa na rede e ahi se balouça como um lirio aquatico na atmosphera dourada. A janella do meu quarto deita sobre a *piazza*; escusado é dizer-te que ali estou postado vezes sem conto.

Mas acabemos com esta loucura, que fica mal a um joven procurador, grave por estado e que está passando as férias ao lado de um pae doente. Uma palavra, querido Jack, que me diga como estás! Explica-me o teu caso com todos os pormenores: exijo uma carta muito comprida e muito socegada. Se o senhor me responder com violencias ou injurias, intento-lhe um processo. Fique sabendo.

III

John Flemming a Eduardo Delaney

11 de agosto.

A tua carta, meu caro Ned, [1] foi recebida como um enviado dos deuses. Eu, que desde o meu nascimento, nunca tinha estado um só dia doente... estou condemnado á

---

[1] Diminutivo de Edward, como Jack o é de John.

immobilidade, — que supplicio? — A perna esquerda pesa-me mais do que tres tonneis; está perfumada com drogas odoriferas, apertada em tiras de linho, como uma mumia; ha cinco mil annos que não me mecho: sou do tempo de Pharaó. Desde pela manhã até á noite, vegeto extendido n'uma marqueza, o olhar cravado na rua ardente. Todos se estão divertindo no campo. A frente escura das casas, do lado de lá da rua parece uma fila medonha de caixões postos em cima d'um cabo.

Não sei que bolor esverdeado apaga os nomes dos defuntos gravados nas chapas de prata das portas, as aranhas sardonicas taparam as fechaduras, tudo é silencio, poeira e desolação.

Interrompo-me um segundo para atirar a Watkins o segundo tomo de *Cesar Birotteau*. Falhou! Parece-me que o poderia deitar abaixo com um Sainte-Beuve ou com o *Dicionario Universal*, se o tivesse. Estes volumesinhos de Balzac não chegam para a minha mão; mas ainda hei de apanhal-o. Desconfio que Watkins quer mal ao nosso *chateau-yquem* e que faz muitas visitas á adega do seu dono, emquanto o joven Cheops está aqui mettido no estojo. O pandego tem um modo santo de entrar no meu quarto, com aquella cara hypocrita e macillenta, comprida como um accordeon; mas parece-me que se ri e faz mangação na escada, e que não desgosta mesmo que eu tenha partido a perna. A minha estrella má não tinha chegado ao zenith aquella noite maldita em que vim á cidade para assistir a esse jantar no Delmonico? [2] Só aqui vinha para isso; queria tambem comprar a egua russa de Frank Livingstone, *Margot*, — e agora antes de dois mezes não estarei capaz de montar! Tenho vontade de te mandar a egua lá para os *Pinhaes*, — não é assim que se chama esse logar?

---

[1] Restaurante e café celebres em New-York.

O velho Dillon imagina que tenho algum desgosto secreto. Ha de me fazer damnar com os seus limões. Limões para um cerebro doente! que asneira! Não estou doido nem doente, mas estou tão impaciente como o diabo estaria n'uma prisão, coisa a que, tanto elle como eu, estamos bem pouco costumados. Como queres tu que um homem que até aqui nunca sentiu a mais leve dôr de cabeça, esteja de bom humor, com uma perna ligada, sob um *douche* constante e o resto do corpo encafuado na cidade no pino do verão? É exigir de mais, palavra d'honra! Não, não hei de estar alegre, nem ter paciencia. Escusam de me massar.

A tua carta é a primeira consolação que tive depois do meu desastre. Francamente divertiu-me durante meia hora. Uma palavra, Ned, sempre que possas, visto que te importas com a minha vida. Escreve seja o que fór, ainda mesmo a respeito d'essa pequena na rede. Era bonito o que dizias da pastora de Saxe, do lirio aquatico, etc.: umas imagens um pouco incoherentes talvez, mas muito bonitas, repito. Estava longe de imaginar que o teu guarda moveis possuisse um tal fornecimento sentimental. Isso prova que se pode conhecer familiarmente durante seculos a sala do proximo sem se desconfiar sequer do que está na agua-furtada. Eu, que só via, na tua, pergaminhos seccos, hypothecas aridas e outra bagagem legal! E tu então, descobres esse enygma e eis que apparecem sonetos e canções! Você tem realmente algum talento descriptivo, Eduardo Delaney, meu amigo, e agora desconfio muito que ainda venha a mandar para os jornaes historietas d'amor.

Vou rugir como um urso até me distrahires outra vez. Conta-me tudo da tua desconhecida do outro lado da rua. O nome d'ella? Quem é? Que é feito da mãe? Tem um tutor ou um namorado? — Não imaginas como tudo isso me ha de entreter. Contentar-me-hei com pequeninos nadas, porque o meu captiveiro enfraquece-me muito intellectualmente; bem o pódes vêr, se até me maravilho com o teu

talento epistolar. Com franqueza, vou entrar na minha segunda infancia; d'aqui a oito dias passo a brincar com guiso e chupadeira. Se me désses um biberon de presente, era uma attenção muito delicada que terias commigo. Entretanto, escreve.

IV

Edward Delaney a John Flemming

12 de agosto.

O pachá doente quer que o divirtam. Bismillah! divertir-se-ha. Se o narrador se tornar prolixo ou aborrecido, uma corda, um saco e dois Nubios para o precipitarem no Bosphoro! Francamente, Jack, a minha tarefa é rude. Não tenho absolutamente nada de que te fale, a não ser da minha visinha. Ella lá está, n'este momento, a *sonhar* como de costume, e confesso que se podem bem esquecer muitos males, vendo avançar de tempos a tempos, para dar movimento á rede, aquella botinha delicada que assenta como uma luva. Quem ella é?... como se chama?... É filha unica de M. Richard W. Daw, ex-coronel e banqueiro muito rico. A mãe? morreu. Um irmão na Universidade, o mais velho morto ha nove annos na batalha de *Fair-Oaks*. Uma familia muito antiga, estes Daw. O pae e a filha passam oito mezes dos doze n'esta magnifica propriedade, o resto do anno em Baltimore e em Washington. A filha chama-se Marjorie, Marjorie Daw, — um nome exquisito á primeira vista, não é verdade? Todavia, quando a gente o repete uma meia duzia de vezes, agrada; a sua originalidade tem não sei quê de picante, de primaveril; parece que cheira bem a violetas; mas co'a fortuna! é necessario ser-se bonita para poder chamar-se Marjorie Daw!

Soube estes pormenores todos do caseiro dos *Pinhaes*, nosso hospedeiro, que uma d'estas noites foi chamado por

mim como testemunha. Este bom homem cuida do pomar de M. Daw e conhece a familia ha trinta annos. Bem entendido, d'aqui a pouco faço relações com os meus visinhos. Era impossivel eu não encontrar o senhor ou a menina Daw em algum dos nossos passeios communs. A menina tem um atalho favorito para ir para a praia. Encontrar-me-hei por acaso no seu caminho, um d'estes dias, e levarei respeitosamente a mão ao chapeu; então a princeza inclinará a sua cabecinha loira com um ar de surpreza delicada, não sem uma mistura de altivez; será duro de supportar mas supportal-o-hei por amor de ti, ó pachá da perna partida!

...Como as cousas se dispõem extraordinariamente! Ha dez minutos, chamaram-me. Desci á sala, — conheces estas salas amphibias das nossas quintas do littoral com uma quantidade de conchas em cima do fogão e ramos de abeto negro na lareira.

Encontrei ahi meu pae e M. Daw trocando amabilidades. M. Daw dava o primeiro passo para os seus novos visinhos.

É um cavalheiro de cincoenta e cinco annos pouco mais ou menos, de estatura alta e airosa, de rosto agradavel, de bigode e suissas brancas de neve. Durante a ultima guerra era coronel do regimento onde o filho serviu como tenente: em summa, um velho energico, talhado no puro granito do Novo-Hampshire. Antes de se despedir, o coronel fez-nos um convite á queima-roupa, como se proclamasse uma ordem do dia. Miss Daw esperava alguns amigos ás quatro horas da tarde, para jogar o croquet na relva (terreno de parada); servir-se-hia o chá (rações frias) na *piazza*. Far-lhes-hiamos a honra de os acompanhar (sob pena de *detenção*)! — Meu pae recusa allegando a sua pouca saude; o filho de meu pae cumprimenta com toda a lhaneza que o caracteriza, e acceita.

Para a outra vez já hei de ter alguma cousa a dizer-te, já então terei visto aquella belleza, de perto, e tenho o presentimento de que vou ali desencantar uma ave rara!

Animo, meu rapaz, até eu te escrever. — Como se porta a tua perna scelerada?

V

Eduardo Delaney e John Flemming

13 de agosto.

Aquella partida de croquet foi lugubre, meu caro Jack: um tenente de marinha, o reitor da egreja episcopal de Stillwater, e por fim um peralvilho da moda vindo de Nahant. O tenente fazia-me o effeito de ter engulido alguns botões do uniforme, e de achar difficil a digestão d'elles; vês d'ahi o reitor, um rapaz melancholico da escola dos asphodelos; o Leandro, esse não estava á altura do seu papel. Em compensação, as mulheres muito superiores, como ellas o sabem sempre ser; as duas misses Kingsbury, de Philadelphia, bastante animadas e attractivas... porém Marjorie Daw!

Tendo-se a sociedade dispersado pouco depois do chá, fiquei com o coronel na *piazza*, fumando. Que bello quadro o de miss Marjorie cuidando solicita d'este velho soldado, rodeando-o de delicadas attenções filiaes! Trazia-lhe os charutos, offerecia-lhe lume na ponta dos seus dedinhos côr de rosa; era deveras encantador vêl-a andar d'um lado para o outro, n'aquelle crepusculo de verão, parecendo, com o seu vestido branco e os seus cabellos d'oiro pallido, um gentil phantasma sahido do fumo azulado que subia em espiraes. Se tivesse por sua vez desapparecido nos ares, eu ficaria mais triste com isso do que surprehendido.

É facil vêr que o coronel a adora, e que ella lh'o retribue como deve. Este culto reciproco entre um pae já velho e uma filha apenas sahida da adolescencia parece-me ser a cousa mais bella que existe no mundo. Ha n'aquella ternura um

sentimento tão subtil que não saberia unir da mesma maneira uma mãe e uma filha, nem mesmo um filho e uma mãe; mas estou-me afastando do assumpto, — basta que saibas que me demorei em casa dos Daw até ás dez horas e meia, e que vi a lua nascer por cima do mar. O oceano, que se extendia immovel e escuro até ao horisonte, transformou-se como por magia n'um lençol de gelo brilhante. Ao longe, as ilhas de areia pareciam vir fluctuando para nós como enormes massas de gelo. As regiões polares n'um degelo do mez de junho!

Era esplendido. — De que falámos? Do tempo... e de ti. O tempo tem estado desagradavel todos estes dias, e tu a mesma cousa; por isso era natural passar-se d'um d'estes assumptos para o outro. Contei aos meus amigos o teu desastre, como elle tinha transtornado todos os nossos projectos de verão, quaes eram esses projectos. Depois fiz a descripção da tua pessoa, ou antes, não, limitei-me a falar da tua extrema candura, da tua paciencia n'este duro transe, da tua gratidão tão commovente quando Dilion te leva algum presentesinho de fructa, da tua ternura com a tua irmã Fanny, a quem não consentiste que ficasse na cidade para te tratar, e que fizeste voltar heroicamente para os banhos do mar, contentando-te com os cuidados do teu velho Watkins, a quem, entre parenthesis, dás mil provas da tua bondade. Se tivesses estado presente, Jack, não te terias reconhecido. É pena eu não ter escolhido um ramo differente da jurisprudencia, teria sido sem duvida um excellente advogado criminal. — Miss Marjorie fartou-se de me fazer perguntas a teu respeito. Agora, pensando n'isso parece-me que ella tinha um interesse particular na conversa. Lembro-me como ella se inclinava, batendo-lhe o luar em cheio no seu pescoço branco e redondo, para ouvir o que eu dizia. Creio realmente que a fiz interessar-se por ti.

Miss Daw é uma rapariga que te deve agradar prodigiosamente, aviso-te: é uma belleza sem affectação, uma na-

tureza orgulhosa e terna, se se deve crêr que a physionomia reflecte a alma. — Eu tenho em boa conta o velho coronel... Em summa estou encantado que os Daw sejam uma gente tão agradavel. Os *Pinhaes* são um sitio muito isolado, e como os meus recursos de sociedade são pouco numerosos, bem cedo acharia a vida insipida, se tivesse de me contentar com a companhia de meu excellente pae. É verdade que poderia fazer o meu alvo d'esse querido doente; mas não tenho gosto pela artilheria, *eu!*

VI

John Flemming a Edward Delaney

17 de agosto.

Para um rapaz que não gosta da artilheria, parece-me, meu amigo, que estás dirigindo um fogo bem alimentado sobre as minhas obras interiores; mas continua, — o cynismo é uma peçasinha de campanha que ás vezes rebenta e mata o artilheiro.

Pódes-me injuriar tanto quanto quizeres, não me queixarei porque não sei o que seria de mim sem as tuas cartas; curam-me. Não atirei nada á cabeça de Watkins desde domingo passado, em parte porque, graças a ti, estou tomando costumes mais brandos, em parte, porque Watkins apoderou-se uma noite das minhas munições e tornou a mettel-as na bibliotheca. Elle agora já vae perdendo o tic que tinha tomado de se encostar para o lado todas as vezes que eu coçava uma orelha ou mexia o braço direito. Em compensação ficou com outros habitos; pódem sacudir Watkins, pódem fazel-o em bocados, se quizerem, nunca poderão impedil-o de cheirar o vinho.

Ned, essa miss Daw deve ser uma pessoa encantadora. Com certeza me agradaria, agrada-me já, mesmo. Quando

me falaste pela primeira vez d'essa rapariga balouçando-se n'uma rede debaixo da tua janella, senti-me, não sei porque, singularmente attrahido para ella, e tudo o que desde então me escreveste a respeito de miss Dwa tem fortificado essa impressão repentina. Sempre me parece ouvir falar-te d'uma mulher que eu tenha conhecido n'alguma outra vida, ou que tenha sonhado n'esta. Palavra d'honra, se me enviasses o seu retrato, parece-me que a reconheceria á primeira vista. O seu andar aereo, o seu modo de escutar, os traços do seu caracter, á medida que m'os indicas, esses cabellos claros, esses olhos escuros, tudo emfim me é familiar. Fez-te perguntas a meu respeito, disseste tu? Inspiro-lhe curiosidade? É exquisito.

Rir-te-hias lá comtigo, miseravel cynico, se soubesses como ás vezes passo noutes sem dormir, o gaz tão apagado como uma lamparina, pensando nos *Pinhaes* e n'essa casa do lado de lá da estrada. Como ahi deve ser fresco! Respiro esse perfume de sal no ar. Representa-se-me o coronel fumando o seu charuto na *piazza,* sigo-te nos teus passeios da tarde em companhia de miss Daw, ao longo da praia. Ás vezes chego mesmo a vêl-os passeiar ambos sob os ulmeiros ao luar,—porque a estas horas já devem ser uns grandes amigos, vêrem-se todos os dias. Eu bem sei como tu te portas com as mulheres! N'esses momentos recaio nos meus accessos de raiva, tenho vontade de dar cabo d'alguem. Ainda não reparaste em ninguem que sob a fórma de namorado vagueie em torno aos penates do coronel? Esse official de marinha, ou esse curasito, por exemplo? Isto não é porque eu esteja impaciente por ter noticias d'elles; mas um pouco de tagarelice sobre esse assumpto, seria talvez opportuno.

Como póde ser, Ned, que não estejas ainda perdidamente enamorado de miss Daw? Lembra-te, que eu já o estou quasi. A respeito do retrato, não poderias arranjar maneira de raptar do seu album um simples cartão de visita—ella, tem de certo, um album,—e de m'o mandar? Resti-

tituil-a-hei antes que ella descubra o furto. Obrigado, és um bom camarada!

Chegou-te lá a egua sã e salva? Ha de ser um animal famoso para o Parque Central, no proximo outomno.

Ai!... minha perna! tinha-me esquecido d'ella!... Vae indo melhor.

VII

Edward Delaney a John Flemming

20 de agosto.

Não te enganas, estou nos melhores termos com os nossos visinhos. O coronel e meu pae fumam juntos ora na nossa sala, ora na *piazza* defronte, e eu passo quasi todas as tardes ao pé de miss Daw. A bellesa, a intelligencia, a modestia d'ella, impressionam-me cada vez mais.

Perguntas-me porque não estou eu loucamente apaixonado. Jack, serei franco para comtigo, já pensei n'isso. Ella é nova, rica, prendada, possue mais attractivos que eu nunca encontrei em ninguem, mas falta-lhe esse não sei que, que seria necessario para me fazer perder a cabeça. Possuindo essa qualidade mysteriosa, uma mulher embora não tivesse uma grande belleza, nem uma grande fortuna, nem uma grande mocidade, prender-me-hia facilmente a seus pés; emquanto a miss Daw poderiamos naufragar juntos n'uma ilha deserta, sem que d'ahi resultasse nada similhante. Construia-lhe uma cabana de bambú, — colhia para ella os fructos da arvore do pão e do coqueiro, frigia-lhe inhame, deitava armadilhas á caça mais delicada, mas passavam-se bem dezoito mezes antes que eu tentasse fazer-lhe a côrte. Gostava de a ter por irmã, para a proteger, dar-lhe conselhos, gastaria de boa vontade metade dos meus rendimentos para a cobrir de joias (já estamos

fóra da ilha deserta,) mas só podia sentir por ella a amisada mais sublime. Se não fosse esse o meu sentimento, haveria um obstaculo insuperavel ao meu amor. Amal-a seria para mim a maior de todas as desgraças; Jack, vou-te fazer uma revelação que te ha de surprehender. Talvez faça mal n'isso; julga-me tu.

Quando voltei para casa na noite depois da partida de croquet em casa dos Daw fiquei de repente impressionado quando me lembrei da extrema attenção com que miss Marjorie tinha seguido a descripção que fiz do teu desastre. Já te tinha dito isto, não é verdade? Pois bem! no dia seguinte, quando ía eu mesmo deitar a minha carta no correio, encontrei miss Daw no caminho de Rye, e andámos juntos durante uma hora approximadamente. Como na vespera, a conversa recahiu sobre ti, e tornei a observar a mesma expressão nos olhos d'ella. Desde então vi mais de dez vezes miss Daw, e reparei sempre que não conseguia interessal-a senão falando-lhe de ti, de tua irmã, d'alguem ou de qualquer coisa que te diga respeito. Assim què eu tocava em outro assumpto, desviava os olhos de mim para olhar para o mar ou para a paizagem, e folheava um livro de modo a provar-me que já não me ouvia. N'essas occasiões, se eu mudava bruscamente de assumpto, como fiz umas poucas de vezes para a experimentar, se deixava escapar uma só palavra sobre o meu amigo Flemming, os seus bellos olhos azues escuros voltavam-se immediatamente para mim. Isto não é a coisa mais extraordinaria que póde haver? Não, ha uma coisa ainda mais extraordinaria, é o effeito que produziu em ti, como tu disseste, o quadro que o acaso te punha sob a tua vista, d'uma desconhecida balouçando-se n'uma rêde. Confesso que aquelle trecho da tua carta de sexta-feira me perturbou. É então possivel que dois sêres que nunca se viram e que centenas de milhas separam possam exercer um sobre o outro uma influencia magnetica? Tinha ouvido falar de phenomenos psychologicos d'este genero, sem acredi-

tar n'elles. A solução do problema depende de ti. Emquanto a mim, embora todas as outras probabilidades me fossem favoraveis, declaro que me seria impossivel apaixonar-me por uma mulher, que não me dá attenção senão quando lhe falo do meu amigo.

Ignoro se ha alguem que faça a côrte á minha visinha. O tenente de marinha, que está de estação em Rivermouth vem algumas vezes passar a noite; o reitor tambem vem de vez em quando, mas o tenente vem mais. Ainda hontem á noite aqui esteve, e não me admirava que elle estivesse tentado com a herdeira; mas aquelle não é um rival formidavel. Marjorie maneja com destreza certas frechas de ironia nas quaes o honrado tenente tem uma singular tendencia para se espetar. Não é perigoso, creio eu pelo menos, pois nada se póde affiançar. Já vi mulheres troçarem com um homem durante annos e no fim casarem com elle. O reitor tambem não é nada perigoso... e d'ahi quem sabe? Não se tem visto tanta vez o panno de Frisa ficar victorioso em torneios onde succumbe o panno de oiro?

Emquanto ao retrato, está uma bella miniatura de Marjorie em cima do fogão da sala, mas depressa dariam pela falta d'esse objecto. Estou disposto a fazer por ti tudo que é rasoavel, sem todavia arder nos desejos de ser levado deante do juiz da localidade, sob accusação de roubo.

P. S. Aqui vae um raminho de réséda que eu te aconselho que trates com ternura. Sim, hontem á noite tornámos a falar de ti, como sempre. Já começa a aborrecer-me um pouco.

VIII

Edward Delaney a John Flemming

22 de agosto.

A tua ultima carta preoccupou-me toda a manhã. Não sei que deva pensar. É verdade que pretendes estar meio

apaixonado por uma mulher que nunca viste, por uma sombra, uma chimera? porque miss Daw só póde ser isso para ti. Já não entendo nada d'isto; não os entendo, nem a um nem a outro. São um par ethereo pairando n'uma atmosphera pura de mais para os pulmões d'um simples mortal da minha especie. Semelhante delicadeza de sentimentos é que me espanta, qne me atordoa sobretudo. Pois não é uma situação devéras embaraçosa para um ente da terra, ter que lidar com sêres incorporeos de essencia tão subtil, que a todo o momento receia vel-os quebrados por uma falta de geito? Estou como Caliban no meio dos espiritos.

Pensando bem n'isso, pergunto a mim mesmo se será prudente continuar esta correspondencia; mas seria fazer-te uma injuria, Jack, duvidar do bom senso que é a base do teu caracter. Interessas-te por miss Daw; sentes que a admirarias talvez muito, se a conhecesses, e ao mesmo tempo, parece-te que ha dez probabilidades contra uma de que ella te deixe ficar indifferente quando a encontrares, tão longe estará do teu ideal: Firma-te n'esse juizo, que é o razoavel, e não te occultarei cousa alguma.

Eu e meu pae, démos hontem um passeio de carruagem com os Daw. A grande chuva que tinha havido pela manhã tinha refrescado o ar e abatido a poeira. Para chegar a Rivermouth, é preciso andar oito milhas por uma estrada tortuosa ladeada de sebes de berberis. Nunca vi nada mais brilhante do que estes arbustos lavados pelas torrentes d'agua que tinham polido o verde intenso da folhagem e o coral das bagas vermelhas. O coronel ia com meu pae no assento de deante. Eu e miss Daw iamos atraz; eu resolvera que durante as primeiras cinco milhas, o teu nome não sahiria da minha bocca. Como me diverti com os artificios que ella inventava para me fazer quebrar essa promessa! Por fim deixou-se ficar amuada e silenciosa, e de repente tomou-a uma alegria louca. Aquelle espirito mordaz que tanto me agrada quando ella o faz recair no te-

nente, agradou-me muito menos dirigido contra mim. Miss Daw é geralmente meiga, mas quando quer sabe ser desagradavel. E' como a heroina d'esta cantiga:

Quando ella é boa,
E' muito boa;
Mas quando é má, não ha peior.

Todavia, conservei-me firme. A' volta deixei-me desarmar, e entabolei o capitulo da tua egua. Miss Daw quer montar *Margot*, uma manhã d'estas. O animal é alguma coisa leve para o meu peso. A proposito, esquecia-me de te dizer que miss Daw foi hontem tirar o retrato a Rivermouth, e que já me prometteu um, se ficar bom; assim alcançaremos o nosso fim, sem haver crime. Gostava de te mandar a miniatura que está na sala; dar-te-hia melhor idéa do cabello e do olhar d'ella.

Não, Jack, o raminho de réséda não era meu: um homem de vinte e oito annos não manda flóres nas cartas a um camarada; mas não vás dar uma importancia extraordinaria a esse presente, — ella costuma prodigalisar raminhos de réséda ao reitor, ao tenente, chegou mesmo a offerecer uma rosa do seu peito a este teu creado. Está no seu feitio, espalhar as flôres como a primavera.

Se as minhas cartas te parecerem descosidas, lembra-te que nunca escrevo nenhuma, de uma só vez, a seguir; escrevo com intervallos, quando estou de maré, e hoje não estou de maré.

IX

Edward Delaney a John Flemming

23 de agosto.

Venho agora de ter a mais estranha entrevista com Marjorie. Confessou-me nada menos que o interesse que sen-

te por ti; mas com que modestia, com que dignidade! As suas palavras fogem-me como assustadas emquanto a penna tenta recobral-as. Na realidade, importa menos o que ella disse do que a maneira de o dizer... e como se ha de exprimir o tom, a physionomia? Talvez que não seja a parte mais picante d'esta aventura extraordinaria o ella ter confessado tacitamente a um terceiro a sympathia que tem por um homem que nunca viu; mas eu já perdi, graças a ti, a faculdade de me espantar. Acceito as coisas tal qual como se faz nos sonhos. Agora, depois de estar no meu quarto, julgo ter sido victima d'uma illusão! as massas negras de sombra debaixo das arvores, os vagalumes executando danças pyrrhicas nas selvas, ao longe o mar, e defronte de mim Marjorie reclinada na rede, tudo isto me apparece vagamente. E' mais de meia noite... Estou demasiadamente cançado para escrever mais.

Terça-feira de manhã.

Meu pae lembrou-se de repente de ir passar alguns dias ás Ilhas d'Areia. Durante esse tempo, não tens cartas. Estou vendo da minha janella Marjorie a passeiar no jardim com o coronel. Gostava de conversar com ella sósinho; provavelmente não terei occasião d'isso antes da nossa partida.

X

Edward Delaney a John Flemming

28 de agosto.

Voltavas á infancia, hein? A tua intelligencia tinha-se apagado a ponto das minhas epistolas te parecerem maravilhosas, não é assim? Não tenho muito trabalho para me elevar acima do sarcasmo contido na tua missiva do dia 11 do cor-

rente, quando vejo que bastam cinco dias de silencio da minha parte para te mergulhar em abysmos de desalento. Só esta manhã é que voltámos de Appledore, uma ilha encantada, a quatro dollars por dia, e encontro na minha secretaria tres cartas tuas! Não imaginas evidentemente o prazer que me causa a tua correspondencia. Estas cartas não teem data, mas, nas que eu julgo serem as ultimas, tomo nota de dois trechos que merecem resposta. Perdoa a minha sinceridade, querido amigo, vejo-me obrigado a reparar que, á medida que a tua perna vae recuperando as forças, a cabeça vae-se-te enfraquecendo. Perguntas-me a minha opinião, dar-t'a-hei. Parece-me não haver nada menos acertado do que escrever a miss Daw para lhe agradecer a sua flôr. A delicadeza d'essa creança offender-se-hia d'um modo imperdoavel. Só te conhece atravez de mim; és, para ella, uma abstracção, uma figura vagamente divisada n'um sonho do qual, o mais pequeno choque, a pó-de accordar. Bem entendido, se me mandares o bilhete insistíndo para que eu o remetta, cederei, — mas digo-te que farás mal.

Dizes, que já pódes, com a ajuda de uma bengala, passeiar no teu quarto, e que fazes tenção de vir aos *Pinhaes* logo que Dillon te ache capaz de supportar a viagem. Tambem te não aconselho a que faças isso. Pois não vês que cada hora a mais de ausencia augmenta o teu prestigio, a seducção que exerces em Marjorie! Perder-te-hias se precipitasses as coisas. Espera até estares completamente curado. Em todo o caso não venhas sem me avisar; receio muito o effeito da tua vinda repentina.

Miss Daw ficou visivelmente satisfeita por nos tornar a ver e extendeu-me ambas as mãos com a mais franca cordealidade. Esta tarde mandou parar a carruagem um instante á nossa porta. Tinha ido a Rivermouth por causa dos retratos; infelizmente, o photographo d'esta vez não acertou, e ella teve que lhe conceder nova sessão. Parece-me vêl-a perturbada por uma inquietação secreta. Tinha um

ar absorto que lhe não é natural. Talvez seja pura imaginação da minha parte, mas... Concluo sem ter dito tudo que tinha para dizer. Meu pae pede-me para o acompanhar a um d'esses passeios que são agora todo o seu regimen.

XI

Edward Delaney a John Flemming

29 de agosto.

Escrevo-te a toda a pressa para te dizer o que occorreu aqui depois da minha carta de hontem á noite. Estou n'uma anciedade indizivel; só uma cousa é evidente, não deves pensar em vir aos *Pinhaes*. Marjorie disse tudo ao pae! Ha uma hora, falei-lhe durante uns minutos no jardim, e eis pouco mais ou menos o que fiquei sabendo por aquella rapida confidencia que ella me fez. O tenente Bradley, o tal official de marinha em estação em Rivermouth, faz uma côrte assidua a miss Daw ha já muito tempo, menos incitado por ella do que pelo coronel, que é um velho amigo do pae do rapaz. Hontem, — eu bem tinha visto que ella estava agitada quando parou á nossa porta, — o coronel fallou de M. Bradley a Marjorie, instando com ella para que acolhesse favoravelmente a sua pretensão. Marjorie exprimiu resolutamente a aversão que tinha pelo tenente e acabou por confessar ao pae... na verdade, não sei bem o que ella lhe confessou. Aquella confissão deve ter sido bastante vaga; fosse como fosse, exasperou o coronel. Supponho que tambem estou compromettido no negocio, visto que a colera do pae recae sobre mim, — colera bem pouco merecida, porque emfim não favoreci nenhuma correspondencia clandestina, obrei sempre com a maior reserva, e não posso encontrar a mais pequena falta no meu comportamento. O mal todo, se o ha, foi feito

pelo proprio coronel. Não obstante, as relações amigaveis que existiam entre as nossas duas casas, hão de provavelmente romper-se. Já te ouço exclamar: — Leve o diabo ambas as suas casas! — O que tu queres é saber o que se passa do lado de lá da estrada. Eu te direi o que souber. Ainda aqui ficamos até á segunda semana de septembro. Não penses em vir ter commigo. O coronel Daw está sentado na *piazza* com um ar verdadeiramente feroz. Não tornei a ver Marjorie depois de nos termos separado no jardim.

XII

Edward Delaney a Thomas Dillon, Modison Square, New-York

30 de agosto.

Caro doutor:

Se tem alguma influencia em Flemming peço-lhe que a exerça, para o impedir de vir ter commigo. Circumstancias que em breve lhe explicarei fazem com que seja absolutamente necessario que o nosso amigo não ponha os pés n'esta terra. Eu sei bem o que digo quando lhe affianço que a realisação do seu projecto teria consequencias deploraveis. Se insistir ou para que elle fique em New-York, ou para que vá para qualquer outra parte, fará um especial favor a mim e a elle. Bem entendido, não comprehenderá o meu nome nos seus conselhos; conhece-me bastante, querido doutor, para se persuadir que, se solicíto a sua cooperação secreta, é porque tenho rasões que o doutor approvará logo que tenha conhecimento d'ellas. Tenho a satisfação de lhe dizer que o restabelecimento de meu pae tem feito taes progressos que já se não pode consideral-o como um doente.

Creia-me com a maís sincera estima, etc.

XIII

Edward Delaney a John Flemming

31 de agosto.

Recebo n'este momento a tua carta annunciando-me a tua louca resolução de vires aqui. Supplico-te que reflexiones. Semelhante passo seria funesto para os teus interesses e os d'ella. Darias justo motivo á colera de R. W. D., e não obstante elle amar ternamente Marjorie é capaz de se deixar levar aos ultimos extremos, quando lhe fazem opposição. De certo, não querias ser a causa d'elle a tratar severamente. Comtudo, seria esse o resultado da tua presença nos *Pinhaes*, n'esta occasião. Espera pelos acontecimentos. Alem de que, Dillon disse-me que não estás em estado de emprehender uma viagem tão longa. Elle tambem jnlga que o ar do mar seria para ti o peor possivel, e que, a ires para alguma parte, deves ir para o interior. Acredita n'elle e em mim.

XIV

Telegrammas

1 de setembro.

1 — A Edward Delaney

Recebi carta. O diabo leve Dillon. Devia já estar levantado.

J. F.

2 — A John Flemming

Deixa-te estar socegado. Complicarias as cousas. Não te mexas antes de teres noticias minhas.

E. D.

3 — A Edward Delaney

A minha estada nos *Pinhaes* podia ser secreta. Preciso vêl-a.

J. F.

4 — A John Flemming

Pensas n'isso? Era tempo perdido. R. W. D. fechou M. no quarto. Não a verias.

E. D.

5 — A Edward Delaney

Fechada no quarto! Meu Deus! isso decide-me. Parto no expresso do meio dia e um quarto.

J. F.

XV

No dia 2 de septembro de 1872, quando o expresso deixava ás tres horas e quarenta a estação de Hampton, um homem novo, encostado ao hombro de um criado a quem chamava Watkins, saiu da gare, tomou um trem de aluguer e pediu para o conduzirem aos *Pinhaes*. Chegado em frente da porta de uma quinta, a poucas milhas da estação, o viajante desceu a custo, e deitou uma rapida vista d'olhos sobre a estrada como se alguma cousa insolita o impressionasse no aspecto da paisagem. Encostando-se de novo a Watkins, arrastou-se até á quinta, e perguntou por M. Edward Delaney. Um criado velho que o recebeu, respondeu que M. Edward tinha partido na vespera para Boston, mas que M. Jones Delaney estava visivel. Isto não pareceu satisfazer o extranho, que insistiu em saber se M. Edward Delaney não tinha deixado nenhum recado para M. John Flemming. Havia realmente uma carta para a pessoa d'esse nome. Depois de uns minutos de ausencia, o velho voltou com o bilhete seguinte.

XVI

Edward Delaney a John Flemming

1 de setembro.

Estou espavorido com o que fiz. Quando comecei esta correspondencia só tinha por fim distrahir um doente. Fiz o que pude, persuadido que entendias bem a minha brincadeira; só no fim é que desconfiei que a tomavas a sério. Que te hei de dizer? — Cubro-me de cinzas... sou um pária, um cão maldito. Tinha experimentado, para te divertir, esboçar um romancesito, um idyllio emolliente e calmante... Palavra que fui demasiadamente bem succedido! Meu pae não sabe uma palavra d'esta aventura; por isso espero que o maltrates o menos possivel. Eu fujo á colera que te ha de accommetter quando leres este bilhete, porque, não ha, meu pobre Jack, nenhum solar colonial do lado de lá da estrada, não ha *piazza*, não ha rêde, e Marjorie Daw, é cousa que tambem não ha!

Th. Bailey ALDRICH.

A MISSA DAS SOMBRAS

Eis o que o sacristão da egreja de Santa Eulalia me contou, n'uma formosa tarde de verão, bebendo commigo uma garrafa de bom vinho:

«Catharina Fontaine era uma solteirona idosa, que elle conhecera quando era creança, e que habitava a uma esquina da rua de Nonnes, n'uma torresinha que ainda hoje existe meio destruida e olha para o jardim das Ursulinas. N'essa torrinha encontram-se ainda algumas figuras e inscripções latinas semi-apagadas.

O fallecido cura de Santa Eulalia, Mr. Levasseur, disse um dia que a traducção d'esse latim era que «o amor é mais forte que a morte,» entendendo eu que elle se referia ao amor divino.

Catharina vivia completamente só, trabalhando em rendas, e ninguem lhe conhecia parentes nem amigos.

Contava-se que pelos dezoito annos amára um cavalleiro, Aumont Cléry com quem casara clandestinamente. Esta versão não era, no emtanto, acceita pela maioria, embora

Catharina usasse de continuo um annel com duas mãos entrelaçadas, annel que n'aquelle tempo era costume usarem os desposados.

Vivia santamente; frequentava as egrejas, e todas as manhãs, embora fizesse um tempo asperrimo, nunca faltava ao santo sacrificio da missa na egreja de Santa Eulalia.

Ora, n'uma manhã foi ella despertada pelo dobrar dos sinos, e julgando que fosse já o toque para a missa levantou-se e sahiu.

Era ainda de noute, e noute escura, não scintillando no céu nem uma estrella, e o ar estava morno, sem o mais leve ciciar de uma brisa.

Catharina, porém, já habituada ao caminho, transpoz lentamente o angulo da rua de Nonnes e chegando perto da egreja viu que estava com as portas já abertas e o interior illuminado por uns tocheiros.

Andando sempre, transpoz a porta principal do templo e encontrou-se em presença de numerosa multidão que enchia a nave. Mas não conhecia nenhum dos assistentes e admirou-se de os vêr todos vestidos de velludos, sedas e brocados, e com os chapéus enfeitados de plumas preciosas e á cintura ricas espadas com punhos d'oiro e pedrarias á semelhança dos antigos tempos. Viam-se tambem ali os fidalgos empunhando varas com castões de oiro e damas com toucas de rendas finas e valiosas.

Os cavalleiros de S. Luiz davam a mão a estas damas, que occultavam os seus rostos lindos n'um véu semi-transparente e conduziam-as até aos geneflexorios do altar-mór, sem que no emtanto se ouvisse o minimo ruido dos seus passos.

Proximo da porta da entrada agglomerava-se uma grande multidão de artistas vestidos com jaquetões escuros e calções de linho. Junto da pia de agua benta, muitas mulheres de saias encarnadas e espartilhos á moda da provincia, estavam assentadas no chão, n'uma docilidade de animaes domesticos, emquanto os rapazes e as raparigas

atraz d'ellas abriam estupidamente os grandes olhos e voltavam continuamente nas mãos os longos chapéus.

Do logar costumado viu Catharina Fontaine o padre subir para o altar, com dois acolytos; mas não reconheceu n'elles os que habitualmente ali celebravam missa. Esta começou em seguida, silenciosa, extranhamente silenciosa, não se escutando o ciciar dos labios em oração nem se ouvindo depois o som da campainha que um dos acolytos agitou no emtanto febrilmente.

Catharina, voltando então a cabeça, olhou em roda e reconheceu n'um dos assistentes o cavalleiro d'Aumont Cléry a quem amára, e que tinha morrido havia já uns bons quarenta e cinco annos. Tinha este um pequeno signal junto da orelha esquerda, as sobrancelhas negras e espessas e os olhos negros tambem e fulgurantes.

Vestia de caçador, fato vermelho com galões de ouro, o mesmo que elle levava no dia em que, encontrando-se com Catharina no bosque de S. Leonardo e dando-lhe esta de beber, elle lhe furtara o primeiro beijo.

E conservava ainda a sua mocidade e a sua belleza mascula, senhorial, e ao sorrir-se mostrava ainda a mesma fileira de dentes alvissimos, muito unidos. Catharina disse-lhe muito baixo:

— Senhor, lembrae-vos de que fostes meu amigo e que vos dei o que tinha mais caro para vos dar? Deus vos tenha em gloria. Ainda hoje não me arrependo de outr'ora vos ter dedicado tanto amor; mas meu amigo e senhor, dizei-me quem é esta gente que aqui vejo?

O sr. d'Aumont Cléry respondeu n'uma voz como um murmurio:

— Catharina, estes homens e estas mulheres são as almas do purgatorio que offenderam Deus, como nós, pelo amor, mas que Deus ainda não abandonou, porque o seu peccado foi como o nosso, sem maldade.

Emquanto estão separados dos que adoraram na terra, purificam-se no fogo lustral do purgatorio, soffrendo a au-

sencia dos que lhe eram queridos, o que para elles é o tormento mais cruel. São tão infelizes que um anjo compadeceu-se um dia d'elles e obteve de Deus deixar que se reunam todos os annos a esta hora e n'esta missa, que é a missa das sombras. Aqui tens a razão de quanto vês. E já que tive a ventura de encontrar-te aqui antes da tua morte, devo agradecer a Deus, pois ainda te amo e muito, muito.

Catharina respondeu:

— Pois eu quero morrer para voltar de novo aos bellos dias em que vos dava todo o meu amor.

N'esta occasião, um dos sacerdotes principiou a fazer um peditorio com uma salva de cobre que apresentava aos assistentes, e onde elles deixavam cahir velhas moedas, que ao baterem na salva não produziam o menor ruido.

O cavalleiro deixou cahir um *luiz* que não se ouviu. Depois o padre approximou-se de Catharina, e esta procurando na algibeira, como não encontrava um obulo que desse, tirou do dedo o annel que o cavalleiro lhe havia dado nas vesperas de morrer, e lançou-o na salva. Ao ruido sonoro do annel batendo no cobre, o cavalleiro, os sacerdotes, as damas, todos os assistentes, emfim, desappareceram. Os tocheiros apagaram-se e Catharina ficou só e mergulhada nas trevas.

.....

Na manhã seguinte a esta noute extraordinaria, Catharina Fontaine foi encontrada morta no seu quarto; e o guarda portão de Santa Eulalia deparou na salva de cobre que serve para os peditorios, com um annel de oiro sob a fórma de duas mãos entrelaçadas.»

Anatole FRANCE.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

Um commandante d'artilheria, vindo de Paris havia poucos dias afim de dirigir as operações do cerco, pediu ao official do posto um moço official subalterno que possuisse audacia e intelligencia.

O tenente chama logo La Tempête, e Junot apresenta-se. O commandante observa-o com aquelle olhar que parecia já conhecer os homens.

—Vaes despir a farda, diz-lhe o commandante, para levares ali esta ordem.

E indicava-lhe com a mão um ponto da encosta. O moço sargento fez-se vermelho como uma romã, os olhos brilhavam-lhe.

—Não sou espião, responde elle ao commandante; procure outro para executar a sua ordem. E ia retirar-se.

—Recusas obedecer? diz-lhe o official superior em tom severo.

—Estou prompto a obedecer, diz Junot; mas irei onde me manda, com o meu uniforme, ou então não vou. O commandante sorriu, fitando-o attentamente: Mas elles matam-te!

—Não me conhece bastante para isso lhe causar desgosto, e a mim é-me indifferente... Vou assim? E levou a mão á cartuxeira. Com o meu sabre e estes confeitos, a conversa ha de ser bastante animada.»

E partiu cantando.

— Como se chama este rapaz? perguntou o official superior.

—Junot.

—Ha de fazer carreira.» O official era Napoleão.

D'ahi a dias, achando-se n'essa mesma bateria, que se chamava a bateria dos *Sans-Culottes*, Bonaparte perguntou se havia ali alguem que tivesse boa letra. Junot sahiu das fileiras e apresentou-se. Bonaparte conheceu-o. Disse-lhe que se preparasse para escrever o que elle fosse dictando. Junot collocou-se mesmo no espaldão da bateria. Mal acabara de escrever, estala uma bomba a dez passos de distancia, e cobre de terra, tanto elle como a carta. «Bem, diz Junot, já temos areia para seccar a tinta.»

Bonaparte fitou o moço sargento; estava sereno e nem sequer estremecera. Esta circumstancia decidiu o seu destino. Ficou junto do commandante de artilheria e não voltou para o corpo. Quando a cidade foi tomada e Bonaparte nomeado general, Junot não pediu outra recompensa do seu bello procedimento durante o cerco, senão a de o nomearem ajudante de campo de Napoleão.

Junot possuia uma alma ardente e o mais nobre dos corações. Affeiçoou-se logo ao seu general com uma dedicação que depressa se transformou em culto.

Quando Napoleão partiu para o Egypto, passou pela Borgonha, indo embarcar em Toulon. Parou em Dijon, onde estava então meu sogro.

A adoração d'este por Bonaparte tornou-se, desde essa occasião, quasi tão grande como a do filho.

Depois do cerco de Toulon, Junot, desesperado com o encarceramento e a accusação do general Bonaparte, quizera participar do seu captiveiro. Logo que o general foi

posto em liberdade, Junot seguiu-o a Paris. Ahi, partilhou constantemente da sua miseria e repartiu sempre com elle o que recebia da familia.

«Os galeões ainda não vieram, dizia Bonaparte a minha mãe, quando ia visital-a, com o rosto emmagrecido, e uma sobrecasaca cinzenta, que depois se tornou celebre, mas que n'esse tempo, não era mais do que um fato muito surrado. A diligencia de Borgonha não chegou. Se não vier esta noite, ámanhã não jantamos, a não ser que M.me de Permon queira receber-nos.» Os galeões eram duzentos ou trezentos francos que M.me Junot mãe enviava a seu filho, e que este repartia com o general. «E sou eu sempre que tenho o maior quinhão», dizia Bonaparte.

Napoleão partira afinal para o Egypto. A familia, que elle deixara em Paris, começava já o seu noviciado de realeza; M.me Leclerc exercia de bom grado um dominio absoluto; como ainda não reinava senão pela formosura e o seu principado nada tinha de real, sentia que era necessario empregar todos os esforços para agradar; e conseguia-o perfeitamente.

Um dia, minha mãe deu um baile, reunindo tudo o que havia de mais elegante no bairro de S. Germano. Emquanto ao outro partido, era representado pela familia Bonaparte, por homens como M. de Prénis e alguns outros que, na qualidade de bons pares dançantes, eram convidados para as poucas casas particulares que recebiam n'aquella epoca.

M.me Leclerc, prevenida com antecedencia por minha mãe, preparara uma *toilette* que, segundo ella dizia, devia immortalisal-a; essa *toilette* foi o assumpto importante de uma semana inteira, recommendou-se o mais rigoroso segredo, o qual foi religiosamente guardado por M.me Germon e por Charbonnier. Ella pedira a minha mãe que a deixasse vestir em nossa casa, para que a *toilette* conservasse toda a frescura no momento da sua entrada no baile.

É preciso ter conhecido M.me Leclerc n'aquella epoca para fazer uma idea exacta da impressão que ella causou na sala, quando ahi appareceu.

O seu penteado, n'esse dia, era formado por tiras de uma pelle muito preciosa, cujo nome ignoro, mas de um pello muito rente, muito flexivel e semeada de malhas tigrinas. Essas tiras, que seguravam o cabello, eram encimadas por cachos d'uvas de ouro. Era a copia fiel de um camafeu representando uma bacchante. O vestido, de musselina da India, de uma finura excessiva, tinha á borda uma cercadura de laminas de ouro, de quatro a cinco dedos de altura, representando uma grinalda de pampanos. Uma tunica da forma grega mais pura, envolvia o seu bonito corpo, tendo tambem na extremidade uma cercadura egual á do vestido. A tunica era presa nos hombros por camafeus riquissimos. As mangas, extremamente curtas e um pouco franzidas, tinham um punho estreito e eram tambem seguras por camafeus. O cinto, por baixo do seio, como se vé nas estatuas, era formado por uma tira de ouro polido, cujo fecho era uma soberba pedra gravada á antiga.

Como se vestira em nossa casa, não calçara luvas e deixava vêr os bonitos braços, tão brancos e tão roliços n'aquelle tempo, ornados de braceletes de ouro e camafeus. Não, não ha nada que possa dar uma idéa exacta d'aquella figura arrebatadora!

Illuminava, realmente, o salão onde entrava. Um murmurio de louvores saudou-a, logo que ella appareceu e prolongou-se sem consideração pelas que estavam presentes e se achavam, de certo, muito pouco tentadas a juntar as suas vozes ás dos srs. Justo de Noailles, de Moncalm, de Mondenard, Archambaud de Périgord, Carlos de Noailles, de Montbreton, zeloso admirador de M.me Leclerc, desde essa epoca; assim como os srs. Augusto de Montaigu, de Rastignac, de L'Aigle, de La Feuillade, de Montrou, de Saint-Aulaire. Todos rodeavam M.me Leclerc, e foi no meio

d'elles, para assim dizer, que ella chegou ao logar que minha mãe lhe reservara.

M.me de Coutades, cuja elegancia e encantos haviam produzido, á entradá, o effeito do costume, ficou extremamente contrariada por vêr que a abandonavam logo que appareceu M.me Leclerc; se alguns d'aquelles senhores se approximavam d'ella, era para lhe falarem na belleza da recem-chegada.

«Dê-me o braço!» disse M.me de Coutades a um d'elles; e, com aquelle andar, aquella figura de Diana que possuia, atravessa o salão e chega ao *boudoir* de minha mãe, onde M.me Leclerc se installara. A casa era pequena, muito illuminada, e M.me Leclerc collocara-se de maneira que recebia a maior quantidade possivel de luz. M.me de Coutades observa-a; admira primeiro, a *toilette*, depois a figura, o rosto, o penteado; acha tudo delicioso, mas, de repente: «Ai, meu Deus! diz ella ao homem que lhe dava o braço, meu Deus! que desgraça! Uma senhora tão bonita! Mas, como foi que nunca se reparou n'esta deformidade? Que pena, meu Deus!»

N'uma sala tão pequena, estas palavras ouviram-se claramente.

— Mas, o que é? perguntou alguem.

— Pois não vê as duas orelhas enormes que estão agarradas áquella cara? Se eu tivesse umas orelhas assim, mandava-as arrancar.»

Ainda M.me de Coutades não acabara e já todos os olhos se dirigiam para a cabeça de M.me Leclerc, afim de lhe inspeccionarem as orelhas.

Effectivamente, a natureza nunca applicara umas orelhas mais exquisitas á direita e á esquerda de um rosto encantador.

Eram uns pedaços de cartilagem branca, delgada, lisa, e sem nenhuma orla.

Uma mulher nova e pouco habituada ao movimento da sociedade, embaraça-se facilmente. Foi o que succedeu a

M.me Leclerc: desmaiou e acabou por ir deitar-se antes da meia noite.

M.me Tallien assistia a este baile. A existencia de M.me Tallien é uma das mais extraordinarias, das mais coloridas e variadas que figuraram na Revolução.

O destino d'esta mulher notavel foi extraordinario, da mesma maneira que ella. Sabe-se que é Hespanhola, mas de origem franceza. Seu pae, M. Cabarrus, banqueiro francez estabelecido em Hespanha, adquiriu ahi um nome querida da sua nova patria e que em breve se tornou conhecido na Europa. Aos doze annos, Thereza Cabarrus, sua filha, era a rapariga mais encantadora de Cadiz. O pae, ainda moço, não podia ter a seu cargo a vigilancia immediata de uma creatura tão formosa.

Thereza desposou M. de Fontenay, e tornou-se uma mulher seductora, depois de ter sido uma rapariga formosissima. O seu fino espirito, se ella fosse menos bonita, seria apreciado como excedendo a medida ordinaria, e com rasão. Estando um dia em Bordeus, fez um discurso ácerca de materias muito abstractas, e proprio para ser lido á maneira de sermão, como se fazia muitas vezes, n'aquelle tempo. Não teve coragem para lêl-o e pediu a M. Julien que o lesse em seu logar; mas assistiu á sessão, cujo auditorio pensava mais em olhar para ella do que em escutar a toada pesada e enfadonha do sujeito que lia o discurso.

Ia vestida com um fato de amazona, de casimira azuloia com botões amarellos, e o colete e as bandas de veludo encarnado; sobre os formosos cabellos negros, cortados á Tito e annelados em torno da cabeça, cuja fórma era perfeita, collocara, um pouco ao lado, um *bonet* de veludo escarlate, guarnecido de pelles. Estava admiravel de belleza, n'este trajo. De tempos a tempos, fazia um leve trejeito de enfado porque o leitor não lia como o desejava o seu ouvido de autora. Por isso, na decada seguinte foi á mesma egreja dos Recoletos e leu, ella propria, o seu discurso.

M.me Tallien era, sobretudo, bondosa e serviçal; mas os

que sabiam comprehendel-a eram os unicos que a apreciavam com justiça. Eis uma prova d'isto:

Junot viera trazer ao Directorio as segundas bandeiras do exercito da Italia; foi recebido com grande pompa. M.me Bonaparte, que ainda não fôra ter com seu marido, quiz assistir a essa recepção. Acompanhou-a M.me Tallien, com quem estava intimamente ligada, n'essa época. M.me Bonaparte era ainda encantadora: tinha os dentes estragados, mas quando fechava a bocca, sobretudo a alguns passos de distancia, parecia uma rapariga muito nova e bonita. Emquanto a M.me Tallien, estava então na flôr da sua belleza admiravel. Iam ambas vestidas com o requinte antigo que constituia a elegancia da época, e com toda a riqueza possivel de admittir n'uma *toilette* de manhã.

É de suppor que Junot ficàsse bastante orgulhoso por dar o braço áquellas duas mulheres encantadoras. Junot tinha então vinte e cinco annos, era um rapaz bonito e alem d'isso tinha um aspecto marcial muito notavel; n'esse dia levava o uniforme de coronel de hussares (o uniforme de Berchini,) e tudo o que a riqueza do vestuario podia accrescentar ao seu bom aspecto, fôra empregado para que o joven mensageiro, ainda pallido em consequencia dos ferimentos que tinham manchado de sangue aquellas bandeiras conquistadas ao inimigo, fosse digno do exercito que representava. Á sahida, offereceu o braço a M.me Bonaparte, que sendo esposa do seu general, tinha direito ao primeiro passo, sobretudo n'aquelle dia solemne; deu o outro a M.me Tallien, e desceu assim, no meio d'ellas a escada do Luxemburgo. A multidão era enorme. Acotovelavam-se, empurravam-se uns aos outros para verem melhor. «Olha! é a mulher d'elle! E o ajudante de campo!... Como é novo!... e ella, como é bonita!... — Viva o general Bonaparte! exclamava o povo... Viva a cidadã Bonaparte, que é boa para os pobres — Sim, sim, dizia uma gorda vendedeira, é mesmo Nossa Senhora das Victorias!... — É verdade, disse outra, tens razão, mas olha

para o outro braço do official; aquella é Nossa Senhora de Setembro!»

A phrase era horrivel e injusta.

Já disse que M.me Læticia Bonaparte era uma das mulheres mais bonitas da Corsega; apesar de ter o rosto sulcado de rugas, causadas por desgostos violentos, e estar vestida de um modo muito ridiculo a primeira vez que a vi, impressionou-me extraordinariamente. No seu olhar ha o que quer que seja da sua alma.

M.me Læticia Bonaparte possuia um caracter de extrema elevação. Ficando muito cedo viuva n'um paiz onde o chefe de familia é tudo, a joven mãe tornou-se uma mulher forte. Era dotada de coragem, de dignidade para certas cousas, e, para outras de uma obstinação sem limites.

Era muito ignorante, não só da nossa litteratura, mas tambem da sua; não estava ao facto de nenhum dos habitos da sociedade, os quaes entrevira de longe por M. de Marbœuf e pelos homens distinctos que iam mais a sua casa do que a outras, por occasião da tomada da Corsega; era extremamente altiva, altivez que depois se transformou em dignidade, na sua nova posição, é, d'essa época em deante, tinha muito cuidado em que lhe prestassem as honras devidas.

Era muito boa mãe e os filhos estimavam-a deveras. Tratavam-a com grande consideração e rodeavam-a de cuidados assiduos. Luciano e José, especialmente, eram excellentes para ella.

Não existem, em nenhuma lingua, os termos necessarios para dar a idéa exacta do effeito causado em França pela chegada de Bonaparte, ao regressar da Italia.

A datar do dia 18 de vindimario, andou tudo n'uma agitação continua. No dia 29, pela manhã, M.me Bonaparte (Josephina) partira ao encontro de Napoleão, mas sem nenhuma indicação positiva com respeito ao caminho que devia seguir; como sabiam que elle gostava muito da Bor-

gonha, Luiz e ella tomaram esse caminho para se dirigirem a Lyão.

Por consequencia, ao chegar a Paris, na manhã do dia 24 de vindimario, Bonaparte não encontrou ninguem na sua casinha da rua Chantereine, visto que Luiz e M.me Bonaparte ainda não tinham regressado da sua viagem inutil. Foi logo rodeado pela mãe, pelas irmãs, pelas cunhadas, emfim, por toda a familia que não fora ao encontro d'elle. A impressão que lhe causou vêr a casa só e abandonada pela dona, foi terrivel e profunda. Mais tarde falou n'isso a Junot, e uma particularidade muito notavel é que, nove annos depois, em uma circumstancia funesta para sua infeliz esposa, ainda não tinha esquecido este facto.

O dia 18 de brumario foi descripto por tantas testemunhas, actores mesmo, d'esse grande drama politico, que não farei mais do que transcrever para aqui alguns factos isolados que, no emtanto, se relacionam com elle, factos que são pouco conhecidos e alguns dos quaes só pódem sel-o por mim.

Durante os dias que precederam o 18 de brumario, reinava grande agitação em Paris.

No dia 18, de manhã, Luciano deixou a casa da rua Verde, onde morava, e foi estabelecer o seu quartel general em casa de M. Mercier, presidente do Conselho dos Antigos, o qual morava então n'uma casa situada ao lado do hotel de Breteuil, proximo do Picadeiro. O decreto de translação não fora expedido; eram sete horas e meia, e Bonaparte mandava saber, a todo o instante, se as cousas caminhavam. Meu cunhado fez a viagem umas poucas de vezes para o aconselhar a que tivesse paciencia, e notou que elle estava com um par de pistolas ao alcance da mão. N'esse momento ainda estava só, mas a rua Chautereine já começava a encher-se de cavallos e de gente, a ponto de haver difficuldade na circulação. Afinal cerca das oito horas e meia, meu cunhado trouxe-lhe a noticia de se ha-

ver expedido o decreto; Napoleão montou logo a cavallo em direcção ás Telharias.

Estava feita a revolução de 18 de brumario, e Paris ainda não queria acreditar. Fomos vêr M.me Læticia Bonaparte. Estava serena, apesar de muito inquieta: a sua extrema pallidez e o movimento convulso que a agitava todas as vezes que um ruido inesperado lhe chegava aos ouvidos, chegavam a causar impressão. Foi então que formei d'ella o melhor conceito. M.me Bonaparte fazia-me lembrar n'aquelle dia, a mãe dos Gracchos. Tinha tres filhos expostos aos golpes do destino; se dois escapassem, podia o outro ser ferido.

E ella bem o sentia.

Minha mãe e eu estivemos quasi todo o dia a acompanhal-a e não a deixámos senão quando a vimos tranquillisada pelas noticias que Luciano mandou, por differentes vezes, pelo seu creado de quarto, Mariani, afim de acalmar as inquietações de sua mãe e de sua esposa. Deixámos, pois, estas senhoras quasi descançadas, e fomos visitar M.me Leclerc, que, sendo a menos assustada, era no emtanto, a que gritava mais.

Fez-nos prometter que iriamos fazer-lhe companhia no dia seguinte, logo pela manhã. Minha mãe prometteu-lh'o sem custo, porque lhe era muito affeiçoada.

Um facto bastante singular é a ignorancia em que se achava toda a familia Bonaparte que não entrara em acção, isto é, as mulheres. Fouché tomara tão bem as suas medidas para que não se espalhasse noticia alguma, que já se vae vêr de que maneira a mãe e a irmã de Napoleão souberam o que se tinha passado.

Os acontecimentos da vespera tinham sido tão moderados que a inquietação de M.me Læticia Bonaparte estava quasi dissipada: julgava-se que os conselhos, depois de sanccionarem a demissão dos tres directores e votarem uma dispensa de edade, procederiam á nomeação de Bonaparte, ficando tudo concluido.

Foi n'esse dia, sobre tudo, que tive occasião de apreciar a bondade maternal de M.me Læticia. Ao jantar não assistiu ninguem de fóra; e, durante muitas horas, a mãe de Napoleão conversou com minha mãe, como não conversara desde que viera da Corsega, com tanta expansão e franqueza. Puzeram-se ambas a recordar os tempos da sua mocidade. M.me Bonaparte estava á vontade comnosco, porque não falava senão italiano, e, para dizer a verdade, o seu francez não era comprehensivel. Lembro-me de que nos contou, n'esse dia, que, estando a ouvir missa no dia de Nossa Senhora d'agosto, sentiu as dores e mal teve tempo de chegar a casa, onde deu á luz *Napoleone*.

M.me Læticia contou-me muitas vezes estes factos; mas nunca me interessaram tanto como no dia 18 de brumario, no tempo em que seis annos, apenas, tinham mudado tanto a posição d'esses filhos que ella se vira obrigada a salvar da proscripção, levando nos seus braços os mais novos quando, exhaustos de fadiga, já não podiam andar; viajando, ora n'um barco pessimo, ora n'um littoral onde os perigos se multiplicavam. Quando narrava esta parte da sua vida, M.me Laæticia Bonaparte era verdadeiramente bella e eloquente.

Emquanto nos falava nos perigos de que salvara a sua familia, seus filhos corriam novos perigos em Saint-Cloud.

A tranquillidade de Paris não era alterada, ainda assim, e estava tudo tão socegado, que não transferimos a nossa ida ao theatro. A's sete horas, minha mãe mandou pôr a carruagem; M.me Bonaparte mandara vir a sua, porque, sendo a nossa um *coupé*, não cabiamos lá todas quatro. Partimos para o Feydeau. A sala estava tão cheia como de costume. N'essa epoca, o theatro Feydeau era o mais agradavel de todos. Elleviou, Martin, M.me Saint-Aubin, Mademoiselle Philis, Juliet, Chenard, toda esta reunião de actores excellentes attrahia o publico.

M.me Bonaparte mostrou-se, logo á entrada, n'uma disposição de espirito extremamente agitada e inquieta. Não

zia nada, mas olhava frequentes vezes para a porta do amarote. No intervallo houve alguma agitação na platea; ra um homem a quem prendiam por ter roubado não sei que. M.me Bonaparte estremeceu, mas sem dizer uma alavra. O panno ergueu-se; a peça representava-se tran-uillamente, quando, de repente, os actores que estavam m scena calaram-se, e o proprio auctor em vestuario mui- domestico, avançou até ao proscenio e, depois de fazer ma reverencia áo publico, apesar de vir embrulhado n'um hambre de fustão branco, disse em voz muito alta:

«Cidadãos. o general Bonaparte esteve quasi a ser assas-nado, em Saint-Cloud, pelos traidores á patria...»

Ao ouvir estas palavras, M.me Leclerc soltou um grito rrivel, que fez logo dirigir todos os olhares para o nosso amarote. M.me Leclerc continuava a gritar, e sua mãe, que entira, de certo, a mesma impressão dolorosa, não trata-a senão de socegal-a. Estava tambem muito pallida e cus-u-lhe a pegar no copo d'agua que mandámos buscar pela orteira.

No entretanto, era preciso sahir. Eram apenas nove ho-s e meia. M.me Bonaparte mandara embora a sua carrua-em, e minha mãe tambem não mandara vir a sua senão hora de findar o espectaculo. Comtudo, por um feliz caso, o nosso creado estava no corredor e disse-nos que carruagem esperava, em baixo. O estado de M.me Lœti-a tornava-se assustador:

«Vou acompanhal-a a casa, disse-lhe minha mãe, e de-ois levo Paulina a casa d'ella.— Não, não, disse M.me Bo-aparte, vamos á rua Chantereine, a casa de minha nora. ó ahi é que teremos noticias certas.» A pobre mãe tre-ia a ponto de não poder andar. Comtudo, conservava-se erena, apparentemente, e não chorava.

Encaixámo-nos na carruagem conforme pudémos, e em oucos instantes chegámos á rua Chantereine. O pateo, a a, tudo estava cheio de cavallos, de trens, de peões que acotovellavam e gritavam; era um barulho de ensurdecer.

Não posso lembrar-me sem commoção de nma epoca e de uns acontecimentos tão extraordinarios. Haviam decorrido apenas trinta e tres dias depois de Bonaparte desembarcar em Fréjus, e já derrubara o governo vergonhoso que opprimia a França.

A revolução de 18 de brumario é a mais importante, sem duvida alguma, das nove que se haviam dado no espaço de sete annos; não só mudava completamente o destino da França, mas que influencia não ia tambem exercer na Europa, no mundo inteiro!...

Ha um facto cujo boato foi começado a espalhar pelo odio; é o medo que o general Bonaparte sentiu ao entrar na sala dos Quinhentos em Saint-Cloud, no dia 19 de brumario.

Em primeiro logar, é falso elle ter falado no dia 19 de brumario no conselho dos Quinhentos, em forma de discurso. Foi na vespera, nos Antigos, que disse estas palavras memoraveis:

«Não procuremos exemplos no passado que possam atrazar-nos a marcha! Na historia, nada ha que se assemelhe ao fim do seculo desoito; no fim do seculo desoito nada se assemelha ao momento actual... E veremos uma republica fundada na verdadeira liberdade... Havemos de tel-a! Juro-o...»

Este discurso, proferido no conselho dos Antigos no dia 18 de brumario, precedeu a revista passada mesmo nas Telharias, e a allocução tão notavel que o general Bonaparte dirigu a Bottot, enviado do Directorio: «O que fizeram os senhores a esta França que lhes deixei tão brilhante? Deixei-lhes a paz, encontro a guerra; deixei-lhes victorias, encontro revezes; deixei-lhes os milhões da Italia, encontro leis espoliadoras e miseria por toda a parte!...» Etc., etc.

N'estas palavras havia bastante vigor, de certo, para afastar qualquer idéa de pusillanimidade.

No dia 18 de brumario estava Napoleão no meio de Pa-

ris e corria um verdadeiro perigo. Emquanto ao movimento notado na sala dos Quinhentos em Saint-Cloud, vamos dar a explicação d'elle.

Quando o general Bonaparte entrou na Orangerie, logo que elle appareceu soltaram-se gritos violentos: — Abaixo o Cromwell! Não queremos dictador! Fora a lei!

Bonaparte sabia que o conselho dos Quinhentos era formado de republicanos exaltados, partidarios enthusiastas da Constituição do anno III; mas contara com o triumpho dos cuidados de Luciano, que trabalhara toda a noite para augmentar o partido de seu irmão. Este acolhimento impediu-o de achar logo as palavras que queria oppor ás vociferações.

E' difficil acreditar em tantas cousas feitas e ditas no curto espaço de tempo que o general Bonaparte passou na sala do conselho dos Quinhentos; foi uma apparição, unicamente.

Uma particularidade muito notavel é que, n'esse mesmo dia, Bonaparte, falando ás tropas, não parou nunca e andou sempre em zigue-zague.

Meu cunhado estava na escada quando elle desceu. A sua amisade a Luciano causava-lhe vivas inquietações com respeito á sorte do moço tribuno. Approximou-se de Bonaparte e falou-lhe em Luciano. O general voltou-se immediatamente para um official que se achava a alguns passos d'elles.

— Coronel Dumoulin, disse elle, forme um batalhão de granadeiros e vá salvar meu irmão.

Luciano foi uomeado, quasi em seguida, para o ministerio do interior.

M.me Luciano não se alegrou com a mudança de fortuna de seu marido. Aquella grande representação assustava-a. Ia muitas vezes, de manhã, contar todas as suas penas, como ella dizia, a minha mãe, e, ao mesmo tempo, pedir-lhe conselhos para a nova posição em que se achava.

Houve, porém, uma circumstancia que a animou e lhe

deu felicidade; foi a mudança que se realisou, em seu favor, nos sentimentos de seu cunhado. O primeiro consul possuia uma vista bastante perspicaz para vêr as bellas e excellentes qualidades encerradas no coração de M.me Luciano; e não tardou que lhe dedicasse um affecto verdadeiramente fraternal. Quando ella se convenceu d'isto, foi, muito alegre, participal-o a minha mãe, e ao mesmo tempo mostrou-lhe um formoso adereço que M.me Bonaparte lhe dera, por ordem do primeiro consul.

Não falei ainda nos dias que passámos nas terras de Luciano, algum tempo antes d'estes grandes acontecimentos. Todos os irmãos de Napoleão tinham, n'essa epoca, bellas propriedades onde gostavam de reunir amigos: José tinha Morfontaine; Luciano, Plessis-Chamant; M.me Leclerc, Montgobert; etc., etc. Em Morfontaine, passeios nos lagos, leituras, bilhar, litteratura, historias de phantasmas contadas melhor ou peor, sem cerimonia e liberdade completas, tal era a existencia que ahi se levava; era mesmo vida de campo.

M.me Luciano era bondosa, mas seu marido não tinha o mesmo genio egual. Isto não impedia que a estada em Plessis fosse muito divertida.

Parece-me que em toda a minha vida, mesmo nos tempos mais alegres, nunca me ri tanto como durante as cinco ou seis semanas que estivemos em Plessis-Chamant. Eramos muitos hospedes. Não me lembro agora dos nomes de todas as pessoas que M.me Luciano convidara.

Um d'elles era um primo de Luciano, um Ramolino, bom rapaz. Era medroso e cheio de superstições. Uma noite appareceu-lhe o pae, e, no tom mais solemne em que um phantasma pode fallar, prohibiu-lhe que comesse espinafres. O pobre rapaz prostrou-se com o rosto em terra, e jurou por todos os santos do céu que nunca haveria relações entre elle e os espinafres. Tornou a deitar-se, com calafrios, não dormiu toda a noite, rezou mais de dez orações e appareceu, ao almoço, muito mais pallido que o

verdadeiro espectro, o qual era simplesmente um d'aquel-
es senhores de genio alegre; creio que era o proprio Lu-
iano. Collocaram deante do pobre Ramolino um grande
rato de espinafres que o fez tornar-se quasi da côr d'el-
es. Não os comeu, como se imagina. Mas foi obrigado a
ocar-lhes, porque toda a gente lh'os pedia; e, cada vez
ue levava a mão ao prato, olhava para todos os lados
omo se tivesse receio de que o phantasma se enganasse
julgasse que era elle que os comia.

O inverno de 1800 foi muito brilhante. A confiança vol-
ava; todos viam o general Bonaparte com bons olhos, to-
os o estimavam; onde não havia amisade, havia admira-
ão e confiança no seu caracter. Os emigrados regressa-
am. Napoleão era extremamente bom para elles; e, se
lguns soffriam vexames ordenados por Fouché, tinham a
erteza de obter justiça dirigindo-se ao primeiro consul.

Os triumphos de Massena, durante a brilhante questão de
urich, haviam afastado o perigo por algum tempo, mas não
tinham destruido. O primeiro consul sabia isso perfeita-
nente. O general Massena, depois de resistir aos Austriacos
aos Russos com forças tres vezes inferiores em numero,
ecuara para Genova, onde foi logo encerrado com quinze
nil homens, uma população de cem mil almas, e onde
ustentou durante cincoenta e dois dias um cerco que,
inda mais do que as suas victorias, deveria tornar cele-
re o seu nome. Mas quasi todas as passagens da Italia
stão livres; e os Austriacos, com o general Melas á fren-
e, preparam-se para nos fazerem pagar os triumphos de
urich.

O primeiro consul teve então uma d'estas resoluções
ue só ao genio pertencem. A passagem do S. Bernardo
á se effectuara. Souvarow, no anno precedente, recuara
erante a difficuldade de semelhante empreza; Napoleão
viu que ella era quasi impossivel, mas a sua mão omnipo-
ente estendeu-se para as montanhas cobertas de gelo, e
s obstaculos venceram-se; descobriu um meio de trans-

portar os canhões até á borda dos precipicios mais assustadores, mandando cavar em forma de calha, troncos de arvores nos quaes se collocavam as peças e os morteiros, e d'esta maneira içavam-os até aos pontos mais elevados. Os jornaes falaram muito n'esta famosa passagem do monte S. Bernardo; a poesia celebrou-a; a pintura represen-tou-a; pois, mesmo assim, nada pode dar uma idéa exacta, a tal respeito, aos que não fizeram parte da expedição.

Emquanto os Francezes penetravam na Italia por tres caminhos, o general Moreau, que amava então a patria, tornava o seu nome celebre nas margens do Rheno.

A passagem d'este rio, a tomada de Friburgo, de Menningen, as batalhas de Eugen, de Bibenach, de Moëskirch, e grande numero de combates parciaes em que os Austriacos perderam mais de vinte e cinco mil homens mortos ou feridos, sem contar os prisioneiros, eis o resultado de uma campanha de trinta e tres dias.

A noticia da victoria de Marengo chegou a Paris no dia 21 de junho; o grosso do exercito, commandado pelo primeiro consul, passara o S. Bernardo no dia 20 de maio! Esta noticia fez subir o terço consolidado (5 por 100) de vinte e nove a trinta e cinco francos! Na vespera do 18 de brumario estava a onze francos!

No dia em que se recebeu a noticia da victoria de Marengo, tinhamos ido almoçar e jantar a Saint-Mandé. Não sabiamos nada quando voltámos, á noite, para a cidade; a novidade foi-nos annunciada com todo o delirio de alegria que embriagava o povo dos arrabaldes.

Como a nossa carruagem ia a passo, ouviamos tudo o que se dizia nos differentes grupos.

—Viste, dizia nm, o que elle escreve aos outros consules? Aquillo é que é um homem!... «Espero que o povo francez esteja contente com o seu exercito!...»—Sim, sim, exclamavam de todos os lados, está contente!... E os gritos de Viva a Republica! Viva Bonaparte! resoavam de novo pelas ruas, nos largos, nos beccos, nas janel-

las das casas mais elegantes, com uma especie de delirio.

No dia da batalha de Marengo, Junot, prisioneiro dos Inglezes, desembarcava em Marselha depois de muitos mezes de captiveiro. Ai! n'esse mesmo dia, quasi á mesma hora, emquanto as balas mortiferas da Austria faziam cahir Desaix no campo de Marengo, a traição mettia nas mãos de um fanatico o punhal que devia assassinar Kléber! Por uma coincidencia fatal, sendo ambos a honra do nosso exercito, pereceram no mesmo dia, quasi na mesma hora.

Emquanto a França resurgia grande e forte entre todas as nações, no interior tudo tomava outra vida e outro aspecto. O commercio esperava; o clero via chegar o dia em que ia ser protegido; a nobreza e a alta casta financeira, sendo francezas, deviam amar a gloria. O exercito de Dijon, ou de reserva, como lhe chamavam, acabava de dar provas d'isso. Quando a noticia da formação d'este exercito se espalhou em Paris, todos os rapazes nobres, os elegantes, aquelles a quem chamavam incriveis, quizeram fazer parte d'essa expedição. Formou-se um esquadrão que não era destituido de coragem, mas que teve a desgraça de ser ridiculo. O uniforme era amarello claro. Os que compunham esse regimento foram logo alcunhados de canarios. Isto deu causa a alguns duellos, porque os Canarios não eram para brincadeiras.

N'essa epoca tivemos um grande desgosto: foi a morte de M.me Luciano. Impressionou-me tanto como se me ligassem a ella outros laços mais apertados do que os de uma amisade vulgar. Minha mãe, que lhe era ternamente affeiçoada, chorou lagrimas amargas.

Fomos vêl-a na vespera do seu fallecimento. Encontrámol-a n'uma casa contigua ao seu quarto de dormir; tinham-a mudado para ahi afim de sentir mais ar em torno d'ella, porque suffocava; estava deitada n'um leito de campanha, com dois colxões, unicamente, para lhe facilitar a

respiração. Esta posição alliviava-a, disse-nos ella. Depois, accrescentou, com um sorriso meigo e triste:

— Esta cama faz-me lembrar a de S. Maximiano. Não posso dormir nem respirar debaixo d'aquelles grandes cortinados nem em cima d'aquelles leitos de pennas.

E, a cada palavra que dizia, olhava para minha mãe com uma expressão extraordinaria:

— Christina, disse-lhe M.me Lœticia Bonaparte, bem sabes que não deves falar; é ordem do medico. Se queres curar-te, deves attendel-o.

A enferma abanou a cabeça, sorrindo, com esse sorriso terrivel para os que sabem não haver já senão dias ou horas entre esse instante e a morte.

— Laurinha, disse-me M.me Luciano, chega-te ao pé de mim; sei que o leito de uma moribunda te não assusta.

Pegou-me na mão e notou o effeito que a pressão d'aquelles ossos ardentes me causou:

— Ah! disse ella, faço-te medo, não é verdade?

Eu chorava e beijei-a, por unica resposta.

Repelliu-me brandamente.

— Não, não me beijes, este ar está envenenado. Quando eu estiver curada, como diz a mamã.

Este adeus foi o ultimo. No dia seguinte, falleceu.

Logo que Junot chegou a Paris, correu a visitar o seu general, que estava então na Malmaison. Quantos factos haviam succedido depois da sua separação!

— Então, Junot, disse-lhe o primeiro consul assim que ficou só com elle, cahiste na patetice de te deixares filar por aquelles... Inglezes. Kléber ainda não queria deixar-te partir?... Provavelmente receava que eu tivesse muitos amigos ao meu lado... Viste a carta que elle mandou ao Directorio?

Junot respondeu que Duroc lh'a tinha dado a ler, ao almoço.

— Afinal, continuou o primeiro consul, o seu fim tragico saldou todas as nossas contas... e foi uma grande

perda para mim... Agora uma perda irreparavel, meu amigo, foi a de Desaix!... Desaix!... é uma desgraça d'estas que ferem a patria!... Nunca poderei consolar-me da morte de Desaix!...

O primeiro consul passeou alguns momentos de um lado para o outro, sem falar: estava visivelmente apoquentado. Comtudo, elle nunca dava a conhecer por muito tempo um excesso de commoção; voltando para Junot, disse-lhe, com uma expressão de bondade encantadora:

—Ora bem! o que queres tu fazer? Quaes são os teus projectos?

E olhava de revez para Junot, com ar malicioso e de bom humor.

—Queres que te mande para o exercito do Rheno?

Junot fez-se vermelho como uma romã, o que lhe succedia sempre que alguma commoção o agitava.

—O meu general já quer vêr-se livre de mim?... No emtanto, se m'o ordena, vou mostrar ao general Moreau que os officiaes do exercito da Italia não esqueceram o seu officio no Egypto.

—Bom, elle ahi vae! disse o primeiro consul. Não, não, senhor Junot, agora não me deixa. Gosto muito do general Moreau, mas não tanto que lhe faça presente dos meus melhores amigos.

E puxava uma orelha a Junot a ponto de lh'a alongar uma pollegada.

—Junot! continuou elle em tom mais serio, vou nomear-te para o commando de Paris... É um logar de confiança, sobre tudo n'esta occasião, e não posso fazer melhor escolha... Mas é preciso que envelheças dez annos; porque, se é necessario que o commandante de Paris me seja affeiçoado, que possua uma prudencia extrema e tenha grande cuidado em tudo o que diz respeito á minha segurança...

—Ah! meu general! exclamou Junot...

—Cala-te, disse o primeiro consul, ou fala em voz bai-

xa. Sim, eu estou cercado de perigos. Não faria um movimento para os evitar se fosse o general Bonaparte, vegetando em Paris antes e mesmo depois do dia 13 de vindimario... A minha existencia pertencia-me, n'esse tempo... e eu não lhe dava grande apreço... Hoje, porém, já não succede o mesmo...

As potencias da Europa que queriam dividir a França entre si; não me querem no seu caminho...

Franziu as sobrancelhas e passou a mão pela testa como para expulsar uma idéa importuna; em seguida, recuperando a serenidade, enfiou o braço no de Junot e continuou a conversação com respeito a elle.

—Vou nomear-te commandante de Paris, como já te disse; mas é preciso que te cases. É conveniente para a dignidade do logar que váes occupar e exijo-o para teu interesse...

Falou-lhe durante muito tempo na importancia que desejava vêl-o adquirir no logar de commandante de Paris; e deu-lhe, a esse respeito, os conselhos que um pae daria a seu filho. Esta conversação durou mais de uma hora. Nada é indifferente sahindo de tal bocca; e nós, sobre tudo, que convivemos com elle tão de perto e durante tantos annos, devemos mais do que outros, ter um cuidado religioso em reproduzir fielmente o que sabemos a seu respeito.

Junot ao chegar a Paris, não se estabelecera definitivamente. Ainda indeciso ácerca do seu destino, achara inutil tomar disposições que uma ordem de partida podia tornar nullas de um instante para o outro. Quando o primeiro consul lhe annunciou a mudança que aquelle novo cargo devia causar na sua situação, disse-lhe tambem que era preciso que tivesse uma casa só para elle. Junot mandou logo procurar uma. Não sei como foi que lhe descobriram um palacete na rua de Verneuil (na parte mais triste e mais suja, de mais a mais), fazendo-lh'o alugar n'um momento de distracção. Essa casa mobilou-se e aprompton-se em menos de tres semanas. Junot installou-se n'ella du-

rante o verão de 1800, como commandante de Paris. Mandou pôr bonitas carruagens na cocheira, na cavallariça os melhores cavallos de Paris, nas adegas, os melhores vinhos de Borgonha, e depois começou a procurar mulher.

O primeiro consul dissera-lhe: — Vê lá, não cases senão com mulher rica.

— Sim, respondia Junot, mas tambem quero que ella me agrade, e como ha de ser isso? quasi todas as herdeiras são feias como lagartas.

(Continúa).

Duqueza D'ABRANTES.

Sonetos indianos

SÉSTA

O sol deixou ha muito os horisontes baços;
Para adorar na sombra o Brahma omnipotente,
Emquanto o sol baixava, o indio reverente
Ajoelhou em terra e levantou os braços.

Como o rude lidar prostrou seus membros lassos,
Foi demandar descanço ao thálamo indigente.
No emtanto chega a noite, e surge lentamente,
Alfange ensanguentado, a lua nos espaços.

Na varanda real o athletico Rajah,
Deitado mollemente em flaccida ottomana,
A longos tragos sorve o delicioso huká.

A volupia lethal do seu olhár emana,
E deitada a seus pés uma formosa indiana
Agita suavemente as borlas do panká.

A NOITE DO NOIVADO

Vão vêr a festa as turbas pressurosas,
Desertando os mercados e os bazares,
E no rio fluctuam, ondulosas,
As bandeiras d'estofos malabares.

Durante a noite, entre canções e rosas,
Os noivos chegam aos festivos lares,
E quaes fulvas serpentes luminosas
As girandolas surgem dos palmares.

Do sol nascente aos matinaes alvores
Adormecem nos longos corredores
Os echos do *vind* e do *mordanga*,

E a noiva, co'um sorriso malicioso,
Descalça aos pés do leito sumptuoso
A mimosa sandalia de missanga.

CHRISTOVAM AYRES.

A EGREJINHA

XIX

(Continuação)

Por uma manhã de luz azul e immovel, sem nuvens, sem uma viração, ceifava-se o feno nos arredores de Grosburgo. Nos longos relvados, balaustrados de marmore branco, decorados de vasos e de estatuas, duas fileiras de segadores curvavam-se, revesavam-se scb um sol calido, e nem um canto, nem uma simples palavra, nem mesmo o estridulo metalico da fouce sobre a pedra de amolar acompanhavam esse trabalho, de fórma que muitos pensariam que se tratava de uma ceifa levada a cabo por uma colonia penitenciaria, sem o enquadramento sumptuoso que a rodeava.

De repente um grito agudo, dilacerante, um d'esses guinchos vazios e mornos como os que sobem dos jardins de alienados, correu, vibrou de um extremo a outro do immenso dominio, dos terraços da margem do rio até á entrada do *passeio do rei*, esse gradeamento monumental em que as varas dos lictores, doirádas e emblematicas, lembram as antigas funcções do grão-mestre de cavallaria imperial. Esse lamento perdido, passando por cima dos pra-

s, não fez erguer nem uma só cabeça, deixando os tra-
lhadores tão impassiveis como estatuas. Dir-se-hia um
esses ruidos da casa que os hospedes acabavam por não
ais ouvir. Todavia na sala forrada de seda amarella onde
duque d'Alcantara conversava com o juiz Delcrous, a pa-
stra interrompeu-se bruscamente, quando o grito pene-
ou pelas altas persianas entre-abertas.

— Ouça-a, meu caro, isto é horrivel!... Ouça-a!...
epois d'essa manhã em que apesar de todos os nossos
forços ella mandou abrir o *Phantasma;* em que o filho
e appareceu sobre um estrado com essa mascara da mor-
roida dos bichos, a duqueza não mais pronunciou pala-
a, não mais reconheceu pessoa alguma; esse grito si-
stro que dá de hora em hora é tudo o que resta de vivo
ella. Agora eis-me aqui, na minha poltrona de enfer-
o, entre esse morto e essa louca... E vem propôr-me
e solte o assassino, e roubar-me a propria alegria da
inha vingança!»

Os olhos do paralytico, fóco da sua vida nervosa, bri-
avam de furor, emquanto o juiz, muito perplexo, deba-
-se, explicava-se confusamente. O senhor duque não po-
a duvidar da sua boa vontade... mandado de detenção
propria noute d'esse dia... no segredo havia já tres
as... e nada, nenhum resultado.

— Ricardo Fénigan manga com o senhor... O senhor Del-
ous não tem pulso para essas cousas, resmungou o ge-
eral.

— Pelo contrario, senhor duque... Ricardo timbra até
n carregar com as culpas, em fingir uma decidida cons-
rnação. É inexplicavel. Tenho agora provas em como elle
voltou na segunda-feira de manhã, dois dias depois
assassinio... E á medida que esta pista se desvanece,
esenho uma outra muito mais segura, em que tudo coin-
de, a hora, os motivos, informações dos meus agentes,
artas anonymas que recebo.»

Delcrous deteve-se, vendo um creado apparecer na es-

cadaria, ante a porta entreaberta. «Quem está ahi? Já disse que nos deixem sós,» resmungou o general com a sua voz de commando. O creado desappareceu, espantado. Em seu logar uma sombra gigantesca tapou toda a claridade da entrada:» Queira perdoar, senhor duque.

—Ah! é você, Sautecoeur?

Vivamente e sem ruido, Delcrous approximou-se do general: «Rogo-lhe que receba este homem; conversaremos depois d'elle sahir.»

O general ergueu os hombros, e designando-lhe a porta que communicava com as salas de recepção: «Queira entrar para ali, eu d'aqui o chamarei.» Voltando-se em seguida para a escadaria: «Entra, Engenio.»

Magro, vacillante, as pernas frouxas, o Indio parecia que se levantara de uma doença grave. A sua voz perdera tambem muito do seu metal, posto que se esforçasse por falar com firmeza e marchar direito, no seu uniforme de gala, armado, deante do amo. «Senhor duque, disse o guarda, de pé, com os olhos fitos no tapete; venho pedir a V. Ex.ª que acceite a minha demissão.

—Porque?

—Meu filho vae partir para a America com a mulher. Pedem-me que os acompanhe; fal-o-hei sómente quando eu tiver... quando eu tiver prestado contas á justiça.»

O duque agitou-se na sua poltrona: « Á justiça? Então o que é que te aconteceu?

—Um caso horroroso!

—Explica-te.

...Não sei se poderei fazel-o, disse o guarda-caça em voz baixa. E apoiou-se contra a chaminé, tremendo tanto que o cano da espingarda pendente do hombro tamborilava sobre o marmore. Teve de pôr-se direito para contar a sua historia. Era simples e sinistra essa historia. Mandado na noute de sexta-feira para uma batida á caça furtiva, regressava pelas duas horas da manhã, quando, de uma janella de sua casa, um homem saltou a alguns passos

d'elle para o pateo do Eremiterio. A noute estava escurissima. Suppoz ser um ladrão, apontou para o vulto, desfechou a espingarda, e quando se approximou para ver quem era...

Uma voz brutal cortou-lhe a phrase:

«Mentes!»

O guarda ouvindo o insulto, deu um passo â retaguarda:

—Meu general!

—Digo-te que mentes. Não foi assim que mataste o principe. Sei-o, sei o que tu fizeste, tão bem como se eu estivesse dentro da tua consciencia; apenas o que quero é que repitas a ti mesmo para eu ouvir. Vamos, fala... ou então, não. espera. «E chamou violentamente: «Delcrous.»

Mal viu entrar, pontual e grave, o juiz do tribunal de Corbeil, deante de quem tantas vezes depuzera em questões de caça furtiva, o Indio sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, como se o carrasco lhe puzesse já a mão sobre o hombro: «A caminho.» Na verdade, não suppuzera que fosse já tão cedo.

—Pois, senhor juiz d'instrucção, disse o duque triumphante, rasão tinha eu — parece-me — para crêr que o miseravel de que nós falavamos poderia perfeitamente ter operado por conta d'outro. Eis aqui o instrumento e a explicação de todos os *alibis* que o desnorteam, Delcrous... Vamos Sautecœur, se queres que haja contemplação comtigo, dize-nos como foi que isso se deu... nada de subterfugios, sobretudo.

Julgou que o seu guarda hesitava, e para lhe poupar a vergonha da confissão, ajudava-o, fornecia-lhe os termos:

—Vejamos, o que te prometteram? o que te deram? porque em summa tu não trabalhaste por tua conta, pois não?

Sautecœur perfilou-se, com as maçãs do rosto inflammadas, as veias da frente entumecidas pelo esforço que fazia para conter-se:

—É possivel que taes cousas se façam por dinheiro; mas que depois de vinte annos de bons serviços, treze na *Poste-aux-Lièvres* e quinze no Eremiterio, o meu patrão possa julgar-me capaz... Não!

—Tu não queres então dizer-nos que a tua historia de ha pouco era uma pura invenção? disse sarcasticamente o general, um pouco perturbado.

—Ha pouco, senhor duque, menti por effeito de um estupido orgulho, orgulho que não tenho mais o direito de conservar. O pé resvalou, é forçoso que todo o corpo resvale tambem, com mil raios! não me custará tanto a dizer a verdade como o que acabo de ouvir.

E alçapremou-se todo, eom os punhos cerrados, e começou:

—Ha dez dias, estando ausente meu filho, chegava-me ao Eremiterio uma carta sem assignatura, avisando-me de que na noute seguinte, entre tres e cinco horas, poderia, da porta *Pacôme*, vêr sahir um homem do quarto de minha nora, pela janella. Devo dizer que n'outros tempos tive minhas infelicidades domesticas. Uma mulher, a quem tanto amava, e que m'a pregou mesmo na menina do olho! Por ultimo fugiu com um gendarme de Montgeron, e deixou-nos só, o filho e eu, no nosso deserto da *Poste-aux-Lièvres*... D'essa aventura ficou-me sempre um certo despreso pelas mulheres, e quando o meu rapaz se casou, prometti a mim mesmo andar com o olho sempre álerta, muito decidido, se se apresentasse occasião, a vingar do mesmo passo a sua infelicidade e a minha. Era coisa conhecida no paiz, e os que me escreveram sabiam perfeitamente o que faziam.

Delcrous perguntou:

—Conservou essa carta anonyma?

Deixe-o terminar, disse o duque impacientado.

—Precisamente esta sexta feira, tudo estava a postos para vêr se apanhavamos alguns d'esses beduinos que nos apanham os nossos melhores animaes... A carta dizia:

das tres ás cinco. Proximo das tres horas, abandonava o meu posto na avenida do *Groschéne* e vim emboscar-me cerca da porta Pacôme. Tão verdade, como estar a minha espingarda n'esta mão, eu não sabia quem a minha desavergonhada nora recebia no seu quarto. Chegara-me effectivamente aos ouvidos que o principe por vezes rondava a casa: mas depois de uma scena com a rapariga, pensei que por esta vez tudo tinha terminado, e a carta, como os senhores verão, insinuava-me um outro nome que não o do principe. Durante meia-hora molhei-me até aos ossos, por causa de uma chuvada que não cessava, quando ouvi o ruido de uma janellinha. Alguem saltava a dez passos do meu esconderijo e safava-se. Não se via quasi nada; tinha todas as probabilidades de errar fogo, se continuasse a correr. Infelizmente o vulto parou para abrir uma especie de guarda-chuva que trazia comsigo, e eu disparei a espingarda. O homem caminhou alguns passos, depois rolou para um fosso, sem mexer mais, como um animal fulminado. Então corri para casa. A rapariga fingia que dormia, com a cabeça escondida nos cobertores: «Levanta-te e pega n'uma lanterna, disse eu; matei o teu amante, vem ajudar-me a enterral-o.» A rapariga tinha medo; não me fez repetir a intimação, pódem crêl-o... N'esse momento, nem por sombras me passava ainda pela cabeça quem eu iria encontrar alcançado pelo meu tiro. A prova é que quando ambos nos achávamos no fosso, proximo do corpo immovel, perguntei a minha nora: Quem é? — Veja, disse-me ella n'uma voz sumida baixando a lanterna. Ah! senhor duque, quando eu vi o que tinha feito...

E com a manga da quinzena do uniforme enxugava a fronte de que corriam camarinhas de suor. O duque, espiando o effeito da narrativa sobre Delcrous, disse ao guarda no tom mais claro:

— Com que foi que tu atiraste?

— Com chumbo.

— E onde o alcançaste?

—Nem toda a carga se aproveitou... um buraco apenas, na fronte.

Houve uma pausa de silencio horrivel, em que o grito da mãe se ouviu novamente como se acabara de vêr a ferida, o buraco na fronte. Depois, recomeçou o interrogatorio:

—Tu dizes que elle cahiu proximo do Eremiterio. Todavia não foi ahi que o encontraram!

—A principio nós ambos pousámos o principe no fundo de uma das vallas que se encontram n'esse lado do bosque, tapando-o com silvas e folhas. Chegados a nossa casa, tranzidos de horror, veiu-nos á idéa o irmos tiral-o da valla e pol-o sobre um talhão de relva, proximo do parque Fénigan. A rapariga segurava a lanterna, e eu transportava o morto, em braços, como uma creança, porque sou forte como sabem. Passou-se isto tudo tal qual como lhes digo.

O juiz, do seu canto, tomou um ar manhoso:

—Para que foi esse guarda-sol aberto a cobrir-lhe a cabeça?

—Lembrei-me de uma mulher que encontraram morta debaixo de um guarda-sol, na floresta de Fontainebleau, e que permaneceu oito dias no mesmo logar sem lhe mexerem.

—E porque o collocou proximo do parque de Fénigan?

Sautecœur balbuciou, passando a mão pela cabeça:

—Um pensamento negro, senhor Delcrous... uma idéa covarde de que me castigo confessando-lh'a. Depois das historias entre o principe e a senhora Ricardo Fénigan, havia motivos para que accusassem o marido... Apenas devo dizer que essa idéa não accudiria ao meu cerebro nem ao de minha nora, se não fôra uma carta que o principe trazia comsigo...

—Finalmente, eis onde eu queria chegar!... gritou o duque com uma impetuosidade feroz... confessa pois que lhe metteste as mãos nos bolsos para caçares papeis que

o marido queria possuir... Confessa isto, deixar-te-hemos tranquillo.

O guarda, sem responder, tirou da sua quinzena uma carta e uma carteira. «O principe d'Olmutz, disse elle gravemente, tinha comsigo, alem dos objectos que foram entregues a v. ex.ª, este porta-cartas, com esta carta sem sobrescripto que começara a escrever a um dos seus amigos. Para mettel-a no correio esperava saber se a noite lhe correria bem... De certo que eu não devera ter lido... mas eu perdera a cabeça por tal fórma... e depois a minha nora que não cessava de me repetir a todo o momento: «Pode ser que nas algibeiras haja qualquer cousa que nos possa comprometter.» Verdade seja que esta carta é a prova de tudo o que acabo de dizer. Os senhores ao lel-a verão que não menti, e tambem coucluirão que o infeliz mancebo preparou com as suas proprias mãos o laço onde encontrou a morte.»

E collocou proximo da poltrona e na mesinha contigua para serviço do enfermo, a ultima carta a Vallongue com uma carteirinha de tartaruga.

«E onde está a carta anonyma que você recebeu? perguntou Delcrous emquanto o duque estava lendo.

—Tenho-a tambem... se o senhor juiz de instrucção quer tomar conhecimento d'ella...

—Vejamos... Lettra de mulher, e de mulher do povo. Ah! diabo...» Estremeceu e falando a meia voz como se receiasse que o pae ouvisse: «Você imaginou então ter desfechado sobre Alexandre?

—Sim, disse o guarda-caça com um aceno de cabeça. O general, que torcia o bigode com raiva, levantou os olhos de sobre a carta dirigida a Vallongue: «Ainda assim, ha aqui cousas que eu não sei explicar... por que motivo déste este passo? qual o teu fim?... E porque não o fizeste ha mais tempo?

—Ah! senhor duque, as mulheres! as mulheres!... Cedi ás supplicas da minha nora que tem medo do mari-

do como do fogo e queria occultar-lhe tudo. Deu isto em resultado que o pobre rapaz tem vivido estes dias na nossa companhia sem suspeitar de cousa alguma. Ia ao seu estabelecimento, falava do caso com toda a gente no wagon. Podem os senhores calcular se eu envelheceria! A idéa de que um innocente estava na prisão por minha causa, que talvez o condemnassem... Finalmente, hontem, estando nós todos tres jantando, meu filho viu-me repellir o meu prato sem comer, como ha muitos dias me tem succedido por vezes. «Dize, pae, o que é que tu tens?» Não me pude conter, isto era uma cousa que me afogava a garganta, e disse tudo. Ah! cuidei que o pobre rapaz ia cahir redondamente no chão por effeito do golpe que eu lhe dei. Sua mulher poz-se de joelhos deante do marido; mas o rapaz nem ao menos olhou para ella; esquecia o seu proprio infortunio: «Não, não... occupemo-nos primeiramente do pae. O pae delinquiu; é forçoso que repare o mal.» Ah! estes dramas de familia... Ambos cahimos nos braços um do outro soluçando. Jurei-lhe que viria aqui esta manhã... e aqui estou.

—Tudo isto parece ser absolutamente verdadeiro, murmurou Delcrous.

—E concorda com o que acabo de ler, disse o general, um pouco a seu pesar. Ha apenas o tiro com chumbo de que os medicos não puderam encontrar vestigios sob a decomposição do rosto... todavia o corpo conservou-se apenas dois dias na floresta.

—Uma armadilha de caçador furtivo, senhor duque, respondeu Sautecœur estremecendo; mas preferiria arrancar a mim mesmo a lingua a contar... A contar a este pae, que, para tornarem o filho incapaz de poder ser reconhecido, deixaram-no uma noite inteira pendurado de um vidoeiro, com os pés para cima e a cabeça enterrada até aos hombros no monticulo de um formigueiro.

O juiz com a carta de Charlexis na mão, falava ao ouvido do general: «Não lhe dizia eu que a pista era má?...

Evidentemente este homem é que é o assassino; e se ainda pretende vingar-se...

—Vingar-me d'este bruto!... não, meu caro Delcrous, é de Fénigan que eu queria tirar vingança... mas esse...

—Tanto mais que com esta carta no processo, seria difficil a condemnação.

O duque reflectiu, e depois resolutamente: «Penso, como o senhor Delcrous pensa. O bom nome do principe e da nossa casa nada teriam a ganhar com a divulgação d'este caso, como nada ganhariam com as confidencias cynicas d'esses dois fidalgos... Eis, mais do que nunca, uma boa occasião para se pôr uma pedra no processo...» O magistrado com os seus dentes de lobo e suissas architectadas por Le Notre, interrompeu-o vivamente, e voltando-se para Sautecœur, immovel e direito, com o bonnet na mão: Ouve? disse elle, o senhor duque não quer que se dê andamento a este triste successo. Sáia do paiz, o mais cedo possivel, sem dizer palavra a ninguem; depende da sua prudencia não lhe succeder nenhum incidente desagradavel,

O guarda inclinou-se: «Obrigado, senhores.» A' porta. antes de sahir, perguntou hesitando: E o senhor Ricardo?

—Está descançado... o senhor Ricardo Fénigan regressará antes da noite aos Uzelles.

A esta affirmação de Delcrous, o general interpellou-o de mau humor: Antes da noite?—e para que?... Tem então muita pressa de que esse bruto entre na posse da mulher?

Era o grito do seu odio, do seu ciume de enfermo que lhe escapava, até atravéz dos mais crueis receios e de todas as torturas do seu desespero paternal.

*
* *

Nos Uzelles, essa noite, a senhora Fénigan mãe e o velho Mérivet, sentados sob uma enorme paulouwnia da en-

trada, trocavam algumas ultimas phrases melancholicas, entrecortadas por longos silencios e por essas interjeições semelhantes ás faiscas de um fogo que se extingue, emquanto os jardineiros e as serviçaes tomavam o fresco na estrada cheia de luar, deante do portal aberto. A hora immutavel do apagar das luzes soara havia muito tempo, sem que ninguem tivesse dado por isso, talvez por causa da belleza excepcional da noite, ou porque a casa, invadida e transtornada por um caso sinistro, se furtava ás minucias da disciplina. Mas que contraste o do silencio d'esse vasto rez-do-chão illuminado e deserto com a alegria ruidosa do serviço, d'esses risos francos, bestiaes, indifferentes, com a intonação desolada das duas vozes que cochichavam na sombra da arvore immovel, adormecida!

— Como o ar está sonoro esta noite!... Ouvem-se até os passos na ponte de Ris, dizia o proprietario da Egrejinha, que, depois do seu regresso, não abandonara mais a mãe e a esposa de Ricardo.

— Sem duvida que alguem vem de Corbeil no ultimo comboyo, e alguem que vem com pressa...», respondeu a senhora Fénigan, escutando tambem esse passo insolito e rapido. O velho Mérivet continuou: «A senhora Fénigan estava muito triste esta noite, mais que do costume. Parece-me que a morte d'esse mendigo impressionou-a immenso.

— Quando se tem o coração cheio, tudo é pretexto para as lagrimas, suspirou a senhora Fénigan-mãe. Imagine, meu amigo, que ha tres dias depois da prisão, não tem tido outras noticias do marido além d'esse mysterioso bilhetinho...

— Que lhe prova á evidencia a certeza que tem de um proximo mandado de soltura. Isto não passa de um equivoco, de um erro de justiça, minhas senhoras... comprehendi-o logo ao achar-me na presença de Delcrous, do seu ar desolado, compromettido... Creiam-me: em breve tornarão a vêr o nosso querido Ricardo... Olhem, olhem para

além... veja bem, senhora Fénigan! gritou Napoleão Mérivet, de pé, com uma voz retumbante.

Pela estrada branca e azulada, em frente do portão aberto, caminhava apressadamente um vulto muito conhecido. Sem forças para mexer-se, a mãe chamou na sombra:

— Ricardo!

— Está ahi? respondeu uma voz que se fazia forte quebrando-se n'um suspiro.

Depois, logo que poude falar:

— E Lydia? têem tido noticias d'ella?

— Lydia? mas tua mulher está em casa, no Pavilhão.

Ricardo estupefacto, sem ouvir as explicações da mãe, caminhou sob a abobada da avenida toda revestida de folhagem negra e perfumada pelas tilias em flôr, ao cabo da qual uma luz brilhava, fazendo-lhe signal.

Lydia, de penteador, com os seus bellos cabellos entrançados para a noute, escrevia no aposento inferior, deante da secretaria do marido. Não se voltou, julgando que era Rosina que entrava, e só levantou a cabeça quando Ricardo se achou proximo d'ella. Foi uma explosão de surpresa, de alegria doida, em que as palavras sahiam tumultuantes, cortadas por beijos, abraços:

— Livre!... estás livre!

— Sim, o verdadeiro culpado está já descoberto.

E Lydia contemplou-o, anniquilada:

— Como... o verdadeiro culpado?

A emoção, a expressão dos seus olhos arrancaram este grito a Ricardo:

— Tu julgavas então que era eu?

— Sim, disse Lydia baixinho, sem encontrar forças para mentir.

E seu marido, tão perturbado como ella:

— E dizer que concebi a mesma idéa que tu tiveste!

Lydia ergueu a fronte:

— É possivel?

Depois subitamente esclarecida:

— Oh! comprehendo agora porque tu me dizias que partisse... porque tu deixavas crêr a esse juiz... Tu querias deixar-te condemnar em meu logar... Meu marido!... meu querido marido!...

Lydia lançou-se-lhe ao peito soluçando. Ricardo deslumbrado sentia o arfar do seio, a commoção do tenro corpo sob o penteador de rendas.

— Vem dizer-me que me amas, e dar-me-hei por pago de tudo, murmurou o marido arrastando-a docemente.

XX

— Lydia!... Ricardo!... Anda, preguiçoso... é o ultimo toque para a missa.

A prima Elisa, que havia dois dias se achava nos Uzelles, chamava e rodopiava pelas salas do pavilhão, em quanto o sino da Egrejinha lançava pelo ar as suas notas argentinas no silencio de domingo de manhã, e em quanto a senhora Fénigan apparecia ao fundo da avenida com o seu passo majestoso de burgueza rica, com um livro de missa doirado na mão, e na outra o seu saquinho de seda tilitando de chaves e de argolas.

— E Ricardo? perguntou a mãe, vendo Lydia descer sósinha, elegantemente vestida de negro, contrastando com as côres vivas e berrantes do airoso *Chaperon-Rouge*.

— Estivemos lendo até muito tarde, e não me atrevi a accordal-o, respondeu a joven creatura, córando completamente por effeito da sua mentira, caminhando apressada para a capella e acabando de calçar as luvas.

Ricardo, sem verdadeiramente dormir, extendido na cama, as palpebras pesadas por effeito de uma lassitude deliciosa, deixava-se embalar n'um meio somno ao som dos sinos de Santa Irène entrando pela janella aberta, de par

com o ruido da agua a correr e o tilintar do seu competente pucaro... Por que motivo não acompanhara sua mãe e sua esposa á missa? Sem duvida alguma o receio de ser ridiculo, o aborrecimento causado por entrar ali, por se mostrar depois de todos estes acontecimentos. E todavia, n'essa humilde egreja á beira do caminho, sua mãe sentira-se tocada pela graça, pela piedade humana; e foi d'ali que a mãe partira para surprehender e trazer ao aprisco a fugitiva. Sim, devia gratidão á Egrejinha; e posto que muito custasse ao seu orgulho, certissimamente que n'um dos proximos domingos...

... O sino espaçava as suas ultimas badaladas. No vago do meio somno, Ricardo ouviu a voz acatarrhoada do guarda-pesca Chuchin a lembrar-lhe que tinham de ir a uma pescaria na ilha dos Pardaes, antes que o sol fosse muito alto. Saltou do leito n'um prompto, e, na porta, ao sahir, esbarrou n'uma velha muito decrepita que se escapou levando comsigo um gigo de flôres soberbas que Rosina Chuchin acabava de lhe entregar. O ar compromettido e mysterioso d'essa mulher intrigava-o havia já algum tempo. Voltou atraz e perguntou, desconfiado:

—Quem é esta mulher?

— A mãe Lucriot, de Draveil.

—E estas flôres para que são?

Rosina ignorava-o. A senhora Ricardo dera ordem para ser entregue todas as manhãs um ramo de flôres á Lucriot; nada mais. Ricardo não insistiu, julgando ser mais digno o dirigir-se a Lydia; comtudo, sentiu que a tristeza o invadia. Á volta da estrada principal encontrou-se com a gente que sahia da missa, rugidos de seda, sapatos ferrados que batiam no chão. No grupo das senhoras Fénigan, Elisa falava com agitação, saccudindo a sua sombrinha e os seus braços:

—Tudo o que quizer, prima. Não costumo resar pelas pessoas que não conheço... E depois, se eu soubera que tinha de assistir a uma missa de defunctos, traria vestidos

que menos dessem nas vistas; viria vestida de preto, como Lydia.

—Mas eu... mas eu não fui prevenida...» murmurou Lydia a quem o olhar que o marido lhe deitou ao vestido negro embaraçava. Ricardo perguntou: «Por intenção de quem é o officio funebre, hoje?

— Ninguem o sabe. Nem mesmo o senhor Mérivet, respondeu Elisa, emquanto Fénigan chamou de parte a esposa para lhe dizer baixinho e muito depressa:

—E sabel-o tu?

—Sim.

—E' o mesmo a quem tu envias flores?»

Lydia teve um sobresalto de surpresa, e resolutamente: «O mesmo... sim... o pae Jorge.» E mais nada.

Eram tão felizes havia uns dias, a vaga que os embalava saccudia tanto sol n'um movimento tão doce, soava uma musica tão celestial e tão embevecedora, que Lydia receara lançar n'esta onda de plena felicidade a sua triste e humilhante aventura. E se Ricardo deixasse de amar essa filha de vagabundos, oriunda de uma raça nomada e inimiga! Antes de tudo o que ella temia eram as explicações com sua sogra, ainda assim muito mudada, muito terna e maternal, mas de um orgulho ainda mais altaneiro que o do seu filho. E Lydia adiava para mais tarde essa explicação inevitavel, contando com a influencia do abbade Cérès. Infelizmente as palavras e o ar preoccupado de seu marido advertiam-na de que o seu segredo não ficaria só comsigo por muito tempo.

Em logar de ir á pescaria, Ricardo continuou sempre a direito pela estrada: o lançar das redes não o interessava já. Pensava n'essa missa, n'essas flores, sobretudo n'esse lucto, de uma demonstração verdadeiramente excessiva para um velho mendigo. Não, não era admissivel que se tratasse do pae Jorge, não se teria feito tanto mysterio com o caso... Mas então quem? O outro, aquelle que dormia ao fundo do parque de Grosburgo, no orgulhoso mau-

soléo de familia? Seria possivel que Lydia pensasse no principe ainda? Para ter a certeza d'isso, em todo o caso, não tinha senão a entrar para casa dos Lucriot que viviám amontoados, para lá do Draveil, n'uma antiga guarita de cantoneiro; interrogaria a velha... E emquanto os seus passos o arrastavam quasi inconscientemente para esse lado, a estrada em volta descnrolava o seu movimento pacifico do domingo. Napoleão Mérivet que acabava de fechar a capella ameaçava-o de longe com a sua enorme chave; e Ricardo, furioso, pensava exactamente n'esse homem... Oh! não, não poria jámais os pés n'essa egreja do perdão a todo o custo, onde se resava por aquelles que vos causam o mal... Depois era o cumprimento obsequioso e felino do senhor Alexandre que passava equipado e em trajos de caçada, posto que a temporada da caça ainda não estivesse auctorisada. Voltava de caçar aos coelhos toda a manhã nas propriedades de Grosburgo; e a sua bolsa de caça, a sua espingarda, as suas polainas muito compridas, tudo era novo, tudo luzia, tudo crepitava. Até o cão que o seguia, cosendo-se medrosamente com os borzeguins do seu dono, parecia, após as suas cinco horas de batida, um cão de cartas, sahido havia pouco de uma caixa. «Foi boa a caçada, senhor Alexandre?» gritavam as raparigas do campo. A padeira, inclinada sobre o toldo da sua carriola, perguntava tambem ao passar «Boa caçada, senhor Alexandre?» A todos e a todas, Alexandre respondia, em tom saccudido, negligente, como ouvira dizer no palacio: «Não, não vi nada.» O cão, tambem pelo seu lado, não vira nada. Mas um e outro tiveram de dar tantas vezes a mesma resposta, que uma das filhas do cantoneiro, em acção de servir o almoço do pae sobre o carrinho de mão voltado, lançando egualmente de longe a sacramental pergunta: «Boa caçada, senhor Alexandre? Tem alguma cousa para mim?» o velho jarreta voltou-se como se uma cobra o mordera e com um tom escarninho e com ar galanteador e velhaco: «Alguma cousa para ti, minha pequena? Tenho

sempre alguma cousa para ti.» A intonação era tão comica e divertida que Ricardo não poude deixar de sorrir; mas um encontro, quasi a seguir, lançou-o de novo no seu negro scismar.

Ao canto do outeirinho que desce para a ponte de Ris, parara uma carreta cheia de moveis. Dois homens, dois gigantes afadigavam-se á volta do vehiculo, apertando o freio, e as cordas lassas, depois a voz da mulher de Sautecœur, gritou, na frente: «Upa, Blanchette!» e a equipagem sacudiu-se pesadamente, seguida pelos dois homens, os quaes caminhavam um proximo do outro sem trocarem palavra. Ricardo, que se afastara para não incommodar aquelles pobres diabos, viu-os afastarem-se pela encosta, com uns movimentos que bem mostravam a profundeza do desgosto que os opprimia. Na edade do velho guarda que arranco não representava essa partida; a sua floresta, o seu Eremiterio, tudo isso, toda a sua vida consumida, anniquilada, por um capricho de gaíato. E' verdade que o miseravel pagara caro a sua phantasia... Tão joven, um nome illustre, o mais rico morgado de França... era digno de dó um tal destino; e a ternura de Lydia, os seus ramos de flores, as suas orações nada tinham de criminosas, a final de contas. Valia isto o inquerito degradante que elle ia tentar em casa dos Lucriot, a calumnia, os andrajos? Tanto mais que o pequeno cemiterio estava proximo e que procurando o tumulo do pae Jorge, saberia perfeitamente se sua mulher tinha mentido. Como se apressava caminhando n'essa direcção, a philarmonica de Draveil que fazia o seu passeio domingueiro passou perto d'elle, com a bandeira á frente. Caminhavam em plena campina, em quatro filas muito unidas, soprando no cobre das cornetas com as suas boas faces aldeãs, rapadas e trigueiras, douradas pelo galão dos bonnets, marcando o passo com um rythmo heroico que fazia levantar bandos de perdizes das pavêas.

Já Ricardo via para lá de uma parede muito alta, á entrada da aldeia, alvejarem os teixos e os tumulos brancos,

quando, presa novamente das suas incertezas, se assentou á beira do caminho, sobre um banco de pedra. Então?! não, decididamente, essa investigação tinha o que quer que fosse de degradante em demazia, depois da sua reconciliação com Lydia; não, não se abaixaria a isso. Porque não dizer simplesmente a sua mulher: Julgava-me curado; não o estou. Julgava que tudo findara com a morte, e eis-me aqui com ciumes da propria morte. Supplico-te, pois que esta piedade posthuma no teu coração me despedaça, supplico-te que renuncies a isso... Sou muitissimo infeliz.» Pensando assim, acalmava-se, sentia um certo allivio, e, pouco a pouco, d'esse absoluto repouso do domingo que o envolvia, d'essas sombras immoveis, d'essas planicies immensas e desertas, campos de colza e de trigo cuja onda argentea, de um amarello de ouro, se movia até á orla dos bosques, vinha-lhe uma doçura refrigerante, como a um ferido, a quem dariam de beber depois de o terem desembaraçado da sua couraça, presa com duras correias.

Quanto tempo esteve assim n'esse mesmo logar? A philarmonica passara, tornara a passar, fazendo brilhar ao sol os seus instrumentos e as suas medalhas, depois os rebanhos das propriedades proximas, alguns viandantes, o distribuidor rural, «Trapos, ferros velhos que queiram vender!» o corcundinha vendedor de sapatos, e todas as figuras habituaes. De repente o angelus soou em vinte campanarios respondendo uns aos outros; as sinetas do almoço vibraram em echo nos pateos dos palacios e villas, e só então é que levantando-se, Ricardo notou que estivera assentado sobre o pedestal de uma cruz muito alta, de ferro, commemorando o logar onde a apoplexia fulminara o antigo tabellião de Draveil, o Fénigan pae. Uma recordação, mais supersticiosa que terna, trouxe-lhe á memoria a imagem longinqua atenuada, d'esse pae a quem pouco conhecêra. Seria d'elle que Ricardo herdara essa febre interior, o horroroso mal do ciume insoffrido na sua carne e no seu

sangue? Seria isso hereditario nos Fénigan, como o orgulho? um d'esses legados mysteriosos que os testamentos não mencionam? Ah! pae... pae... suspirava o pobre Pum-pum voltando a si, rememorando o passado, e sentindo de novo essa horrivel ferida de que parecia não poder jámais curar-se completamente...

Até á noite, um mal estar pesou sobre os Uzelles, apesar dos gritos de alegria do pequeno *Chaperon-Rouge*. Logo que se dera a catastrophe, Elisa correra a casa do juíz de instrucção, e Ricardo devia-lhe o ter sido logo solto. Em Draveil, em Soisy, não faltava quem dissesse: «Estes Fénigan são tão ricos... não haja receio de que a justiça se metta com elles!» Na realidade, Delcrous sentia-se em falta com os seus amigos. Não importa! com o auxilio do amor e uma dóse forte de impudencia, annunciara a sua visita para esse domingo á noite; e os leitores pensarão bem se ella seria commentada pela camaradagem e em casa dos Clement! Quanto a Rosina Chuchin — causa de todo o drama com a sua carta anonyma, quando á noite ouviu a campainha da entrada, correu a fechar-se na *isba* e não mais se mexeu. No salão, aberto sobre o silencio odorifero do parque, o homem das suissas negras teve para cada pessoa a phrase que lhe convinha. Os seus dentes de lobo brilhavam deante das carnes assetinadas e repletas do pequeno *Chaperon*, e emquanto pedia a Lydia que fosse para o piano, lia a Ricardo e á mãe um artigo dithyrambico em louvor dos Fénigan, e que apparecera de manhã no alto do *Journal de Corbeil*. Esse artigo, assignado por *verax*, tinha phrases amplas, empoladas e ôcas com grandes gestos e grandes pufos, artigo cujo auctor era facil de adivinhar. O mesmo numero continha infelizmente as phrases seguintes:

«Esta manhã, domingo, na capellinha de Grosburgo, as-
«sim como nas principaes egrejas do paiz, Draveil, Soisy,
«Ris, Athis, Morangis, rezou-se uma missa por alma do
«principe d'Olmutz. A' sahida do officio, o duque e a du-

«queza de Alcantara, ambos muito doentes partiram para «Engadine, com o doutor João Metzer.»

Ricãrdo com os olhos pregados muito tempo n'esta noticia, como se a decifrara ou a traduzira, approximou-se do piano e collocou na estante deante de Lydia o jornal dobrado e marcado com um traço feito á unha: «Agora estou sciente... Eis aquelle por quem tu oravas esta manhã, disse o marido em voz baixa... Provavelmente as flores eram tambem para elle?»

Lydia ergueu os seus bellos olhos angustiados: «oh! Ricardo...» sem deixar de tocar, cahindo-lhe as lagrimas em fio para as teclas e as suas mãos compridas afrouxando pouco a pouco. Depois com um gesto decidido: «Vaes saber tudo... vem», disse Lydia levantando-se. «Aonde vão, filhos?» disse a mãe surprehendida; mas já tinham abandonado o salão.

*

* *

No dia seguinte, á hora da missa, Napoleão Mérivet, cavalleiro da ordem de S. Gregorio Magno, de pé no limiar da sua egreja, cujas honras graduadas e medidas fazia a todos os que entravam, teve a surpresa e a alegria de ver chegar Ricardo Fénigan com sua mulher pelo braço, a sua querida Mendelsohn toda de azul como a santa do vitral. No momento em que entravam, alguns pombos batiam as azas turbilhonando em volta do campanario, e o bom velho sorrindo amavelmente, inclinava-se d'esta vez um pouco mais, com um gesto de terno e satisfactorio acolhimento.

Alphonse DAUDET.

A arca do pão

Mal ouviu o barulho das muletas, Lucas abriu muito os olhos, turvos e ardentes, e voltou-os para a porta em cujo limiar ia apparecer seu irmão. Todo o seu rosto, emmagrecido pelo soffrimento, devorado pela febre, semeado de borbulhas arroxeadas, tomou de repente um ar de dureza e quasi de furor. Agarrou convulsamente nas mãos de sua mãe, gritando com voz rouca e saccudida:

— Põe-o fóra! Põe-o fóra! Não quero vel-o. Entendes? Não quero vel-o; nunca, nunca. Entendes?

As palavras estrangulavam-se-lhe na garganta. Suffocado por um ataque de tosse violento e prolongado, apertava nervosamente as mãos da mãe, no peito a camisa palpitava entreabrindo-se a cada esforço. Tinha a bocca inchada; e no queixo as borbulhas seccas faziam uma especie de crôsta que a cada movimento se gretava sangrando.

A mãe procurava apazigual-o.

— Não, não, meu filho. Não tornarás a vel-o. Hei de fazer o que tu queres. Ha de ir para a rua. A casa é tua, meu filho, só tua, socega.

Lucas tossia-lhe na cara.

— Agora! Immediatamente! repetia elle com uma insis-

tencia feroz, sentando-se na cama, e empurrando a mãe para a porta.

—Sim, meu filho; agora, immediatamente.

Daniel appareceu á porta, sustentando-se nas muletas. Era um pobre diabo de grande cabeça sem graça; tinha o cabello tão louro que mais parecia branco; os olhos eram meigos como os de um cordeiro, azues, orlados de compridas pestanas claras.

Elle entrou sem dizer nada; uma paralysia tinha-o privado da falla. Mas viu os olhos do doente cravados n'elle com uma energia cruel; parou no meio do quarto, apoiado ás muletas, irresoluto, não ousando dar mais um passo. A sua perna direita dobrada e torcida, tinha um pequeno tremôr visivel.

Lucas disse á mãe:

—Que vem fazar aqui este estropiado? Põe-o lá fóra! Quero que o ponhas lá fóra. Entendes? Immediatamente!

Daniel comprehendeu e olhou para a madrasta que já se levantava. Mas olhou para ella de modo tão supplicante que ella não teve coragem para o violentar. E então, segurando na axilla uma das muletas, fez com a mão livre um gesto de desespero deitando um olhar voraz para a arca que estava encostada a um canto. Este olhar queria dizer:

—Tenho fome.

—Não, não! Não lhe dês nada! gritou Lucas agitando-se na cama, impondo á mulher o seu odioso capricho. Nada! Põe-o lá fora!

Daniel tinha inclinado a sua grande cabeça para o peito; tremia e tinha os olhos cheios de lagrimas. Quando a madrasta lhe poz a mão no hombro e o empurrou para a porta, começou a soluçar, mas não resistiu. Ouviu depois fechar a porta e ficou no patamar, soluçando. Eram soluços violentos e continuos.

Lucas disse á mãe, com modo colerico:

—Ouve-l'o? Faz aquillo de proposito para eu peiorar.

Os soluços fraternos prolongavam-se, entrecortados de

tempos a tempos por um grunhido extravagante, triste como o stertor de uma besta de carga que vae morrer.

— Mas tu não ouves? Depressa! Atira-o pela escada abaixo!

A mulher ergueu-se de um salto, correu á porta e levantou sobre o mudo as mãos pesadas, habituadas a bater e a maltratar.

Lucas apoiado nos cotovellos, insistia:

— Mais! Mais!

Depois de esmurraçado Daniel calou-se. Desceu a escada suffocando as lagrimas. Estava faminto; havia dois dias que quasi nada tinha comido. Mal tinha forças para arrastar as muletas.

Passava um bando de garotos correndo atraz de um papagaio de papel.

Alguns esbarraram n'elle gritando:

— Oh! estropiado!

Outros disseram:

— Vamos, a galope, corcel!

Outros alludindo á sua disforme cabeça perguntaram por zombaria:

— A como vendes os miolos, ó estropiado?

Um d'elles, mais cruel do que os outros, fez-lhe cahir uma muleta e deitou a correr. O mudo vacillou, depois com muita difficuldade apanhou a muleta e continuou o seu caminho. Os apupos e as gargalhadas dos garotos perderam-se do lado do rio. O papagaio, semelhante a um passaro dos paizes fabulosos, subia no ar rosado e sereno. No caes grupos de soldados cantavam em côro. Era a bella estação, depois das festas da Paschoa.

Daniel, que sentia a fome morder-lhe as entranhas, disse comsigo:

— Vou pedir esmola.

O forno do padeiro impregnava a brisa primaveril de um bom cheiro de pão fresco. Passou um homem, vestido de branco, levando á cabeça um comprido taboleiro aonde

se alinhavam muitos pães dourados, ainda fumegantes. Dois cães seguiam o homem, com o focinho no ar, agitando o rabo.

Daniel esteve quasi a desfallecer de inanição.

Dizia comsigo:

—E' preciso que eu peça esmola, senão vou morrer de fome.

O crepusculo cahia lentamente. O céu diaphano estava todo coberto de papagaios de papel que balouçavam descendo para a terra. Os sinos espalhavam na atmosphera sonora um zunido profundo e continuo.

Daniel pensou:

— Vou pôr-me á porta da egreja.

E lá se arrastou para a egreja.

O templo estava aberto. Ao fundo o altar, illuminado com pequenas chammas tremeluzentes, parecia uma constellação. A porta dava passagem a um fraco perfume de incenso e de benjoim. Por momentos o orgão lançava uma grande reboada de sons.

Daniel sentiu os olhos velados pelas lagrimas, e no seu coração pronunciou esta fervente prece:

— Oh! Senhor, oh! meu Deus, soccorrei-me!

O orgão deu um accorde que fez vibrar as pilastras como instrumentos, depois expandiu-se em notas claras e alegres. A voz dos padres subiu. Os devotos e as devotas, dois a dois, ou tres a tres, entravam pela porta unica, e Daniel não ousava ainda estender a mão.

Perto d'elle um mendigo poz-se a lamuriar:

— Uma esmola, pelo amor de Deus!

E então o mudo teve vergonha.

Viu entrar na egreja a sua madrasta toda embiocada n'uma grande mantilha preta. E pensou:

—Se eu fosse a casa, emquanto minha madrasta está aqui?

A tortura da fome era tão imperiosa que elle não esperou mais. Voava sobre as muletas á conquista do pão. Na passagem uma mulher disse-lhe, rindo:

—Tu queres ganhar o primeiro premio, ó estropiado!

Chegou a casa n'um momento, estafado, palpitante. Subiu a escada sem ruido, com precauções extraordinarias. A's apalpadellas, procurou a chave n'um buraco da parede, oude a madrasta costumava pol-a quando sahia. Achou-a, e, antes de abrir a porta, olhou pelo buraco da fechadura. Lucas, deitado na cama, parecia dormir.

Daniel pensou:

— Se eu pudesse tirar o pão sem o acordar!

Deu volta á chave, devagarinho, muito devagarinho, retendo o folego com medo de acordar o irmão com as palpitações do seu coração. Parecia-lhe que essas palpitações enchiam a casa de um estrondo ensurdecedor.

—E se elle acorda? pensou Daniel com um calafrio ao abrir a porta.

Mas a fome dava-lhe audacia. Entrou movendo as muletas com muito cuidado olhando sempre para o doente.

—E se elle acorda?

O irmão, deitado de costas, tinha no somno a respiração difficil. De tempos a tempos, sahia-lhe dos labios uma especie de silvo ligeiro. A lamparina em cima da mesa projectava na parede grandes sombras moveis.

Quando chegou junto da arca Daniel parou para vencer o seu terror. Olhou para o dormente; depois segurando as muletas nas axillas fez força para levantar a tampa. A arca deu um estalido secco.

Lucas teve um sobresalto e abriu os olhos. Viu o que fazia seu irmão e começou a gritar contra elle agitando os braços como um possesso.

—Ladrões! Ladrões! Soccorro!

Mas o furor suffocava-o.

E emquanto seu irmão, curvado para dentro da arca, cego pela fome, procurava com mão trémula um pedaço de pão, elle saltou abaixo da cama e atirou-se ao mudo para o impedir do seu intento.

—Ladrão! ladrão! gritou elle como doido furioso.

E como doido furioso fez cahir a pesada tampa sobre o pescoço de Daniel, que se agitou desesperadamente, como uma victima apanhada no laço. Mas Lucas resistiu aos esforços do captivo; tinha perdido toda a consciencia do que fazia; carregava com todo o seu peso, como para decapitar o irmão. A tampa estalava, penetrava na carne viva da nuca, esmagava os vazos do pescoço, cortava as veias e os nervos; de modo que afinal um corpo inerte pendeu na arca, um corpo que já não dava signal de vida.

Então, á vista do estropiado assassinado, um terror louco invadiu a alma do fratricida.

Duas ou tres vezes, cambaleando, atravessou o quarto que a luz da lamparina enchia de espectros, agarrou nos cobertores, puxou-os para si, eurolou-se n'elles dos pés á cabeça, cobrindo até o rosto, depois acocorou-se debaixo da cama. No silencio, rangiam-lhe os dentes como uma lima sobre o ferro.

G. d'ANNUNZIO.

OS PORTUGUEZES NA INDIA ANTIGA

(Continuação)

«Mas quando chegam os navios de Portugal é maravilha vêr o concurso de gente de toda a sorte que se apinha n'este caes, assim escravos, como outros christãos, canarins, cafres e outros gentios, carregadores e mariolas, que lá chamam boye, e servem para levar qualquer fardo pesado que é mister porque não usam de carretas, mas carregam tudo ás costas com bambus, que são cannas da grossura de uma perna. Estes boyes, quando vão carregados, vão sempre cantando certas canções por perguntas e respostas e caminham sempre a correr. Todas as ruas estão cheias d'estes homens promptos para todo o serviço, ou seja para levar sombreiros e palanquins ou outra qualquer cousa que se queira, e acham-se em certas encruzilhadas. Esta praça é pois para toda a gente, sem differença.

«Mas a outra ribeira ou praça que se lhe segue, é mui bem fechada toda ao redor até muito ávante pela agua dentro, e se chama a *Ribeira das galés*, porque é o logar onde estão as galés de Goa, que são do feitio das de Hespanha e Italia, mas não ha alli mais que tres ou quatro. Esta praça é bem construida e provida de tudo quanto é necessario, assim para os mestres, officiaes e armamento

das ditas galés, como para os forçados, que todos alli estão, excepto alguns que ha na prisão da sala, para serviço d'ella, os quaes não sahem ao mar senão em caso de grande necessidade. As portas são guardadas por porteiros, e ninguem alli entra sem ter lá negocios. O logar é mui bello e espaçoso, e o vice-rei desce para elle por uma pequena porta do seu palacio, para alli embarcar sem ninguem o vêr. A porta d'esta ribeira é proxima da grande porta da cidade, a qual está logo abaixo do palacio do vice-rei. Todas as mercadorias que se embarcam nas naus e navios que vão para Portugal alli se hão de embarcar, e o vedor da fazenda tem alli uma pequena casa, á borda d'agua, e vae e vem aos ditos navios para vêr, tomar conta e registar tudo quanto se embarca. Todos os caes são bem construidos, e a maior parte tem degraus de pedra.

«D'alli entrando na cidade, á mão esquerda estão os armazens de guerra e bocca, em grandes alojamentos bem edificados e fechados. A porta da cidade d'este lado é a mais bella e magnifica, contigua ao palacio do vice-rei, e na fachada tem pintadas todas as guerras dos portuguezes na India, e no alto da banda de fóra ha uma bella imagem de Santa Catharina, toda dourada, pois esta santa é a padroeira de Goa.

«Afóra estas praças ha outras sobre o rio que não são fechadas, nem guardadas, como as precedentes. A primeira que se segue entre o rio e o palacio do vice-rei, chama-se caes da fortaleza do vice-rei. Tem pouco mais ou menos, setecentos passos de comprido e duzentos de largo, mui direita, plana e revestida do lado do rio de um bom muro com alguns degraus de pedra. É limitada de um lado pelas paredes do palacio do vice-rei e muros da cidade, e dos outros pelos das outras praças. Esta praça ou caes, a que chamam Terreiro, serve geralmente para o accesso de todos os navios de mercadores indianos, os quaes veem aportar alli, assim por causa da fortaleza do vice rei que está logo defronte, como porque o vice-rei póde vêr da sua

janella ou varanda tudo o que alli chega e se faz; e está sempre cheia de embarcações e de muito povo. Ha alli um mui bello edificio do feitio da praça real de Paris, posto que em mais nada se parece com ella, e lhe chamam a alfandega, onde se depositam e vendem toda a sorte de grãos por grosso, e não se pódem vender nem levar a outra parte, e alli se pagam os direitos. Ha alli tambem outro grande edificio, a que chamam Bangaçal, para onde se descarregam as mercadorias, que não são coisas de comer.

«No fim d'este caes ha uma praça mui grande, arredondada, onde se faz o maior de todos os mercados de Goa, no que toca a comestiveis, e lhe chamam o bazar grande. Todos os dias alli ha mercado, porque nunca fazem provimento de um dia para o outro, e mesmo se vão aviar duas vezes por dia para o jantar e ceia, sem excepção dos domingos e festas, em que não deixa de haver venda de comestiveis. Ha muitas outras praças e mercados ou bazares, e n'elle a egreja dos Dominicos, mui bem construida e ornada, e ha tambem na cidade muitas outras egrejas e parochias, pela maior parte dedicadas a Nossa Senhora.

«Quanto á fortaleza ou palacio do vice-rei, é mui sumptuosamente fabricado, e defronte d'elle ha uma grande praça do lado da cidade, a que chamam Terreiro do Paço, no qual os fidalgos e cortezãos se juntam, uns a pé e outros em palanquim, porque o vice-rei nunca sahe sem que no dia antecedente mande tocar os tambores pela cidade, e com isso avisar toda a nobreza para vir no outro dia pela manhã cedo áquelle logar a cavallo, e alli esperam até que o vice-rei sáia, todos o melhor paramentados e ordenados que pódem. Defronte da porta do palacio do vice-rei ha um grande edificio onde se congrega o parlamento, que elles chamam camara presidial, e ao primeiro presidente desembargador maior. É a principal justiça das Indias para os portuguezes, e as outras justiças são-lhe sujeitas. Este palacio do vice-rei não é assaz forte para aguentar artilheria

da banda da cidade, mas tem bons e commodos aposentos, e á entrada, á mão direita, acha-se a prisão, que chamam Tronco, que faz corpo com o dito palacio, e á esquerda estão os armazens reaes. Este palacio está provido de tudo quanto é necessario, egrejas, relogios, agua, e até o thesouro de el-rei ahi está em parte, porque a outra parte está no convento dos Franciscanos.

«Tem dois grandes pateos mui bellos, e de um se passa para outro. No primeiro pateo, á mão esquerda ha uma grande escadaria de pedra mui larga, e que conduz a uma sala mui espaçosa, na qual estão pintadas todas as armadas e navios que teem passado á India, com seu numero, data, nome do capitão, e até os navios que teem padecido naufragio alli estão retratados. É coisa espantosa vêr tantos navios perdidos. Em summa, não ha navio vindo de Portugal, por mais pequeno que seja, que alli não esteja retratado, e não tenha seu nome escripto. Mais dentro ha outra sala maior, que é a verdadeira sala do vice-rei e de toda a nobreza, e onde se congrega o conselho. Alli estão pintados ao natural todos os vice-reis que teem vindo á India, e não entra n'ella toda a gente; porque tem guardas. Este palacio está n'um alto, e é mui forte da banda do rio, com paredes mui altas e é a coisa mais vistosa de toda a cidade. As estrebarias não são no recinto do palacio, mas misticas com elle á mão direita de quem entra. Tem o dito palacio uma sahida da parte do rio, mas esta porta não se abre senão quando o vice-rei quer embarcar. A guarda do dito vice-rei é uma companhia de cem homens, todos vestidos de azul, que é a sua libré ordinaria, e estão sempre junto de sua pessoa, isto é, á porta do palacio ou aposento onde elle está, e quando caminha, os tambores e pifanos tocam. Estes archeiros trazem alabardas e são todos portuguezes, mas não são em tanta reputação de honra como os que andam nas armadas, e que são voluntarios. Além d'estes ha porteiros ás portas da fortaleza. Sahindo-se d'este palacio para o interior da cidade, entra-se na mais for-

mosa rua de Goa, a que chamam *Rua Direita*, que tem mais de mil e quinhentos passos de comprido, e de cada lado é povoada de grande numero de ricos lapidarios, ourives, banqueiros, e dos mais ricos e melhores mercadores e artifices de Goa, todos portuguezes, italianos, allemães ou outros occidentaes. Esta rua acaba n'uma egreja das mais bellas e ricas, e bem ornadas da cidade, a qual é toda dourada por dentro. É a egreja da Santa Misericordia, dedicada a Nossa Senhora da Serra. Sobre o portal d'esta egreja, no logar mais eminente, está a figura em vulto de pedra doirada de Affonso d'Albuquerque. Junto d'esta egreja ha um recolhimento para donzellas orphãs nobres, as quaes ficam alli até casarem. Os portuguezes casados, quando vão a viagens, tambem alli deixam as mulheres até voltarem. Tambem alli ha mulheres viuvas, que se querem retirar do mundo, e até alli pódem entrar mulheres arrependidas, e guarda-se alli clausura. Esta grande rua Direita é tambem chamada dos Leilões, porque se fazem alli, de sorte que todos os dias excepto domingos e festas, desde as seis da manhã até meio dia, está tão cheia de gente que mais não póde ser. A meio caminho do comprimento d'esta rua está um dos maiores e mais antigos edificios da cidade, a que se chama casa da Santa Inquisição, na qual residem todos os officiaes da dita Inquisição, e se guarda a mesma ordem que na de Portugal, com a differença que aqui, a justiça é ainda mais severa para com os ricos. Na frente d'esta casa ha uma grande praça ou mercado, e da outra banda está a casa da governança da cidade, mui bem construida, a que chamam a camara da cidade. O palacio da Inquisição é um edificio mui amplo, com uma sala mui bella e grande, com grandes escadarias mui compridas, e fabricadas de mui boa pedra, e não ha casa de rei que tenha uma sala tão bella.

«Alli perto está a egreja grande, chamada a Sé, com seu cemiterio. É formada por uma grande e soberba traça, e que mui difficilmente se levará ao cabo, pois ha cincoenta

annos que foi começada. Contigua a esta está a casa do arcebispo. A do bispo é tambem alli perto, onde ha a prisão ecclesiastica. Da outra banda do cemiterio da egreja grande está o convento dos Franciscanos, o mais bello e rico do mundo, em cujo claustro está pintada toda a vida de S. Francisco em oiro, azul e outras côres. A egreja d'este convento é mui frequentada, e está em sitio elevado, e o grande largo que lhe está adjacente é todo calçado de pedras largas, e sobe-se a elle por grandes degraus. No fim do mesmo largo ha uma grande cruz de pedra mui alta e bem obrada, d'alli se desce a uma rua que vae desembocar ao hospital real, encontrando-se no caminho a capella de Santa Catharina, no logar por onde foi entrada a cidade, porque ahi havia uma porta e um baluarte. Esta capella de Santa Catharina nunca se abre senão no dia da sua festa, e sobre a porta está gravado em lettras de oiro o dia e anno em que a cidade foi tomada, e uma das bellas ceremonias e solemnidades de Gôa é a procissão que n'esse dia se faz, na qual vae todo o clero e outra gente da cidade com mui boa ordem e magnificencia, e levam grande copia de figuras e mysterios, entremeados de musicas, folias e outras cousas ridiculas, como entre nós se faria em cavalhadas e danças publicas, mas alli é uso em todas as suas procissões geraes.

«Subindo d'alli vae-se direito a uma praça chamada Bazar Pequeno, no meio da qual ha um logar elevado, da altura de seis pés, pouco mais ou menos, todo revestido de muro, e chamam aqui o *Terreiro dos gallos*, por respeito das aves e de outros comestiveis que ahi se vendem.

D'alli caminhando-se para o meio da cidade, topa-se com a egreja do *Bom Jesus*, dos jesuitas.

Logo depois entra-se na rua dos Chapelleiros, mui linda, grande e comprida, que vae dar a uma praça chamada do Pelourinho velho, onde tambem ha mercado, e outro sitio elevado e revestido de pedra, e alli proximo está a justiç a ordinaria de Goa n'um edificio, e n'outro a policia, com

um bello açougue. A esta praça vão dar seis ou sete ruas.

«Ha tambem a egreja de S. Thomé, grande parochia, e partindo d'alli e sahindo da cidade, chega-se a um grande largo chamado Campo de S. Lazaro, onde se recolhem os leprosos, e é edificio bello e bem ordenado. Na egreja d'este hospital ha uma capella mui linda, dedicada a S. Luiz, rei de França. Havia alli alguns doentes, e a cidade o fundou e o sustenta. Do outro lado e defronte d'elle ha uma lagoa mui bella, onde ha muitas aves aquaticas. N'este campo todos os cavalleiros e fidalgos fazem suas cavalhadas com cannas e laranjas, nos dias de S. João e S. Thiago, padroeiros dos portuguezes e hespanhoes, e alli tambem os moradores fazem seus alardos.

«Em outro logar, fóra da cidade ha uma praça cercada de muros, chamada o Matadouro, onde se matam as rezes, e d'essa mesma banda está o logar das execuções da justiça, onde ha uma forca de quatro pilares, e é na distancia de um quarto de legua da cidade onde se vão fazer as execuções. Pela rasão dos calores são constrangidos a matar as rezes fóra da cidade, e a enterrar ahi a sugidade e o sangue d'estes animaes. Perto do convento de S. Domingos ha um grande largo ou campo que serve para picaria dos cavallos.

«Mas seria uma coisa infinita dizer por meudo os nomes das ruas, praças, egrejas, conventos, palacios e outras singularidades de Goa, e em geral se póde dizer que tudo alli está bem ordenado. Os banianes e canarins tem suas ruas apartadas, e similhantemente toda a sorte de mercadores e misteres, como os ourives que teem a sua rua, os lapidarios a sua, e assim os outros, de maneira que é grande commodidade quando se ha mister de qualquer coisa, saber-se logo a rua onde se encontra. E o que me fez dilatar tanto nas particularidades d'esta cidade, é que, quem a vê bem, fica sabendo todo o estado dos portuguezes nas Indias Orientaes.

«O numero das egrejas que n'ella ha, é maravilhoso, e não ha praça, rua ou becco onde não haja alguma; e entre outras apontarei a de Santo Agostinho, cuja obra continúa todos os dias, porque o arcebispo é d'esta ordem. Está situada no mais alto logar de toda a cidade sobre um monte, e na sua visinhança estão as egrejas de Santo Antonio e S. Roque, dos jesuitas, e em outro logar o mosteiro das religiosas de Santa Monica, a egreja de Nossa Senhora do Rosario, o convento de S. Thomaz e outras, de sorte que na cidade, arrabaldes e por toda a ilha andam proximamente por cincoenta entre egrejas e conventos.

«Entre outras egrejas ha quatro dos jesuitas. A primeira e principal é da invocação da Conversão de S. Paulo, e este collegio é o principal de toda a India Oriental, e n'elle vi até ao numero de dois mil meninos estudantes, e mais, assim portuguezes como indios. Os jesuitas nada levam aos estudantes pelo ensino. Contigua a este collegio ha ainda uma mui bella casa d'estes mesmos padres, chamada o Seminario, e tem estudantes pensionistas.

«A segunda egreja ou collegio que teem os jesuitas, está no meio da cidade, e é tão bello ou mais que o precedente, cuja egreja tem a invocação do Santissimo Nome de Jesus. É custosamente fabricada, toda dourada por dentro, e ainda não está perfeita, mas trabalha-se em a acabar todos os dias. Vi alli uma cruz toda de oiro massiço, que os padres da Companhia de Jesus haviam mandado fazer para dar de presente ao Papa, a qual tinha de comprimento tres pés, de largo quatro dedos, e de grosso dois dedos, enriquecida com toda a qualidade de pedras preciosas, bem lavrada, e pesava cem mil escudos ou mais, e foi enviada a Sua Santidade no navio em que eu vim embarcado na torna viagem. Esta segunda casa é sómente deputada ao serviço do publico, a saber, confessar e administrar os sacramentos, e para receber no gremio da egreja os infieis e baptisal-os. É n'ella que reside o pae dos christãos. que é obrigado a ir todos os dias ás prisões visitar os christãos

e outros que quizerem converter-se á fé catholica, solicitar seu livramento e assistir-lhes com esmolas, como para commigo fizeram muitas vezes. Ha outra casa dos mesmos padres junto da segunda egreja, que se chama dos cathecumenos, para cathequisar e ensinar os novos christãos, e n'ella são sustentados e vestidos até serem instruidos e baptisados; dos quaes e de toda a casa tem cargo o pae dos christãos.

«N'um dia da festa da conversão de S. Paulo vi sahir d'esse logar quasi mil e quinhentas pessoas naturaes da terra, assim homens como mulheres e creanças, vestidos ao modo dos christãos em procissão pelas ruas da cidade, em duas alas, levando cada um seu ramo na mão para se differençarem dos outros, e em signal de não serem ainda baptisados, e d'alli foram á precedente egreja e collegio de S. Paulo, onde todos foram baptisados. Antes do baptismo vi um padre jesuita fazer-lhes um bom sermão sobre a excellencia da religião christã, e lhe disse que a não deviam abraçar por força, e que se algum d'elles ahi havia que viesse contra sua vontade, se poderia ir embora, e sahir logo da egreja, ao que todos responderam a uma voz que eram mui contentes, e queriam morrer na fé catholica. Depois de baptisados cada um se recolheu a sua casa, e aos que eram pobres, aquelle padre jesuita deu esmola de dinheiro e de vestido; o que se repete todos os annos com similhante pompa e solemnidade, afóra os que se baptisam diariamente em particular. Vi tambem muitas vezes baptisar grande numero de pessoas na egreja dos Franciscanos, no dia seguinte ao da festa do Natal, e chegar o numero a oitocentas pessoas. No dia da Conversão de S. Paulo faz-se grande festa e solemnidade. O vice-rei acompanhado de toda a nobreza, chegando ao numero de duzentos a trezentos fidalgos a cavallo, bem montados e paramentados, vae á dita egreja, e depois da festa 'anta com os padres jesuitas, o que nunca mais faz, tirando este dia. Todos os estudantes dos jesuitas, ricamente

adornados de toda a sorte de vestidos de seda vem esperal-o, formados em ordem de batalha, uns a cavallo, outros a pé, e todos armados, e assim marcham na dianteira do vice-rei fazendo todo o resto do dia alli muitos jogos e folguedos.

«A terceira casa e egreja teem a invocação de S. Roque, e se chama Noviciado, porque n'ella estão os noviços portuguezes que aspiram a ser jesuitas, para se experimentar se poderão permanecer n'esta resolução e guardar a regra. Os naturaes da terra nunca são admittidos á companhia, salvo se procedem de portuguezes por pae e mãe, mas podem ordenar-se sacerdotes. As outras religiões acceitam mestiços, mas não indios puros.

«A quarta casa dos jesuitas é sita a meia legua fóra da cidade; é uma bella casa de recreio, onde ha mui lindas fontes, e serve para recrear e restabelecer a saude dos que estiveram enfermos, mas só sendo de sua ordem. Estes padres jesuitas são ali mui numerosos, e em toda a parte da India onde os portuguezes teem entrada, e ha-os junto de alguns reis infieis, onde fazem grande fructo na conversão dos indios á religião christã, e similhantemente os religiosos Dominicos e Franciscanos.

«Os edificios d'estas egrejas e palacios, assim publicos como particulares, são mui sumptuosos e magnificos, e feitos por canarins, tanto gentios como principalmente christãos. As casas são fabricadas com cal e areia. A cal fez-se de conchas de ostras e outros mariscos; a areia é de terra e não do rio. Cobrem as casas de telha; não usam de vidraças, mas em vez d'ellas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira; e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho, porque não são tão transparentes como o vidro.

Tiram a pedra da cantaria na ilha, mas a de que fazem columnas e outras obras primorosas, mandam-n'a vir de Baçaim onde sahem mui cumpridas e rijas: assemelha-se ao granito, e é ainda melhor; e não vi n'estas terras de

cá columnas de uma só peça tão grandes e compridas, como lá vi. Os edificios são mui amplos, mas com poucos andares, e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fóra como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra' em parte de terra vermelha com bolo armenio que lhe serve de cimento. Quasi todos teem jardins e quintaes, mas não grandes, com poços dentro.

Quanto aos arrabaldes da cidade, ha sete ou oito mui grandes, e todos os seus edificios, e de todo o resto da ilha são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são tão magnificas e soberbas como as outras.

«No que toca ás calçadas das ruas da cidade, são feitas de bellas pedras largas, e andam limpas, isto é, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove, vêem-se regueiros por toda a cidade e a agua corre por canaes grandes, profundos, concavos e calçados de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sitios; mas os regueiros das ruas são tão grandes que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, d'onde vem que em muitos logares ha pequenas pontes e passadeiras porque aliás seria impossivel atravessar a rua.

«Ha mercados todos os dias de trabalho desde as seis ou sete horas da manhã até ao meio dia. O mercado principal é em todo o comprimento da grande rua direita, a qual por um extremo toca na Misericordia, e pelo outro no palacio do vice-rei. Esta rua é das mais bellas e grandes, cheia de tendas, de joalheiros, ourives, lapidarios, tapeceiros, mercadores de sedas, e outros artifices de coisas ricas. Emquanto dura o mercado, ha tal concurso de gente na rua, que mal se póde passar. Não temem a chuva no inverno, nem o calor no verão, em respeito d'aquelles grandes sombreiros ou chapeus, que cada um traz, e que tem pelo menos seis a sete pés de diametro, de sorte que, quando aquella multidão está reunida, todos aquelles som-

breiros se tocam entre si, parecendo um só toldo inteiriço. Chamam a este mercado leilão, por se fazerem ahi as arrematações em hasta publica. Alli se acham indifferentemente toda a sorte de pessoas, assim nobres como das outras classes, de todas as nações e religiões, para comprar e vender, ou encontrar-se com aquelles com quem tem negocios a tratar, porque este logar lhes serve de praça de commercio. Não são os officiaes de justiça que ali fazem as arrematações, mas outras pessoas que particularmente teem este officio, de que pagam renda a el-rei; pois não ha officio, occupação ou mister por infimo que seja, que não tenha seu rendeiro ou contratador da parte d'el-rei, que d'ahi tira sempre algum lucro. É pois ali que se faz a venda de todos os moveis, por justiça ou amigavelmente, e ha muita gente que vende por sua conta, sem apregoar nem affrontar, como se faz nas lojas.

«N'esta praça vê-se toda a sorte de mercadorias, e entre outras, quantidade de escravos, que são ali levados como aqui se faz aos cavallos. Estes vendedores levam apoz si grandes ranchos d'elles e depois, para os vender, louvam-n'os e gabam-n'os, repetiudo todas as suas prendas, officio, força e saude; e os compradores de tudo isso se informam, interrogam-n'os e examinam-n'os da cabeça até aos pés curiosamente, assim a machos como a femeas. E os mesmos escravos, esperando melhor tratamento, com a mudança de senhor, mostram a sua boa disposição, e se gabam a si proprios, para mover a vontade dos compradores. Mas quando os compram, assigna-se um certo dia fixo até ao qual se póde retractar o ajuste, a fim de que tenham tempo de saber a verdade.

«Entre os escravos encontram-se ali raparigas e mulheres mui bellas e lindas, de todos os paizes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, coser mui delicadamente, e fazer toda a sorte de obras, doces, conservas e outras coisas. Todos estes escravos são a preço muito diminuto, e os mais caros não valem mais

de vinte ou trinta pardaus, moeda que equivale a trinta e dois soldos e seis dinheiros cada uma. As moças donzellas são vendidas, por taes, e fazem-n'as observar por mulheres, e n'este ponto ninguem ousa commetter engano. Não tem por peccado ter trato com a escrava que compraram, no caso que ella não seja casada; mas quando o senhor a casa não póde ter mais aquelle trato desde que deu a sua palavra para o casamento. Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas e gentis, outras trigueiras, morenas, e de todas as côres, mas as de que ali gostam mais são as moças cafres de Moçambique, e d'outras partes d'Africa, que são de côr negra retinta e tem o cabello crespo, e lhes chamam negras da Guiné. O maior rendimento e riqueza da gente de Goa é procedido do trabalho de seus escravos, os quaes entregam no fim de cada dia ou de cada semana a conta a que são obrigados, e isto afóra os mais escravos que os senhores retem em casa para seus servos.

«No dito mercado ainda se vê grande numero de outros escravos que não estão á venda, mas que levam elles mesmos obras de sua mão a vender, taes como conservas de fructas e outras coisas, outros vão ali para ganhar dinheiro e levar e carregar para onde se quer quaesquer objectos. As moças adornam-se muito para agradar mais e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se ali lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes acceitam logo a troco de alguma cousa que se lhes dê, e ainda muitas vezes tratam amores para suas senhoras, a quem servem de medianeiras, sem nunca lhes contradizer a vontade, ou revelar o segredo, porque lhes são mui fieis. E todo o dinheiro que ellas pódem adquirir por qualquer d'estes meios devem entregal-o a seu senhor e senhora, que a isso dão seu consentimento, e depois repartem com ellas segundo bem lhes parece, mas as escravas não mostram sempre tudo. Todas estas mulheres da India, assim christãs ou mes-

tiças desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os indios, e ainda em cima lhes dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas com isso, porque ellas amam muito os homens brancos de cá, e ainda que haja indios mui brancos, não gostam tanto d'elles.

«Vende-se tambem no mesmo mercado grande numero de cavallos, bem arreados, pela maior parte; e são da Persia e da Arabia, similhantes aos cavallos da Barbaría, e valem quinhentos pardaus em osso.

«Em summa, vêem-se ali todas as especies de riquezas das Indias, e as mais bellas joias que sêr póde. Ha tambem ali cambistas, a que chamam Xarafos, que egualmente estão em outros muitos logares da cidade, e teem suas boticas nas esquinas das ruas e encruzilhadas, todas cobertas de moeda e pagam d'isto tributo a el-rei. Tiram grandes lucros, porque ali é necessario ter moeda meuda para ir ao mercado onde tudo é tanto em conta, que mais não póde ser.

«Perto da praça do Leilão, ha outra a que chamam do Pelourinho Velho, na qual ha de dia mercado de toda a sorte de fructas e comestiveis. Mas depois de posto o sol e chegada a noite, e que os meirinhos e officiaes de justiça são recolhidos, faz-se ahi outro mercado a que chamam *Baratilha*, em que se vende a mui baixo preço, e como a medo, toda a sorte de trastes roubados, como roupa, armas e outras coisas de que toda a praça fica cheia, sem embargo de ser bem grande. E todavia, ainda que seja noite, os meirinhos não deixam de passar por ali algumas vezes, e quando os sentem, cada um se retira velozmente; e depois de elles passarem, todos estes vendilhões voltam a vender as suas mercadorias, e são ás vezes em numero de quatrocentos ou de quinhentos.

«N'esta praça do Pelourinho Velho se acham todos os sangradores e quem carece de algum para sangrar doentes, ali o vae buscar. Todos estes sangradores são indios

christãos, como egualmente o são todos os cirurgiões e boticarios. Emquanto aos barbeiros, pela maior parte não são christãos, e andam pelas ruas a barbear todo o mundo, porque a gente commum não põe difficuldade em se fazer rapar no meio da rua; mas os homens de qualidade entram para isso dentro de casa. Estes barbeiros são mui serviçaes e satisfazem-se com pouco. A maior parte dos portuguezes fazem rapar a barba e o cabello.

«No que toca ás aguas potaveis de que se usa na ilha de Goa, é mister considerar que o rio cerca toda a ilha. Mas ha em varios sitios muitas fontes de agua boa e excellente para beber, que sahe dos rochedos e das montanhas, e se junta em regatos que regam a ilha em muitos logares, o que é causa de haver tanta copia de coqueiros e outras arvores fructiferas. Além d'isso ha poucas casas que não tenham poços, mas não para beber, porque a agua d'elles não é boa, excepto a de alguns. Só servem as aguas d'estes poços para banhar e lavar o corpo, fazer a cosinha, barrelas e outros usos, pois ali até os homens e mulheres mestiças lavam as partes reconditas, depois de fazerem as suas necessidades, assim como fazem os indios. Ha tambem alguns tanques e reservatorios mui bellos, e fabricados de pedra.

«Mas emquanto á agua, que ordinariamente se bebe assim na cidade, como nos arrabaldes, a melhor e a mais saudavel e leve é aquella que se vae buscar a um quarto de legua da cidade, onde ha uma grande fonte de agua bella e clara, chamada *banguenim*, que vem dos rochedos. Os portuguezes rodeiaram-n'a de muros, e a encanaram mui bem, e mais abaixo ha grandes reservatorios para se banhar e lavar o corpo. De sorte que o caminho é mui trilhado e frequentado, apesar de ser penoso, porque é mister subir e descer tres e quatro grandes montanhas. Não se vê outra coisa senão gente que vae e vem a esta agua, e mesmo ás dez horas da noite vão em magotes com suas armas, em camisa e calções a lavar-se ali.

«Vende-se esta agua pela cidade; os escravos a levam a toda a parte em grandes cantaros de barro, cada um dos quaes contêm dois potes, e vendem o cantaro a cinco bazarucos, que é quasi seis dinheiros. Pôem-se com os seus cantaros em certas encruzilhadas e não andam apregoando pela rua. Fazem ajuste com seus senhores sobre quanto lhe devem dar por dia, além do sustento, que tiram do seu trabalho, salvo nos dias de festa e domingos, qne os senhores lhes dão de comer, e quando estão doentes. Este mesmo estylo guardam os escravos em todos os outros misteres. Os portuguezes teriam feito uma boa obra, se fizessem vir as aguas d'esta fonte á cidade por aqueductos e canos, mas dizem que isto assim os enriquece e occupa os seus escravos; e que os estrangeiros se lograriam d'esta boa agua, sem lhes custar coisa alguma, porque ha ali mais estrangeiros que habitantes naturaes, e por estas razões não teem querido fazer conduzir aquella agua para a cidade. Ha outra fonte junto a S. Domingos, muito boa, e que vem de uma montanha onde ha uma bella egreja chamada de Nossa Senhora do Monte. Além d'esta ha outras aguas ao redor da cidade, que muitas vezes fazem passar por agua de Banguenim. Quanto a lavagem da roupa faz-se ali com maravilhosa perfeição, e mesmo assim custa muito pouco. Toda a roupa é de algodão mui fino e de longa duração e é tambem mui saudavel, como eu proprio experimentei durante dez annos que d'ella usei. Os *mainatos* lavam mui bem, e ensaboam uma camisa e um par de calções por dois bazarucos, e ainda trazem aquellas peças mui bem e engraçadamente dobradas e pregadas, porque as dobram e pregam quando molhadas, e só depois as deixam enxugar, de sorte que estas dobras e prégas lhe duram longo tempo, e fica parecendo a roupa adamascada e fabricada com aquelles feitios. Usam d'esta roupa assim para a cama e para vestir, como camisas, bacalhaus, lenços de assoar e outras coisas. A maior parte da gente muda de roupa todos os dias. Uma excellente camisa não cus-

ta mais que uma tanga ou sete soldos e meio. D'estes pannos de algodão vem a Gôa uma quantidade maravilhosa.

«Os gentios só bebem agua dos poços de suas casas, se elles proprios a não vão buscar a outra parte, porque temem que se lhes lance alguma coisa na agua que hão de beber. Bebem por taças de cobre, feitas em fórma de pequenas panellas, e lhe não tocam nunca com a bocca quando bebem, o que os portuguezes e outros christãos da India observam tambem. Alli todos bebem só agua, assim homens como mulheres, rapazes e raparigas. É grande deshonra entre elles beber vinho, e se o fizessem lhes seria lançado em rosto como grande injuria. As mulheres nunca o bebem; mas os homens de qualidade bebem um até dois copos ao jantar e ceia, mas sempre pouco e sem agua. Este vinho vem de Portugal; mas os que não teem meios bebem só vinho de passa. O de Portugal vale a quarenta soldos a canada. E o melhor vinho de passa não vale mais que vinte e cinco basarucos, ou seis brancos, e é bom e forte. O de Portugal é um pouco acido, quando chega a Goa. O outro vinho, que chamam Orraca, não vale mais de dez basarucos, e é ordinariamente usado pela gente de baixa condição e pelos escravos que com elle se embriagam frequentemente, e approxima-se da agua-ardente.

«Bebem agua em vasos feitos do mais bello e fino barro, que vêr-se póde, e n'elles se faz extremamente boa e fresca. Estes vasos são esmaltados e ornados com mil sortes de figuras, animaes e flôres de côr negra e vermelha, e são tão finos e delicados como vidro; e cada vaso tem a sua tampa. Os de que ordinariamente se servem são em fórma de garrafas de vidro, á excepção de terem a bocca mais larga e o fundo do gargalo mais estreito. Ha uma especie de vasos de barro mui delicados, todos furados de pequenos buracos symetricos, e tendo dentro pedrinhas que não pódem sahir, e servem para limpar o vaso. Chamam-lhe *gorgoleta*, e d'ella só sahe a agua a pouco e pouco e ainda que a voltem de bocca para baixo, não cahe

nem uma gotta. Zombam dos que não sabem beber por estes vasos, como nos acontecia a nós, mas não julgo muito bom este modo de beber, porque causa ventosidades, e por isso ha muitos portuguezes que o não usam. Copos de vidro só têem os que lhe vão de cá ou da Persia, mas são muito baços, por isso não os teem em grande estimação, e ainda porque tem porcellanas da China em muito boa conta.

«Mas tornando á ilha e cidade de Goa, é ella empório e desembarcadouro de toda a India, e maravilhosamente bem povoada, porque além dos estrangeiros, que alli abundam continuadamente, ha portuguezes que são os senhores d'ella, mestiços, indios christãos e grande numero de outros indios infieis, mahometanos ou gentios banianes de Cambaya, canarins de Goa, bramanes ou outros similhantes, e fazem grande trafico e mercancia, e d'estes ha muitos ricos com oitenta e cem mil escudos de seu, e são os que trazem as rendas reaes de toda a sorte de mercadorias, e nada se póde vender sem o consentimento d'estes rendeiros. Cada uma das classes d'esta gente tem suas ruas apartadas, e n'ellas suas tendas ou boticas para cada sorte de negocio, porque os portuguezes não exercem alguma arte mechanica por mais que seja a sua necessidade; e se dizem fidalgos e vivem á lei da nobreza, e em tudo traficam no que bem lhes parece, e só elles teem faculdade de menear e ter armas, o que não é permittido aos indios, senão aos christãos.

«Os homens de qualidade portuguezes não andam senão a cavallo, e teem grande numero de cavallos que veem da Persia e da Arabia, os quaes são bonitos e bons, e similham aos de Hespanha, salvo serem mais pequenos. Estes cavallos são amansados por picadores mui destros, que veem das terras de Dealcão. Os arreios d'estes cavallos veem de Bengala, da China e da Persia, e todos são bordados de seda, adornados de ouro e prata e perolas finas. Os estribos são de prata dourada, as redeas cravejadas de

pedras preciosas e ornadas de campainhas de prata. Quando não andam a cavallo são conduzidos em liteira ou palanquim. Quando vão pelas ruas, vão acompanhados de pagens a pé, lacaios e moços em grande numero, os quaes levam armas e vestem a libré da casa. Nunca sahem estes homens sem levarem um escravo com um grande guarda-sol, a que chamam sombreiro, que lhes tapa a cabeça; e aquelles que não teem posses para ter escravos, levam elles mesmos o tal sombreiro.

«As mulheres de qualidade tambem não sahem senão sentadas e conduzidas dentro de um palanquim, que é uma especie de liteira levada por quatro escravos, coberta de pannos de seda ou de couro, e são acompanhadas de muitos escravos, todos mui bem vestidos, de pannos de seda, porque a seda é alli tão commum, que todos os creados se vestem d'ella; as damas e pessoas qualificadas mais querem usar algum tecido d'estes paizes da Europa, do que trajar sedas.

«Só os portuguezes pódem ser providos em officios e beneficios. Os mercadores e artifices são todos indios, e teem as suas boticas pagando tributo a el-rei, assim das mercadorias como das boticas.

«De tres em tres annos el-rei envia um vice-rei, o qual nunca entra sem o seu predecessor ter sahido, e este se retira a uma casa destinada a esse effeito. Sendo retirado, entra o novo com grande magnificencia e triumpho; levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á egreja cathedral, e cada officio e classe de mercadores fazem o seu em competencia uns com os outros. E' acompanhado de todo o clero, nobreza, povo, mercadores e artifices até ao seu palacio, com muitas salvas de artilheria, fogos de alegria e outros apparatos.

«O vice-rei é alli obedecido como o proprio rei, e tem a mesma auctoridade, podendo conceder graças ou condemnar á morte, excepto aos nobres, a quem chamam fidalgos, porque estes, appelando em causa crime ou civel

são mandados a Portugal presos com ferros aos pés. Vi em Gôa um soldado, que tendo sido condemnado á morte por um homicidio, quando era levado ao supplicio, a um quarto de legua da cidade, acertou por sua boa fortuna de ser encontrado pelo filho do vice-rei, que já era provido na capitania de Ormuz, posto que então tivesse de edade dez ou doze annos, o qual averiguado o caso, e lançando-se-lhe aos pés o padecente a pedir graça, perguntou ao seu aio, se podia ir pedir isto a seu pae, sem o enfadar, e sendo-lhe respondido que sim, foi logo sem demora ao palacio fazer humilde supplica de graça a seu pae, que lh'a outorgou, com tanto que não fosse coisa que tocasse ao Estado e serviço de el-rei, e tendo o vice rei sabido, o que na verdade era, foi mui ledo de vêr o bom natural de seu filho, e todos os que professavam armas lhe deram muitos agradecimentos, com o que ficou livre o pobre condemnado.

O vice-rei não se familiarisa com pessoa alguma, nem vae a festas ou banquetes; sae raras vezes, salvo nos principaes dias festivos, ou em outros que lhe apraz. Na vespera do dia em que elle ha de sahir anda-se tocando tambor e trombeta pela cidade, para advertir a fidalguia que se junte vestida de gala e a cavallo defronte do palacio; e cheguei a ver alli algumas vezes trezentas e quatrocentas pessoas. Estes fidalgos vão soberbamente trajados, e seus cavallos acobertados de oiro, prata, brocados, perolas e pedras preciosas. Quando cada um d'elles chega, apeia-se e entrega o cavallo a seus moços da estribeira, que todos são mouros, isto é, mahometanos de Belaguate ou Decan, e não os que tratam dos cavallos. Estes homens adestram mui bem um cavallo, e não o temem por mais bravo e manhoso que seja, e assim o montam em osso, picam-n'o e despedem-n'o a toda a brida, sem nunca cahirem. Os seus cavallos são os mais gordos e luzidos que é possivel, e para os domar e pôr mais seguros chegam-lhes tambores cheios de muitas campainhas, á similhança de nossos tam-

bores biscainhos, e para os fazer correr a galope atam-lhes pequenos balotes nas juntas das pernas. Nunca vi cavallos tão velozes como aquelles; veem pela maior parte da Persia, e tambem da Arabia. e estes são estimados por melhores. Comem pouco, e dão-lhe feno, mas mais ordinariamente erva verde; e tambem lhes dão um certo grão que se assimilha a lentilhas. Tratam os cavallos com tanto resguardo, que, quando estão na estrebaria, os cobrem inteiramente, e até lhes põem uma especie de colchão para se deitarem; e dão-lhes de beber á manjedoura, e prendem-nos pelos pés posteriores para se não ferirem com couces.

«Mas tornando aos senhores e fidalgos portuguezes, quando se apeiam aquelles moços da estribeira recebem os cavallos, dos quaes teem grande cuidado, trazendo sempre cada um d'elles o seu espanejador formado tambem de cauda de cavallo, com cabo de pau, para enxotar as moscas, um panno, uma esponja molhada e um pente n'um sacco para limpar a espuma e suor do cavallo, burnil-o e dar-lhe lustro quando é preciso. Usam belios telizes de velludo encarnado, a maior parte d'elles com franjas e bordaduras; os mais ricos e estimados são de escarlate, e servem para cobrir os cavallos quando os senhores se apeiam, porque, estando montados, não põem telizes, nem quando andam pela cidade usam botas ou esporas. Os loros são de seda e as fivellas e outras guarnições de prata. A cauda do cavallo é atada e coberta de um rabicho formado de anneis e argolas de oiro e prata, adornadas de perolas e pedras preciosas. Além d'estes cavallos mandam mui ordinariamente ir comsigo uma liteira ou palanquim; e sempre, ou vão a pé ou a cavallo, o seu sombreiro ou guarda-sol, assim quando faz calor, como quando chove. E mesmo quando vão a pé fazem levar apoz sí o seu cavallo, palanquim e pagens até o numero de dez ou doze.

«Estes pagens não são nobres, mas moços vindos de Portugal, que ainda não teem forças para pegar em armas.

Andam todos vestidos de seda, de libré e côres de seus amos, trazem capas, e só servem para acompanhar e fazer os seus recados, e não acompanham com outros servidores. Além d'estes pagens teem seis ou sete grandes cafres de Moçambique, qne trazem capa e espada, e lhes servem de lacaios. Trajam de modo diverso dos pagens, mas todavia das côres da casa, e os trazem para sua segurança, porque estes cafres mais depressa morreriam, do que deixarem fazer o menor mal a seu senhor, pois são mui animosos e de noite trazem outras armas, como piques e alabardas; chamam-lhes peões ou cafres. Os pagens portuguezes nunca vão atraz de seu amo por mais senhor que seja, e se vão é a cavallo, como entre nós fazem os gentis-homens apoz os principes e senhores. O vice-rei, que no meu tempo havia em Gôa, quando sahia, seu filho não ia com elle, mas atraz uns duzentos ou trezentos passos com seus fidalgos e servidores, e ordinariamente os de maior qualidade, que querem agradar ao vice-rei, acompanham-lhe os filhos, e os outros vão com elle.

(Continúa).

Leval Pyrard.

NO CÉU

Conto geographico e cosmographico

(A CAMILLO FLAMMARION)

Em uma noite de primavera, o rosto da Lua tomou, de repente, um ar de estupefacção profunda.

Nos observatorios soube-se, depressa, a razão d'isso.

Era um cometa que se approximava com uma velocidade de 225 milhas por hora. Não tardou que estivesse muito perto da Terra, mas sem afrouxar a marcha. A Lua julgou, por um instante, que havia bastante espaço entre ella e a Terra para o viajante passar, com a sua longa cauda; mas a Lua nunca soube calcular bem.

O cometa chegou, como um navio a todo o vapor. Na prôa vinha o capitão, um rustico de aspecto brutal e cruel. Trazia um alforge ás costas, e, nos pés. um par de botas muito grossas que lhe ficavam ás mil maravilhas.

O capitão que commandava o cometa, era, falando em linguagem maritima, o proprio corpo ou casco do navio; a cauda do cometa, presa simplesmente ás abas do casaco, desenrolava-se atraz d'elle, com 75 milhões de milhas, tres pés e 8 pollegadas de comprimento. Fui eu mesmo que a medi, n'esse tempo.

A cabeça do capitão estava coberta com um barrete de pelles que lhe abrigava as orelhas do frio; porque, n'aquellas regiões situadas a duzentas ou trezentas milhas da Terra, o thermometro está, quasi sempre, muito abaixo de zero.

O nariz do gigante austral veio bater no solo da Terra a uns cem metros de Tombuctu.

Uma grande parte das descobertas maravilhosas feitas pelo senhor Stanley, por conta do *Hérald*, foram logo feitas em estilhas, e uma quantidade consideravel de areia do deserto Africano perdeu-se no espaço celeste em consequencia d'esse abalo espantoso.

A pobre Lua não poude conter um grito de susto. Fez-se mais pallida do que o que costuma estar, e desmaiou... Imaginem o seu horror, quando recuperou os sentidos, vendo a sua veneravel mãe, a Terra, feita em pedaços informes, atravez dos quaes o monstro celeste, o cometa e o seu genio destruidor, continuava a sua marcha implacavel, por entre as ruinas, como se nada tivesse succedido!

Para a propria Lua era uma catastrophe horrorosa.

A Terra, não obstante estar longe de ser o maíor, não deixa, por isso, de ser um dos planetas mais completos e perfeitos. A delicadeza do trabalho que a distingue é um facto universalmente conhecido entre os astros que compõem o systema solar, e a distribuição artistica de todas as suas partes é objecto, ha milhares de annos, da inveja de muitos rivaes menos favorecidos pelo Esculptor Supremo.

Ora, como todos sabem, este planeta tão perfeito nunca teve senão uma filha, uma lua. Nenhuma outra lua vagabunda diligenciou, nunca, obrigar a Terra a adoptal-a, ameaçando a segurança da Lua na sua posição de filha unica. E, de facto, o zelo com que ella cumpre os seus deveres de satellite, a pouctualidade com que executa os seus eclipses, teem sido sempre um motivo de admiração universal entre as suas collegas.

Esta posição, tão invejavel, fôra roubada á pobresita, em consequencia da catastrophe horrivel que succedera a sua mãe, a Terra. A Lua estava orphã.

Ella derramou uma lagrima pela sorte da Terra. E, como a Rachel da Biblia, não queria ser consolada.

Entretanto, o sinistro capitão que commandava o Cometa, parou, de repente. Pareceu-lhe que acontecera «alguma cousa.»

Voltou a cabeça, com um gesto machinal, e, vendo os destroços do Globo terrestre, sentiu como que uma especie de remorso. Aquelle genio de aspecto assustador tinha bom coração. A sua obra impressionou-o. Pobre Terra! Nunca pensara causar-lhe tanto mal! E' verdade que não tivera cuidado algum em evitar o accidente! Não devia prevêr que a sua correria doida havia de prejudicar algum planeta? Mas, quem havia de imaginar que o seu encontro com a Terra causaria semelhante ruina?

Cheio de compaixão, resolveu reparar — tanto quanto estava ao seu alcance — o prejuizo que causara a um collega do espaço celeste:

Como já disse, o genio do cometa trazia um alforge ás costas. Quando viu a Terra despedaçada, poz o alforge no chão — isto é um modo de dizer — abriu-o, e tirou de um pequeno arsenal de campanha tudo o que um soldado ou um marinheiro, no mar alto, precisam para fazerem um concerto urgente no fato, ou nas velas do navio — isto é, linha encerada e uma agulha.

Em seguida, e ainda do mesmo alforge, tirou uma cadeira de molas (privilegio de Nova-York: — Paris, — Londres, — Vienna), sentou-se n'ella, á vontade, e, depois de commodamente installado, preparou-se para coser o que descosera tão deploravelmente.

Apanhou destramente, nm por um, com o geito especial das pessoas da sua arte, os bocados dispersos que fluctuavam suavemente no ether dos mundos.

O genio, com uma habilidade notavel, reuniu, primeiro,

todos os destroços da Terra. Depois, começou a coser com ardor, puxando a agulha rapidamente. Os astronomos do observatorio de Paris, do de Greenwich e do de Washington, talvez tomassem aquelle alfayate improvisado pelo Deus da machina de costura.

A Asia foi a primeira que elle concertou; em seguida foi a vez da Africa e da America.

A Lua, entretanto, enxugava os olhos, e serenava, a pouco e pouco. Imaginem o seu pasmo quando descobriu o trabalho de *cerzir* emprehendido generosamente pelo auctor do rasgão!

Mas, quando o espanto da orphã redobrou foi quando o genio do cometa, tirando do alforge um pucaro com grude e um pincel, começou a ligar umas ás outras as porções de territorio, já approximadas pela linha celeste. Pelas faces da Lua correu uma lagrima — mas uma lagrima de alegria.

O globo da Terra recuperava a sua forma, a pouco e pouco, sob a mão habil do capitão.

Terminada a operação, o genio tirou do alforge um grande pedaço de lona, e envolveu n'ella a Terra.

Depois, atando á cintura um avental de pintor scenographo, traçou, com grandes pinceladas, os limites geographicos e os accidentes do territorio, escrevendo os nomes dos paizes, os dos rios, das montanhas e das divisões politicas.

O pintor trabalhava com ligeireza, porque tinha pressa, de certo; de maneira que Brooklyn [1] ficou tão grande como a China inteira. A Africa foi reduzida ás proporções de Broodway [2] e Londres ás de Sing-Sing. [3]

O artista fazia o que sabia; mas a Lua, que o seguia com a vista, pensou que talvez elle tivesse alguma entrevista

---

[1] Grande bairro de Nova-York.
[2] Rua principal de Nova-York.
[3] Prisão de Nova-York.

amorosa. E, apesar de surprehendida com aquelles erros crassos, não poude reprimir um sentimento de indulgencia, causado por essa supposição.

Por isso, quando viu o pincel do artista celeste inscrever Chicago na Australia, esboçou um sorrisosinho malicioso. Uma ultima pincelada fez da Irlanda um paiz dez vezes maior do que o Estado do Ohio, o que humilhou um pouco a Lua, cheia de boas disposições naturaes a favor da America.

Concluido o trabalho, o genio limpou o pincel, atou o sacco, afastou graciosamente, com o pé, a sua longa cauda, e continuou a marcha interrompida.

A Lua comprehendeu então o segredo dos erros commettidos pelo artista:

Elle não aprendera geographia!

MORAL

Meninos, aprendam geographia. E, se alguma vez vierem a ser cometas no azul do espaço, ou se, pelo menos, lhes derem um cometa para guardar e dirigir, tenham cuidado em não esbarrar, no caminho, com algum planeta.

Evitem a Terra, sobre tudo, porque lhes custaria muito reparar os estragos que fizessem.

Jehan SOUDAN.

A SEGUNDA VIDA DE MIGUEL TEISSIER

V

(Continuação)

Algumas semanas se passaram, monótonas. A paizagem mudou: agora, com o outomno, brumas ligeiras fluctuavam sobre o lago, mesmo nos dias mais formosos; rastejavam neblinas pelos flancos dos montes, subiam no ar, peneiravam a luz adoçada; os ceus empallideciam: por vezes, nas manhãs, toda a paizagem era afogada em alvores confusos, emquanto que, ás horas do poente, côres scintillantes, ouros, purpuras, violetas, corriam, corriam nos horisontes incendiados. As folhas principiavam a amarellecer, e, nos prados, as vaccas vindas das montanhas pastavam a herva rara, que os lyrios do campo estrellavam. Já se não viam rhododendrons nem edelweiss nos chapeus dos *touristes*, que a neve expulsava dos cimos altos; mas as margens do lago eram mais frequentadas, mais vivas, mais alegres ainda do que nos dias de verão.

Emquanto os estrangeiros, em alegre villegiatura, se divertiam ou atordoavam em ruidosos bandos, os Teissier conservavam-se isolados, na sua casita côr de rosa, no seu jardim escondido onde deslisavam entre os macissos d'arvores os vestidos de lucto das duas orphãs ou os fatos escuros de Branca, emquanto Miguel, fechado no seu gabinete, continuava com ardor a sua *Historia do segundo im-*

perio. O seu trabalho cada vez o interessava menos; por isso, abandonava-o a todo o instante, deixando entregar-se o pensamento ás suas preoccupações domesticas. Estas estavam, por assim dizer, fixas na immobilidade; com effeito, não observava mudança alguma, nem nas attitudes nem nos sentimentos dos entes que se agrupavam em seu redor. O tempo, de ordinario, attenua o que ha de anguloso e de violento em certas situações excepcionaes; mas Teissier, com a sua natureza inquieta, não queria esperar, e irritava-se com aquelle *statu quo* que, pensava elle, promettia prolongar-se indefinidamente, envenenando a vida de todos elles. De resto, consciente da sua falta de geito em materia tão delicada, impotente para desempenhar um papel util n'aquelle conflicto entre tres almas de mulheres, fazia poucos esforços para intervir entre ellas, e deixava Branca, mais tranquilla, mais senhora de si mesma, mais fina tambem e mais habil, supportar todo o peso da lucta.

Logo desde o primeiro dia, Branca fizera comsigo mesma uma resenha muito exacta da extranha situação em que se encontrava: tratava-sé, para ella, de se fazer acceita, em sua propria casa, no seu proprio lar, pelas duas inimigas que o acaso ali installava; era necessario levantal-as do odio, ou pelo menos da desconfiança, á estima, á benevolencia, á sympathia. Nem um momento, ella teve a idéa de se revoltar contra essa pesada tarefa: acceitou-a de vez, com todos os sacrificios de bem-estar e de amor proprio que lhe eram inherentes, e dedicou-se a executal-a com extrema delicadeza, n'um esquecimento completo de si mesma. Quem a visse tranquillamente activa, entregue de modo pacifico aos seus cuidados de dona de casa, sem uma nuvem na fronte, sem uma turvação nos seus olhos limpidos, não poderia suspeitar que toda a sua intelligencia, todo o seu coração e toda a sua vontade estavam continuamente tendidas, n'um esforço unico, ao qual se referiam os seus actos mais insignificantes na apparencia. As duas meninas mesmo não podiam perceber até que ponto ella se lhes con-

sagrava, pois não lhes dava mostras de o fazer e nada exigia em troca. Annie, comtudo, com a sua bondade natural, a sua candida confiança, a sua falta completa d'egoismo, comprehendia-a ou, antes, adivinhava-a algumas vezes; e, com certeza, teria manifestado, em breve, impulsos de boa vontade, de benevolencia, tatvez de sympathia, se não tivesse receiado affligir Lourença. Esta, pelo seu lado, parecia vigiar a irmã, como se tivesse querido prevenir-lhe as fraquezas; e Annie receiava tanto mais melindral-a, quanto a creança, reservada e desagradavel para todos os mais, se abria muitas vezes, excepcionalmente, com ella, em transportes de ternura, quasi de paixão. que a impressionavam e commoviam infinitamente. Comtudo, nas suas conversas intimas, censuravam com frequencia uma á outra a sua attitude respectiva; e a monotonia da sua existencia deixava-lhes todo o vagar preciso para profundarem a sua inextricavel situação.

Com effeito, os seus dias pareciam-se todos entre si; porém que de cousas n'aquella uniformidade! Cada um parecia absorvido pelas suas occupações particulares: Miguel trabalhava, ou fazia menção d'isso; Lourença estudava o seu piano, com uma applicação irritada, enchendo a casa, durante horas, com a bulha exasperante dos seus exercicios; Annie lia no seu quarto ou, algumas vezes, occupava-se dos assumptos de casa com Branca, de quem se approximava um instante. Sob a paz apparente das horas, que voavam assim, sob a regularidade dos habitos, dormiam angustias, rancores, desconfianças que o esforço comprimia, mas que, á menor occasião, ameaçavam estoirar. Era preciso, para manter uma harmonia apparente, a graça medianeira d'Annie, sempre occupada em reprimir as violencias de sua irmã, e sobretudo a paciencia de Branca, que proseguia no seu plano de conciliação com uma energia tranquilla e uma passividade persistente onde havia heroismo. Agora, a sua tactica consistia em ceder a Lourença, sem nunca parecer que o fazia: deixava-lhe todo o logar,

dirigia-lhe raras vezes a palavra, mas sempre com uma firmeza que, ao passo que era irritante para a pequena, a obrigava a responder polidamente ; retirou-se, a pouco e pouco, dos passeios que ao principio tinham tentado dar em commum, isolada cada vez mais, tocada nos pontos mais sensiveis do seu coração, ciosa algumas vezes, ciosa d'aquellas duas creanças que lhe tomavam o marido, sem ao menos o amarem, porque tinham direitos sobre elle, porque elle tinha deveres para com ellas.

Dentro em breve tinham feito todas as excursões classicas, que se podem fazer partindo de Montreux. Recomeçaram-as; e a sua partida mais frequente, porque o movimento, o vaevem, a multidão, os *touristes*, a mudança de scenario, distrahiam o espirito movel de Lourença, foi o de tomar logar em um dos numerosos barcos que fazem serviço no lago, seguir ao longo da margem suissa, e desembarcar finalmente n'ella, para almoçarem. Quando o passeio devia durar todo o dia, Branca acompanhava-os: e, no vapor. do mesmo modo que em casa, isolava-se, na contemplação da paizagem ou em alguma leitura. De tempo a tempo, Miguel approximava-se d'ella affectuosamente, ou Annie dirigia-lhe a palavra. Emquanto a Lourença, a quem enthusiasmava o movimento de que habitualmente a privavam o papel que ella a si mesma impunha e o seu eterno piano, corria no convez, observava os passageiros, e trazia a sua irmã ou a seu pae observações infantis e maliciosas. Por instantes, reapparecia o seu riso d'outr'ora. Porém Miguel, que se lembrava da alegre creança que ella tinha sido, não lhe encontrava já a franqueza d'outr'ora. Quando era pequena, ria para rir, por nada, como se todas as impressões que n'ella se esboçavam a estivessem abrindo; agora, não era nunca senão de alguma palavra ridicula ouvida de passagem, da figura ou dos trajos grotescos de algum desconhecido; e o seu riso tomava muitas vezes um sentido aspero e malévolo.

Ora, em uma d'essas excursões, Lourença voltou do seu

primeiro gyro de exploração pelo vapor, bastante commovida e abalada, exclamando:

— Annie, Annie, está ali uma pessoa d'Annecy!...

Annie estava conversando com Branca, que sorriu. Interrompeu-se:

— Quem é? perguntou com a sua voz tranquilla.

— Adivinha!

— Como queres tu que eu adivinhe?

— Então?...

Lourença inclinou-se para ella, como para lhe dizer um nome ao ouvido. Mas n'esse mesmo momento apparecia o elegante perfil do moço Amé de Saint-Brun. Vestia fato de viagem, e trazia uma flôr ao peito; approximou-se das duas meninas, com o seu chapeu de palha na mão. Depois de as ter cumprimentado cerimoniosamente, contou-lhes, não sem alguma perturbação, que vinha de Zermatt, d'onde a neve prematura o havia expulso, e que voltava a Ánnecy; começava a informar-se d'ellas, quando Miguel se approximou.

Annie, immediatamente, fez as apresentações:

— O senhor Saint-Brun, nosso conhecido d'Annecy... Meu pae.

Em seguida, apoz uma curta hesitação, designando Branca com o olhar:

— Madame Teissier...

Miguel repetiu immediatamente o nome do apresentado:

— Senhor de Saint-Brun... Creio que é filho do meu successor na Camara!...

— Sim, senhor Teissier.

— Ah! muito bem, muito bem!... Acompanho com muito interesse a actividade do senhor seu pae... Porque, continúo a interessar-me pela politica, embora esteja retirado d'ella... Não lhe direi que approvo tudo quanto elle faz...; mas é um homem de coração, e isso é o essencial...

Amé inclinou-se, murmurando:

— Meu pae tem convicções muito arreigadas, ás quaes obedece.

Lourença, que ardia em desejos de falar de Annecy, agitava-se vendo o geito que a conversa tomava. Tanto mais que a sineta do vapor annunciava Ouchy, que n'esse dia era o alvo do passeio:

— Já Ouchy! disse Miguel.

Depois, como Branca se levantava, e se approximava da ponte de desembarque, accrescentou:

— Não sei se o senhor leva muita pressa? É que no caso contrario, podia dar-nos o prazer de se demorar aqui, até á passagem do outro vapor, e almoçar comnosco?

Depois de uma breve hesitação, Saint-Brun acceitou.

Lourença exclamou:

— Isso é que se chama ser amavel!

Annie parecia contemplar, com indifferença, a costa de Saboya, muito vaporosa, ao longe.

Desembarcaram. Dirigiram-se lentamente para o grande hotel construido sobre a praia. E foi uma hora deliciosa, de uma animação, de um movimento desusado. Lourença alegrava-se, informando-se das pessoas e das cousas, como se as tivesse deixado havia muito tempo.

Amé respondia a todas as suas perguntas, um pouco distrahido, comtudo, e pressuroso em voltar-se para Annie, quando ella interrompia com qualquer observação a tagarellice de sua irmã. Emquanto a Miguel, que havia muito tempo não conversava senão com os seus, esse escutava com vivo interesse aquella voz extranha cujas palavras eram como que a voz de um mundo desapparecido; e, esforçando-se por deixar falar e animar-se a sua filha mais nova, não podia deixar, de quando em quando, de perguntar pelos assumptos que mais o interessavam.

— O que se conjectura ácerca das eleições do anno proximo? perguntou elle de repente. Acredita-se que haja alteração importante na distribuição das assembléas?

— Creio que a esse respeito nada se sabe precisamente,

respondeu Amé. Meu pae diz que, d'aqui até lá, devem passar-se cousas graves. Mas estão sempre a annunciar essas cousas graves, e felizmente nunca chegam!... Além de que, devo confessar-lhe, senhor Teissier, que me não occupo nada de politica. Consagro-me inteiramente aos meus estudos de medicina, que desejo terminar o mais depressa possivel.

Branca notou que, falando assim, elle procurava os olhos d'Annie. Não era a primeira vez: repetidamente já, os olhares d'ambos se tinham encontrado, para se afastarem logo. E Annie transfigurava-se: uma especie de alegria interna irradiava nos seus olhos como uma chamma suave; tinha movimentos inesperados, de uma graça commedida, mais attrahente ainda do que a que lhe era habitual; a sua voz tomava um encanto indefinivel, que dava um sentido profundo ás suas raras palavras. Branca, a quem essa transformação impressionou, poz-se a observal-a mais attentamente: viu-a mudar de côr por differentes vezes, como sob um fluxo de commoções secretas; notou a especie de fervor que emanava d'ella, sem que conseguisse reprimil-o inteiramente embora se esforçasse por conservar o seu modo habitual; viu-a entristecer quando, tendo passado a hora breve, foi preciso dirigirem-se a passos vagarosos, para o caes onde deviam separar-se; notou que, durante o curto trajecto, Amé se approximou de Annie e pareceu procurar isolal-a dos outros por um instante. Estava a ponto de conseguil-o, graças a uma habil manobra de Lourença, quando Miguel, que os precedia de tres passos, se voltou bruscamente para elle, dizendo:

— A proposito, senhor de Saint-Brun, conhece o meu amigo Mondet?

Amé respondeu com o tom precipitado que se toma, quando se quer occultar um pensamento meio surprehendido:

— Perfeitamente. Foi meu mestre de latim. Encontro-o algumas vezes.

— Pois bem, se o vir, faz-nos muita fineza recordando-lhe a promessa que elle nos fez de uma visita.

— Creia, sr. Teissier, que me não esquecerei.

— E diga-lhe que o lago de Genebra é muito bonito. Ha de crêr que elle nunca o percorreu em volta? Morando-se em Annecy, chega a ser vergonhoso!

Miguel encontrava-se ao lado de Amé, a quem sem reparar n'isso, havia separado de sua filha.

No caes, formavam apenas um grupo compacto, e o vapor onde Amé havia d'ir e que era o primeiro a partir, diminuia já o andamento, para atracar.

— Como o tempo passou depressa! disse Lourença.

Branca observou ainda que no momento do adeus Amé estava pallido, e Annie tremia; e, um pouco depois, surprehendeu, emquanto a estouvada Lourença agitava sem descanço o lenço, o olhar vago com que Annie, immovel, hypnotisada sobre o tombadilho, seguia o vapor que diminuia de segundo para segundo e se fundia em breve na paizagem vaporosa.

— Ha muito tempo que conhece M. de Saint-Brun? perguntou ella á menina, a meia voz.

Annie pareceu accordar de um sonho:

— Muito tempo? respondeu ella. Ah! sim!...

Branca queria interrogal-a mais, porém Miguel metteu-se de permeio:

— É encantador este rapaz, disse elle dirigindo-se a sua mulher, simples, franco, muito bem!... O pae d'elle é um fidalgote velho, muito cheio de preconceitos, que não seria capaz de inventar a polvora... Homem sério, em todo o caso, e que não é mais estupido que qualquer outro, desempenhando muito convenientemente o seu papel n'esta pobre camara... Porque estão longe de serem uns luminares, os nossos deputados d'hoje... Ha dez annos, fazia-se e valia-se alguma cousa mais do que isto... Tinhamos um ideal, um fim; sabiamos o que queriamos. Agora...

Continuou remexendo assim as preoccupações que tinha

despertado a conversa de ha pouco. Mas ninguem o escutava.

— Lá chega o nosso vapor, disse Lourença.

Annie estava tão pallida, que Branca lhe perguntou:

— Que tem? Sente alguma cousa?...

Annie respondeu em voz tremula, com grande esforço para se conservar socegada:

— Estou um pouco fatigada... Naturalmente, este ar é muito vivo...

Então, Branca pensou:

— Amam-se!

E o seu coração confrangeu-se angustiado, como se presentisse claramente que pairava sobre elles todos um perigo novo.

Tres dias depois, á hora do correio, Lourença trazia alegremente uma carta á irmã.

— Annie, uma carta para ti, uma carta d'Annecy... Vê lá, depressa, de quem ella é... Has de lêr-m'a, sim?

— Não conheço a letra, disse Annie.

Aberto o sobrescripto, procurou a assignatura, e fez-se extremamente pallida.

— Então? insistiu Lourença.

Annie balbuciou, quasi supplicante:

— Mais tarde te direi... Espera... Deixa-me um momento... Preciso vêr, primeiro...

— Ah! se tens mysterios, isso é outra cousa!... disse Lourença, retirando-se um pouco picada.

Annie, no meio da maior confusão, lia:

«... O meu coração dizia-me que o tinham adivinhado: havia muitos dias já, que eu vagueava sobre o lago, em redor de Montreux, onde sabia que V. estava, animado pela esperança unica de encontral-a. Tinham-me indicado a casa de seu pae; passei e tornei a passar deante da porta, tantas vezes quantas me pareceu poder fazel-o sem acordar suspeitas, e apenas duas vezes a entrevi, sem que V. me

visse. Desesperava de encontral-a, de ouvir a sua voz. Vi-a, e não pude dizer-lhe nada, e, comtudo, teria dado a minha vida por um minuto de conversa, a sós. Mas, ter-m'o-hia V. consentido? Permittir-me-hia jámais, que eu a amasse?

V. não sabe, não póde saber o que é para mim, desde a primeira vez que a vi, desde a primeira palavra que me disse, que já esqueceu, sem duvida, — desde que penso e desde que sinto, emfim... Tenho a minha vida encadeiada á sua; se me conhecesse um pouco melhor, se eu pudesse contar-lhe a minha historia de filho unico, creado e educado sósinho, muitas vezes doente, animado por uma mãe excessivamente terna, depois orphão, atirado para os lyceus, desbocado no meio dos outros e vivendo em meio de sonhos mais do que na realidade, — só então lhe seria possivel comprehender como V. é tudo para mim, que he ide amal-a sempre, mesmo se fôr repellido, e havia de perdoar-me o eu escrever-lhe, como faço n'este momento, com o risco de lhe ser desagradavel ou de a fazer zangar.

«Mas que outra cousa podia eu fazer? V. está em Montreux, e não sei se ficará ahi. Eu estou em Annecy, e devo ir para Paris dentro de poucas semanas. Como hei de vêl-a? Como hei de falar-lhe? Entre nós ambos não ha nenhum laço, V. talvez não torne mais a vêr os nossos poucos amigos communs; não sei onde, nem quando, nem em que terreno nos poderiamos encontrar. O mais simples e o mais curto, bem sei que seria ter pedido a meu pae que escrevesse ao pae de V. a pedir-lhe licença para eu a vêr. Mas conheço as idéas de meu pae: ainda não conclui os meus estudos, tenho apenas vinte e dois annos, e elle repete-me muitas vezes, que eu sou ainda uma creança: encolhia os hombros. Ser-me-hia preciso, por conseguinte, esperar um anno ou dois, sem nada saber de V., em risco de perdel-a... Não posso supportar essa idéa! .. E depois seu pae tem pouca sympathia pelo meu, tive essa impressão no modo como me falou d'elle, e sei que esse sentimento

é reciproco. Por este lado teriamos, pois, algumas difficuldades a vencer. Como seria mais facil, se estivessemos de accordo!...

«V. bem vê: foi-me forçoso fazer o que fiz. Mais uma vez, peço-lhe que me perdôe havel-o feito: não sei o que seria de mim, se sentisse que lhe tinha desagradado: amo-a, quero fazer o impossivel para merecel-a. E peço lhe que me diga, por uma palavra, se me permitte que eu lhe consagre os meus pensamentos.»

O que Amé não dizia, n'esta carta, eram as palavras de seu pae, quando elle lhe contou o encontro que tivera, e n'um tom que se esforçava por parecer indifferente:

—É pena que essas meninas tenham perdído a mãe; foram cahir em bem tristes mãos.

Pela sua vida anterior, Annie estava extremamente costumada a reflectir para ignorar o seu proprio sentimento; mas, até então, esse sentimento não tinha sido mais do que uma especie de meio sonho. A presença de Amé de Saint-Brun enchia-a de uma perturbação deliciosa; quando o tinha tornado a vêr, a sua alma como que se precipitara para elle; e quando elle tinha partido, n'aquelle vapor que se desvanecia a pouco e pouco, ao longe, na paizagem, a idéa de que talvez não mais o tornasse a ver atravessara-lhe o espirito, com uma angustia suprema; depois socegara, e já não evocava a imagem d'aquelle rapaz senão como uma figura de sonho, apenas real, em todo o caso fugitiva, e intangivel. Porém, sentindo-se amada, o seu amor, repentinamente, exaltou-se. Acreditou na felicidade, entreviu-a; e, atravez da distancia, atravez dos obstaculos, deu todo o seu coração ao ausente.

—Então, a carta? tornou a perguntar-lhe Lourença, á noite.

—Peço-te, respondeu ella, que me não fales n'isso... Não posso dizer-te nada, agora... Mais tarde, quando puder...

Estava tão perturbada, que Lourença, adivinhando que se tratava de qualquer cousa grave, beijou-a sem insistir, e murmurou com muita ternura:

— Quando quizeres, querida... Quando tiveres necessidade de mim... Mas não tenhamos segredos de mais uma para a outra: estamos sósinhas, devemos ter confiança e amarmo'nos!...

No dia seguinte, depois de uma noite passada a consultar comsigo mesma o que tinha a fazer, atemorisada por ter de tomar uma resolução, e não podendo comtudo pedir conselho a ninguem, com a cabeça esvaida, quasi doente, Annie deitava no correio o seguinte bilhete:

«Não me atrevo a escrever-lhe. No emtanto é preciso que V. saiba que, depois da sua partida, meu pae falou a seu respeito em termos muito sympathicos. N'este momento agita elle a questão de nos levar no inverno para Paris. Se ahi nos formos estabelecer, e se V. nos fôr visitar, estou persuadida que elle o receberá muito bem. Pela nossa parte, minha irmã e eu, teriamos muito prazer em tornar a vêl-o, pois ficámos com muito boas recordações de todos os nossos amigos d'Ánnecy.»

E depois de se ter violentado, para escrever n'estes termos, dizia comsigo:

«Meu Deus! permitti que elle comprehenda!...

Teissier, effectivamente, pensava em sahir de Montreux, e falava em tomar casa em Paris: ou porque cedesse mais uma vez á sua necessidade de mudar de logar, ou porque contasse com essa deslocação para melhorar a situação commum. Uma circumstancia fortuita apressou a sua decisão.

Havia sete annos que Branca tinha ao seu serviço uma creada de quarto, italiana, que ella tomara da primeira viagem que, com o marido, tinha feito a Florença, á qual era muito affeiçoada, e que lhe era muito dedicada tambem.

Docil e passiva, Candida tinha os habitos um pouco familiares dos creados do seu paiz: era preciso dizer-se-lhe: «obrigado,» e «se faz favor,» e de quando em quando uma palavra carinhosa; em troca do quê, punha no seu serviço, muito respeitoso, um bocado de exaltação e de enthusiasmo.

Ora, no dia seguinte ao da chegada de Lourença, Candida, a quem ella pedira que lhe desse um ponto no vestido, lembrou se de dizer, emquanto estava cosendo, e volvendo uns olhares muito expressivos, sem nenhuma razão especial, e só porque Branca lhe acabara de dizer uma amabilidade, de passagem:

— Oh! menina, se soubesse como a minha senhora é bôa, se soubesse!...

Lourença fez um movimento, que fez quebrar a linha, e respondeu bruscamente:

— Cale-se!

E, logo que o vestido foi acabado de coser, afastou-se sem uma palavra de agradecimento, e com um olhar irritado, que deixou Candida espantada.

A partir d'esse incidente, as hostilidades ficaram abertas entre a creada de quarto e Lourença, aquella desconfiada e rancorosa, esta sempre prompta a fazer sentir á creada o odio que a ama lhe inspirava. O serviço tornou-se muito complicado. Vinte vezes por dia, se ouvia a pequenina voz, bastante azeda, de Lourença, chamando: — Candida! Candida!...

E eram reprehensões continuas. Por mais que a pequena se esforçasse por andar bem, a todo o momento ouvia ralhos, soffria humilhações, mortificavam-lhe como que por gosto o seu bom coração um pouco demonstrativo. Queixava-se a Branca, na sua linguagem, que a mistura de palavras italianas, fortemente accentuadas, tornava muito expressiva!

— A menina Annie, um *angiolo*... mas a outra, a *sorella*... essa é um *demonio*, um *vero demonio!*...

Branca, ferida no seu amor da justiça, mais ainda do que

no seu amor proprio, pela crueldade de Lourença para com uma creatura paciente e boa, que não podia defender-se, tentou protegel-a. Por duas ou tres vezes, interveiu discretamente, collocando com habilidade uma palavra de elogio a Candida, recordando os seus longos serviços, a sua dedicação. Um dia, dizia ella:

— Nós não a tratamos exactamente como a uma creada; é verdade... Mas é porque a sua dedicação para comnosco está muito provada já... Ha sete annos que nos acompanha, para toda a parte...

Lourença repetiu:

— Sete annos... Ah!...

E n'estas palavras, inoffensivas, punha uma intenção tão evidentemente má, que Branca empallideceu, encarou-a de face, e fel-a baixar os olhos:

— Em todo o caso, declarou ella com firmeza, eu desejo que a não maltratem, não havendo razão para o fazer.

Dois ou tres dias depois, Candida vinha declarar-lhe, chorando, que não podia continuar mais ao serviço da casa, e explicava, no meio das suas lagrimas, que se tratava de uma questão de roupa, e que Lourença a havia expressamente accusado de lhe ter tirado tres lenços bordados. Branca não consentiu que ella se despedisse e consolou-a. Mas, ao mesmo tempo, comprehendeu que as impertinencias e rabinices de Lourença visavam a melindral-a e a incommodal-a a ella, e que era preciso pôr-lhes fim: resignou-se, portanto, a pedir a Miguel, que ralhasse com a filha.

Foi um momento penoso.

Lourença, ás primeiras palavras de seu pae, concentrou-se em si mesma, n'uma attitude de desafio. Elle, por sua parte, embaraçado, hesitante, procurava as palavras, esforçando-se por lhes attenuar os effeitos, por meio de generalidades:

— É preciso sermos sempre indulgentes para os inferiores... Sobretudo, deve-se evitar feril-os: elles teem

coração como nós temos, pois não é verdade? e amor proprio tambem... Candida é uma excellente rapariga .. É possivel que a tenhamos amimado mais do que o preciso... Mas, bem comprehendes, é tão bom sentir um bocadinho de affeição n'aquelles que nos servem.

— É uma necessidade que eu não tenho, disse Lourença, com a sua voz má. Nem toda a gente comprehende as cousas da mesma maneira.

— Mas eu... eu comprehendo-as assim, replicou Miguel com um principio de irritação. Tu és uma creança, ignoras muitas cousas, e receio muito que faças uma opinião muito excessiva do teu entendimento. Se tivesses a fazer a Candida alguma censura séria, isso então seria differente. Mas não se trata d'isso. Por conseguinte, deixa de atormental-a com accusações absurdas.

Lourença tinha a arte de dar ás suas menores palavras um sentido inteiramente diverso do que ellas pareciam dizer:

— É preciso que eu lhe vá pedir desculpa? perguntou ella.

Esta pergunta, e sobretudo o tom de submissão ironica de sua filha, desconcertaram Miguel, que respondeu, um pouco desgeitosamente:

— Não, não. Ella não deseja tanto... O que é bom é que tu não recomeces...

— E' generosa, interrompeu Lourença. Póde sel-o. Já sabe que está servindo n'uma casa onde as creadas de quarto teem mais direitos do que as meninas da familia.

E dizendo isto, levantou-se, com um movimento de rainha ultrajada, e sahiu sem que Miguel, estupefacto, pudesse encontrar aquillo que deveria ter respondido.

— E' preciso tiral-as d'aqui, é preciso distrahil-as, dizia elle a Branca, um pouco mais tarde. Este sitio isolado não lhes convêm. E depois, que haviamos de fazer d'ellas, n'estas terras cosmopolitas onde se não póde passar mais que

uma estação? E' forçoso que nos decidamos a installar-nos fixamente, em qualquer parte. Demais a mais, ha muito tempo que tu o desejas... Mas onde?

Onde, era justamente o ponto difficil. O mundo é grande; mas elles não sabiam que parcella escolher. Effectivamente, porque havia de ser um logar de preferencia a qualquer outro, quando em nenhuma parte tinham deveres? Em todas as localidades pequenas haviam de encontrar os mesmos aborrecimentos que em Montreux, e haviam de soffrer do mesmo isolamento, a menos que não procurassem a sociedade movediça dos extrangeiros de passagem. Entre as capitaes, Londres ou Roma, a certos respeitos, ter-lhes-hiam convindo: mas, para viverem na Inglaterra, teria sido preciso que refizessem uma outra educação, uma outra alma; emquanto a Roma, não podiam pensar n'ella senão como um logar de passagem. Em toda a parte se é extrangeiro, menos no paiz em que se nasceu, cuja lingua se fala, e do qual, desde a infancia, se viveu a vida: bem o sabiam, havia oito annos que vagueavam de logar em logar, sem se prenderem a nenhum.

— No fim de contas, perguntou Miguel, um dia que discutiam a questão, porque não ha de ser Paris?

E esta idéa, uma vez que a exprimiu, apoderou-se d'elle, não o deixou mais, transformando-se a pouco e pouco em um ardente desejo, em uma necessidade irresistivel. Raciocinou, para provar a si mesmo que tinha passado muito tempo desde a sua aventura, que ella já estava esquecida, que poderiam á sua vontade isolar-se em Paris, como em qualquer outra parte, ou reatar relações antigas. Branca resistia, timidamente, sem poder apoiar a sua opposição em nenhum bom argumento, mas instinctivamente advertida de perigos desconhecidos. Ainda que Miguel o não confessasse por emquanto, ella já presentia que pensava em retomar a sua vida, uma vida pelo menos, e tremia, sem saber porquê, pois a abdicação completa em que elle tinha consentido outr'ora lhe parecia ainda o resgate

da sua falta commum, a garantia da sua fragil felicidade, agora mais incerta do que nunca.

Dissiparam-se-lhe todas as duvidas quando elle lhe disse:

— ...De mais aproxima-se o momento em que posso publicar o primeiro volume da minha *Historia*. Vae ser necessaria a minha presença em Paris, durante um tempo bastante longo, para a revisão das provas, para o lançamento da obra...

Branca sentiu então que o seu destino os impellia, e não resistiu mais.

Por sua parte, Branca tinha uma outra preoccupação que, desde a morte de Suzanna, não a abandonara. A' falta de uma fé religiosa bem precisa, que ella não conhecia, tinha tido sempre uma grande necessidade de correcção. A irregularidade da sua posição feria cruelmente n'ella esse sentimento, que fazia parte integrante da sua natureza moral. A sua união parecia-lhe incompleta emquanto a Egreja se recusasse a sanccional-a, menos por causa do caracter divino d'essa sancção do que por causa do seu caracter social. Nunca duvidara que não fosse esse exactamente o modo de pensar de Miguel, embora nunca tivessem tocado em semelhante assumpto; admirava-se simplesmente de que elle o não abordasse, agora que uma solução parecia possivel. Admirava-se tanto mais quanto, todas as noites, depois das duas meninas se terem retirado, Miguel levava a conversação para projectos de futuro, que elles debatiam juntos: partida, estabelecimento proximo, vida nova emfim. N'essas conversas elle affirmava uma intensidade de desejo sempre crescente: precisava os seus planos, suppunha consequencias muito affastadas da decisão que estavam a ponto de tomar, abandonava-se a calculos, que pareciam ás vezes sonhos acordados.

Foi assim que um dia lhe succedeu tocar precisamente o ponto de que Branca se preoccupava sem ousar dizer-lh'o. Falava da sua reentrada no mundo, dos antigos amigos que tornariam a vêr em breve, analysava o estado de

espirito em que elle suppunha estarem a seu respeito algumas pessoas de quem lhes podia importar a opinião.

— Talvez, disse elle repentinamente, seja preciso resolverm'o-nos a um casamento religioso.

Ella encarou-o, admirada d'aquelle tom de indifferença.

— Talvez?... perguntou.

Elle entendeu a especie de censura que tremia na sua voz:

— Sentes verdadeiramente a necessidade d'isso? tornon a interrogal-a. Então, ella confessou:

— Eu preferia.

Teissier pareceu ficar admirado:

— Ah!... Sem duvida, se o tivessemos podido fazer desde logo... teria sido melhor... Mas agora?... Era bem aborrecido...

— Sim, disse ella, seria custoso. Comtudo...

Não concluiu; Miguel tornou-se profundamente sério:

— Emfim, concluiu elle, se o desejas muito... Mas isso é uma questão a examinar... É necessario a gente pôr uma certa harmonia entre os actos e as opiniões; se temos de reentrar na vida, o que decidirmos a esse respeito toma uma grande importancia: todo o cuidado é pouco para evitar um passo em falso.

Branca não insistiu mais, melindrada n'um sentimento que ella não saberia bem definir. Mas sentiu o coração confranger-se-lhe n'aquella apprehensão dolorosa, que a atormentava havia algum tempo.

(Continua).

Édouard ROD.

NEMROD & COMPANHIA

I

No pateo de entrada do palacio senhorial de La Chevrolière, o *mail* de Selim Nuno esperava os convidados do dono da casa afim de cònduzil-os ao *rendez-vous* de caça. Os guardas e os batedores tinham ido adeante, levando os cães e as espingardas dos caçadores. Era no dia 1.º de setembro, dia da abertura, e o sol espalhava raios de chammás no céu radioso. Acabava de dar meio dia no grande relogio collocado no campanario que encima o pavilhão do centro. As portas do vestibulo foram abertas pelos lacaios de libré preta, e, no alto da escada de pedra, appareceram os hospedes de Selim. Duas mulheres; uma, M.elle Nuno, muito simples, loura, de olhos escuros, bocca séria, ar meigo; a outra, M.me del Peral, de vestido curto, botas de couro amarello, chapéu de feltro ornado com pennas de gallinholla, encantadora, com os seus cabellos pretos enrolados em monete, os seus olhos de arabe e os seus labios vermelhos; e nove homens, todos pertencendo ao numero dos grandes atiradores parisienses. Eram, o principe de Faucigny, brilhante orador da direita, o advogado Burat, o bello Gastão de Francfort, sobrinho de Selim e marido da riquis-

sima e unica herdeira do americano Samuel Flauston, o barão Trésorier, o conde de Brucken, e os tres permanentes da casa: La Brède, du Tremblay, e o rei do tiro aos pombos, o celebre Jayme de Termont. Nuno, enorme no seu fato claro, apresentando umas barrigas de pernas monstruosas, fez signal ao *mail* para avançar, e voltando-se para a filha:

— Então, não vens comnosco?

— Não, meu pae. Talvez vá lá ter á merenda.

— Vae no carrinho de palha... Nós paramos na Cruz de pedra: é á sombra, n'um logar encantador...

Aproximou-se de Esther e, em tom supplicante:

— Devias vir por causa da condessa... Bem vês que, sósinha no meio de tantos homens...

— Ella não se importa, vae andar todo o dia a caçar, ao seu lado, disse a filha de Nuno brandamente.

— Pois sim, mas davas-me gosto com isso...

— Bem, meu pae: irei.

— És uma boa pequena! disse Nuno com enthusiasmo. Agarrou-a pela cintura, beijou-a ternamente e, voltando para junto dos convidados:

— Condessa, partamos! disse elle.

A bonita morena arqueou o fino busto, deu duas leves pancadas na saia do vestido, bateu com o salto ferrado no degrau de pedra e disse:

— Quando quizer.

— Suba primeiro, meu caro conde, visto que quer ter a bondade de conduzir-nos.

Desdobraram-se as escadas de ferro. O conde Huberto de Brucken, bonito rapaz, alto, córado, de barba loura, subiu ligeiramente para o *mail*, estendeu a mão á deliciosa caçadora, installou-a a seu lado, no logar d'honra, e pegou nas quadruplas guias das parelhas. Os caçadores tinham-se accommodado nos bancos do tejadilho, os lacaios subiram para os logares trazeiros; o cocheiro inglez de Selim, que devia trazer a carruagem para casa, entrou para dentro

d'ella, o tuba fez ouvir a sua fanfarra, e o pesado vehiculo. puxado pelos quatro cavallos, descreveu em torno do parque um semi-circulo irreprehensivel, passou a grade de ferro e internou-se na grande alameda. Esther, ao cimo da escada, seguiu-o um instante com a vista, depois desceu vagarosamente para o jardim á franceza que se estendia por detraz do castello.

Agora que estava só, annuveava-lhe o rosto uma sombra de melancolia. Caminhava de cabeça baixa, batendo levemente com a ponteira da sombrinha nas hastes de buxo que orlavam a alameda. Quem a visse assim não imaginaria que tinha na sua presença a unica filha, querida e amimada, do riquissimo Nuno. E a rasão d'isto era que, no meio do grande luxo de que seu pae a rodeava, não se sentia feliz. Esther, depois de sua mãe fallecer, havia dez annos, continuara a viver no palacio paterno. Para a educar e instruir, o financeiro escolhera uma excellente creatura que lhe fôra recommendada pela princeza de Stolberg, e que se chamava M.elle Faverger. Nuno tivera grande difficuldade em conseguir que a protegida da princeza entrasse em sua casa. Era catholica e não gostava de ir viver com uma familia judia. Mas Esther era tão graciosa e Selim instou de tal maneira que M.elle Faverger cedera. Para uma mulher dotada de menos tacto e menos rectidão do que a professora, a situação não deixaria de ser perigosa. Não havia nada mais facil do que apoderar-se d'aquelle espirito juvenil e communicar-lhe as suas crenças. Esther affeiçoara-se a M.elle Faverger desde o primeiro dia, e fizera com que ella tambem se lhe affeiçoasse. A orphã, de luto por sua mãe, creou amisade áquella bondosa e meiga rapariga, que chorava quando a via chorar. Estabelecera-se logo entre ambas completa communhão de idéas e de sentimentos. O espirito de Esther abrira-se ao mesmo tempo que o coração, e, em troca da instrucção que recebia de M.elle Faverger, dedicava a esta mais solido affecto. Um unico assumpto fôra sempre evitado pela professora, deante da disci-

pula: era o da religião. No emtanto, Esther, um dia dissera á governante:

— Mademoiselle, porque é que, antes de me levar ao templo, vae á egreja sósinha?

— Minha filha, respondeu M.elle Faverger, é porque eu sou catholica e a menina é judia.

— Então o seu Deus não é o meu?

— É, sim, minha filha. Não ha senão um Deus, e aquelle a quem eu rezo é o mesmo a quem a menina faz as suas orações.

— N'esse caso porque me não leva á egreja comsigo em vez de me fazer ir rezar a outra parte?

Perante esta logica da infancia, a pobre rapariga ficara um momento embaraçada, e não encontrando no espirito nenhum argumento para satisfazer a sua discipula, procurara-o no coração.

— A religião que a menina segue, dissera ella, é a de sua mãe. Já vê que tem de respeital-a. Ensina-lhe, do mesmo modo que a minha, a ser boa e generosa. Todos os cultos são excellentes quando se lhes observa fielmente as prescripções, e ha pouca differença entre elles. Fundam-se todos na moral, ensinam a odiar o mal e a amar o bem; e, quer seja judia, quer seja christã, se a menina fôr terna, obediente e respeitosa, esteja certa de que vae para o céu.

— Visto isso, seguindo a minha religião, perguntara a creança, tornarei a vêr a mamã e não me separo de Mademoiselle?

— Com certeza, minha querida.

— Bem, é só isso que desejo.

M.elle Faverger, muito commovida por esta affectuosa e ingenua declaração, abraçou Esther, e a filha de Nuno nunca mais fez outra tentativa para recomeçar esta conversa. Excessivamente intelligente para se contentar com a explicação que lhe dera a governante, sentia que a sua insistencia podia dar origem a alguma difficuldade. Era a primeira vez que M.elle Faverger não respondia claramente a uma per-

gunta e manifestava embaraço. O que occultava essa obscuridade? O que revelava esse embaraço? A creança não queria sabel-o. Bastava que a governante desse mostras de contrariedade, para ella afastar immediatamente o assumpto que devia causar-lh'a.

Emquanto Esther foi creança, a sua existencia decorreu simples e facil junto de M.elle Faverger. Habitavam ambas uma ala do palacio da avenida Friedland. Tinham os seus creados, as suas carruagens, tudo independente de Nuno. Até aos dezeseis annos, a filha do banqueiro nunca tomou parte, de fórma alguma, na existencia de seu pae. Todas as manhãs ia vêl-o ao seu gabinete, antes de elle ir para o escriptorio. Nuno pagava-lhe essa visita todas as tardes antes de jantar, durante um espaço de tempo que variava entre dez minutos e uma hora. Sentava-se na sala de Esther, conversava com ella e com a governante, informava-se dos seus desejos e das suas necessidades, interrogava-a ácerca dos seus estudos e do que ella notara durante o seu passeio quotidiano.

Sentava a filha nos joelhos e dizia-lhe meiguices com a sua voz aspera, pois nunca pudera corrigir a rude accentuação portugueza. Os momentos que esse terrivel especulador passava junto da filha, eram os melhores da sua vida. Tomava ahi um banho de serenidade, de doçura e de innocencia. Lavava-se das impurezas da sua vida de negocios. Despojava-se das ambições, dos cuidados, dos receios, e tornava-se um homem honrado e um bom pae. Esquecia o mundo da bolsa e dos prazeres, as pessoas que elle roubara pela manhã e as meretrizes que iam roubal-o á noute. Os que estavam costumados a vêr-lhe o rosto sombrio e impassivel, não o conheceriam se o vissem rindo e brincando no meio das caricias da filha.

Nuno era cheio de attenções para com M.elle Faverger, em primeiro logar porque lhe reconhecia o merito, e em segundo, por ella ser a favorita de Esther. Não tinha a censurar á governante senão uma cousa: o seu horror á

carruagem e o seu gosto pelos passeios a pé. Censuravalh'os todos os dias; mas sempre sem resultado. A disputa começava geralmente assim:

— Bem, então hoje foram outra vez enlamear os pés?...

— Viu-nos, meu pae?...

— Vi, cerca das tres horas, á esquina da rua Quatro de Setembro e da rua de Richelieu, quando ia a sahir da Bolsa... O que estavam fazendo ali, de braço dado?

— Íamos á rua do Banco, comprar seda para um bordado, dizia a governante.

— Á rua do Banco! Não podiam escrever ao logista?... O homem trazia-lhe aqui a loja inteira, se quizessem.

— De certo, mas era necessario um pretexto para o passeio de Esther, e tanto fazia ser esse como outro.

— Porque se não metteram no *coupé*, com um tempo d'estes?

— Mas, se não chovia... E depois, é preciso andar... Esta menina está a crescer, precisa ar e exercicio... A carruagem não serve para nada.

— Os cavallos que estão á sua disposição nunca sahem. morrem de gordura.

— Ha bastantes cocheiros para irem passeal-os...

— A senhora não é rasoavel! Contraria-me saber que a minha filha anda na rua com todo o tempo... Que differença ha então entre ella e a filha do porteiro?

— Com respeito a saude, nenhuma, felizmente! Mas se o senhor me ordena que não torne a sahir senão de trem, conformar-me-hei com a sua vontade.

— Bem sei! Mas não é isso que eu quero... Gostava que comprehendesse... Emfim, faça o que lhe aprouver.

A disputa quasi sempre terminava d'esta maneira. Com este modo de vida hygienico, Esther nunca apanhara uma constipação e estava alta e forte. Esta portugueza, filha de pae e mãe trigueiros como a noute, era loura. Nuno dizia ás vezes:

— Como foi que te arranjaste para seres tão branca com

ascendentes tão escuros? Ora! o diamante, afinal, tambem é carvão.

Esther viveu exclusivamente com M.elle Faverger e ignorou tudo o que era baixeza e corrupção. Sabia que seu pae era banqueiro e que em casa havia um luxo extraordinario. Mas, como era que elle ganhava dinheiro? Isso era para ella um problema cuja solução se conservava mysteriosa. Ouvia falar muitas vezes na Bolsa e comprehendia que era um logar onde se negociava. Mas em que especie de negocios? Vêr-se-hia sériamente embaraçada se tivesse de dizel-o. A existencia dissoluta de Nuno, muito frequentador da sociedade alegre, tambem era segredo para ella. Tendo enviuvado aos quarenta annos, o financeiro lamentara sinceramente a perda de sua mulher. Mas a corrente dos prazeres arrebatara-o, e cedera á paixão que lhe inspiravam as mulheres em evidencia. Tivera relações de grande espalhafato com a bella Fontenoy, que elle sustentara com magnificencia; depois abandonara-a por Clemencia Villa, cujos successos theatraes lhe lisongeavam a vaidade. Durante dez annos fôra um dos reis da galanteria parisiense. E, gordo, feio, vulgar, todos sabiam quanto esses caprichos lhe custavam. Mas nunca se arrependia de ter pago uma mulher por um preço muito elevado. Quando praticava uma loucura, n'essa mesma semana a Bolsa fazia-lhe recobrar o perdido. E este habito era tão conhecido que, todas as vezes que Nuno se deixava arrastar por um novo capricho, o mundo financeiro tremia.

Comtudo, por mais dominado que estivesse por uma das amantes, nunca alterara a regularidade apparente da sua vida de familia.

Continuara a ir antes de jantar á avenida Friedland, para estar alguns instantes com a filha. Tinham-o visto deixar Clemencia Villa, nos primeiros tempos da sua paixão, afim de ir a casa beijar Esther. De repente, aos cincoenta annos. depois de uma grande discussão com a formosa Mistress Olifaunt, poz de parte todas as loucuras e, como

sua filha já tinha dezoito annos, mostrou desejos de que ella dirigisse a casa. De um dia para o outro, Esther passou da tutella de M.elle Faverger para a auctoridade absoluta, e, sem embaraço, com uma graça facil e simples, tomou o logar que sua mãe deixara vasio. Para Selim foi como que um renascimento. Teve um momento de alegria extatica perante a metamorphose d'aquella creança em mulher. Sentiu-se satisfeito passando a noute em sua casa, e teve um verdadeiro triumpho quando apresentou Esther na sociedade, onde ella foi rapidamente notada. Unica herdeira de Nuno e encantadora, nem tanto era preciso para attrahir uma côrte de adoradores. Ella recebeu todos e não animou nenhum. Foi aos bailes porque seu pae gostava de vêl-a dançar. Recebeu os amigos de Selim, em pequenas reuniões e em grande gala, com perfeita affabilidade. E a todos pareceu provavel que o enthusiasmo de Nuno por sua filha fosse o mais vivo que elle sentira até ahi. Devorava-a com os olhos, achava-a elegante nos movimentos, com uma graça um pouco reservada que lhe dava ares aristocraticos. E pensava: «Nasceu princeza! Quem poderá ser digno d'ella?»

No espaço de seis mezes, apresentou-se uma duzia de pretendentes. Era a flôr da sociedade financeira. Havia condes, e até duques, com nomes de cidades allemãs, e cujos titulos haviam chegado recentemente de Roma. Eram bem parecidos e ricos. Todos foram repellidos, mas não desanimaram. Nuno respondera o mesmo a todos, que sua filha estava ainda muito nova. Por consequencia, havia tudo a esperar do futuro. No entretanto, Esther supportava as exigencias da sociedade, sem enthusiasmo, mas tambem sem enfado, e descançava das fadigas de um jantar ou de um baile, passeando a pé com M.elle Faverger. Noutes boas eram aquellas em que seu pae lhe dava o seu camarote na Opera ou nos Francezes, com autorisação para levar tambem a governante. Isto succedia quando Nuno era detido por algum serviço administrativo ou alguma recepção official.

Então a grave Esther tornava-se creança, mandava servir o jantar nos aposentos de M.elle Faverger e mostrava-se mais amavel do que quando recebia a flôr da sociedade parisiense. Em seguida, logo que acabavam de jantar, partiam ambas afim de nada perderem do espectaculo; e, durante toda a noute, eram attenções e cuidados ternos que commoviam a excellente mulher a ponto de lhe chegarem as lagrimas aos olhos.

Durante um anno, Esther reinara sem rival no coração de seu pae. Depois, Selim, tendo saboreado as primeiras delicias do seu lar restaurado, sentira apossar-se d'elle um novo capricho, mas muito diverso dos outros, e tanto mais serio quanto era certo que esse capricho nascera na sociedade onde elle levava sua filha. Em uma *soirée* em casa do embaixador de Portugal, Nuno encontrara, no fim do inverno, uma mulher encantadora, viuva de um addido de embaixada, rica, de boa familia, com excellente reputação, e que mostrara sympathisar mnito com Esther, sem parecer notar a impressão que causara no banqueiro. A condessa Manuela del Peral, artista, pintando agradavelmente, cantando de um modo arrebatador, cahira, logo á primeira vista, nas boas graças de Esther. Esta, que difficilmente creava relações, admittiu logo a viuva na sua intimidade. Facto ainda mais surprehendente: Manuela agradou a M.elle Faverger e conquistou a sua sympathia assim como conquistara a de Esther. Mostrou-se tão simples, tão alegre, quanto era preciso sel-o para agradar a M.elle Nuno. E, antes de ter notado que se achava ameaçada de invasão, a filha do banqueiro estava em poder do inimigo.

O desejo de ter uma companheira nova, a facilidade em falar a lingua materna, foi o que influiu na ligação de Esther com a bonita portugueza. Em Manuela dominava uma flexibilidade de caracter maravilhosa, uma animação inexgotavel e a vontade bem decidida de se installar em casa de Nuno.

Durante seis mezes, a amisade da viuva e M.elle Nuno não

foi alterada por accidente algum. A deliciosa Manuela ia todos os dias buscar Esther e levava-a aos passeios, aos bazares de caridade, ás exposições dos armazens. Foi o periodo da instrucção social de Esther. Descobriu ahi, na sociedade parisiense, tudo o que ignorava ainda, tudo o que a prudente M.elle Faverger lhe occultara. Com a sua viva intelligencia e uma faculdade de observação penetrante, comprehendeu logo de que compromissos moraes, de que corrupções elegantes, de que viciosas cobardias se compõe o decoro mundano. Viu que varias mulheres, de quem se citavam os amantes em voz alta, continuavam a ser recebidas, porque os maridos condescendentes ou cegos, as acompanhavam a toda a parte. Comprehendeu que os financeiros que roubam os accionistas, não são perseguidos senão quando cahem na asneira de se arruinarem ou quando não teem protectores poderosos. Soube que os ingenuos que contrahem dividas mesquinhas são derrotados, n'uma estação, apenas, e os que devem quantias enormes se sustentam firmes toda a vida. Notou que a mentira, a hypocrisia, a malvadez, são na batalha da vida, as peças da armadura usada pelo homem civilisado, e que o miseravel que se apresenta bom, leal, desinteressado, se assemelha a um naufrago cahindo no meio de tribus canibaes. Concebeu um desprezo de primeira ordem pela humanidade em geral, e concentrou-se em si mesma com prudencia, sentindo que a sua rectidão natural a expunha, se não a graves perigos, pelo menos a serios equivocos. Começou a olhar em torno com desconfiança, o que nunca fizera até ahi, e o primeiro fructo da sua experiencia pareceu-lhe muito amargo.

Havia quinze dias que se installara em Deauville, com seu pae, M.me del Peral e M.elle Faverger, na magnifica *villa* que Nuno possue á beira-mar, quando, um dia, voltando mais cedo do que esperavam, entrou no quarto da sua amiga, que ficara em casa com o pretexto de estar com enxaqueca. Manuela, que ella deixara extendida na *chaise-lon-*

gue, lendo com ares indolentes, o romance novo, já não se achava ahi. Esther, admirada, atravessou o quarto e dirigiu-se para o terraço, pensando que talvez Manuela tivesse ido respirar os ares do mar. O terraço estava vasio. Como parasse um instante antes de continuar as suas pesquizas, chamou-lhe a attenção um ruido de vozes em uma das salas proximas. Dirigiu-se para a porta envidraçada, que estava aberta, afastou um estore que fluctuava á entrada, e ficou immovel, estupefacta, avistando a sua amiga nos braços de seu pae. Manuela estava encostada ao fogão, e Selim agarrava-a pela cintura, sem que ella resistisse, chegando o rosto grosseiro e tisnado ás faces risonhas da viuva. Estavam ambos excessivamente occupados para se lembrarem de que Esther podia voltar uma hora mais cedo, procural-os e surprehendel-os. Pallida e agitada, a filha de Nuno deixou cahir o estore e voltou lentamente para o seu quarto. Era a sua primeira decepção e não devia ser a ultima.

M.me del Peral, entrando como conquistadora em casa de Selim, não se dera por satisfeita. A pouco e pouco, introduzira, apoz ella, os seus alliados. O mais importante era o conde Huberto de Brucken, neto do banqueiro Levi Simeão, que, no tempo de Luiz Filippe, havia sido, por instantes, o rei da finança. Feito conde por serviços prestados ao paiz, o velho banqueiro comprara as terras de Brucken, na Alsacia, e havia duas gerações que o nome de Simeão desapparecera. Huberto, grande caçador, bom conviva, muito entendido em cavallos, grangeara a estima de Nuno logo no primeira dia, dando-lhe conselhos uteis ácerca da sua cavallariça. Desde que tratava dos cavallos de corrida e dos *Jockeys* do financeiro, a jaleca amarella e violeta estava com sorte e triumphara em varias circumstancias importantes. Nuno, que tinha grande vaidade na sua cavallariça de corridas, e que sabia calcular, comprehendera que alguns premios totalisados diminuiriam com vantagem as despezas consideraveis que elle fazia com os garanhões e com as eguas de creação. Além d'isso, lisongeara-lhe extraordinariamente

o amor proprio vêr os seus cavallos vencedores. Era tão habitual as suas côres não apparecerem nunca no poste das chegadas, que, habilmente aconselhado por Huberto, ganhara quantias consideraveis apostando pelos seus *outsiders*.

Agora occupava os jornaes do *sport*, e os *bookmakers* desconfiavam quando viam o seu nome no programma. Com elle, havia sempre a recear uma surpreza.

Huberto, muito arruinado quando M.me del Peral lhe fizera travar conhecimento com Selim, devia ter aproveitado bastante com a sorte da cavallariça de Nuno. Mas não se sabia nada ácerca das suas operações. Procedia com mysterio e, se jogava, tinha homens ás suas ordens, de maneira que elle não apparecesse nunca. De trinta e cinco annos de edade, muito alto, córado como um inglez, com a barba em leque e uns hombros capazes de aguentarem um boi, era o que se chama um bello homem. Andara envolvido n'uma feia questão, alguns annos antes, no Petit-Cercle. Uma noute, os creados, arrumando a meza do quinze, tinham encontrado baralhos cujas figuras estavam marcadas com um signal imperceptivel: um ponto de gomma arabica collocado na figura, dava a conhecer as cartas, quando se lhes tocava. O *club*, informado, procedera a uma devassa. Foi preso um dos creados, e cinco ou seis membros do *club* foram alvo de fortes desconfianças, sem que se descobrisse nenhuma prova material contra elles. Huberto de Brucken pertencia a esse numero. Um principe italiano fizera saltar os miólos, passados seis mezes; um joven barão muito conhecido, expatriara-se. Emquanto a Huberto, batera-se duas vezes em duello com collegas que se haviam mostrado faltos de cordealidade. e ferira-os tão gravemente, que toda a frieza desapparecera das relações que mantinham com elle. É justo dizer que fôra energicamente defendido pelos amigos, que eram numerosos e bulhentos, e pelos parentes, que eram muito respeitaveis e dispunham de grande influencia. A sua situação mundana ficara, por

consequencia. intacta, e, se elle possuisse riqueza, todos se mostrariam penhorados com a sua sympathia.

Quando encontrara Nuno, estava a dar á costa. Seis mezes depois deitava-se outra vez á agua, e navegava, de vento em pópa. Mostrara-se muito attencioso para com Esther, logo no primeiro dia, e procedera com bastante tacto. Era uma familariedade respeitosa, uma especie de camaradagem delicada, sem ceremonia, e moderada, no emtanto, com perfeito bom gosto.

A filha de Nuno não o achava desagradavel, e, vendo seu pae tão encantado com elle, mostrara boa cara áquelle novo favorito. Mas, a datar do dia em que surprehendeu os laços que prendiam Nuno a Manuela, tudo o que a bonita portugueza recommendara e protegera, se lhe tornou suspeito, e o conde Huberto foi o primeiro notado.

Elle não mostrou reparar em tal e continuou a cercal-a de assiduidades, como se nada tivesse modificado os sentimentos que ella lhe manifestara. De mais, dir-se-hia que era uma tactica combinada com M.me del Peral, porque esta procedia para com Esther exactamente do mesmo modo que M. de Brucken. Era resolução tomada entre os dois, de certo. E esta egualdade de conducta, esta unidade de fins, esta cumplicidade na caça a um homem rico, lançavam côres tão sombrias sobre o caracter e os sentimentos de ambos, que se Esther tivesse bastante experiencia para avaliar as cousas e comprehender as pessoas, sentiria uma desconfiança muito mais grave.

Ao mesmo tempo que Brucken redobrava de attenções para com Selim, Manuela envolvia Esther n'uma ternura mais affectuosa. Para ella era fóra de duvida que uma indiscripção puzera a sua amiga ao facto das suas relações com Selim, mas fingia não perceber a mudança que se dera nas maneiras da filha d'este. Fez-se mais carinhosa, mais meiga, a ponto de Esther, não obstante as suas prevenções, ter difficuldade em resistir á seducção. Dir-se-hia que a bonita portugueza tomara a seu cargo dominar o pae e subjugar

a filha. Devia ter prevenido Selim da importante modificação dos sentimentos de Esther, porque, durante algumas semanas o banqueiro teve attitudes de cão espancado, que maguavam extraordinariamente sua filha. Parecia pedir perdão da tristeza que lhe causava e implorar indulgencia para as suas fraquezas. Beijava-a de um modo mais apaixonado e no qual Esther adivinhava remorsos, inquietações e um desejo immenso de conciliação. Quando Manuela estava em casa de Nuno, na preseça de sua filha, e esta respondia com frieza ás solicitudes da amiga, a magua do financeiro era tão visivel, que Esther compadecia-se d'elle, accusava-se de dureza e de maldade, e diligenceava tratar melhor a portugueza. Então o rosto de Selim illuminava-se; fitava a filha com um olhar cheio de gratidão; queria dizer-lhe: «Sim, estás descontente, e, se te mostras amavel, é só por minha causa; mas se soubesses como eu te agradeço e como te acho terna e meiga, minha querida filha!» Esther soltava um suspiro e, meio envergonhada pelas suas concessões, que achava miseraveis, meio satisfeita por ter dado alguma alegria a seu pae, a quem condemnava por ser tão fraco, ia para junto de M.elle Faverger, fortalecer-se no meio da innocencia tranquilla, sã e indulgente. Sim, indulgente, porque a boa mulher havia notado a inquietação da sua discipula, adivinhara-lhe as causas e um dia em que, n'um momento de abandono desolado, Esther lhe confiava os seus pesares, em vez de a impellir á revolta, aconselhara-a a supportar o transe com paciencia.

— Seu pae, minha filha, dissera ella, tem direito a que o respeite, sejam quaes forem as suas faltas, e procederia mal se o julgasse com severidade. Quanto melhor conhecer o mundo, mais certa ficará de que é preciso fechar os olhos aos excessos que não se pódem remediar. É um grande desgosto para si vêr a sua confiança trahida por uma pessoa a quem tinha amisade. Confesso que tambem me enganei com respeito a essa pessoa... Mas, no estado actual das cousas, o que póde a menina desejar?

Que seu pae regularise a situação e case com M.me del Peral?

A estas palavras, o rosto de Esther manifestou um embaraço extremo. Córou e desviou o olhar do de M.elle Faverger. Como se conservasse silenciosa, a governante accrescentou:

—Prefere então que as suas relações continuem assim?

—Para dizer a verdade, respondeu afinal Esther, com esforço, custar-me-hia muito vêr Manuela occupar, n'esta casa, o logar de minha mão... Sei que é muito immoral esta ligação continua, á minha vista, e, no emtanto, a idéa de ter de sujeitar-me á autoridade de M.me del Peral é-me tão insupportavel, que desejava não ter de escolher. Não é porque eu esteja resentida com Manuela. Se, antes de saber o que ella fez, alguem me tivesse falado no seu casamento com meu pae, essa idéa ser-me-hia egualmente penosa... Comtudo, a mademoiselle tem rasão, esta solução é a mais conveniente.

—Como se hão de encaminhar as cousas para esse fim?

—Só meu pae é que póde tomar uma decisão... O assumpto é excessivamente delicado para que a iniciativa parta de mim... Mas tenho a certeza de que elle não decide cousa alguma sem me consultar...

—Parece-lhe que seu pae já tenha formado esse projecto?

—Elle, não sei; agora ella, estou certa d'isso. É uma ambiciosa, e pouca fortuna lhe resta...

—Deixemos então os acontecimentos seguirem o seu rumo. Póde intervir quando se apresentar a occasião, e para bem de todos.

Os acontecimentos tinham seguido o seu curso natural, mas a situação não se modificara em cousa nenhuma. Depois da semana das corridas, Nuno, que tivera um exito especial com a sua cavallariça, partira para Paris e estivera uma semana pondo a limpo os negocios de sua casa.

Depois installara-se na Chevrolière, cuja caça era estreiada com algumas espingardas escolhidas. Aqui está por que razão Esther caminhava tristemente na alameda, orlada de buxo, do jardim á franceza. Ao longe resoavam tiros, de vez em quando, como se houvesse uma guerra em ponto pequeno. A filha de Nuno ouvia-os distrahidamente. Dirigia-se para o castello, quando se abriu uma janella do rez-do-chão, e appareceu M.elle Faverger.

— Então, Esther, disse ella, ouve a bulha que fazem os caçadores?... Seu pae deve estar contente, hoje... Parece que tudo corre ao gosto d'elle...

— Fica em casa, minha boa Faverger? disse Esther, sem responder ao que a governante lhe dizia.

— Não, desço já. Espere um momento... Vamos seguir o conselho de seu pae, dando uma volta no parque, do lado da planicie...

— Se isso lhe agrada... Mas sabe que eu não conheço bem os caminhos e os limites, ainda menos?...

— Não tem duvida! Se nos perdermos, pedimos a alguem que nos ensine...

— Ignora que temos visinhos muito mal dispostos para comnosco?...

— O que hão de elles dizer a duas mulheres? Dar-se-ha o caso de que esteja medrosa?

— Não. Vamos lá e tenha a bondade de trazer o meu chapéu, que está no quarto: eu vou á cocheira mandar pôr o carrinho de palha.

II

O castello de la Chevroliére, situado no districto do Sena e Marne, a oito leguas de Paris, a meia hora da estação de Lagny, entre Thorigny e Annet, é uma bella construcção do tempo de Luiz XIII, situada n'uma altura de onde domina as margens do Marne e as encostas de Lesche. Rodeia-o um parque de cem hectares, celebre pelas suas mattas

admiraveis, atravessado por largas ruas que vão todas ter a um largo ornado com uma mesa de granito e denominado «a encruzilhada do Monteiro-mór». Um ribeirinho, que desce de um lago occulto no meio dos bosques, atravessa a propriedade e vae desaguar no Marne, defronte de Chalifert. Dada por Carlos IX, depois do S. Bartholomeu, ao marquez Hervé de Pont-Croix, que se distinguira pelo seu zelo n'essa noute sangrenta, a propriedade de la Chevroliére ficou pertencendo desde essa época, á familia do terrivel matador de huguenotes. Derrubado a tiros de peça, saqueado pelos lansquenetes de Mayenna, depois de um combate com as tropas do Bearnez, durante o cerco de Paris, o castello foi reedificado segundo os planos de Jacques Debrosses, o celebre architecto que construiu o Luxemburgo. Pilhado durante a revolução, quando o marquez de Pont-Croix emigrou, conservava, no emtanto, bastantes vestigios do seu esplendor passado. Os fogões de marmore esculpido da sala d'honra e da sala de jantar, foram restaurados; as admiraveis almofadas das portas, representando caçadas, as quaes tinham sido golpeadas por sabres de selvagens, foram curadas d'esses ferimentos por mãos habeis. Os forros de madeira, meios queimados, os tectos esburacados pelas balas, foram concertados com intelligencia. Tal como se apresenta hoje, com a sua mobilia antiga cuidadosamente reconstituida, é uma das mais bellas residencias dos arredores de Paris.

Até 1887, a propriedade conservara-se na familia de Pont-Croix. O ultimo marquez, Clemente, fôra obrigado a desfazer-se d'ella em consequencia do krack da União, no qual se afundara a maior parte da sua riqueza. A liquidação desastrosa deixara o marquez á mercê dos compradores de bens e, para evitar um leilão judicial, que seria mais vantajoso, mas que repugnava ao seu orgulho, M. de Pont-Croix dera por um milhão e cem mil francos, pagos em dinheiro, o castello, o parque e quatrocentos e cincoenta hectares de terras e bosques, não reservando para si mais

do que uma porção infima d'aquella propriedade onde nascera, onde vivera e á qual tinha verdadeira affeição. Consistia essa porção n'uns quarenta hectares contiguos ao pavilhão do administrador; esse bocado de terra chamava-se a *Commenda* e extendia-se ao longo do Marne. Era uma especie de charneca, semeada de pequenos grupos de arvores, betulas e pinheiros. Uma erva amarellada, giestas e junco, era tudo o que crescia no terreno calcario, sempre quente e secco. Como cultura, era o peor sitio da propriedade; para caçar, era a melhor. O marquez Clemente conservara-o por esse motivo. O pavilhão, feito de tijolo com cadeias de pedra aos cantos, tinha bom aspecto, emmoldurado por um bosque de faias seculares. Era separado de la Chevrolière por uma estrada, e quasi que chegava á aldeia de Précigny. Uma residencia encantadora, simples, não exigindo nenhumas despezas e ao abrigo dos olhares curiosos; uma coelheira sempre abundantemente fornecida de caça, e o rio ao pé, com as suas margens cobertas de salgueiros, á sombra dos quaes estava o barco de pesca.

Era ahi que vivia o marquez, depois da sua ruina, longe da sociedade, amimado por uma velha serva que o creara e que cosinhava maravilhosamente, e servido por um unico creado, *factotum* precioso que sabia esfregar as casas, tratar dos cavallos, deitar as redes e, em caso de necessidade, matar uma lebre a tiro, quando o patrão não estava em casa e M.elle Constança resolvera fazer um pastelão para o jantar. Muito alegre, muito libertino, um pouco ladrão de caça, mas dedicado ao amo a ponto de morrer por elle, se fosse preciso, Celestino era o perfeito modelo do creado para todo o serviço, diligente e atrevido, o que, na classe civil, corresponde ao zuavo na militar. Passar de duzentas mil libras de rendimento a uns oitocentos francos por mez, ter por unico luxo os restos da sua elegancia passada, tal era a situação que, de um dia para o outro, o joven marquez de Pont-Croix tivera de affrontar. Resignara-se como

homem de espirito e de brio. Com o seu pequeno rendimento podia ter ficado em Paris, indo morar n'uma hospedaria e vivendo a existencia do gremio. Esta indigencia dourada repugnou-lhe. Deu a sua demissão do Jockey, da rua Royale e da União, preveniu com altivez os seus amigos de que ia enterrar-se nos arrabaldes e que os que quizessem visital-o seriam bem recebidos. Depois, levando os objectos necessarios para mobilar elegantemente a sua casinhola, e dois cavallos magnificos, um de sella e outro para o carro, installou-se na Commenda, com a cosinheira e o creado, resolvido a acceitar philosophicamente as cousas como ellas vinham.

Logo nos primeiros dias começara a viver de maneira que não morresse de aborrecimento n'aquelle deserto: tirara da mala um par de excellentes espingardas com as quaes matara mais pombos do que libras possuia de rendimento, e pozera-se a caçar desde pela manhã até á noute.

Sabia perfeitamente, quando ficara com os seus quarenta hectares, que estes encerravam toda a caça de la Chevrolière, a qual, attrahida pela terra secca e pelas giestas, tinha propensão para a Commenda. Quando chovia, todas as lebres iam acoutar-se em fileira sobre o cascalho e debaixo dos arbustos, nas moutas de espinhos negros; os faisões dirigiam-se para os vimeiros do lago Grande onde encontravam moscas em todo o tempo; e nos grandes tojaes havia sempre um ou dois cabritos montezes para caçar. E Clemente não os poupava, raras vezes falhava a caça, quer fosse de penna quer de pello.

Este caçador terrivel, que nunca entrava em casa com a bolsa vasia, não comia muita caça, e essa mesma que comia era para não desfeitear M.elle Constança, quando esta cosinhava algum guizado digno de um bispo ou elaborara algum pastel de folhado irreprehensivel. Com o que matava fornecia alimento á aldeia de Précigny, da qual a Commenda dependia, e fazia presentes aos rendeiros e aos proprietarios cujo terreno atravessava livremente. Além

d'isso, tinha a delicada attenção de fornecer peixe, todas as sextas feiras, ao cura do logar, pelo que o digno homem ficava muito reconhecido. A gente da terra, que conheciam M. de Pont-Croix desde creança, tratando-o com respeitosa familiaridade, por sr. Clemente, achava sympathica a pobreza d'aquelle fidalgo que vivia rusticamenle no meio d'elles. Tinham-se offerecido para o nomearem *maire* e com certeza que o fariam chegar ao Conselho geral. Mas Pont-Croix, que renunciara ás ambições mundanas, não desejava substituil-as por fainas eleitoraes. Nem ao menos era conselheiro municipal, e passava o tempo correndo pelos campos e pelos bosques, em companhia de Meta, uma formosa cadella branca e preta que não tinha rival n'um districto percorrido pelos melhores caçadores de França, ou pescando, no seu barco, conduzido pelo fiel Celestino que era unico em deitar a linha a uma carpa ou em descobrir os buracos onde se escondem os barbos.

Quando estava mau tempo ou quando se sentia fatigado pela vida ao ar livre, installava-se n'um *atelier* que arranjara no segundo andar do pavilhão, e pintava. Não se aborrecia. Acceitava convites para os castellos dos arredores, porque a desgraça não o azedara, e mostrava de bom grado o seu bello e gracioso rosto, crestado do sol e do vento. Para agradecer as amabilidades das donas de casa, levava-lhes ramos de orchideas, celebres em todo o districto, e que Celestino cultivava com arte especial, n'uma pequenina estufa; e, no primeiro dia do anno, enviava magnificos açafates de *bonbons* ás suas formosas e fieis amigas. Conservara da sua existencia passada o habito de não acceitar um obsequio sem que o retribuisse. E as suas pastilhas e os seus rebuçados eram recebidos com enternecimento porque se sabia como era raro, em casa d'elle, o dinheiro que essas futilidades tinham custado.

Ainda assim, conservava os seus ares de fidalgo, e quando passava pela estrada no *phaeton*, com o Celestino atraz, de libré, ninguem o tomaria por um pobre diabo. Tinha

trinta e tres annos; a sua estatura não era muito elevada, mas era bem proporcionada e esbelta. Apaixonado por todos os exercicios do corpo: grande esgrimista, sem rival na pella, notavel no polo, e remando ao sol, durante horas, sem praguejar, adquiria assim uns musculos de ferro. Durante dez annos dirigira todos os *cotillons* da alta sociedade, e todos se lembram ainda do baile de mascaras em casa da princeza de Faucigny, onde elle apparecera vestido de Romeo, com as suas armas bordadas na coxa esquerda do calção de malha cinzenta, o corpo apertado n'um gibão de veludo de Genova côr de rosa murcha, uma cabelleira loura fluctuando-lhe nos hombros, e com os seus olhos negros, a sua barba loura, um pouco ondeada, formoso e varonil como devia sel-o o esposo de Julieta.

Formoso ainda o era, mas estava um pouco mais grave. A doçura das feições desapparecera. Via-se que tinha soffrido. Geralmente, achavam-o melhor assim. As mulheres eram doidas por esse Pont-Croix virilisado pelo infortunio. Se elle quizesse, poderia consolar-se da sua ruina com numerosas conquistas ou desposando uma rapariga extremamente rica. Mas era rebelde ao casamento.

Sua tia a condessa de Prameillan, de quem infelizmente não era herdeiro, descobrira para elle uma americana com um dote fabuloso, ao contrario do que é costume n'essas *misses*, que nunça possuem grande riqueza senão por morte dos paes. O marquez rejeitara a proposta e nem ao menos quizera vêr a candidata.

No anno precedente, no castello d'Hermières, durante o jantar e o baile que seguiram uma caçada onde Clemente, só á sua parte, matara duzentas peças, causara uma impressão tão viva, pela sua affabilidade e o seu bom humor, na encantadora baroneza de Sauveranges, viuva sem filhos e muito nova, que ella revolvera céus e terra para vêr se os amigos conseguiam arrastal-o a Paris, afim de tornar a vêl-o. Clemente recusou voltar á capital.

— Parece-me que não has de querer voltar lá á frente

de um exercito e entregar a cidade aos horrores da pilhagem para te vingares de te haveres deixado depennar? dissera-lhe seu primo, o barão de Préfont. Para que foges da gente e desprezas as occasiões?

— Eu não fujo, respondera Clemente, visto que vou a tua casa, em Quincy, tres vezes por anno, pelo menos, para te matar os cabritos, e não despreso as occasiões visto que conversei e dancei bastante com a amavel baroneza de Sauveranges, apesar de ter andado seis leguas n'esse dia, pois dirigi sempre a ala marchante... Mas, se tenho obrigação, indo a casa de vocês, de matar-lhes a caça e, além d'isso de casar com as convidadas, acho que é exigir muito a um pobre homem.

— Então ella não te agrada?.

— Não, não me agrada. Tem cem mil francos de rendimento. Pois tu querias que eu, Clemente de Pont-Croix, que deixei a larapia da Bolsa comer-me duzentos, como a um pateta, tentasse restaurar-me tão mesquinhamente, por meio de um casamento? e com uma viuva, de mais a mais! Porque não ha de ser uma solteirona?

— N'esse caso, não ha nada a esperar da tua parte?

— Nada absolutamente. Sou muito feliz. No verão vivo com os meus amigos como se não me tivesse succedido cousa alguma desagradavel. Os donos da casa não me tratam como arruinado e os creados são ainda attenciosos. No inverno levo a mais activa das existencias: evito o calor mortal dos clubs, o aborrecimento horrivel das primeiras recitas, e a monotonia somnifera dos jantares de grande ceremonia. Á noute, depois de ter chovido em todo o dia, medito ácerca da vida e acho que os escriptores pessimistas são uns puros cretinos, porque a existencia, mesmo depois dos revezes que tenho soffrido, está cheia de momentos bons. Deito-me com as gallinhas, levanto-me com os gallos, não tenho um minuto para me enfastiar, e, depois de ter morto uma duzia de coelhos, juntamente com uma grande lebre e um par de faisões, sinto-me tão

contente como se tivesse tido a grande série ao baccará. E no dia seguinte não me doe a cabeça. Assim, não me atormentes mais, tu e os outros. Deixem-me gosar em paz a minha liberdade: amo-a e não vou trahil-a com uma viuva!

Era sincero quando dizia isto: considerou-se feliz. O que contribuia para a sua felicidade era La Chevrolière não ter ainda achado comprador. O bando negro, que fizera um bom negocio com a compra, queria fazer outro ainda melhor tornando a vender, e as suas pretenções eram enormes. Em vez de retalhar a propriedade e concedel-a, em pequenos lotes, aos habitantes d'ali, arredondara-a com uma herdade de cem hectares e mais sessenta hectares de bosques, constituindo assim uma residencia verdadeiramente principesca. O preço exigido elevava-se a dois milhões e quinhentos mil francos, e não parecia muito exorbitante. Mas, n'esta época em que as grandes fortunas patrimoniaes teem diminuido, em que a nobreza, exhausta por querer sustentar os seus gastos sem nunca augmentar os recursos, se acha quasi arruinada, quem podia comprar La Chevrolière? Algum nababo extrangeiro, algum industrial enriquecido recentemente ou algum grande especulador. Não era facil de desencantar o passaro dourado que deixaria aquelles estimaveis compradores de immoveis arrancarem-lhe uma penna da aza, e o castello conservava-se por vender. As fazendas, porém, rendiam tres por cento: os córtes de madeira adjudicavam-se facilmente e não havia perigo na demora.

Entretanto, Clemente não passava nunca por defronte das janellas da sua antiga morada sem que o coração lhe pulsasse alegremente, vendo as persianas fechadas e o castello como se estivesse morto por ter perdido o seu dono... Sentia-se reconhecido por isso, e amava com mais ternura aquellas terras, aquelles bosques, percorridos desde a infancia, e parecendo terem-se-lhe affeiçoado a ponto de não quererem agradar a outro. Uma tarde de fevereiro em

que voltava da caça, ao anoutecer, com duas gallinholas na algibeira do casaco, ao desembarcar na estrada de Précigny, á entrada de uma floresta que pertencia á communa, a sua cadella *Meta*, que caminhava adeante d'elle, parou e ladrou duas vezes. Clemente olhou em torno e distinguiu um vulto negro agachado junto de um tronco. Suppoz que era algum caçador esperando uma lebre á sahida do matto e adeantou-se para vêr quem seria. Logo que elle se approximou, o homem, que tambem tinha boa vista, ergueu-se, deitou a espingarda ao hombro, e dirigiu-se, atravez de um pradosinho, para a estrada onde se achava o marquez. Agora já era possivel conhecel-o.

— Ah! és tu Briffant? disse o marquez. Estorvei-te, meu rapaz. O logar é bom...

— Não, senhor Clemente, não me estorvou, respondeu o caçador furtivo. Eu senti-o vir na estrada, conheci-lhe os passos: se não quizesse ser visto, deitava-me de bruços no chão...

— N'esse caso tens alguma cousa a dizer-me?

— Sim, senhor, uma cousa importante e que lhe toca de perto, e a mim tambem, salvo o devido respeito... Ainda agora, no mercado de Lagny, o tabellião de Chelles annunciou que se vendera La Chevrolière.

Apesar de saber dominar-se, Pont-Croix estremeceu áquelle golpe inesperado e, durante um momento, ficou silencioso, com o espirito agitado como se o ameaçasse uma grande desgraça.

— Parece, continuou o caçador, que os compradores de bens deitaram a mão a um grande banqueiro de Paris, o qual dá o que elles pedem... Ahi está uma cousa que vae causar uma mudança dos diabos, cá na terra. A caça já não ha de ser tão livre como era d'antes; porque o senhor Clemente nunca atormentou os pobres rapazes que disparavam um tiro nas suas fazendas... E os guardas, desde que se vendeu a propriedade, não eram muito asperos no serviço... Ora! sempre se ha de encontrar alguma cousa, e

a Commenda ha de ser sempre a despensa de Chevrolière.

N'esse momento ouviu-se um assobio a tresentos ou quatrocentos metros do sitio onde os dois homens conversavam.

— Ah! é Rabassou que me chama, disse Briffant. Talvez avistasse faisões nos ramos... Vamos fazer cahir os cometas.

— Tu caças com Rabassou? disse Pont-Croix, arrancando-se, com esforço, ao torpor que o invadia. Fazes mal, esse homem não é boa peça... Não caça só com a espingarda: arma laços e é capaz de fazer uma partida ruim... Tu és bom rapaz, portaste-te bem durante a guerra. Não te esquivavas ao serviço... Vi-te em combate quando pertenciamos ao movel... E então agora és companheiro de um vagabundo?

— Eu sei tudo isso, senhor Clemente, respondeu Briffant coçando a cabeça com embaraço, minha mãe já m'o tem dito muita vez... É verdade. Mas, não sabe que é difficil a gente fazer-se arredio... Vive-se porta com porta, encontra-se o outro... «Vens d'ahi?...» Para se não parecer fidalgo, vae-se, e, afinal de contas, faz-se a gente camaradas...

— Basta que caces só de dia, a communa é grande... Assim não encontras Rabassou, porque elle não trabalha senão depois do sol posto.

— Sim, com certeza. Mas, não sabe o senhor Clemente que, quando se experimenta affeição pela caça, já não se póde passar sem isso?... Não ha nada que lhe chegue!... Sentir uma lebre ou um cabrito vir de dentro da floresta, chegar á entrada, depois olhar de um lado para o outro antes de saltar para a pastagem... fazer-lhe pontaria... e em seguida vêl-o cahir, rebolando, em cima da erva... É o maior prazer que ha no mundo!

— És um apaixonado!... has de acabar por seguir o mau caminho.

— Oh! não, senhor Clemente, eu não sou capaz de levantar a mão para um homem, bem sabe... Não mato senão caça!

Outro assobio mais estridente, como que indicando impaciencia, resoou atravez do bosque. Briffant saltou o fosso, e, tirando o barrete:

— Boa tarde, senhor Clemente, o outro está farto de esperar...

— Vae para a cama, Briffant, que é melhor...

O caçador desapparecera no meio da escuridão crescente e Pont-Croix continuou o seu caminho. Já não caminhava com o mesmo passo ligeiro. Um fardo pesado cahira sobre elle, destruindo-lhe a energia. Ia de cabeça baixa, n'um abatimento doloroso. La Chevrolière vendida! Era o ultimo laço que o ligava ao passado, laço brutalmente desfeito. Emquanto o castello se conservara vasio, não se sentira absolutamente despojado. Sabendo que um proprietario unico de quem se conheceria o nome, que não seria impessoal como o bando negro, ia installar-se em sua casa, sentiu, pela primeira vez dilacerar-se-lhe o coração. Pareceu-lhe que era desde esse momento que La Chevrolière deixara de pertencer-lhe.

Jantou mal, com grande inquietação de M.elle Constança, que viu os pratos voltarem da mesa quasi intactos, e que interrogou anciosamente Celestino. Mas Pont-Croix não proferira uma palavra e o fiel servo não poude informar a cosinheira. O senhor não estava doente, mostrava-se preoccupado, nada mais. Clemente passou a noute fumando e passeando no seu gabinete, e revolvendo no espirito as idéas mais penosas. Accusou-se severamente por ter tido a loucura de querer augmentar pela especulação a riqueza que seu pae lhe deixára. Um Pont-Croix mettido em negocios da Bolsa, manejando titulos, impingindo papeis de credito, seguindo a alta e a baixa com solicitude, não era de causar dó? E tudo isso para quê? Para chegar á ruina. Que bella campanha, dirigida com tanta intelligencia! Homens da

sociedade querendo luctar com os grandes trunfos da finança!... Como poderiam pagar a sua presumpção?

Durante um certo tempo pareceu-lhes que triumphavam. O syndicato dos banqueiros, que luctava contra elles, dirigido por Selim Nuno, os Oppenheimer e os Goldstein, estivera, por momentos, em perigo. Mas essa gente era excessivamente rica, excessivamente habil, excessivamente poderosa para que se podesse vencel-a, e a ultima batalha garantia-lhe o triumpho.

Primeiro recolheram as suas perdas, e em seguida os despojos dos seus adversarios. Os homens da sociedade estavam derrotados e os financeiros enchiam-se com orgulho. Os Oppenheimer tinham comprado, por junto, as cavallariças do duque de Bligny, os Goldstein haviam-se apossado do yacht de Champ-Diex, um navio que custara um milhão e oitocentos mil francos, no estaleiro, em Inglaterra, e que era um caminheiro excepcional.

Emquanto a elle, Pont-Croix, vivia na casa do seu antigo administrador, entre um creado de quarto-cocheiro e uma cosinheira, e tudo isto por sua culpa. Ah! estava bem no caso de reprehender Briffant pelo seu procedimento! Não frequentara peores companhias do que as d'elle, e a sociedade dos corretores, com que jogara na Bolsa, não era mais gangrenada, mais viciosa, mais baixa do que a dos gatunos de profissão? Subiu-lhe ao coração uma onda de amargura, e ficou toda a noute levantado, passeando e assustando os seus dedicados servos com a vigilia insolita.

No dia seguinte não poude mais, e querendo saber a todo o custo, se aquella noticia seria verdadeira, resolveu-se a ir procurar o tabellião que a espalhara. Ia a descer, quando Celestino veiu ao seu encontro, com as cartas e os jornaes em cima de uma bandeja. Pont-Croix pegou no *Ecco de la Brie* e abriu-o machinalmente. O seu nome saltou-lhe aos olhos logo na primeira pagina, e leu o que se segue:

«Mais um millionario no Sena e Marne. A propriedade de La Chevrolière, que, durante tanto tempo, pertencera á familia de Pont-Croix, acaba de ser comprada por Selim Nuno, o conhecido financeiro. Ferrières, Armainvilliers, La Chevrolière! Não tarda que a estrada de Paris seja calçada a ouro, se algum d'estes senhores tiver essa fantasia.»

Clemente deixou cahir o jornal das mãos, deu alguns passos ao acaso, e, em seguida sentou-se ao pé de uma janella e ficou a meditar profundamente. Assim, La Chevrolière estava vendida e, de mais a mais, a Nuno.

Um capricho do destino fazia passar os despojos do vencido para as mãos do vencedor. O triumpho do syndicato que arruinara Pont-Croix accentuava se ainda mais brutalmente pela chegada a La Chevrolière d'aquelle que dirigira ostensivamente a campanha financeira. Clemente, que supportara a sua ruina com firmeza, sentiu, pela primeira vez na sua vida, um impeto de odio. Não poude deixar de amaldiçoar o homem que se apoderara do que lhe pertencia, pagando-o com o dinheiro que lhe roubara.

Não poude tolerar a idéa de ver apparecer Selim na aldeia. Pensou em afastar-se d'ali. Havia muito tempo que os parentes de sua mãe lhe pediam que fosse visital-os á Escocia. De um dia para o outro, fez as malas, atravessou Paris e desembarcou em Glasgow. Esteve tres mezes a pescar trutas e salmões nos lagos, e a percorrer os *moors* á procura de gallinholas. Disparou alguns tiros magnificos, fez sahir da agua monstros de escamas prateadas; depois, uma bella manhã, atacou-o a nostalgia do seu cantinho, do seu rio estreito, do seu pavilhão modesto, dos seus creados fieis, e partiu como fôra, deixando profundas saudades e ficando por muito tempo na lembrança de todos aquelles com quem vivera, tal havia sido o agrado, a vivacidade, a destreza e o vigor que lhes manifestara. Voltando á Commenda, achou la Chevroliére habitada e a gente da terra maravilhada com o numeroso pessoal, com

as carruagens sumptuosas, com as librés deslumbrantes, emfim com o luxo que do castello começava a trasbordar para os arredores, deixando no caminho um longo rasto de dinheiro fastuosamente dispendido. Clemente suspirou, reinstallou-se, mas fez-se mais solitario, mais caseiro, como se quizesse furtar-se ao espectaculo da existencia principesca que levava o homem que o despojara.

(Continúa.)

Georges Ohnet.

Dois amigos

Eu vinha da caça, com Jermolaï, em um dia quente de verão.

O meu companheiro, arrastado pelo movimento da *telega*, dormitava e dava cabeçadas para a frente, sem conseguir despertar.

Os cães resonavam tranquillamente ao nosso lado e escapavam ao furor dos moscardos que perseguiam o pobre cavallo.

Iamos envolvidos em uma nuvem de poeira; o cocheiro metteu por um atalho, no bosque, onde as rodas da *telega* se embaraçavam nas hervas a todo o momento.

Jermolaï, afinal, accordou.

— Por aqui ha de haver abetardas, disse elle.

Depois d'este aviso, descemos e entrámos no matto.

O meu cão fez erguer logo um bando d'ellas, sobre as quaes Jermolaï e eu disparámos as nossas espingardas.

Iamos recomeçar, quando os ramos da moita que me ficava mais proxima se afastaram, dando passagem a um cavalleiro.

— Com que direito está caçando nas minhas terras, senhor? perguntou elle com altivez.

O sujeito que dizia isto falava pelo nariz, e aos repellões, mas muito depressa. Observei-o attentamente. Nunca vira figura semelhante em dias de minha vida.

Imaginem um homemsinho louro, com um nariz torto e

arrebitado e compridos bigodes ruivos. Na cabeça tinha um barrete persa enterrado até aos olhos; vestia um *arkakouk* amarello já usado, agaloado a prata em todas as costuras. Tudo isto era velho e cheio de passagens; trazia uma trompa de caça a tiracollo e um punhal á cinta.

O cavallo era magro e parecia etico, assim como os dois galgos que o acompanhavam.

O aspecto, o olhar, os gestos e as maneiras do desconhecido indicavam uma audacia louca e um orgulho indomavel. Os olhos, de um verde azulado, tinham um brilho secco e vitreo; olhavam ao acaso, como os de um homem embriagado.

Deitava a cabeça para traz, soprava as bochechas, batia com os pés no chão como um gallo da India. O conjuncto d'estas maneiras fazia lembrar muito os de um perú. Como eu não respondi logo, repetiu a pergunta que me fizera.

— Ignorava que era prohibido caçar n'este bosque, respondi.

— Está nas minhas terras, senhor.

— Vou já retirar-me como deseja.

— Perdão, replicou elle, é a um nobre que tenho a honra de falar?

Disse-lhe o meu nome.

— N'esse caso, tornou o desconhecido, continue a caçar; é uma honra para mim obsequiar um fidalgo: eu chamo-me Pantaleão Tchertapkanof.

O meu interlocutor inclinou-se, e, montando no cavallo, deu-lhe uma grande chicotada; o pobre animal soprou, empinou-se e foi esmagar a pata de um dos cães, que soltou gritos lastimosos.

Esta scena enfureceu Pantaleão; redobrou as chicotadas, e, apeando-se, examinou a pata do cão; cuspiu-lhe na ferida e empurrou-o para deante; em seguida, agarrou na crina do cavallo e poz o pé no estribo.

O animal extendeu o pescoço, e, d'ahi a nada, desappareciam no meio do arvoredo.

Ouvi as chicotadas que Tchertapkanof applicava ao pobre cavallo, e, depois, o som da trompa que resoava no bosque.

Deixara apenas de avistal-o quando, perto do logar onde eu estava, sahiu do arvoredo outro personagem; um cavalleiro baixo e gordo, montando um cavallinho alazão torrado. Perguntou-me se não tinha visto um cavalleiro montado n'um cavallo russo.

Respondi affirmativamente.

— Tem a bondade de dizer-me que direcção levou? disse o desconhecido.

— Aquella.

— Mil vezes obrigado, meu caro senhor.

Deu um estalo com a lingua, bateu com os calcanhares no cavallo, e desappareceu na direcção que eu lhe indicara. Segui-o com a vista, até o seu gorro bicudo se esconder no arvoredo.

Este segundo personagem formava um perfeito contraste com o primeiro; a cara gorda, redonda como uma bola, tinha uma expressão de bonhomia e de timidez excessiva; o nariz grosso era sulcado de veias azues celestes; no alto da cabeça não tinha nem um só cabello; emquanto á nuca, era ornada por uma grinalda de cabellos de um louro deslavado. Os olhos piscos pareciam ter sido abertos com uma verruma; nos labios vermelhos e grossos pairava um sorriso continuo. Vestia sobrecasaca verde com botões de latão, e calças de panno que lhe chegavam apenas ao joelho, deixando-lhe a descoberto o cano alto das botas e as pernas grossas e arredondadas.

— Quem é este? perguntei a Jermolaï.

— Este, respondeu elle, é Tikone Ivanovitch Tredopouskine. Vive com Tchertapkanof.

— Deve ser pobre?

— Não é rico, como Tchertapkanof, tambem. Nenhum d'elles tem um real de seu.

— Porque é que vivem juntos?

— Por affeição. Nunca anda um sem o outro. Como diz o proverbio: onde passa o cavallo com a ferradura, passa o camarão com a pinça!

Sahimos do matto. N'essa occasião ouvimos latir os dois cães e uma lebre enorme saltou do meio das ervas.

Os galgos e os perdigueiros corriam atraz d'ella. Em seguida, vinha Tchertapkanof que procurava, debalde, excitar a matilha; da sua grande bocca sahiam, de tempos a tempos, alguns sons inarticulados e inintelligiveis; deitava as culpas ao cavallo e enchia-o de chicotadas. Os galgos fizeram cerco; a lebre saltou e passou em frente de Jermolaï com a rapidez de uma flecha. Os galgos passaram-lhe adeante.

— Attenção, fogo, gritou Tchertapkanof com algum custo. Attenção, meu querido.

Jermolaï soltou o gatilho; a lebre rebolou como uma pella sobre a relva secca; um dos cães deu um salto e abocou-a. Um momento depois, o resto da matilha reunia-se a elle.

Tchertapkanof, em um abrir e fechar d'olhos, apeou-se, e, tirando o punhal da cinta, enterrou-o até ao cabo no corpo do pobre animal. O proprietario soltou gritos de triumpho e mostrou-se muito orgulhoso quando viu apparecer Tredopouskine.

— Deviam abster-se de caçar n'esta epoca, disse eu a Tchertapkanof, mostrando-lhe um campo de aveia, proximo d'ali.

— Aquelle campo pertence-me, respondeu elle em tom secco.

Depois de cortar as patas á lebre, prendeu-a á sella.

— Devo-te o tiro, meu caro, segundo as leis da caça, disse elle a Jermolaï; e ao senhor, accrescentou, nasalando as palavras,— agradeço-lhe.

E tornou a montar.

— Dá-me licença que lhe pergunte o seu nome?

Repeti-lh'o.

—Estimo muito conhecel-o. Quando se offerecer occasião, dê-me o gosto de vir visitar-me.

—Mas onde está o nosso Fomka, Tikone Ivanovitch? perguntou, com um movimento de impaciencia.

—O cavallo d'elle cahiu e rebentou, respondeu Tredopouskine.

—O que! Orbacane rebentou? Pfu pfi! onde está elle?

—Está atraz do bosque.

Tchertapkanof partiu a galope.

Tredopouskine cumprimentou-me duas vezes, por elle e pelo seu amigo; e, como sempre, seguiu-o a trote por entre o arvoredo.

Eu perguntava a mim mesmo como era que dois seres de caracteres e maneiras tão differentes podiam viver juntos; communiquei a minha admiração a Jermolaï, que me deu explicações a esse respeito.

—Pantaleão Tremeitch Tchertapkanof, disse-me o meu companheiro, tem fama, aqui na terra, de ser um doido, um homem perigoso e extravagante; além d'isso, é orgulhoso como Artaban e um brigão da peor qualidade. Serviu no exercito, mas teve que dar baixa, por circumstancias desagradaveis, ficando em alferes. Pertence a uma familia, que possuia outr'ora vastas propriedades, e vivia á maneira dos grandes senhores de *steppe*.

A mesa do castello estava sempre posta; todos que iam pedir agasalho tinham lá o seu logar, e até os cavallos dos hospedes desconhecidos eram tratados com uma abundancia extraordinaria. A casa d'estes ricos fidalgos era muito numerosa; havia musicos, cantores, e, nos dias de festa toda essa creadagem se fartava de beber aguardente. No inverno iam a Moscow nas suas vastas *kolimagas* (carruagens das familias nobres, verdadeiras arcas de Noé.) A's vezes, quando regressavam, não traziam um real de seu, eram obrigados a viver dos productos das herdades e dos curraes.

O pae de Pantaleão, quero dizer, Erimei Loukitch, her-

dara uma propriedade já arruinada, mas não deixava, por isso, de levar uma existencia divertida. Quando morreu, não deixou ao filho senão a aldeia de Beztonow, cuja população se compunha de trinta e cinco homens e setenta mulheres, todos escravos da corôa; possuia tambem um oitavo das terras de Kolobradova. Não querendo ter negocios com os mercadores, uns bandidos, como elle dizia, o defuncto ensinara aos creados um grande numero de officios, que exerciam por conta d'elle. E' tudo mais bem feito, dizia Loukitch, e sae mais barato.

Persistindo n'estas idéas, arruinou-se; mas, ao menos, satisfez todas as suas excentricidades. Uma vez quiz ter uma carruagem de um tamanho extraordinario; para a arrastar foram necessarios todos os cavallos e todos os homens da aldeia; mas, á primeira subida, a carruagem estalou e fez-se em pedaços.

Erimei Loukitch mandou erigir um monumento n'esse logar e não pensou mais em semelhante cousa. Depois teve a phantasia de construir uma egreja, sem auxilio de architecto; foi elle mesmo que se encarregou de fazer os planos e os alçados. Para fabricar os tijollos queimou-se uma floresta inteira; em seguida, estabeleceram-se os alicerces, os quaes eram de um tamanho e de uma solidez capazes de aguentar uma cathedral. Ergueram-se as paredes, depois a cupula... mas esta desabou. Não tem duvida, pensou Erimei, comecem outra vez; a cupula tornou a ser edificada e tornou a cahir.

O numero tres é divino ,pensou Loukitch, experimentemos pela terceira vez; mas, não, o accidente repetiu-se, mais terrivel e perigoso, grandes rachas sulcaram as paredes, ameaçando-lhes a solidez.

Deitaram o mau olhado a esta construcção, disse Erimei, foram as feiticeiras da aldeia. E, por sua ordem, todas as mulheres velhas foram açoutadas. Afinal, depois de algumas reflexões, não se construiu o templo, e ficaram apenas as ruinas, como prova de uma phantasia do sr. Loukitch.

Pouco tempo depois resolveu reedificar todas as casas da aldeia, por um modelo uniforme; reuniu-as a tres e tres, em forma de triangulo; no meio havia uma grande vara com um ninho em cima, para os estorninhos.

Todos os dias eram novas extravagancias; umas vezes queria que lhe fizessem sopa de bardana; outras, mandava cortar a cauda a todos os cavallos para fazer bonets aos creados; lembrava-se, tambem, de substituir o linho por ortigas e de alimentar os porcos com cogumellos. Tendo lido, uma vez, em um jornal de Moscow, um artigo a respeito da moral nas aldeias, ordenou que todos decorassem esse artigo e o recitassem frequentemente.

N'essa mesma epoca, por questão «de ordem e de regularidade», Erimei quiz que todos os seus vassallos tivessem um numero e o trouxessem marcado na golla do casaco. Todas as vezes que um aldeão encontrava Loukitch, gritava: numero 21, numero 7, e o amo respondia: Deus te salve!

Apesar de todas estas medidas, Erimei Loukitch achou-se, brevemente, em uma posição muito embaraçosa. Começou por hypothecar as terras e teve que vendel-as, pouco tempo depois. A ultima das suas aldeias, aquella onde estava a egreja sem cupula, foi posta em leilão pelo Estado. Isto succedeu já depois do seu fallecimento; Erimei espirou alguns mezes antes, no seu castello, rodeado pelos serviçaes, e á vista do seu medico; emquanto ao pobre Pantaleão, recebeu por unica herança o logarejo de Bezsonovo.

Quando a enfermidade que devia levar-lhe o pae se declarou, estava Pantaleão no regimento e completara dezenove annos; educado, até ahi, por uma mãe fraca e indulgente, vira todos os seus caprichos satisfeitos. O resultado não realisara as esperanças de Basilia Vacilievna, porque o seu Pantaleão tornou-se um perfeito vadio.

O pae, sempre absorvido pelo estudo das suas reformas economicas, desprezara a educação do filho. Applicara-lhe,

uma unica vez, uma correcção severa; é verdade, que, n'esse dia, um desastre succedido a um dos seus galgos deixara-o de um humor pessimo. Basilia Vacilievna nunca fez grandes despezas com a educação do pequeno; descobrira, para preceptor, um invalido alsaciano chamado Biskopf; a idéa do que seria d'ella se aquelle mentor se despedisse fêl-a tremer até á ultima hora da sua vida. Birkopf aproveitava esse receio bebendo como uma esponja e dormindo desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã.

Foi enorme a surpreza de Pantaleão quando, ao chegar do exercito para assistir aos funeraes de seu pae, viu que a sua fortuna estava reduzida a cousa nenhuma. Desesperado transformou-se completamente; até ahi fôra preguiçoso, mas bom e delicado; a datar d'esse dia tornou-se violento e brigão, disputou com os visinhos, ricos e pobres, e mostrou-se muito grosseiro até para com as auctoridades civis.

—Sou um fidalgo de antiga linhagem dizia elle a proposito de tudo.

Um dia esteve quasi a matar o *stonovoi* porque este não se descobrira ao entrar em casa d'elle.

Pagavam-lhe na mesma moeda, de maneira que era uma lucta continua. Os funccionarios evitavam, sempre que podiam, ter negocios com Tchertapkanof. Se alguem lhe fazia uma observação que lhe desagradava, propunha logo um duello de morte a essa pessoa. «Ah! eu não tenho apego á vida, dizia elle, e, além d'isso, sou um fidalgo de antiga linhagem.»

Fóra isto, era de uma probidade extrema e defendia sempre os aldeãos quando a causa d'elles era justa; advogava essa causa até ao fim. «Que eu não seja Tchertapkanof, dizia, se não espancar o temerario que tiver a ousadia de ultrapassar os seus direitos.

Tikone Tredopouskine não podia, como Tchertapkanof, ter orgulho na sua origem, Seu pae pertencia á classe dos

odvonoretz, e adquiriu a nobreza depois de quarenta annos de um trabalho assiduo e irreprehensivel. Era um d'estes homens a quem a fortuna combate com uma insistencia que chega a parecer odio pessoal.

Teve que luctar, durante sessenta annos, com todas as miserias que constituem a vida dos pobres; agitava-se como um peixe cahido na rede, trabalhava um dia para comer outro, nunca dormia o que tinha vontade.

Este pobre homem viveu assim, como um verdadeiro martyr, e morreu n'uma especie de granja, sem deixar um real aos filhos.

Debalde luctara com a desgraça; como uma lebre presa no laço, os seus esforços ainda lhe apertavam mais os nós.

Era um homem bom e honrado, mas deixava untar as mãos quando se offerecia occasião. Casado com uma mulher tisica, teve muitos filhos que morreram creanças; dois apenas, viveram: Tikone e sua irmã Matrona.

Esta casou, ainda nova, com um procurador retirado dos negocios.

Emquanto a Tikone, seu pae conseguiu fazel-o admittir como supranumerario em uma repartição publica. Não se conservou lá muito tempo; o estado precario em que vivera, sempre em lucta com o frio e com a fome e presenceando os soffrimentos de sua mãe; os esforços desesperados de seu pae, as exigencias rudes dos proprietarios e dos fornecedores, tinham-o feito reservado e excessivamenté timido.

Á vista de um superior desfallecia, cahia em syncope como uma avesinha que se sente apanhada. A natureza concede-nos ás vezes, aptidões e gostos contrarios aos que deviamos ter afim de cumprirmos os deveres da nossa condicção,

Foi assim que fez de Tikone, filho de um triste empregado, um ser docil, benevolo, inclinado aos prazeres, dotado de um olfacto e de um paladar de uma finura extraordinaria... Desenvolvera-lhe estas condicções e condemnara-o á alimentar-se com couves azedas e carne podre. Elle não

deixou por isso, de crescer e de fazer-se homem, mas, a datar d'essa época, o seu papel n'este mundo tornou-se verdadeiramente curioso.

A fortuna, que martyrisava cruelmente o pae, não foi mais clemente para o filho. Tikone foi um brinquedo para ella; não o reduziu uma unica vez ao desespero, não lhe deu a conhecer as angustias atrozes e profundas. mas passeou-o por todas as Russias, fel-o amo e creado, submetteu-o a funcções ridiculas.

Ora o viam mordomo em casa de uma velha protectora biliosa e exigente, ora commensal de um negociante rico, avaro como um judeu; umas vezes era director de chancellaria em casa de um fidalgo de olhos inflammados e tosqueado á ingleza, outras, uma especie de bobo de um proprietario que gostava de caçar.

Emfim, conhecera todas as miserias das posições dependentes. Quantas vezes, á noute, ao entrar no seu quarto, não resolvera, córando e com as lagrimas nos olhos, fugir d'ali e ir arranjar outro modo de vida á cidade proxima! Se não achasse emprego, deixar-se-hia morrer de fome.

A timidez, porém, vencia-o logo, e mostrando-lhe as idéas da vespera sob um aspecto mais triste, obrigava-o a renunciar aos seus projectos. E depois, encontraria emprego? A quem havia de dirigir-se?

—Não me acceitam, murmurava o desgraçado.

E, no dia seguinte, tornava a pór a colleira da miseria.

Tikone achava-se, portanto, em uma situação deploravel, tanto mais quanto era evidente que não possuia nenhuma das qualidades necessarias em um bobo.

Não podia, por exemplo, dançar até cahir exhausto; não sabia fazer momices, multiplicar as farças e os gracejos, ameaçado pelos chicotes que o rodeavam; não podia rir e cantar quando o expunham, nú, a um frio de vinte e cinco graus; não conseguia beber aguardente regada com tinta de escrever, ou comer os mokomors, uma especie de cogumellos venenosos.

Deus sabe o que seria feito do pobre Tikone se o seu ultimo senhor não o contemplasse no testamento: «Deixo a Zézé, (ou por outra, Tikone,) dizia elle, para si e para os seus herdeiros, a aldeia de Besiélendefka.»

Pouco depois de assignar o testamento, o bondoso doador morreu de apoplexia. A justiça sellou tudo, e passados quinze dias, reuniram-se os parentes do defuncto. Mandou-se chamar Tredopouskine, que appareceu immediamente.

Os herdeiros sabiam quaes eram as funcções exercidas por Tikone junto do seu parente; quando entrou na sala foi recebido com apupos e gritos infernaes.

— O novo proprietario, meus senhores! cumprimentou o novo castellão!

— Sim, replicou um espirituoso, este senhor é um perfeito... castellão. Exactamente... É um...

Isto foi seguido por uma risada olympica.

O pobre bobo não podia crêr em tanta felicidade; foi preciso mostrarem-lhe o artigo. Elle córou, piscou os olhos, abriu a bocca e acabou por debulhar-se em lagrimas. Á vista d'essas demonstrações, os espectadores soltaram um grande *hurrah* que fez estremecer os vidros como n'um dia de tespestade.

Afinal de contas, Besielendefka não era mais do que uma aldeia de vinte e duas almas, e os sujeitos que estavam ali não lhe davam grande importancia. Mas, visto que tinham começado, por que não haviam de continuar o divertimento? Pelo menos, foi esta a opinião de um tal sr. Rostilaf .Adamytch Stoppel, que se approximou de Tikone de maneira que lhe tocou no quadril, dizendo-lhe, com ar desdenhoso:

— O senhor parece-me que era um bobo do fallecido Fedorytch, não é verdade? Era o seu creado favorito?

O senhor Stoppel, conversador distincto, falara sem a mais leve perturbação, e Tikone, aturdido, não sabia o que respondesse; os herdeiros ouviram o espirituoso, que, não

recebendo resposta alguma, repetiu a phrase; mas Tredopouskine fitava-o com um olhar desvairado e não respondia.

— Felicito-o, continuou Stoppei. Felicito-o, senhor proprietario; é verdade que pouca gente consentiria em adquirir a fortuna d'essa maneira; mas cada um tem o seu gosto, não é assim?

Uma pessoa que estava a um canto da sala, ouvindo isto, soltou um grito de espanto. O senhor Rastilaf tomou-o por louvor e continuou, ainda com mais animação:

— Se quizesse declarar-nos a que especie de merito deve o seu pequeno legado? Estamos aqui em familia, póde falar sinceramente.

Tikone não entendeu as palavras do sr. Stoppel, e limitou-se a abanar levemente a cabeçn. Um dos outros herdeiros, um rapaz com a testa cheia de malhas amarellas, exclamou:

— Sim, sim, tem razão.

— Talvez saiba andar nas mãos, ou dançar com as pernas no ar, de cabeça para baixo?

— Ou sabe, talvez, imitar o canto do gallo?

Esta malicia foi recebida com uma gargalhada.

— Ou talvez, n'esse nariz pequenino...

— Basta, gritou uma voz. Não se envergonham de torturar assim o pobre homem?

Todos se voltaram: era Tchertapkanof, que tinha sido convocado, como parente do defuncto, e que, segundo o seu costume, se conservava afastado, não falando com pessoa alguma.

— Basta, gritou elle, agitando a cabeça com furia.

O espirituoso Stoppel voltou-se para o interruptor, e, vendo um homem de apparencia insignificante, não se mostrou offendido.

— Quem é este homem? perguntou elle.

— Um valdevinos qualquer, segredou-lhe um dos assistentes. Vendo as suas suspeitas confirmadas, Adamytch tomou ares altivos e desdenhosos.

— Desde quando temos aqui um governador, um grão-mestre? disse elle. Quem diacho é o senhor? Sempre tenho curiosidade de o saber.

Tchertapkanof estoirou como uma bomba, e exclamou, gaguejando: — Quem sou eu? Sou Pantaleão Tchertapkanof, da mais antiga nobreza. Meu bisavô esteve no cerco de Kasan, no tempo do Terrivel. E tu, és tambem nobre, não é assim?

Adamytch empallideceu; esta interpellação tão viva e tão espontanea, causara-lhe sensação.

Tchertapkanof não esperou que elle falasse. Deu um salto para a frente do seu aggressor, que recuava, espantado.

— Tragam-me pistolas, depressa, armas! tres passos de distancia, ou pede-me perdão, a mim e áquelle pobre homem.

— Peça-lhe desculpa, gritaram todos, é um doido, acautele-se.

— Perdão, balbuciou Stoppel, não sabia...

— E a elle, e a elle, peça-lhe perdão, disse Tchertapkanof com voz firme.

— Desculpe-me tambem, accrescentou Stoppel dirigindo-se a Tikone, que estava em transes horriveis.

Pantaleão pegou na mão do ex-bobo, e atravessou a sala com elle. A assembléa, ainda ha pouco tempestuosa, serenara como por encanto.

Depois d'esse dia, fertil em commoções, os dois proprietarios nunca mais se separaram. Tikone, fraco e brando, dedicou a Tchertapkanof uma especie de culto.

— Não é qualquer cousa, dizia, falar assim ao governador, olhar para elle de frente — e, comtudo, era o que lhe acontecia, a elle, Tikone; considerava Pantaleão um homem instruido, intelligente, extraordinario.

É verdade que a educação de Tchertapkanof, por muito má que fosse, era bastante superior á de Tikone. Tchertapkanof falava russo e francez, mal. Perguntando-lhe um dia o seu preceptor?

— *Parlez-vous français?*

Elle respondeu:

— *Comprends pas, sais pas.*

Não ignorava, comtudo, que um poeta ou um escriptor francez obtivera alguma celebridade em França e na Allemanha.

A respeito de auctores russos, apreciava Dervajine e era admirador apaixonado de Marlinski.

Alguns dias depois do meu encontro com os dois amigos, fui a Bezronovo, visitar Tchertapkanof; a casa distinguia-se de longe, construida n'um logar desguarnecido d'arvores, como o ninho da aguia sobre rochedos inacessiveis.

Quatro telhados formavam as dependencias da habitação: eram, a cavallariça, a cocheira, os banhos de estufa e o alpendre.

Não se via nenhuma palissada, nenhum fosso, que indicasse os limites da propriedade.

Quando me aproximei do alpendre vi quatro ou cinco cães entretidos a despedaçar o cadaver de um cavallo. Um d'elles, levantou, por um instante, o focinho cheio de sangue, olhou, e voltou immediatamente á carniça. Junto dos cães estava um rapaz de cara pallida, vestido á cosaca, e empunhando um grande chicote, com o qual ameaçava os animaes.

— Teu amo está em casa? perguntei.

— Bata, disse elle, lá lhe dirão.

Saltei da carruagem e achei-me debaixo da varanda.

A casa de Tchertapkanof não tinha apparencia luxuosa; as traves, ennegrecidas pelo tempo, haviam estalado em varios sitios; as chaminés cahiam em ruinas; os vidros pequenos, de reflexos azulados, tinham aspecto melancolico, e eram emmoldurados pelas velhas paredes amarellecidas, como olhos esverdeados de megeras.

Bati, ninguem respondeu. Comtudo, lá dentro falavam, porque distingui as seguintes palavras:

—A, B, C, D. Vamos, grande imbecil, dizia uma voz aguda, vamos.

Tornei a bater.

—Entre, gritou a mesma pessoa.

Entrei n'uma antecamara escura, a qual dava para um quarto que tinha a porta aberta; n'esse quarto estava Pansentado n'uma cadeira velha, apertava com uma das mãos o focinho de um pequeno cão d'agua, e com a outra segurava um bocado de pão que lhe collocava em cima do nariz.

—Ah! disse elle com dignidade, tenho muito gosto em vel-o. Estou dando licção a Winzov. Tikone, anda cá, temos aqui uma visita.

—Lá vou já, respondeu Tikone!...

—Maria, dá-me a minha gravata.

Tchertapkanof continuou dando a licção ao cão sem se estorvar.

Eu, entretanto, examinava o quarto onde estavamos; a mobilia compunha-se de uma mesa velha, com os pés desiguaes, e seis cadeiras sem fundo. As paredes caiadas tinham pequenas manchas em fórma de estrellas; a um canto, via-se um espelho coberto por uma espessa camada de poeira; do tecto escavacado pendiam teias d'aranha enormes.

—A, B, C, D, dizia Tchertapkanof lentamente; depois, exclamou, fazendo uma contorsão: Oh! estupido animal, come!

O pobre cão estava sentado modestamente nas patas trazeiras; manso e docil, seguia com attenção todos os movimentos do dono, diligenciando prevenir-lhe as ordens, adivinhar-lhe a vontade.

O dono apresentou-lhe a comida, gritando:

—Come, vamos, animal. Mas o pobre cão ficou impassivel.

Tchertapkanof, furioso, deu-lhe com o pé; o animal não

se perturbou, apesar de sentir, provavelmente, que o tratassem tão mal deante de uma visita.

N'esse momento abriu-se a porta da casa contigua e appareceu Tredopouskine, fazendo toda a especie de reverencias.

Levantei-me e dirigi-me para elle.

— Peço-lhe que não se incommode; disse o amigo de Pantaleão.

— Sentámo-nos ao lado um do outro, emquanto Tchertapkanof passava para outra casa.

— Ha muito tempo que habita a nossa terra de Canaan? perguntou-me Tredopouskine, depois de tossir levemente, encostando as pontas dos dedos ao labio superior.

— Ha cinco semanas, pouco mais ou menos.

— Ah! bravo! disse elle... O tempo está hoje tão agradavel... Os cereaes prosperam, felizmente; é uma benção do céu.

E olhou para mim com ar reconhecido como se me devesse tudo isto.

— Pantaleão, hontem, matou duas lebres, accrescentou elle; deu-nos trabalho, é verdade, mas que lebres!...

— O sr. Tchertapkanof tem bons cães?

— Excellentes, respondeu Tredopouskine com ardor; são os melhores cá da terra, porque, quando o proprietario de Bezsonovo deseja alguma cousa, todos são obrigados a ceder.

N'esse momento entrou Pantaleão, e o ar radiante de Tikone parecia dizer. Ora veja, veja se é capaz de encontrar um homem egual a este!

Começámos a falar a respeito de caça. «Quer ver a nossa matilha? disse-me Tchertapkanof, e, sem esperar pela resposta, chamou o seu creado Karp.

Este veio logo. Era um rapaz alto, de casaco de ganga verde com grandes botões.

— Vae dizer a Foma que traga aqui Annualat e Saïga; e em forma... percebes?»

Karp sorriu, fez signal de ter comprehendido e desapparéceu; passados alguns minutos, entrava Foma com os dois galgos presos por uma correia.

Estes quadrupedes mostravam, como os outros, ter pouca intelligencia; Tchertapkanof cuspiu no focinho de um d'elles, que ficou immovel. A' medida que a conversação se animava, Pantaleão tornava-se menos fanfarrão, mais sympathico. De repente, olhou para mim e exclamou:

— Mas porque está ella lá dentro? porque não vem aproveitar uma companhia tão amavel? Maria, anda para aqui.

Ouviu-se bulha de passos na casa contigua, mas ninguem respondeu.

— Ma... a... ria, vem para ao pé de nós, disse Pantaleão meigamente.

A porta abriu-se, e uma rapariga de vinta annos, alta e esbelta, entrou na casa onde estavamos. Era da côr morena das ciganas; os olhos, em forma de amendoa, tinham reflexos dourados e eram abrigados por sobrancelhas pretas; os dentes, alvos como o marfim, destacavam entre o coral dos labios; os cabellos eram pretos e cahiam-lhe em ondas nas costas. Trazia um vestido branco e um chale azul celeste deitado artisticamente nos hombros e levantado dos lados, deixando ver os braços finos terminados por mãos aristocraticas. Deu alguns passos, e pareceu ficar interdicta.

— Permitta-me que lhe apresente Maria, disse Tremeitch, minha mulher, se assim o quizerem.

Ella córou levemente quando a cumprimentei. Achei-a muito agradavel com o seu nariz afilado, as suas faces pallidas e ligeiramente cavadas, todas as suas feições que indicavam paixões fortes e uma indifferença completa por tudo o que a cercava.

Maria sentou-se ao pé da janella; para não augmentar o seu embaraço, continuei a conversar com Tchertapkanof; ella, de vez em quando, dirigia-me olhares que pareciam dardos de serpente.

Tikone foi sentar-se ao seu lado e falou-lhe; ella sorriu, e os cantos da bocca, erguendo-se, deram-lhe ao rosto uma expressão, não direi felina nem leonina, e muito menos angelica, mas uma expressão verdadeiramente extraordinaria e digna de ser observada.

— Então, Maria, disse o dono da casa, não tens refrescos para offereceres ao nosso hospede?

— Ha doces.

— Pois traze alguns e aguardente. Traze tambem a tua guitarra e canta-nos qualquer cousa.

— Não, não quero, disse ella.

— Porque?

— Porque não tenho vontade.

— Mas porque é que não tens vontade?

— Não sei.

— Pateta! Vae então buscar o que te pedi.

Ella voltou, poz os bolos em cima de uma mesa e tornou a sentar-se ao pé da janella. A sua physionomia, agora, tinha má expressão; as sobrancelhas erguiam-se e baixavam-se como as antennas de uma vespa, o olhar era feroz, annunciava tempestade. De repente, levantou-se; ia passando uma mulher velha debaixo da janella: «Auxinia» gritou ella. A mulher, querendo voltar-se, escorregou e cahiu. Maria inclinou-se para traz, rindo ás gargalhadas; os sons argentinos da sua voz resoaram agradavelmente ao ouvido de Tchertapkanof e puzeram-o de bom humor; aquelle riso, semelhante a um relampago ligeiro e alegre, dissipara a tempestade.

A atmosphera estava serena.

D'esse momento em diante estivemos alegres, tagarelavamos como verdadeiros collegiaes. Maria egualava-nos em animação; os seus olhos projectavam luz e sombra, ao mesmo tempo, o seu corpo tinha ondulações de vaga, a sua natureza selvagem manifestava-se completamente.

Obedecendo a inspiração repentina, foi buscar a guitarra, e, tirando o chale, entoou uma canção. A sua voz,

pura como o crystal, resoava-nos no intimo do peito, umas vezes eram notas fortes, semelhantes ao ruido das ondas; outras, um canto suave e trinado, como o do rouxinol. Depois foi uma dança bohemia com o estribilho: Ai jghi, govori; ai jghi.

Tchertapkanof deixou-se arrastar pelo rythmo, e dançou, Tredopouskine sapateava; Maria, exaltada, inspirada, multiplicava as notas melodiosas e arrebatadoras.

Afinal, exhausta de fadiga, interrompeu o canto, descançou a guitarra e deixou os dedos deslisarem levemente pelas cordas; mas, animando-se ainda uma vez, tornou a fazer ouvir algumas notas vigorosas. Pantaleão, que afrouxara o passo, começou novamente com mais enthusiasmo, mal tocava no chão e saltava até ao tecto, gritando: Depressa, depressa.

Era meia noite quando sahi de Bezsonovo, contente com a minha visita e com os meus amigos.

Ivan TOURGUENEFF.

OS PORTUGUEZES NA INDIA ANTIGA

(Continuação)

«Na egreja e nas procissões o vice-rei vae do lado direito, e o arcebispo do esquerdo. O filho do vice-rei vae logo atraz por ter a capitania de Ormuz, e ser assim a primeira pessoa abaixo do vice-rei, porque quem foi capitão de Ormuz não póde ser na India senão irmão do vice-rei. Comtudo o vice-rei pessoalmente não é tão dado á magnificencia como os fidalgos. Todos os que teem cavallos, ainda que não sejam nobres de linhagem, não deixam de acompanhar o vice-rei, porque alli todos se dizem nobres. Quando o vice-rei e os fidalgos se recolhem a Portugal, vendem todos os seus cavallos aos outros que chegam.

«Quando um vice-rei chega á India, desembarca em Pangim, depois manda avisar da sua chegada com as provisões dos seus poderes, as quaes são abertas nas casas da camara em presença do antigo vice-rei, que se apparelha a deixar o posto; e os officiaes do novo vice-rei fazem mobilar e arranjar o palacio. Sete ou oito dias depois d'isto é recebido como rei, e se fazem para este effeito grossas despezas. O antigo vice-rei vem ao encontro do outro e lhe faz uma falla que diz: Que lhe entrega na sua mão todo

o estado; e de que modo deva proceder com os indios, como com os portuguezes, aos quaes por sua arrogancia é mister ter a redea teza. Isto feito, retira-se, e depois visitam-se pouco, por grandeza. Desde então o vice-rei está fóra do cargo, e já se lhe não dá o tratamento de senhoria, porque na India só o vice-rei e o arcebispo teem este tratamento. O novo vice-rei traz comsigo todos os officiaes da sua casa, e não toma outros, salvo se alguns morreram na viagem. O rei paga salario a todos os servidores do vice-rei.

«Logo que um vice-rei chega, todos os embaixadores dos reis da lndia o vão cumprimentar, e elle despede correios a todos os reis amigos para confirmar a alliança, os quaes lhe enviam embaixadores extraordinarios com presentes, fazendo com elle como uma nova alliança. No fim de todos, os christãos da terra (e não os portuguezes, que não querem que se saiba o seu numero) fazem seu alardo, e teem por capitão um portuguez ou mestiço, e são todos obrigados a ter armas. Não se juntam todos em um só dia; mas cada freguezia em seu, e é sempre em dia sanctificado. Isto faz-se na presença do vice-rei no campo de S. Lazaro, ou passam em formatura por deante do palacio da fortaleza, estando o vice-rei na sua galeria, e o capitão lhe faz uma falla, e todos lhe prestam juramento. Os infieis não fazem alardo, nem lhe é permittido ter armas em sua casa.

«O vice-rei não vae comer a parte alguma, salvo no dia da Conversão de S. Paulo ao collegio dos Jesuitas, e no dia da Circumcisão á casa do Bom-Jesus. É servido com apparato real em sua comida, e come só; apenas o arcebispo vae algumas vezes comer com elle ao palacio. Nos dias das festas sobreditas os maiores fidalgos comem com elle á meza, mas não em frente d'elle nem do seu prato. As casas principaes mandam ao vice-rei muitos manjares delicados e excellentes; mas elle nunca os prova, porque teme muito ser envenenado. Só se fia dos jesuitas e até os

ha boticarios que ordinariamente lhe dão os remedios, de sorte que estes padres estão em grande conceito e credito para com elle.

«Emquanto aos ordenados e propinas do vice-rei são pouca coisa em comparação dos grandes lucros que elle póde tirar durante os tres annos do seu cargo, que montam ás vezes a perto de um milhão de oiro. O ordenado é de trinta mil cruzados, cada um dos quaes vale dois pardaus, pouco mais ou menos, o que não chegaria á sua sustentação, se não foram os presentes e outros proveitos que esteo em pratica e montam a muito. Logo que chega o vice-rei, os capitães, governadores e officiaes de el-rei o veem promptamente visitar para obter d'elle algum favor, como por exemplo uma capitania de viagem, dignidade ou outra coisa similhante, e para esse fim lhe fazem grandes presentes, e mesmo sem esse intento lh'os fazem segundo o rendimento e valor de suas fortalezas, a menor das quaes deixa doze e quinze mil cruzados; porque elles não podem roubar e fazer o seu negocio sem o favor do vice-rei. Todos servem os cargos só por tres annos, e durante esse tempo é mister que juntem para o resto da vida.

«O vice-rei faz grandes mercês e dá recompensas em cargos, rendas e dinheiro aos que teem bem servido a el-rei, e aos estropeados, viuvas e orphãs, tudo á custa da fazenda real, e dá de sua mão muitos cargos e officios. Os que teem feito serviços a el-rei procuram certidão d'elle para lhe serem levados em conta, e tambem devem ter a assignatura dos capitães com quem teem embarcado. Mas o mal está em que o vice-rei tira dinheiro de todas estas mercês e officios, e faz persuadir ao rei que os dá; e para isso despacha grande quantidade de petições de mercês, e o vedor da fazenda, e os thesoureiros se entendem com elle, negando-se a dar o dinheiro, e todavia dão conta a el-rei, como se o tivessem pago; e o mesmo fazem quanto á paga dos soldados, officiaes e marinheiros.

O vice-rei dá esmola ordinaria duas vezes por semana,

e nos dias de festa e domingos em que sahe. Esta esmola é para os indios christãos pobres, a quem o seu esmoler dá dinheiro no largo do palacio. Se ha alguma mulher viuva de portuguez, mandam-n'a pôr á parte e dá-se-lhe mais que aos outros indios. Quanto aos soldados, marinheiros e outros portuguezes pobres, entram na grande sala pintada; as mulheres e creanças ficam n'outra; e o vice-rei manda ao seu mordomo com o esmoler para lhes dar dinheiro. Chega a dar n'um só dia duzentos ou trezentos pardaus. Todas as mulheres e donzellas portuguezas veem em palaquins cobertos e entregam suas petições, nas quaes declaram a sua supplica e os fundamentos d'ella, e no seguinte dia veem vêr se teem tido despacho, ou não; as que estão doentes podem mandar outra pessoa. Esta especie de esmolas dá-se segundo a qualidade das pessoas. O vice-rei recebe todas estas petições e as despacha em pessoa no dia seguinte, mas de tudo isso tira bem a desforra em dobro. Envia além d'isso frequentes vezes esmolas ás prisões, egrejas, pobres, hospitaes e outros logares pios; e casa muitas donzellas e mulheres viuvas.

«Ora nos tres annos que assim o vice-rei, como os ontros capitães estão na India, teem mais cuidado de se enriquecer do que de guardar e conservar o estado, e em tão pouco tempo não podem fazer grandes progressos na guerra. Porque no primeiro anno o mais que podem fazer é saber o estado e fórma do governo, conhecer os povos e enviar armadas. No segundo anno enchem as bolsas, porque não dão nada do seu e se é mister dar presentes aos reis, senhores, embaixadores e outras pessoas, isso corre por conta da fazenda real. Emquanto aos capitães e fidalgos portu guezes, esses não recebem outros presentes, senão capitanias de viagens, permissão de certos traficos ou privilegios e cargos. Aquelles que não entram nos cargos esperam ser generaes, capitães-móres ou seus immediatos, e ter o mando das frotas e armadas de guerra ou mercantes que el-rei envia a differentes partes. Chegado o terceiro anno

o vice-rei vae ás vezes visitar com uma grossa armada todas as fortalezas da costa da India que se extende desde Coulão até Ormuz; mas elle tira grandes lucros d'esta viagem, assim dos capitães e governadores, como dos outros officiaes, e do proprio paiz; e ainda todas as despezas correm por conta da fazenda real. De sorte que não é maravilha enriquecerem tanto os vice-reis, além de seus servidores e officiaes em numero de cincoenta ou sessenta que ficam abastados para toda a sua vida.

«Se por ventura acontece alguma desgraça ao vice-rei que vem de Portugal, como muitas vezes acerta, o outro não fica com isso pesaroso, como succedeu no anno antes da minha partida, em que o vice-rei que vinha, e se chamava o conde da Feira, morreu na costa de Guiné, e seu corpo foi levado a Portugal. Vinha com quatorze navios, dos quaes só cinco chegaram a Gôa, e o resto perdeu-se e foi tomado pelos hollandezes. E é para notar que dos que morrem na India só os corpos dos vice-reis são levados a Portugal. Quando o vice-rei recolhe a Portugal escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *matalotagem*, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle: porque n'este caso todos quantos vão no navio que levam e teem sua matalotagem á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados. Assim quando algum grande senhor se apercebe para embarcar para Portugal, faz metter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguem entrar no rol do vice-rei, porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não dispende menos de duzentos ou trezentos pardaus.

É porém grande infelicidade para os portuguezes na India haver algum vice-rei agastadiço, colerico ou vicioso, como muitas vezes ha, ou seja por sua incontinencia com

mulheres, ou por outros vicios, porque tem elles tal privilegio, poder e auctoridade, que quando desejam uma bella donzella ou mulher, é bem difficil que por dinheiro, amisade ou por força não logrem o seu intento. Mas de ordinario não carecem de violencia, antes as mulheres ficam com isso mui contentes, e se hão por mui honradas e gloriosas; e se ellas teem marido, este é mandado pelo vicerei a alguma viagem distante. Mas muitas vezes acontece que como todas estas riquezas dos vice-reis veem da pilhagem e do roubo, por isso o mar fica sendo seu herdeiro e perecem miseravelmente.

«Esta frequente mudança de vice-reis não agrada aos portuguezes e á outra gente da India, nem tão pouco a similhante mudança que ha nos capitães das fortalezas e outros officiaes, e para significarem isto, contam que era uma vez um pobre á porta de uma egreja, com as pernas todas cheias de chagas, nas quaes pousaram as moscas em tal quantidade que fazia grande compaixão, pelo que outro homem se chegou a elle, e julgando que lhe dava muito gosto, lhe enxotou todas as moscas, com o que o pobre paciente se agastou muito, dizendo que as moscas que elle enxotava já estavam fartas e o não picavam, mas as que viessem de novo famintas o picariam muito mais. Assim (dizem elles) acontece com os vice-reis, porque os fartos se vão embora e veem os famintos. Todavia o rei usa d'estas mudanças por duas razões; a primeira pelo medo de algum levantamento, porque os capitães não entram todos ao mesmo tempo, mas agora um e logo outro: a segunda para enriquecer e contentar a seus subditos, porque para elle não ha proveito algum. Estando pois os vice-reis alli tão pouco tempo, não podem tomar resolução alguma para se rebellarem, porque, como disse, nem todos os governadores e capitães das fortalezas entram ao mesmo tempo, mas em diversos, e teem quasi todos suas mulheres, filhos e bens em Portugal. E quando tal coisa podessem fazer, seria mister que fossem bafejados de algum poderoso rei

da Europa, que fizesse o mesmo que fazem os reis de Hcspanha e Portugal, porque se elles não extrahirem as suas mercadorias e fazendas na Europa, toda a sua India não lhes valeria nada. Seria tambem mister que tivessem soccorros de homens, dinheiro, munições, navios e mercadorias da Europa, porquanto a sustentação d'este estado custa tanto, que só póde caber a um rei poderoso, e que conte dispender n'isso mais do que ha de sacar de proveito.

«Mas ha outras coisas que recompensam estas; e são: primeiramente o merecimento geral pela propagação da fé christã; depois a alliança com todos os mais poderosos reis da India, e finalmente o enriquecer todos os seus povos e reinos, que brevemente morreriam de fome sem a India; e egualmente seriam justiçados muitos mais homens em Portugal do que agora são se não foram estes paizes remotos onde os enviam degredados para ahi fazerem guerra aos infieis, e servirem ao seu rei por todo o resto da vida.

«Tendo fallado do vice-rei e do seu estado não será fóra de proposito dizer alguma coisa do arcebispo, primeiro prelado das Indias. Aquelle que o era quando eu estava em Gôa, era da ordem de Santo Agostinho, [1] cujo habito tra-

---

[1] «Reconquistada ao Hyde-el-khan a cidade de Goa pelo grande Affonso de Albuquerque, em 25 de novembro de 1510, dia de Santa Catharina, foi esta virgem e martyr da Alexandria escolhida pelo vencedor para padroeira da nova capital da India portugueza e sob a sua invocação se principiou logo a edificar uma egreja, unica que a cidade possuiu até ao anno de 1542 e que mais tarde se transformou na sumptuosa cathedral, que ainda hoje se admira na velha e abandonada Goa.

Antes porém de começar a edificação d'este primeiro templo da christandade no oriente, já se havia celebrado missa no recinto de Goa, em uma mesquita que a piedade de Albuquerque fizera converter em egreja catholica, e que elle doara, logo depois da conquista, aos religiosos de S. Francisco, que o tinham acompanhado desde Portugal. Foram estes frades os primeiros pastores espirituaes de Goa, como haviam sido os primeiros capellães das naus que devassaram os mares da India.

zia; orçava por cincoenta annos de edade, e havia quinze ou dezeseis annos que occupava o cargo. Tinha fama de ser muito caritativo e esmoler. Fez construir e fundou gran-

---

Passados annos (1542) aportaram ao Indostão os padres da companhia de Jesus, guiados pelo apostolo do oriente, S. Francisco Xavier, os quaes tomaram posse do seminario de Santa Fé, instituido por dois clerigos seculares, e que foi transformado em collegio e egreja de S. Paulo, da ordem dos jesuitas.

Appareceram depois no Malabar os filhos do patriarcha S. Domingos, porém só no anno de 1549 se reuniram em communidade n'aquelle estado, e em 1566 estabeleceram-se na India os reformados de S. Francisco; seguiram-se-lhe os augustinianos, que chegaram a Goa, em numero de doze no anno de 1572, e logo fundaram convento da ordem dentro da nova cerca da cidade.

Após estes vieram á India os carmelitas italianos, que tambem estabeleceram um convento em Goa e se encarregaram das missões da costa do Malabar e do imperio do Mogol; porém foram expulsos da India portugueza em 1707 por se negarem, como extrangeiros, a prestar juramento de fidelidade ao soberano de Portugal. A sua egreja e cenobio passou para os padres de S. Filippe Nery, ou da congregação do Oratorio, que pouco antes se tinham estabelecido na ilha (1682). Já a esse tempo haviam fundado outros mosteiros na capital da India portugueza os theatinos ou clerigos regulares de S. Caetano (1646) e os hospitaleiros de S. João de Deus (1681) que dirigiram por muitos annos os hospitaes d'aquelle vasto emporio. Os carmelitas (ordem terceira) foram os ultimos a estabelecer-se nos estados da India (1750).

Estes religiosos repartiram entre si as missões da Asia e Africa oriental, do seguinte modo: os franciscanos tomaram para si as de Cochim, Coulão, Ceylão, costa do Coromandel e Japão; os jesuitas, missão universal, dividiram-se em quatro provincias orientaes: do *norte*, do *sul*, do *Japão* e da *China*; os dominicos tinham á sua conta a Africa oriental, Jafanapatão, Malaca, China, Solor e Timor; os reformados de S. Francisco encarregaram-se das christandades de Diu, Damão, Chaul, S. Thomé, e tambem de parte de Malaca, Moçambique, Cochim, Taná e Ceylão; os augustinianos, da Persia, Baçorá, Mascate, Ormuz, Baçaim, Bengala, Mombaça, e tomaram parte em outras muitas missões; os theatinos, do Malabar, Golconda, Bornéo, e Sumatra; os carmelitas, de Canapur, Quitur e Tamaricopa; os congregados, de Ceylão, e os hospitalarios, dos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique.

de numero de conventos e mosteiros; dá esmolas publicamente a toda a sorte de pessoas necessitadas, do mesmo modo que faz o vice-rei, mas dá-as mais frequentemente,

---

O unico convento de religiosas fundado na ilha de Goa o qual ainda hoje existe, é o mosteiro de Santa Monica da ordem de Santo Agostinho, instituido pelo arcebispo D. fr. Aleixo de Menezes em 1606.

Quando pela perda de Ceylão, Malaca, Cochim, e outras conquistas dos portuguezes, ficou o estado da India reduzido a Goa, Chaul, Baçaim, Damão, e Diu, em cujas cidades havia ao todo quarenta mosteiros, mas povoado cada um d'elles de poucos religiosos, tentou-se diminuir o numero de casas conventuaes, ou pelo menos prohibir que de futuro se erguessem novos cenobios; porém uma e outra idéa caducaram, porque as tendencias do seculo não animavam emprezas de tal ordem.

Pela extincção da companhia de Jesus em 1759 foram presos no estado da India os duzentos e vinte um jesuitas que alli viviam em casas conventuaes e collegios; e em 1761 foi cedida a sua casa professa do Bom Jesus, o noviciado da ilha de Chorão e a casa conventual de Rachol aos missionarios italianos de S. Vicente de Paula, para ali estabelecerem seminarios. Estes padres, expulsos da India portugueza em 1790 por não quererem admittir alguns regulamentos contrarios aos seus estatutos, que o governador e o arcebispo de Goa lhes tentaram impór, foram substituidos no magisterio por portuguezes da mesma ordem religiosa (do convento de Rilhafolles), e na sua falta, por clerigos da congregação do Oratorio.

Por occasião de um incendio na Casa do Bom Jesus, foi extincto o seminario que ali existia, e os outros dois (Chorão e Rachol), foram ha pouco reunidos em um só. Os collegios e egrejas de S. Paulo, e de S. Roque de Goa, que pertenciam egualmente aos jesuitas, cairam em ruinas com a ausencia dos mesmos padres.

Quando foram extinctas as ordens religiosas na India (1835), existiam em Goa duzentos e quarenta e oito frades repartidos pelas seguintes ordens:

Franciscanos	27
Ditos reformados	31
Dominicos	41
Augustinianos	59
	158

porque tambem sahe mais vezes. Á mesa é servido do mesmo modo que o vice-rei. Elle mesmo serviu por muito tempo de vice-rei e de arcebispo juntamente. Dá-se-lhe o

---

Transporte.....	158
Theatinos	16
Hospitalarios	15
Congregados.....	36
Carmelitas.....	23
Total.....	248

Se a abolição completa de todas as ordens monasticas em Portugal é assumpto que admitte controversia quanto á sua utilidade ou incouveniencia, a extincção das casas religiosas da India não está no mesmo caso: os frades eram os maiores perturbadores da ordem publica. e os inimigos mais declarados da prosperidade d'aquelle estado.

«Affirmo a Vossa Magestade (dizia o vice-rei da India, conde de Villa Verde, em officio datado de 15 de novembro de 1694) que o maior trabalho que aqui teem os vice-reis é com os frades; e sendo-me necessaria toda a attenção para as materias politicas do governo, os frades me perturbam de sorte que para elles só todo o tempo não basta.»

E já em dezembro de 1691 escreviam ao rei os governadores interinos da India.

«Senhor: — Não dá tanto cuidado a quem governa este estado, o em que elle se acha, como dão as continuas perturbações dos religiosos que assistem n'estas partes, sendo excepção de todos, os *dominicos* e os padres da *companhia de Jesus*, porque só estes vivem com aquella moderação religiosa que em toda a parte costumam ter; porém nos mais é insoffrivel a inquietação que causam, pois apenas se socegaram os religiosos de Santo Agostinho, quando começaram a contender os capuchos, franciscanos e carmelitas; o que fazemos presente a Vossa Magestade, para que seja servido ordenar o como nos havemos de haver nas bulhas d'estes religiosos, que *devendo gastar o tempo na conversão dos infieis, o consomem e passam todo em dependencias particulares, parecendo os claustros mais quarteis de soldados que habitações de monges.*»

Devemos todavia confessar que se os frades não davam licções

tratamento de *senhoria*, como ao vice-rei. Tem amplos poderes sobre todo o clero da India e representa o papa. Come em publico e é servido em pratos cobertos. É costume dos

---

de moralidade ao povo, muitas vezes serviram para animar, com o exemplo, os soldados da India. Sabemos por um documento official do seculo XVII, que os franciscanos obraram proezas na guerra, pelejando e morrendo muitos d'elles, como valentes, na defeza do forte de Chaporá, na investida do baluarte Santo Estevão, em Gôa, nas muralhas da fortaleza dos Reis Magos, na guarnição do Poço de Carambolim, e em outros logares arriscados. A camara de Bardez porém não apreciava as qualidades bellicosas dos bons religiosos, e quasi ao mesmo tempo que clles praticavam feitos heroicos, e derramavam o sangue em defeza do estado, reclamava ella contra as *insolencias*, *desaforos e iujurias* que soffria o povo d'aquella comarca da parte dos ditos religiosos, que parochiavam vinte e quatro egrejas do respectivo territorio.

A India, como todas as conquistas dos portuguezes na Asia e na Africa estava a principio sujeita na parte espiritual ao prior mor da ordem de Christo, por bulla do papa Leão X, e passou em 1515, por outra bulla do mesmo pontifice a ficar subordinada com as demais possessões ultramarinas, ao novo bispo do Funchal e Arguim; porém no anno de 1534, constituiu-se o bispado de G a (por bulla do santo padre Paulo III, de 1 de novembro) comprehendendo todos os estabelecimentos portuguezes, desde o Cabo da Boa Esperança até aos confins do oriente, e ficando por então suffraganeo do arcebispado do Funchal, cuja diocese fôra elevada á dignidado metropolitana em 1533.

A instancias de el-rei D. Sebastião foi Goa elevada á categoria de arcebispado, por bulla do papa Paulo IV, de 4 de fevereiro de 1557, com dois bispados suffraganeos: o de Cochim, cuja diocese começava em Cranganor e abrangia a costa de Coromandel até ás boccas do Ganges; e o de Malaca, comprehendendo a peninsula malaia, de Pegu até á China, Java, Sumatra e as Molucas. A diocese de Goa ficava restringida á parte da India ao norte de Cranganor e Africa oriental até ao Cabo da Boa Esperança.

Depois foram creados outros novos bispados suffraganeos de Goa; a saber: o de Macau, comprehendendo toda a China e Japão, em 1575; o de Funay, desmembrando o Japão d'aquelle, em 1588; o de Meliapor, que começava na costa de Coromandel e terminava no Pegu (1606); os de Pekin e Nankim, na China, tambem desmembrados do de Macau, em 1690. O arcebispado de Cranganor, erecto

arcebispos fazerem comer á sua meza, e das mesmas iguarias a doze pobres, mas assentados em logar mais baixo que elle; e todavia, este de que fallo os faz comer n'outra

---

por bulla de 3 de dezembro de 1609 em substituição do bispado de Angomale (creado em 4 de agosto de 1600), comprehende o territorio do Indostão entre Cananor e Vaipim, e não teve, nem tem, suffraganeos.

Tambem tivemos um patriarcha na Ethiopia, um bispo de Sirene na Persia e outros *in partibus infidelium.*

Celebraram-se em Goa cinco concilios provinciaes (desde 1567 até 1606), e n'elles se fizeram trezentos e dezeseis decretos relativos á disciplina da egreja.

Desde 1606 que o arcebispo de Goa tomou o titulo de *primaz do oriente.*

Em 1612 foi separada do arcebispado de Goa a costa oriental de Africa desde o cabo Guardafu até ao da Boa Esperança, cujo territorio passou a constituir a prelazia de Moçambique.

Por bulla do papa Gregorio XIII, de 13 de dezembro de 1572, foi concedido aos bispos de Cochim o direito de governar o arcebispado de Goa na *séde-vacancia*; e por bulla do pontifice Leão XII, de 12 de dezembro de 1826, se estendeu esse mesmo direito ao arcebispo de Cranganor na falta do bispo de Cochim, e ao bispo de Meliapor na falta do arcebispo de Cranganor.

Os arcebispos de Goa e os cabidos da mesma Sé perturbaram por varias vezes a paz do estado, a ponto de obrigarem os vice-reis e governadores a tomar sérias medidas de repressão contra elles, e até mesmo a provocarem as censuras da côrte e determinações superiores para obviarem aos seus excessos. O breve apostolico de 10 de março de 1635, communicado ao vice-rei da India por carta régia de 27 do mesmo mez e anno, auctorisara-o a mandar governar a diocese pelo inquisidor, quando soffresse opposição do cabido.

O tribunal da inquisição de Goa foi fundado em 1560, abolido em 1774; de novo estabelecido em 1779, mas sem o apparato das fogueiras, e regulando-se o processo dos réos pelas leis geraes do reino; em 1809 passou este tribunal a ser presidido por um secular, e finalmente foi abolido, por carta régia de 21 de maio de 1814.

Quando soou a ultima hora a este tribunal de sangue, sacrilegamente chamado *santo officio*, já estava muito modificado o systema das *torturas* e tinham acabado os espectaculos de cannibaes, denominados *autos de fé.*» Francisco Maria Bordallo.—*Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas na Asia, pag. 141.*

meza perto da sua. Ao jantar e á ceia é servido em baixella de prata ou de prata doirada e os pobres em porcellana. Estes pobres não são indios, mas soldados e marinheiros portuguezes caidos em necessidade, ou seja por effeito do jogo, ou por não serem pagos de seus soldos. De sorte que quando elle está á meza, abre-se a porta da sala do jantar, e os seus domesticos escolhem e fazem entrar as doze pessoas que bem querem. É coisa divertida vêl-os em conpetencia de quem se sentará primeiro porque o que uma vez se sentou, não torna a levantar-se. Eu comi ali muitas vezes quando não tinha dinheiro; e quando mais de doze pessoas, os que excedem esperam na grande sala que o arcebispo acabe de comer, e então se manda a alguns do que sobeja ao levantar da meza.

«O rendimento d'este prelado é maravilhosamente grande e este do meu tempo tinha um mordomo que possuia de seu sessenta mil cruzados, e todos os outros seus officiaes e servidores á proporção. Estes servidores são chamados *creados*, e pela maior parte veem de Portugal; os outros são escravos e chamam-lhes *captivos*. Quanto ás esmolas, não são sempre do proprio bolsinho do prelado, mas todos os annos se lhe entregam grandes sommas de dinheiro para este effeito. Tira grandes presentes e proveito de todos os outros prelados e ecclesiasticos da India. Tem sua justiça e suas prisões em Goa, e tem direito de inspecção sobre a Inquisição, e por este respeito tem sua parte na confiscação dos bens dos que n'este tribunal são condemnados. Este de que tenho fallado é mui curioso de fabricar egrejas e mosteiros, e principalmente um da sua propria ordem, que elle augmenta e enriquece muito e tem ahi feito aposentos separados para elle, onde se recolhe ás vezes por dois ou tres dias. Vae tambem algumas vezes passar oito dias a fio n'outro convento chamado de *Nossa Senhora do Cabo*, que é de Capuchos ou Recoletos, á entrada da barra, e vae ali por agua na sua *manchua* ou pequena galeota coberta.

«Quando o vice-rei ou o arcebispo vão assim por mar, vão acompanhados por muitas outras *manchuas* de fidalgos. Tem tambem uma musica excellente de trombetas, charamelas e outros instrumentos, e por esta guisa todos os fidalgos principaes.

«Quando o arcebispo anda pela rua vae no seu palanquim, acompanhado de muitas pessoas nobres a cavallo, e de dignidades ecclesiasticas em palanquim, cada um em seu; atraz vão muitos pagens e lacaios a pé; os servidores portuguezes vão a cavallo. Nas grandes solemnidades e procissões geraes apparece com apparato pontifical, e adiante d'elle vae um capellão com uma cruz similhante áquella que vi na egreja dos jesuitas, e de que acima fallei. No pateo de seus aposentos e defronte d'elles ha sempre grande numero de cavallos e de palanquins de fidalgos e outras pessoas, que ali veem ou a tratar de negocios ou a fazer visita. Nunca sahe fóra de Goa e não faz visitas; deixa isso ao seu bispo de Goa.

«O arcebispo sobredito tinha grande desejo de regressar a Portugal, mas não ousava fazel-o, porque é mister que el-rei envie outro que lhe succeda. Comtudo elle havia obtido licença para se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afóra os seus domesticos que montavam bem a outro tanto numero, e são necessarios ao menos trezentos *pardaus* para mantença de um homem da India a Portugal. Eu e os meus dous companheiros lhe apresentámos a nossa petição, para que fosse servido deixar-nos embarcar na sua nau, o que elle nos concedeu, assim como a outra muita gente. Mas coisa de um mez antes de as naus estarem prestes a partir, determinou ficar ainda mais um anno, e de feito eu soube depois que no anno seguinte recolhera a Lisboa a salvamento. Quando eu estava ainda na India ouvi dizer que o rei de Hespanha estava raivoso contra elle por causa da morte do rei de Ormuz, que elle mandou queimar em Goa, como adiante direi, porquanto

todos os portuguezes dizem que só elle fôra d'este parecer, querendo o vice-rei, toda a nobreza, e até a Inquisição salvar o homem; mas o arcebispo trouxe-os á sua opinião com boas pistolas de que estava munido. Pela minha parte eu sempre o achei homem muito de bem e grande esmoler. Mandou-nos dar com que comprassemos camisas e mais vestuario quando estavamos para embarcar. Fallava-nos muitas vezes e fazia-nos muito bem; e admirava-se principalmente como, sendo nós francezes, puderamos passar o Cabo da Boa Esperança, visto que os reis de França e de Hespanha eram entre si amigos, e d'ahi tirava por conclusão que todos eramos piratas e ladrões; opinião que alli era geral sobre nós, não sendo segundo elles, tanto de estranhar este procedimento nos inglezes e hollandezes por serem seus inimigos assim no que tocava ao estado como na religião. Mas não obstante isto, este arcebispo não dizia, como toda a outra gente, que deviamos ser enforcados com a licença e passaporte do nosso rei pendurado ao pescoço.

«Ha longo tempo que os jesuitas e elle andam em litigio, porque lhe não querem reconhecer superioridade, mas só ao Papa e ao seu geral; este processo está pendente em Roma. O arcebispo quando sahe fóra, faz levar comsigo um grande *sombreiro;* e é para notar que assim o d'elle, como o do vice-rei e dos outros grandes senhores, são mui magnificos e cobertos de velludo ou outro panno de seda, e no inverno de algum bom panno oleado; e o cabo d'esses sombreiros é de bonito feitio, pintado de azul, e doirado.

«No que toca aos outros prelados, governam-se em seus cargos do mesmo modo que em Hespanha. Quanto á Inquisição é composta de dois ecclesiasticos, que são tidos em grande dignidade, e respeito, mas um é superior ao outro, e se chama *inquisidor-mór*. A justiça da Inquisição é ahi muito mais severa que em Portugal, e queimam mui frequentemente os judeus, a que os portuguzes chamam christãos novos. Quando estes são presos pela justiça do Santo

Officio, todos os seus bens são tambem confiscados, e não prendem senão os ricos. É esta justiça a mais cruel e impiedosa coisa do mundo, porque a menor suspeita, a mais leve palavra, seja de uma creança ou de um escravo que quer ser molesto a seu senhor, fazem logo condemnar um homem á pena ultima, e dá-se alli credito a qualquer creança, por mui pequena que seja, comtanto que saiba fallar. Ora são accusados de pôr crucifixos nas almofadas sobre que se assentam ou ajoelham, ora que açoutam imagens e não comem toucinho, emfim, que guardam ainda secretamente sua antiga lei sem embargo de fazerem publicamente obras de bons christãos; e verdadeiramente creio que a maior parte das vezes provam contra elles o que querem porque não condemnam á morte senão os ricos, e aos pobres dão sómente alguma penitencia. E o que é ainda mais cruel e iniquo é que um homem, que quizer mal a outro, por se vingar o accusará d'este crime e sendo preso, não ha amigo que ouse falar por elle, nem visital-o, ou procurar por suas coisas, como em similhantes casos acontece aos criminosos de lesa-magestade. O povo em geral não ousa fallar d'esta inquisição, salvo com grande acatamento e respeito, e se por ventura escapasse alguma palavra que de algum modo lhe tocasse é mister ir logo accusar-se e denunciar-se a si a propria pessoa, se desconfia que alguem a ouviu; porque, aliás se outrem a denunciasse, ficaria logo perdida. É horrivel e escandalosa cousa ser alguma vez alli preso, porque não ha nem procurador nem advogado que falle pelo pobre encarcerado; mas os ministros d'aquelle tribunal são juizes e partes ao mesmo tempo.

«A fórma de proceder na inquisição de Goa é em tudo similhante á de Hespanha, Italia e Portugal. Ha pessoas que ás vezes estão dois ou tres annos presas sem saber porquê, e não são visitadas senão pelos officiaes do tribunal; e no logar em que estão nunca vêem a mais ninguem; e se não teem posses para viver, dá-lhes el-rei o mantimento.

Os gentios e moiros indianos, de qualquer religião que sejam, não são sujeitos á inquisição, salvo se se houverem feito chistãos; mas assim mesmo não são castigados tão rigorosamente como os portuguezes, ou *christãos novos* vindos de Portugal, e os outros mais christãos da Europa. Mas se por ventura um indio, moiro ou gentio, tiver divertido ou impedido outro, que mostrasse vontade de se fazer christão, e que isto se provasse contra elle, seria castigado pela inquisição; como tambem aquelle que tivesse feito a outro deixar o christianismo, como mui frequentes vezes acontece. A causa porque não tratam estes indios tão rigorosamente é porque entendem que elles não podem ser tão firmes na fé como os christãos velhos; e tambem porque assim se impediria a conversão dos outros: de sorte que se lhes deixam ainda algumas pequenas superstições gentias, como não comer carne de porco ou de vacca, ou não beber vinho; e egualmente o seu antigo modo de vestir e adornos, assim aos homens como ás mulheres christãs.

«Ser-me-hia impossivel dizer quanto numero de pessoas esta inquisição faz morrer diariamente em Gôa, e contentar-me-hei só com o exemplo de um joalheiro ou lapidario hollandez que alli assistia ha mais de vinte e cinco annos, e era casado com uma portugueza mestiça, de quem tinha uma filha mui linda prestes a casar, e havia grangeado uns trinta a quarenta mil cruzados de fazenda. Ora dando-se este homem mal com sua mulher, foi accusado de ter livros de religião protestante, e sendo por isso preso, sua fazenda foi confiscada, e d'ella deixaram metade á mulher, e a outra metade ficou á inquisição. Não sei que mais aconteceu, porque n'esse meio tempo me vim embora, mas bem creio que terá sido sentenciado á morte, ou ao menos perdido toda a sua fazenda. Era hollandez de nação; não fizeram outro tanto a um soldado portuguez, que era casado em Portugal e na India, mas era pobre, e assim só o mandaram na nossa náu preso para Lisboa; se

fosse rico, não teriam tomado o trabalho de o mandar.

«Todas as outras inquisições da India são subordinadas á de Goa. E' nas festas principaes do anno que se fazem as execuções, e n'estes autos todos os pobres condemnados marcham-juntos com camisas breadas e pintadas de chammas de fogo; e a differença que os que são condemnados a pena ultima teem dos outros, é que as chammas d'estes correm para cima, e as d'aquelles correm para baixo. São levados á egreja principal, ou *Sé*, que é muito perto da prisão, e alli assistem á missa e sermão, no qual se lhes fazem grandes admoestações; depois são levados ao *Campo de S. Lazaro*, e alli os queimam em presença dos outros, que assistem ao auto.

«Fallando agora dos ecclesiasticos da India; ha ahi grande numero de ordens religiosas, que todas recebem renda de el-rei de Hespanha, além d'aquellas que são mendicantes, e que arranjam grossas esmolas, e a essas mesmas dá el-rei alguma pensão. Os parochos tambem recebem todos de el-rei as suas ordinarias, e este cobra os dizimos que o papa lhe concedeu; o pé d'altar e mais benesses pertencem aos vigarios e curas. Todos os ecclesiasticos andam vestidos de sarja de algodão, por quanto a lã alli é mui rara e cara, porque vem de Portugal; e o algodão é mui commodo por causa do calor. Lá não é como cá entre nós, porque toda a sorte de religiosos alli baptisam, confessam, são curas d'almas, e administram todos os sacramentos, como os outros sacerdotes seculares, que elles chamam Clerigos. Acceitam para padres aos indios naturaes, de qualquer religião que procedam, excepto os jesuitas que não querem senão christãos nascidos de pae e mãe europeus. Todos os ecclesiasticos são mui ricos, e cada um grangeia particularmente para si o que pode; os jesuitas porém teem tudo em commum; e quando andam de viagem por onde quer que seja não levam mais que o seu breviario. Só elles tambem são os que en-

sinam a doutrina, e tem collegios n'aquella terra para toda a sorte de scieucias, e instruem toda a sorte de creanças, assim indios como portuguezes.

«O seu principal e primeiro collegio de toda a India é o de S. Paulo de Goa, onde mandaram fabricar contiguas á sua casa e egreja apesento para isso e ahi todas as classes são mui bem separadas e ordenadas. Os estudantes não entram na casa dos padres, e os mestres não saem de casa para ir ás suas classes, nem passam á rua para esse fim. Fazem alli muitas vezes brinquedos, representam comedias, com guerras e batalhas, tanto a pé como a cavallo, e tudo em muito boa ordem e com vestuario apropriado. Penso que ha n'este collegio mais de tres mil estudantes. Quando vão para o estudo, vão estes antes de entrar nas aulas ouvir missa á egreja de S. Paulo e quando saem das aulas todos os de um mesmo bairro caminham juntos, e vão cantando pela rua em alta voz resas e orações com seu credo; mas só vão assim cantando os menines menores de quinze annos, porque os de quinze annos para cima não seguem este estylo. O fim d'este canto é attrahir os infieis á fé.

«Todos os domingos e dias santos depois do meio dia os mestres e outros padres jesuitas para isso ordenados, vão em fórma de procissão pela cidade, com cruzes e bandeiras, cantando com todos os seus estudantes, que marcham formados segundo as suas classes, e então cantam todos, grandes e pequenos e são seguidos de grande numero de habitantes, e todos vão á egreja do Bom-Jesus, onde um padre jesuita os cathequisa e toda a egreja está cheia de bancos para este effeito. As mulheres tambem ali vão para ouvirem o cathecismo, sem faltarem um só domingo ou dia santo. Estes padres jesuitas não recebem dinheiro dos estudantes. Todos os portuguezes da India teem tambem costume de no dia de finados enviar quanto cada um melhor póde, pão, vinho, e outras eguarias sobre as sepulturas de seus parentes e amigos defunctos; e durante

o officio todas as sepulturas se vêem cobertas d'estas coisas; e depois do povo sahir da egreja, os padres ou religiosos aproveitam para si tudo isto, ficando em obrigação de rogar a Deus pelos finados.

(Continúa).

Édouard ROD.

PECCADOR

Este é o altivo peccador sereno,
Que os gemidos afoga na garganta,
E, calmamente, o copo de veneno
Aos labios frios sem tremer levanta.

Tonto, no escuro pantanal terreno
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,
Nem assim, miseravel e pequeno,
Com tão grandes remorsos se quebranta.

Fecha a vergonha e as lagrimas comsigo...
E, o coração mordendo, penitente,
E, o coração rasgando, castigado,

Acceita a enormidade do castigo
Com a mesma face com que, antigamente,
Acceitava a delicia do peccado.

6 — dezembro — 1895.

Olavo BILAC — (Brazileiro).

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

Succedeu estar um dia em casa de uma senhora do seu conhecimento, a qual era uma das nossas amigas. Falou na ordem do primeiro consul e no seu desejo de ter, afinal, o que desejava havia tanto tempo: um interior.

— Já foi a casa de M.me de Permon? perguntou-lhe a senhora com quem elle fallava.

— Não. Porque me faz essa pergunta?

— Porque me parece que a filha d'ella lhe convem, por muitos motivos.

— A filha! exclamou Junot. Mas era uma creança quando eu parti para o Egypto.

— Está uma senhora. Tem dezeseis annos. Olhe, eu agora queria casal-a, e a mãe anda tão encasquetada com um outro casamento que quer obrigal a a fazer, e que não tem senso commum (porque o noivo podia ser pae d'ella), que fez ouvidos de mercador quando lhe faleí no meu projecto. Ora é bom que saiba que se trata de um rapaz encantador e de um dos primeiros nomes de França.

— E o que quer que eu faça no meio de tudo isso? disse Junot rindo. Está-me propondo uma mulher que tem vin-

te pretendentes. Mademoiselle Lulu, parece-me que era assim que ella se chamava, deve ser uma menina muito mal educada. Não, não, fico-lhe muito obrigado.

E sahiu, correndo.

Depois de ter visitado M.me d'Orsay, Junot foi tambem a casa de M.me Hamelin.

Apenas chegou, falou-lhe na diligencia em que andava, de procurar mulher.

— Ah! disse-lhe ella, conheço uma menina com quem gostava muito que casasse! Mas não podemos pensar n'isso; já tem noivo.

E nomeou-me.

N'esse mesmo dia, Junot, preoccupado com o que M.me Hamelin lhe dissera, foi ter com uma pessoa que elle sabia estar em boas relações com minha mãe; e informou-se, não só a meu respeito, mas tambem a respeito dos projectos de minha mãe ácerca do meu casamento.

Estavamos nos fins de setembro. Os dois casamentos que preoccupavam minha mãe tinham-se, finalmente, desmanchado: um por razões de fortuna; o outro, porque eu me deitara a seus pés, supplicando-lhe que não me sacrificasse nem fizesse a desgraça da minha vida inteira. Minha mãe queria-me muito; desfez, portanto, um casamento que me era antipathico.

Uma noute, estavamos na sala com uma duzia de pessoas, unicamente; conversava-se, representavam-se charadas e ria-se, quando a porta se abre, de repente, e o creado annuncia: «o general Junot!» No mesmo instante, e como que por effeito magico, tudo ficou em silencio. Este effeito foi tão rapido, que o general sentiu-se um pouco embaraçado; mas a maneira por que minha mãe o recebeu, tranquillisou-o immediatamente. Extendeu-lhe a mão, reprehendeu-o com a maior amabilidade pela demora que tivera em ir visitar-nos, fel-o sentar-se junto d'ella e não conversou, em toda a noute, senão com elle.

Junot falou no Egypto, no que observara de extranho

aos nossos costumes, e falou de tudo como as pessoas que o conheceram sabem que elle podia fazel-o. Atreveu-se a propôr a minha mãe que fosse no dia seguinte vêr desfilar o cortejo pelo caes Voltaire: era a trasladação do corpo de Turenne, do Museu dos Agostinhos para os Invalidos:

— Pois sim, disse minha mãe, irei vêr passar os nossos dois valentes, o vivo e o morto. Mas o vivo ha de prometter-me que vem jantar comigo logo que o senhor marechal estiver installado na sua nova morada; quando não, fique sabendo qne não vou.

Junot prometteu e retirou-se.

No dia seguinte, ás duas horas, dirigimo-nos para o hotel de Salm; conduziram-nos para uma das salinhas que ficavam ao lado do salão circular. O general Junot mandara levar para lá uma poltrona muito commoda, tamboretes e almofadas; e o seu creado de quarto, um allemão chamado Heldt, esperava-nos e disse a minha mãe que o «cheneral Chinot» o mandara receber as suas ordens.

— Ora esta, disse minha mãe, então Junot imagina que eu sou um dos invalidos para onde elle vae transportar o seu defuncto?

Mas apesar de rir, estava muito reconhecida a estas attenções.

O cortejo passou defronte do hotel de Salm, cerca das tres horas. Era difficil não sentir uma grande commoção perante os restos d'aquelle heroe, arrancados ao repouso do tumulo e indo pedir asylo aos valentes, cujos paes tinham servido ás ordens d'elle. Essa escolta de velhos mutilados, rodeando o caixão e conduzindo-o sob uma abobada formada de bandeiras que elle conquistara, levando á frente um chefe, cuja cabeça loura e juvenil, coberta de cicatrizes, já era velha de gloria, todo esse conjuncto despertava nos corações os sentimentos mais generosos.

Havia dez dias que o general Junot se apresentara em nossa casa, e, desde o dia 21 de outubro, ia visitar-nos todas as noutes, com exactidão. Não me dizia nada, senta-

va-se ao lado da poltrona de minha mãe, conversava com ella ou com as pessoas que estavam na sala, mas nunca se aproximava do grupo onde eu estava, e, se n'essa época deixasse de visitar-nos, eu podia affirmar que mal o conhecia.

No dia primeiro de outubro demos uma pequena *soirée* dançante; antes de entrarem todos os convidados, uma das minhas amigas, Laura de Caseaux, chamou-me de parte e disse-me:

—Então é assim que tu estimas os teus amigos? Estás para casar e não dizias nada!

Fiz-me pallida, porque imaginei que ella se estava referindo ao enlace que eu temia. M.elle de Caseaux, que viu o meu espanto, continuou:

—Não será verdade? Não estarás para casar com o general Junot?

—O general Junot! exclamei eu. Mal o conheço e elle tambem não me conhece. Além d'isso, ha alguma probabilidade de que elle case com uma rapariga sem dote, sendo um amigo intimo do primeiro consul e um dos melhores partidos de França? Quem te deu essa grande novidade?

Ella nomeou-me a pessoa que o dissera em casa de M.me de Caseaux. Esta, que veiu ter comnosco um momento depois, confirmou o que sua filha dissera, dirigindo-me tambem censuras pela falta de confiança que eu depositava nas minhas amigas.

—Mas é uma aposta para me affligirem! exclamei, impaciente. Laura não é a minha melhor amiga? Se eu tivesse um segredo do genero d'esse em que me falam, sabel-o-hia ao mesmo tempo que eu!

Beijámo-nos e eu pedi ás duas senhoras que não repetissem uma palavra d'aquella conversa a minha mãe.

Nunca passei uma noute mais aborrecida em toda a minha vida. Minha mãe, que não desconfiava de cousa alguma, conversava e ria com o general Junot, o qual parecia tambem extremamente alegre.

— Deus me perdoe, disse-me Laura, mas parece me que o general casa com tua mãe.

— Não me admirava; minha mãe é encantadora. Vê como ella hoje está bonita!

Effectivamente, minha mãe era ainda muito formosa. Vestindo sempre com elegancia, esmerava-se talvez ainda mais com o vestuario, desde que estava doente. Penteadores de magnifica musselina da India, guarnecidos de *malines* e atados com grandes laços de fita, sempre novos, era o seu trajo habitual. Na cabeça trazia quasi sempre uma touca de *malines* ou de ponto de Inglaterra, de meio quarto de altura: essa touca, feita por M.elle Despaux, formava um penteado encantador, sobre tudo para minha mãe, que o usava como nunca o vi usar a pessoa alguma.

N'essa noute, M. de Trénis estava em nossa casa e quiz por força que eu dançasse com elle a *gavotta* de Dausomania: recusei; elle foi dizel-o a minha mãe, a qual me ordenou que dançasse.

Dancei, visto que minha mãe o queria. Mas, logo que todos sahiram e a casa ficou em silencio; logo que, sósinha no meu quarto, pude reflectir no que Laura de Caseaux me dissera, pensei que era conveniente dal-o a saber a minha mãe: no dia seguinte, depois de a beijar e pedir-lhe a benção, disse-lhe o que corria a meu respeito.

Esta noticia causou-lhe o effeito que eu receava.

— Mas a socidade tornou-se um inferno! exclamou ella. Por um rapaz ir dez vezes a uma casa, já se ha de tratar de casamento! E se o general Junot desposar M.me Leclerc, como é provavel, e conveniente mesmo, dir-se-ha que se desmanchou o seu casamento com minha filha,

Meu irmão entrou n'esse mesmo instante e minha mãe fez-me repetir o que acabava de dizer-lhe. Estava extremamente agitada. Tinha lagrimas nos olhos, e tremia. N'esse momento vieram prevenir-me de que M. Viglianis, meu professor de desenho, estava esperando para me dar licção. Aproximei-me de minha mãe afim de beijar-lhe a mão; ella,

porém, tomou-me nos braços e beijou-me, desfazendo-se em lagrimas.

— Falando a verdade, disse Alberto, não é razoavel, minha mãe! pois que! só por umas palavras ditas no ar...

— Pois é mesmo por isso, disse minha mãe. Julgas que, exactamente quando a teimosia de tua irmã acaba de recusar um casamento muito conveniente, e se desmancha outro por questões de fortuna, julgas que é muito agradavel para mim ouvir o seu nome ligado ao de um homem que nunca poderá ser seu noivo? Não, não, é muito desagradavel.

— Se quer que lhe diga o que penso a tal respeito, parece-me que Junot está apaixonado por minha irmã, disse Alberto.

Minha mãe ficou de bocca aberta, com os olhos fixos n'elle.

— Ora adeus! disse ella, por fim. E como sabes isso? Junot falou-te a esse respeito?

— Não me disse uma palavra, respondeu Alberto; mas eu vejo, e não é preciso mais...

— Ah! disse minha mãe, não me está reservada essa felicidade antes de morrer!...

Quando acabava de proferir esta phrase, parava uma carruagem á porta. Minha mãe, que ainda estava deitada (era apenas meio-dia), ia chamar para dizer que não recebia, quando ouviu meu irmão exclamar: É Junot!

— Junot! Para que virá elle cá a esta hora? Sim, sim, que suba, disse minha mãe á creada de quarto, que vinha perguntar-lhe se o general podia entrar. E disse a Alberto que ficasse.

Logo que o general Junot entrou no quarto de minha mãe, pediu-lhe que lhe deixasse fechar a porta; e, sentando-se junto do leito, disse-lhe, pegando-lhe na mão, que vinha apresentar-lhe um requerimento: E accrescentou, sorrindo: é preciso conceder-me a graça que peço.

—Se fôr possivel, está concedido, disse minha mãe rindo, e bem longe de suppor do que se tratava; se fôr impossivel, ha de fazer-se a diligencia.

—Isso depende de vossa excellencia e d'elle, respondeu Junot indicando Alberto.

Esteve um momento calado, dizendo em seguida:— Venho pedir-lhe a mão de sua filha. Quer conceder-m'a? Dou-lhe a minha palavra, e é a de um homem honrado, de que hei de fazel-a feliz. Posso offerecer-lhe uma existencia digna d'ella e da sua familia... Vamos, M.me de Permon, responda-me com a mesma franqueza com que eu lhe faço o meu pedido; sim ou não.

—Meu caro general, disse minha mãe, vou responder-lhe com a franqueza que reclama; alguns minutos antes da sua vinda, estava eu dizendo a Alberto que o general era o homem que eu mais desejava para genro...

—Sim? exclamou Junot, cheio de alegria...

—Sim, mas isto não é bastante para responder ao seu pedido. E' preciso que saiba, em primeiro logar, que minha filha não é rica; o dote que ella ha de receber é bem insignificante para uma fortuna como a do general. Além d'isso, é ainda muito nova; pense bem e depois tornaremos a falar nos seus projectos.

—Não esperarei nem vinte e quatro horas, exclamou Junot. Ouça, M.me de Permon; eu não me resolvi a dar este passo sem ter reflectido bem ácerca do que ia fazer. Quer conceder-me sua filha?... Quer dar-me sua irmã, Permon? disse elle, voltando-se para Alberto. Eu amo-a e juro-lhe mais uma vez que hei de fazel-a tão feliz quanto uma mulher pode sel-o.

Alberto approximou-se do general Junot, e, pegando-lhe na mão:

—Meu caro Junot, disse elle, em tom commovido, creia que o dia em que eu o tratar por irmão será um dos melhores da minha vida.

—E eu, disse minha mãe extendendo-lhe os braços,

dir-lhe-hei tambem que será uma felidade para mim chamar-lhe meu filho. Abrace-me, meu amigo.

Junot deitou-se nos braços de minha mãe, chorando.

— Bom, disse elle, enxugando os olhos, o que vão agora dizer de mim? que sou bem fraco... Mas preciso que me concedam ainda outro favor. E' uma cousa em que faço o maior empenho.

— O que é? perguntou minha mãe.

— Desejava que o pedido a sua filha fosse feito por mim.

Minha mãe oppoz-se:— nunca se tinha visto! dizia ella.

— Pode ser, disse Junot, mas se vossa excellencia me recebeu tão bem, porque ha de recusar-me este favor? Demais, é deante de sua mãe e de seu irmão que eu desejo fallar-lhe. Meu caro Alberto, quer ter a bondade de mandar chamar sua irmã?

Alberto comprehendera a intenção de Junot e queria auxiliai-o no seu projecto.

— Diga a minha irmã que sua mãe precisa falar-lhe, disse elle ao creado de quarto que veio receber ordens.

O creado entrou no meu gabinete de estudo onde eu estava trabalhando com M. Viglianis, afim de communicar-me as ordens de minha mãe, ordens a que obedeci immediatamente com grande tranquillidade, porque julgava que o general Junot se retirara havia muito tempo.

E' impossivel exprimir o que se passou em mim, quando, depois de abrir a porta do quàrto, avistei o general Junot sentado aos pés da cama de minha mãe; pegava-lhe n'uma das mãos e falava com vivacidade. Meu irmão estava de pé, encostado á borda do leito; todos tres riam. Logo que eu appareci, fez-se um silencio profundo. O general Junot ergueu-se, offereceu-me o seu logar, sentou-se n'uma cadeira ao meu lado, e em seguida, depois de olhar para minha mãe, disse-me, no tom mais sério possivel:

— Minha senhora, tive a felicidade de obter o consentimento de sua mãe e de seu irmão, ao pedido, que acabo

de fazer-lhes, da mão de vossa excellencia. Comtudo, devo dizer-lhe que esse consentimento será para mim nullo se vossa excellencia não declarar pessoalmente que annue ao meu pedido. Quer dizer-me, continuou elle, voltando-se para mim, se consente em ser minha mulher?

Desde que me sentara na cadeira em que o general Junot me collocara, parecia-me estar no meio de um sonho extraordinario, e, no emtanto, era forçoso responder uma palavra da qual dependia o destino de toda a minha vida!

No quarto reinava o mais completo silencio. Não era a minha mãe nem a meu irmão que competia fazerem-me falar. Comtudo, passados dez minutos, pouco mais ou menos, vendo que eu conservava os olhos baixos e não dizia nada, o general Junot julgou ver uma recusa no meu silencio, e, sempre impetuoso, talvez ainda mais nos sentimentos do que nas vontades, quiz saber a sua sorte n'aquelle mesmo instante.

—Já vejo, disse elle em tom amargo, que M.me de Permon tinha razão quando me dizia que o seu consentimento nada valia n'este caso. Minha senhora, diga-me sim, ou não, peço-lhe.

—Vamos, filha, então! é preciso responder a Junot, disse minha mãe. Se não queres falar-lhe, dá-me a tua resposta a mim e eu lh'a farei saber.

Eu sentia que o meu procedimento acabava por tornar-se ridiculo. Mas todas as potencias do mundo reunidas não me fariam proferir uma palavra nem erguer os olhos de cima do tapete onde estavam pregados. Desde que entrara no quarto, a commoção que sentia era tão violenta, que o coração batia-me como se quizesse fazer-me estalar o corpete. N'esse momento, o sangue subiu-me á cabeça com tanta rapidez, que não ouvi senão um zunir confuso e vão em torno de mim, senão um arco-iris movediço. Senti uma dôr aguda, e, levando a mão á testa, ergui-me e fugi com tal velocidade, que meu irmão não conseguiu deter-me. Correu atraz de mim, mas não me poude alcançar. O facto

é que, impellida como que por uma força invencivel, em dois segundos subira ao andar mais alto da casa, não parando senão quando cheguei ao sotão. la a descer para me refugiar no quarto de Alberto, quando encontrei este á minha procura. Censurou-me pela minha falta de juizo, beijou-me, levou-me para o seu quarto e conversámos ahi durante alguns instantes. Alberto conseguiu fazer-me serenar, mas não poude resolver-me a descer ao quarto de minha mãe. Estava decidida a não voltar lá emquanto o general Junot se não retirasse.

Quando meu irmão entrou de novo no quarto de minha mãe, achou o general muito agitado. Logo que avistou Alberto, correu ao seu encontro.

— E a minha resposta? disse elle com ar sombrio.

— A sua resposta, meu amigo, é tão favoravel quanto o senhor pode desejar. Minha irmã terá muita honra em usar o seu nome. São as palavras d'ella que eu repito; emquanto a outro sentimento, não póde exigir-lh'o já hoje.

— Então ella disse que teria muita honra em usar o meu nome?

— Meu caro Junot, disse-lhe minha mãe, conte-me como foi que o primeiro consul lhe deu licença para casar com minha filha.

— Elle ainda não sabe nada, respondeu Junot.

— Não sabe! exclamou minha mãe. O que! pois elle não sabe!... E o senhor veio pedir-me minha filha em casamento?...

Junot pega immediatamente no chapéu, depois de ter tirado o relogio para ver as horas, e diz a minha mãe:

— Vou ás Telharias. O primeiro consul ainda não está no conselho. Falar-lhe-hei e estarei aqui em menos de uma hora.

Aperta a mão a Alberto, beija a de minha mãe, desce a escada em dois saltos, sobe para a carruagem e grita ao cocheiro:

— Para as Telharias! a toda a brida! Mas não tombes o trem, toma sentido, porque preciso lá chegar.

— Onde está o primeiro consul? perguntou elle a Duroc.

— Está nos aposentos de M.me Bonaparte.

— Meu amigo, preciso falar-lhe immediatamente.

— Como estás agitado! disse-lhe Duroc, observando-lhe o rosto abrazado e o tremor da voz. Ha alguma novidade inquietadora?

— Não, não, disse Junot; mas é necessario que eu fale ao primeiro consul; depois te direi porque.

Instantes depois, Junot foi introduzido no gabinete do primeiro consul.

— O meu general, disse elle, entrando logo na materia, tem mostrado desejos de me ver casado; pois é negocio feito... Caso-me agora.

— Ah!... E acabas de raptar tua mulher? Vens com uns ares tão espantados!

— Não, meu general, respondeu Junot.

— Então quem é a tua noiva?

— E' uma pessoa que o meu general conheceu muito creança; de quem era muito amigo e por quem eu estou loucamente apaixonado... E' M.elle de Permon.

N'esta occasião, o primeiro consul não andava de um lado para outro, conversando, como era costume. Sentara-se e riscava a secretaria com um canivete; quando ouviu o meu nome, deu um salto, largou o canivete, e approximando-se de Junot, saccudiu-lhe um braço com força:

— Quem disseste tu que é a tua noiva? perguntou elle.

— A filha de M.me de Permon; essa creança que o meu general tantas vezes sentou nos joelhos, quando era tambem um rapaz bem novo.

— Não é possivel... Lulu não póde estar já em edade de casar... Quantos annos tem ella?

— Faz dezeseis d'aqui a um mez!

— Mas é um mau casamento, esse... Não ha riqueza. E

depois... como pudeste resolver-te a ser genro de M.me Permon?... Olha que é uma má cabeça!...

—Permitta-me que eu lhe observe, meu general, que eu não caso com minha sogra. Além d'isso, não póde fazer idéa do que é o interior d'aquella casa. Interrogue M.me Bonaparte, M.me Joseph, M.me Murat; estas senhoras dir-lhe-hão, todas, qual tem sido o procedimento dos filhos de M.me de Permon, desde o começo da sua doença cruel.

—Ella está muito doente? perguntou o primeiro consul com interesse.

—Muito; e só os cuidados mais attentos podem allivial-a e evitar que soffra.

—Mas, fortuna não ha nenhuma? Bem dizias tu, ainda agora, que estavas loucamente apaixonado. Que extravagancia! E eu que te recommendava, sobre tudo, que procurasses mulher rica; porque, emfim, tu não o és.

—Perdão, meu general; sou rico e muito rico, até. O general não é o meu protector, o meu pae, a minha providencia?

O primeiro consul sorriu.

—Fui visitar M.me de Permon e decidi-me logo.

—Collocaste-me na situação de nem sequer poder reprehender-te. Não casas com tua sogra, como dizes, e, se a tua noiva é tal como acabas de descrever-m'a, não vejo razão para ser severo com respeito á fortuna... Dou-te cem mil francos de dote e quarenta mil para a *corbeille* da noiva. Adeus, meu amigo... adeus, sê feliz! disse elle pegando na mão de Junot e apertando-lh'a com força.

Os preparativos do casamento fizeram-se com grande rapidez. M.elle L'Olive e M.elle Debeuvry, mercadoras de roupa branca, muito em voga n'esse tempo, foram encarregadas do meu enxoval. Junot mandou-lhes tambem fazer a *corbeille*, e M.mes Germon e Le Roy trataram dos vestidos e dos chapéus; Foucier engastou os diamantes.

O meu casamento fez-me esquecer o de M.me Murat. Carolina Bonaparte. era uma rapariga muito bonita, fresca

como uma rosa; não podendo de fórma alguma comparar-se em belleza com M.me Leclerc, com respeito a regularidade de feições, mas agradando talvez mais pela expressão do rosto e pelo brilho deslumbrante da pelle; emquanto ao mais estava muito longe de ter a perfeição de formas de sua irmã mais velha. A cabeça foi sempre de tamanho desproporcionado ao corpo. A cutis parecia setim branco coberto de rosas; os pés, as mãos e os braços podiam servir de modelo; os dentes eram encantadores, como os de todos os Bonaparte.

Possuia, n'essa época, em todo o seu brilho a frescura de rosa que constituiu a sua fama de belleza, e nunca a vi tão bonita como n'aquelle tempo.

Murat estava muito apaixonado por M.elle Bonaparte; era novo e não era feio: mas, n'aquelles dias gloriosos, havia em torno de Napoleão vinte generaes que valiam tanto como elle, pelo menos, e cuja celebridade, n'essa época, era até muito maior do que a sua.

O primeiro consul pensava em casar sua irmã com Moreau, quando elle chegasse do Egypto; isto dá uma idéa do que elle exigia na alliança de seu cunhado; muita gloria e, a respeito de nobreza, nenhuma. Carolina Bonaparte amava apaixonadamente Murat. Esse amor começara em Milão, no palacio Serbelloni.

Casaram pouco depois do dia 18 de brumario.

Estavamos no mez de outubro. O meu casamento fixara-se definitivamente para o dia 30. Os preparativos continuavam com actividade. O general Junot corria toda a manhã de um lado para o outro; depois, vinha á hora de jantar, com a carruagem ou o *cabriolet* cheios de desenhos, de mostras, de uma quantidade de bagatellas do armazem de Sikes ou do Petit Dunkerque, para minha mãe e para mim; não se esquecendo nunca do ramo que não deixou de levar-me um unico dia desde que lhe concederam a minha mão até ao do casamento. M.me Bernard, a celebre florista da Opera, era quem fazia esses ramos com uma arte admira-

vel, na qual é possivel que lhe succedessem, mas que ella teve a gloria de fundar.

A ceremonia religiosa devia effectuar-se de noute.

Essa ceremonia nocturna, que não me agradava muito, desagradou-me ainda mais quando me lembrei de que não haveria missa, e disse-o em voz baixa ao general, que me respondeu immediatamente:

— Farei tudo o que quizer; não é preciso mais do que ordenar. O casamento realisar-se-ha á meia-noute, e, d'esse modo, parece-me que o padre poderá dizer missa.

— Pois é isso que te preoccupa? disse minha mãe, depois de nos ouvir. Minha filha, o casuista mais tacanho dir-te-ha que a ceremonia nupcial póde ser completa sem haver missa depois. E agora, senhor meu genro, faça-me o favor de se retirar, tenho de ir mostrar o enxoval a esta pequena para saber se ella está satisfeita com o meu gosto.

Quando entrei na sala, que era muito grande, ainda assim, achei-me como a pomba ao sahir da arca, sem saber onde pôr os pés. De um enorme açafate, ou antes, uma mala de tafetá côr de rosa bordada a froco preto, com as minhas iniciaes, e um perfume muito activo a couro de Hespanha, sahia uma grande quantidade de pacotes atados com lacinhos côr de rosa e azues. Eram camisas de mangas golpeadas e bordadas, como M.elle L'Olive bordava; lenços, saias, roupões de manhã, penteadores de musselina da India, camisas de dormir, toucas de todos os feitios e de todas as côres, e tudo isto bordado, guarnecido de rendas valencianas, de *malines* ou de ponto d'Inglaterra.

Depois de terminada a inspecção do enxoval, foi a vez da *corbeille* que M.elle L'Olive dispozera emquanto eu via o magnifico presente de minha mãe e de meu irmão.

N'essa época ainda não havia o bom costume de não dar *corbeille*. Gastavam-se cincoenta ou sessenta luizes em mandar fazer uma muito rica para conter os objectos preciosos dados pelo marido, e essa *corbeille*, depois de estar em cima da commoda da noiva durante seis mezes ou um

anno, ía para o guarda-roupa, onde os ratos a roiam, apesar de todos os symbolos, todos os myrthos e os louros bordados na capa. Hoje tem-se o bom senso de guardar os chales, as rendas, n'uma jardineira elegante ou n'um cofre precioso, e isso, ao menos, fica. No meu tempo não era assim. M.elle L'Olive mandara fazer um vaso de um tamanho enorme, coberto de veludo branco e verde, ricamente bordado a ouro; a base era de bronze dourado, e a tampa bordada como o resto, era encimada por uma pinha de bronze negro atravessada por uma setta, a qual era fixa por duas corôas de ouro fosco, lavradas, uma de folhas de oliveira e outra de louro.

Era n'essa *corbeille* que estavam os chailes de cachemira, os veus de ponto d'Inglaterra, as guarnições de ponto de Bruxellas, e de rendas de seda, para o verão. Havia tambem vestidos de renda branca e de renda preta; peças de musselina da India, peças de veludo, fazendas turcas que o general trouxera do Egypto, vestidos de baile para noiva; o vestido de apresentação; vestidos de musselina da India bordados a prata, e, além d'isto, flores de M.me Roux, fitas de todas as larguras e de todas as côres; bolsas, leques, luvas, essencias de Fargeon, de Riban, *sachets* de couro de Hespanha e de ervas de Montpellier; emfim, não se esquecera cousa alguma. De cada lado da *corbeille* estava um *sultan*. No primeiro havia dois estojos: um encerrava tudo o que é necessario para a *toilette* dos dentes e das mãos, em objectos de ouro esmaltados de preto; o outro continha as cousas precisas para uma mulher trabalhar: um dedal, tesoura, furador, tudo egualmente de ouro e cercado de perolas. No outro sultan estava o cofre das joias e um binoculo de tartaruga e ouro com duas cercaduras de diamantes. O cofre das joias continha um bello colar de diamantes engastados, um par de brincos tambem de diamantes, engastados em forma de rodella, segundo a moda d'aquella epocha; seis espigas, e um pente, metade do qual eram perolas, e a outra metade diamantes, e que, em conse-

quencia da grande fartura de cabello que eu tinha n'esse tempo, era quasi tão grande como poderiam fazel-o agora. No mesmo cofre estava um medalhão quadrado, ornado de perolas, com o retrato do general Junot pintado por Isabey, e admiravelmente parecido, como é de suppor. Mas, para dizer a verdade, era de tamanho mais proprio para estar n'uma galeria do que ao pescoço. Emfim, era moda, e M.me Murat tinha um retrato de seu marido, tambem pintado por Isabey, ainda maior do que o meu.

No mesmo *sultan*, estavam magnificos topazios que o general trouxera do Egypto, e cujo tamanho era fabuloso; cornalinas orientaes de uma espessura extraordinaria, e pedras antigas gravadas; nada d'isto estava engastado. O general Junot preferia que eu o mandasse fazer ao meu gosto. N'esse mesmo sultan, que o general arranjara por suas mãos, estava a bolsa chamada dos esponsaes; era de malhas de ouro presas umas ás outras por uma pequena e delicada estrella esmaltada de verde; o fecho era tambem esmaltado. Como não cabia lá a quantia que Junot lhe destinara, essa quantia estava em notas do banco, menos cincoenta luizes em bonitos sequins de Veneza, os quaes cobriam as notas.

Talvez achem extraordinario que eu fale tão minuciosamente de todos os pormenores da minha *corbeille* e do meu enxoval. Fil-o porque na epocha do meu casamento era uma grande raridade uma *corbeille* e um enxoval assim. Depois da Revolução, foi só no casamento de M.elle de Doudeauville com M. Pierre de Rastignac que se viram reapparecer os antigos usos na maneira de apresentar a *corbeille* e de assignar o contracto. Em seguida, houve um intervallo.

M.me Murat, quando se casou, teve uma bella *corbeille*, um enxoval magnifico; mas, como eu casei um anno mais tarde, a minha *corbeille* e o meu enxoval não só foram mais bonitos do que os d'ella, como tambem mais em harmonia com os antigos usos e segundo o bom gosto da nova epo-

cha. Depois houve muitas *corbeilles*, muitos enxovaes; mas esses foram copias e não modelos, como os de M.me Murat e os meus.

Ser exacto não é uma minucia encrupulosa, é um dever para o autor. Veja-se as Memorias de Motteville, e as da grande Mademoiselle, os attractivos que offerecem! Quando M.me de Motteville fala nos lençoes de cambraia da rainha Anna, no vestido roxo bordado a perolas que ella vestiu no dia do celebre tribunal de justiça para os editos de tolerancia; quando Mademoiselle nos conta como estava calçada no dia em que, segundo a expressão de M. de Luxemburgo, fez a fortuna de um filho segundo de boa familia, parece-me que estou no parlamento de 1649, com a rainha, com M. de Beaufort, o coadjutor e todos os descontentes; assim como julgo passear na estufa de Versailles com Mademoiselle, quando ella levava o seu «vestido de setim branco guarnecido de fitas encarnadas e de laços de rubis.» É preciso dar vida ao que se descreve; e, n'uma obra do genero das Memorias, só o excesso de miudezas pode produzir esse effeito.

No dia 9 de brumario, tudo estava em movimento na casinha da rua de Santa Cruz e no hotel da rua de Verneuil.

Pela manhã, mal deram nove horas, começou-se a tratar da *toilette* de meia ceremonia que eu devia levar á administração. Era um vestido de musselina bordado a relevo e abertos, como era então moda. Esse vestido era de cauda, afogado e com mangas compridas: o panno da frente era todo bordado, assim como a orla da saia, o corpete e a extremidade das mangas, que se chamavam, n'aquelle tempo, *amadis*. A gola era de magnifica renda. Na cabeça levava uma touca de ponto de Bruxellas, feita por M.elle Despaux; ao alto da touca estava presa uma coroasinha de flores de laranjeira de onde pendia um veu de ponto d'Inglaterra, que me cahia até aos pés e no qual quasi que me podia embrulhar. Este trajo era adoptado pelas noivas, e não differia de umas para outras senão pela maior ou menor riqueza d'elle.

Não me parece que eu esteja vendo as cousas com a prevenção do passado, quando me lembro do meu trajo de casamento. Aquella profusão de rendas, tão finas, tão delicadas, que pareciam unicamente uma rede de nuvens em torno do meu rosto, prendendo-se-me nos anneis do cabello; aquellas pregas fluctuantes e ondulosas do meu vestido, que me envolvia com a graça e a flexibilidade inimitavel dos magnificos tecidos da India, aquelle comprido veu que cobria o corpo sem o esconder, tudo isto valia mais, na minha opinião, do que um vestido de tulle feito de maneira que possa servir para baile, por consequencia deixando os hombros e o peito nus, e tão curto, que todos podem avaliar, não só o tamanho do pé, como a finura da perna da noiva.

Mas voltemos á ceremonia do meu casamento. A's onze horas chegou o general com a familia; sua mãe viera meia hora mais cedo. Foi durante esse pouco tempo que ella me inspirou a profunda estima, o respeito que lhe dediquei até ao dia do seu fallecimento.

O general vinha acompanhado por seu irmão, por seu pae, por Mme Junot, sua cunhada, por Mme Maldan, sua irmã mais nova, e por dois dos seus ajudantes de campo,

A rua de Santa Cruz estava cheia de gente; eram quasi todos os vendedores e as vendedeiras do mercado. Quatro do rancho pediram licença para subir afim de me cumprimentarem. Entraram na sala levando cada uma um ramo maior do que eu, e composto de flores raras e formosissimas, cujo preço era duplicado pelo adeantamento da estação. Offereceram-m'os sem mais phrases do que esta:

—Minha menina, vae ser nossa commandanta e nôs gostamos bem d'isso, porque dizem que a menina tem bom coração. Dá licença?

E as duas mulheres beijaram-me com consciencia. Junot mandou banquetear, tambem com consciencia, todos os que, segundo elle dizia, se tinham lembrado de que aquelle dia era o mais feliz da sua vida. Partimos para a administra-

ção, acompanhados pelos parabens ruidosos e pelos gritos repetidos de: Vivam os noivos!

Chegando â administração da rua de Jouy, fomos recebidos e casados por M. Duquenoy, *maire* d'aquelle districto.

Voltámos para casa de minha mãe. O dia passou como passam todos esses dias. Quando deu meia-noute, descemos para nos dirigirmos á egreja, e estava a dar uma hora no relogio do Corpo Legislativo quando entrei no hotel de Montesquiou, ao som da musica mais suave.

Junot era muito affeiçoado aos seus camaradas; todos os que tinham pertencido ao exercito de Italia e ao exercito do Egypto eram para elle objecto da amisade mais especial; por isso quiz dar um jantar, no dia seguinte ao do nosso casamento, a oito ou dez dos seus irmãos d'armas. Enviaram-se convites a Duroc, a Bessières, a Lannes, a Eugenio de Beauharnais, a Rapp e alguns outros.

Esse jantar foi extremamente curioso porque se reuniram n'elle todos os partidos. Não só os amigos de minha mãe estavam sentados ao lado da familia Bonaparte, mas havia tambem um augmento de convivas muito interessante, composto dos homens que acabo de nomear.

Eu estava muito contente por conhecer, afinal, aquelles homens que haviam auxiliado Bonaparte a construir o edificio de gloria sob o qual se abrigava agora a bella nação de França.

O general Lannes casara tambem recentemente. Havia tres semanas que era marido de M.elle Luiza Gheneuc, senhora dotada de belleza admiravel. O general Lannes, então de 28 annos de edade, tinha cinco pés e cinco a seis pollegadas de altura; era elegante, esbelto; o pé, a perna e a mão eram de belleza notavel. O rosto não era bonito, mas expressivo; e quando a voz exprimia um d'estes pensamentos militares que produziram cousas pelas quaes elle chegou a ser denominado o Orlando do exercito, os olhos despediam relampagos. Junot dizia-me que considerava

Lannes o homem mais valente do exercito, porque a sua coragem, sempre egual, não recebia augmento nem alteração dos factos que influem em quasi todos os militares. O sangue frio com que entrava na sua barraca de campanha, era o mesmo com que chegava ao meio do combate e nas circumstancias mais difficeis. A estas qualidades inestimaveis, devemos accrescentar a rapidez de percepção, e uma certeza de apreciação como nunca se encontrou em ninguem depois do primeiro consul.

Duroc era a seguir a Lannes nos que Junot me citava. Creio que tinha menos um anno que elle. Tinha os olhos muito redondos e os cabellos tão pretos como os olhos; o nariz, o queixo, as faces, tudo isso tinha o defeito dos olhos, era unicamente redondo, o que lhe espalhava uma certa indecisão na physionomia. A estatura era mais que mediana e muito distincta.

O coronel Bessières, porque n'esse tempo ainda tinha só esta patente, era um dos amigos intimos de Junot. A sua edade era a mesma que a dos seus camaradas. Era mais alto que Lannes; nascera tambem no sul, e possuia, como elle, a accentuação que não deixa duvida alguma a tal respeito. Tinha bonitos dentes, olhos que se entortavam um pouco, sem que isso fosse desagradavel, e presença menos má; mas, como o general Lannes, tinha a mania de se empoar. A differença que havia entre os dois penteados era no córte do cabello. Bessières usava-o em pequenas orelhas de cão, e o rabicho comprido e delgado, do mesmo modo que um rabicho á prussiana substituia o monete de Lannes. Era coronel dos guias, isto é, dos caçadores montados da guarda consular, juntamente com Eugenio de Beauharnais.

Eugenio de Beauharnais era ainda uma creança, mas já promettia ser o que foi mais tarde, um rapaz amavel e encantador, com excepção dos dentes, que eram horrorosos, como os de sua mãe. Apresentava um conjuncto de elegancia tanto mais attrahente quanto mais raro é encontrar essa elegancia reunida ás duas qualidades que elle lhe

juntava: franqueza e alegria nas maneiras. Era risonho, amavel, gracioso, muito delicado sem ser serviçal e zombeteiro sem ser impertinente; talento perdido, diga-se de passagem. Representava muito bem papeis de comedia, cantava deliciosamente, dançava como dançara seu pae, emfim, era um rapaz muito agradavel.

Rapp era o que foi vinte annos mais tarde, tendo apenas alguns ferimentos de mais e um ventre enorme. Debalde passou por todas as joeiras, por todos os cadinhos das côrtes franceza e extrangeiras; ficou sempre um excellente homem, com bom coração, de casca, não aspera, mas grossa, e o ser mais acanhado, mais inhabil para representar o papel de homem da sociedade que Deus deitou a este mundo. Comtudo, era estimado e todos o consideravam, porque elle merecia-o, realmente.

Berthier era, de todos os amigos de Junot, aquelle que eu mais desejava conhecer.

Era baixo, mal feito, sem ser disforme, ainda assim, com a cabeça um pouco grande para o corpo, o cabello mais encarapinhado que frizado, e de uma côr que não era preta nem loura; olhos, nariz, testa, queixo, tudo no seu logar, mas formando um conjuncto que não era agradavel; mãos naturalmente feias e que elle tornava horriveis roendo-lhes constantemente as unhas, a ponto de ter quasi sempre os dedos vertendo sangue; pés em harmonia com as mãos, com a differença de não lhes roer as unhas. Accrescente-se a isto que gaguejava muito quando falava, e tinha o costume de fazer, não caretas, mas uns gestos tão singulares pela vivacidade, que o tornavam extremamente divertido. Devo tambem dizer que era um excellente homem, não obstante a fraqueza de que era dotado alterar-lhe mil qualidades que possuia.

Junot pedira a minha mãe que convidasse tambem M. de Lavallette. Não me lembro muito bem o que elle era n'esse tempo; nem mesmo sei se ainda era ajudante de campo do primeiro consul. Tinha já o aspecto burlesco que

sempre lhe conhecemos. Um corpo á maneira de Baccho, com pernas pequeninas sustentando um ventre que promettia crescer, e depois, uma physionomia comica, por causa dos olhinhos, do nariz do tamanho de uma ervilha, collocado no meio de duas grandes bochechas, e tudo isto ornado por uma grande cabelleira da qual se podiam contar, não as madeixas, mas os indíviduos. Um dia, no Egypto, um official, já me não lembra quem, no estado-maior do general em chefe, appareceu ao almoço com uma tira de crepe negro enrolado no braço:

— Quem foi que te morreu? perguntou o general.

O outro respondeu em tom solemne:

— Meu general, o Indomavel cahiu no deserto.

Ora, é preciso saber-se que cada um dos cabellos de M. de Lavallette tinha um nome: um chamava-se o Invencivel, outro o Temivel, outro o Corajoso; finalmente, havia um que se chamava o Indomavel; e isto porque os poucos pellos que cresciam no seu craneo se revoltavam sempre, não contra o pente (o que tinha elle ahi que fazer?) mas contra a mãosinha branca, de unhas rosadas e convexas, que os abaixava constantemente. Esses desgraçados cabellos, sempre no ar, eram muito conhecidos em todo o estado-maior; e quando algum d'elles passava d'esta para outra vida, faziam-lhe o funeral. O Indomavel cahira; estavam, por consequencia de luto.

M. de Lavallette era um homem de espirito, na accepção litteral da palavra. Contava com graça um grande numero de anecdotas que uma excellente memoria lhe fornecia abundantemente. Possuia qualidades essenciaes: era bom pae, bom marido e amigo fiel.

Luciano, que era então ministro do reino, não podera assistir ao jantar do dia seguinte ao do meu casamento, mas toda a familia Bonaparte se reunira para me felicitar. M.me Murat, apesar de estar prestes a ser mãe, viera, com grande esforço. Trazia um vestido de veludo preto afim de occultar a corpulencia, dizia ella; effectivamente, estava

enorme. Emquanto a M.me Leclerc, era, como sempre, a formosa das formosas. M.me Bacciochi tinha n'esse dia uma *toilette* que me ficou na memoria. Segundo ella nos disse, presidira n'essa manhã uma sociedade litteraria onde queria admittir todas as mulheres de espirito da sociedade, e o assumpto da discussão fôra o trajo das senhoras admittidas.

(Continua).

DUQUEZA D'ABRANTES.

As andorinhas

«Na quadra dos rosaes e das florinhas,
Architectaram duas andorinhas
O estreito ninho no beiral florido
Da casa em que nasci.
N'esse cofre d'amores suspendido
Que modelo de vida amena e pura,
De conforto, de paz e de ventura,
Meu Deus, havia ali!

Logo que amanhecia,
Ellas partiam n'um voar pausado,
Como noivos gentis de braço dado
A procurar o pão de cada dia;
E assim que o sol rolava o disco d'oiro
Para as bandas do occaso, sobre o mar,
Antes que a lua erguesse o rosto loiro,
Logo que anoitecia, ellas voltavam;
E juntas, a cantar,
No seu pequeno ninho penetravam.
E apoz doce murmurio, que parece
Que a Deus dão graças n'uma curta prece
Nos braços uma da outra repousavam.

Um dia eu vi sahir com extranheza
Uma das andorinhas só. Voou
Silenciosamente,
Perdida na espessura da deveza.
Pouco se demorou.
Batendo as negras azas de contente
Voltava, no biquinho sustentando
Pedaços d'algodão, de linho brando,
De tudo quanto é leve
E anda no ar disperso:
Iam forrar decerto o ninho breve
E transformal-o... em berço!

Durante a incubação é que era vêl-a,
Vêr a andorinha pae atarefada,
N'um continuo vae-vem.
Logo de madrugada
Ia buscar o almoço para ella,
Para a andorinha mãe.
Depois partia em busca do jantar,
Á caça na floresta.
Se a ouvia pipilar
Voltava logo diligente e lesta.
Que venturoso par!

Tiveram filhos. E foi n'esse ninho
De duas andorinhas, que eu vi bem,
Que eu soube quanto amor, quanto carinho
E maguas te hei causado, ó minha mãe!
De beijos que harmonia,
Que doce hilaridade,
Na casa aérea, venturosa havia!
— Em tão pouco consiste a f'licidade
Que um ninho é largo espaço para ella!

E n'esta solidão,
Em vão no amor buscando-a se esphacella
Meu pobre coração.

. . . . . .

Ah! se a ventura, a flôr appetecida
Meu coração não quer,
É que não vê a illuminar-me a vida
Uns olhos de mulher!»

COSTA ALEGRE.

A lenda de S. José

Conta Alexandre Dumas no *Corricolo* que o padre Rocco, muito popular em Napoles nos fins do seculo passado, conseguiu o que até ahi ninguem lográra; que Napoles fosse illuminada sem que os *lazzaroni* quebrassem os candieiros.

Para isso começou por accender cirios na rua de S. José diante d'um nicho de santo, e depois um candieiro. Os *lazzaroni* quebraram o candieiro. Então o padre Rocco annunciou que ia prégar, e os *lazzaroni* reuniram-se na egreja de S. José para o ouvir. Eis como A. Dumas narra a scena que se seguiu e que vem justificar, sem sombra de duvida, o facto do governo portuguez ter decretado, ha um anno, santo de guarda o dia consagrado pela egreja ao maior santo da côrte do céu.

É precisamente a 18 de março, vespera da data em que a Egreja commemora o Esposo da Virgem, que o presente artigo está sendo impresso. É todo elle uma brilhante *boutade* do espirituoso e inimitavel escriptor.

Padre Rocco subiu ao pulpito, abriu a bocca, todos se calaram.

—Meus filhos, disse elle, é bom que saibam que fui eu

quem mandou pintar o S. José que puderam admirar na rua que tem o nome d'este grande santo.

—Bem o sabemos, bem o sabemos, disseram em côro os *lazzaroni*.

Padre Rocco, ao contrario de uma multidão de prégadores que pensam de antemão que ninguem os interromperá, padre Rocco, repito, provocava habitualmente o dialogo.

—Meus filhos, continuou elle, é bom saberem que fui eu que puz um cirio diante de S. José.

—Tambem sabemos.

—E emfim que fui eu que puz um candieiro diante de S. José.

—Mas porque é que poz um candieiro diante de S. José, quando se não põe candieiro diante dos outros santos?

—Porque S. José, tendo mais poder do que todos os outros, deve, mais que todos os outros, ser respeitado na terra.

—Oh! disseram os *lazzaroni*, alto lá, padre Rocco; em primeiro logar temos Deus Nosso Senhor, que é mais do que elle.

—Concordo, disse o padre Rocco.

—Nossa Senhora.

—Perdão, Nossa Senhora é sua mulher.

—Jesus Christo.

—Jesus Christo é seu filho.

—O que quer dizer?...

—Que o marido e o pae, são mais do que a mãe e o filho.

— Então S. José tem mais poder que Nossa Senhora!

—Tem.

—Mais poder que Jesus Christo?

—Mais.

—Então que poder tem elle?

—Tem o poder de fazer entrar no céu todos os que foram seus devotos na terra.

—Fizessem elles o que fizessem?

— Sim.
— Mesmo os bandidos?
— Mesmo os bandidos.
— Mesmo os assassinos?
— Mesmo os assassinos.

Houve um grande murmurio de duvida na assembléa. Padre Rocco cruzou os braços, e deixou o murmurio subir, de crescer e extinguir-se.

— Duvidam? disse o padre Rocco.
— Hum! resmungaram os *lazzaroni*.
— Pois querem que eu lhes conte o que succedeu, ha de haver oito dias, a Mastrilla?
— A Mastrilla o bandido?
— Sim.
— Que foi sentenciado em Gaeta?
— Sim.
— E enforcado em Terracina?
— Sim.
— Conte, padre Rocco, exclamaram todos os *lazzaroni*.

Padre Rocco só esperava esse convite. Por isso não se fez rogar.

— Como sabem, Mastrilla era um bandido sem fé nem lei; mas o que não sabem é que Mastrilla era devoto de S. José.
— E' verdade que não sabiamos, disseram os *lazzaroni*.
— Pois digo-lh'o eu.

Os *lazzaroni* repetiram uns para os outros:
— Mastrilla era devoto de S. José.

Todos os dias, Mastrilla fazia uma oração a S. José, e dizia-lhe: «Grande santo, sou tão formidavel peccador que não conto senão comvosco para me salvardes á hora da morte, porque só vós podereis alcançar de Deus Nosso Senhor que um réprobo como eu, possa entrar no paraizo. Qualquer outro perderia o seu latim em semelhante empreza. Não conto senão comvosco, ó grande S. José.» Eis a oração que elle fazia todos os dias.

— E então? perguntaram os *lazzaroni*.

— Então, respondeu o prégador, quando se viu, na escada, nas mãos do carrasco, de corda na garganta, pediu licença para dizer uma resa. Concederam-lh'a. Então repetiu a sua oração habitual, e, á ultima palavra d'essa oração, sem esperar que o carrasco o empurrasse, saltou da escada para o ar. Cinco minutos depois estava enforcado.

— Ví-o eu enforcar, disse um dos assistentes.

— O que eu digo é assim, ou não é? perguntou o prégador.

— É a verdade pura.

— Depois? Depois? bradaram os *lazzaroni*, que principiavam a tomar um vivo interesse na narração do padre Rocco.

— Apenas Mastrilla morreu, viu duas estradas abertas diante d'elle, uma que ia subindo, outra que ia descendo. Quando uma pessoa acaba de ser enforcada, não admira que não saiba o que faz. Mastrilla tomou o caminho que ia descendo. Mastrilla desceu, desceu, desceu, durante um dia, uma noite, e mais um dia; emfim encontrou uma porta. Era a porta do inferno. Mastrilla bateu á porta. Plutão appareceu.

— D'onde vens tu? perguntou Plutão.

— Venho da terra, respondeu Mastrilla.

— Que queres tu?

— Quero entrar.

— Quem és tu?

— Sou Mastrilla.

— Não tens cá logar; passaste a vida a rezar a S. José, vae ter com o teu santo.

— Onde é que elle está?

— Está no céu.

— Por onde se vae para o céu?

— Volta por onde vieste, encontras um caminho que sobe, mette por elle, e depois vae sempre a direito, ao fim está o céu.

— Não tem que errar?

— Não.

— Muito obrigado.

— Não ha de quê.

Plutão fechou a porta e Mastrilla tomou o caminho do ceu. Subiu um dia, uma noite e mais um dia; depois subiu ainda mais uma noite, um dia e outra noite, e achou uma porta. Era a porta do ceu. Mastrilla bateu á porta. Appareceu S. Pedro.

— D'onde vens tu? perguntou S Pedro.

— Venho do inferno, respondeu Mastrilla.

— Que queres tu?

— Quero entrar.

— Quem és tu?

— Sou Mastrilla.

— Oh! exclamou S. Pedro; és Mastrilla o bandido! Mastrilla o ladrão! Mastrilla o assassino, e pedes para entrar no ceu!

— Então, não me querem receber no inferno, disse Mastrilla, eu para alguma parte hei-de ir.

— E porque é que te não querem no inferno?

— Porque fui toda a minha vida devoto de S. José.

Cá temos outro! disse S. Pedro; então isto não acaba! Pois adeus! estou já farto de ouvir sempre a mesma cantiga. Não entras.

— Como, não entro?

— Não.

— E para onde quer que eu vá?

— Vae para o diabo.

— De lá venho eu.

— Pois volta para lá.

— Nada, muito agradecido... é longe e sinto-me cançado. Estou aqui, d'aqui não saio.

— Não saes?

— Não.

— E tencionas entrar contra minha vontade?

— Olá!

— E contas com alguem para isso?

— Conto com S. José.

— Quem me chama? perguntou uma voz.

— Eu, eu, bradou Mastrilla, reconhecendo S. José, o qual, passando por acaso, ouvira pronunciar o seu nome.

— Bonito, disse S. Pedro, não faltava mais nada.

— Então que temos? perguntou S. José.

— Nada, disse S. Pedro, absolutamente nada.

— Nada, ora essa! protestou Mastrilla, então chama a isto nada! Manda-me para o inferno e não quer que eu grite!

— Porque é que manda este homem para o inferno? perguntou S. José.

— Porque é um bandido, respondeu S. Pedro.

— Mas talvez se arrependesse á hora da morte?

— Morreu impenitente!

— Isso não é verdade, bradou Mastrilla.

— A que santo te pegaste quando morreste? perguntou S. José.

— A vós mesmo, grande santo, a vós e a nenhum outro. Tambem S. Pedro, se faz o que faz, é porque tem inveja.

— Quem és tu? perguntou S. José.

— Sou Mastrilla.

— O quê! és Mastrilla, o meu bom Mastrilla, que todos os dias me fazia a sua oração.

— Sou eu mesmo em pessoa.

— E que no momento da morte se dirigiu a mim?

— Exclusivamente.

— E elle não te quer deixar entrar?

— Se não passasseis por aqui, era negocio findo.

— Meu caro S. Pedro, disse S. José tomando um ar digno, espero que deixe entrar o homem.

— Isso é que não, disse S. Pedro. Ou sou porteiro, ou não sou. Se não estão contentes com o meu serviço, demit-

tam-me; mas, emquanto aqui estiver, quem governa a esta porta sou eu.

— Bem, disse S. José, pois então Deus Nosso Senhor que resolva o caso. Parece-me que a esse não contestará o direito de abrir a porta do Paraiso a quem quizer.

— Está dito! vamos ter com elle.

— Mas ao menos deixe entrar o homem.

— Que espere á porta.

— Que hei de eu fazer, grande Santo? perguntou Mastrilla. Metto hombros á porta?

— Espera, meu amigo, disse S. José, e ou tu entras ou eu saio.

— Esperarei, disse Mastrilla.

S. Pedro fechou a porta e Mastrilla sentou-se no degrau.

Os dois santos puzeram-se á procura de Deus Nosso Senhor.

D'ahi a instantes acharam-n'o occupado a escrever o officio da Virgem.

— Mau! disse Deus Nosso Senhor, ouvindo a bulha que faziam os dois santos ao entrarem, não se póde estar dez minutos socegado. Que me querem?

— Senhor, disse S. Pedro, é S. José...

— Senhor, disse S. José, é S. Pedro...

— Ora! que hão de andar sempre á bulha! Não faço senão accommodal-os desde pela manhã até á noite.

— Senhor, disse S. José, é S. Pedro que não quer deixar entrar os meus devotos.

— Senhor, disse S. Pedro, é S. José que quer dar entrada a toda a gente.

— O senhor é um egoista! acudiu S. José.

— E o senhor um ambicioso! redarguiu S. Pedro.

— Silencio! disse o Padre Eterno. Então o que succedeu?

— Senhor, perguntou S. Pedro, sou porteiro do Paraiso ou não sou?

— És?

—Tenho o direito de abrir ou fechar a porta aos que se me apresentem, ou não tenho?

—Tens, mas bem vês que devos ser justo. Quem está lá?

—Um bandido, um ladrão, um assassino...

—Oh! exclamou o Padre Eterno.

—Que acaba de ser enforcado.

—Oh! oh! é verdade, S. José?

—Senhor... respondeu S. José, um pouco atrapalhado.

—É verdade ou não é? Responde.

—Não é de todo falso.

—Ah! exclamou S. Pedro, triumphante.

—Mas esse homem sempre foi meu devoto especial, e eu não posso abandonar os meus amigos na desgraça.

—Como se chamava elle? perguntou Padre Eterno.

—Mastrilla, respondeu S. José, com uma certa hesitação.

—Esperem lá! disse o Padre Eterno, Mastrilla! Mastrilla! esse nome não me é extranho.

—Um ladrão, disse S. Pedro.

—Um salteador, um assassino?

—Exacto.

—Que sahia á estrada de Roma para Napoles, entre Terracina e Gaeta? e roubava todas as egrejas?

—Exactissimamente.

—Ora essa! e queres metter-nos cá esse tratante? perguntou Nosso Senhor a S. José.

—Então que tem? disse S. José. O bom ladrão tambem cá está.

—Ah! tu falas-me n'esse tom? disse o Padre Eterno, que não gostava que lhe atirassem á cara com o favoritismo do bom ladrão.

—Falo porque me fazem falar! disse S. José.

—Pois vamos a vêr isso, S. Pedro?

—Senhor!

—Prohibo-te que deixes entrar Mastrilla. Entendes?

—Perfeitamente. Póde estar descançado que não entra cá.

— Ah! não entra? disse S. José.
— Não, disse o Padre Eterno.
— É a sua ultima palavra?
— É a minha ultima palavra.
— Veja bem o que faz.
— Disse e está dito.
— Pois então passe por cá muito bem.
— Despedes-te?
— Pois se me vou embora!
— Para onde?
— Volto para Nazareth, não me quero demorar nem um instante n'um sitio onde me tratam como sou aqui tratado.
— Meu caro, disse o Padre Eterno, com esta são já dez vezes que me fazes essa ameaça.
— Pois não lh'a farei onze.
— Tanto melhor!
— Ah! tanto melhor! Assim me deixa partir?
— E com mil vontades.
— Pois ha de arrepender-se.
— Veremos.
— Não creio.
— Pois vejamos.
— Adeus, Senhor.
— Adeus.
— Olhe que ainda é tempo, disse S. José voltando para traz.
— Pois ainda cá estás?
— Estou, mas agora parto deveras.
— Boa viagem!
— Obrigado!

S. Pedro foi para a sua porta. S. José foi ao seu quarto, pegou n'um bordão de viagem e d'ahi foi ter com a Virgem Maria.

A Virgem estava cantando o *Stabat Mater* de Pergoléso, que acabava de chegar ao céu. Serviam-lhe de côro as onze

mil virgens; os seraphins, os cherubins, as dominações, os anjos e os archanjos serviam-lhe de instrumentistas, o anjo Gabriel regia a orchestra.

— Pst! disse S. José.

— O que temos? perguntou a Virgem.

— Vamo-nos embora.

— Para onde?

— Que lhe importa?

— Mas...

— É minha mulher ou não é?

— Sou.

— Pois então a mulher deve obedecer a seu marido.

— Sou sua humilde serva e irei para onde quizer.

Nossa Senhora seguiu S. José, de olhos baixos e com a sua resignação habitual, prompta sempre, no céu como na terra, a dar o exemplo do dever e da virtude.

— Então vens sósinha? perguntou S. José.

— Vou como vim.

— Nada, nada, traze a côrte comtigo.

Nossa Senhora fez um signal, e as onze mil virgem seguiram-n'a cantando; fez outro signal e os seraphins, os cherubins, os anjos, os archanjos e as dominações, acompanharam-n'a, tocando viola, harpa e alaúde.

S. José foi ter com Jesus Christo, que estava revendo as provas do Evangelho de S. Matheus.

— Pst! disse S. José, vamos embora.

— Para onde?

— Que te importa? és meu filho ou não és? O filho deve obedecer a seu pae.

— Irei para onde quizer, meu pae.

E o Christo seguiu S. José com aquella doçura que era a sua força e aquella humildade que era a sua grandeza.

— Traze a tua côrte, disse S. José.

Jesus fez um signal, os apostolos formaram-se em torno d'elle, Jesus levantou a voz e vieram os santos, as santas e os martyres.

—Sigam-me! disse o Christo.

E os apostolos, os santos e as santas foram atraz d'elle.

S. José poz-se á frente do cortejo e dirigiu-se para a porta.

Encontraram o Espirito Santo que conversava com a pomba da Arca.

—Aonde vão? perguntou o Espirito Santo.

—Vamos fazer outro Paraizo, disse S. José.

—Porque?

—Porque não estamos satisfeitos com este.

—E o Padre Eterno?

—Deixamo-l'o.

—Oh! ahi ha trapalhada, disse o Espirito Santo. Dá-me licença que vá falar n'isso a Deus Nosso Senhor?

—Vá, disse S. José, mas olhe que estamos com pressa.

O Espirito Santo entrou no oratorio do Padre Eterno, e foi-lhe poisar no hombro.

—Ha alguma novidade? perguntou o Padre Eterno.

—Uma novidade terrivel. Pois não sabe?

—Não.

—S. José vae-se embora.

—Fui eu que o puz na rua. Não se podia aturar. Eram todos os dias novas pretensões, novas exigencias. Parecia o dono da casa.

—Pois póde limpar a mão á parede que a fez aceiada!

—Ora essa!

—S. José leva comsigo a Virgem Maria e Jesus Christo. A Virgem Maria leva os seraphins, os cherubins, as dominações, os anjos e os archanjos. O Christo leva os apostolos, os santos, as santas e os martyres.

—Mas isso é uma revolta?

—Completa.

—Então quem fica commigo?

—Os prophetas Isaias, Ezequiel e Jeremias.

—Oh! que tres massadores! Mas tu enganas-te por força.

— Olhe !

O Padre Eterno poz-se á janella e viu uma immensa multidão que passeiava deante da porta do Paraizo. O resto do céu estava deserto, com excepção de um cantinho onde conversavam os tres prophetas. O Padre Eterno percebeu a situação critica em que se achava.

— Que hei de eu fazer? perguntou o Padre Eterno ao Espirito Santo.

— Não conheço o estado da questão.

O Padre Eterno contou-lhe tudo.

— Andou mal, disse o Espirito Santo. Devia ter mais contemplação com S. José.

— Ora essa ! um triste carpinteiro !

— A culpa é sua. Para que lhe deu uma posição? Agora abusa. E não ha remedio senão fazer-lhe a vontade.

— Pois vae-o chamar! disse o Padre Eterno.

D'ahi a um momento o Espirito Santo estava á porta do Paraizo. S. José tinha a mão na chave, e todos esperavam que elle abrisse a porta para sairem. Até S. Pedro, na sua qualidade de apostolo, tinha sido obrigado a acompanhar o Christo.

— Deus Nosso Senhor manda-o chamar, disse o Espirito Santo a S. José.

— Ora estimo.

— Póde mandar todos embora.

— Nada, nada que podemos não chegar a um ajuste. Esperem.

— Esperaremos, disseram a Virgem e o Christo.

S. José, precedido do Espirito Santo, foi ter com o Padre Eterno.

— Aqui está S. José, disse o Espirito Santo, entrando adeante.

— Má cabeça !

— Eu lhe digo, ou uma pessoa é santo, ou não é; se é, deve ir-se embora.

— Está bom, não fallemos mais n'isso.

—Pelo contrario, fallemos, vamos a entrar em ajustes.

—Então que queres tu?

—Quero que os que tiverem confiança em mim possam contar commigo.

—Diabo! se eu vou dar este privilegio a toda a gente!

—Mas é que eu não sou para ahi qualquer...

—Ora vá lá, transijâmos.

—Nada, isto é pegar ou largar.

—Fica por metade?

—Ah! sim! regateamos? Pois muito boas noites.

E S. José saiu.

—Elle vae-se embora devéras? perguntou o Padre Eterno.

—E correndo a bom correr.

—Vôa atraz d'elle e traze-m'o cá.

O Espirito Santo voou atraz de S. José e trouxe-o outra vez.

—Bem, disse o Padre Eterno, como eu já não governo em minha casa, faça-se a tua vontade.

—Mande chamar o tabellião, disse S. José.

—O tabellião! ora esta! protestou o Padre Eterno. Não acreditas na minha palavra?

—*Verba volant*, disse S. José.

—Chamem um tabellião, disse o Padre Eterno.

Veiu o tabellião, e S. José está hoje possuidor de um papel perfeitamente em regra, que o auctorisa a fazer entrar no Paraizo todos os seus devotos.

—Ora digam-me agora se um santo como S. José se pode contentar ahi com um cyrio, como qualquer santo de terceira ou quarta classe, e se não merece um candieiro?

—Merece dez, merece vinte, merece cem! bradaram os *lazzaroni*. Viva S. José! Abaixo S. Pedro!

E foi assim que Napoles, enchendo-se de nichos de S. José, conseguiu ter illuminação.

Alexandre DUMAS.

A SEGUNDA VIDA DE MIGUEL TEISSIER

VI

(Continuação)

A vida internacional que se passa nas localidades, ponto de reunião de extrangeiros, por muito monótona e vasia que seja, com as suas toilettes de mesa redonda, as suas musicas e os seus casinos, é, na realidade, muito bem calculada para os irregulares, para os deslocados, para todos aquelles a quem uma mácula no seu passado ou uma revolução excessivamente brusca na sua existencia atira para fóra do seu caminho e reduz á ociosidade. Nas grandes cidades activas, soffreriam com o encontro constante dos seus pares, com o espectaculo das concorrencias que lhes são interdictas. Aqui, são-lhes poupadas essas suggestões, e o tempo passa sem ferll-os.

Transportando-se sem cessar de um ponto para outro, atravez de installações passageiras, de mudanças de paizagens, de rostos diversos, occupado de certo modo ou fingindo que o estava, mas sobretudo retido pelos mil laços que tecia em torno d'elle uma intimidade muito doce e muito habil, Teissier tinha podido supportar a sua inacção, sem lhe sentir excessivamente o peso. Mas Paris despertou bruscamente n'elle as suas aspirações de outr'ora. Como poderia elle, sem um estremecimento, passar deante do escriptorio do seu antigo jornal, a *Ordem*, onde tinha

vivido tantas horas de trabalho e de espectativa? e deante do palacio Bourbon, onde agora os destinos do paiz se agitavam sem elle? Como tornar a ver, por toda a parte, os retratos dos seus antigos collegas: a cabeça dura, voluntaria, ameaçadora do seu antigo inimigo, Fourré; o rosto ameno e melancholico, perfeitamente calmo, de Grával, agora ministro; o queixo correcto, as faces redondas, as suissas bem tratadas de Combel; a cara ironica e maliciosa de Diel, todos um pouco envelhecidos, sem duvida, mas como que aureolados, nas vitrines, por uma especie de magestade, ennobrecidos pelo prestigio de oito annos de eloquencia, d'influencia e de poder? Ora, durante esse longo periodo, havia uma parte inteira do seu ser que se atrophiava n'uma immobilidade forçada; a sua sensibilidade e a sua imaginação exgotavam-se a amar, emquanto que o homem de acção que elle era, no mais fundo da sua alma, não ousava mesmo reclamar a sua parte de espaço e de vida.

De cada vez que fechava as malas para uma nova partida, Branca sem se atrever a confessal-o, pensava com desejo n'um interior onde pudessem finalmente installar-se juntos, não apenas por dois ou tres mezes, como aves de arribação que as estações levam, mas para um longo futuro, como pessoas socegadas, permanentes, que se satisfazem em um canto do mundo, que se deixam prender pelos fios robustos do habito, que aprendem a amal-o e não o deixam mais. Assim, ao principio, foi para ella uma grande alegria ter um interior e poder desenvolver, para mobilal-o, o seu gosto pela elegancia e pelo conforto. Acompanhada por Miguel, que se deixou arrastar, visitou os estofadores, os grandes armazens, os vendedores de bibelots, os antiquarios. Discutiram o estylo dos moveis, o tom dos estofos, a escolha dos objectos miudos, decorativos ou intimos, que deviam completar a sala ou a casa de jantar. Branca teve um quarto de toucador, com moveis modernos, sendo todos os estofos n'uma harmonia lilás,

quebrada apenas por algumas manchas de ouro velho. O seu quarto de dormir foi arranjado á ingleza forrado de *crépon* claro, de ramagens alegres; ao passo que Annie e Lourença tiveram dois bonitos quartos para meninas, com reposteiros e cortinados de *cretonnes* d'Alsacia, garridamente floridos, um em côr de rosa, outro em azul. Miguel, esse não quiz para o seu gabinete de trabalho senão poltronas muito simples, forradas de fustão grosso, cinzento, sendo as cortinas do mesmo fustão.

Em todo o tempo que duraram os cuidados d'esta installação, um e outro tiveram alguma cousa d'aquella deliciosa novidade acreançada dos casados de novo quando, ricos ou pobres, se installam na sua primeira mobilia, e a admiram, por ser sua. Mas dentro em pouco appareceram novos cuidados. Tiveram então saudades das decorações continuamente mutaveis das viagens, que pelo menos os distrahiam; sobretudo, lamentavam a sua perdida intimidade, que já não existia desde que junto d'elles estavam incessantemente as duas meninas, cujo luto elles não podiam compartilhar: uma, docemente melancholica, esforçando-se em vão por esquecer as sombras que mil pormenores da vida commum faziam, a cada instante, passar por defronte dos seus olhos; a outra, concentrada, repellindo toda e qualquer intimidade, rancorosa e aborrecida. Eram dois vivos remorsos, que sem cessar evocavam o passado, que o punham a todo o momento deante dos olhos, que falavam da morte; de modo que elles não tinham nem mesmo já as suas horas de esquecimento de outr'ora, as unicas boas, aquellas em que não pensavam senão em si mesmos. E parecia-lhes, que essa especie de oppressão havia de durar sempre. A tarefa ardua de conciliar Lourença, a que Branca desde começo se tinha consagrado com tão delicada habilidade, parecia-lhe agora acima das auas forças. Em quatro mezes, não tinha adeantado um passo. Lourença mantinha a attitude de hostilidade odienta que tomara quando chegou a Montreux: conservava-se n'um constante

pé de guerra, defendendo, como ella dizia a sua irmã, «os seus direitos» e «a sua independencia», sempre erriçada de espinhos, aggressiva quando se offerecia occasião, fazendo nascer motivos de questões inesperadas, dos mais simples incidentes:

—Quero que ella me deteste! dizia ella a Annie, que varias vezes procurava adoçal-a.

A apparente serenidade de Branca, que resistia com toda a sua energia a esse perpetuo convite ao odio, não conseguia mais do que exasperal-a:

—*Ella* não sente nada! exclamava, depois de ter em vão diligenciado provocar um rompimento. Nem mesmo tem amor proprio, não tem dignidade!...

Annie, algumas vezes aventurava-se a dizer:

—Tu devias, ao menos, reconhecer que ella não é má, como receiavas, porque é d'uma paciencia para comtigo!...

Então, a terrivel creança interrompia-a, com um ar tragico, e exclamava:

—Oh! tu! tu esqueces! Mas eu, nunca, nunca!

Durante algum tempo viveram inteiramente sós. Branca, que havia já perdido sua mãe, não tinha conservado nenhumas relações com seu padrasto. Pela sua parte, Miguel hesitava em reatar amisades antigas:

—É preciso esperar um pouco, dizia,—para retardar, talvez, passos de cujo bom exito não estava certo.

Na realidade sentia-se deslocado e perplexo. Desenhava-se no seu espirito, cada vez com maior tenacidade, a idéa de desempenhar ainda algum papel. Mas, quanto mais reflectia n'isso, com mais certeza via não lhe ser possivel retomar a sua vida no ponto preciso em que a havia interrompido. Examinava-se, e reconhecia não ser o mesmo. Germinava surdamente n'elle um mundo de idéas novas, d'aquellas mesmas que elle outr'ora combatia. Tendo, por assim dizer, o abalo da sua vida deslocado o ponto do seu equilibrio, julgava por outra fórma os homens e as cousas; tinha um outro ideal, que elle não teria podido, não teria

ousado formular, mas que já lhe apparecia em opposição com as suas convicções antigas. Por outro lado, os acontecimentos tinham mudado como elle proprio.

— Um homem novo n'um mundo novo, dizia comsigo, resumindo as suas impressões.

E a sua vontade era aclaral-as, dar-lhes uma fórma, escrever, ou melhor antes falar; emfim, reapparecer, manifestar-se.

Um dia, em que ia seguindo pelo boulevard, por aquelle boulevard onde o publico se renova incessantemente, onde outr'ora encontrava a cada passo uma figura do seu conhecimento, e que hoje abria perante elle uma perspectiva interminavel de caras extranhas, e o rolava nos seus ruidos e no seu movimento como um dos seus fragmentos anonymos, parou bruscamente reconhecendo um dos seus velhos amigos, Peyraud.

O jornalista estava mudado, como os outros, como tudo. Já não tinha nada do antigo rapaz ainda timido e acanhado, de quem Miguel, outr'ora, guiava os primeiros passos na imprensa, nem do raciocinador habil, curioso pelas faces multiplas das cousas, e por conseguinte hesitante, a quem, apoz a queda de Teissier, haviam confiado, um pouco imprudentemente talvez, a direcção da *Ordem*. Os seus modos, o seu andar, o seu aspecto, o corte do seu fato, a solidez da sua pessoa, indicavam o homem em pleno desenvolvimento, em toda a parte á sua vontade, que sabe para onde vae, que sabe o que quer, o parisiense bem senhor do seu Paris.

Peyraud reconheceu Miguel. e parou:

— Teissier! O senhor, em Paris! Que surpresa!

E apertou-lhe a mão, affectuosamente.

A cordealidade d'este acolhimento causou admiração a Miguel, que receiava mais indifferença:

— Então, ainda me conhece, disse elle, com um sorriso um pouco triste. É muito amavel da sua parte, meu caro Peyraud, muito amavel.

Peyraud apressou-se a protestar:

—O que suppunha, então! Imagina que eu podia esquecer tudo quanto lhe devo! Porque, bem sabe, se não fosse o senhor...

Miguel interrompeu-o:

—Não é tanto assim, o meu amigo trabalhou muito por si mesmo. Sei tudo o que tem feito depois da minha retirada. Tenho-o acompanhado,—pelo menos tanto quanto é possivel seguir um vivo, quando a gente está fóra do mundo. Li o seu livro: *a Religião e a democracia*. Um bello livro, mais firme, mais preciso, de certo, do que seria capaz de o escrever n'outros tempos, não é assim?

Peyraud sorriu:

—A gente, por fim, acaba por saber pouco mais ou menos o que quer, disse elle.

—Emfim, continuou Miguel, soube com prazer que tinha sido eleito deputado, ha seis mezes, creio?

—Pouco mais ou menos.

—Ao segundo escrutinio, na Charente inferior, e contra um radical. Bem vê que estou informado. De fórma que, presentemente, tem abertos todos os caminhos, o futuro pertence-lhe.

Peyraud abanou a cabeça:

—Ah! não imagina como ísto agora está mudado! observou elle. No seu tempo, as cousas andavam muito melhor. Graças á sua influencia, talvez. Hoje, pelo contrario...

Interrompeu-se, para cumprimentar um passante:

—Mas, isto são historias muito longas, que nos levavam muito tempo. E, comtudo, tinha muito gosto em conversar demoradamente comsigo, a proposito de muitas cousas. Precisava que me desse alguns conselhos.

—Tambem, só para isso é que eu posso servir.

—Quem sabe? exclamou Peyraud, impressionado com a amargura, que Miguel tinha posto na sua exclamação. Ainda lhe póde renascer o appetite de vir navegar outra vez nos nossos mares...

Depois, interrompendo-se por segunda vez:

— Ouça, temos decididamente muita cousa a dizer, para continuarmos assim, no meio da rua. Póde dispôr de si? Quer vir jantar comigo? No restaurant: eu não sou casado.

Miguel acceitou:

— Pois, está dito. Deixe-me, apenas, mandar um recado a casa, para avisar que me não esperem.

Tirou a carteira, escreveu umas palavras em um dos seus cartões, e deu-o a um moço de recados, a quem fez recommendações precisas...

— Está prompto, disse elle.

— Onde havemos d'ir? perguntou Peyraud.

Miguel fez um gesto de indifferença; e, como estavam em frente do restaurant do café Riche, entraram ahi. Eram apenas seis horas, e por isso acharam-se sósinhos a jantar, Peyraud extendeu-lhe a lista:

— O que quer?

Miguel restituiu-lh'a, sem olhar para ella:

— Seja o que fôr, respondeu, o que eu quero é conversar. Sim, conversar de tudo, livremente, com alegria, á vontade. Já lá vae um bom par d'annos sem eu querer saber de nada, sem dizer, nem pensar cousa alguma. Hoje, agarrei-o, tanto peor para si!

Emquanto o ouvia, Peyraud encommendara rapidamente o menú.

— Pois então, conversemos, disse elle. Por onde havemos de começar? Primeiro que tudo, diga-me, é feliz?

Era o antigo psychólogo que reapparecia n'esta pergunta indiscreta, a qual lhe sahira, quasi involuntariamente. Miguel não se prendeu com a resposta:

— Muito feliz. Mas não falemos d'isso! Tenho tido oito annos para pensar dos meus negocios particulares, para gyrar em volta do meu eu. Se eu tivesse a menor propensão para cultival-o, asseguro-lhe que elle teria podido florescer e até fructificar. Mas infelizmente é geito que não tenho. E d'esse modo, estou cançado, estou farto do meu

eu. Atiremol-o, por conseguinte, pela borda fóra, hoje pelo menos. E o seu, tambem, se não se importa com isso. Consinta-me, que não lhe pergunte pela sua historia. E falemos de politica!

Peyraud sorriu d'aquella exuberancia:

—Devo confessar-lhe, observou elle, que eu me encontro exactamente na posição inversa. E admire a logica da vida: o senhor, que não tem nenhum gosto para a cultura do eu, vê-se reduzido a cultivar o seu, até os braços lhe penderem, esfalfado. Eu, para quem isso seria a occupação favorita, vejo-me forçado a deixal-o de pousio, por cousas que me interessam muito menos. A politica! se soubesse como estou fatigado d'ella!... Deixal-o! Comsigo, tenho a certeza que ella se vae tornar interessante. Porque, a verdade é o que lhe dizia ainda ha pouco: o meu amigo não foi substituido.

—E, de Thornes?

—Ora! de Thornes, com o seu coração resequido, com a sua altivez doutrinaria, com o seu auctoritarismo desabrido, comprometteu tudo. De anno para anno, temos perdido terreno; de modo que, presentemente, estámos... onde estamos. Na Camara, onde perdemos ensejo de recrutar tantas adhesões, somos apenas um grupo, e esse ainda assim bem pouco compacto. No paiz, não se sabe. *A Ordem* não tira mais de doze mil exemplares; e, para ser franco, dir-lhe-hei que ainda assim mesmo ignoro por que milagre se tem mantido n'esse numero.

—No entretanto, observou, as circumstancias são mais favoraveis do que nunca o foram, para o fim que os senhores teem em vista. Um papa bem disposto para a republica... as questões confissionaes arredadas,... os radicaes diminuidos desde as eleições de 1880 e não conseguindo reconstituir-se...

—Não contando, interrompeu Peyraud, com as grandes questões que vão entrar em scena, e que reservam muitas surpresas.

Como Teissier olhava para elle com ar de interrogação, como que emendou, sem insistir:

— Sim, sim, bem sei, o terreno é favoravel.

— E então?...

— Mas o que é um bom terreno, se não fôr revolvido por bons lavradores? Precisamos de homens, e não os temos! Ah! se tivessemos um orador, como M. de Mun, ou um organisador, como M. Constans, ou, o que seria o nosso sonho, os dois reunidos n'um só, — como M. Teissier... Mas não, nada, ninguem... A uns, falta o animo, a outros, a fé; a outros, a auctoridade, a intelligencia e o talento... Nenhum que possua o conjuncto de faculdades necessarias... Oh! se o senhor quizesse!...

Demorou o olhar em Teissier, que perguntou:

— Se eu quizesse?...

— Sim, explicou Peyraud sublinhando as palavras, se quizesse vir reoccupar o seu logar, no meio de nós, á nossa frente...

Houve um silencio de alguns instantes. Miguel, com os olhos desviados, a fronte enrugada, reflectia:

— Não posso! disse elle com um gesto de pesar.

— Porquê?

— Bem o sabe: o meu passado...

Peyraud teve um sorriso desdenhoso:

— Ora! o passado, quem pensa n'isso?... Então, não viu a puritana Inglaterra abrir as portas do seu Parlamento a sir Charles Dilke?...

Teissier fincara os cotovellos na mesa, defronte do prato, com os olhos perdidos no vago, falando a meia voz, comsigo mesmo:

— Como quer que eu recomece a minha antiga campanha? Lembre-se do nosso programma de outr'ora... Eu gostava de reunil-o n'uma palavra: *unidade*... Sim, eu pensava em restabelecer essa unidade no pensamento, na vida e na acção, que os acasos do seculo despedaçaram. Lembre-se das reformas, que queriamos introduzir... Pedi

a suppressão da lei do divorcio, e eu mesmo me divorciei... O nosso objectivo, o artigo capital do nosso programma, não era a reconciliação da França democratica com a Egreja? Pois eu mesmo estou em antagonismo com a Egreja...

Peyraud interrompeu-o:

— Tambem tenho tido algumas vezes noticias suas, disse elle; vi que presentemente nenhuma cousa o impediria já de regularisar a sua situação...

Fitou Miguel, que ficou silencioso, e continuou:

— E' fóra de duvida, que havia de ser alvo de alguns ataques... Ao principio, haviam de ladrar um bocado contra si... Era uma crise a atravessar, que logo passaria... Com alguma paciencia, alguma diplomacia, o apoio dos seus velhos amigos, felizes por tornarem a havel-o, atravessal-a-hia bem... O seu maior mal foi, talvez, levar a sua questão para o lado tragico... O que é uma historia de amor, na vida de um homem de Estado?... Para essas cousas, nunca se é severo, bem o sabe...

Teissier conservava a sua attitude acabrunhada:

— Sim, disse elle, tudo isso lhe parece muito facil, porque me vê do lado de fóra. Mas, se estivesse aqui, — e bateu no peito, — havia de julgar de outro modo... Hão de esquecer, esqueceram já, concordo comsigo; hão de acceitar-me, se eu me impuzer; retomarei o meu logar... Tudo está muito bem para os outros... Mas eu?... Sim, eu, imagina que esqueço?... Eu acreditei sempre no que disse, o senhor sabe-o melhor do que ninguem, porque me viu de perto. — Seja o que fôr, que tenham pensado, a minha sinceridade fazia a minha força. Pois bem, não comprehende que, depois do que se passou, eu já não sou o mesmo....

Peyraud quiz levantar uma objecção:

— Comtudo, principiava elle...

Mas Teissier não o ouviu e continuou, com grande força, como se se tivesse convencido a si mesmo, emquanto falava:

—Não, já não sou o mesmo. E, não sabe? Quando me examino, como n'este momento, meço toda a distancia que se tem cavado entre o homem que eu fui e o homem que sou. Sim, percebo que não tenho já nem uma das minhas antigas idéas, nenhuma das minhas opiniões d'outr'ora! O que quer? Nós dependemos dos nossos actos, tanto pelo menos quanto elles dependem de nós. Ha oito annos, no momento em que derrubei tudo por causa d'essa paixão contra a qual eu não podia já luctar, oh! parecia-me que levantava uma montanha! Porque então, eu actuava contra as crenças, as opiniões, a fé de toda a minha vida. E isso pesava-me, pesava-me, juro-lh'o, com um peso tão excessivo, que me sentia esmagado por elle. O que se passou em mim, durante estes oito annos? Que trabalho surdo se operou na minha consciencia? Não sei, não confessava a mim mesmo todos os meus pensamentos, não lhes dava a fórma precisa, que lhes dou no momento em que estou falando. Mas, emfim, parece-me que este peso se dissipou. As crenças, as opiniões que o aggravavam? Ah! meu Deus! não os tenho já! Se ainda soffro, é com o sentimento de ter feito a desgraça de uma creatura innocente e leal, que confiava em mim, ou com o de certas consequencias dos meus actos, aliás, todas concretas, todas tangiveis. Mas a fé moral, que outr'ora apoiava a minha resistencia, essa já não a tenho, repito, essa está morta; e não a lamento, não queria tel-a já, repillo-a, condemno-a!...

Peyraud escutava com admiração profunda este vehemente discurso, que Miguel pronunciava com a voz concentrada e vibrante, com a sua antiga voz de tribuno, que elle a muito custo forçava á surdina, e no qual proseguiu, depois de uma breve pausa:

—Em verdade, eu ainda não tinha dito a mim mesmo o que acabo de lhe dizer... Creio que o não sabia... Agora, vejo que o sei: ahi está qual ha de ser, penso bem, o resultado mais claro da nossa conversa... Bem vê que não posso reentrar no seu partido, que não posso ir luctar

para o fim pelo qual outr'ora luctavamos juntos. Porque, deixe-me repetir-lh'o, eu não creio já no que cria, eu creio no contrario... Vamos até ao fim: é preciso a gente ser consequente comsigo mesmo, pois não é verdade? Pois então, direi tudo: se eu voltasse á politica, não só não estaria com os senhores; estaria contra os senhores!

Estas ultimas palavras impressionaram Peyraud, mais do que todo o resto, e foi para lhe responder, que elle disse com gravidade:

—N'esse caso, tem razão: é uma fortuna a sua abdicação ser completa.

—Foi-o, replicou Miguel.

E accrescentou, n'um tom mais sombrio:

—Mas, porventura, sei eu agora o que farei?

Peyraud esboçou um gesto de espanto:

—Não lhe é permittida a escolha, disse. Ha uma cousa que sobrevive ao desabar das crenças: a correcção da attitude. E depois, bem sabe, nós perdoamos tudo aos nossos homens de Estado, excepto uma revira-volta. Passar de um partido a outro, da direita para a esquerda, ou da esquerda para a direita, isso assemelha-se sempre a uma apostasia, e é um suicidio...

—Tem razão, disse Miguel, depois de uma pausa. Pensei muitas vezes. antigamente, que essa absurda exigencia do mundo constituia, no emtanto, uma especie de garantia, a unica que os eleitores pudessem exigir dos seus mandatarios. Mas quem sabe se eu não a esquecerei? O meu amigo acaba de despertar o homem velho no homem novo; e fez com que eu dissesse uma porção de cousas, que talvez tivesse sido melhor não ter dito... Ah! eu devia ter sido um audacioso, como queria de Thornes, como o senhor naturalmente me teria aconselhado, se eu lhe tivesse pedido conselho, pois bem o vi no que me disse ha pouco: hoje, tudo estaria reparado, ha muito tempo que eu teria recuperado o meu equilibrio, a minha vida proseguiria no seu curso normal... Em vez d'isso, não sei o que tenho

a fazer; eu, que tenho o espirito claro, vejo tudo turvo; não sei para onde iria... Perguntou-me, ha pouco, se eu era feliz?... Oh! não imagine por isto que me enganei na qnerida affeição culpada que a maledicencia publica deve ter maculado e calumniado muito. Mas, durante um instante, acreditei que o amor era a vida inteira, e agora vejo que não é mais do que uma parte d'ella, que não basta para prehenchel-a. Ha, tambem, o trabalho, que me chama agora, que reclama os seus direitos, de que eu o frustrei. Não posso já viver como tenho vivido. Tenho os braços cruzados ha muito tempo, e elles exigem que os faça tender para um fim difficil. Tenho a idade da acção, e estou ocioso. Como quer que isto possa durar?

—Pois, então, disse claramente Peyraud, reentre na vida; mas, se mudou assim como diz, procure outro caminho, que não seja a politica.

Miguel teve um gesto de desespero:

—Não ha outro caminho para mim! exclamou elle. Quiz escrever. Escrever! não é essa a minha vocação! Fogem-me as idéas deante do papel gelado. Não comprehendo nada dos factos, quando os observo do meu gabinete de trabalho. Nada me interessa senão a realidade que se transforma nas nossas mãos, que nós amassamos, que nós moldâmos, da qual somos senhores. Tenho necessidade d'ella, como tive necessidade do amor n'um outro momento da minha vida. Por isso, hei de buscal-a, sinto-o, tenho a certeza d'isso, quando tiver resolvido a equação difficil do accôrdo a estabelecer entre os meus actos, a minha consciencia, as minhas opiniões e as minhas aspirações.

Peyraud entristecia, ouvindo essas confidencias que ao principio tinha escutado por simples curiosidade:

—Essa operação nunca o senhor ha de resolvel-a, continuou elle. Isso é querer resolver a quadratura do circulo, —e de mais a mais de um circulo vicioso!...

Como Miguel protestava com o gesto e queria falar, elle continuou, pondo-lhe a mão no braço para o conter:

— ....Ou, então, não encontrará a solução que procura senão á custa de um sacrificio novo: fazendo descer abaixo d'ellas mesmas a sua consciencia, as suas aspirações... a sua alma, n'uma palavra!

— Mas... começou Miguel.

Peyraud deteve-o, animando-se por seu turno:

— Deixe-me falar-lhe com toda a franqueza, Teissier. Sabe que eu sou um pouco sceptico: n'outro tempo, muita vez me censurou esse defeito. Comtudo, sempre «tendi para a unidade», como o senhor tambem dizia na época das nossas luctas communs, impellido não sei por que força que existe em mim, como em si existe, tambem. Mas em si, como ella é mais natural, mais instinctiva, mais poderosa! Essa necessidade de harmonia e de fé, é a sua natureza completa. Não queira sacriücal-a: não sabe o que perdia. Olhe! li ha tempo uma carta admiravel que o conde de Montalembert escreveu ao padre Jacintho, a proposito não sei de que episodio da sua triste cruzada. Como ella respondia de um modo frizante a algumas das minhas preoccupações de então, fixou-se na minha memoria, e parece-me que posso reproduzir, pouco mais ou menos, um dos seus trechos: «... Se tiverdes a desgraça de ceder aos convites, ás provocações, com que nos hão de assaltar; se emprehenderdes justificar-vos atacando cada vez mais a Egreja nossa mãe; se vos tornardes um orador de reuniões profanas e vulgares, cahireis no nada e, emquanto os vossos amigos, como eu, não puderem fazer outra cousa senão chorar em silencio a vossa queda, tornar-vos-heis o ludibrio de uma publicidade sem entranhas, *ludibrium vulgi*, como aquelles gladiadores captivos explorados e deshonrados, apesar da sua nobreza natural, pelos caprichos da turba obscena dos pagãos...» Bem sabe se este nobre caracter teve razão, e bem cruel... E como as palavras d'elle teriam pouco que mudar para lhe poderem ser dirigidas a si, se um dia o vissemos sentado nos bancos do partido que o senhor combateu... Ah! praza

á Deus que nunca lhe possam ser applicados!... Estremeço, quando penso que poderemos vêl-o atacar o que sempre defendeu, e que a grande voz, que teria podido fazer tanto bem, não se ouviria mais senão na defeza de uma causa fatal. Vamos rolando bastante depressa, asseguro-lh'o, para os abysmos da democracia; destruimos com leviandade tudo quanto fez outr'ora a nossa força: — as nossas instituições, as nossas tradicções, as nossas crenças. Deixe essa tarefa áquelles para quem ella é o instinto funesto. E, se não puder estar comnosco, que resistimos com todas as nossas pobres forças, então persevere na sua attitude, guarde o silencio, que muitas vezes é a dignidade.

Peyraud tinha-se commovido, emquanto falava, com uma commoção muito nobre, da qual muitos que o conheciam superficialmente e não viam n'elle senão um destro *struggle-for-lifer*, ficariam espantados. Teissier, que o conhecia melhor, comprehendeu-o:

— Ah! respondeu-lhe, se eu pensasse ainda como o senhor pensa!... Mas não. Senti excessivamente o peso d'essas tradições, d'essas instituições, d'essas crenças, que o senhor pretende conservar! Soffri, em excesso, a tyrannia vã que ellas me impuzeram! Não as concebo já senão como um empecilho inutil imposto á nossa vida; sacudo-as e condemno-as. O individuo mais livre e as leis mais conformes com as verdadeiras necessidades da natureza, eis qual seria o meu programma, se eu tivesse algum. Bem vê, por isto, a que distancia estamos um do outro. Não, não podemos mais caminhar juntos, e, se alguma vez nos encontrassemos na mesma arena, não seria senão para nos combatermos.

— Como adversarios, e não como inimigos, disse Peyraud, e com armas cortezes!

— Quem sabe?

— Vêl-o-ha. E talvez eu lhe possa evitar ataques bem crueis. Perque, o senhor nem imagina, parece-me, as ar-

mas que hão de empregar contra si, nem as feridas que ellas lhe hão de fazer!

Miguel sorriu, achando repentinamente, deante do perigo, aquella magnifica confiança em si mesmo, que elle tinha outr'ora:

—Não tenho medo! disse elle.

A conversa terminou sobre esta ultima phrase; e pouco depois, os dois homens afastaram-se cada um para seu lado, desegualmente perseguidos pelas idéas que acabavam de nascer ao sabor do acaso, que dirigiu o seu colloquio.

Entrando em casa, Miguel tinha de encontrar outro assumpto de preoccupação. Suas filhas, assim como muitas vezes faziam, tinham-se retirado para os seus quartos. Branca esperava-o, sósinha no seu quarto de vestir, com um livro que ella não lia. Havia muito que elles já não procuravam as occasiões para conversas intimas: quando os acasos da vida quotidiana as faziam nascer, acabavam quasi sempre na sombra dos seus novos cuidados, e entristeciam-os. Inteiramente entregue á recordação da sua longa conversa, Teissier beijou distrahidamente sua mulher, sentou-se em frente d'ella e poz-se a atiçar o lume, esperando que ella o interrogasse. Effectivamente, não tardou muito que Branca demorasse n'elle um olhar um pouco inquieto:

—O que fizeste esta noite? perguntou-lhe ella.

—É verdade, respondeu, não sabes com quem jantei.... Com um amigo velho, de quem te deves lembrar, sem duvida: Peyraud, Francisco Peyraud, o actual director da *Ordem*.

Branca murmurou n'um tom indifferente:

—Ah!

—Fez caminho n'estes oito annos, continuon Miguel. É um homem consideravel agora... Quando penso que fui eu que lhe dei o impulso!... Seja, porém, dito em verdade, não é ingrato, testemunhou-me muita affeição...

Ia emprehender contar a sua conversa, quando Branca o interrompeu:

— Pois meu amigo, logo hoje, que não estiveste, é que veiu uma visita.

Esta diversão desagradou-lhe. Comtudo, perguntou:

— Quem foi?

— M. de Saint-Brun.

Miguel teve um sobresalto:

— O deputado?

— Não, o filho. Aquelle rapaz que nós encontrámos no lago, e que tu convidaste para almoçar em Ouchy... Já te esqueceste d'elle?

— Não, não. Mas que veiu elle cá fazer?

Branca sorriu:

— Uma visita... de digestão, sem duvida. Devia-a... Demais a mais, tu tinhas-lhe dito: «Até á vista.» Estavas muito demonstrativo, n'esse dia.

— Como teve elle a nossa morada?

— Não lh'o perguntei: isso é cousa que se sabe sempre, quando se deseja; e eu creio que elle desejava a nossa... muito.

Miguel, a quem o rapazola de Saint-Brun não interessava nada, estava com pressa de voltar á narrativa da sua conversa; no entretanto, o ar mysterioso de sua mulher impressionou-o, e perguntou ainda:

— Porquê?

— Não adivinhas nada?

— O que queres tu que eu adivinhe?

— E' verdade, os homens não vêem essas cousas. Pois eu tinha pensado n'isso, desde o nosso encontro no vapor. Creio que elle tinha muito empenho em tornar a vêr Annie.

Miguel, até então um pouco distrahido, tornou-se attento:

— Que estás tu a dizer? exclamou elle. É impossivel! O pae d'elle detesta-me, tenho a certeza d'isso.

Branca sorriu:

— Mas não se trata nem do pae d'elle, nem de ti, disse ella brandamente.

—Mas o rapaz é uma creança ainda!

—Tem vinte e tres annos, creio.

Miguel principiava a inquietar-se.

—E Annie? perguntou elle.

—Ama-o, não tenho duvida nenhuma.

Miguel carregou o semblante e quiz saccudir as idéas penosas que se esboçavam no seu espirito:

—Devaneios de creança, murmurou elle: Felizmente. isso não ha de ser cousa de consequencia.

Branca tomou um ar mais grave:

—Não sei, disse ella. Trata-se, talvez, de um sentimento muito serio. A pobre creança é uma alma profunda: a muitos respeitos, tem mais do que a sua edade. Se ella deu o coração, receio muito que o tenha dado todo inteiro. Asseguro-te que é preciso tomar cuidado n'isto: ella póde vir a soffrer muito.

(Continúa.)

Edouard ROD.

AOS POETAS DO MEU TEMPO

Os modernos teem uma noção mais clara da moral, do que a tinham os antigos. Illuminados por essa luz mais pura, pelo conhecimento profundo das cousas, o seu coração ergueu-se mais alto do que o coração dos outros.

É por isso que podeis, vós tambem, luctar, se na liça se disputa o premio das artes; inflammados em coragem, podereis medir-vos com os melhores d'entre os gregos, quando o arauto mantêm elevada a corôa de loiros.

São numerosos os ramos, numerosos os rebentos da arvore das virtudes; cada um d'elles faz vibrar os nossos sentimentos; ali, nada floresce, nada verdeja até á extremidade do cimo, que não penetre na alma.

São numerosos os ramos, numerosos os rebentos da arvore do vicio; cada um d'elles faz estremecer d'horror os nossos sentimentos; ali, nada murcha, nada sécca até á extremidade do cimo, que não penetre na alma.

Aquelles que teem subido mais degraus para o infinito contemplam uma bellesa mais elevada. Aquelle que era o Ser, andava desfigurado pelas fabulas em que a antiguidade cantava os seus deuses.

Mas, por grandes que sejam as luzes do nosso tempo, por longe que essa moral irradie, é ardente a lucta pelo loureiro precioso; todo aquelle que não sinta bater o seu coração com força, todo aquelle que não palpite de alegria á vista da tarefa brilhante, esse, se na verdade é sabio, fuja para longe das planicies de Delphos!

Ha no bosque sagrado da poesia uma feiticeira suprema, que se chama a *Fórma;* offerecei-lhe, sacrificae-lhe as primicias das flôres. É necessario, combatentes, que o favor d'essa deusa paire em torno de vós.

Se juntaes o genio á coragem, se conservaes em vós sempre viva a scentelha sagrada, que faz achar encanto na difficuldade, então, mesmo os sacerdotes mais zelosos da musa grega vos não desconhecerão.

Porque o juiz amphyctionico faz-lhes signal; elles lembram-se das leis, do preceito gravado sobre a primeira táboa: sentença imparcial!

Um dia, os vossos netos hão de vêr as sombras da Achaia avançando para elles, do Elyseu, e no bosque onde os recebe uma brisa melodiosa, vêl-as-hão annunciar a vossa victoria por meio de um doce sorriso!

Klopstock.

PRINCEZINHA

I

Da sua infancia de pensionista, que vae crescendo, que se feminisa, que principia a mirar-se nos espelhos, que procura comprehender tudo o que ouve, tudo o que vê, e cujo logar, a pouco e pouco, se foi dilatando, entre pae e mãe; dos limbos obscuros onde o seu delicado cerebro despertava, enchendo-se de vibrações e de uma onda lenta de pensamentos; do tempo feliz, cortado de surprezas, que em seguida tinha decorrido entre a sua sahida do convento e o seu casamento, a condessa Renata de Pardeilhac havia conservado a recordação de certos estados d'alma, de certos abalos, de varios factos, com uma precisão extranha.

Aos doze annos, não se parecia, nem pelos seus gostos, nem pelos seus instinctos, nem mesmo pelas suas curiosidades, com as outras raparigas. Brincando pouco, de uma timidez que topetava com a selvajeria, e já de um tal orgulho, que não supportava senão as reprehensões de sua mãe, tomava um aspecto severo, que lhe durava o dia todo, cerrando os labios como se lh'os pregassem, e lançando olhares maus, quasi odiosos, — emfim, adoecendo mesmo, — toda a vez que algum dos seus parentes ou a sua governante ingleza a reprimiam por um gesto, a humilhavam com palavras excessivamente vivas deante dos creados. Promettia, então, ser quasi bonita.

Ao contrario da maior parte das pequenitas, que fazem d'isso a sua occupação unica, o seu divertimento preferido, as bonecas enfastiavam-a, não a incitavam nem a apparentes caricias nem a confidencias ternas; apresentavam-se-lhe na sua realidade inerte de saccos cheios de sêmeas. De anno para anno, amontoavam-se com as suas cabelleiras frizadas, os seus vestidos fóra da moda, e as suas bochechas côr de rosa no fundo das gavetas, e como, um dia, a madrinha de Renata se admirasse de tal indifferença, a creança disse-lhe:

— Eu gostava d'ellas se tivesem os olhos vivos!

O pequeno recinto, que lhe haviam destinado no parque era o seu paraizo. No campo, redobrava-se-lhe a vida; alegrava-se dando grandes risadas por um nada, pelo desabrochar de umas flôres, por vêr uns pintainhos a fugir espavoridos, por um voar de pombos dispersando-se em leque acima dos telhados, pela procissão lenta dos rebanhos regressando aos curraes, pelo cheiro assucarado dos cachos maduros que em setembro fluctuava no ar cheio de mosquitos. Passava dias inteiros tambem sem pronunciar uma palavra, dir-se-hia absorta em sonhos cuja explicação lhe fugia.

E tinha taes tristezas, melancolias tão profundas, quando, nos ultimos dias de novembro, se fechavam as malas e se voltava a Paris; parecia tão opprimida, tão mortificada, com as mãos sobre os joelhos, as palpebras descidas passando por entre ellas um olhar fixo, de uma pallidez doentia, que M.me de Lavoréde chegava a assustar-se, empenhava-se debalde em distrahil-a ao longo do caminho, em offerecer-lhe gulodices, em amimal-a, murmurando com a sua voz mais doce:

— Tu não estás doente, não é verdade, minha querida, dize-me, não estás doente, não?

E a creança desviava a cabeça para não responder, persistia no seu amuo até que o atordoamento da chegada á immensa gare onde echoavam as lamentações agudas e os

silvos prolongados das locomotivas, o barulho das carruagens innumeras, o bocado de Paris que avistava atravez das vidraças levantadas do coupé, e sobretudo o aspecto do seu pequenino leito inteiramente branco, do quarto forrado de um cretonne claro com florinhas, dos seus vestidos e dos seus brinquedos, a reanimavam e a consolavam emfim.

Embora sua mãe, experimentada por desillusões precoces, por alguns d'esses pesares que sulcam, lagrima a lagrima, o coração, e o desfazem, fosse de uma natureza na apparencia egoista e refractaria ás ternuras; embora, sem cessar, parecesse conter-se, como se tivesse receio de ser mais uma vez desilludida, de dar algum quinhão excessivo do seu ser, de amar em excesso, tendo por isso, mesmo com Renata, abandonos bastante raros, esta dedicava-lhe verdadeira idolatria.

Achava-a mais bonita, com os seus cabellos ondulosos, a sua pelle que tinha a macieza e a pallidez das rosas brancas do outomno, os seus olhos de um cinzento vago e triste como um ceu de neve, do que tudo quanto ella podia imaginar de mais bello no mundo. Admirava-a, e era ciosa de possuil-a. Não ousava tratal-a por tu. A sua felicidade era sentar-se aos pés d'ella n'um tamborete, enrodilhar-se como um cãosinho nas saias d'ella e algumas vezes beijar-lhe as mãos, aquellas compridas mãos pallidas e finas, de veias azuladas, de unhas transparentes, que pareciam as mãos da Virgem Santa. Então nem se movia, com medo de que a mandassem embora, e fazia-se muito pequenina para occupar menos logar. E dos seus bons olhos de creança, como que cheios de preces mudas, emanava uma tal effusão, uma tal necessidade de ser amada, que M.me de Lavoréde esquecia as suas penas, e aquecia ali por um instante a sua alma dolorida e gelada, e puxava para cima dos joelhos, beijando-a muito carinhosamente, com doces e lentas phrases maternaes, a pequenita, tão feliz por se sentir nos seus braços, por cerrar os olhos debaixo dos seus beijos.

Depois, tinha sido a angustia da primeira separação, uma crise aguda de revolta, quando a metteram no Sacré-Cœur. Lembrava-se d'isso nos minimos pormenores, d'aquelle dia de inverno em que ella tinha chorado tanto, quando as irmãs da caridade com os seus grandes toucados brancos a tinham levado, como uma prisioneira, ao longo de compridos corredores e de salas vasias; d'aquella noite em que se tinha sentido tão sôsinha, tão perdida, no dormitorio mobilado de camas eguaes, onde não conseguia aquecer-se, dormir, onde suffocava timidamente o chôro sob o lençol com que tapava a bocca, zumbindo-lhe no cerebro pensamentos confusos, e se esforçava por comprehender o que teria feito para ser assim tão gravemente punida, para que a sua mamã, a sua querida mamã bem amada, assim tivesse o rigor de entregal-a a mãos extranhas, privando-a sem motivo dos seus cuidados.

E, durante uma semana, sentia-se desarmada, inerte, com os olhos turvos e avermelhados de fibrillas, seguia as outras alumnas da sua classe, obedecia machinalmente ás irmãs, não brincava, comia com difficuldade, estiolava-se de tal maneira, que a superiora, apiedada, a tratava dentro em pouco como uma creança amimada, procurava ella mesma abrandar aqnelle caracter esquivo, submettel-a a pouco e pouco á regra do convento, por meio de promessas, de presentes, de unctuosas meiguices. Porém, Mme de Lavoréde enxugava as faces com as costas da mão, franzia as sobrancelhas e dizia comsigo:

—Para que me está ella a beijar? Eu não gosto que me dê beijos senão a mamã.

Renata não passara ali senão dois annos placidos e monótonos, durante os quaes apenas tinha gravado na sua memoria um nome ridiculo de rodeira que vendia gulodices, uma amisade sentimental com uma das suas camaradas, alguns perfis e figuras preferidas, e a amargura secreta de ser a mais pequena das «medianas», o que a fazia ir na ultima fila nos dias de passeio.

A apoplexia subita de M. de Lavorède, que uma noite tinham trazido do café Inglez, de casaca e gravata branca, com os bigodes ainda humidos de champagne, e os hombros e as mangas marcadas por largas placas de pó de arroz, restituia-lhe a liberdade perdida, fazia-a entrar immediatamente na casa enluctada, onde a calma tragica, os olhos vasios de toda a esperança, a pallidez, o mutismo de sua mãe, vestida de preto, a assustavam a ponto de fazel-a adoecer. E a creança não se tinha entristecido com essa morte. Sem saber porquê, não tivera lagrimas senão por vêr que M.me de Lavorède se entregava a um verdadeiro desespero, vagueava de quarto em quarto como uma alma penada, custando-lhe a andar, com o peito agitado por grandes suspiros, como se a suffocassem.

Então, de mez para mez, apertava-se mais a intimidade da mãe e da filha. Renata formava-se, tornava-se mulher depois de uma breve doença de crescimento. E, da creança, ao principio afilada e magrinha, de faces um pouco sar dentas, de feiçôes insignificantes animadas por clarões passageiros de intelligencia, como por um encanto magico, desenvolvia-se uma estatueta tão gracil como as preciosas effigies tanagrianas, uma adoravel creatura rosada e branca, que tinha reflexos de aurora nos cabellos, na pelle, no olhar. Nem excessivamente alta, nem pequena de mais, causava surpreza pelo seu ar risonho, pelas covinhas do rosto, por uns signaes escuros, tão bem collocados, que se dizia serem moscas artificiaes á moda antiga, pela profundidade dos seus olhos escuros, como abysmos cheios de trevas, mas espirituaes, mutaveis e doces, com reflexos de veludo sob os longos cilios, que tremiam e ondulavam como azas. Tinha os pés pequenos arqueados, e as mãos agudas e finas de M.me de Lavorède, com uma semelhança alluci-nante e absoluta com o retrato a pastel de uma de suas tias-avós, a qual tinha sido, no tempo de Luiz XV, dama de honôr de Delphina.

E o que maravilhava mais n'essa belleza lentamente de-

sabrochada, era a finura sedosa, o loiro deslumbrante, a massa espessa, macia, opulenta dos seus cabellos. Coroava-lhe a fronte com uma especie de mitra franjada d'ouro. Entrançavam-se tão facilmente como meadas de retroz finissimo e delicado, espalhando-se-lhe sobre os hombros em avalanches de raios. E M.me de Lavorède comprazia-se em penteal-a, demorando as mãos nas longas madeixas, sem confiar a nenhuma creada de quarto essa tarefa minuciosa, e interrompia-se algumas vezes para encher Renata de beijos orgulhosos, com uma beatitude suprema, como se o seu coração, por demaziado tempo receoso e torturado, estivesse emfim curado das feridas antigas, tivesse recuperado a sua original bondade, as suas illusões perdidas, a esperança de ternuras, que não seriam vãs, que, pela segunda vez, a não encheriam de fel e de desgostos, a não acabariam com um choque, ainda mais rude de supportar que os outros.

Rejuvenescida por essa apparencia de felicidade, por essa quietação que activava a sua convalescença, alargava, por causa de Renata, o circulo das suas relações, reapparecia na sociedade, dava reuniões e, apesar da sua edade, dos fios argentinos que lhe empoavam as madeixas, das impressões de tristeza incrustadas na sua carne como se fossem cicatrizes, tinha o encanto nostalgico de uma rosa tardia, que se abrisse pallida e apenas perfumada, em algum brumoso dia de outubro, um instante illuminada pelo sol para em breve se desfolhar; agradava ainda, parecia quasi a irmã mais velha de sua filha.

Sentia-se orgulhosa com os cumprimentos que lhe faziam á sua «princezinha», como ella lhe chamava. Mas uma noite em que o velho princepe de Sarlys, balançando entre os dedos a larga fita de seda do seu monoculo, lhe havia dito, com os seus modos galanteadores do tempo da Restauração:

«Com toda a certeza, madame, se eu tivesse menos trinta annos, pedir-lhe-hia immediatamente a mão de sua

filha, e é a primeira vez que lamento devéras já não ser moço e ter acabado o meu tempo», ella não soube que responder, e teve apenas a força sufficiente para balbuciar uma phrase polida.

Já quando Renata tinha posto o seu primeiro vestido comprido, quando lhe tinha apparecido como uma gentil senhorinha, tão attrahente na radiosa primavera que irradiava em toda a sua pessoa, tão mudada, com os seus hombros que se desenhavam, com a cintura apertada n'uma fita, e as curvas que se accusavam nas pregas do corpete, M.me de Lavorède, a seu pesar, em vez de ficar alegre, sentiu um aperto no coração.

O pensamento de que um homem havia de arrancar-lh'a, havia de apoderar-se para sempre d'aquella que era agora toda a sua vida, toda a sua felicidade, havia de possuir a sua «princezinha» bem amada, a sua filha, a creança que ella havia dado á luz e a quem havia salvo por duas vezes da morte, e que lhe seria impossivel oppôr-se a isso, escapar a esse desenlace cruel, ulcerava-a, mergulhava-a em abysmos de tristeza.

Via-se sósinha, perdida nos seus negros devaneios, nas suas más recordações, vagueando atravez dos quartos silenciosos do palacio, devorada por um ciume invencivel, que se esforçava por occultar, mas que a obcecava como uma idéa fixa que se lhe pregasse no cerebro.

A esses rancores juntava-se o terror não raciocinado, quasi odioso, que ella tinha pelo casamento; o aborrecimento dos homens, a maior parte dos quaes eram comparados por ella com aquelle que a tinha embalado em mentiras perpetuas, que a tinha feito envelhecer precocemente; o presentimento tenaz de que Renata tiraria como ella um mau numero n'essa loteria de incertezas, e que havia de supportar a seu turno o supplicio de amar sem ser amada. E, durante dois mezes, recahia no seu *spleen*, nos seus silencios, n'uma atonia morbida, não ria mais, não se interessava com cousa alguma, não vivia senão por sobresal-

tos, com alguma cousa de desvairado nos seus actos, as suas breves exclamações, as suas provas de ternura,

Ora fugia a Renata, isolava-se como uma devota que se prepara para tomar o véu; ora abraçava-a em risco de suffocal-a, não podia passar uma hora sem a vêr, tinha exigencias tyrannicas, tratava-a como uma pequena que ainda se senta nos joelhos, obstinava-se em illudir-se, em transportar-se para traz, para a infancia abolida. Muitas vezes, sentada deante do lume que crepitava no fogão, contemplava a filha, com olhares vagos, desvairados, sem fazer um gesto, sem dizer uma palavra, e das suas palpebras corriam-lhe grossas lagrimas, que lhe sulcavam as faces, que se perdiam entre as rendas do seu *déshabillé*, e animavam a immobilidade do seu rosto. Dir-se-hia uma condemnada a quem um horario implacavel mede os seus ultimos minutos de existencia. O seu caracter azedava-se como se ella tivesse envelhecido, de repente, grande numero de annos.

Renata desolava-se por vêl-a de tal modo sobrexcitada, não ousava interrogal-a, procurava a causa d'esse refluxo de amargura. E punha toda a sua alma amante, toda a sua affeição filial nas suas respostas, quando a pobre mulher lhe repetia a invariavel phrase, que parecia elevar-se do fundo mesmo do seu coração mortificado.

—Pois não é verdade, princezinha, que gostas muito de mim, que has de gostar sempre, emquanto eu viver, acima de tudo quanto existe no mundo?... Não tenho senão a ti para gostares de mim, e se me tirassem o teu carinho, se devesses deixar de me querer tanto, eu não poderia viver, e tu não terias mais a tua velha mamã!

E depois d'esse tempo nunca a coudessa de Pardeilhac vira outros olhos humanos illuminarem-se com paixão egual, enlanguescerem com tal angustia, mergulharem com tão profundos raios n'outros olhos, como n'um lago onde se cahe com as mãos juntas, onde se procura o esquecimento e o repouso eterno; nunca ouvira queixas, preces, confi-

dencias que tivessem a doçura angelica, as vibrações cariciosas, a melancolia ineffavel d'aquella voz materna onde passavam calafrios de febre, onde palpitavam suspiros, onde brilhava o amor infinito, quasi bestial, que a unia a sua filha; nunca tinha sentido uma commoção tão intensa. Só de pensar n'isso, lagrimas que ella não podia conter, lhe molhavam os longos cilios pretos, e beijava soffregamente um retratinho de M.me de Lavorède, que estava no seu quarto, murmurava a meia voz, como se a ausente tivesse podido ouvil-a:

— Pobre querida maman!

Depois d'essa crise aguda, tinha retomado os seus habitos, os passeios ao Bosque com as excursões a pé pelas avenidas solitarias, os *five ó c'lock* em que recebiam as suas amigas, em que Renata se ensaiava no seu papel de dona de casa.

A *caquetterie* de M.me de Lavorède era sua filha, que ella vestia adoravelmente, de quem vigiava nos minimos pormenores a sua aprendisagem de parisiense, fazendo-se a confidente amiga das suas admirações de rapariga a fazer-se mulher, das suas frescas impressões que a arrebatavam como um regresso á sua propria mocidade, e algumas vezes tambem a desnorteavam pela sua precocidade.

Renata era uma observadora que procurava perceber e penetrar as minimas cousas; reflectia, antes de adormecer, em tudo quanto durante o dia havia impressionado a sua imaginação. Pela innocencia candida do seu espirito, conservava-se rapariguinha, máo grado os seus vestidos compridos, a sua puberdade, as perguntas perturbadoras que ella fazia com uma inconsciente audacia, e os seus modos um pouco livres e arrapazados. Tinha a altivez impassivel de uma creança inteiramente pura. O mal não lhe tocava. Havia atravessado o convento sem contaminar as suas alvuras, sem polluir a sua alma nos offerecimentos equivocos que lhe faziam algumas das pensionistas e nas cartas que lhe escreviam as mais crescidas.

Flirtava sem perceber o que fazia, dizendo o que lhe passava pela cabeça com sahidas picantes, coqueteando, lisonjeando, imitando nas suas intonações e nos seus gestos as mulheres novas que encontrava na sala de sua mãe, representava toda essa comedia apenas com a vontade de parecer mais velha, de ser tomada mais a sério, de mostrar que tinha dezeseis annos e que já não brincava com bonecas; depois, repentinamente, vindo ao de cima o natural, dava uma gargalhada entre duas phrases, fugia como uma creança que se fatiga de estar sentada muito tempo, de vêr o mesmo espectaculo e de não comprehender.

Quando valsava, tinha um não sei quê de alado, de doidamente juvenil, de onduloso — tão delicada e tão loira nos seus vestidos de musselina — que os olhos se deleitavam, vendo-a. O rhytmo levava-a, balouçava-a, fechava-lhe as palpebras a meio, e as suas faces mais rosadas, os seus labios entreabertos, revelavam o prazer que ella sentia em ser assim levada por um turbilhão, em se embriagar de vertigem. Entretanto, com a sua delicadeza severa, tinha-lhe custado a acostumar-se a esses enlaces passageiros, —nos quaes, tão perto do seu rosto, dos seus cabellos, a bafejava o halito quente de um homem, em que a sua cinta era como que aprisionada pelo braço que a sustinha, em que a gravata do seu par, por instantes lhe roçava o pescoço, — e custava-lhe ainda a vencer a revolta instinctiva que a paralysava ao primeiro gyro e lhe dava a vontade de ser immediatamente reconduzida á sua cadeira.

Assim lhe succedia com tudo quando tentava de novo. Não tinha transportes desordenados, não se entregava senão a pouco e pouco, perturbada, timida, receiosa, como se tivesse o receio inconfessado de ser conquistada excessivamente depressa, como se tivesse a apprehensão de sentir um prazer excessivamente grande, mas sem seguimento, que lhe deixasse saudades e nostalgias, e acabava por apaixonar-se, por não gostar senão do que, durante muitos mezes, a havia inquietado. Dir-se-hia que M.me de

Lavorède se havia reflectido no cerebro impressionavel de Renata, como n'um espelho, que lhe havia incrustado o seu coração no peito, e a mãe sentia-o de tal modo, que no meio das suas expansões, lhe accudia aos labios este grito egoista de alegria:

—Oh! és bem minha filha, és toda minha, minha querida ternura!

II

M.me de Lavorède passava metade do anno no campo. Gostava apaixonadamente da sua casa, d'aquelle solar onde havia nascido, onde tinha vivido os seus melhores dias, onde os minimos recantos lhe recordavam alguma boa lembrança pacifica. Pensava ir acabar ali quando soasse a hora do adeus supremo, no vasto leito familial que datava do ultimo seculo, tendo ao pé de si a sua princezinha que lhe apertaria a mão nos dedos tremulos, os creados ajoelhados que chorariam e recitariam baixo as orações, emquanto o som longinquo dos sinos chegaria velado, quasi doce, aos seus ouvidos, já cheios do pesado silencio da morte. E o seu coração enchia-se de angustia, trasbordava de piedade como deante de uma d'essas injustiças cegas do destino, que espantam, quando pensava na pobre gente a quem um golpe da fortuna expulsa de suas casas como intrusos, reduzidos a recomeçarem a vida, a exilarem-se quem sabe para onde, sem tregua, perseguidos pela nostalgia do lar perdido, pelo pensamento que outros estão sentados nos seus logares, gosando ou devastando o seu jardim, que dormem, comem e riem sob os seus tectos, e que zombam talvez da sua miseria. Isso parecia-lhe a peor das desgraças depois da perda dos seres que se estremecem, e ella não o teria desejado nem mesmo áquelles que lhe haviam devastado a vida, ás luxuriosas que se tinham divertido com seu marido como com um brinquedo, e de

quem ella não podia ainda lêr as cartas sem murmurar entre os seus dentes cerrados ameaças ferozes, sem estremecer da cabeça até aos pés, ficando quasi cega n'um affluxo de sangue que lhe escaldava as palpebras e lhe avermelhava as faces.

Chegavam em abril, depois do concurso hippico.

Então, o immenso parque, desenhado por Le Nôtre para o abbade de Mareilhes, que tinha sido capellão do rei, até á elevação de M.me de Maintenon, assemelhava-se a um eden mysterioso onde vibram mil cançôes; e, da estrada, o palacio apparecia semi-occulto pelos innumeros thyrsos de lilás.

Tinha o aspecto simples de uma cartuxa, mas com alguma cousa de senhorial nas altas portas-janellas, que se abriam sobre escadarias de numerosos degraus, nas grinaldas que correm ao longo da fachada, nas armas dos Mareilhes com os escudos sustidos por duas aves allegoricas que o amparam com as suas garras recurvas, nos grandes vasos esculpidos, que se erguiam aos quatro angulos.

Não era exposto nem excessivamente á sombra, nem excessivamente ao sol, e as arvores, os bosques e massiços tinham sido espalhados de tal modo que não havia nenhum que tirasse a vista, que limitasse a paizagem maravilhosa emmoldurada pelas collinas proximas. Á direita, seguiam-se os vinhedos erriçados de estacas, os curraes com as suas coberturas de telha, as moitas que cortavam com uma mancha escura aquelle mosaico estriado de rectangulos amarellos, verdes, roseos, pretos e brancos, como um fato de arlequim. Á esquerda, entre margens de areia, e cannaviaes rumorosos de tons argenteos, corria o Garonne. Tinha, em alguns pontos, a largura de um lago, desenrolava-se, ora luminoso e doirado, ora pardacento, ora do azul intenso que córava o céu. Uma serie successiva de vélas, de barquinhos, sulcava-a como vôos d'aves de arribação.

Era esse, effectivamente, o retiro ideal que havia devaneiado um padre da côrte cançado das grandezas humanas, das confissões de alcova, das alegrias falsas, que gastam a folha e a bainha, isto é a alma e o corpo. Tinha escolhido o local com minucias de epicurista, corrigido os planos a seu gosto, mobilado os quartos e as salas para o prazer de seus olhos e para a satisfação das suas innocentes manias.

Com o coração cheio de uma philosophia doce e indulgente, feliz por já não obedecer a ninguem, por não temer já os desfavores e por ir acabar pacificamente a sua vida como uma barca que está presa á argola de um caes, tinha ali escripto memorias para refutar a estreita doutrina dos jansenistas, tinha annotado e traduzido Virgilio, o qual sabia melhor que os officios do breviario, tinha vivido até aos oitenta e sete annos sem ter uma doença, sem se queixar um só dia dos homens e do destino.

E muitas vezes, após um bom jantar em que se havia esmerado e mesmo excedido a sua velha cosinheira Marton, á qual sem cessar elle promettia sorrindo o paraiso, jantar em que tinha bebido religiosamente algumas garrafas incomparaveis da sua adega, quando, ao lado da janella aberta a dois batentes, deante de algum triumphal pôr de sol, que illuminava o rio e o campo, lhe serviam, sobre uma bandeja de prata, a chavena de moka e os licores das ilhas, com o rosto satisfeito, a cabeça inclinada sobre o espaldar de uma boa cadeira de encosto, o abbade devia ter repetido devotamente o verso do seu poeta favorito:

O Mœlibœe, deus nobis hæc otia fecit.

Por sua morte, o cavalheiro de Mareilhes tinha legado os seus bens e as suas terras a sua sobrinha Coletta de Séganzac, cujo marido occupava em Versailles o cargo de intendente. E de herança em herança, religiosamente transmittido com as suas terras, as suas florestas, os seus moveis, os seus retratos de familia, os seus direitos de pesca

e de caça, o dominio viera a ser o dote de M.me de Lavorède.

Renata ia reencontrar em cada primavera, com mais alegria, a decoração preferida da sua infancia, todas essas cousas velhas, todas essas velhas arvores, todas aquellas caras de camponezes que ella tinha visto em torno de si. E nas cartas escriptas, durante os dias de chuva, ás suas amigas, não transparecia nenhuma saudade das mundanidades interrompidas quando a «season» chegava ao seu auge, nenhuma allusão nostalgica ás flirtagens passadas, ás *coquetteries* agora inuteis na solidão atravessada apenas por alguns ridiculos fidalgotes de aldeia, seus visinhos.

Ali onde, desde muito pequenina, ella se tinha divertido, assim como um animal livre e sem peias, que corre, que galopa, que relincha, que retoiça na frescura das hervas, ali, onde já fermentava a sua intelligencia nascente, via como se fosse com outros olhos, escutava como se fosse com outros ouvidos, adivinhava o ignorado.

As suas inquietações augmentavam, e ella não ousava interrogar sua mãe; procurava sósinha comprehender a lei que impellia os sêres para os sêres, que, sobre o telhado do pombal, unia os bicos rosados das rôlas e lhes enchia as gargantas de suspiros roucos. Recordava-se dos pedaços de phrases ambiguas, surprehendidas no baile, nas longas marcas do *cotillon*, das voltas da vindima ao crepusculo em que, por detraz dos cestos vindimos atulhados d'uvas sobre os carros tinha visto os vindimeiros agarrar as raparigas pela cinta, e beijal-as... e uma tarde em que Estevaninha, a creada do gallinheiro, tinha sahido do celleiro com um moço de lavoura, tão vermelha, tão despenteada, tão amarrotada, murmurando, ao despedir-se d'elle, emquanto lhe volvia um olhar cheio de doçura animal:

— E agora, ainda ficas gostando de mim?

Era tudo isso o amor, o sentimento mysterioso que a attrahia como á maior parte das raparigas e do qual ella esperava o desabrochar no seu coração virginal, que appa-

recia, assim como o motivo impertinente de uma aria antiga, nas tagarelices das suas amigas, e sobreexcitava as suas imaginações, que lhe parecia, sem que ella ousasse confessal-o, o sortilegio pelo qual se é feliz entre todas as creaturas humanas? E na solidão do parque, no silencio da alcôva, bruscamente, como uma invocação piedosa, pronunciava as duas syllabas magicas, alto, murmurava a palavra: amor, e dír-se-hia, — tão doce, tão cariciosa era a sua voz, — que ella chamava ao longe alguma ave invisivel, que evocava do sonho.

Quando, cançada de estar sósinha, de fazer no bastidor os eternos bordados que a forçavam a contar os pontos e cristallisavam o seu cerebro, M.me de Lavorède procurava sua filha com o desejo de um d'esses passeios lentos pelas largas avenidas, em que apoiava o seu braço ao braço de Renata, em que caminhava a passos vagarosos, taciturna por momentos, saltando logo de uma a outra recordação, interrogando-a, parecendo dirigir-lhe a palavra unicamente para a escutar, para lhe ouvir o riso argentino, as respostas finamente conceituosas, — tinha a certeza de a encontrar as mais das vezes n'um banco do terraço, que, lá das alturas, remirava no rio o seu parapeito esverdinhado e mosqueado pelas chuvas outoniças e o seu duplo renque de tilias de grandes frondes encurvadas, ou n'um quarto do palacio que servira de boudoir a sua tia-avó, a marqueza Coletta.

A Princezinha passava alli os seus dias, alli reencontrava sensações como que anteriormente experimentadas. Por que extranha attracção iria ella sentar-se sempre no mesmo banco em cuja pedra gasta pelo tempo se viam gravadas umas iniciaes illegiveis, porque escolheria de preferencia certas occasiões, porque sentiria vontade de chorar quando, ao extinguir-se o dia, se espalhava no ar o cheiro balsamico das tilias refloridas, e esmoreciam os graves queixumes do rio estrellado pelos fanaes dos barcos e pelos primeiros astros, e que os gritos dos barqueiros explo-

diam, agudos e estridentes, no meio dos murmurios do crepusculo, como adeuses desesperados? Porque seguiria com um olhar tão quebrantado e com fremitos febris, as aguas instaveis, que corriam sem treguas para o Oceano, onde tudo se funde e se desagrega? Porque a regosijavam as fogueiras de S. João como um anniversario de felicidade, e gostava tanto do outomno, do rechinar das folhas seccas debaixo dos pés que n'ellas se enterram até ao artelho, das ultimas rosas e dos ultimos cravos, da nebrina que a envolvia e lhe traspassava as roupas?

Fôra-lhe tão impossivel explical-o como a impressão de estar em sua casa, rodeada de cousas familiares, já provadas e usadas, impressão que sentia no boudoir da marqueza de Séganzac. Podendo escolher entre todos os quartos do palacio, instinctivamente lançara mão d'aquelle, da *chaise-longue* forrada de um maravilhoso estofo côr de rosa, das cadeiras de xarão com as costas em fórma de lyra, da *psyché* collocada em plena luz, e de uma mesa de embutidos, em cima da qual se viam caixinhas de *signaes*, cosmeticos, tinturas, e pós amarellecidos no fundo de uma taça de cristal, como se a dama de honor da Delphineza, tivesse acabado n'aquelle momento de se preparar e vestir, e se estivesse sorrindo ao espelho que lhe reflectia a imagem.

Renata, que esquadrinhava todas as gavetas, descobrira, um dia, as velhas chaves enferrujadas que abriam os tres armarios dissimulados por detraz dos paineis brancos do boudoir, e foi assim que exhumou, cuidadosamente embrulhados em papeis de seda, circundados de maçarocas de alfazema e de *sachets* de iris, os maravilhosos vestidos, os espartilhos e as rendas que tinham pertencido a sua tia. Renata tomou-os nas mãos tremulas, como se foram reliquias de subido preco, extendeu-os reverentemente em cima da *chaise-longue*, e ajoelhou para melhor os admirar.

Era em setembro.

Um sol amarello e pallido, filtrado pelos cortinados, es-

parzia vistosos reflexos nas pregas dos estofos, nas ramagens rythmicas, nos exquisitos matizes debotados pelo tempo, tremulava no repregado dos tufos, nas dobras dos vestidos e dos laços que guarneciam as mangas, nos decotes em que a alvura do seio se tinha patenteado radiante e tentadora. Dos armarios ás escancaras, com os taboleiros nús, evaporava-se, incerto, o perfume do passado, e a Princezinha deleitava-se em aspiral-o com as narinas dilatadas. E não tardou que, cedendo a uma invencivel tentação, calçasse os pequeninos sapalos de saltos desmarcados, se penteasse, se empoasse como as formosas damas que se viam nos paineis, puzesse carmim nos labios, signaes ao canto dos olhos e de uma covinha que tinha na face, envergando em seguida um vestido cujo setim se conservava aprumado, rebrilhava e vibrava.

O espelho do tremó reflectia-lhe a imagem, mostrava-lhe a sua fronte altiva, os seus olhos escuros avivados pela alvura dos cabellos polvilhados, a bocca radiante, o pescoço alteando-se nacarado na gola de rendas, os seios redondos cujos bicos rosados se perdiam entre as altas valencianas, a cintura flexivel e delgada, e, pela primeira vez, sorriu ao espelho com um estremecimento de orgulho e de alegria que lhe purpureou as faces e fez pulsar o coração, e, em sua surpreza casquinou uma risada infantil, sonora, que fez estremecer as vidraças e reboou em todo o quarto como uma fanfarra.

Renata deu alguns passos para ouvir o fru-fru do vestido, abriu a janella, encostou-se durante alguns minutos ao peitoril como uma castellã que contempla o seu feudo, tornou para o espelho, mirou-se demoradamente, cantou o motivo de um minuete que aprendera no convento e extendeu se por fim nos cochins da chaise-longue, com o pensamento em não sei que remotas e vagas regiões, contemplando os outros vestidos dispersos por um lado e por outro n'uma desordem radiante.

E M.me de Lavorède, que, segundo o seu costume, en-

trara muito de mansinho no boudoir sem fazer o menor ruido, ao ver Renata n'aquelle preparo, recuou espavorida, e, durante alguns minutos, julgou-se presa de uma allucinação. Era sua filha? Era a marqueza, vinda do reino das almas n'um raio de sol? Ia ella desapparecer-lhe, sumir-se no ar impregnado do seu perfume?

M.me de Lavorède reconhecia o pastel de Latour, o maravilhoso retrato, como se elle se tivesse animado com o seu sorriso petulante e com o seu limpido olhar, e estremeceu involuntariamente quandu, meio voltada, inclinando a cabeça, a Princezinha exclamou:

— Que tal lhe pareço, mamã?

E correndo para M.me de Lavorède, não obstante os altos tacões dos chapins que resoavam na casa, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e proseguiu em tom jovial:

— Então, diga!

Assim provocada, M.me de Lavorède não teve força de lhe mentir, pôz de parte a sua habitual reserva, e, agarrando-se a ella, aos beijos, exclamou:

— Estás linda, sim, mas eu não devia dizer-t'o, minha presumpçosa!

... Semanas depois, atraz de rumas de velhos livros com brazões nas capas, encontrava a Princezinha um cofre coberto de pó, e dentro d'elle uns poucos de massos de cartas atados com uma fita, uma miniatura representando um official com o cordão azul do Espirito Santo por cima da tunica, e flôres seccas, laços de prender nos copos da espada, fragmentos de rendas...

As cartas tinham todas ellas a mesma assignatura, a do duque de Resclauze, e a lettra era grada e intelligivel, abruptamente cortada a espaços como quando a mão de quem escreve está febril e quasi rasga o papel.

Renata hesitou a principio em apoderar-se das cartas, mas não podendo vencer-se, com o coração a saltar-lhe dentro do peito ao menor ruido, leu-as uma a uma, pagina a pagina.

As primeiras pareciam de um noivo que conta os dias e as horas, que se dobra aos caprichos d'aquella que adora, que se julga feliz só de lhe roçar o vestido, ou de beijar-lhe a furto as pontas dos dedos, ou de ouvir-lhe uma phrase affectuosa em que presente os extremos carinhos. O estylo era discreto e subtil como a musica em surdina que embala e entorpece pouco a pouco o animo.

Tinham-se conhecido na côrte. Reencontravam-se, depois, nos confins de uma provincia, mercê d'essa fatalidade que conduz as creaturas como se foram um rebanho. E não tardou que Coletta o amasse, que o seu coração ficasse preso n'aquellas phrases galanteadoras, n'aquellas lisonjarias delicadas, n'umas promessas de crente, que espera o paraizo.

Elle escrevia-lhe:

«Meu bem, desconheço-me e não posso conformar-me com o imperio que tão de prompto lograstes sobre mim. Peza-me isto, e, comtudo não ha mortal mais feliz do que o vosso escravo, que não trocaria a sua sorte pela do rei. Amar-me-heis vós ao menos como eu vos amo, e não me fareis soffrer muito porque vos sentis mais forte? A's vezes parece-me que só a vós tenho amado, que todas as outras de que tendes zelos passaram pelo meu coração sem lá deixarem o mais pequeno rastro. Vós, sim, que sois a minha adorada. A luz de vossos olhos, tão formosos, acompanha-me todo o caminho, quando de vós me separo com a alma desolada como quando se parte para a guerra e que se não sabe se se voltarão a ver os entes que mais amamos. Tudo me captiva e me delicia em vossa pessoa. Os vossos pés são tão pequeninos, a vossa voz é tão meiga que ando com a cabeça completamente perdida, que não penso n'outra cousa. Ai de mim! Este amor ha de levar-me mais depressa a uma casa de orates do que ao intimo d'esse coraçãosinho teimoso que não quer pertencer-me!»

E n'outra carta:

«Lavra a desolação em minha alma porque vos affligi. as vossas tres cartas li-as com fremitos de angustia- Amaes-me e duvidaes todavia da sinceridade dos meus ju; ramentos. Pedis-me, depois de me terdes avassalado por completo o coração, que não mais vos procure, que vos esqueça, como se isso fosse possivel, como se eu não houvesse de morrer de semelhante golpe. Que é então necessario que vos diga, anjo adorado, para triumphar das vossas incertezas e levar a crença ao vosso coração? Que hei de tentar para render a Bradamanta cruel que despreza o amor e não se amerceia da sua victima? Permittis-me que volte a assentar-me aos vossos pés, tornaremos a passeiar no vosso terraço entre as tilias, até ao banco onde me dissestes uma noite tão ternas palavras, uma noite de luar em que tinheis posta a vossa manta de Bruges e que ouvimos uma graciosa canção para as bandas do rio?»

E em terceira missiva sobre cuja tinta meio sumida se divisavam umas manchas amarellas, vestigios talvez de lagrimas que tinham rolado dos formosos olhos de Coletta quando a relia:

«Recebi, meu amor, o teu sapatinho e os excellentes morangãos que elle continha, os quaes comi em seguida com extrema sofreguidão no prato novo que sabes. Vejo que te levantaste com a aurora, que andaste por cima da relva orvalhada para os colher e causar-me esta surpreza. Como eu te amo, meu anjo! Comi os deliciosos fructos com o prazer de uma creança a quem dão um manjar muito appetecido, e parecia-me, minha vida, que uns eram os teus labios, a tua bôcca tão fresca e perfumada sobre que tantas vezes tenho pensado morrer de gosto, e os mais pequenos as unhas rosadas de teus dedos. Era ainda um puoco de ti, de ti que és a minha vida, com quem

sonho dia e noite como se tivesse vinte annos e não tivesse conhecido outra mulher.»

As cartas que se seguiam eram mais laconicas:

«Exulto de te participar que o rei enviou o sr. de Séganzac á Allemanha com uma missão secreta que não deve durar menos de cinco mezes. Chegarei ahi um pouco mais tarde. Amo-te e fico aos teus pés.»

Ao lado das cartas estava um livrinho mettido como os breviarios dos padres n'uma pequena bolsa de velludo com os tres melros mutilados dos Séganzacs bordados a matiz. Renata desatou as fitas e folheou-o. Em muitas folhas a marqueza tinha pregado com alfinetes pequenos retalhos de seda e escripto por cima as datas, os factos de sua vida que n'esta aventura amorosa lhe recordava cada fragmento de uma de suas toilettes. Ao lado de um quadradinho de estofo azul em que os ramos de cravos brancos alternavam com cajados pastoris e laçarotes de fitas, havia estas phrases extaticas:

«Como eu o amo e como penso n'elle! Parece-me que comecei a viver no dia em que me falou pela primeira vez, em que lhe fiz a reverencia na galeria dos espelhos, e accuso-me dos minutos que não occupa o meu pensamento. Dava o que me resta de vida para que elle comprehendesse o sentimento que lhe consagro e ao mesmo tempo desejo e tremo que me olhe, que me ache do seu agrado e que me ame tanto como eu o amo. Adivinhar-me-ha elle nos meus rubores, na minha perturbação quándo me fala? Esta herdade que era o exilio é um paraizo desde que elle lhe conhece o caminho; e, de bom grado aqui me deixaria estar toda a vida, a esperal-o como uma freira, para que nunca tenha zelos, para que se fie cegamente na sua amiguinha, cujo coração lhe pertence. Achou

que eu era bonita n'este trajo pastoril, e, quando depois de ceiar desciamos as escadas do jardim, exclamou rindo de tão perto que o seu halito me acariciava os cabellos:

«Quem me dera fazer parte do rebanho, gentil pastorinha!

«No céo perpassavam milhares de estrellas, desapparecendo com tal presteza que nem tempo davam de exprimir um voto a quem as seguia com os olhos. Nas collinas e nas margens do rio ardiam grandes fogueiras em honra do apostolo S. João, e o sr. de Resclauze inclinando-se para mim, disse-me:

— «Não é n'esta noite que os camponezes costumam concertar os seus enlaces? se nós nos unissemos tambem, meu anjo, ha tanto tempo que a amo e ambiciono a sua posse!

«Elle tomara as minhas mãos entre as suas e apertava-as, e eu cuidava enlouquecer de ventura; depois, não sei como, reclinei a fronte em seu hombro, e os seus labios subtis, ardentes, que a principio me tinham osculado levemente a testa, o cabello e a nuca, se uniram imperiosamente aos meus, por fórma que toda eu estremecia, sem poder recompôr uma idéa. Podia ter feito de mim o que quizesse. Eu não tinha forças, nem pudor, nem vontade. Apenas lhe dizia com os olhos fechados:

— «Oh! amo-te, amo-te muito!

«Era a unica phrase que me acudia ao espirito, e fôra-me impossivel compôr, articular outra no meio d'aquelle contentamento convizinho da loucura. Que será já agora de nós?

Algumas paginas mais adeante, por debaixo de um fragmento de renda de Veneza, rabiscara apenas as seguintes palavras:

«Sou a mais feliz das mulheres, e quanto mais foge o tempo, mais me parece que o amo.

«Raras vezes nos separamos, porque elle acha sempre pretextos excellentes para abandonar o governo da sua provincia, afim de estar ao pé de mim. Acabaram as vindimas. Ha umas horas exquisitas no dia em que o ar se torna singularmente tepido. Com a ponta da sua grande bengala, caminhando ao longo das avenidas, o duque espalha as folhas mortas, e eu aperto-me muito a elle, como se tivesse frio. E deante dos grandes lumes, de achas inteiras que estalam e crepitam no fundo das chaminés, á noite, conversamos, inventamos brinquedos, caricias, a menor das quaes me dá uma deliciosa febre. Elle ajoelha em frente da chaise-longue, descalça-me, e beija muito lentamente as unhas dos meus pés nús. Gosta, tambem, de mergulhar a cara nos meus cabellos, de apoiar a bôca atraz da minha orelha, no logar que é tão macio e tão branco; repete-me cem vezes que me ama e que eu sou bonita, e não me canço de o ouvir. Não creio que exista mais terno amante nem melhor amigo. E, na minha confusão, embora eu lhe ralhe de cada vez no tom mais severo, diverte-se de me ver olhar o relogio de parede, de mostrar signaes de impaciencia, de mandar Lisette e Lafleur para os seus quartos, sorri e murmura:

«—Agora, Coletta, tens os olhos em fogo, e estás nas mãos do amor, gaiata!

«Quantos peccados tenho de confessar a monsenhor de Bordeus! E conceder-me-ha elle a absolvição?»

(Continua).

René MAIZEROY.

O NINHO DE ROUXINOES

Em volta do castello havia um bello parque.

No parque viam-se aves de todas as especies: rouxinoes, melros, andorinhas; todas as aves da terra tinham combinado encontrar-se ali.

Na primavera era um hymno de gorgeios capaz de ensurdecer; em cada folha occultava-se um ninho, cada arvore era uma orchestra.

Todos aquelles musicos infantis, emplumados, davam assaltos de canto, á porfia. Uns papeavam, outros gorgeavam; estes faziam trinados cujas harmonias similhavam perolas, aquelles recortavam fioritures matizadas de melodias: verdadeiros musicos não fariam um conjuncto mais perfeito.

No castello, porém, havia duas bellas primas que, sósinhas, cantavam melhor que todas as aves do parque; uma chamava-se Fleurette e a outra Isabeau. Ambas eram bellas, appetitosas, e aos domingos, quando ostentavam os seus vestidos brilhantes, se os hombros de neve não mostrassem que eram verdadeiras raparigas, suppor-se-hia serem anjos; só lhes faltavam as pennas. Quando cantavam, o velho

senhor de Maulevrier, seu tio, conservava-as algumas vezes apertadas nos braços, receiando que lhes désse na phantasia fugir.

Deixo ao leitor o cuidado de pensar nas soberbas lançadas com que se mimosearíam nas cavalhadas e torneios em honra de Fleurette e de Isabeau, os cavalleiros que as disputavam. A sua reputação de belleza e talento havia feito a volta da Europa, e todavia ellas não se orgulhavam por isso; viviam na solidão, não vendo ninguem além do pagemsinho Valentim, bella creança de cabellos loiros, e do senhor de Maulevrier, velho severo, queimado pelo sol e arruinado por ter supportado durante sessenta annos o peso da sua armadura de guerra.

Passavam o tempo a deitar grão aos passarinhos, a dizer as suas orações e principalmente a estudar as obras dos mestres, repetindo juntas algum mote, madrigal, copla ou qualquer outra musica; tinham tambem flôres, que ellas proprias regavam e cuidavam. Deslisava-lhes a vida n'estas dôces e poeticas occupações de rapariga; conservavam-se na penumbra e longe dos olhares do mundo, e não obstante, o mundo occupava-se d'ellas. O rouxinol e a rosa não pódem occultar-se; o seu canto e o seu perfume trahem-os sempre. As nossas duas primas eram simultaneamente dois rouxinoes e duas rosas.

Vieram duques, principes pedil-as em casamento; o imperador de Trebizonda e o Soldão do Egypto mandaram embaixadores encarregados de propôr a sua alliança com o senhor de Maulevrier; as duas primas conservaram-se donzellas e não quizeram dar ouvidos a taes propostas.

Presentiam, porventura, por um instincto secreto, que a sua missão n'este mundo se limitava a serem raparigas e a cantar, e que se desdourariam procedendo d'outra fórma.

Tinham vindo ainda muito pequeninas para esta residencia. A janella de seu quarto deitava para o parque, e desde então embalara-as sempre o canto das aves.

Mal começavam ainda a andar quando o velho Blondeau, menestrel do *Sire*, lhes collocou as mãositas sobre as teclas virgens do marfim; não conheciam outro brinquedo e souberam cantar antes de falar; cantavam como as demais respiram: estava-lhes isso no organismo.

Esta educação influira singularmente n'aquelles caracteres. A sua infancia cheia de harmonias lograra desvial-as da infancia turbulenta e indiscreta. Jámais haviam soltado um grito agudo ou uma queixa intempestiva. Choravam com prudencia e gemiam com acerto. O sentimento musical, desenvolvido n'ellas com detrimento dos outros, tornava-as pouco sensiveis a tudo o que não fosse musica. Fluctuavam n'um infinito melodioso e quasi não percebiam o mundo real senão pelos sons.

Comprehendiam perfeitamente o ruido da folhagem, o murmurio das aguas, o tinido do relogio, o suspirar do vento na chaminé, o zumbido da roca, a gotta de chuva cahindo na vidraça que estremecia, todas as harmonias exteriores ou interiores, mas não sentiam, devemos confessal-o, um grande enthusiasmo ao vêr o pôr do sol, e tão pouco podiam apreciar um quadro sem que os seus bellos olhos azues e negros se cobrissem de um véu espesso.

Tinham a monomania da musica. Sonhavam com ella, deixavam de comer e beber; não amavam na terra nada mais que a musica.

Bem no fundo, tinham ainda outro amor; era Valentim e as suas flôres: Valentim porque se parecia com as rosas; as rosas porque se assimilhavam a Valentim. Mas este amor era considerado por ellas em segunda plana. É verdade que Valentim tinha apenas treze annos.

O seu maior prazer era cantar á tarde, debaixo das suas janellas, as musicas que ellas tinham composto de manhã.

Os mais celebres professores vinham de longinquas terras ouvil-as e luctar com ellas. Porém, assim que ouviam um compasso, quebravam os instrumentos e rasgavam a

partitura, confessando-se vencidos. Com effeito era uma musica tão agradavel e tão melodiosa, que os cherubins do céu vinham á janella com os outros musicos e aprendiam-n'a de cór para depois a cantarem ao seu Deus.

Uma tarde de maio as duas primas cantavam um motte; nunca motivo mais feliz havia sido mais venturosamente trabalhado e executado. Um rouxinol do parque, occulto sob uma roseira, tinha-as escutado attentamente. Quando acabaram approximou-se da janella e disse-lhes na sua linguagem de rouxinol: «Queria ter comvosco um combate de canto.» As duas primas responderam que acceitavam com prazer, e que podia começar.

O rouxinol começou. Era um rouxinol mestre. A debil garganta inchava-lhe, batiam-lhe as azas, todo o corpo lhe estremecia; era uma catadupa de trinados, de gorgeios, de harpejos, de escalas chromaticas; subia e descia, corria os sons; eram cadencias de perolas com uma pureza desesperadora; dir-se-hia que a voz tinha azas como o corpo. Deteve-se, certo de ter alcançado a victoria.

Por sua vez as duas primas soltaram a voz. Excederam tudo quanto pudesse existir; o canto do rouxinol parecia, depois de se ouvir o seu, o piar d'um pardal.

O alado virtuose tentou um ultimo esforço; cantou um romance de amor, depois executou um concerto brilhante qne coroou por um crescendo de notas altas, vibrantes e agudas, muito além de quanto pode dar a voz humana.

As duas primas sem se amedrontarem com este primor de força, voltaram a folha do seu livro de musica e responderam por tal fórma ao rouxinol que Santa Cecilia que as escutava do céo, fez-se pallida de inveja e deixou cahir na terra o seu contrabaixo.

O rouxinol tentou ainda cantar, mas esta lucta tinha-o anniquilado completamente; faltava-lhe o ar, as pennas eriçaram-se-lhe, os olhos cerraram-se-lhe; ia morrer.

«Cantam melhor do que eu, disse elle ás duas primas, e o orgulho de querer vencel-as custou-me a vida. Peço-

lhes uma cousa: tenho um ninho; n'esse ninho ha tres avesinhas; estão na terceira roseira da grande álea do lado do tanque; vão buscal-as, eduquem-n'as e ensinem-n'as a cantar visto que eu vou morrer.»

Dito isto o rouxinol morreu.

As duas primas choraram muito a sua morte, porque elle tinha cantado bem. Chamaram Valentim, o pagemsinho de cabellos loiros, e disseram-lhe onde estava o ninho. Valentim, que era esperto e desembaraçado, deu facilmente com o sitio, poz o ninho no peito e trouxe-o sem difficuldade. Fleurette e Isabeau, encostadas á janella, esperavam-n'o com impaciencia. Valentim veiu depressa, trazendo o ninho a salvo. As tres avesitas espreitavam, abrindo muito o bico. As raparigas tiveram dó dos orphãositos e metteram-lhes o comer no bico, cada uma por sua vez.

Quando já estavam mais crescidos, começaram a sua educação musical, cumprindo a promessa feita ao rouxinol vencido.

Dava gosto vêr como se tinham domesticado, como cantavam bem. Esvoaçavam pelo quarto, poisando ora na cabeça de Isabeau, ora no hombro de Fleurette.

Punham-se deante do livro de musica, e podia-se dizer com verdade, que comprehendiam as notas, tanto olhavam para o branco e para os traços com ar de intelligencia. Tinham aprendido todas as arias de Fleurette e Isabeau, e começavam já a improvisar algumas muito bonitas. As duas primas viviam cada vez mais retiradas, e á tarde ouviam-se sahir do quarto sons de uma melodia sobrenatural. Os rouxinoes, perfeitamente instruidos, tomavam parte no concerto, e cantavam quasi tão bem como as suas mestras, que tambem tinham feito grandes progressos.

As suas vozes adquiriam cada dia um brilho extraordinario, e vibravam d'uma maneira metallica e crystallina, que excedia a escala da voz natural. As raparigas emmagreciam a olhos vistos; aquellas bellas côres desvaneciam-se, estavam pallidas e quasi tão transparentes como agathas.

O senhor de Maulevrier quiz prohibil-as de cantar, mas não o conseguiu.

Mal tinham pronunciado algumas notas, desenhava-se-lhes nas faces uma pequenina mancha vermelha, que se ia alastrando até acabarem de cantar; a mancha desapparecia então, mas um suor frio corria-lhes da pelle e os labios tremiam como se tivessem febre.

De resto, o seu canto era mais bello que nunca; havia alguma cousa que não era d'este mundo, e, quem ouvisse essa voz sonora e poderosa sahir d'estas duas debeis raparigas, previa o que havia de acontecer, que a musica despedaçaria o instrumento.

Ellas proprias o comprehenderam, e começaram a tocar o seu *virginal*, que tinham abandonado pela vocalisação.

Mas, uma noite, que a janella estava aberta, as aves, gorgeiando no parque, a brisa suspirando docemente, havia tanta musiça no ar que não puderam resistir ao desejo de executar um duo que tinham composto na vespera.

Foi o canto do cysne, canto maravilhoso orvalhado de lagrimas, subindo ás mais inacessiveis eminencias da escala musical, e descendo a escala das notas até o ultimo gráu, o quer que seja de scintillante e de extraordinario, um diluvio de trinados, uma chuva incandescente de notas chromaticas, um fogo de artificio musical impossivel de descrever; mas entretanto a pequena mancha augmentava singularmente e cobria-lhes quasi todo o rosto. Os tres rouxinoes olhavam-n'as e escutavam-n'as com uma anciedade pasmosa; batiam as azas, iam e vinham de um lado para o outro, e não podiam conservar-se n'um sitio.

Emfim, chegaram á ultima phrase da peça; a voz tomou um caracter de sonoridade tão extranho, que era facil comprehender não serem entes humanos que cantavam. Os rouxinoes tinham desapparecido.

As duas primas estavam mortas. As suas almas haviam partido com a derradeira nota. Os rouxinoes subiram direitos ao céu para levarem este canto supremo ao seu Deus,

que os conservou no paraiso afim d'elles executarem a musica das duas primas.

Deus o grande fez mais tarde, com esses tres rouxinoes, as almas de Palestrina, de Cimarosa e do cavalleiro Gluck.

Theophilo GAUTIER.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

—Eu tinha feito um plano, accrescentou, e, para me comprehenderem melhor, comecei por executal-o. Este trajo é o que aquellas senhoras hão de usar.

Ora, digamos qual era esse trajo. Um véu de musselina bordado a ouro e a todas as cores, enrolado á roda da cabeça, e uma corôa de louro, á maneira de Petrarcha e de Dante, encaixada em cima. Uma tunica muito comprida, e por baixo, uma saia de meia cauda; poucas ou nenhumas mangas; e, por cima d'isto tudo, um grande chale á maneira de manto. Era uma *toilette* em que havia os generos grego, judaico, edade media, romano, tudo emfim, excepto bom gosto francez. Ver M.me Bacciochi vestida d'esta maneira não me admirava muito, já estava habituada a isso; mas ouvir-lhe dizer que aquelle fato seria usado por christãs honestas e tementes a Deus, oh! a isso é que não havia meio de resistir.

Dois dias depois do meu casamento fui apresentada a M.me Bonaparte e ao primeiro consul. A casa do primeiro consul era então a de um homem muito rico; M.me Bonaparte nem ao menos tinha damas de companhia, como teve depois, preludiando as damas do paço.

Foi á sahida da Opera que nos dirigimos para as Telharias. Eu ia muito agitada por me vêr só de todo n'uma occasião tão importante da minha vida. Eram dez horas. Apeámo-nos no pavilhão de Flora, defronte da porta que precede a da esquina e que depois se chamou, durante tanto tempo, a porta da imperatriz.

Quando iamos a subir os cinco ou seis degraus que vão ter á porta da esquerda, a qual conduz aos aposentos do rez-do-chão, encontrámos Duroc e Rapp, que vinham descendo.

—Como veem tarde! disse-nos Duroc. São quasi onze horas.

—Ah! continuou o valente Alsaciano, M.me Junot é uma maravilhosa! Vae fazer do nosso bom Junot um incrivel.

E desatava a rir, com umas gargalhadas que faziam estremecer as abobadas.

—M.me Bonaparte disse-me que viesse esta noite, depois da Opera, respondeu Junot vendo que eu me dispunha a ir-me embora. E não me parece que tenha passado muito tempo depois de acabar o espectaculo.

—Então o caso é muito differente, disse Duroc: logo que M.me Bonaparte te indicou o dia e a hora...

N'esse momento abriu-se a porta dos aposentos de M.me Bonaparte e uma pessoa desceu ligeiramente. Era Eugenio de Beauharnais. Vinha mandado por sua mãe, porque, tendo ouvido rodar uma carruagem dentro do pateo, que era então muito mais pequeno do que hoje, e não vendo entrar ninguem, M.me Bonaparte receara que me tivessem dito, por engano, que ella não recebia.

M. de Beauharnais deu-me a mão e entrámos na grande sala que estava então mobilada de amarello e que nós todas, raparigas d'aquelle tempo, conhecemos tão bem.

De todas as recordações da minha vida, a mais profundamente gravada no meu espirito é a d'essa primeira apresentação.

Entrando n'aquella vasta sala, não vi ninguem, em pri-

meiro logar por causa da commoção que sentia, e em segundo porque a casa era illuminada unicamente por dois candelabros collocados sobre a pedra do fogão, e envolvidos n'uma gaze para abrandar a luz, o que espalhava uma certa escuridão no resto do aposento. Mas reanimei-me depressa, em consequencia de uma phrase de Eugenio de Beauharnais. Apertou o meu braço que enfiara no seu (porque n'esse tempo não se usava muito dar a mão), e disse-me:

—Não tenha receio! minha mãe e minha irmã são tão boas!

M.me Bonaparte estava sentada defronte de um bastidor, logar que occupava então como dona de casa e onde depois se sentou como soberana do mundo.

Do outro lado do fogão achava-se M.elle Hortense de Beauharnais, meiga, attenciosa e amavel rapariga; e, além d'isso, tão agradavel com a sua estatura de nympha, os seus bonitos cabellos louros, as suas maneiras graciosas, as suas falas suaves! Agradava imperativamente.

O primeiro consul estava de pé deante do fogão, com as mãos atraz das costas e bamboleando-se como já n'esse tempo costumava.

M.me Bonaparte ergueu-se, veio ao meu encontro, pegou-me nas duas mãos, beijou-me e disse-me que podia contar com a amisade que ella me promettia: — Ha bastante tempo que sou amiga de Junot, continuou, para que sua esposa encontre em mim os mesmos sentimentos, de mais a mais sendo como a que elle escolheu.

— Oh! como vaes depressa, Josephina! disse o primeiro consul. E quem te diz que esta endiabrada merece que gostem d'ella? Então, M.elle Lulu (já vê que não esqueço os nomes das minhas amigas antigas), não tem nada bom a dizer-me?

Pegara-me na mão e, puxando-me para o seu lado, fitava-me com uma attenção que me fez baixar os olhos.

Fui sentar-me junto de M.me Bonaparte. A conversação

tornou-se geral. M.me Bonaparte falava pouco do que não sabia, o que evitava que se notasse a fraqueza do seu espirito. Sua filha, sem falar mais do que é dado a uma menina, sustentava a conversa em assumptos agradaveis a todos. Além d'isso, os acontecimentos, n'aquella epocha, succediam-se uns aos outros com rapidez e eram sufficientes para animar o dialogo. Esperava-se M. de Cobentzel em Paris, e falou-se na sua vinda, mas não sob o ponto de vista politico. M.me Bonaparte disse-nos que ouvira alguem falar com admiração na parecença do conde Luiz de Cobentzel com Mirabeau.

— Quem te disse isso? perguntou o primeiro consul voltando-se para sua esposa com vivacidade.

— Já me não lembro positivamente. Parece-me que foi Barras.

— E onde foi que Barras viu M. de Cobentzel?... Mirabeau!... Mirabeau era feio. M. de Cobentzel é feio... é a unica parecença... Esse diabo, tu conhecel-o, Junot! Estavas commigo por occasião do celebre tratado; estavas tu e estava Duroc. Mas vocês não viram Mirabeau. Era um patife, mas um patife muito habil!... Trabalhou mais contra os antigos donos d'esta casa do que os Estados geraes todos juntos...

E o primeiro consul cheirava uma pitada de tabaco, repetindo: «Era um mau homem... excessivamente corrompido para ser tribuno do povo... Isto não quer dizer, accrescentou elle sorrindo, que no meu tribunal não haja alguns que o valham em mau comportamento e estejam bem longe de possuir a sua habilidade. Com respeito ao conde Luiz de Cobentzel...

Cheirou outra pitada de tabaco e ia para continuar a phrase no ponto em que a deixara; mas parou, como que inspirado por uma reflexão repentina:

«Espero que havemos de vêr-nos muitas vezes, M.me Junot. Tenciono formar em torno de mim uma familia numerosa, composta dos meus generaes e das mulheres d'el-

les, as quaes serão amigas da minha e de Hortense, da mesma maneira que os maridos são meus amigos.»

Já disse que minha mãe resolvera dar um baile na quinzena seguinte ao meu casamento. Fazia empenho n'este uso de outros tempos; e apesar de ser muito elegante e de seguir com exactidão a moda da época, não quiz abandonar o seu projecto de baile de noivado.

Decidiu-se pois entre nós todos que meu irmão e eu fossemos pedir a M.me Bonaparte, em nome de minha mãe e em nosso nome, para assistir ao baile dado por minha familia para festejar o meu casamento. M.me Bonaparte recebeu-nos com a maior amabilidade possivel. É difficil imaginar a rapidez com que ella adquiriu maneiras reaes. Fizemos-lhe o mesmo pedido com respeito a M.elle de Beauharnais, que n'essa occasião estava ausente das Telharias.

Hortense de Beaubarnais tinha dezesete annos na época em que a vi pela primeira vez. Era muito interessante, sem ser, comtudo, de uma belleza positiva; mas era fresca como uma flôr, possuia uns cabellos louros formosissimos e, além d'isso, o que dá maior encanto a uma mulher, uma figura graciosa; toda a languidez creoula e a vivacidade franceza se achavam reunidas no seu corpo, esbelto como uma palmeira; n'esse tempo era fina e roliça, o que é o complemento de uma figura bonita. Tinha bonitos pés, mãos muito brancas, com unhas convexas e rosadas, cuja bélleza merecera a attenção especial do cavalheiro de Livry. Já falei nos seus cabellos, que acompanhavam maravilhosamente, com os seus anneis largos e sedosos, uns olhos azues de infinita doçura e de grande força no olhar. A cutis era uma cutis de loura; não tinha muita côr, mas as faces eram bastante rosadas para terem frescura, e isso de um modo elegante. Sem ser alta, parecia de estatura elevada, porque tinha uma maneira de andar de mulher distincta, que a fazia trazer a cabeça erguida.

M.elle de Beauharnais, que conheci então bastante para

fazer agora o seu retrato moral assim como fiz o physico, pareceu-me, logo que pude aprecial-a bem, uma pessoa notavel em todos os sentidos. Era alegre, meiga, extremamente bondosa, dotada de um espirito fino que reunia a essa alegria suave bastante malicia para ser picante e tornar a sua conversação appetecivel; possuindo talentos que não precisavam de louvores para serem conhecidos, uma maneira de desenhar deliciosa, cantando harmoniosamente, uma vocação notavel para representar comedias, e uma instrucção esmerada; eis o que se encontrava em Hortense de Beauharnais no anno de 1800, época do meu casamento. Era uma menina encantadora. Depois veiu a ser uma das princezas mais attrahentes da Europa.

M.elle Hortense de Beauharnais era amada por todos que a rodeavam. Seu irmão dedicava-lhe uma ternura infinita; o primeiro consul considerava-a sua filha.

M.me Bonaparte prometteu-nos ir, no dia marcado por minha mãe, ao baile que ella tencionava dar. Junot disse-lhe então que iamos aos aposentos do primeiro consul afim de pedir-lhe que a acompanhasse. M.me Bonaparte sorriu:

—Receio muito, disse-nos ella, que essa tentativa seja inutil; Bonaparte frequenta muito pouco a sociedade; desde que está no consulado, ainda não foi senão a duas festas: uma foi a de Morfontaine, para se encontrar com os enviados dos Estados-Unidos. A outra deu-lh'a o consul Cambacérès por occasião do regresso de Marengo.

—Minha mãe ficará tanto mais reconhecida se elle quizer acceitar, repliquei.

Depois de nos despedirmos de M.me Bonaparte, dirigimonos aos aposentos do primeiro consul, pela escada do pavilhão de *Flora*. Junot foi ter com o ajudante de campo que estava de serviço, e que era, se bem me lembro, o infeliz Lacuée.

—Tenho uma entrevista, disse Junot quando o seu camarada lhe observou que passara a hora.

—E esta senhora? disse o ajudante de campo sorrindo.

— Somos casados ha tão pouco tempo, que não formamos senão uma e a mesma pessoa, meu caro, respondeu Junot; annuncia-me sempre.

Quando o primeiro consul me avistou:

— Oh! oh! disse elle com bom humor, o que significa esta deputação de familia?

E, olhando para mim, sorriu:

— Bem, estou ouvindo. O que me querem?

É difficil, ou antes impossivel descrever o encanto da sua physionomia quando um pensamento agradavel o fazia sorrir. N'essas occasiões a sua bocca e os seus olhos tinham alma. De resto, sabe-se qual foi mais tarde, o poder magico d'esse olhar.

Disse ao general Bonaparte o que haviamos combinado.

— Pois bem, irei a esse baile, irei, e com muito gosto.

Em seguida accrescentou uma phrase que depois me repetiu muitas vezes:

— E, no emtanto, vou achar-me no meio dos *meus inimigos;* porque o salão de sua mãe está cheio d'elles, dizem! É verdade, e em que dia é esse baile?

— Segunda feira, meu general; parece-me que é o dia 10 de novembro.

— O que? O que disse?... 10 de novembro... disse o primeiro consul aproximando-se da secretaria...

E, emquanto falava, procurava um calendario.

— O dia 10 de novembro, disse elle depois de ter visto e comparado os dois calendarios, é o anniversario do 18 de brumario. Não posso assistir a uma festa n'esse dia... O que me diz respeito pessoalmente, continuou elle tomando uma expressão grave e severa, é de pouca importancia; mas devo fazel-o respeitar á republica. Não seria conveniente que esse dia, que nol'a restituiu de todo, fosse festejado de fórma alguma a não ser em familia. Não recuso o convite de M.me Permon, se quizerem escolher outro qualquer dia.

Foi negocio resolvido sem mais demora. Elle proprio

escolheu o dia 12 de novembro. Assim ficava tudo arranjado.

— Viu Josephina? perguntou-me elle.

Respondi affirmativamente; disse-lhe que M.me Bonaparte acceitara, por ella e por sua filha, o convite que minha mãe, bem contra sua vontade, não pudera fazer pessoalmente.

— Oh! eu bem sei que M.me de Permon está doente, e é por isso que não vem, disse o primeiro consul. Não é verdade, M.me Lulu?

E puxava-me uma orelha e os cabellos a ponto de me fazer chegar as lagrimas aos olhos.

Minha mãe comprehendeu perfeitamente que seria ridiculo festejarmos o anniversario de 18 de brumario. Por consequencia, não houve difficuldade em mudar o dia do baile para aquelle que indicara o primeiro consul (o dia 20 de brumario). Dispoz-se tudo em casa para essa reunião; minha mãe queria que fosse a mais agradavel de todas as que se dessem em Paris durante aquelle inverno. Esmerou-se no arranjo da sua encantadora casinha. A escada, o vestibulo, estava tudo tão bem guarnecido de arbustos e de flores, e tão habilmente illuminado com lanternas coloridas. que a luz e o scenario que ella aclarava tinham o que quer que fosse de magico.

M.me Bonaparte chegou perto das nove horas, com seus filhos: o coronel Rapp dava-lhe a mão. Minha mãe foi ao seu encontro até ao meio da casa de jantar, emquanto que para as outras senhoras não passava da porta da sala.

Conduziu-a á poltrona que estava á direita do fogão, pediu-lhe, com a graça hospitaleira do sul, que se considerasse em sua casa, e deve ter-lhe parecido o que effectivamente era, uma mulher encantadora e amavel.

N'esse dia era talvez a mais bonita do baile, depois das duas irmãs do primeiro consul. Havia algum tempo que passava melhor de saude; esse momento de descanço concedido pelo soffrimento, permittira que as feições readquiris-

sem a harmonia que constituía a sua belleza. No dia do baile trazia um vestido de crepe branco, guarnecido com tufos de junquilhos duplos. O feitio d'esse vestido era perfeitamente á grega; cruzava no peito e era preso nos hombros por colchetes de diamantes. O penteado tinha o que quer que fosse extravagante, que lhe ficava admiravelmente. Não podendo, ou antes. não querendo estar em cabello em uma festa dada para celebrar o casamento de sua filha, mandára fazer ao Leroi, que morava então na rua du Petit-Champs, e que tinha já muita fama, uma especie de touca franzida, de crepe branco, com grandes tufos de junquilhos eguaes aos do vestido, os quaes assentavam sobre anneis de cabello negro como veludo que sahiam das pregas de crepe da touca. Ao peito, um grande ramo de junquilhos e violetas naturaes. Não tinha collar, nem joia alguma, a não ser dois magnificos botões de diamantes nas orelhas. O vestido era feito por Mme Germon, a touca por Leroi e collocada por Charbonnier; as flores eram de Mme Roux, e tudo isto usado por uma mulher cuja figura e elegancia natural augmentavam o preço de cada objecto. Por isso sentia-me orgulhosa com minha mãe, n'esse dia.

Junot estivera nas Telharias ás nove horas menos um quarto afim de estar prompto para acompanhar o primeiro consul a casa de minha mãe. Elle, porém, mandou dizer que estava tão sobrecarregado de negocios, que não podia saber a que horas estaria livre; por consequencia, pedia a minha mãe o favor de não esperar por elle para dançar a primeira contradança; mas dava a sua palavra de que ia fosse a que horas fosse. O baile começou, portanto, cerca das nove horas e meia. Junot dançava com Melle de Beaubarnais, Eugenio de Beauharnais comigo, Hippolyto de Rastignac com Melle de Caseaux, e Melle de P... com M. Dupaty. M. de Trénis e M. Laffite ainda não tinham chegado; estes senhores eram então o que havia de mais incrivelmente maravilhoso, e não seria muito extraordinario que apparecessem ás duas ou tres horas da manhã.

Na opinião de minha mãe e de todos os nossos velhos amigos, eu tinhá de cumprir um dever, n'esse baile: era dançar o minuete da côrte e, em seguida, a gavotta. Havia tres semanas que tornara a receber licções de Gardel, ainda mais longas e mais conscienciosas, para que aquelle miseravel minuete, que eu amaldiçoava com todas as forças da minha alma, fosse executado na perfeição. Supplicara a minha mãe que me dispensasse d'essa funcção verdadeiramente penosa; não houve meio de o conseguir. — Não dançar o minuete da rainha n'um baile de nupcias! Não dançar o minuete n'um baile dado para festejar o teu casamento! Mas, meu amor, no meu tempo, não era só um, dançavam-se tres e quatro minuetes n'uma noute; e lembro-me de ter sido convidada, uma vez, para o setimo minuete!

A pessoa que me contava estas recordações da sua mocidade era uma figura velha e alta, em forma de tabua, ou antes, uma tabua em forma de mulher, que se chamava M.me De Vaux.

A's dez horas e meia ainda o general Bonaparte não chegara; já todos tinham vindo e as cinco salas de minha mãe estavam cheias de maneira que não cabia lá um alfinete. A familia Bonaparte viera toda, e até bastante cedo. M.me Leclerc, sempre encantadora e elegante, estava sentada longe da cunhada, cuja *toilette*, notavel em todos os pormenores, lhe fazia aborrecer a sua, por muito cuidada que ella fosse. — Realmente, dizia-me ella, não comprehendo como se pode usar assim grinaldas de flores aos quarenta annos!

M.me Bonaparte trazia uma grinalda de papoulas e espigas de ouro; o vestido tinha uma guarnição egual.

A's onze horas menos alguns minutos ouviu-se a bulha dos cavallos que escoltavam o primeiro consul. Passados instantes, a carruagem entrou rapidamente no pateo, e, quasi em seguida, appareceu elle á entrada da primeira sala, com Junot e meu irmão, que tinham ido esperal-o,

Minha mãe foi ao seu encontro e fez-lhe uma graciosa reverencia. Elle, porém, sorrindo:

— Então, M.me de Permon, é assim que se recebe um amigo velho?

E estendeu-lhe a mão. Minha mãe deu-lhe a sua e entraram ambos na sala de baile. Como se houvesse interrompido a dança logo que elle entrou, Bonaparte notou-o pelo silencio da sala, onde apenas se ouvia um murmurio de phrases ditas em voz baixa por todos os que trocavam reflexões a seu respeito.

— Mande continuar a dança, M.me de Permon, disse elle a minha mãe: a mocidade precisa divertir-se e a dança é o passatempo de que ella mais gosta. A proposito, dizem que sua filha sabe dançar como M.elle Chameroi; desejo vêr isso. Se quer, dançaremos nós ambos a monaco, porque não sei outra.

— Ha trinta annos que já não danço, respondeu minha mãe.

— Ora vamos, está brincando. Esta noite parece irmã de sua filha.

M. de Talleyrand tambem estava em casa de minha mãe. O primeiro consul, depois de nos falar a todos da maneira mais amavel, poz-se a conversar com M. de Talleyrand, e essa conversa durou mais de tres quartos de hora, sem interrupção; cerca da meia noite approximou-se da sala principal, tratando todos com a maior amabilidade.

Por muito grande que fosse a minha repugnancia em dançar o maldito minuete, tive que obedecer á ordem de minha mãe. Houve um instante em que me julguei salva. M. de Trénis, depois de muito chamado e procurado, não apparecia. Fui dizel-o a minha mãe, mas isso não me serviu de nada, pois ella pediu a M. Laffite que dançasse commigo o malfadado minuete. Elle não tinha chapéu. Minha mãe desencantou-lhe logo um. Emfim, depois de todos estes combates, apresentou-se ainda outra difficuldade. Eu trazia um vestido de musselina da India, bordado a prata,

com uma tunica. Esse vestido, porém, tinha meia cauda, e isso incommodou-me muito todo o tempo que durou o minuete. Disse de passagem a Gardel que me fizesse o obsequio de ordenar que não tocassem a gavotta, e foi com verdadeira alegria que vi chegar a ultima reverencia. M. Laffite acompanhava-me ao meu logar, segurando com uma das mãos um enorme chapéu de tres bicos que pedira não sei a quem, e dando-me a outra, quando encontrámos M. de Trénis. Este olhou para mim com ar tão furibundo, que receei ter feito um disparate dançando o minuete com outro, contando elle ja com isso.

— Possuo bastante philosophia para me consolar de não ter dançado o *epithalamio* de M.me Junot, e, comtudo, havia louros a colher, nos passos d'esse minuete da rainha. Eu teria dançado isso grave, serio, mas não triste. Sim, gostava... emfim, — paciencia... Mas ver o que eu vi... Oh! nunca esquecerei este espectaculo.

Eu sabia que elle era muito extraordinario, porém nunca o ouvira divagar tanto.

— Mas está-me inquietando, disse: o que fiz eu então?

— O que, minha senhora! pois vossa excellencia, que dança de maneira que é uma honra para nós todos convidal-a, vossa excellencia que estudou o seu minuete com Gardel!... que lhe deu como que um baptismo de graça e de aprumo, na reverencia, — vae... Oh! não ha palavras que exprimam isto... Vae dançar esse minuete com um homem... bom dançador, não ha duvida; sim, dança bem... Mas, minha senhora, se elle dança bem a contradança, nunca na sua vida, nunca, nunca soube fazer a grande reverencia do chapéu... Não, não sabe fazer a reverencia do chapéu.

O primeiro consul contou-nos n'essa noite em que Jeronymo foi, por muito tempo, o assumpto da conversação, que elle fizera uma das dividas mais extravagantes que se podem contrahir aos quinze annos. O primeiro consul estava em Marengo, e seu irmão já fazia serviço; mas, sendo

ainda excessivamente novo para ir combater, Jeronymo ficara em Paris. No regresso do primeiro consul, apresentam a Bourrienne um grande numero de contas que urgia pagar sem demora. Entre ellas, figurava Biennais com um total de oito ou dez mil francos. Grande rumor: quem faria uma divida tão grande? Depois de muito indagar, soube-se que M. Jeronymo Bonaparte comprara em casa de M. Biennais, na rua de Saint-Honoré, no Macaco roxo, um magnifico estojo de viagem, com tudo o que o luxo e a elegancia podem inventar em objectos de ouro, de nacar, de prata, de marfim. Navalhas, bacias de barba de todos os tamanhos, em prata dourada, prata, porcelana, pentes para o bigode; emfim, uma maravilha; mas faltava a barba, porque o comprador, tinha apenas quinze annos. O primeiro consul contou-nos esta historia de modo muito divertido.

Na epoca do meu casamento, a côrte consular estava no maior grau de elevação. Nas Telharias, Mme Bonaparte occupava todo o rez-do-chão, que depois habitou como imperatriz, e que, mais tarde, foi tambem habitado por Maria Luiza. Ao lado do gabinete de *toilette* ficavam os aposentos de Melle de Beauharnais, os quaes se compunham de um quarto de dormir e de um gabinete de trabalho. Os aposentos de Mme Bonaparte estavam mobilados com gosto, mas sem luxo algum; a grande sala de recepção era forrada de *quinze-seize* amarello. Os trastes eram de mogno, com os estofos de gorgorão. Não havia ouro em parte nenhuma; tudo era fresco e elegante, nada mais. Afinal, os aposentos de Mme Bonaparte não eram destinados senão ás reuniões particulares e ás visitas que ella recebia de manhã; as grandes recepções realisavam-se no andar de cima.

No dia da sua installação em Versailles, o primeiro consul, mal chegou, montou a cavallo e passou uma revista no pateo do palacio, que então não tinha grade á roda e dava para um vasto largo.

O primeiro consul encontrava grande prazer n'essas revistas. Passava ahi, ás vezes, cinco horas a fio, sem descançar um minuto. Todos os regimentos que existiam em França vinham alternativamente a Paris, e eram passados em revista, como a guarda.

A's vezes passava a revista galopando nas fileiras, mas isso era muito raro. Para elle se conservar a cavallo era necessario que essas tropas já tivessem sido revistadas, e que elle tivesse a certeza de não precisarem de nada. Ainda assim, fazia algumas perguntas, ao acaso, a dois ou tres soldados. Mas quasi sempre, depois de percorrer as fileiras montado no seu cavallo branco (o Desiderio), apeava-se e falava com todos os officiaes superiores, com quasi todos os officiaes subalternos e com os soldados. Tratava das cousas mais minuciosas. Era o alimento, o vestuario, as manobras, emfim, tudo o que podia ser util ao homem e necessario ao soldado. O exercito unia-se d'este modo ao seu chefe e este unia-se tambem a elle.

Alguns dias depois do meu casamento, vi Junot triste e muito preoccupado. Ia umas poucas de vezes no dia a casa do prefeito da policia; de noite era muitas vezes despertado por um velho ajudante da praça de Paris, chamado Laborde, e que lhe dava informações que deviam ser de grande importancia, porque, uma vez Junot levantou-se ás tres horas da noite, vestiu-se e sahiu a pé com esse homem, não obstante o frio ser rigoroso e elle achar-se incommodado com uma enxaqueca que o não deixara comer em todo o dia. Afinal, no dia 17 de brumario vi-o mais sereno, e disse-me que o primeiro consul escapara de um perigo que, d'essa vez, teria consequencias terriveis. Era a machina infernal de Chevalier, preludio da concepção de 3 de nivose.

N'esse dia, depois de me vestir, subi para a carruagem e dirigimo-nos a casa de minha mãe.

Jantámos cedo. Quando estavamos ao café, minha mãe mandou atrelar os cavallos e partimos immediatamente

para a Opera. As mulheres estavam muito enfeitadas e a sala muito illuminada; o conjuncto era realmente admiravel.

Mal se haviam tocado os trinta primeiros compassos, quando se ouviu uma forte explosão, como que um tiro de peça.

—O que significa isto? disse Junot muito impressionado. Dá cá o meu chapéu, accrescentou dirigindo-se a seu irmão. Vou saber o que é.

(Continua.)

Duqueza D'ABRANTES.

O CORVO

Uma vez, á hora lugubre da meia noite, eu meditava, fraco, fatigado, quasi adormecido, sobre muitos volumes interessantes e valiosos de uma doutrina esquecida. De repente, ouvi um ligeiro ruído, como que de alguem batendo, ao de leve, á porta do meu quarto. «É alguma visita — murmurei eu — e nada mais.

Estavamos em dezembro, lembro-me distinctamente. As achas meio queimadas desenhavam no solo o reflexo da sua agonia.

Eu desejava ardentemente a manhã! Em vão pedia aos livros o esquecimento das minhas maguas... Pensava sempre n'ella, na minha Leonor perdida! na mulher rara e deslumbrante que os anjos chamam ainda Leonor e que os homens não chamarão mais!

O vago susurro dos reposteiros ondulantes penetrava-me de um terror phantastico e melancholico. Para acalmar a agitação que me assustava levantei-me, repetindo: «É alguem que bate á porta, alguma visita tardia, que solicita a entrada do meu quarto; sim, é isso, e nada mais.» Então senti o espirito um pouco fortalecido, e, sem hesitar mais tempo:

— Senhor, digo eu, ou senhora, tende a bondade de perdoar-me. Estava meio adormecido e bateste tão devagarinho, que apenas tenho a consciencia de vos ter ouvido.

Assim dizendo, abri a porta de par em par, mas vi só trevas e nada mais!

E a prescrutal-as profundamente, fiquei muito tempo cheio de espanto, de receio e de duvida, fazendo sonhos que mortal algum jámais ousou sonhar; mas nada perturbou o silencio e a immobilidade das trevas, senão um nome proferido por mim: «Leonor!» e o écho murmurando a seu turno «Leonor!» Só isto e nada mais!

Tornando a entrar no quarto, com a alma em fogo, ouvi um ruido algum tanto mais forte que o primeiro. «Ha por força alguma cousa de extraordinario nas taboinhas da minha janella; vamos a vêr o que é, exploremos este mysterio. Provavelmente é o vento e nada mais!»

Abri então a janella e um corvo magestoso, digno dos antigos tempos, entrou pelo quarto dentro, com um bater de azas tumultuoso. Sem me fazer uma simples cortezia, avançou com a importancia de um lord ou de uma lady, e empoleirou-se sobre um busto de Pallas, collocado justamente por cima da porta do meu quarto.

A gravidade do seu aspecto e a severidade da sua physionomia, fizeram sorrir a minha triste imaginação:

— Bem que a tua cabeça — lhe digo eu — não tenha pôpa nem cimeira, não és por certo um passaro ordinario. Dize-me qual o teu nome senhorial nas costas da noite Plutonica?

O corvo disse:

— Jámais.

Fiquei pasmado de vêr aquelle desengraçado volatil comprehender assim a palavra, bem que a sua resposta não tivesse um grande senso, nem respondesse de modo algum á minha pergunta: porque é preciso confessar, que nunca foi dado a um homem vivo, vêr, por cima da porta do seu quarto, um passaro ou outro animal, sobre um busto esculpido, com semelhante nome de *Jámais!*»

Mas o corvo, solitariamente empoleirado sobre o busto placido, não proferiu senão aquella palavra unica, como se

n'ella toda a sua alma se espargisse. Então murmurei em voz baixa:

—Todos os amigos me tem deixado: ámanhã tambem este me fugirá, assim como todos os outros me fugiram, assim como voaram as minhas ridentes esperanças!

E o passaro tornou a dizer:

—Jámais!

Ao ouvir aquella resposta, tanto a proposito, estremeci.

—Provavelmente —digo eu commigo mesmo—não sabe senão esta palavra. Isto foi cousa que elle aprendeu com algum mestre infortunado, a quem a impia desgraça perseguiu sem treguas, e cujos cantares acabaram por não ter já senão aquelle melancholico estribilho, especie de *De profundis* de todas as suas esperanças:

—Jámais!

Mas o corvo, induzindo ainda a minha alma triste a sorrir, puxei a cadeira para defronte d'elle, do busto e da porta, e comecei a ligar idéa com idéa, procurando adivinhar o que aquella ave agoureira de outros tempos, o que aquelle triste, desengraçado, sinistro, magro e agoureiro passaro de outros tempos, queria significar com o seu *Jámais!*

Assim me detive um tempo, sonhando, meditando, mas não dirigindo mais a palavra ao passaro, cujo olhar ardente me abrazava até ao intimo do coração. Eu procurava adivinhar o estribilho do corvo e muitas cousas mais, com a cabeça encostada ao estofo da cadeira; este estofo macio de veludo violeta, onde a cabeça d'ella se recostava outr'ora!... onde não se recostará jámais!

Então pareceu-me que o ar se tornava mais espesso, perfumado por um thuribulo invisivel, balouçado por seraphins, cujos passos deslisaram pelo tapete do quarto.

—Desgraçado — exclamei eu — Deus, pelos seus anjos, manda-te treguas e nepenthes contra as saudades de Leonor! Bebe, oh! bebe este bom nepenthes e esquece Leonor, perdida para sempre!

E o corvo tornou a dizer:

— Jámais!

— Propheta! — digo eu — ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! sejas um mensageiro do Tentador, ou um simples naufrago, lançado pela tempestade a esta terra deserta e enfeitiçada, a este lar de miseria e de horror, dize-me sinceramente — supplico-t'o! — é verdade que existe um balsamo da Judéa? oh! dize-m'o, dize-m'o por piedade!

O corvo respondeu:

— Jámais!

— Propheta, continuei eu, ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! Pelo céo que nos cobre, pelo Deus que ambos adoramos, dize-me se esta alma, esmagada pela dôr, poderá um dia, no paraiso longiquo, abraçar uma donzella santa, preciosa e deslumbrante, a quem os anjos chamam Leonor?

O corvo disse:

— Jámais!

— Que as tuas palavras sejam o signal da nossa separação, passaro ou demonio! — exclamei eu, pondo-me em pé. — Volta á tempestade e ás costas da noite Plutonica! Não deixes aqui nem uma das tuas pennas negras, em memoria da mentira que acabas de proferir. Não violes por mais tempo a minha solidão. Tira-te da minha porta, arranca o teu bico do meu coração e precipita o teu espectro para bem longe d'este quarto!

O corvo disse:

— Jámais!

E, immutavel, continúa sempre empoleirado sobre o pallido busto de Pallas, por cima da porta do meu quarto. Os seus olhos com um brilho demoniaco, parecem pensativos; a luz da minha lampada projecta a sua sombra sobre o solo, e além do circulo d'esta sombra, que jaz fluctuante sobre o solo, a minha alma não poderá elevar-se jámais!

Edgar Poe.

OS PORTUGUEZES NA INDIA ANTIGA

(Conclusão)

«Jejuam vespera de Natal e jantam ao meio dia; mas antes de irem á missa da meia noite, pela volta das onze fazem uma collação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. As mulheres, sobretudo, assim senhoras como jovens desejam muito esta noite, porque como vão todas á missa, servem-se da devoção para gozarem seus amores. Por todas as ruas ha n'esta noite lanternas. No dia de Natal em todas as egrejas se representam todos os mysterios da Natividade, com grande copia de personagens e animaes que fallam, como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos, e por baixo d'elles homens que fazem mexer e fallar estas figuras como querem, e todos vêem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzilhadas das ruas ha similhantes divertimentos, e faz lá n'esta estação melhor tempo que cá pelo S. João. Nas ruas, praças e outros logares da cidade ha mesas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces seccos e bolos, a que chamam *rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente

por consoada; e dura esta especie de feira até passado dia de Reis. De noite vão pôr grandes lettreiros com estas palavras — *Anno Bom* — acompanhados de musica e instrumentos.

«Quando chega a festa da Paschoa toda a quinta e sexta-feira santa fazem procissões geraes, como é uso em todas as terras de el-rei de Hespanha, e nas taes procissões vão grande copia de penitentes de todas as qualidades, que se disciplinam e marcham de joelhos com os braços cruzados. Seria impossivel representar todas as ceremonias e modos extranhos e supersticiosos que n'estes actos observam. Para estes penitentes ha logares á maneira de hospitaes, providos de vinagres, doces, pão, vinho e outras especies de refrescos e muitos pannos brancos. O vinagre serve para lhes lavar as feridas e o mais para os restaurar comendo e bebendo; e ainda os pannos para os limpar e curar.

«Em todas as egrejas fazem mui famosos monumentos. O interior d'ellas é ricamente ornado e o pavimento juncado de hervas e flores, com grandes ramos de bellas e largas folhas aqui e alli, pela maior parte de palmas, e o mesmo fazem na parte externa, pois n'estas occasiões ao redor das egrejas e ainda nas ruas que são mui bem variadas, plantam muitas hervas, flôres e arbustos. Nos logares visinhos ás ditas egrejas põem grandes lamedas de palmeiras de uma e outra banda; e teem tambem para uso da egreja grande numero de charamellas, cornetas, tambores, e outros instrumentos. Ás portas vendem-se toda a casta de comestiveis, enfeites e brincos de creanças. Todas as festas começam ao meio dia, e passada esta hora não ha mais solemnidade. Annunciam com cartazes em todas as ruas e logares costumados as festas e as egrejas onde são, com os seus perdões e indulgencias.

«Todos os novos christãos, assim homens como mulheres, trazem ao pescoço grandes contas de pau. Os portuguezes e mestiços trazem n'as na mão e nunca cessam, emquanto fallam, tratam negocios ou executam outra qualquer

acção, de deixar cahir os padre-nossos e ave-marias; não sei o que elles dizem, mas vi muitas vezes que ainda jogando os dados faziam o mesmo. Teem um costume, que é, quando se eleva o Sacramento á missa, levantam todos a mão como quem aponta para o Sacramento, e bradam todos em voz alta, duas ou tres vezes — Misericordia — batendo nos peitos. Não usam o pão bento, como nós. Quando seus escravos de um e outro sexo vão á missa, levam ferros aos pés, ao menos aquelles de que se desconfia que querem fugir.

«No que toca a seus casamentos, o homem nunca vê a noiva senão quando ella vae á egreja, mas não falla. Vae ella muito bem enfeitada á moda de Portugal, e coberta de perolas e pedras preciosas; e se lhe agrada, vae o pretendente no outro dia com um padre a sua casa, e a pede em casamento; depois do que póde continuar a ir vêl-a, mas nunca os deixam sós. Casam-se ordinariamente de tarde, e vão em grande solemnidade á egreja. A noiva é ás vezes acompanhada de oitenta ou cem cavalleiros bem ordenados, porque todos os parentes e amigos de uma e outra parte assistem ao acto. Egualmente é acompanhado de outros tantos palanquins em que vão todas as parentas e amigas. É conduzida por duas das suas mais proximas parentas e similhantemente o noivo por dois dos seus até ao interior da egreja perante o padre. Estas quatro pessoas são chamadas compadres e comadres.

«Terminada a ceremonia da egreja voltam para casa pela mesma ordem ao som de muitas trombetas, cornetas e outros instrumentos que tangem desde a egreja até casa, e por onde passam lhes vão lançando muitas flôres, aguas cheirosas, confeitos e doces sobre o acompanhamento, o que apanham os servidores. Chegados a casa os noivos com os homens e damas mais proximos parentes e de mais edade entram, e os mancebos ficam na rua, onde recebem os agradecimentos; e no entretanto se recreiam em fazer menear, correr e saltar os seus cavallos defronte

da casa, e se batem com laranjadas e jogam cannas uns aos outros; estando os noivos e toda a mais companhia ás janellas, que são em fórma de galeria, donde assistem a esse passatempo. Por fim apeiam-se todos os cavalleiros, e entram n'uma sala baixa onde se lhes offerece toda a sorte de fructas e doces com agua de Banguenim e depois o noivo lhes vem repetir agradecimentos com toda a cortezia. Segue-se um banquete a todos os parentes, que não dura muito tempo, e concluido elle, cada um se recolhe a suas casas.

«Nos baptismos usam das mesmas ceremonias e solemnidades, que nos casamentos. O padre mergulha tres vezes a creança na agua benta e põem alli uma grande salva de prata dourada cheia de rosquilhas, biscoitos, massas e outros doces, com um grande cyrio plantado no meio e uma peça d'oiro pegada n'elle; e tudo isto é para o parocho, excepto a salva.

«No dia da festa do orago de um mosteiro ou convento dão alli um grande banquete a muitas pessoas da sua amisade e o mesmo fazem os parochos e curas nas festas das suas egrejas.

«Todos os christãos de Goa assim portuguezes como mestiços e indios abastados e ricos, vão á egreja em grande pompa e ostentação, acompanhados de seus familiares, pagens e lacaios bem ordenados. São conduzidos no seu palanquim e todavia não deixam de fazer levar apoz si seus cavallos e sombreiros, e os pagens levam cadeiras ou tamboretes bordados, com duas almofadas de veludo. Todos trazem espada á cinta, e atraz d'elles marcham todos os seus servidores e escravos, de que os mais ricos teem vinte ou vinte e cinco. Mas nunca vão sem as suas grandes contas na mão, e fazem levar um coxim para ajoelharem. Emfim marcham com a maior soberba do mundo e são tão faustuosos que é mister que um dos servidores tome agua benta para a dar a seu amo ou ama, e isto sendo homens ou rapazes, porque as moças donzellas, e

mulheres nunca chegam nem tocam na pia da agua benta.

«As mulheres ricas e nobres vão pouco á egreja, a não ser nos dias das festas principaes. e quando vão, apparecem soberbamente vestidas ao modo de Portugal com vestidos pela maior parte de brocado de oiro, de seda e prata, ornados de perolas, pedras preciosas e joias na cabeça, mãos e cintura; e cobrem-se com um véu do mais fino crepe do mundo, que lhes desce da cabeça até aos pés. O véu das donzellas é de côr e o das damas preto. Nunca usam meias. Os seus vestidos e saias arrastam pelo chão. As chinellas e os chapins são abertos pela parte superior e só cobrem a ponta do pé, mas são todos bordados a ouro e prata em palheta até abaixo do chapim e por cima coberto de perolas. e pedras preciosas; e tem uma sola de cortiça de quasi meio pé de altura. Quando vão á egreja são levadas em palanquim o mais ricamente paramentado que é possivel; tem dentro um grande tapete da Persia, que elles chamam alcatifa e ha d'estes alguns que valeriam cá quinhentos escudos; e além d'isso ha duas ou tres almofadas de veludo ou brocado de oiro, prata e seda, uma para a cabeça e outra para os pés: e na egreja estas alfaias são levadas por suas aias ou creadas, que são portuguezas ou mestiças. Se estas damas teem algum filho ou filha pequena, mettem-n'os comsigo no seu palanquim.

«As servidoras ou escravas vão atraz a pé, e chegam ás vezes a ser quinze ou vinte ricamente vestidas de seda de todas as côres com um grande crepe fino por cima, a que chamam mantos; mas não se vestem ao modo de Portugal e usam grandes peças de panno de seda, que lhes servem de saias e teem tambem roupinhas de seda mui fina, a qual chamam bajus. Entre estas escravas acham-se mui lindas moças de todas as nações da India. E é para notar que os maridos mandem tambem acompanhar suas mulheres de seus pagens, com um homem ou dois de boa condição, portuguezes ou mestiços, para as levar e suster

pela mão depois de descerem do seu palanquim e as mais das vezes chegam a entrar dentro da egreja no palanquim, tanto é o seu receio de ser vistas na rua. Não trazem mascara, mas andam todas tão arrebicadas, que é uma vergonha.

E todavia não são ellas que receiam ser vistas, mas sim os maridos, que são tão zelosos que mais não pode ser. Uma das servidoras ou escravas leva a rica alcatifa, outra as duas preciosas almofadas, outra uma cadeira da China, bem doirada, outra uma bolsa de veludo onde está o livro, lenço e outras coisas necessarias; outras uma bella esteira mui fina para pôr por cima da alcatifa; outra finalmente, o leque e mais outras coisas do uso da senhora.

«Estas damas, quando entram na egreja, são levadas pela mão por um ou dois homens, porque não podem andar sós por causa da altura dos seus chapins, que pela maior parte teem meio pé de altura e são abertos por cima. Um d'estes homens dá agua benta na mão da senhora, e esta vae depois tomar o seu logar a quarenta ou cincoenta passos de distancia, gastando no caminho pelo menos um bom quarto de hora, tão grave e pausadamente marcham! e levam na mão umas contas de oiro, perolas e pedras preciosas. Assim o fazem todas segundo suas posses, e não segundo sua qualidade. Quando levam comsigo seus filhos, fazem-os ir deante de si. As servidoras e escravas folgam muito de que suas senhoras não vão á missa porque então vão ellas sós, e podem visitar seus namorados como ordinariamente fazem, e n'isto nunca se descobrem ou accusam umas ás outras.

«Eis ahi as cousas mais singulares e notaveis que eu vi em Goa, e seria um nunca acabar, se eu quizesse particularisar e dizer por miudo tudo o que ahi observei em dois annos que lá estive; contento-me só de haver tocado geralmente algumas coisas, deixando por ellas julgar do resto.

«De maneira que, quem houver estado em Goa póde

asseverar ter visto as maiores singularidades da India, pois é ella a mais famosa e celebrada cidade pelo trafico de todas as nações indianas que lhe levam tudo quanto as suas terras podem produzir assim em mercadorias como em mantimentos e outras commodidades que alli ha em grande abundancia, porque aportam alli cada anno mais de mil navios carregados de tudo o que torna alli os mantimentos mais baratos que em outro algum logar do mundo, porque o que cá custaria cincoenta soldos, não vale lá cinco. A maior parte dos viveres, fructos e outros regalos e commodidades lhe vem do Dealcão. O peixe de mar é ali em tal abundancia, que ha mais do que é mister comquanto se coma ali muito mais peixe que carne, porque é aquelle o seu quasi unico alimento, e sem embargo d'isso perde-se outro tanto como se come, porque se não pode guardar por mais de vinte e quatro horas, por causa do calor do paiz que corrompe logo todas as viandas. Não se vê pelas ruas e esquinas outra coisa mais que homens e mulheres que frigem e assam peixe para vender, tudo temperado com os molhos e especiarias necessarias.

«Accrescentarei ainda que tendo assistido dois annos em Goa entre portuguezes, é impossivel referir e exprimir as affrontas, injurias e opprobrios que padeci. E em verdade posso dizer sem vaidade, que se durante o tempo de dois annos ali me detive, eu tivesse o menor vislumbre de esperança de regressar a França, teria sido mais curioso de conhecer e observar as coisas bellas e curiosas d'aquella terra. Mas desde o dia do nosso naufragio, até que sahi em terra na Rochella nunca tive um momento de esperança de minha volta; o que tambem foi causa que me não applicasse a ajuntar riquezas, como pudéra fazer, porque lá mui pouca coisa basta para sustentação de um homem pois tudo é por preço vil. Não deixei todavia, de observar muitas singularidades no que toca ás riquezas e mercadorias d'aquellas partes, por haver frequentado na maior parte da India, assim os indios naturaes como os portuguezes,

com os quaes andei para o norte e para o sul, correndo e defendendo as suas costas, e dando guarda aos navios mercantes na ida e na volta.

«Mas sempre direi que se os portuguezes tivessem julgado que me passava só pelo pensamento observar alguma cousa d'entre elles, assim da navegação da India, como outras particularidades de seu estado e commercio, não me teriam nunca permittido o meu regresso, antes me haveriam dado a morte ou desterrado, como fazem aos seus malfeitores, mas eu tive sempre boa cautella de lhes não dar a menor suspeita n'este particular, estando de sobre aviso á vista de outros exemplos, como foi aquelle em que tendo elles apanhado o batel de um navio inglez na costa de Melinde, e tendo achado dentro d'elle um homem de sonda na mão para sondar e reconhecer a costa, o mataram cruelmente, o que não costumavam fazer aos outros extrangeiros. E posto que eu confesso ser pouco esperto, ainda lhe dava demonstração de o ser mesmo por medo de lhe dar má opinião de mim. E até lhes fiz crer que eu não sabia ler nem escrever, e que não entendia a sua linguagem e para viver bem com elles me era mister obedecer-lhes em tudo e por tudo, de sorte que se algum d'elles me queria ou fazia mal, eu tratava por todos os meios de fazer a paz com elle, e de os ter todos por meus amigos. Eis como passei quasi dois annos e meio com elles, sem contar o tempo que levámos na torna-viagem desde Gôa até Portugal.

«Os exercicios a que se dão os portuguezes, tanto em Gôa como nos outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo, e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas e jogando cannas uns com os outros, e estando cada um o melhor apercebido e ordenado que póde. Não passa festividade alguma em que não façam algum brinco a que assiste o povo que alli acode aos ranchos e a todas as cerimonias e solemnidades da festa se accrescentam

feiras, banquetes e musicas em toda a sorte de instrumentos, entremeiando assim os prazeres com as devoções. Deleitam-se tambem muito de ir a passeio pelo rio em suas *manchuas* feitas em fórma de galeotas, onde vão a coberto, com musicas, e assim vão desembarcar ás suas fazendas ou ás de seus amigos, onde ha casas aprasiveis com jardins e hortas, mui povoadas de palmeiras e grande abundancia de reservatorios e regatos de aguas claras e frescas; e ahi se banham, merendam e tomam outros refrescos á sombra.

«No que respeita a jogos de cartas e de dados e outros de azar são permittidos, e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a el-rei, e ninguem ousaria jogar em outra parte fóra d'alli, sob pena de grossa multa. Os que teem por sua conta estas casas e bancas de jogo tiram grandes lucros, porque é coisa admiravel o grande numero de jogadores que ordinariamente ahi se juntam, de que a maior parte até comem, bebem e dormem alli por não terem outra occupação fóra esta. Tudo alli está muito bem ordenado nas salas e camaras, que são bellas, claras e bem alcatifadas, e ha sempre servidores prestes para servirem os freguezes de tudo o que hão mister. Nunca vi jogadores mais liberaes e bisarros do que aquelles, porque os que ganham dão voluntariamente dinheiro aos que estão de fóra do jogo, isto é, áquelles que se entretem a ver jogar, e querem entrar no jogo. Chamam a esta bisarria «barato.» E não é vergonha acceitar esta dadiva, porque passa mais por um honrado presente, que por uma esmola. Dão algumas vezes d'esta maneira boas peças de oiro; e bastantes vezes, quando eu não tinha dinheiro, ia vel-os jogar e mais promptamente m'o davam a mim, do que aos outros portuguezes e mestiços. A maior parte dos soldados, que não teem dinheiro, vão ordinariamente a estas casas. Dão tambem muito aos servidores da casa, e os donos tiram dos jogadores um certo tributo.

«Emquanto jogam ha raparigas, servas e escravas do

dono da casa, que tangem instrumentos, e cantam arias para recrear os parceiros, e note-se que para isto se buscam as mais bellas raparigas que se podem encontrar. Os parceiros jogam jogo mui forte e sem disputa, por causa da regra e policia que ali ha; e ainda que seja o maior senhor do mundo sempre vae jogar áquellas casas publicas, mas ha n'ellas camaras particulares, segundo a qualidade das pessoas, e n'estes jogos dispendem grandes capitaes. Gostam muito do xadrez e das damas, e de todos os outros jogos de taboleiro. Não usam o jogo da pella, mas sómente jogam á bola com a mão; e tambem usam muito do jogo dos paus e da bola. Ha tambem ali muitos pelotiqueiros, charlatães e farcistas, que para os recrear lhes mostram serpentes e outros animaes raros. Lá, assim os homens como as mulheres, todos aprendem a cantar e tocar instrumentos, mas não usam danças.

«No que pertence a seu modo de viver em casa, todos assim homens como mulheres, moços e moças, quando chegam a casa, tiram logo todo o vestuario, que julgam sobejo. Os homens ficam só em camisa e calções, que lhe chegam até aos artelhos, e são extremamente brancos e finos, tiram tambem o chapéu e põem um gorro ou carapuça, que é de velludo ou tafetá, em fórma de chapéu, e só tem borda de uma banda. As mulheres ficam com as suas roupinhas ou bajus, mais raras e finas que o mais delgado crepe de cá; de sorte que as carnes apparecem por baixo tão bem como se ellas nada tivessem sobre si, e alem d'isso deixam ainda o seio mui descoberto, de sorte que se lhe vê tudo até á cintura.

«Na cabeça nada mais trazem que os cabellos atados e torcidos. Da cintura para baixo põem um panno de algodão ou de seda mui bello, mas não tão transparente e fino como o das roupinhas. A maior parte dos homens que se querem casar não se contentam de ver as raparigas, que pretendem, em seus vestidos de festa e cerimonia, por haver n'elles sobejo artificio; mas para concluir o

ajuste, querem-n'as ver em casa nos habitos caseiros, a fim de as contemplar com toda a sua natural simplicidade, e ver se ellas são bem proporcionadas ou contrafeitas; e tambem não desejam qne ellas estejam então arrebicadas, como estão quando sahem fóra e se enfeitam.

«A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes, mas raras, se visitam. Usam tambem dia e noite mascar *betel* como fazem todos os indios. Seus maridos são mui zelosos, mas ellas são tão dadas ao amor e aos prazeres carnaes, que apenas acham a menor occasião, não a deixam perder. E nunca lhes faltam occasiões e amantes, quando são bellas e ricas, e por conseguinte podem ser amadas e da sua parte retribuem o amor; e as suas servas e escravas estão mui prestes para servir n'isso a suas senhoras, e grangear-lhe algum bom galan; mas os maridos as vigiam mui cautelosamente, e quando sahem a visitas enviam com ellas algum pagem ou outra pessoa de confiança para observar as suas acções; mas ellas são tão astutas e artificiaes, que quasi sempre chegam a lograr seus intentos.

«Ora todas as mulheres da India usam muito de um certo fructo do tamanho de uma nespera grande, que se produz não em arvore, mas em uma herva, e é todo verde, redondo, espinhoso por fóra, e por quasi toda a India é chamado Datró.

«Quando as mulheres querem gosar de seus amores em toda a segurança dão a beber a seus maridos d'estes fructos desfeitos em alguma bebida ou caldo, e uma hora depois ficam atordoados e como insensatos, cantando, rindo, e fazendo mil momices, porque perdem então todo o conhecimento e juizo, nem sabem o que fazem, nem o que se faz em sua presença. E as mulheres aproveitam então a occasião de dar entrada a quem muito bem lhes parece, e fazer tudo quanto lhes apraz, mesmo em presença dos maridos que nada podem perceber. Este estado

dura cinco ou seis horas, pouco mais ou menos, segundo a quantidade de dóse. Depois dormem, e quando despertam persuadem-se que estiveram sempre a dormir sem se lembrarem de coisa alguma do que fizeram, viram ou ouviram.

«Quando tambem os homens querem gosar de uma rapariga ou mulher, e o não podem conseguir, fazem d'ellas o que querem, sem ellas darem por tal. Durante o tempo que n'aquellas terras estive aconteceu acharem-se gravidas muitas mulheres, sem saberem de onde aquillo lhes vinha. Mas quem tomasse grande quantidade d'este fructo, infallivelmente morreria. Quando os soldados e outros homens não podem possuir uma mulher, ganham as suas escravas, que por dinheiro vendem e atraiçoam suas senhoras d'esta sorte, fazendo-lhes beber d'esta herva. Verdade é que os escravos são tão mal tratados por seus senhores e senhoras, que cruelmente os tyranisam que não ha muito qee estranhar se elles se arriscarem a tudo para se vingar. Vi um dia em Gôa um escravo de dezoito ou dezenove annos de edade precipitar-se n'um poço onde se matou para evitar a furia do seu senhor, que corria apoz elle para o castigar.

«Mas ainda que em Goa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima e os alimentos da terra as favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos portuguezes ha alcouce publico, nem é permittido havel-o, como em Italia e Hespanha; mas encobre-se alli o peccado, o melhor que se póde, e todavia não se passam maiores privações, do que em muitos outros logares.

«Uma das recreações dos portuguezes em Goa é juntarem-se ás suas portas com cinco ou seis visinhos assentadas á sombra em bellas cadeiras para praticarem; e estão todos em camisa e calções, com muitos escravos ao redor de si, dos quaes uns os abanam e lhes enxotam as moscas, outros coçam os pés e mais logares do corpo, e catam os bichos. Assim passam a maior parte do tempo, e saudam

cortezmente aos que passam, folgando muito de que se detenham para conversar com elles. Quando comem ou quando se levantam e deitam, mandam vir toda a sua musica de escravos, assim machos como femeas para os recrear, e emquanto comem, teem escravos que os abanam e enxotam as moscas de cima dos manjares, porque aliás seria difficultoso não engulir algumas d'estas moscas, de que ha grande abundancia por toda a India. O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todos os dias ás janellas, e são mui bellas, grandes e espaçosas, em fórma de galerias e sacadas com gelosias e rotulas mui lindamente pintadas, de sorte que ellas pódem vêr sem ser vistas.»

«Para a guarda pois de toda a costa da India desde Goa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorim, para impedir as carreiras dos corsarios malabares, apercebem duas armadas em Goa, e chamam *Armada do Norte* á que vae até Ormuz e *Armada do Sul* á outra que vae ao Comorim; e são compostas de cincoenta ou sessenta galeotas, com uma ou duas grandes galés como as de Hespanha. Estas armadas sahem no mez de outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os corsarios malabares. Para remar em suas galés servem-se de captivos e forçados, e usam da mesma ordem que nós cá usamos. As galeotas são de quinze a vinte bancos de cada lado, e a cada remo não ha mais que um homem que não seja forçado ou captivo, mas canarins e habitantes de Goa, Bardez e Salsete, e colombins, que são a gente mais baixa e rasteira entre aquelles povos, e estes todos servem livremente segundo se concertam. Chamam-lhes *Lascarins,* ao seu patrão *Mocadão,* á galeota portugueza *Navio,* e ás dos malabares *Pardos* ou *Paraó.*

«Além d'estas duas armadas geraes, fazem-se outras que vão a Malaca, a Sonda, a Moçambique, e outras partes onde é mister, e conforme a seus desenhos; mas estas armadas

são compostas de navios redondos, que são como galeões, urcas e náos da India, com alguma grande galeota; e vão a soccorrer e reforçar suas fortalezas, como a ilha de Ceilão e outros logares onde elles tem guerra, ou onde são accommettidos.

«Todas estas armadas se fazem á custa d'el-rei. Sahem tambem galeotas e navios dos outros portos e enseadas dos portuguezes, que vem juntar-se áquelles mais possantes, e são bem armados; e todos juntos correm a costa, e entram e surgem em todos os portos que pertencem a seus amigos e alliados, assim para refrescar, como para o trafico, porque com estas armadas vae grande numero de navios e galeotas mercantes, a que chamam *Navios de Chatins*, para os differençar dos outros que chamam *Navios da Armada*. Estes navios mercantes andam assim em conserva dos das armadas pelo temor dos corsarios que obstam a que andem sós. E ainda a maior parte dos soldados, que teem posses, não deixam de fazer suas veniagas ao mesmo tempo que servem a el-rei, o que lhes é permittido e até certo ponto necessario, pelas poucas presas e soldos que tem. Os navios de guerra são apparelhados á custa d'el-rei, mas os navios de *Chatins* correm por conta de seus donos ou fretadores, e todavia não deixam de estar sujeitos, e de obedecer em tudo ao general das armadas, a que dão o nome de *Capitão-mór*.

«Nas grandes galés podem caber duzentos ou trezentos homens d'armas, n'outras galeotas grandes, a que chamam *Fragatas* cabem cem; e nas pequenas, que são os navios communs, quasi quarenta ou cincoenta. Ha ainda outras embarcações mais pequenas, a que chamam *Manchuas*, onde cabem quinze ou vinte homens. Quanto aos navios redondos o numero de homens que levam é segundo a sua grandeza.

«A sua ordem e modo de embarcar é este: quando se quer fazer um embarque em Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo Portugal em cada freguezia

como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e condição que seja com tanto que chegue á edade de nove a dez annos; e a esses tomam a rol, e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de edade; e todos são matriculados na *Casa da India* de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhes todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre, e tem necessidade de se vestir e armar. A paga é segundo a qualidade das pessoas. O seu modo de contar o dinheiro é *Réis*, como em Castella por *Maravedis*, que é uma certa moeda que vale dinheiro e meio da nossa, e dizem tantos mil *Réis*.

«Entre estes soldados matriculados ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras. e estas precedencias lhe vem umas de raça e prosapia, outras, de seus serviços e virtudes, e outras ainda do favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais, outros menos. Paga-se-lhes em Lisboa toda a passagem junta até á India. e não por mezes; e elles não tem necessidade de se aperceber de provimento para seu uso particular, porque el-rei lhes fornece tudo o de que hão mister de viveres, refrescos e munições de guerra. Aquelles titulos e qualidades adquirem-os em Portugal, e todavia o vice-rei não deixa de conferir alguns aos que os merecem ou aos que elle quer favorecer na India.

«Estes soldados alistados, ainda que não tenham titulos nem dignidades, não deixam por isso de se tratar entre si por homens bem nascidos, e se dizer todos nobres, quer sejam ou não de vil condição; e os verdadeiros nobres lhe não levam a mal, tanto mais que a differença de sua condição só é sabida entre elles e não dos indios, nem diminue em ponto algum a nobreza dos outros, de que todos os annos vem as listas de Lisboa ao vice-rei; antes estes titulos que elles se dão entre si, não é senão para

persuadir aos indios que elles são todos homens de bom e illustre nascimento, e que não ha entres elles raça alguma vil nem mecanica. E por isso não querem que algum portuguez, ou seja soldado ou outro qualquer, faça cousa abjecta ou deshonesta, nem vá mendigar para viver, mas antes o sustentam o melhor que podem. De sorte que o maior trata com respeito o mais pequeno; e prezam este nome de *Portuguez* e *Portugal*, usando do nome de *homem branco*, e desprezam todos esses pobres indios a quem trazem debaixo dos pés. E não ficavam esses indios pouco espantados quando nós lhes diziamos que elles eram filhos de mariolas, sapateiros, aguadeiros, e outros homens de vis mesteres.

«Quando um soldado tem recebido a sua paga e quartel para se embarcar, se depois d'isto se esconde para não ir na armada, e o podem apanhar, é punido corporalmente e mettido em prisão. Nos navios fazem-se duas cosinhas, a saber, a do capitão e soldados, e a dos officiaes do mar e marinheiros. Em cada navio ha tres ou quatro pagens portuguezes, pagos e sustentados como soldados, que só tem por obrigação servir o capitão, tenente e soldados, e os ecclesiasticos que vão a bordo, ou sejam jesuitas, ou de outra religião, porque não ha navio onde não vão ecclesiasticos. A maior parte tem escravos e creados particulares. Ha soldados de grande luzimento e qualidade, e todavia andam todos como os nossos soldados do regimento das guardas a pé com seu arcabuz, pique, partazana, pequenos escudos chinezes, arco e flexas. Usam pouco couraças, mas fazem grande estimação das gargalheiras de bufalo, e gibões acolchoados, que só são capazes de resistir aos golpes de espada, e ás flexas atiradas de longe. Servem-se tambem de capacetes e chapeus de ferro. Quando estão em terra trazem calças á maruja, que tem quasi dez varas de panno, e são mui amplas e largas em baixo, e chegam ao chão; com estas calças não usam meias, e é lhes impossivel correr. Mas quando andam embarcados

usam calças de outro feitio, que chamam á franceza, isto é, como ha trinta annos era moda em França, e são mui curtas e estreitas. Não trazem tambem meias nem sapatos porque dizem que os sapatos lhes impediriam firmar os pés sobre o navio, ou sobre o bordo e enxarcia. De noite tem tendas de folhas de palmeira feitas determinadamente para se cobrirem da chuva; e para se deitarem usam esteiras e chumaços, com tapetes da Persia ou de Cambaya, que são menores; e pela manhã dobram tudo, enfardelam e amarram. Nas embarcações ha tão pouco logar, que difficultosamente se podem os homens, quando estão deitados, estender ao comprido.

«Tendo fallado dos embarques, e do seu modo de viver no mar, direi agora alguma coisa da fôrma e maneira de seu proceder quando estão nas cidades, e principalmente em Goa; porque, quando se recolhem de suas viagens residem nas cidades que bem lhes apraz; e da mesma sorte vivem os que se não embarcaram. Uns dão ordens á sua vida de um modo, e outros de outro. A maior parte travam amisade com moças e mulheres não casadas a que chamam *solteiras*, que quer dizer mulheres de má vida, e vivem com ellas mui desabusadamente, como se fossem casados. Estas mulheres são tidas por mui honradas, quando um homem branco, entende-se da Europa, procura a sua amisade; porque ellas o sustentam e tratam o melhor que podem, e lhe lavam e arranjam toda a roupa. Da sua parte estes soldados que são seus *amigos*, como lá dizem, as mantem e defendem em tudo, e até são zelosos d'ellas, como se fossem suas proprias mulheres; e por ellas se bateriam e matariam mui facilmente em duello. Mas é grande desventura para um soldado ou outro homem portuguez, travar amisade com estas mulheres publicas, mestiças ou indias, porque se ellas sabem que elles frequentam outras mulheres ou moças, ou que tem vontade de se casar, ou de as deixar por qualquer modo que seja, infallivelmente ellas os envenenariam com uma certa droga, que os

deixaria durar seis mezes, mas que no fim d'este tempo, sem falta os matará; e por isso é mister que um homem use de grande finura e dissimulação para as deixar. Porém os filhos que d'aqui procedem não são tidos por bastardos, mas herdam de pae e mãe. Quinze dias antes de nós partirmos de Goa houve um contra-mestre de uma das tres náus, que partiram antes da nossa, que foi visitar a amiga de um soldado, o qual entrou em casa n'essa occasião e lhe deu uma cutilada de sorte que o deixou por morto, e se acolheu a uma egreja. Mas a mulher e a criada ficaram mui calladas e quando veiu a justiça não procedeu contra ellas, nem contra o soldado que se havia acoutado; o ferido porém foi levado ao hospital, e depois de ser são, vendo que a nau em que havia embarcado toda a sua fazenda era partida, viu-se obrigado a vir na nossa nau, na qual comprou gasalhado como passageiro sem emprego algum. Em summa estas mulheres são todas mui apaixonadas dos homens de cá. Quanto aos soldados que fazem vida com ellas, não deixam de se embarcar nas occasiões como os outros.

«Os outros que não fazem vida com as ditas mulheres juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos: porque um aposento que cá vale doze escudos por mez, não chega lá a valer um. Mobilam estes aposentos de leitos, mesas e outros utensilios, e tem um escravo on dois para todos. De ordinario moram em salas terreas por causa do grande calor. Por isso ha alli aposentos feitos de proposito, que não são divididos em camaras, e só servem para alugar aos soldados, ou outros forasteiros de poucas posses; com quanto haja casas maiores para alugar como cá. Estes soldados vivem pela maior parte mui mesquinhamente, ao menos aquelles que não teem alguma traça; porque alguns ha que teem mulheres casadas ou viuvas, que os manlem occultamente; outros alcançam as boas graças dos senhores e fidalgos, que os não deixam padecer necessidades;

e outros mercadejam. Os que de todo em todo se vêem desamparados chegam-se áquelles quatro grandes senhores, de que já fallei, que teem mesa farta posta sempre para todos.

«Aquelles porém que vivem em commnm nunca comem juntos, mas cada um tem a sua ração, e tem n'ella mais vinho, pão, carne e peixe do que duas pessoas poderiam comer. Os que não querem ir comer a casa mandam um moço buscar a sua comida e ração e a comem onde querem. Em todo o dia estão na sua sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra e á fresca em camisa e ceroulas; e alli cantam, e tocam guitarra ou outro instrumento. Este logar é juncado de folhas verdes, e lançam-lhe muita agua para se conservar fresco. São mui cortezes com quem passa pela rua, e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam entrar os que passam, sentar-se, galhofar, e praticar com elles. Nunca sahem todos juntos pela cidade, mas aos dois e aos tres quando muito, porque ás vezes, não teem mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou doze. E todavia quem os vir marchar pela cidade, dirá que são senhores de dez mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam um grande *sombreiro* ou guarda-sol. Ha logares aonde se vão alugar estes taes homens, e servem-se d'elles meio dia por um vintem, que vale seis brancos. Andam os soldados, de que fallamos, vestidos de seda o mais soberbamente que se póde imaginar; mas logo que chegam ás pousadas, promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem sahir a seu turno.

«Vagueiam de noite pela cidade, e por via d'elles corre-se muito risco de andar pela rua depois das oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são mais fortes. Teem um mau costume, e é, que nunca accomettem um homem só por só, mas pela maior parte das vezes cahem sobre um só homem quatro ou cinco, e o matam, seja de dia ou

de noite. De noite matam e roubam; e por dinheiro não teem duvida de ir matar um homem.

«Eis como os soldados passam sua vida na India, assim em terra como no mar, uns bem, outros mal, segundo sua boa ou má sorte. Mas a maior parte d'elles por fim casam-se ou mercadejam, porque uns não querem voltar a Portugal por terem muito de que viver na India; os outros não podem por falta de meios para a torna-viagem. Não lhes é muito custoso viver lá, porque não bebem senão agua de Banguenim, e um homem acha boa pousada por uma tanga ou cinco soldos por mez; de sorte que com seis brancos, ou tres soldos por dia, póde alli um homem passar bem, e comer com muita abastança.

«Abaixo de Goa não teem os portuguezes mais bella e maior cidade que Cochim. Compõe-se de mui formosas casas, egrejas e mosteiros; e os portuguezes e christãos são regidos pelas mesmas regras e governo que em Goa. Ha alli um bispo, muitas egrejas e conventos, um collegio de jesuitas, e um hospital real para os portuguezes, como em todas as outras suas cidades. O rio que alli passa é bonito, grande e de bom porto. Entrando n'elle á mão esquerda, que é da banda do norte, ha uma pequena ilha, onde está o bello e soberbo palacio do bispo; e chama-se a ilha de *Vaz pim*. A cidade é mui povoada, assim de portuguezes como de naturaes, ou sejam infieis, os quaes comtudo não logram alli o livre exercicio de seu paganismo na cidade, e tem de ir ás terras que dependem do rei de Cochim. Ha alli grande concurso e grande trato, e affluencia de todas as coisas necessarias á vida. [1]

---

[1] «O estado ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo, com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas riquezas; no

El-rei e todos os habitantes, naires, macuás, e outros senhores, gentios e moiros, dão-se mui bem com os portuguezes e vivem todos em boa paz.

«Detivemo-nos em Cochim entre o tempo de prisão e de liberdade quasi dois mezes, e n'essa occasião chegou uma

---

presente ou seja por culpas, ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle estado mais pequeno no principio do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi e é agora o estado da India, deve consideral-o nas quatro edades do homem, pueril, juvenil, varonil e de velhice.

Todas estas quatro edades acharemos com a mesma propriedade no estado da India, ao qual, se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira edade no feliz reinado d'el-rei D. Manuel, porque no segundo anno do seu governo nasceu para nós a India sendo descoberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a de Ethiopia, Arabia e Persia com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices, fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios; sómente brincar não soube, porque em todas as guerras que n'aquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar; seus jogos eram tirar reis, e pôr reis, depondo os inconfidentes e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas naus, porque a fortuna tinha trocado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua. Com estar n'aquelle tempo o estado na primeira puericia, não deu uma só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios, que matou; seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle estado só no nome e na edade foi menino. E descendo ao particular; em tempo de el-rei D. Manuel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz. Cochim. Calecut. Maldiva. Socotorá. Angediva. Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Caugranor, e

armada de cincoenta vélas portuguezas, governada por um fidalgo portuguez, a qual vinha das partes do Cabo Comorim e da Ponta de Galle na ilha de Ceylão a refrescar alli na fórma do costume, porque os portuguezes e o vice-rei de Goa todos os annos sem falta no principio do verão

---

Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os reis de Ormuz, de Tidore, de Ceylão, dos Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco.

Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India, que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que vencidos pelos portuguezes fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras, que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão, cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa, e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão, com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale, no Malavar, e a de Macau na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao Çamorim, a rei de Bintão, ao sultão Badur, rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao Hidalcão, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore e Bachão; fora outros muitos que, por menos conhecidos, deixo de nomeal-os. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor do nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então puderam toda a sua esperança

aprestam duas armadas de cem galés com tres ou quatro galeões, e enviam metade d'ellas para o norte até Diu e Cambaia e ainda mais ávante para guardar a costa e senhorear os mares, a fim de que ninguem navegue sem sua licença ou cartaz, e a outra metade enviam para o sul até

---

em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes como o Hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Ujantana, o de Adem, o de Caxem, de Dofar, da Sunda e o çamorim. Eguaes progressos se faziam na conversão das almas que nas armas; receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimlarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tanor e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda edade do estado da India, e por isso lhe podemos chamar adolescencia.

Chegou a edade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou ella desde o anno de 1560 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique e D. Philippe. Já n'este tempo o estado attendia mais a se conservar que a conquistar; comtudo fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes do Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente e defendeu-se o estado no sitio geral, que a todo o estado puzeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O Hidalcão desceu sobre Goa, o izamaluco sobre Chaul, o çamorim sobre Chale, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor da nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de não prevalecer contra um estadó, que no mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarcas. Não contente o estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que, tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa; nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o estado; o de Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino; tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo, e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, acceitando outros por vassalos d'esta corôa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassalagem

ao Cabo Comorim e Ceylão para o mesmo effeito, e principalmente para limpar o mar dos corsarios malabares, que lhes fazem guerra e a todos os mercadores, de sorte que ninguem, n'estas regiões da India, ousará navegar sem cartaz dos portuguezes, se se não sente com forças como fa-

---

a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser chrislão como é já de paes e avós. N'esta edade do estado da India acham os ant gos que foi a sua flôr dos annos; porque, opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o estado de todos os bens que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros como d'antes, porque já lhes tinhamos tomado os passos da sua navegação assim com fortalezas em terra, como principalmente com armadas no mar das Maldivas, de Meca e de Arab a. Pagavam os reis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do estado; os portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como home s exemplares do valor. Iam e vinham ricos frotas do Japão, carregadas de prata; da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Molucas o cravo; da Sunda a massa e nós; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubins; de Ceylão a canella; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem, o bejoim; das Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elefantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu pau; de Borneo a camphora, de Madurè o salitre; de Cambaya o anil, o laca r e roupas de contracto; as baet lhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos da Arabia, as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala, marfim, ébano e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das naus que por alli passavam. E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente que, ou por tributo ou commercio, não fosse do estado. Os seus viso-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo de paz, e propagação da fé de Christo; que a olhos vistos se ia dilatando.

«Chegou o anno de 1600, e n'elle a declinação do nosso estado.» (Padre Manuel Godinho.— *Viagem da India, por terra para Portugal*, cap. I.)

zem os arabios e os de Sumatra e outros que com elles andam de guerra e de inimizade.

«Cananor é uma cidade assáz bella, situada á beira, mas é tambem porto. Os portuguezes teem n'esta cidade uma pequena fortaleza onde ha egrejas e um collegio de jesuitas.

«O hospital de Goa é um hospital verdadeiramente real, excellente e magnifico.

.....

Leval PYRARD.

NO INFINITO

Do «Poema do Ideal»

. . . . . .

Para o sul, sempre a direito,
A fita do norte estira;
Eis o sol maravilhoso,
A divina estrella *Mira!* [1]

Essa, porém,
Nem sempre a vês
Brilhando além!

Mira, a Maravilhosa, e tambem *Mira Ceti*, a Maravilhosa da Baleia, estrella variavel, na constel ação austral da *Baleia*. É uma das estrellas mais celebres nos annaes da astronomia, e uma das mais curiosas e interessantes na observação do céu.

Durante uns cinco mezes, a estrella é invisivel á vista desarmada, pois desce quasi á decima grandeza; depois começa a vêr-se, e vae successiva e lentamente augmentando de brilho durante tres mezes, chegando a ser por espaço de quinze dias, de segunda grandeza. Em seguida, decresce por outros tres mezes, findos os

139

Ás vezes, jaz apagada;
Outras só desvanecida;
Por fim, retoma esplendores,
De si mesma renascida!

Luz caprichosa!
Inexplicavel!
Maravilhosa!

140

Brilha uns dias, uns instantes;
Vívida, os olhos attrae;
Em seguida, desfallece;
E na treva, emfim, recae.

Quem te reveste
A fórma extranha,
Proteu celeste?

141

Eis, a nordeste de *Mira*,
Menkab, outro sol austral;
Qualquer d'elles fica abaixo
Da cinta zodiacal.

---

quaes recahe na invisibilidade, para reapparecer d'ahi a cinco mezes, e assim successivamente.

A sciencia não sabe explicar tão extraordinario phenómeno. Ha mais outras estrellas variaveis; mas esta foi a primeira que os homens observaram.

Outra variavel, tambem muito interessante, e bem mais facil de observar do que a estrella *Mira*, é a estrella *Algol*, na constellação de *Perseu*.

F. C.

Longe colleia,
N'outro hemispherio,
Toda a *Baleia*.

142

De *Mira* ao lado, uma estrella
Perdida, a distancia infinda!
D'esta, ao lado, extincta quasi,
Vês outra, menor ainda!

Mais um thesouro!
Um duplo sol
D'azul e ouro!

143

Na mesma linha, bem perto,
Outro casal escondido;
Ao sul d'este, o mesmo quadro,
De novo reproduzido!

No mesmo olhar,
Abranges inda
Um novo par!

144

Não descances, pensamento!
A creação examina!
Balança, que a obra inteira
Pésa, da mente divina!

Mundo infinito!...
Mas sigo ávante,
E não hesito!

145

Transporto-me a vós, ó astros!
Outras sois, constellações!
Novos sóes vogando juntos
Em perdidas solidões!

Além! além!...
Já vos alcanço,
A vós, tambem!

146

Eis-me, de novo, a caminho!
Sóes diversos, já vos piso!
Ergo os olhos; longe... longe...
Duplos sóes inda diviso!

Mundo distante!
Já vos attinjo...
Ávante! ávante!

147

Não fujaes, confins eternos!
Eis minh'alma, a vós subida!
Mas que vejo?... longe... longe...
Novos sóes jorrando vida!

Alma contente!
Não te demores...
Em frente! em frente!

148

Chegaste: e que vês agora?
Onde quer que os olhos fites,
Outros sóes, ao longe... ao longe...
Nos abysmos sem limites!

Tudo te anima!
Ergue-te, ó alma!
Acima! acima!

149

Eis-me a vós, tambem, chegado!
Ólho tudo, em torno a mim.
Tudo em volta... longe... longe...
Á mostrar-me sóes sem fim!

Mas não descanço!
O espaço corto;
Avanço! avanço!

150

Chego aos pontos que fitara;
Firmo os pés em soes diversos;
Mundos novos, longe... longe...
Universos! universos!

Ó alma! vem!
Desdobra as azas!
Além! além!

151

Eis o tempo: Eternidade!
Eis o espaço: Immensidão!
Tudo em plena actividade!
Tudo em plena creação!

Não ha repouso!
Ha movimento
Vertiginoso!

152

Alma! conta, se é possivel,
Quanto tens andado já!...
Todo o espaço percorrido,
N'um ponto, apenas, está!...

Andaste! andaste!
Não te moveste!
Não te mudaste!

153

Outro tanto vôa ainda!
Novos mundos vê, sem conto!
Outro tanto... e outro tanto!...
E não saes do mesmo ponto!

Caminho andado:
O centro, apenas,
Do Illimitado!

154

Mede o espaço a largos vôos;
Sempre ávante, sem canceira!
Sempre! sempre! ó alma! ó alma!
Pela eternidade inteira!

Nos ceus profundos,
Rodando eternos,
Mundos e mundos!

155

Tens o centro, em toda a parte,
De espheras que não limitas;
Eternas circumferencias,
Em direcções infinitas!

Bemditas graças!
O' alma! és grande!
O infindo abraças!

156

Nada temas!... Liberdade!...
Largo espaço te medi!
Voavas na immensidade,
Se não coubesses aqui!

Exulta! ascende!
O mundo é vasto,
Ninguem te prende!

157

Vive em paz, meu coração!
Encara as cousas, tranquillo!
Contra as miserias terrenas,
Tens, além, seguro asylo.

Podes sorrir!
E' só voar,
E' só fugir!

158

Remota estancia dos orbes!
Caminho trilhado já!
A terra, perco-a de vista,
E os homens não chegam lá!

Ah! quem não ha de
Buscar-te longe,
Tranquillidade!

159

Porque ali, de tudo acima,
Nos ceus altos, verdadeiros,
Não ha luctas de formigas,
Nem questões de formigueiros.

Meu coração!
Ha paz eterna!
Ha quietação!

.....

FERNANDES COSTA.

NEMROD & COMPANHIA

III

Rodando suavemente pelo solo elastico das alamedas do bosque, o carrinho de palha puxado por dois poneys levava Esther e M.elle Faverger para o ponto de reunião dos caçadores. O ruido das detonações guiava a filha do banqueiro. De vez em quando, por cima das mattas, eram como que descargas de pelotões que chegavam aos ouvidos dos passeiantes. M.elle Nuno não apressava o passo dos cavallos; não tinha pressa de chegar. E aquelle passeio atravez da matta cheia de sombra, de frescura e de silencio, em companhia da governante, era o maior prazer que devia sentir em todo o dia. Ella sabia isso perfeitamente e deixava fluctuar as redeas sobre o dorso dos poneys, os quaes atormentados pelas moscas, açoutavam os flancos com a crina e moviam a cabeça, agitando a cauda da raposa que levavam pendurada na testeira. No logar trazeiro ia um lacaio impassivel, de braços cruzados.

O trem passara a encruzilhada da Mesa e seguia um caminho direito, verdejante, ladeado de arvores magnificas de onde saltavam, palrando, afim de irem empoleirar-se cem passos mais longe, algumas pegas de vôo tremulo. De vez em quando, no cruzamento das veredas, um cabrito

ou uma lebre, parando curiosamente, saltava para o meio do arvoredo, mostrando, n'um pulo cheio de susto, a côr prateada dos flancos. No fim da estrada, Esther, sempre guiada pelos tiros que se approximavam sensivelmente, chegou a uma ponte de pedra, abaulada, e cuja arcada unica transpunha o ribeiro que deslisava, claro e fresco, por debaixo dos ramos. Atravessada a ponte, a estrada virou, durante uns cem passos, no fim dos quaes appareceu, cortando-a, uma barreira escura. O lacaio apeou-se e diligenciou fazer girar a trave que impedia o caminho em toda a largura, mas essa trave estava mettida n'um encaixe de ferro e resistia aos esforços do creado.

— Deve haver alguma maneira especial de puxar ou de empurrar essa trave; nós, porém, não o sabemos, disse M.elle Nuno. Nunca vim até estes sitios.

— Mas, minha filha, insinuou M.elle Faverger, tem a certeza de que estas terras lhe pertencem, da barreira em deante?

— Não sei absolutamente nada...

— Se a menina dá licença, disse o lacaio, parece-me que estamos na estrada de Precigny pela Commenda... Era o que estava escripto n'uma chapa, quasi ao pé da encruzilhada que acabamos de atravessar... De mais, ahi vem um homem pelo atalho; ha de saber ensinar-nos...

Effectivamente, por um atalho que atravessava a matta vinha um homem carregado de redes que trazia penduradas ao hombro, pobremente vestido, com uma blusa de linho côr de castanha. Um grande chapéu de palha, avermelhado pela chuva e pelo sol, abrigava-lhe a fronte inclinada e impedia que se lhe distinguissem as feições.

Sem fazer caso dos passeiantes que se conservavam parados em frente da barreira, saltou ligeiramente um fosso e embrenhou-se na estrada que continuava fechada para o carro.

— Olá, amigo, gritou o lacaio, espere um instante, se faz favor...

Elle voltou-se, com um movimento de orgulho offendido, olhou silenciosamente para o que o interpellava e sorriu com ironia; depois deixando cahir as redes no chão approximou-se.

— Estamos muito embaraçados, disse Esther com a sua voz grave. O senhor deve conhecer este sitio; se tivesse a bondade de dizer-nos onde estamos e por onde devemos passar?

O homem tirou o chapéu, descobrindo um rosto queimado sobre o qual se erguia o cabello cortado rente; esse rosto, emmoldurado por barba loura, illuminado por olhos magnificos, não era, com certeza, o de um lapuz. Sorriu, deixando ver os dentes brancos entre os finos labios, e respondeu:

— Minha senhora, está nos limites das terras de seu pae e da Commenda... Para onde deseja ir?

— Queria ir ter com os caçadores cujos tiros estamos ouvindo, e que devem encaminhar-se para a Cruz de Pedra...

A fronte do pescador annuveou-se, escutou, por um momento, o ruido que a brisa trazia por cima das florestas, e, com voz aspera:

— Sim, agora estão nas vinte e quatro geiras e dirigem-se para Precigny...

Em seguida, mudando de tom, accrescentou, com extrema delicadeza:

— Minha senhora, tem que atravessar a Commenda. Evita, assim, ter de subir até á Mesa... Vou mostrar-lhe como a barreira se abre... Ha um segredo, para impedir os vendedores de matto de circularem á sua vontade e arrazarem as alamedás...

Carregou n'uma cavilha de ferro, e a trave, sahindo do cncaixe, girou lentamente sobre os gonzos.

— Quando quizer passar por aqui, accrescentou elle sorrindo, já sabe de que maneira isto se faz.

— Mas o proprietario não se zanga?

— O proprietario tem feito sempre o que está ao seu alcance para não desagradar a uma senhora.

— E' um bom visinho. Como se chama?

— E' o marquez de Pont-Croix.

— O antígo proprietario da Chevrolière?

— Sim, minha senhora.

Inclinou-se lentamente, tornou a deitar as redes ao hombro, e, sem accrescentar uma palavra, continuou o seu caminho. Esther fez passar o carro pela barreíra aberta, o lacaio tornou a pôr a trave no seu logar, subiu para a almofada, e os cavallos partiram. Passado um instante, M.elle Nuno interrompeu o silencio: voltando-se para o lacaio, perguntou-lhe:

— Sabe como é o marquez de Pont Croix?

— Não, menina, nunca o vi nem ouvi falar n'elle, a não ser na cosinha aos creados...

— Ouviu dizer que é um homem novo?

— E', sim, menina... e, ao que parece, um bello caçador e um cavalleiro de primeira ordem...

— Por que razão deseja saber isso, minha querida? perguntou M.elle Faverger.

— Desconfio, disse Esther, que este homem que encontrámos agora é o marquez.

— Tão mal vestido, e carregado de redes?...

— Sim, minha boa Faverger... Pois não me ensinou a mademoiselle que o habito não faz o monge?...

— De certo, mas aquelle era excessivamente miseravel...

— Vinha da pesca... Não viu, um dia d'estes, em que estado ficou M. de Termont quando quiz mostrar-nos como se deita a rede?... Tinha os hombros cobertos de lodo... Em todo o caso, este pescador não é um aldeão, tem muito bom aspecto...

— Não olhei para elle...

— Quando ouviu os tiros dos nossos caçadores, a physionomia contrahiu-se-lhe e foi com amargura que disse:

«Estão nas vinte e quatro geiras.» Sentia-se-lhe na voz as saudades do proprietario substituido... Dizem que é pobre...

— O krack arruinou-o.

Esther abafou um suspiro. Esse krack, que arruinara tanta gente, augmentara a riqueza de seu pae. Lembrava-se da alegria d'este quando a catastrophe final derrotara os especuladores da alta. Depois de tantas inquietações, exultava. Pont-Croix era um dos que se tinham visto obrigados a despojar-se de toda a sua fortuna afim de pagarem as dividas. E era justamente na herdade patrimonial do marquez que Nuno ostentava o orgulho da sua riqueza. O coração delicado de Estber teve a percepção bem clara da animosidade surda que Pont-Croix alimentava contra Nuno. Pensou que, a não ser um anjo de resignação e de bondade, devia ter horror áquelle que se refestelava no seu logar. Envergonhou-se de ser tão rica, estando o antigo dono da Chevrolière tão falto de tudo. Embalada pelo trote cadenciado dos poneys, meditava, e o rosto energico e altivo de Clemente apresentava-se-lhe á vista, porque lhe agradava suppor que era elle o homem que acabava de encontrar. Aquella delicadeza, aquelle agrado que faziam esquecer ao marquez quem ella era para não ver senão uma mulher a quem devia mostrar-se sollicito e amavel, seriam vulgares em qualquer outro, mas, n'elle, não tinham um valor especial? Sentia-se enternecida com isso e um pouco alegre. Para aquella rapariga de sentimentos delicados, vivendo n'um meio onde triumphavam os appetites materiaes, a descoberta de uma alma que ella suppunha altiva e soffredora, era um motivo de satisfação. E, instinctivamente, sympathisava com esse desconhecido.

A entrada do carro na claridade da planicie arrancou-a á sua meditação. Sahia dos bosques frescos e cheios de sombra, e desembocava no meio de campos innundados de sol. N'um grande quadrado de trevo, a trezentos passos da estrada, as caçadores avançavam, formados em linha,

no centro da qual iam Nuno, Faucigny e M.me del Peral; um pouco atraz os porta-rêdes entre os caçadores, e aos lados, os guardas, caminhando de maneira que passavam adeante da caça, mantendo-a em frente das espingardas. A cada instante partiam, isoladas ou em bandos, as perdizes, já fatigadas por muitos vôos, e rolinhos de fumo azulado erguiam-se no ar, acompanhando a detonação secca da polvora. Os quatro batedores pretos apanhavam methodicamente as peças que cahiam, e a linha continuava a avançar lentamente, disparando todos as espingardas, n'uma excitação de matança. Na estrada, o carro da caça levava, suspensos dos ganchos de ferro, as lebres vermelhas, as perdizes cinzentas, os faisões de peito dourado e gravata branca.

Esther, arrebatada pelo espectaculo que esta bella estrategia cynegetica apresentava, seguia com o olhar as peripecias da caçada. Ao lado direitc, um caçador vestído de branco matava uma peça a cada tiro. Deante d'elle, a todo o instante partia uma ave espavorida, soltando um grito estridente; percorria uns quinze metros, e fulminada pelo chumbo, cahia como uma bola em cima do trevo rosado. O guarda, que ia á esquerda do atirador, passava-lhe immediatamente a outra espingarda e pegava na descarregada. Depois, outra ave, ás vezes um bando d'ellas. erguia-se nos ares: então eram dois tiros e duas victimas. E, tranquillo, sem commoção apparente, sem falar, com regularidade mecanica, proseguia a sua marcha. Como Esther batesse as palmas, n'um impeto de enthusiasmo, o lacaio disse:

— É o sr. conde de Brucken... Nunca erra o tiro.

— E M.me del Peral? perguntou M.elle Faverger.

— Está ali, no meio, disse Esther, ao lado de meu pae... Olhe, lá ergueu ella a espingarda, disparou: errou o tiro. Agora dispara M. de Faucigny... acertou...

— M. de Faucigny apoiou o tiro, murmurou o lacaio. Depois, mais alto: Se a menina quizesse apear-se, a Cruz,

onde é o ponto de reunião, fica apenas a cem metros d'aqui... Talvez fosse mais prudente, por causa dos cavallos que pódem d'aqui a pouco assustar-se com os tiros...

— Então, minha boa Faverger, deixemos o carrinho aqui, e vamos andando.

As duas senhoras seguiram, junto ao bosque, á altura dos caçadores, um caminho ornado de tomilho e de alfazema que exhalavam um aroma suave. Deante d'ellas, na intersecção da estrada que atravessava a planicie, agitava-se um grupo de homens em torno de um carro coberto, tirando de dentro cadeiras, cestos, uma mesa. Eram os creados que preparavam o *lunch*. Uma grande lebre, á qual Selim fizera pontaria, não acertando, veiu lançar-se quasi entre as pernas do cavallo, traçando um sulco nas ervas, tal era a rapidez da sua corrida, deu uma volta, e, espantada pela exclamação que os creados soltaram, dirigiu-se a toda a brida para o caminho por onde vinham Esther e M.elle Faverger. Foi direita a ellas, com as orelhas ensanguentadas, o focinho rente á terra, tão depressa que parecia rebolar. A tres passos das duas senhoras, viu a sombrinha que Esther balouçava para desvial-a; parou bruscamente, arqueou o lombo e sentou-se, como se já não soubesse por onde fugir. Os olhos, espantados, pareciam querer saltar-lhe das orbitas. Depois, de um salto desesperado, entrou no bosque, onde o ruido da sua fuga por debaixo dos ramos se desvaneceu immediatamente. Os caçadores, tendo acabado de fazer a batida, rompiam a ordem de marcha, reuniam-se á beira do campo de trevo, conversavam um instante, e dando as espingardas aos guardas que os acompanhavam, dirigiam-se vagarosamente a passos miudos, para os lados do *lunch*. O guarda-chefe, com o kepi agaloado na mão, caminhava ao lado de Nuno, ouvindo as instrucções que este lhe dava com respeito ao fim do dia.

Abanava, porém, a cabeça, como se não concordasse com a maneira de pensar do amo. Quando as duas senhoras

chegaram ao alcance da voz, ouviram Selim dizer, com um gesto de indifferença:

— Afinal, faça o que quizer, ou antes, peça a M. de Brucken que lhe indique um plano... De nós todos é elle quem sabe melhor como se deve manobrar.

O guarda inclinou-se, com um sorriso descontente, e approximou-se do intimo da casa. Nuno foi ao encontro de sua filha.

— Então, sempre te resolveste a vir! És uma joia!...

E beijou-a ternamente. Esther enxugou-lhe a testa com o lenço perfumado:

— Como está quente!... Tiveram bom resultado, ao menos? A caçada foi boa?

— Magnifica!

— Voltou-se para o guarda que o seguia, levando duas espingardas de Purdey, e disse:

— Quantas peças tinhamos ultimamente?

O guarda metteu uma das espingardas debaixo do braço, e, tirando uma carteira do bolso, examinou-a com rapidez:

— Senhor conde, quando parámos na Charbonnière tinhamos duzentas e dezesete perdizes, vinte e uma codornizes, trinta faisões, vinte e duas lebres e quatro diversos...

— O que quer isso dizer, quatro diversos? perguntou Esther.

— São os animaes que se matam sem ser em caça... Termont, por exemplo, faz pontaria a tudo. Os diversos devem ser d'elle. Quaes são?

— Senhor conde, é um tordo, dois pombos bravos e um gaio... O total eram duzentas e oitenta e qualro peças... O giro que se deu agora deve ter rendido muito. Só M. de Brucken matou trinta perdizes, pelo menos...

— E eu, disse uma voz clara, não me citam pelas minhas façanhas?

M.me del Peral adeantava-se, acompanhada por Burat e pelo principe de Faucigny.

— Vossa excellencia foi admiravel! disse o advogado. Ainda não acertou em nenhum dos convidados!

— Porque, é esse o meu costume? replicou ella rindo. Eu sou muito prudente...

— Prefiro crêl-o a experimental-o. De mais, hoje, se presenteasse alguem com chumbo, o seu dever restricto era escolher o dono da casa. Mesmo porque seria, de todos nós, aquelle em quem acertaria mais facilmente.

Esta phrase com segundo sentido fez sorrir Faucigny, mas contrariou extremamente Nuno e Esther. A encantadora Manuela mordeu os beiços e respondeu, em tom ligeiro:

— O senhor, então, onde é perigoso é no tribunal. Possue uma dialectica com percussão central e uma eloquencia de dois tiros, mortal para os seus adversarios... e até para os seus clientes.

— Diacho! disse Burat. Fiz mal em gracejar com vossa excellencia... Desculpe, condessa...

— Bem sabe, meu caro Burat, replicou ella, que não se tem verdadeiras pretenções senão no que se faz mediocremente... Os homens de letras querem por força ser pintores e os pintores gabam-se de fazerem livros.

— No meu paiz, accrescentou Nuno, a gente do povo costuma dizer: «Não tentes ordenhar o teu cavallo.«

— O nosso bom Lafontaine, tornou Burat, diz a mesma cousa de modo mais poetico:

Ne forçous point notre talent,
Nous ne ferions rien avec grace.

E, comtudo, a condessa desmente esta moralidade, porque é graciosa mesmo quando força o talento.

— Bom, essa conclusão compensa até certo ponto as durezas do começo.

Chegavam á encruzilhada onde o *lunch* estava servido, debaixo de enormes pinheiros. As provisões ostentavam-se

em grandes cestos de vime, e o vinho de Champagne refrescava em baldes de gelo. Sobre a grande mesa, sustentada por bancos ligeiros e coberta com uma toalha bordada com arabescos de côres, viam-se sandwiches, filetes de gelea, aves frias, as melhores fructas. O chá cantava na chaleira de prata e o chocolate fumegava sobre um esquentador. Os lacaios, em meia *toilette*, de calça comprida e casaca á ingleza, esperavam immoveis. Os caçadores tomaram os seus logares, e Esther, por delicadeza affectuosa, sentou-se na extremidade da mesa, ao lado de M.elle Faverger. Nuno, taciturno como sempre, via os convidados comerem, bebendo elle sobriamente uma chavena de leite. As rolhas saltavam, o vinho espumava nos copos, as conversações tornaram-se logo ruidosas. No meio do alarido geral, ouviu-se a voz áspera de Selim, dizendo:

— Então, meus senhores, estão contentes com a primeira parte do dia?

— Por mim, disse o joven barão Trésorier, calculo que caminhámos sobre duas mil perdizes. Só eu queimei mais de cento e vinte cartuchos... Se o meu guarda calculou o numero dos tiros disparados...

O inglez Strehley approximou se com ares fleugmaticos, tirou o kepi de galão dourado, e respondeu, com pronuncia muito inglezada:

— Contaram-se mil e tresentos tiros... Mas havia occasiões em que era impossivel contar certo... Pode-se calcular mais uns cem tiros...

— E quantas peças na lista? perguntou La Brède.

— Quatrocentas e doze peças, respondeu o guarda-chefe.

— Vamos lá, disse Burat, é um pouco mais da quarta parte dos tiros disparados. Já não é mau para uma abertura em que ha pichotes...

— Ora essa! Quem são elles? perguntou Trésorier.

— E' o meu amigo, respondeu gravemente o advogado, sou eu, é aquelle excellente Gastão...

— De certo, confirmou, rindo, o bello Francfort, que depennicava indolentemente um cacho d'uvas.

— E, emfim, o mais pichote de todos, a maravilha dos pichotes, o pichote maximo; o nosso querido e venerado hospedeiro.

— Não faltava mais nada, gritou du Tremblay, senão elle matar a sua caça! Para que lhe serviam os amigos?

— Elle tem caça para os outros, disse Burat, e uma bella caça, porque tudo o que possue é bello: um bello palacio, uma bella casa de campo, um bello camarote na Opera, uma bella fortuna e uma bella herdeira.

Cumprimenton Esther amigavelmente, com um signal de cabeça, e, erguendo o copo:

— Meus senhores, á saude d'este homem que possue cousas tão bellas!

As taças erguidas scintillaram.

— Já que se falou nos pichotes, disse Trésorier, fale-se tambem nos grandes atiradores.

— Ah! esses são cinco, disse Burat, com o nosso amigo Termont á frente. Quantas peças tens, Jayme?

Termont tirou o seu caderno da algibeira, e, examinando-o, respondeu:

— Cento e vinte e duas.

— E quantos cartuchos?

— Não sei... Perguntem ao meu guarda... Talvez cento e cincoenta... E disparei alguns tiros de prova...

— Elle não é como lord Welsey, disse La Brède, não enterra os cartuchos queimados para se não saber qual é a sua media...

Nuno, voltando-se para Brucken, disse-lhe, com ar preoccupado:

— Strehley falou-lhe a respeito do que nos espera na porção de matto que ainda temos de bater?

— Falou, respondeu Brucken. Parece que os aldeãos que possuem terras encravadas collocaram lettreiros prohibin-

do que as atravessem... Querem impedir-nos de marchar a direito. Pois bem! havemos de manobrar.

—E' que as terras são divididas em muitas partes...

—Porque é essa hostilidade dos proprietarios? perguntou Trésorier. Eu, no Oise, aluguei o que quizeram, e pelo preço que quizeram, afim de me deixarem em paz.

—Tambem eu tentei alugar, mas inutilmente. Aqui não ha só a rapacidade dos aldeãos, disse Nuno... O antigo dono da propriedade está por detraz d'essa gente e incita-a contra mim....

—Quem? Pont-Croix? exclamou Faucigny. E' impossivel! Pont-Croix é um homem de bem! Ao ouvirem este nome, Manuela e o conde Huberto trocaram um olhar rapido. O rosto da portugueza tingiu-se de um leve rubor, e Esther baixou os olhos instinctivámente.

—Está certo de que conhece bem o marquez de Pont-Croix? disse M. de Brucken ao principe. Ha duas opiniões a respeito d'elle: a das pessoas que o consideram unicamente o brilhante cavalleiro, o habil atirador, o perfeito homem da sociedade, e a dos que, penetrando-o mais intimamente, descobriram o seu orgulho, a sua presumpção, a desegualdade do seu caracter...

—Eh! o que ahi vae! exclamou Burat. Ahi está um homem bem tratado?

—Tem muitos amigos e fieis, disse Termont.

—Tu defendel-o, Jayme?... disse Brucken com uma risada ironica. Isso é confraternidade de tiro!

—Pois elle venceu-me mais de uma vez. Podia querer-lhe mal por isso.

—Tambem tem detractores calorosos, accrescentou Gastão Francfort.

—Todos os homens de valor os teem, disse Trésorier.

—Para exemplo, disse o principe, vejam o que se passa n'um circulo, durante as eleições para o renovamento da commissão. Todos os membros que se occupam em qualquer cousa, que prestam serviços ou possuem grande no-

toriedade, teem menos votos do que os collegas cuja insignificancia e obscuridade não offuscam ninguem. Isto é bem symptomatico!

—Mesmo que Pont-Croix estivesse um pouco azedo, disse La Brède, não era nada extraordinario.

—Foi muito mal tratado pela sorte.

—Pois sim, porque jogou na bolsa como um doido.

—Para que é preciso jogar na bolsa quando se possuem duzentos mil francos de rendimento?

—Perguntem ao nosso patrão.

—Ah! esse, está n'outro caso, é a sua profissão. Póde dizer, parodiando Luiz XIV: A bolsa, sou eu!»

—Então Pont-Croix excita os aldeãos contra Selim?

—Isso seria de um gosto deploravel!

—E' inadmissivel!

—Emfim, sejam ou não excitados por elle, o que é verdade, disse Brucken, é que hoje, uma collecção de visinhos de má catadura espera, debaixo das macieiras, que lhe levantemos a caça. Se o meu amigo quizer, Termont e eu seguiremos os limites, caminhamos ao longo das terras interdictas, e atiramos a tudo o que passar.

—E' preciso que esses patifes vejam de que tempera nós somos. Depois, não tornam mais, com certeza... Vêem que não merece a pena.

—Está dito, respondeu Nuno. Faça como entender.

Esther, dirigindo-se então a Faucigny, que defendera Clemente com tanto enthusiasmo, perguntou-lhe:

—E physicamente, que genero de homem é M. de Pont-Croix?

—Ha algum tempo que o não vejo, minha senhora. Dizem que usa a barba toda, o que deve mudal-o um pouco. E' um homem de estatura mediana, muito elegante. Tem cabello castanho, olhos azues e bigode louro.

—Não tem o cabello um quasi nada grisalho nas fontes?

—Tem, sim, minha senhora. A desgraça empoou-o levemente.

— Muito obrigada, disse Esther.

Trocou um olhar com M.elle Faverger, parecendo que dizia: Era elle. Acha-o capaz de excitar a gente da terra contra meu pae, aquelle homem de olhar franco, de sorriso benevolo? Não! O que abriu a barreira da Commenda á filha de Selim Nuno, com amabilidade hospitaleira, não é alliado de individuos que procedem tão mal para com um visinho. M. de Brucken tem algumas razões para não gostar d'elle e não é justo nas suas accusações.

Sentia-se attrahida, instinctivamente, para aquelle desherdado; achava-o interessante e desejava conhecer as particularidades da sua existencia. Os amigos de seu pae, quer o accusassem quer o defendessem, descreviam-o como um ente excepcional. Parecia um soberano desthronado, de quem se contam as victorias e as derrotas, cujo reinado é querido ou detestado; em todo o caso, um rei, nem banal nem vulgar, e dando que falar ainda, no meio da sua obscuridade. Tornou a vêr Clemente, carregado de redes, com a sua blusa escura e o seu chapéu de palha. E, por uma extranha associação de idéas, lembrou-se d'aquella pagina da *Lenda dos Seculos*, em que o Campeador, de cabeça descoberta, no pateo do castello de Bivar, pensa o cavallo de seu pae, com aquellas mãos que fizeram tremer os mouros. Essa pobreza e essa doçura, essa grandeza e essa modestia eram, realmente, as que convinham á verdadeira superioridade. E o seu heroe agradou-lhe tanto como o do poeta. «Tornal-o-hei a ver? pensou. Tudo nos separa. Elle deve fugir sempre de meu pae e desviar-se de mim. A delicadeza que mostrou, ha boccado, não era dirigida a M.elle Nuno, era á mulher. Elle assim m'o deu a entender, com ironica finura. Portanto, ha muitas probabilidades de não tornar a encontral-o no meu caminho, e não me compete a mim ir atravessar o d'elle, não obstante a amabilidade com que me convidou a fazel-o. De todos os homens que me rodeiam, nenhum poderia agradar-me tanto e é justamente o unico que não posso receber.

A voz de M.elle Faverger arrancou-a a esta meditação.

— Está muito longe d'aqui, minha querida, disse a governante com bonhomia. Em que pensa?

— Penso n'uma barreira, respondeu Esther, que foi aberta por um pescador carregado de redes.

Os caçadores tinham-se levantado da mesa. Manuela foi afagar graciosamente a filha de Selim. Queixava-se de fadiga. Aquelles divertimentos masculinos eram excessivamente rudes, e sentia desejos de abandonar a caça.

— Não continue, se está fatigada, condessa, disse Nuno... Esther leva-a no carrinho. Podem costear o bosque e ir sempre a direito, pela estrada de Precigny.

A physionomia de Esther annuveou-se, e foi em tom glacial que respondeu:

— M.elle Faverger não occupa muito espaço, nem eu tambem... Podemos encaixar-nos todas tres no carrinho.

Manuela não esperava, de certo, para acceitar, senão uma palavra de Esther, porque, sem fazer caso do constrangimento visivel com que a proposta era feita:

— E's muito amavel, disse ella. N'esse caso voltamos juntas. Adeus, meus senhores.

Sorriu a Nuno, e, deixando Esther despedir-se dos convidados de seu pae, dirigiu-se para o carro. Os caçadores iam andando já na planicie, entrando n'um campo de tuberosas. Um grande faisão soltou um grito estridente e ergueu-se nos ares, com grande bater de azas. Um fumo azulado arredondou-se no extremo da espingarda de Termont e a ave, como que voltada pelo chumbo, cahiu, n'um revolutear de pennas douradas. O ruido fez saltar dois coelhos para a entrada do bosque, pulando n'uma correria caprichosa. Termont, com o segundo tiro, fez cahir o mais distante; em seguida, tirando a espingarda das mãos do guarda, fez rebolar o outro sobre o corpo do companheiro. A caça, espantada, começava a fugir adeante dos caçadores, cujas descargas resoavam alegremente. Os cães de Nuno avançaram, sob o chicote do conductor, e volta-

ram gravemente carregados com os dois coelhos e o faisão. As tres mulheres, sentadas no carrinho de palha, acompanhavam a caçada que continuava, apaixonada e ruidosa, á luz do sol declinando no horisonte. O trem rodava lentamente sobre a relva da estrada.

— Olha! exclamou de repente Manuela, começam as hostilidades.

(Continúa).

Georges Ohnet.

PENSAMENTOS A'CERCA DAS MULHERES

O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos da intelligencia, nem aos grandes trabalhos materiaes. Paga a sua divida á vida não pela acção, mas pelo soffrimento, pelas dôres do parto, pelos cuidados inquietos da infancia; deve obedecer ao homem, ser uma companheira paciente que o tranquillize. Não é feita nem para os grandes esforços, nem para as penas ou prazeres excessivos; a sua vida póde decorrer mais silenciosa, mais insignificante e mais quieta que a do homem, sem que ella seja, por natureza, nem melhor nem peor.

O que torna as mulheres particularmente aptas para cuidarem e para dirigirem a nossa primeira infancia, é o ellas mesmas ficarem pueris, futeis e limitadas; ficam toda a sua vida creanças grandes, uma especie de intermediarias entre a creança e o homem. Observe-se uma rapariga nova brincando um dia inteiro com uma creança, dansando e cantando com ella, e imagine-se o que um homem, com a melhor vontade d'este mundo, poderia fazer no seu logar.

Nas raparigas, a natureza parece ter querido fazer o que em estylo dramatico se chama um effeito de theatro; ador-

na-as por alguns annos de uma belleza, de uma graça, de uma perfeição extraordinarias, á custa de todo o resto da sua vida, aîm de que durante esses rapidos annos de esplendor ellas possam apoderar-se forlemente da imaginação de um homem e leval-o a encarregar-se lealmente d'ellas de um modo qualquer. Para o bom exito d'esta empresa a pura reflexão e a razão não davam garantia sufficiente. Por isso a natureza armou a mulher, como todas as outras creaturas, com as armas e os instrumentos necessarios para assegurar a sua existencia e sómente durante o tempo indispensavel, porque a natureza actua n'este ponto com a sua economia habitual: do mesmo modo que a formiga fêmea, depois da sua união com o macho, perde as azas que se lhe tornariam inuteis e mesmo perigosas para o periodo de incubação, assim tambem a maior parte das vezes, depois de duas ou tres concepções, a mulher perde a sua belleza, sem duvida pela mesma razão. D'ahi provêm que as raparigas consideram geralmente as occnpacões do lar ou os deveres do seu estado como cousas accessorias e puras bagatellas, ao passo que reconhecem a sua verdadadeira vocação no amor, nas conquistas e em tudo o que d'elle depende, o vestuario, a dansa, etc.

Quanto mais nobre e completa é uma cousa, mais lenta e tardiamente se desenvolve. A razão e a intelligencia do homem não attingem todo o seu desenvolvimento senão proximo dos vinte e oito annos; na mulher, pelo contrario, a madureza do espirito chega-lhe aos dezoito annos. Assim esta não tem senão uma razão de dezoito annos estrictamente medida. É por isso que as mulheres ficam toda a sua vida verdadeiras creanças. Não vêem senão o que está debaixo dos seus olhos, agarram-se ao presente, tomando a apparencia pela realidade e preferindo as bagatellas ás cousas mais importantes.

O que distingue o homem do animal é a razão; confinado no presente, reporta-se ao passado e pensa no futuro: d'ahi a sua prudencia, os seus cuidados, as suas frequentes apprehensões. A razão debil da mulher não participa nem d'estas vantagens, nem d'estes inconvenientes; ella é affectada por uma myopia intellectual que lhe permitte, por uma especie de intuição, vêr de um modo penetrante as cousas proximas; mas o seu horisonte é limitado, o que é remoto subtrae-se-lhe. D'ahi provêm que tudo o que não é immediato, o passado e o futuro, actuam mais debilmente na mulher do que em nós: d'ahi tambem essa inclinação muito mais frequente para a prodigalidade, a qual muitas vezes chega a ser demencia.

No fundo d'alma as mulheres imaginam que os homens foram feitos para ganhar dinheiro e as mulheres para gastal-o; se o não podem fazer durante a vida do marido, indemnisam-se depois da morte d'elle. E o que contribue para confirmal-as n'essa convicção é o marido dar-lhes dinheiro e incumbil-as de governar a casa.

Comtudo, tantos lados defeituosos são compensados por uma vantagem: a mulher mais absorvida no momento presente, por pouco supportavel que elle seja, gosa-o mais do que nós; d'ahi essa boa disposição que lhe é propria e que a torna capaz de distrahir e ás vezes de consolar o homem opprimido por cuidados e pesares.

•

Nas circumstancias difficeis não se deve deixar de appelar, como outr'ora faziam os Germanos para os conselhos das mulheres; porque ellas teem um modo de conceber as cousas inteiramente differente do nósso. Vão direitas ao fim pelo caminho mais curto, porque os seus olhares fixam-se, em geral, n'aquillo que teem á mão. Emquanto a nós, pelo contrario, o nosso olhar ultrapassa sem se deter n'ellas as cousas que nos ferem os olhos, e procura mais além; precisamos ser chamados a um modo de vêr mais simples e mais rapido. Accrescente-se a isto que as mu-

lheres teem decididamente um espirito mais assente, e não vêem nas cousas senão o que n'ellas ha realmente ; ao passo que, sob a impressão das nossas paixões excitadas, augmentamos os objectos, e imaginamos chimeras.

As mesmas aptidões nativas explicam a piedade, a humanidade, a sympathia que as mulheres testemunham pelos infelizes, emquanto que são inferiores aos homens em tudo o que respeita á equidade, á rectidão e á escrupulosa probidade. Em consequencia da fraqueza da sua razão, tudo o que é presente, visivel e immediato, exerce n'ellas um imperio contra o qual não poderiam prevalecer nem as abstracções, nem as maximas estabelecidas, nem as resoluções energicas, nem nenhuma consideração do passado ou do futuro, do que é afastado ou ausente. Ellas teem as qualidades primarias e principaes da virtude, mas faltam-lhes as secundarias e as accessorias... Por isso a injustiça é o defeito capital das naturezas femininas.

Isto provêm do pouco bom senso e da pouca reflexão que assignalámos, e o que aggrava ainda este defeito é que a natureza, recusando-lhes força, deu-lhes para proteger a sua fraqueza, uma compensação de astucia; d'ahi a sua velhacaria instinctiva e a sua insensivel inclinação para a mentira. O leão tem os seus dentes e as suas garras; o elephante, o javali teem as suas defezas, o touro tem cornos, os chocos teem a sua tinta, que lhes serve para turvarem a agua que lhes fica em derredor; a natureza não deu á mulher para se defender e se proteger senão a dissimulação; esta faculdade suppre a força que o homem encontra no vigor dos seus membros e na sua razão.

A dissimulação é innata na mulher, tanto na mais esperta como na mais tôla. É-lhe tão natural usar d'ella em toda a occasião como a um animal atacado o defender-se com as suas armas naturaes; e procedendo assim, ella tem até um certo ponto consciencia dos seus direitos; o que faz com que seja quasi impossivel encontrar uma mulher absolutamente veridica e sincera . E é justamente por isso que

ella penetra tão facilmente a dissimulação d'outrem, não sendo prudente empregal-a contra ella.

D'este defeito fundamental e das suas consequencias nascem a falsidade, a infidelidade, a traição, a ingratidão, etc. As mulheres tambem são perjuras perante a justiça, muito mais frequentemente que os homens, e seria uma questão a tratar, saber se devem ser admittidas a prestar juramento. — Acontece de tempos a tempos que mulheres, a quem nada falta, são surprehendidas nas lojas de modas em flagrante delicto de roubo.

Os homens novos, bellos, robustos, são destinados pela natureza a propagar a especie humana, afim de que esta não degenere. Tal é a firme vontade que a natureza exprime pelas paixões das mulheres. É, seguramente, de todas as leis a mais antiga e a mais poderosa! Ai, portanto, dos interesses e dos direitos que se lhe opponham. No momento proprio, serão, succeda o que succeder, impiedosamente esmagados. Porque a moral secreta, não confessada e mesmo inconsciente, mas innata das mulheres, é esta: «Nós fundamo-nos no direito para enganar aquelles que imaginam poder, pelo facto de proverem economicamente á nossa subsistencia, confiscar em seu proveito os direitos da especie. É a nós que foram confiadas, é sobre nós que repousam a constituição e a salvação da especie, a creação da geração futura; pertence-nos trabalhar para esse fim com toda a consciencia.» Mas as mulheres não se interessam de nenhuma fórma por este principio superior, *in abstracto,* comprehendem-o unicamente *in concreto,* e quando se apresenta occasião para fazel-o não teem outro modo de o exprimir senão o seu modo de proceder; e a este respeito a sua consciencia deixa-as muito mais em repouso do que o que se póde crêr, porque no fundo mais obscuro do seu coração, sentem vagamente que atraiçoando os seus deveres para com o individuo, preenchem-o tanto melhor para com a especie que tem direitos infinitamente superiores.

Como as mulheres são unicamente creadas para a propagação da especie e como toda a vocação d'ellas se concentra n'este ponto, vivem mais para a especie que para os individuos, e tomam mais a peito os interesses da especie do que os interesses dos individuos. É isto que dá a todo o seu ser e á sua conducta uma certa ligeireza e modos de vêr oppostos aos do homem; tal é a origem d'essa desunião, tão frequente no casamento, que se tornou quasi normal.

Os homens entre si são naturalmente indifferentes; as mulheres são, por natureza, inimigas. Isto deve provir de que o *odium figulinum*, a rivalidade que nos homens se restringe a cada corporação de officio, abrange nas mulheres a especie toda, porque todas ellas não teem mais que um mesmo officio, a mesma occupação. Na rua basta encontrarem-se para deitarem umas ás outras olhares de Guelfos e de Gibelinos.

Salta aos olhos que n'uma primeira entrevista duas mulheres teem mais constrangimento, mais dissimulação e reserva do que teriam dois homens em caso analogo. Pela mesma razão os cumprimentos entre mulheres parecem mais ridiculos do que entre homens. Note-se além d'isso que o homem fala em geral com algumas deferencias e uma certa humanidade aos seus subordinados, mesmo os mais infimos; mas é insupportavel vêr com que altivez uma mulher d'alta sociedade se dirige a uma mulher de classe inferior, quando esta não está ao seu serviço. Isto póde provir de que entre mulheres, as differenças de gerarchia são infinitamente mais precarias do que nos homens e de que estas differenças pódem ser modificadas ou supprimidas facilmente; a gerarchia que um homem occupa depende de mil considerações; para as mulheres só uma decide de tudo: o homem a quem agradaram. A sua fun-

cção unica põe-as n'um pé de egualdade muito mais accentuado, e por isso procuram crear entre si differenças hierarchicas.

É preciso que a intelligencia do homem tenha sido muito obscurecida pelo amor por elle chamado bello a esse sexo de pequena estatura, de hombros estreitos, de largos quadris e de pernas curtas; toda a sua belleza reside effectivamente no instincto do amor. Em vez de o chamar bello, teria sido mais justo chamal-o *inesthetico*.

As mulheres não teem nem o sentimento, nem a intelligencia da musica, como não teem o da poesia ou o das artes plasticas; tudo isto n'ellas não é mais do que uma pura imitação, um puro pretexto, uma pura affectação explorada pelo seu desejo de agradar. São incapazes de tomar uma parte desinteressada seja no que fôr, e eis a razão. O homem esforça-se em todas as cousas por dominar directamente ou pela intelligencia, ou pela força; a mulher, pelo contrario, é sempre e em toda a parte reduzida a uma dominação absolutamente indirecta, isto é, não tem poder senão pelo homem, e é sobre elle só que ella exerce uma influencia immediata.

Por consequencia, a natureza leva as mulheres a procurar em todas as cousas um meio de conquistar o homem, e o interesse que ellas parecem tomar pelas cousas exteriores é sempre um fingimento, um artificio, isto é, puro enfeite e pura macaquice.

Rousseau bem o disse: «as mulheres em geral não gostam de nenhuma arte, não percebem nenhuma e não teem nenhum genio (Carta a d'Alembert, nota XX.)» Aquelles que se não deteem unicamente nas apparencias devem tel-o notado já. Basta observar, por exemplo, o que occupa e attrahe a sua attenção n'um concerto, na Opera ou na Comedia, vêr a sem-ceremonia com que, nos mais bellos trechos das maiores obras primas, ellas continuam a sua tagarellice. Se é verdade que os Gregos não admittiam as

mulheres no espectaculo, tinham bastante razão; nos seus theatros ao menos podia-se perceber alguma cousa. Hoje, seria bom accrescentar ao *mulier taceat in ecclesia*, um *taceat mulier in theatro*, ou então substituir um preceito ao outro, e suspender este ultimo em grandes lettras sobre o panno de bôcca.

Mas o que melhor se póde esperar da parte das mulheres, se se reflecte que no mundo inteiro, este sexo não poude produzir um unico espirito verdadeiramente grande, nem uma obra completa e original nas bellas-artes, nem no que quer que seja uma unica obra de um valor duradouro! Isto é frisante na pintura; são tão capazes como nós de adquirir o lado technico d'esta arte e cultivam-a assiduamente, sem poderem gloriar-se de uma unica obra prima, porque lhes falta justamente a objectividade de espirito que é sobretudo necessaria na pintura; não podem sahir de si mesmas.

Assim as mulheres ordinarias não são mesmo capazes de lhe sentir as bellezas, porque *natura non facit saltus*. Huarte, na sua obra celebre *Examen de ingenios para las sciencias*, que data de 300 annos, nega ás mulheres toda a capacidade superior. Excepções isoladas e parciaes não alteram nada ás cousas; as mulheres são, e ficarão, tomadas no seu conjunto, as ignorantes mais completas e mais incuraveis. Graças á nossa organisação social, absurda no supremo gráu, que lhes faz compartilhar o titulo e a situação do homem, por mais elevados que estes sejam, ellas excitam com encarniçamento as suas ambições menos nobres, e por uma consequencia natural d'este absurdo, a sua dominação, o tom que ellas impõem, corrompem a sociedade moderna.

Dever-se-hia tomar como regra esta sentença de Napoleão I: «As mulheres não teem classe.» Chamfort diz tambem com muito acêrto: «Ellas são feitas para commerciarem com as nossas fraquezas, com a nossa loucura, mas não com a nossa razão. Existem, entre ellas e os homens,

sympathias de epiderme, e muito poucas sympathias de espirito, d'alma e de caracter.» As mulheres são o *sexus sequior*, o sexo segundo a todos os respeitos, feito para se conservar á parte e no segundo plano. E certo, que se deve poupar a sua fraqueza, mas é ridiculo tributar-lhes homenagem, e isso mesmo nos degrada a seus olhos. A natureza, separando a especie humana em duas categorias, não fez quinhões eguaes...

Foi isto o que em todos os tempos pensaram os antigos e os povos do Oriente; faziam idéa muito mais clara do papel que convém ás mulheres, do que nós fazemos com a nossa galanteria á antiga moda franceza e a nossa estupida veneração, a qual é a expressão mais completa da tolice germano-christã. Isto não serviu senão para tornal-as tão arrogantes e tão impertinentes como são: muitas vezes me fazem pensar nos macacos sagrados de Benares, os quaes teem tanta consciencia da sua dignidade sacrosanta e da sua inviolabilidade, que julgam que tudo lhes é permittido.

A mulher no Occidente, aquillo a que se chama a *dama*, encontra-se n'uma posição inteiramente falsa, porque a mulher, o *sexus sequior* dos antigos, não é de nenhum modo feita para inspirar veneração e para receber homenagens, nem para levantar a cabeça mais alta que o homem, nem para ter direitos eguaes aos d'este. As consequencias d'esta *falsa posição* são evidentissimas.

Seria para desejar que na Europa se collocasse no seu logar natural este numero dois da especie humana e que se supprimisse a *dama*, objecto dos motejos de toda a Asia, e da qual Roma e a Grecia teriam motejado egualmente. Esta reforma seria sob o ponto de vista politico e social um verdadeiro beneficio. O principio da lei salica é tão evidente, tão indiscutivel, que parece inutil formulal-o. O que se chama, propriamente falando, a *dama* europêa é uma especie de ente que não deveria existir. Não deveria haver no mundo senão mulheres domesticas, applicadas

aos deveres do lar, e raparigas aspirando a sel-o, e que se formariam não para a arrogancia, mas para o trabalho e para a submissão. É precisamente por haver *damas* na Europa que as mulheres da classe inferior, isto é, a grande maioria, são infinitamente mais dignas de lastima que no Oriente [1].

As leis que regem o casamento na Europa suppõem a mulher egual ao homem, e teem assim um ponto de partida falso. No nosso hemispherio monogamo, casar-se é perder metade dos seus direitos e duplicar os seus deveres. Em todo o caso, como as leis concederam ás mulheres os mesmos direitos que aos homens, deveriam tambem terlhes conferido uma razão viril.

Quanto mais as leis conferem ás mulheres direitos e honras superiores ao seu merito, mais ellas limitam o numero das que teem realmente parte n'estes favores, e tiram ás outras os seus direitos naturaes na mesma proporção em que os deram excepcionaes a algumas privilegiadas.

A vantagem que a monogamia e as leis que d'ella resultam concedem á mulher, proclamando-a egual ao homem, cousa que ella não é sob nenhum ponto de vista, produz esta consequencia: que os homens sensatos e prudentes hesitam muitas vezes em deixar-se arrastar a tamanho sacrificio, a um pacto tão desegual. Entre os povos polygamos

---

[1] Schopenhamer cita n'este ponto a seguinte passagem de lord Byron (*Letters and journals by Th. Moore*, VOL. II p. 399), cuja traducção é esta: «Reflecti na situação das mulheres entre os Gregos antigos.—Bastante conveniente. Estado presente, um resto da barbarie feudal da Edade-Média—artificial e contra a naturesa. Deveriam occupar-se da sua casa; deveriam ser bem sustentadas e bem vestidas, mas não as deixar misturar com a sociedade. Deveriam tambem ser instruidas na religião, mas ignorarem a poesia e a politica, e não lêrem senão livros piedosos ou de cosinha. Musica, desenho, dansa, e tambem um boccado de jardinagem e de lavoura, de tempos a tempos. No Epiro vi-as trabalhar com bom exito na conservação das estradas. E porque não? pois então não são ceifeiras, leiteiras?

cada mulher encontra alguem que se incumbe d'ella; entre nós pelo contrario o numero das mulheres casadas é bastante restricto e ha um numero infinito de mulheres que ficam sem protecção, donzellonas vegetando tristemente nas classes elevadas da sociedade, pobres creaturas submettidas a trabalhos penosos e rudes, nas classes inferiores.

Ou então tornam-se miseraveis prostitutas, arrastando uma vida vergonhosa e levadas pela força das cousas a formarem uma especie de classe publica e reconhecida, cujo fim especial é preservar dos perigos da seducção as mulheres felizes que acharam maridos ou que os podem esperar.

Só na cidade de Londres ha 180:000 mulheres publicas: verdadeiras victimas da monogamia, cruelmente immoladas sobre o altar do casamento. Todas estas infelizes são a compensação inevitavel da dama europêa, com a sua arrogancia e as suas pretensões. D'este modo, a polygamia é um verdadeiro beneficio para as mulheres consideradas no seu conjuncto. Além d'isto, sob o ponto de vista racional, não se vê porque, quando uma mulher soffre de alguma doença chronica, ou quando não tem filhos, ou quando com o andar do tempo tenha envelhecido excessivamente, o marido d'ella não ha de tomar outra. O que fez o exito dos Mormons, foi exactamente a suppressão d'esta monstruosa monogamia.

Concedendo á mulher direitos acima da sua natureza, impuzeram-se-lhe egualmente deveres superiores á sua natureza; d'ahi deriva para ella uma fonte de desgraças. Estas exigencias de classe e de fortuna são com effeito de tão grande pêso, que o homem que se casa commette uma imprudencia se não faz um casamento brilhante; se este deseja encontrar uma mulher que lhe agrade perfeitamente, ha de procural-a fóra do casamento, e contentar-se-ha em assegurar a sorte d'ella e a dos filhos.

Se póde fazel-o de um modo justo, razoavel, sufficiente e a mulher céde, sem exigir rigorosamente os direitos exa-

gerados que só o casamento lhe concede, perde então a honra, porque o casamento é a base da sociedade civil, e prepara para si uma triste vida, porque é da natureza do homem preoccupar-se excessivamente com a opinião dos outros. Se, pelo contrario, a mulher resiste, corre o risco de casar com um marido qne lhe desagrade ou de se mirrar a um canto ficando solteirona; porque tem poucos annos para se decidir.

É sob este ponto de vista da monogamia que é bom lêr o profundo e sabio tratado de Thomasius: *De concubinatu*. Ahi se vê que entre todos os povos civilisados de todos os tempos, até á Reforma, o concubinato foi uma instituição admittida, até certo ponto legalmente reconhecida e de nenhum modo deshonrosa. Foi a reforma lutherana que o fez descer da sua categoria, por encontrar n'elle uma justificação do casamento dos padres, e a egreja catholica não poude deixar-se ficar para traz da reforma lutherana.

É inutil disputar sobre a polygamia, pois que de facto ella existe em toda a parte e não se trata senão de organisal-a. Onde se encontram verdadeiros monogamos? Todos nós, pelo menos durante um certo tempo, e a maior parte quasi sempre, vivemos na polygamia. Se todo o homem tem necessidade de muitas mulheres, é inteiramente justo que elle tenha a liberdade e mesmo que tenha a obrigação de se encarregar de umas poucas de mulheres; estas serão, por esse mesmo facto, reduzidas ao seu verdadeiro papel, que é o de um ente subordinado, e vêr-se-ha desapparecer d'este mundo a *dama*, esse *monstrum* da civilisação europêa e da tolice germano-christã, com as suas ridiculas pretensões ao respeito e á honra; acabavam as damas, mas tambem acabavam essas infelizes mulheres que enchem agora a Europa!

... É evidente que a mulher é por natureza destinada a obedecer. E a prova está em que aquella que se vê col-

locada n'este estado de independencia absoluta contrario á sua natureza liga-se immediatamente a qualquer homem por quem se deixa dirigir e dominar, porque tem necessidade de um amo. Se é nova, toma um amante; se é velha, um confessor.

O casamento é um laço que a natureza nos arma.

Entre os philosophos e os poetas, os que são casados tornam-se, por esse facto só, suspeitos de procurarem a sua propria vantagem, e não a vantagem da sciencia e da arte.

A honra das mulheres, assim como a honra dos homens, é um «espirito de corporação» [1] bem entendido. A primeira é muito mais importante que a segunda; porque na vida das mulheres as relações sexuaes são a grande questão. — A honra para uma menina consiste na confiança que inspira a sua innocencia, e para uma mulher na sua fidelidade a seu marido.

As mulheres esperam dos homens e exigem d'elles tudo

---

[1] As mulheres fazem causa commum; estão ligadas por um «espirito de corporação,» por uma especie de confederação tacita que, como as ligações secretas de um Estado, prova talvez a fraqueza do partido que se julga obrigado a empregar esse recurso,

Chamfort.

Schopenhauer não citou este pensamento de Chamfort.

o que lhes é necessario, e tudo o que ellas desejam. O homem, no fundo, não exige da mulher senão uma cousa unica. As mulheres devem pois arranjar-se de modo tal que os homens não possam obter d'ellas essa cousa unica senão em troca do cuidado que elles se compromettem a tomar d'ellas e dos filhos futuros; é d'esse modo de se arranjarem que depende a felicidade de todas as mulheres.

Para obtel-a é indispensavel que se amparem umas ás outras e dêem provas de espirito de corporação. Por isso marcham todas como uma mulher só e em fileiras cerradas em frente do exercito dos homens, os quaes, graças ao predominio physico e intellectual, possuem todos os bens terrestres; eis o inimigo commum que se trata de vencer e de conquistar, afim de chegar por esta victoria a possuir os bens da terra.

A primeira maxima da honra feminina é portanto a de que é preciso recusar impiedosamente ao homem todo o commercio illegitimo, afim de o constranger ao casamento como a uma especie de capitulação; unico meio de prover toda a gente feminina. Para alcançar este resultado, a maxima precedente deve ser rigorosamente respei tada; por isso todas as mulheres velam pela execução d'ella com um verdadeiro espirito de corporação.

Uma rapariga que cahiu tornou-se culpada de traição para com todo o seu sexo, porque se essa acção se generalisasse, o interesse commum seria compromettido; expulsam-a da communidade, cobrem-a de vergonha; e assim ella vê que perdeu a sua honra. Toda a mulher deve fugir d'ella como d'uma empéstada.

A mesma sorte espera a mulher adultera porque faltou a um dos termos da capitulação consentida pelo marido. O seu exemplo seria de natureza a desviar os homens de assignarem similhante tratado, e d'ahi depende a salvação de todas as mulheres. Além d'essa honra particular ao seu sexo, a mulher adultera perde tambem a honra civil, porque a sua acção é uma burla, uma falta grosseira á fé jura-

da. Póde dizer-se com alguma indulgencia «uma rapariga enganada,» não se diz «uma mulher enganada.» O seductor póde perfeitamente pelo casamento restituir a honra á primeira; não póde restituil-a á segunda, mesmo depois do divorcio.

Observando claramente as cousas, reconhece-se logo que um *espirito de corporação* util, indispensavel, mas bem calculado e fundado sobre o interesse, é o principio da honra das mulheres; não se póde negar a sua importancia extrema no destino da mulher, mas não se deveria attribuir-lhe um valor absoluto, além da vida e dos fins da vida, e merecendo que se lhe sacrifique a propria existencia...

O que provaria de um modo geral que a honra das mulheres não tem uma origem verdadeiramente conforme com a natureza, é o numero das victimas sangrentas que lhe são offerecidas, infanticidios, suicidios das mães. Se uma rapariga que toma um amante commette uma verdadeira traição para com o seu sexo, não esqueçamos que o pacto feminino tinha sido acceito tacitamente sem compromisso formal da sua parte. E como na maior parte dos casos ella é a primeira victima, a sua loucura é infinitamente maior que a sua depravação.

Schopenhauer.

A SEGUNDA VIDA DE MIGUEL TEISSIER

VI

(Continuação)

Miguel reflectiu alguns segundos:

— Toda essa historia, disse elle esforçando-se novamente por affectar indifferença, não será simplesmente um romance que tu inventas?

Branca corrigiu:

— Dize antes, um romance que eu observo.

E justificou as suas suspeitas:

— Se a tivesses visto quando elle entrou! Meu Deus! eu bem sei que as raparigas empallidecem e córam por um nada. Mas Annie é muito reservada, habituada a calar muito comsigo. Coméço a conhecel-a bastante para medir as suas commoções pelo pouco que ella as manifesta. E asseguro-te que, d'esta vez, não occultava a sua perturbação.

Miguel vibrava ainda da sua conversa com Peyraud, do qual se poz inconscientemente a ligar as conclusões com as palavras de Branca. Levantou-se, passeou um momento de um lado para o outro, e acabou por parar em frente de sua mulher, exclamando, com uma especie de violencia irritada:

— Mas isso é impossivel!... Tu não couheces M. de Saint-Brun; é impeccavel e intratavel. É ao mesmo tempo um imbecil e um caracter: uma combinação mais frequen-

te do que se imagina. Accrescenta que é d'Annecy, que andámos ali em competencia um com o outro, ha alguns annos, que o venci nas eleições, que me succedeu depois na Camara, onde desempenha o papel de uma barreira intransigente... Completamente erriçado de orgulho nobiliario, lardeado de preconceitos... Nunca seria capaz de consentir n'um casamento, que fosse aos seus olhos uma alliança inconveniente, e peor do que isso. .

Branca escutava pensativa.

— Concórdo, disse ella n'um tom deliberado, que ha muitos obstaculos e que haverá muitas difficuldades. Mas, porque não hão de essas difficuldades aplanar-se, por fim?... O orgulho nobiliario não é já do nosso tempo, e o amor, creio eu, tem força para o vencer.

— O orgulho nobiliario não seria o obstaculo unico, disse Miguel hesitando, nem talvez o mais grave: ha... o resto, emfim, o nosso passado, a nossa situação... M. de Saint-Brun não é homem para nos comprehender...

— O nosso passado! murmurou Branca... Que cousa ha que não acabe por ser esquecida?... Dez annos são um longo pedaço de vida... Emquanto á nossa situação...

Perturbava-se, teve que fazer um esforço para continuar.

— A nossa situação, como já t'o disse, não é agora inteiramente o que era... no anno passado, por exemplo... Podemos tirar-lhe os seus ultimos vestigios de irregularidade...

Deteve-se, para continuar, mais depressa, quasi supplicante:

— Sei que não estás decidido, que tens hesitações, escrupulos... Mas o que se passa não é capaz de remover as tuas ultimas duvidas?...

Como Miguel não respondesse, continuou:

— Então, se essas duas creanças se amam tanto quanto me parece, porque havia de ser que esse pae terrivel não acabaria por ceder? Elle tem um filho apenas; deve adoral-o, deve ter por elle uma fraqueza, ha de ter medo de

o fazer cahir n'um desespero... E, no fim de tudo, por muito tenaz que elle seja, o passado... é o passado...

Miguel murmurou em voz surda:

— Isso é verdade. Mas ha o futuro...

Branca levantou para elle um olhar assustado:

— O futuro?... repetiu ella.

Então, Teissier interrompeu a sua marcha agitada, sentou-se deante d'ella, e disse-lhe lentamente, n'uma voz socegada, medindo as palavras:

— Sim, o futuro... Tu mesma o disseste, a nossa situação não é já hoje a que foi hontem; creio que está ainda mais profundamente mudada do que tu imaginas... Tu não vês senão uma cousa; que temos a liberdade, se o desejarmos, de nos pormos em regra com a Egreja, e por consequencia, com o mundo; e imaginas que, uma vez cumprido esse acto, entraremos definitivamente na ordem que nos foi preciso quebrar para fazermos a nossa vida... E' a segunda vez que levantas esta questão; discutamol-a, peço-te, e tomemos um partido. Não ha duvida nenhuma, que estou prompto a levar-te á egreja, se assim o desejares... Quero dizer, se o desejares por ti mesma, pela paz da tua consciencia, e não por causa dos outros, nem para satisfazer os seus usos... Mas é preciso que o saibas; isso seria da minha parte um acto de abominavel hypocrisia a que me resignarei se o exigires...

Fitou Branca, a qual respondeu debilmente:

— Eu não exijo nada... Mas não comprehendo... Gostava de comprehender...

— Pois bem, respondeu elle, vou procurar explicar-me.

E continuou animando-se a pouco e pouco:

— Bem vês, eu não sou já o mesmo homem, não tenho nenhum traço commum com aquillo que eu fui... Sinto agitar-se em mim mesmo uma outra alma, que eu não conhecia, e que eu não suspeitava, que n'estes ultimos dias se me tem revelado, tal como ella é, quasi bruscamente... Sou um novo Miguel Teissier, o qual, sahido do seu trilho,

caminhou muito tempo sem perceber quanto andava, e que vê repentinamente abrirem-se deante de si horisontes desconhecidos, que o attrahem... A vida chama-me e reconquista-me: uma vida nova, uma segunda vida... O que será ella? Ignoro-o; sei, porém, que se não reatará com aquella que eu rompi, que partirá d'outro ponto, que seguirá outros caminhos...

Branca, por sua vez, levantou-se; e de pé, deante de seu marido:

— E *ellas?* exclamou, então, apaixonadamente. Pois não sentes que deves pensar *n'ellas* antes de pensar em ti?... Falas de uma vida nova; não comprehendes que se a felicidade d'ellas estiver dependente d'isso, te está interdicto pensares em similhante cousa?... Não estaremos já de accordo?... Dar-se-ha caso que te haja afastado de mim esse caminho que fizeste em silencio?... É certo que eu soffria por te vêr inactivo, errante, sem um fim... Mas um fim, temol-o agora desde que *ellas* estão ao pé de nós, desde que *ellas* dependem de nós e nos não teem senão a nós... De nós depende a sua felicidade... O nosso dever é esquecermos os nossos interesses por *sua* causa...

Miguel teve um gesto de impaciencia:

— Vocês, mulheres, disse elle, não pensam nunca senão nas cousas menores...

Depois, fazendo um esforço, e dominando-se:

— Então, Branca, peço-te, procuremos comprehender-nos!... Digo-te que, n'este momento mesmo, entrevejo a possibilidade de recomeçar a minha vida, a minha vida d'homem, de estabelecel-a em um novo equilibrio, e de fazer d'ella uma bella vida: porque eu sou ainda novo, sou robusto, tenho sêde de acção e de movimento, estou cançado do fardo da minha ociosidade... E respondes-me que é impossivel por causa de um idyllio de creanças!... Então, ama-se, por ventura, na edade de Annie?... Não, não, o amor, para ella, não é mais do que uma pagina de romance côr de rosa, que se voltará por si mesma sem dei-

xar recordações... E queres que, para lhe permittir o vagar de soletral-a á vontade, eu renuncie a tudo o que posso ser ainda!...

— Tudo o que pódes ser, disse Branca. Explica-te, rogo-te eu! Falas-me em termos vagos n'um futuro mysterioso... Dize-me o que é elle, o que queres que seja!... Porque eu não adevinho... Não, não adevinho que ambição te póde impellir a dizeres o que acabas de dizer, a pensar o que pensaste!...

Miguel guardou silencio.

— Tencionas occultar-m'o? replicou Branca, com firmeza.

— Desde o nosso regresso, respondeu elle hesitando, não temos visto ninguem, ou quasi ninguem... Não sabemos nada do que nos espera, estamos no incerto... É preciso que tudo se esclareça... Perguntas-me o que quero? Pois bem, ainda t'o não posso dizer. Mas quero trabalhar, quero ser, quero viver...

— E, para isso, se fôr preciso, esmagar-nos-hás o coração...

Miguel respondeu muito brandamente:

— Não farei soffrer ninguem por minha causa...

Mas accrescentou immediatamente:

— Agora, o que não farei, é sacrificar grandes interesses a sonhos de creança.

— E serás tu só a equilibrar a balança... Está bem... Vae! segue o teu novo caminho... Comtudo, disseste-me que, se eu o exigisse, me conduzirias á egreja... É uma promessa?...

Miguel desviou a questão:

— Pensa um pouco, e nada exigirás, pois has de vêr que tenho razão.

Depois, mudando de tom:

— A proposito, sabes se essa visita voltará?

— Pediu licença para voltar.

— E deste-lh'a?

— Dei.

— Está bem. Recebo-o, quando vier.

VII

Quando Amé de Saint Brun voltou á rua de Assas, foi introduzido directamente nos aposentos de Miguel, no gabinete de estudo, severo e frio, onde já se não trabalhava. Pelo acolhimento que recebeu, o rapaz comprehendeu immediatamente qualquer alteração nas relações, aliás bastante singulares, que elle conseguira travar com os Teissier.

— Estava com empenho em falar-lhe, meu caro senhor, disse-lhe Miguel, offerecendo-lhe uma cadeira.

Depois, sentando-se elle tambem, accrescentou, n'um tom de bonhomia brusca:

— Adevinha, de certo, para que?...

Amé, assustado, e adevinhando immediatamente do que se tratava, esboçou um gesto negativo, balbuciando:

— Eu, senhor Teissier, não...

Miguel observou-o durante alguns segundos, e, sem lhe prolongar o embaraço, continuou com aprumo, indo direito á questão:

— Dê-me licença que eu me explique sem periphrases, tanto mais simplesmente, quanto mais delicado é o que tenho a dizer-lhe. Ha dias, na minha ausencia, o senhor foi recebido aqui por minha mulher e por minhas filhas. Eu mesmo o tinha convidado; veiu, e portanto está tudo muito bem É um facto, que eu teria tido muito prazer em recebel-o tantas vezes quantas me desse o gosto de vir cá, se não fosse uma suspeita que concebi desde o nosso ultimo encontro, e a qual me vejo obrigado a communicar-lhe.

Interrompeu-se um instante; depois, sem hesitação, mas tremendo-lhe a voz um pouco:

— É verdade que o senhor ama uma de minhas filhas?

Amé estava tão longe de esperar uma pergunta tão directa, que nunca imaginou preparar uma resposta para ella. Todavia, comprehendeu immediatamente que toda a tergiversação da sua parte teria um caracter offensivo, e como o unico perigo em que pensara, — aquelle que mais o assustava, — fôra o de o afastarem d'Annie, respondeu resolutamente:

— Sim, senhor Teissier, é verdade.

Esta rapida franqueza foi agradavel a Miguel:

— Ah! ah! respondeu elle, não me enganava... Mas o senhor não ignora, que estamos n'uma situação de familia... um pouco particular. Custa-me a crêr, que seu pae, de quem conheço os sentimentos e as doutrinas, approvasse a sua inclinação. Já lhe perguntou o que pensava d'ella?

Amé respondeu com a mesma franqueza:

— Não, senhor, ainda não.

E como Miguel parecia esperar, explicou:

— Talvez eu não tenha procedido bem; mas ha duas razões que me impediram de lhe falar: primeiro, a minha pouca edade: tenho vinte e dois annos, não conclui ainda os meus estudos; depois, confesso-o francamente, a situação a que o sr. Teissier acaba de alludir. Effectivamente, receiei que meu pae visse n'isso um obstaculo aos meus projectos, e não tencionava abrir-me com elle senão quando a minha edade e a minha posição me tivessem dado uma certa independencia. Mas tenho a certeza...

Miguel interrompeu-o:

— Oh! não tenha a certeza de nada! exclamou elle com amargura.

E, n'um tom mais socegado:

— Não vou censural-o por se ter introduzido em minha casa de um modo irregular, pois que foi a minha propria imprudencia que o incitou a isso. Além de que, o senhor é novo, conhece sem duvida pouca cousa da vida, provavelmente nunca teve que soffrer com os preconceitos do

mundo, ignora até que ponto elles são injustos, inflexiveis e crueis. Todas estas razões o desculpam, mesmo no caso de ter conseguido fazer compartilhar o seu sentimento: caso que eu espero se não tenha dado...

Deteve-se esperando uma resposta que não chegou.

Amé olhava direito deante de si, em silencio, não querendo nem mentir, nem falar da carta que tinha trocado com Annie, depois do seu ultimo encontro. Miguel comprehendeu o que significava esse silencio, e foi n'um tom menos seguro, que continuou:

—Não lhe peço confidencias. Mas, como quer que seja, agora que está esclarecido, agora que sabe que ha entre o senhor e minha filha um grave obstaculo, e um obstaculo que não parte de mim, comprehende que a minha casa lhe não póde ficar aberta, senão vindo aqui com auctorisação de seu pae.

Amé levantou-se:

—Pois bem, senhor Teissier, terei com meu pae a explicação que deseja, e estou convencido que ella terminará melhor do que parece suppol-o. É verdade que meu pae tem opiniões muito absolutas; porém é bom, é justo, tenho plena confiança n'elle.

Ditas estas palavras sahiu, acompanhado até á porta por Miguel, e tão perturbado, qne se esqueceu de cumprimentar Lourença, cruzando com ella no vestibulo.

N'essa mesma noute, tinha com seu pae a explicação cujo exito candidamente suppuzera que havia de ser feliz: foi para elle a revelação dolorosa do obstaculo que se atravessava deante do seu sonho, e tambem a de todo um mundo ignorado, a d'essa triste pagina da vida onde as gerações dos homens inscreveram as sentenças mais duras da sua sabedoria social. De seu pae não conhecia senão a ternura e a bondade: porque o conde de Saint-Brun, recordando por esse traço o illustre saboyano cuja familia era ligada com a sua, José de Maistre, era tanto mais affectuoso, mais benevolo, mais terno para os seus, quanto

mais aspero e mais inflexivel se mostrava no desempenho do seu papel nos negocios publicos. Amé adorava-o, approvava-o em tudo, espantava-se d'elle poder ter inimigos. Creança, depois adolescente, conduzido sem dar por isso por uma mão cuja firmeza lhe não fazia mal, e além d'isso, de instincto docil, havia acceitado os principios, as opiniões, os sentimentos que lhe inculcavam, espalhando-os, por assim dizer, na sua atmosphera. Mas acceitara-os na sua justiça d'elles abstracta e pura, libertos dos caracteres imperiosos, bruscos ou crueis que ás vezes a applicação lhes impõe. E eis que, de repente, os via apparecer no seu rigor mais duro, ameaçando-o a elle proprio com as suas consequencias inesperadas. Era, segundo a ameaça do Decálogo, a falta do pae recahindo sobre os filhos; era a reprovação em que um culpado incorrera, alargando os seus circulos e englobando a innocencia; eram as exigencias de uma moral mais cuidadosa, na sua austeridade, do interesse commum que da justiça, que detinham os transportes do seu juvenil amor.

A scena passou-se no pequeno aposento, especie de *pied-à-terre*, que M. de Saint-Brun, quando estava em Paris, partilhava com seu filho. Amé fôra ter com elle ao quarto, que lhe servia de gabinete de trabalho, onde o encontrou remexendo papeis e de penna na mão:

— Incommodo-o, meu pae? Desejava falar-lhe.

— O trabalho espera, respondeu affectuosamente M. de Saint-Brun.

E escutou a narrativa do pequeno romance, que Amé lhe fez n'um tom de confissão, pondo n'ella toda a sua ternura, e toda a sua emoção. As suas sobrancelhas carregavam-se-lhe, o rosto tornava-se-lhe frio e duro, os dedos tamborilavam com impaciencia no braço da poltrona. Quando Amé se calou, elle então pronunciou n'aquelle tom imperativo, que ás vezes irritava os seus proprios amigos, mas que seu filho não conhecia:

— Nunca!... Não consentirei nunca em tal casamento.

Amé levantou os olhos para elle, n'uma expressão de supplica timida; o conde, porém, continuou logo com vivacidade:

—Queres saber porque?... Parece-me, comtudo, que conheces bem a historia de Teissier para me comprehenderes... Para mim ha um limite absoluto, insuperavel entre os homens honrados e os *outros*, aquelles que commeteram certas faltas, aquelles que sacrificaram a certos erros. A distancia que separa estas duas classes de sêres é tão grande como a que separa raças differentes, e não é possivel approximal-a. Jámais acolherei na minha familia a filha de um pae maculado qor um crime tanto mais imperdoavel, que nenhuma lei humana o castiga, por um d'esses crimes tolerados, que a covardia universal desculpa, quando não os honra.

Isto era tão claro, tão peremptorio, tão definitivo, que Amé sentiu immediatamente, que todos os seus raciocinios e todas as suas preces se quebrariam contra a decisão tomada. Comtudo, tentou advogar a sua causa. Allegou o retiro em que Annie tinha vivido, junto de sua mãe innocente e desgraçada, sem mesmo conhecer, talvez, o infortunio que pesava sobre ella:

—Sua mãe morreu! respondeu M. de Saint-Brun; ella, agora, não póde ignorar nada. Passou por um ar nocivo, por um ar que estraga...

Amé interrompeu:

—Que póde ella fazer contra isso?...

O pae confessou:

—Nada, é fóra de duvida ..

E, continuando:

—Ella não fez mal algum: porém, soffre do mal que se fez em torno d'ella... Somos solidarios com os que estão proximos de nós: é por isso que devemos pesar todos as nossas acções. Não sabemos nunca quem terá de expiar as nossas faltas.

Amé reprimiu a revolta que principiava a rugir dentro

d'ella e renunciou a continuar uma discussão que sentia ser inutil. Mas falou do seu amor, cuja força sentia agora quando o via ameaçado, e do qual dependiam, ousou elle dizer, a felicidade e a nobreza de todo o seu futuro. De novo, foi repellido duramente:

—O amor domina-se. Não é mais do que um instante, o sonho de uma hora de mocidade. Ha, acima d'elle, toda a vida, com as suas luctas, os seus deveres, as suas esperanças, os seus esforços. Quantos outros, antes de ti, teem tido o coração despedaçado, a vida perdida por um desgosto egual ao teu! Soffreram com isso um mez, ou um anno, depois a ferida curou-se-lhes: amaram, viveram. Vem sempre o esquecimento. E fica-se mais forte depois de cada um se ter vencido a si mesmo!

Amé estremecia ouvindo estas palavras seccas, ao mesmo tempo que sentia a sua incapacidade para lhes responder: como explicar a seu pae, que o seu amor não era como os outros amores, que nada lh'o arrancaria do coração, que era de essencia eterna? E ao seu desespero misturava-se uma decepção cruel: a de ter encontrado a dureza onde contava achar a ternura. Por isso, quando se levantou, e M. de Saint-Brun lhe extendeu a mão, um movimento mais forte que a sua vontade lh'a fez repellir:

—Não, disse elle, fez-me muito mal!

E depois de dizer isto, voltou para o seu quarto, que apenas um delgado tabique separava do de seu pae, de quem se sentia agora tão afastado. Recusava-se a desesperar: como todas as almas fracas, abaladas por um obstaculo invencivel ou imprevisto, appelou para o tempo; e, depois de uma noite de perplexidades e de lagrimas, escreveu a Teissier a seguinte carta:

Sr. Teissier.

«Tive hontem á noite com meu pae a explicação que haviamos combinado. Sou obrigado a confessar-lhe que a

opposição d'elle, fundada em razões que v. havia previsto, é mais peremptoria do que eu imaginava. Não pude vencel-o n'um dia, mas estou longe de desesperar: confio-me ao tempo; quando meu pae tiver visto quanto eu amo, ha de ceder, tenho a firme esperança d'isso, e eu reapparecerei na sua casa, quando todos os obstaculos estiverem removidos, pelo menos no qne me diz respeito. Por emquanto, bem o sinto, só me resta pedir-lhe perdão do que, na apparencia, houve de incorrecto e de ligeiro na minha conducta para com Melle Annie. Mas, em verdade, não me sinto culpado de nenhuma outra falta senão de um amor excessivamamente grande, que nenhuma difficuldade fará desanimar. E é na persuasão de que elle acabará por vencer, que me subscrevo com o testemunho dos meus sentimentos mais respeitosos,

«AMÉ DE SAINT-BRUN.»

—Não te enganavas, disse Miguel a Branca, dando-lhe communicação d'esta carta. Havia entre elles um começo de amor. É pena que isto não possa proseguir, porque o rapaz é muito sympathico: franco, leal, candido. Agora, está tudo acabado.

A idéa de tentar vencer a opposição de M. de Saint-Brun nem lhe tinha accudido.

—Imaginas que está acabado? respondeu Branca, a quem espantava tamanha passividade. Annie, já t'o disse, é uma almasinha profunda da qual todos os sentimentos são sérios. Procuro pôr-me no logar d'ella, imaginar o que ali se vae passar. Tenho a certeza que ella ama, mesmo embora se não saiba amada, mesmo que não tenha havido entre ella e elle nenhuma explicação, nenhuma palavra. Ora, no outro dia, elle retirou-se dizendo-me que havia de voltar. Ella espera-o, de certo. O que ha de pensar vendo que elle não cumpre a sua promessa?... Não, não, para ella não

está tudo acabado, se nos quizermos importar com o seu coração.

—O que queres então que eu faça? perguntou Miguel. Que lhe conte a visita do rapaz? que lhe mostre a carta d'elle?

Branca aventurou, com os olhos fixos no vago:

—Não se podia fazer nada para demover M. de Saint-Brun?

Miguel teve um gesto de impaciencia:

—Queres que eu lhe vá provar que fomos nós que tivemos razão contra o mundo? Não me escutaria muito tempo.

Fez-se um d'esses silencios pelos quaes acabavam quasi sempre as suas conversas, quando lhes succedia terem acordado o passado, pois nenhum d'elles ousava ainda tocar nos pontos, que presentemente os separavam. Depois, Branca concluiu:

—Então, é preciso esperar. Talvez eu me tenha enganado. Talvez que o sentimento d'Annie seja menos serio do que eu julgo. Talvez que ella adevinhe simplesmente, e simplesmente se resigne. Mas se não fôr assim, se a virmos inquieta, soffrendo, esperando, então não podemos deixal-a na duvida.

E accrescentou, baixando a voz:

—Ah! que triste coisa, e como ella nos vae julgar!...

Esta espectativa, que elles acceitavam assim por não encontrarem expediente melhor, não tinha de prolongar-se muito. Logo no dia seguinte, estoirou o vendaval previsto, de modo tal que Branca se encontrou sósinha a supportal-o.

Miguel que, depois do encontro com Peyraud, não podia parar n'um mesmo logar e andava constantemente por fóra, não tinha vindo almoçar. O almoço tivera por conseguinte aquella tristeza sombria e desconfiada que tinha quasi sempre: Loureuça, a quem habitualmente a presença do pae continha, tomava, logo que elle não estava presente, uma

attitude de revolta onde havia, a um tempo, calculo e creancice. N'esse dia, encerrou-se em um silencio de que os seus olhares e os seus gestos sublinhavam a ameaça; depois, á sobremeza, exclamou de repente, com um estouvamento fingido:

—A proposito, Annie, já notaste que nunca mais tornámos a ver M. de Saint-Brun?

Annie empallideceu, ao passo que Branca se mostrou attenta.

—Que dizes a isso? continuou Lourença. Eu, pela minha parte, estou tanto mais admirada quanto sei que elle veiu cá no outro dia...

Voltou-se para Branca, e disse accentuando as palavras, como para prevenir um desmentido:

—Eu bem sei isto, porque o encontrei no vestibulo... Sahia elle do gabinete do papá, que ficara á porta despedindo-se... Porque não nos deixaram vêl-o? Era um amigo nosso, supprimiram-o...

A pallidez d'Annie tinha-se accentuado; os beiços tremiam-lhe; os dedos crispavam-se-lhe sobre a toalha.

Branca levantou-se e levou-a docemente pela mão.

—Venha comigo, minha querida menina, disse-lhe ella. Vejo que está muito incommodada. Venha fazer alguma coisa, para socegar.

Levou-a para o seu quarto, emquanto a irmã, immovel, as seguia com o seu indecifravel olhar; e fel-a extender sobre a sua *chaise-longue*. Livres ambas da vigilancia ciosa de Lourença, sentiam-se mais á vontade, approximadas por uma secreta sympathia d'almas similares, capazes das mesmas ternuras e das mesmas dores.

—Vou preparar-lhe um copo de ortelã-pimenta, disse Branca. E se quizer descançar, fica mais socegada aqui do que no seu quarto.

Annie extendeu-se docilmente. Branca passou-lhe uma almofada por debaixo da cabeça, e com uma caricia muito ligeira, correu-lhe as pontas dos dedos, pela testa branca,

onde as veias delicadamente se desenhavam, e que estava em braza.

—Porque me não dizia que estava com febre, e que tinha este calor na cabeça? perguntou ella n'um tom meigamente reprehensivo. Ha algum tempo já, que a vejo soffrer, e que desejo allivial-a. Não quero que esteja doente.

Passado um instante, trazendo-lhe o copo d'agua que acabava de preparar, accrescentou:

—Agora, ha de deixar-se tratar, sim?

A voz de Branca tomou uma accentuação tão triste, que Annie, impressionada, lhe extendeu a mão: uma mão pequena, ardendo tambem em febre, hesitante, de que Branca receiou ter mal comprehendido o gesto timido, e qne deixou recahir depois de a ter apenas apertado na sua.

—Vou melhor, obrigada, disse Annie, tentando sorrir.

Depois, como se aquella affeição, que ligeiramente a acariciava lhe tirasse as ultimas forças, vencida de repente na lucta contra si mesma, cobriu o rosto com ambas as mãos, e desatou a chorar.

(Continua).

Édouard ROD.

O senhor diabo

Conhecem o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida d'elle. E todavia sei de cór a sua legenda tragica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramatica da Historia da Alma.

A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi elle que inventou os enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia em certos momentos da historia, o Diabo é o representante immenso do direito humano. Quer a liberdade, a fecundidade, a força, a lei.

E' então uma especie de Pan sinistro, onde rugem as fundas rebeliões da Natureza. Combate o sacerdocio e a virgindade; aconselha ao Christo que viva e aos mysticos que entrem na humanidade.

E' incomprehensivel: tortura os santos, mas defende a igreja. No saculo XVI é o maior zelador da colheita dos dizimos.

E' envenenador e estrangulador. E' impostor, tyranno, vaidoso e traidor.

E todavia conspira contra os imperadores da Allemanha: consulta Aristoteles e Santo Agostinho e supplicia Judas que vendeu Christo, e Brutus que apunhalou Cesar.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza immensa e doce. Tem talvez a nostalgia do céu!

Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lucifer, *o que leva a luz*, revolta-se contra Jehovah, e commanda uma grande batalha entre as nuvens.

Depois tenta Eva, engana o propheta Daniel, apupa Job, tortura Sara e em Babylonia é jogador, palhaço, diffamador, libertino e carrasco.

Quando os deuses foram exilados, elle acampa com elles nas florestas humidas da Gallia e embarca expedições olympicas nos navios do imperador Constancio.

Cheio de medo deante dos olhos tristes de Jesus, vem torturar os monges do occidente.

Escarnecia S. Macario, cantava psalmos na igreja de Alexandria, offerecia ramos de cravos a Santa Pelagia, roubava as gallinhas do abbade de Cluny, espicaçava os olhos a S. Sulpicio e á noite vinha, cançado e empoeirado, bater á porta do convento dos dominiquinos em Florença e ia dormir na cella de Savonarola.

Estudava o hebreu, discutia com Luthero, lia attentamente a Biblia e vinha ao anoitecer para as encrusilhadas da Allemanha jogar com os frades mendicantes, sentado na relva, sobre a sella do seu cavallo.

Intentava processos contra a Virgem: e era o pontifice da missa negra, depois de ter inspirado os juizes de Socrates.

Nos seus velhos dias, elle que tinha discutido com Attila planos de batalha, deu-se ao peccado da gúla.

E Rabelais, quando o viu assim, fatigado, engelhado, calvo, gordo e somnolento, apupou-o. Então o demonographo Vier escreve contra elle pamphletos sanguinolentos e Voltaire criva-o d'epigrammas.

O Diabo sorri, olha em volta de si para os calvarios desertos, escreve as suas memorias e n'um dia nevoado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas — os astros — morre enfastiado e silencioso.

Então Beranger escreve-lhe o epitaphio.

O Diabo foi celebrado, na sua morte, pelos sabios e pelos poetas. Procul ensinou a sua substancia, Presul as suas aventuras da noute, S. Thomaz revelou o seu destino, Torquemada disse a sua maldade e Pedro de Lancre a sua inconstancia jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquencia. Jayme I da Inglaterra fez a corographia dos seus estados. Milton disse a sua belleza e Dante a sua tragedia. Os monges ergueram-lhe estatuas.O seu sepulchro é a natureza.

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido facil, e pae de gerações sinistras.

Foi querido, na antiguidade, da mãe de Cesar, e na meia-idade foi amado da bella Olympia. Casou no Brabante com a filha d'um mercador. Tinha entrevistas languidas com Fredegonda, que assassinou duas gerações.

Era o namorado de frescas serenatas das mulheres dos mercadores de Veneza.

Escrevia melancolicamente ás monjas dos conventos da Allemanha. *Feminae in illius amore delectantur*, diz tragicamente o abbade Cesar de Heleubach. No seculo XII tentava com olhares cheios de sol as mães melodramaticas dos Burgraves. Na Escocia havia grande miseria sobre os montes; o Diabo comprava por 15 *shillings* o amor das mulheres dos *highlanders* e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Filippe I, de Luiz VÍ, de Luiz VII, de Filippe o Bello, do rei João, de Luiz XI, de Henrique II, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras, onde eram cosidos vivos os moedeiros falsos.

Mas eu quero só contar a historia d'um amor infeliz do Diabo, nas terras do Norte.

Oh mulheres! vós todas que tendes dentro do peito o mal que nada cura, nem os simples, nem os balsamos, nem os orvalhos, nem as rezas, nem o pranto, nem o sol, nem a morte, vinde ouvir esta historia florida!

*
* *

Era na Allemanha, onde nasce a flór do absyntho. A casa era de pau, bordada, rendilhada, cinzelada como a sobrepelliz do senhor arcebispo d'Ulm. Maria, clara e loura, fiava na varanda, cheia de vasos, de trepadeiras, de ramagens, de pombas e de sol. No fundo da varanda havía um Christo de marfim. As plantas limpavam piedosamente com as suas mãos de folhas o sangue das chagas, as pombas com o calor do seu collo aqueciam os pés doloridos. No fundo da casa, o pae d'ella, o velho, bebia a cerveja de Heidelberg, os vinhos de Italia, e as cidras de Dinamarca. Era vaidoso, gordo, somnolento e mau.

E sempre a rapariga fiava. Preso á roca por um fio branco sempre o fuso saltava; preso ao seu coração por uma tristeza, sempre pulava um desejo.

E todo o dia fiava.

Ora debaixo da varanda passava um lindo moço delicado, melodioso e timido. Vinha encostar-se ao pilar fronteiro.

Ella, sentada junto ao crucifixo, cobria os pés de Jesus com os seus grandes cabellos louros.

As plantas, as folhagens, em cima, cobriam de frescura e de sombra a cabeça da imagem. Parecia que toda a alma de Christo alli estava — consolando, em cima, sob a fórma de planta, amando em baixo sob a fórma de mulher.

Elle, o branco moço, era o peregrino d'aquella Santa. O seu olhar procurava sempre o coração da dôce rapariga e o seu olhar d'ella, séria e branca, ia procurar a alma do caro bem amado.

Os olhos investigavam as almas. E vinham radiosos, como mensageiros de luz, contar o que tinham visto: era um encanto: —Se tu soubesses, dizia um olhar, a alma d'ella é immaculada.

— Se tu visses! dizia o outro, o coração d'elle é sereno, forte e vermelho. — E' consolador, aquelle peito onde ha estrellas! — E' purificador, aquelle seio onde ha bençãos!

E olhavam ambos, silenciosos, extaticos, perfeitos. E a cidade vivia, as arvores rosnavam sob o balcão dos eleitores, a trompa de caça soava nas torres, os cantos dos peregrinos nas estradas, os santos liam nos seus nichos, os diabos escarneciam na grimpa das igrejas, as amendoeiras tinham flor, e o Rheno cantigas de ceifeiras.

E elles olhavam-se, as folhagens aninhavam os sonhos, e Christo aninhava as almas.

Ora, uma tarde, as ogivas estavam radiosas como mitras de arcebispos, o ar estava meigo, o sol descido, os santos de pedra estavam corados, ou dos reflexos da luz ou dos desejos da vida. Maria na varanda fiava a sua estriga. Jusel encostado ao pilar fiava os seus desejos.

Então, no silencio, ao longe, ouviram gemer a guitarra de Inspruck, que os pastores de Hidelberg enroscam de hera e uma voz robusta cantar:

Os teus olhos, bem amada,
São duas noutes cerradas.
Mas os labios são de luz
Lá se cantam alvoradas.

Os teus seios, minha graça,
São duas portas de cêra,
Fôra a minha bocca um sol
Como elle as derretêra!

Os teus labios, flôr de carne,
São portas do paraiso:
E o banquinho de S. Pedro
É no teu dente de siso.

Queria ter uma camisa
D'um tecido bem fiado,
Feita de todos os ais
Que o teu peito já tem dado.

Quando nos fôrmos casar
Canta missa o rouxinol,
E o teu vestido de noiva
Será tecido de sol!

A benção nos deitará
Algum antigo carvalho!
E por enfeites de boda
Teremos gotas de orvalho!

E ao cimo da rua, appareceu um homem forte, d'uma bella pallidez de marmore. Tinha os olhos negros como os dois sóes legendarios do paiz do mal. Negros eram os cabellos, poderosos e resplandecentes. Tinha, presa ao peito do corpete, uma flôr vermelha de cactus.

Atraz vinha um pagem perfeito como uma das antigas estatuas que fizeram na Grecia a lenda da belleza. Andava convulsivamente como se ferisse os pés no lagedo. Tinha os olhos inertes e fixos dos Apollos de marmore. Dos seus vestidos sahia um cheiro de ambrosia. A testa era triste e serena como as dos que tem a saude immortal de uma patria perdida.

Trazia na mão uma amphora esculpida em Mileto, onde se sentia a suavidade dos nectares olympicos.

O homem da pallidez de marmore, veiu até junto da varanda, e entre as supplicas gemidas da guitarra disse sonoramente:

— A gentil moça, a linda Yseult da varanda, deixa que estes beiços de homem, vão como dois peregrinos córados de sol, em doce romaria de amor, das suas mãos ao seu collo!

E olhando para Jusel que desfolhava uma margarida, cantou lentamente, com grandes risadas frias e metallicas:

Quem depenna um rouxinol
E rasga uma triste flôr,
Mostra que dentro do peito
Só tem farrapos d'amor.

E ergueu para a varanda seus olhos terriveis e desoladores, como blasphemias de luz. Maria tinha levado a roca e só havia na varanda as aves, as flôres e Jesus!

—A toutinegra voou, disse jovialmente. E inda para Jusel: é que talvez sentisse a visinhança d'abutre. Que diz Bacharel?

Jusel com os olhos serenos desfolhava a margarida.

—No meu tempo, sr. Suspiro, disse o homem dos olhos negros, crusando lentamente os braços, já havia aqui duas espadas, a fazer rebentar na sombra flôres de faiscas. Mas os heroes vão-se, e os homens nascem cada vez mais da dôr das mulheres. Vejam isto. É um coração com gibão de gola. Mas coração branco, pardo, alvacento, de todas as côres, menos vermelho e solido. Pois bem! Aquella rapariga tem uns cabellos loiros que dizem bem com os meus cabellos pretos.

As cintas delgadas querem uns braços fortes. Os labios vermelhos de desejo, gostam das armas vermelhas de sangue. É minha a dama, sr. Bacharel!

Jusel tinha descido as grandes palpebras elegiacas, e via as petalas arrancadas da margarida cahirem como desejos assassinados, desprendidos do seu peito.

O homem dos olhos resplandecentes tomou-lhe rijamente a mão:

—Bacharel ternura, disse, ha aqui perto um logar onde os goivos nascem expressamente para os innocentes que morrem. Se tens alguns bens a deixar, recommendo-te este excellente Rabil.

Era o pagem.

— É necessario proteger as aves da noute.

— Os abutres bocejam desde que findou a guerra. Vou-lhes dar essas terras. Se queres deixar o coração á bem amada, á moda dos trovadores, eu me encarrego de lh'o trazer bem embalsamado em lama, na ponta da espada! Tu és formoso, amado, branco, delicado, perfeito.

— Vê-me isto, Rabil. É uma farça bem feita ao compadre lá de cima dos sóes, dilacerar-lhe esta belleza! Se namoravas alguma estrella, eu lhe mandarei, por um bom portador, os teus ultimos adeuses. Emquanto aos sacramentos é inutil, eu me encarrego de te purificar pelo fogo. Rabil, toca na guitarra o rondó dos defunctos: anuncia no inferno, o Bacharel Suspiro! A caminho, meus filhos! Ah! Mas em duello secreto armas honradas! E batendo heroicamente nos copos da espada: eu tenho aqui esta debilidade, onde está a tua força?

— Alli, respondeu Jusel, — mostrando Christo na varanda das plantas e das pombas, allumiado pelo sol que descia, — branco entre a folhagem, agonizante entre as palpitações d'azas.

— Ah! disse cavamente o homem da flôr do cacto. A mim, Rabil! Lembras-te de Acteon, de Apollo, de Derceto, de Jacho e de Marte?

— Eram os meus irmãos, disse lentamente o pagem, hirto como uma figura de pedra!

— Pois bem, Rabil, para a frente, através da noute! Cheira-me aqui ás terras de Jerusalem!

E sumiram-se debaixo das arcarias e das pilastras, sinistras, soluçando.

Na noute seguinte havia pela Allemanha um grande luar purificador.

Maria estava debruçada na varanda. Era a hora celeste em que os jasmins concebem.

Em baixo, o olhar de Jusel, que estava encostado ao pilar, suspirava para aquelle corpo feminino e branco, como

nos jardins a agua que sobe em repuxos suspira murmurosamente para o azul.

Maria disse suspiradamente:

— Vem.

Jusel subiu á varanda radioso. Sentaram-se ao pé da imagem. O ar estava tão sereno como na patria das almas.

Os dois corpos dobravam-se, um para o outro, como se os estivesse approximando os braços d'um Deus.

As folhagens escuras que envolviam o Christo estendiam-se sobre as duas cabeças loiras com gestos de benção.

Havia na molleza das sombras um mysterio nupcial.

Jusel tinha as mãos d'ella presas como passaros captivos e dizia com a voz humilde dos corações primitivos:

— Queria bem vêr-te, assim, ao pé de mim. Se soubesses! Tenho receios infinitos. És tão loira e tão branca! Tive um sonho que me assustou. Era n'um campo. Tu estavas ao pé de mim, immovel, ouvia-se um côro que cantava dentro do teu coração. Em redor andava uma dança nebulosa dos espiritos. E diziam uns: aquelle côro é de mortos, são os amantes infelizes que choram no coração d'aquella mulher. Outros diziam: são as tristezas dos *menesingers* ardentes que alli soluçam. Outros diziam: sciu, aquelle côro é de mortos, são os nossos deuses queridos que alli choram o exilio. E então eu adiantei-me e disse: sim, sim, aquelle côro é de mortos, são os desejos que ella teve por mim, que se lembram e que gemem. Que sonho! tão mau! tão mau!

— Porque estás tu, dizia ella, todos os dias encostado ao pilar, com as mãos quasi postas?

— Estou a lêr as cartas de luz que os teus olhos escrevem.

Calaram-se.

Elles eram n'aquelle momento a alma florida da noute.

— Quaes são os meus olhos, quaes são os teus olhos? dizia Jusel. Nem eu sei!

E ficaram calados.

Ella sentia os desejos que se desprendiam dos olhos d'elle, virem como passaros feridos que gemem, cahir no fundo da sua alma, sonoramente.

E inclinando o corpo:

— Conheces meu pae? disse ella.

— Não. Que importa?

— Ai, se tu soubesses...

— Que importa? Estou aqui. Se elle te quer bem, ha de gostar d'este meu amor, sempre a teus pés, como um cão. És uma santa — os cabellos de Jesus nascem no teu coração. O que quero eu? Ter a tua alma presa, bem presa, como um passaro. Esquece esta paixão toda, deixa-te tão immaculada, que se morresses podias ser enterrada nas transparencias do azul. Os desejos são uma hera: queres que os arranque. Te és o pretexto da minha alma. Se me não quizesses, deixava-me andar esfarrapado. Por eu entrar no teu coração não tires nada d'elle, não? Tens lá a face de Jesus e a saudade de tua mãe; deixa estar: damo-nos todos bem lá dentro, contemplando o brilho do teu olhar, como um céu constellado.

— O que quero eu de ti? as tuas penas. Quando chorares, vem a mim. Farei a alma em farrapos para tu limpares os olhos. Queres tu? Casemo-nos no coração de Jesus. Dá-me essa agulheta que te prende o cabello; será a nossa estola.

E com a ponta da agulheta, de pé, junto da imagem, afastando os ramos, transfigurado e celeste, gravou sobre o peito do Christo, as letras dos dois nomes, enlaçadas — *J. M.*

— É o nosso noivado, disse elle. O céu atira-nos os astros, confeitos de luz. Christo não se esquecerá d'este amor que chora aos seus pés. As exhalações divinas que sahirem do seu peito apparecerão, lá em cima, com a fórma das nossas lettras. Deus saberá este segredo. Que importa? Eu já lh'o tinha dito a Elle, ás estrellas, aos passaros,

ás plantas e ás florescencias; porque — vês tu? — as flôres, as constellações, a graça, as pombas, tudo isso, toda essa effusão de bondade, de innocencia e de graça, era simplesmente, ó adorada, um eterno bilhete d'amor que eu te escrevia!

E ajoelhados, extaticos, calados, elles sentiam misturar-se no seu coração, nas suas confidencias, nos seus desejos, toda a vaga e immensa bondade da religião da graça.

E as suas almas falavam cheias de mysterio.

— Vês tu? — dizia a alma d'ella. — Quando te vejo parece que Deus diminue e se contrae e se vem aninhar todo no teu coração; quando penso em ti, parece-me que o teu coração se alarga, se estende, abrange o céu e os universos, e encerra por toda a parte Deus!

— O meu coração — suspirava a alma d'elle — é uma concha. O teu amor é o mar. Muito tempo esta concha viverá afogada e perdida n'esse mar. Mas se tu me expulsares de ti, como n'uma concha abandonada se ouve ainda o rumor do mar, no meu coração abandonado se escutará sempre o sussurro do meu amor!

— Olha — dizia a alma d'ella — eu sou como um campo. Tenho arvores e relvas. O que ha em mim de maternidade é arvore para te cobrir, o que ha em mim de paixão é relva para tu pizares!

— Sabes tu? — dizia a alma d'elle. — No céu ha uma floresta invisivel de que apenas se vêem as pontas das raizes que são as estrellas. Tu eras a toutinegra d'aquelles arvoredos. Os meus desejos feriram-te. Eu, ha muito, que te vejo vir cahindo pelo ar, gemendo, resplandecente, se o sol te allumia; triste, se a chuva te molha. Ha muito que te vejo vir descendo — quando cahirás tu nos meus braços?

E a voz dizia: — Cala-te. — Não falavam.

E as duas almas, desprendidas dos corpos bem amados, subiam deslumbradas, ineffaveis, ternas, confundidas tinham o céu por elemento, os seus risos eram os astros, a sua

tristeza a noute, a sua esperança a madrugada, o seu amor a vida, e sempre mais ternas e mais vastas, envolviam tudo o que do mundo sobe de justo, de perfeito, de casto: as orações, os prantos, as idéas, e estendiam-se por todo o céu, unidas e immensas — para Deus passar por cima!

E então á porta da varanda houve uma risada metalica, immensa e sonora. Elles ergueram-se resplandecentes, puros, vestidos de Graça. Á porta estava o pae de Maria, hirto, gordo, sinistro. Atraz, o homem da pallidez de marmore balançava vaidosamente a pluma escarlate da guerra. O pagem ria, fazendo uma claridade na sombra.

O pae foi lentamente para Jusel e disse com escarneo:

—Onde queres ser enforcado, villão?

—Pae, pae! —Maria, afflicta, com uma convulsão de lagrimas, enlaçava o corpo do velho—não. E' meu marido. Casámos as almas. Olhe, alli está. Veja. Alli, na imagem...

—O que?

—Alli no peito. Veja. Os nossos nomes enlaçados como n'uma escriptura. Veja. E' meu marido. Só me quer bem. Mas veja. Sob o peito de Jesus no logar do coração. Mesmo sob o coração. E elle, o doce Jesus, deixou que lhe fizessem mais esta ferida!

O velho olhava as lettras enlaçadas como uns esponsaes divinos que se tinham refugiado no seio de Christo.

—Raspa, meu velho, que isso é marfim! — gritou o homem dos olhos negros.

O velho foi para a imagem com a faca do cinturão. Tremia. la arrancar as raizes d'aquelle amor até ao peito immaculado de Jesus!

E então a imagem, sob o justo e incorruptivel olhar da luz, despregou uma das mãos feridas e cobriu sobre o peito as lettras desposadas.

—E' elle, Rabil! — gritou o homem da flor do cacto.

O velho soluçava.

E então o homem pallido que tocava na guitarra de Ins-

pruck veiu tristemente junto da imagem, enlaçou os braços dos namorados, como se vê nas velhas estampas allemãs, e disse ao pae:

— Abençoa-os, velho.

E sahiu batendo rijamente nos copos da espada.

— Mas quem é? — disse o velho apavorado.

— Mais baixo, — disse o pagem da amphora de Mileto.

— E' o Diabo. Mil desejos, meus noivos!

Pelas horas da madrugada, na estrada, de Necker, aonde as cerejas luzem, o homem dos grandes cabellos negros dizia ao pagem, branco como os Apollos de marmore:

— Estou velho. Vae-se-me a vida. Sou o ultimo dos que combateram nas estrellas. Os abutres já me apupam. E' estranho: sinto nascer cá dentro, no peito, um rumor de perdão. Gostava d'aquella rapariga. Lindos cabellos louros, quem vos dera no tempo do céu! Já não estou para aventuras de amor! A bella Imperia diz que eu me vendi a Deus!

— A bella Imperia! — disse o pagem, — as mulheres! vaidades, vaidades! As mulheres bellas foram-se com os deuses bellos. Hoje os homens são mysticos, frades, santos, namorados, trovadores! As mulheres são feias, avaras, magras, burguezas, vestidas de burel, finadas de cilicios, com uma pouca d'alma incommoda, e uma carne tão diaphana que se vê atravez d'ella, o lôdo primitivo!... Miserias! Ai! Athenas! Corintho! Mileto! Tenedos! Abydos!

— Vou achando risivel a obra dos seis dias. As estrellas tremem de medo e de dôr. A lua é um sol fulminado. Começa a escassear o sangue pelo mundo e a apparecer muito a tinta. Eu tenho gasto o mal. Fui prodigo. Se eu no fim da vida tinha de me entreter perdoando e consolando — para não morrer de tedio! Fica-te em paz, mundo! Sê infame, lamacento, podre, vil e immundo, e sê todavia um astro no céu, impostor! E todavia o homem não mudou, é o mesmo. Não viste? Aquelle, para amar, feriu com uma agulheta o peito da imagem. Como nos antigos

tempos, o homem não começam a gozar um bem, se primeiro rasgar a carne a um Deus! E' esta a minha ultima aventura. Vou para o meio da natureza, para junto do livre mar, pôr-me socegadamente a morrer.

— Tambem os diabos se vão! Adeus, Satan.

— Adeus, Ganymedes.

E o homem e o pagem separaram-se na noite.

A poucos passos o homem encontrou um cruzeiro de pedra.

— Estás tambem deserto — disse olhando para a cruz. — Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu!... Soffreste callado.

E sentando-se nos degraus do cruzeiro, emquanto vinha a madrugada, afinou a guitarra e cantou, no silencio:

Quem vos desfolhou, estrellas,
Dos arvoredos da luz?

— E com uma grande risada melancolica:

Chegou o outomno ao diabo?
Virá o inverno a Jesus?

EÇA DE QUEIROZ.

VIAGEM NA LUA

Foi por occasião da lua cheia. O céu estava limpido, e as nove horas da noute acabavam de soar, quando, regressando de Clamard [1], perto de Paris (onde ceára com M. de Cuigy e varios amigos nossos) as divagações que fizemos a proposito d'aquella bola d'açafrão, nos entreteveram todo o caminho; de fórma que, com os olhos fitos n'aquelle astro, um tomava-o por uma trapeira do céu; outro affirmava que era a platina onde Diana concerta os ornatos de Apollo; outro, que podia muito bem ser o proprio sol, que, despojando-se á noute dos seus raios, espreitava por um buraco o que se fazia no mundo quando elle não estava presente. «Pela minha parte, disse eu, como desejo misturar aos vossos os meus enthusiasmos, digo-vos que me parece, sem me entreter com as imaginações com que castigaes o tempo para o fazer andar mais depressa, que a lua é um mundo como este, e ao qual o nosso serve de lua.» Alguns da sociedade presentearam-

[1] Hoje Clamard-sous-Meudon..

me com uma formidavel gargalhada. «Tambem da mesma fórma, continuei, zombam agora na lua de qualquer individuo que snstenta que este globo é um mundo.» Mas por mais que eu allegasse que muitos grandes homens fôram da minha opinião, não consegui senão fazel-os rir cada vez mais.

Todavia, este pensamento, fortalecido pela contradicção, mergulhou tão profundamente dentro de mim, que, durante todo o resto do caminho, enchi-me de mil definições da lua, definições que não me era licito apresentar; de modo que á força de apoiar esta crença burlesca em raciocinios quasi sérios, já pouco me faltava para eu me deixar de pensar mais n'isso, quando o milagre ou o acaso, a Providencia, a fortuna, ou talvez o que se chama visão, ficção, chimera, ou loucura, se quizerem, me forneceu a occasião que me levou a escrever esta narrativa.

Tendo chegado a casa, subi ao meu gabinete, onde encontrei em cima da mesa um livro aberto, que eu lá não tinha posto. O livro era o de Cardan; e, posto que eu não tivesse tenção de o lêr, a minha vista cahiu, como que á força, justamente sobre a historia d'aquelle philosopho que diz que, estando a estudar uma noute á luz da candeia, viu entrar, atravez das portas fechadas, dois velhos muito altos, os quaes depois de varias perguntas que elle lhes fez, responderam que eram habitantes da lua, e no mesmo instante desappareceram. Fiquei surprehendido, tanto por vêr alli um livro collocado por si mesmo, como pela occasião e pela pagina em que se encontrava aberto, e tomei toda esta serie de incidentes por uma inspiração para fazer conhecer aos homens que a lua é um mundo. «Pois quê! dizia eu a sós commigo, depois de ter hoje, hoje mesmo, falado n'uma coisa, um livro, que é talvez o unico no mundo onde esse assumpto é tratado tão particularmente, voar da minha estante para a mesa, e abrir-se justamente no sitio d'uma aventura tão maravilhosa! arrastar a si os meus olhos, como que á força, e fornecer em

seguida á minha phantasia as reflexões, e á minha vontade as tenções que faço! — Sem duvida, prosegui, os dois velhos que appareceram áquelle grande homem fôram os mesmos que desarrumaram o meu livro e o abriram n'esta pagina, afim de se pouparem ao incommodo de me repetirem a prelecção que fizeram a Cardan.

Mas, accrescentei eu, não posso tirar-me d'esta duvida se não subir até á lua.

«E porque não? redargui a mim mesmo immediatamente. Prometheu foi outr'ora ao céu roubar o fogo. Sou porventura menos ousado do que elle? e tenho razão para não esperar um exito egual!»

A estas palavras, que chamarão talvez accessos de febre ardente, succedeu a esperança de realisar tão bella viagem: de fórma que me encerrei, para conseguir o meu fim, n'uma casa de campo assás longe do povoado, onde, depois de haver lisongeado os meus sonhos com varios meios proporcionados ao meu assumpto, eis como subi ao céu:

Prendi á volta do meu corpo uma grande quantidade de frascos cheios de orvalho, sobre os quaes o sol dardejava os seus raios tão violentamente, que o calor, que os attrahia, como faz ás maiores nuvens, elevou me tão alto, que por fim achei-me acima da região média. Mas como esta attracção me fazia subir muito rapidamente, e em logar de me approximar da lua, como desejava, parecia-me esta mais afastada do que á minha partida, quebrei muitos dos frascos, até sentir que o meu peso sobrepujava a attracção e que eu tornava a descer. A minha opinião não falhou, pois cahi em terra algum tempo depois; e, a contar pela hora a que eu havia partido, devia ser meia noute. Comtudo, reconheci que o sol estava então no mais alto ponto do horisonte, e que era meio dia. Imaginae como não fiquei admirado! com certeza fiquei-o de tal modo, que, não sabendo a que attribuir tal milagre, tive a insolencia de imaginar que, em virtude da minha ousadia, Deus fizera mais uma vez parar o sol no espaço, a fim de illuminar tão gene-

roso emprehendimento. O que augmentou o meu espanto foi o não conhecer o paiz em que me achava, visto que me parecia que, tendo subido em linha recta, devia ter descido no mesmo logar. Equipado, portanto, como estava, encaminhei-me para uma especie de choupana, onde avistei fumo, e estava apenas a um tiro de pistola de distancia, quando me vi cercado por grande numero de homens nús. Pareceram muito surprehendidos quando deram por mim, porque eu era o primeiro, segundo creio, que elles viam vestido de garrafas. E, para destruir ainda mais todas as interpretações que pudessem dar a tal vestuario, viam que, quando eu andava, mal tocava no chão: ignoravam que ao menor impulso que eu dava ao meu corpo, o ardor dos raios do meio dia levantava-me com o meu orvalho, e mal imaginavam que, se os meus frascos fossem ainda em quantidade sufficiente, eu me teria elevado aos ares, á vista d'elles.

Tentei dirigir-lhes a palavra; porém, como se o medo os houvesse transformado em passaros, desappareceram em um instante na floresta proxima. Consegui, porém, agarrar um, cujas pernas sem duvida trahiram o coração. Perguntei-lhe, com bastante custo (porque estava offegante) quanto distava dalli a Paris, e desde quando era que em França se andava nú, e porque fugiam de mim tão assustados. O homem a quem eu falava, era um velho côr de azeitona, que ao principio se deitou de joelhos; e, erguendo as mãos por detraz da cabeça, abriu a bocca e fechou os olhos. Murmurou durante muito tempo por entre os dentes, mas não pude distinguir que articulasse alguma palavra: de fórma que tomei a sua linguagem pelo rouco tartamudear d'um mudo.

Pouco tempo depois, vi approximar-se uma companhia de soldados, tambor na frente, e notei que dois d'entre elles se separavam do grupo, para me reconhecerem. Quando chegaram proximos de mim, perguntei-lhes onde estava eu.

«Estaes em França, responderam-me; mas que diabo vos poz n'esse estado? e porque é que nós não vos conhecemos? Chegaram os navios? Ides avisar o sr. governador? por que motivo dividistes a agua-ardente em tantas garrafas?» A isto tudo, repliquei que não fôra o diabo quem me puzera n'aquelle estado; que me não conheciam porque não podiam conhecer todos os homens; que eu não sabia que o Sena pudesse conduzir navios até Paris; que não tinha aviso nenhum para o senhor governador; e que não levava agua-ardente commigo. «Hun! retrocaram elles, agarrando-me por um braço, estás-te a fazer tolo? O senhor governador ha de conhecer-te bem, deixa estar.» Conduziram-me ao meio da escolta, onde vim a saber que me achava effectivamente em França, mas na Nova, de fórma que pouco depois fui apresentado ao vice-rei, que me perguntou que paiz era o meu, o meu nome e qualidade; e depois de eu ter respondido, contando lhe o exito agradavel da minha viagem, ou porque acreditasse, ou porque fingisse acreditar, teve a bondade de me mandar dar um quarto em sua casa.

Foi grande felicidade para mim encontrar um homem capaz de altas opiniões, e que não se admirou quando eu lhe disse que certamente a terra tinha girado durante a minha elevação, pois que, tendo começado a subir a duas leguas de Paris, cahira, por uma linha quasi perpendicular, no Canadá.

Á noite, quando ia para me deitar entrou no meu quarto e disse-me: «Não viria interromper o seu descanço se não acreditasse que uma pessoa que conseguiu encontrar o segredo de andar tanto caminho em meio dia achou tambem o meio de não se cançar. Mas não imagina a questão divertida que acabo de ter com os nossos padres a seu respeito. Querem elles absolutamente que o senhor seja um magico, e o maior favor que d'elles póde obter é de passar por um impostor. E, effectivamente, o movimento que attribue á terra é um paradoxo assás delicado; quanto

a mim, dir-lhe-hei francamente que o que faz com que eu não seja da sua opinião, é que, embora o senhor sahisse hontem de Paris, póde ter chegado aqui sem que a terra girasse; porque o sol, tendo-o elevado por meio das suas garrafas, não deve, porventura, tel-o trazido a este paiz, visto como, segundo Ptolomeu e os philosophos modernos, o sol caminha do modo que o senhor pretende fazer caminhar a terra? E, além d'isso, que prova tem para imaginar que o sol está immovel, quando todos nós o vemos caminhar? e que base tem para suppôr que a terra gire, quando a sentimos firme debaixo de nós?

—Senhor, redargui eu, eis as razões, approximadamente, que nol-o obrigam a suppor. Em primeiro logar, é rasoavel a crença de que o sol tomou logar no centro do universo, pois que todos os corpos existentes na natureza necessitam d'esse fogo radical; de que habita no coração d'este reino, para estar apto a satisfazer de prompto a necessidade de cada parte, e de que a causa das gerações esteja collocada no meio de todos os corpos, para ahi actuar egualmente e com mais facilidade, da mesma fórma que a sabia natureza collocou as partes genitaes no homem, as pevides no centro das maçãs, os caróços no meio do seu fructo, e do mesmo modo que a cebola conserva, ao abrigo de cem cascas que a rodeiam, o precioso germen onde dez milhões de outras beberão a sua essencia; porque a maçã é um pequeno universo, do qual o caroço, mais quente que as outras partes, é o sol, que espalha em torno de si o calor, conservador do seu globo; e aquelle germen, na mesma opinião, é o pequeno sol d'aquelle mundosinho, que aquenta e nutre o sal vegetativo d'aquella pequena massa.

Supposto isto, digo que a terra, necessitando do calor, da luz e da influencia do sol, gira em torno d'elle, afim de receber egualmente em todas as suas partes a virtude que a conserva. Porque seria tão ridiculo acreditar que aquelle grande corpo luminoso girasse á roda da terra,

como admittir que para assar um cabrito seja preciso andar com o fogão á roda d'elle.

Além d'isso, ter o sol a obrigação de descrever aquella curva, parece o mesmo que a medicina necessitar do doente, o forte dobrar sob os esforços do fraco, o grande servir o pequeno, e, em vez de um navio singrar ao largo d'uma costa, ser um paiz inteiro quem ande á volta do navio. Pois se vos custa a comprehender como é que uma massa tão pesada se possa mover, dizei-me se os astros e os céus, que imaginais tão solidos, são mais leves? Ainda nos é mais facil, certos como estamos da redondeza da terra, concluir o seu movimento pela sua figura. Mas por que razão suppôr o céu redondo, pois que não podereis certificar-vos d'isso, e se é certo que, de todas as figuras, não tendo esta, não se póde mover? Não censuro as vossos epyciclos, e outras coisas que só muito confusamente podeis explicar e de que eu salvo o meu systema. Fallemos apenas das causas naturaes d'este movimento.

Sois obrigados, vós outros, a recorrer ás intelligencias que agitam e governam os vossos globos? Mas eu, sem interromper o descanço do Ente soberano, que sem duvida creou toda a natureza perfeita, e de cuja sabedoria depende o tel-a concluido de tal fórma que realisando-a com um fim, não a considerou defeituosa para outro, digo que os raios do sol, com as suas influencias, logo que cahem em cima, pela sua circulação, fazem-na girar, como nós fazemos girar um globo, dando-lhe com a mão; ou do mesmo modo que os fumos, que se evaporam continuamente do seu seio, do lado voltado para o sol, repercutidos pelo frio da região média, resaltam, e por força, não a podendo ferir senão de esguelha, fazem-na assim girar. A explicação dos dois outros movimentos é ainda menos difficil. Considerae por um momento...

A estas palavras, o vice-rei interrompeu-me, dizendo:

«Prefiro dispensal-o d'esse trabalho; eu li, ácerca d'este assumpto, alguns livros de Gassendi; mas vae ouvir o que

me disse um dia um dos nossos padres, que sustentava a mesma opinião que o sr.: «Effectivamente, disse elle, creio que a terra gira, não pelas razões que allega Copernico, mas porque, achando-se o fogo do inferno encerrado no centro da terra, os condemnados, que tentam fugir ao ardor das chammas, saltam contra a abobada, e fazem assim girar a terra, como um cão faz andar uma roda, quando corre encerrado dentro d'ella.»

Louvámos durante algum tempo esta ideia, como um puro zelo do pobre padre, e, por fim, o vice-rei disse-me que se admirava muito, visto o systema de Ptolomeu ser tão pouco provavel, de ter sido o mesmo tão geralmente acceito.

«Senhor, respondi-lhe, a maior parte dos homens, que só julgam pelos sentidos, deixaram-se illudir pelos olhos, e da mesma maneira que aquelle que vae n'um navio se julga immovel e que as margens são que caminham, assim os homens, girando com a terra á volta do céu, suppozeram que era o céu quem girava á volta d'elles. Accrescentae a isto o insupportavel orgulho dos humanos, que se persuadem de que a natureza apenas foi feita para elles, como se fosse verosimil que o sol, um grande corpo quatrocentas e trinta e quatro vezes mais vasto que a terra, não tivesse sido acceso senão para lhe amadurecer as nesperas e crear-lhe as couves. Quanto a mim, longe de consentir na sua insolencia, creio que os planetas são mundos em roda do sol, e que as estrellas fixas são tambem sóes com planetas em torno de si, isto é: mundos que não vêmos da terra, por causa da sua pequenez, e porque a sua luz emprestada não poderia chegar até nós. Porque, como imaginar em boa fé que esses globos tão espaçosos sejam apenas immensas campinas desertas, e que o nosso, por causa de habitarmos n'elle, fosse construido para uma duzia de soberbosinhos? Pois que! porque o sol mede os nossos dias e annos, é motivo para affirmar que fosse apenas creado para que não andassemos a bater com a cabe-

ça pelas paredes? Não, não é possivel. Se esse Deus visivel illumina o homem, é por acaso, como o facho do rei illumina por acaso o trapeiro que passa pela rua.

— Mas, objectou elle, se, como affirma, as estrellas fixas são outros tantos sóes, podia concluir-se d'ahi que o mundo é infinito, pois que é verosimil que os povos d'esse mundo, que estão em torno d'uma estrella fixa, que o senhor toma por um sol, descobrem ainda acima d'elles outras estrellas fixas que não conseguiriamos vêr d'aqui, e assim por deante até ao infinito.

— Sem duvida, respondi eu; assim como Deus poude fazer a alma immortal, tambem poude fazer o mundo infinito, se é certo que a eternidade não é mais do que uma duração sem limites, e o infinito uma extensão sem limites. E depois, o proprio Deus seria finito, suppondo-se que o mundo não fosse infinito, visto que elle não poderia estar onde nada houvesse, e que não poderia accrescentar a grandeza do mundo sem accrescentar alguma coisa á sua propria extensão, começando a estar onde não estava antes. Importa, portanto, acreditar que, assim como vêmos d'aqui Saturno e Jupiter, se estivessemos n'um ou n'outro d'esses mundos, descobririamos muitos ainda, que não distinguimos da terra, e que o universo é até ao infinito construido d'este modo.

— Assim será, replicou elle; mas por mais que me diga, não posso comprehender esse infinito.

— E comprehendeis o nada que está alêm do fim? Tambem não. Porque, quando pensaes n'esse nada, imaginael-o pelo menos como vento, ou ar, e isso é alguma coisa; mas o infinito, se o não comprehendeis em geral, concebeil-o decerto por partes, visto como não é difficil imaginar, além do que vêmos de terra e ar, fogo, outro ar e outra terra. Ora, o infinito é apenas uma urdidura, sem limites, de tudo isso. Se me perguntaes de que modo foram feitos esses mundos, visto que a Escriptura Sagrada falla unicamente d'um que Deus creou, respondo que não discuto;

porque, se me obrigaes a explicar-vos o que me fornece a imaginação é tirar-me a palavra e obrigar-me a confessar-vos que o meu raciocinio cederá sempre n'estes assumptos de fé.

O vice-rei disse-me que em verdade a sua pergunta era censuravel, mas que retomasse eu as minhas ideias.

—De modo que, continuei, todos esses outros mundos que não se vêem, ou que apenas se vêem imperfeitamente, são apenas a espuma dos sóes que se purgam. Porque, como poderiam subsistir esses grandes fogos, se não estivessem ligados a alguma materia que os nutrisse? Ora, assim como o fogo impelle longe de si a cinza que o abafa; assim como o ouro, no cadinho, se desliga das materias estranhas que lhe diminuem o quilate; e assim como o nosso coração se desembaraça, por meio do vomito, dos humores indigestos que o atacam; assim os sóes se desembaraçam todos os dias e se purgam dos restos da materia que lhes abafava o fogo. Mas, logo que tenham consumido inteiramente a materia que os entretem, não deveis duvidar que se espalhem para todos os lados a fim de buscarem novo pasto, e que se liguem a todos os mundos que geraram outr'ora, especialmente áquelles que encontrarem mais proximos; então esses grandes fogos, refervendo em todos os corpos, repellil-os-hão por todos os lados como anteriormente, e, tendo-se purificado pouco a pouco, começarão a servir de sóes a outros pequenos mun dos que engendrarão, impellindo-os para fóra das suas espheras. E' o que levou sem duvida os discipulos de Pythagoras a predizerem o abrazamento universal. Isto não é uma ideia ridicula: a Nova-França, onde estamos, produz um exemplar d'isto, bem convincente. Este vasto continente da America é uma metade da terra, a qual, a despeito dos nossos predecessores, que haviam percorrido mil vezes o oceano, não fóra ainda descoberta, por isso que não existia ainda, como não existiam muitas ilhas, peninsulas e montanhas, que surgiram no nosso globo, quando

as fezes do sol que se purificava foram repellidas a sufficiente distancia, e, condensadas em porções de peso bastante para serem attrahidas pelo centro do nosso mundo, talvez pouco a pouco, em infimas particulas, talvez de repente, em uma só massa. Isto não é tão desarrasoavel, que Santo Agostinho o não applaudisse, se a descoberta d'este paiz tivesse sido feita no seu tempo; pois que esse grande personagem, cujo genio era muito esclarecido, affirma que no seu tempo a terra era achatada como um forno, e que nadava sobre a agua como metade d'uma laranja. Mas, se algum dia tiver a honra de vos vêr em França, far-vos-hei observar, por meio d'um oculo excellente que certas obscuridades, que d'aqui parecem manchas, são mundos que se estão formando.

Os meus olhos, que já se fechavam ao terminar este discurso, obrigaram o vice-rei a sahir. Tivemos, no dia seguinte e d'ahi por deante palestras eguaes. Mas, como algum tempo depois os negocios da provincia suspenderam a nossa philosophia, recahi nas minhas meditações sobre a possibilidade de subir até á lua.

Desde que esta nascia, ia eu passear por entre os bosques, scismando no bom exito da minha empreza; e por fim, na vespera de S. João, dia em que havia conselho no forte para determinar se se prestaria ou não auxilio aos selvagens do paiz contra os iroquezes, fui, sósinho, até ao cimo d'uma pequena montanha onde executei o seguinte:

Eu tinha feito uma machina que imaginei capaz de me elevar tanto quanto eu quizesse, de fórma que não me faltando nada que me era necessario, sentei-me dentro e precipitei-me no ar, do alto d'um rochedo. Mas, por não ter tomado bem as minhas precauções, cahi rudemente no valle. Ferido como estava, voltei ao meu quarto, sem perder o animo, e com tutano de boi untei o corpo todo, pois achava-me bastante contuso desde a cabeça até aos pés; e depois de me fortalecer com uma porção de essencia

cordeal, voltei a buscar a minha machina; não a encontrei, porém, porque alguns soldados, que tinham sido mandados á floresta afim de cortarem lenha para as fogueiras de S. João, encontrando a machina por acaso, levaram-n'a para o forte, onde, depois de muitas explicações ácerca do que aquillo seria, quando descobriram a invenção da mola, alguns disseram que era preciso prender-lhe grande quantidade de foguetes, porque, tendo a rapidez d'esses foguetes feito com que suba muito alto, e agitando a mola as suas grandes azas, não haveria ninguem que não tomasse aquella grande machina por um dragão de fogo. Todavia procurei-a por muito tempo, encontrando a finalmente no meio da praça de Kebec, na occasião em que lhe iam deitar fogo. O desgosto de ir encontrar a minha obra em tamanho perigo enfureceu-me de tal maneira, que corri a segurar o braço do soldado que deitava o fogo. Arranquei-lhe a mecha, e lancei-me furioso na machina, para quebrar os artificios de que a mesma se achava rodeada; mas já era tarde, porque, apenas me metti dentro, senti-me subir até ás nuvens. O horror que se apoderou de mim não me transtornou as faculdades da alma a ponto de me esquecer do que então me aconteceu. Desde que as chammas devoravam uma ordem de foguetes, que haviam disposto a seis e seis, por meio d'um rastilho que acompanhava cada meia duzia, incendiava-se outra ordem d'elles e assim por deante; de modo que o salitre pegando fogo, afastava o perigo augmentando-o.

Todavia, achando-se a materia gasta, o artificio falhou e quando eu pensava simplesmente em deixar a cabeça no cabeço de alguma montanha, senti, sem que me agitasse de maneira alguma, que a minha vida continuava, emquanto a machina se precipitava no solo. Esta extraordinaria aventura encheu-me o coração de uma alegria tão pouco vulgar, que encantado por me achar livre de perigo tive a imprudencia de philosophar ácerca do caso. Como, portanto, buscava com a vista e o pensamento o que podia mo-

tivar a minha ascensão, notei que a minha carne estava como que inchada e gordurosa do tutano de boi com que me havia untado por causa das contusões da queda anterior; conheci que sendo então quarto minguante e costumando a lua n'esse quarto sugar a medulla dos animaes, sorvia aquella de que eu estava untado com tanta mais força quanto o seu globo estava mais proximo de mim e a interposição das nuvens não lhe enfraquecia o vigor.

Quando passei, segundo o calculo que fiz depois, muito mais dos tres quartos de caminho que separava a terra da lua, vi-me de repente cahir com os pés para cima, sem ter dado cambalhota nenhuma; ainda assim não teria reparado em tal se não sentisse a cabeça carregada com o peso do corpo.

Reconheci, então, perfeitamente que não cahira para o nosso mundo; porque ainda que me achasse entre duas luas e notasse que me afastava de uma, á medida que me approximava da outra, estava certo de que a maior era o nosso globo; visto como ao cabo de um ou dois dias de viagem, como as refracções afastadas do sol chegavam a confundir a diversidade dos corpos e dos climas, affigurara-se-me elle apenas uma placa de ouro de grandes dimensões: fez-me isto imaginar que eu ia descendo para a lua; e robusteceu-se-me esta opinião quando cheguei a lembrar-me que só começára a cahir ao cabo de tres quartos de caminho.

«Porque, dizia eu commigo mesmo, sendo esta massa inferior á nossa em tamanho, é preciso que a esphera da sua actividade tenha egualmente menos extensão e que por conseguinte eu haja sentido mais tarde a força do seu centro.»

Emfim, depois d'uma queda demorada (segundo presumi, porque a evidencia do precipicio impedia que eu notasse a rapidez) o mais de que posso lembrar-me é que me achei debaixo de uma arvore, envolvido em tres ou quatro ramos grossos que haviam estalado com o meu pe-

so, e com a cara molhada por uma maçã que se esborrachara debaixo d'ella.

Por felicidade, aquelle logar era justamente, como em breve o sabereis... Podeis pois imaginar facilmente se a não se dar um tal acaso eu estaria ou não mil vezes morto. Fiz mais tarde por varias vezes a reflexão de que uma queda de grande altura suffoca o individuo antes de chegar a terra, como vulgarmente se pensa, e conclui da minha aventura que se pensa erradamente ou então que o forte succo do fructo, que me correra para a bocca, me evocara a alma que não estava longe do meu cadaver ainda tépido e disposto para as funcções da vida. Effectivamente, logo que toquei em terra, a minha dôr desappareceu, antes mesmo de se me perder na memoria; e a fome que me tinha assaltado durante a viagem, não me deixou em seu lugar mais do que uma leve recordação de a ter perdido.

Quando me levantei observei o maior de quatro rios que fórmam um lago onde desaguam; o espirito ou alma dos simples, que se exhalam n'aquelle paiz, veiu regalar-me o olfacto; e reconheci que as pedras não eram ali duras nem rugosas, e que tinham o cuidado de amollecer quando se passava por cima d'ellas. Encontrei em primeiro logar uma estrella de cinco avenidas, cujas arvores, mercê da sua excessiva altura, pareciam elevar até ao céu a sua folhagem. Olhando desde a raiz até aos mais altos ramos, do cume até ao pé, fiquei sem saber se era a terra que as sustentava ou se eram ellas que sustentavam a terra, suspensa das suas raizes: a fronte d'essas arvores soberbamente erguida, parecia curvar-se sob o peso dos globos celestes; os seus braços, estendidos para o céu, pareciam pedir aos astros a pura benignidade das suas influencias e recebel'as no leito dos elementos, antes que ellas tivessem perdido a sua innocencia. Alli, de todos os lados, as flôres, tendo por unico jardineiro a natureza, respiram um halito tão doce, ainda que selvagem, que satisfaz e des-

perta o olfacto; alli o encarnado de uma rosa avultando nas roseiras, e a côr brilhante d'uma violeta, quasi occulta, não deixando liberdade para escolher, fazem suppôr que cada uma d'ellas é mais bella que a outra: alli, a primavera occupa todas as estações; alli, os arroios, n'um sereno murmurio contam aos seixos as suas viagens: mil pequenas gargantas emplumadas enchem a floresta com as suas canções melodiosas; e é tão vibrante o concerto d'estes divinos musicos, que parece que cada uma das folhas da floresta tem a voz e a fórma de um rouxinol; e até o écco repete de tal maneira essas arias que parece esforçar-se em as aprender. Ao lado d'este bosque vêem-se dois prados cuja verdura continua lembra uma esmeralda sem fim. A variedade de côres que a primavera espalha sobre cem pequenas flôres, como que dilue os coloridos uns nos outros, n'uma confusão tão agradavel, que a gente ao perpássar das viraçãões, fica sem se saber se são ellas que correm umas atraz das outras ou se fogem ás caricias do vento brincalhão. Este prado similhava um occeano, pois era como o mar que não apresenta margens, de fórma que a minha vista cançada de percorrer uma tão grande extensão sem lhe encontrar os limites, dirigia para lá o meu pensamento; e o meu pensamento, duvidando se era alli o extremo do mundo, queria convencer-se de que esses deliciosos logares tinham talvez forçado o céu a juntar-se á terra. Ao meio d'um tapete tão vasto, corre em borbotões de prata uma fonte rustica, coroada de relva esmaltada de rainunculos, de violetas e de cem outras pequenas flôres, que parecem agitar-se a vêr qual d'ellas se ha de mirar primeiramente; essa fonte tem alli o seu berço, é alli mesmo que nasce e a sua superficie brilhante e fresca não apresenta a mais pequena ruga. Os grandes circulos que descreve, voltando cem vezes sobre si mesma mostram que é com um pesar profundo que ella abandona o seu paiz natal: e como tivesse vergonha de se vêr acariciada na presença de sua mãe, repelliu, n'um doce mur

murio a minha mão que a queria tocar. Os animaes que alli vinham, mais prespicazes que os do nosso mundo, pareciam surprehendidos de vêr o horisonte illuminado, emquanto estavam vendo o sol nos Antipodas, e não ousavam curvar-se com receio de cahir ao firmamento.

(Continúa)

Cyrano de Bergerac.

NEMROD & COMPANHIA

III

(Continuação)

Uma lebre, fugindo deante dos caçadores, dirigira-se vigorosamente para uma fila de salgueiros, os quaes orlavam um prado que descia para o rio. Quando se aproximou do fosso, um homem que ali estava agachado, ergueu-se e, encostando a espingarda ao hombro, apontou ao animal a uns quarenta metros de distancia. O tiro partiu. A lebre deu uma volta, e, retrocedendo, dirigiu-se velozmente para os caçadores. Um grande cão que sahira do fosso, correra em seu seguimento, ladrando e bafejando-lhe o pello com ardor. Ouvia-se praguejar o homem, debaixo dos salgueiros, emquanto carregava outra vez a arma e seguia com a vista a carreira do seu cão. A lebre ferida perdia terreno, e o cão excitado pela certeza do triumpho, redobrava de velocidade. Com a bocca escancarada, já por duas vezes estivera prestes a agarrar a presa. Um ultimo esforço d'esta levou-a ao alcance de M. de Brucken; elle apontou com vivacidade e, com o mesmo tiro fez cahir o perseguido e o perseguidor. Aos gritos lastimosos do cão, o dono trepara até á entrada do fosso, e, proferindo injurias, corria para o conde Huberto. N'esse momento, Briffaut, que se achava a cem passos d'elle, deixava o seu posto e gritava:

— Está quieto, Rabasson... Vaes fazer asneira, com certeza!...

O outro, porém, fóra de si, chegava ao pé do cão, que coxeava, e, estendendo o punho fechado para Huberto:

— Ha de pagar-m'o! Atirar a um cão! Tambem era capaz de atirar ao dono! Restitua-me a minha lebre... É minha .. Estava ferida...

— A quem pertence a caça? disse o conde com vivacidade. A quem a fere ou a quem a mata?

— Mas o meu cão! Com que direito feriu o senhor o meu cão?

— O teu cão! Podias chamal-o...

— Ah! com a breca! exclamou o vagabundo... Está prompto!... Tem uma perna partida!... Hão de pagar-m'o!...

— Socega, Rabasson, repetiu Briffaut... O teu cachorro não tem nada...

— Hão de pagar-m'o! rugiu Rabasson, excitando-se com as suas proprias palavras. Sim, não se mata assim um cão sem mais nem menos! Com mil diabos! Quem fere o cão fere o dono! Ah! os canalhas dos ricos julgam que teem licença para tudo! Por terem dinheiro, pisam a gente! Como se não valessemos tanto como elles! É por estarmos em republica? Eu lhes farei vêr se os homens são eguaes! Matar-me o meu cão! Ah! com a fortuna! Vou dar cabo d'este grande patife!

Chegando ao paroxismo da colera, esquecendo onde estava e que consequencias poderia ter um acto de violencia, com os olhos injectados de fel, a bocca espumante, Rabasson ergueu a espingarda cuja extremidade quasi que tocava no peito de M. de Brucken. O caçador deixou escapar um grito surdo, fez um gesto, e a espingarda de Rabasson, arrancada das mãos que a seguravam de modo tão ameaçador, saltou a dez passos de distancia. Ao mesmo tempo, o vagabundo agarrado pelo coz das calças, era erguido no ar balouçando duas vezes no espaço, e, atirado como um embrulho, ía rebolar junto do cão.

— Soccorro, Briffaut! gritou elle; assassinam-me!

—Imbecil, respondeu o camarada, ajudando-o a levantar-se, eu bem te dizia que estivesses socegado. Desculpe, senhor: elle bebeu um copito a mais... Vamos, cala-te, não tens nada... Deixal-o, o senhor não devia bater com tanta força!

Nuno e os seus amigos já vinham acudir acompanhados pelo guarda. O banqueiro, com a firmeza tranquilla de um homem muito rico, perguntou:

—Quem é este homem?

—É Rabasson, senhor conde, disse o guarda. Oh! elle conhece-nos bem e nós tambem o conhecemos de mais...

—O que quer elle?

—Quer que o indemnisem pelas nadegas do cão que está ferido, disse Briffaut com modos chocarreiros. E uma lebre, se não lhes der incommodo, para cearmos esta noute.

—Este é um finorio, ao que parece, disse Nuno com serenidade. Gosto mais das pessoas que riem que das que grunhem. Este rapaz explicou-se convenientemente: dêem-lhe a lebre... Com respeito ao cão...

Tirou dois luizes do bolso, e, dando-os a Briffaut:

—Isto será bastante?

—Por este preço comprava o senhor todos os cães cá da aldeia... Anda d'ahi, Rabasson...

E diligenceava arrastar o companheiro, silencioso, desde que o pulso athletico do conde o saccudira tão rudemente. Mas, afinal, soltando-se das mãos de Briffaut, Rabasson avançou para o conde Huberto, e, fitando-o com ar sombrio:

—O senhor, veja se não torna a encontrar-se no meu caminho...

—Estou ao seu dispôr, disse Huberto, mostrando os pulsos robustos.

—É forte, bem sei, mas isso não impede que ajustemos as nossas contas.

Apanhou a espingarda, assobiou ao cão. que o seguiu

coxeando, e desappareceu por detraz dos salgueiros. Um momento depois ouviram-o disparar tiros no prado, esquecido já da sua aventura desagradavel.

— Que Hercules que é este Brucken! exclamou M.me del Peral com enthusiasmo, logo que a scena terminou.

— E é com esta gente que acaba de provocal-o, disse Esther, que M. de Pont-Croix seria capaz de ligar-se contra meu pae?

Manuela dirigiu um olhar penetrante á filha de Nuno, e, em tom levemente ironico:

— Ah! interessas-te pelo ermita da Commenda? Conhece-l'o?

— Encontrei-o ainda agora, pela primeira vez. Mas a Manuela, que parece conhecel-o...

— Minha querida, eu conheço-o como o conhecem todas as mulheres que frequentavam a sociedade ha tres annos. Tu n'esse tempo eras pequena, e a boa M.elle Faverger fazia-te deitar ás dez horas. M. de Pont-Croix era então o principe da mocidade. Dava o tom, com mais quatro ou cinco sujeitos como elle...

— Porque é que M. de Brucken parece odial-o?

Uma nuvem obscureceu a fronte de M.me del Peral. Ficou um momento pensativa, e, em seguida, em tom ligeiro:

— Historias de *club*... Sabes que aquelles senhores são mais tagarellas e mais maledicentes que as mulheres, apesar de o negarem, e houve umas intrigas quaesquer entre elles... Huberto é um homem terrivel... Viste como elle atirou aquelle camponio pelos ares?... Pois o marquez de Pont-Croix e ainda mais temivel... O conde nunca desabafou o seu rancor... É por isso que o conserva sempre intenso...

— E M. de Pont-Croix, agora, é muito pobre?

— Muito pobre e muito altivo.

— Tem razão. A altivez é o luxo da pobreza.

— E não gosta de teu pae, insinuou a portugueza, olhando de revez para a amiga.

— Porque? perguntou Esther, estremecendo.

— Tu bem sabes porque, disse Manuela abanando a cabeça. E como Esther ficasse silenciosa, accrescentou:

— M. de Pont-Croix foi arruinado pelo *krack*, ha dois annos, e M. Nuno dirigia as operações do syndicato que produziu a catastrophe.

— Se M. de Pont-Croix tem rancor a meu pae, exclamou Esther erguendo a fronte que se ruborisou, não é injusto isso? Porque afinal, quem decidiu tudo foi a terrivel fatalidade do jogo... Mas as operações, por muito duro que fosse o resultado, eram leaes.

— Muito leaes. Socega a tua consciencia.

— Ella não estava inquieta, disse a filha de Selim com força. Julga que duvidei alguma vez de meu pae?

— Não, de certo. Mas não vale a pena preoccuparmonos tanto com um original como Pont-Croix. Falemos de outra cousa.

Não falaram mais em Clemente, mas tambem não falaram de outras cousas. E regressaram á Chevrolière, ambas silenciosas e mais perturbadas do que queriam dar a conhecer.

IV

As razões que obrigavam o conde de Brucken a odiar Pont-Croix eram as que Manuela apresentava, mas não eram só essas. A questão do circulo contribuira, effectivamente, para excitar Huberto contra o marquez, o qual fazia parte dos jogadores habituaes da mesa do Quinze. Clemente, porém, era excessivamente fidalgo para dar escandalo por causa de uma gatunice. Fôra roubado em boa companhia, não se queixou e limitou-se a conservar M. de Brucken a distancia. Os jogadores são indulgentes para os trapaceiros. É conhecida a phrase do velho Préfont, queixando-se alguem, na sua presença, da intrusão dos batoteiros

nos circulos: «Pois eu, disse o *clubman*, prefiro jogar com um d'esses a jogar com um feliz; ao menos esses deixam-me ganhar uma partida de vez em quando!»

Ora, nada estava menos provado do que a culpabilidade de Huberto. Ganhava muito durante o periodo suspeito, mas ninguem podía dizer se era deslealmente. E o marquez nunca alludira a essa coincidencia desagradavel. O verdadeiro motivo da animosidade do conde contra Pont-Croix era uma rivalidade de amor. E Manuela sabia isso melhor que ninguem. A aventura datava do fatal inverno que vira desabar a fortuna de Clemente. Este nunca levara uma existencia mais faustuosa. Parecia adivinhar que essas loucuras não podiam durar muito, e querer tornal-as estrepitosas por isso mesmo. Encontrara M.me del Peral quando esta deixava o luto e se desenfastiava de um longo retiro. A viuva era bonita e *coquette:* elle era encantador e cheio de ousadia. Manuela quiz subjugar aquelle rei da moda e foi ella que ficou subjugada. Teve por Clemente um d'estes caprichos ardentes que enlouquecem as *mañolas* visinhas do seu paiz. Sonhara triumphar publicamente do grande vencedor e fazer gala em resistir-lhe. E cahiu-lhe nos braços com uma rapidez fulminante. Adorou-o e deu-lh'o a conhecer. Se elle não fosse tão bem educado, de uma delicadeza tão nobre, podia ter-se vangloriado com o amor da viuva como esta projectara vangloriar-se com o d'elle. Manuela ter-se-hia perdido com alegria afim de provar-lhe quanto o amava. O marquez serenou esses arrebatamentos, disciplinou essa paixão, obrigou a imprudente a ser razoavel, e teve mais cuidado na sua reputação do que ella propria. Graças a elle, a viuva não perdeu o seu logar na sociedade cobarde e hypocrita, na qual uma mulher casada póde commetter faltas, mesmo venaes, sem que se lhe fechem as portas dos salões, se tiver um marido que acceite arrojadamente a situação. Uma viuva não póde entregar-se ás mesmas extravagancias sem se arriscar a ser notada: não tem editor responsavel para endossar os seus desvarios.

A ligação de Clemente com Manuela foi bastante discreta para não offuscar pessoa alguma. Levou-se em conta á viuva dissimular tão bem e a Clemente compromettel-a tão pouco. Era o seu costume, afinal. Nunca mulher nenhuma se arrependera de haver tido confiança n'elle.

Manuela, começando por um *flirt*, acabara n'uma paixão, e, esquecendo-se de si mesma, não admirava que esquecesse os outros. O primeiro dos outros era o conde de Brucken, que desde o principio da estação seguia M.me del Peral a toda a parte com uma constancia que não era destituida de esperança. Ella acolhia-o bem, gracejava com elle, tratava-o, emfim, como pensara tratar o marquez, e ateava graciosamente um fogo que a não inquietava. Atrelar os dois, o marquez e o conde, ao seu carro platonico, seria para ella uma prova decisiva. Depois de tal façanha, classifical-a-hiam entre as cinco ou seis mulheres superiores que representam os primeiros papeis na scena mundana.

Infelizmente, o coração transtornara-lhe os planos do espirito, e em vez de dominar Clemente, fôra ella que se lhe rojara aos pés. Emquanto a Huberto, foi abandonado, de um dia para o outro, pela formosa viuva, como se nunca tivesse existido para ella. O conde, porem, não era d'estes homens que, derrotados, curvam a cabeça e vão desabafar o seu desgosto na solidão. Vendo Manuela mudar bruscamente de maneiras sem que elle tivesse dado a mais leve causa a essa metamorphose, indagara os motivos d'essa frieza em quem, na vespera, era toda espirito e sorrisos. Não lhe custou a descobril-os, mas por acaso, poi sob a influencia de Clemente, Manuela disfarçava bem o seu amor.

Foi no baile de mascaras dado pelo principe de Santo Isidro, no seu magnifico palacio da avenida Kleber. Toda a alta sociedade parisiense e um pouco da outra estavam reunidas nos vastos e ricos salões do banqueiro napolitano. Brucken, com um uniforme de reitre allemão do seculo

XVI, que se adaptava maravilhosamente á sua estatura elevada e ao seu rosto altivo, fizera uma entrada brilhante, e procurava M.me del Peral, que devia estar vestida de bohemia. Este indicio obtivera-o de uma das amigas da condessa. Nas salas que acabava de atravessar não vira nenhuma *jitana* que se assemelhasse a Manuela. Perguntava a si mesmo se ella ainda não teria chegado ou se algum obstaculo a deteria em casa, quando uma gargalhada vibrante, a alguns passos d'elle, na estufa esplendidamente illuminada, lhe feriu os ouvidos, e, ao mesmo tempo, o coração. Adquirira, n'um segundo, a certeza de que ella se achava ali.

Entrando com vivacidade, avistou no centro de um grupo de mascaras, Clemente de Pont-Croix, vestindo o rico e severo trajo de Carlos I no retrato de Van Dyck, e dando o braço a uma mulher occulta por um dominó *gris-perle*. O capuz deitado para a frente encobria-lhe a testa, e uma mascara de veludo preto com renda, tapava-lhe a bocca. Mas, pelos dois buracos da mascara viam-se luzir uns olhos scintillantes que trahiam Manuela. Huberto vira-a muitas vezes flirtar com algum dos rapazes que lhe faziam a côrte, e nunca sentira o impeto de colera que lhe fez ferver o sangue quando a avistou pelo braço de Clemente. É que o marquez não era um galanteador vulgar; não se entretinha com brinquedos, alimentados pelo coquettismo e por favores insignificantes. Era o conquistador que chega a uma cidade, não se demora nos arredores, invade-a e saqueia-a. E Manuela ria, com um riso claro, voluptuoso, feliz, que causou um calafrio de ciume a Huberto.

Era ella, com certeza, porque, assim que elle se approximou, calou-se, receando que lhe reconhecesse a voz. Era culpada, visto que se escondia em vez de extender-lhe a mão francamente, segundo o costume. Queria esquivar-se á sua companhia, pois não vestira o fato encommendado de proposito para o baile. Talvez até lhe tivesse dado uma indicação falsa, sabendo que elle tambem iria. Dominado

pela colera, dirigiu-se ao par, que ficara mudo ao avistal-o, e cumprimentando Pont-Croix, que inclinou ligeiramente a cabeça:

— É cavalheiro de uma mulher bonita, meu caro. E parece-me que sei quem ella é...

— Se sabe, não o diga, respondeu Clemente com serenidade. Ella está mascarada: logo, quer que lhe respeitem o *incognito*.

— O segredo fica bem guardado entre nós ambos, insistiu Huberto.

— Talvez esta senhora não goste de segredos entre tres...

— Perguntemos-lhe.

— Oh! é inutil: adivinho-o.

— Gostava de a ouvir falar, ainda que fosse para dizer: «não!»

— Uma voz de mulher não é agradavel senão quando diz: «sim!»

— É isso que ella lhe diz, ao senhor?

— É bem curioso!

— Muito curioso, é verdade.

— Pois então, meu caro, agora a sua curiosidade não póde ser satisfeita...

— É a sua opinião, minha senhora? perguntou Brucken ao dominó, que escutava, visivelmente agitada, este dialogo rapido.

O dominó baixou a cabeça affirmativamente e, erguendo o leque fechado, balouçou-o duas vezes deante do rosto, como que para accentuar com mais clareza a sua recusa. Mas, quando fez esse movimento, a larga manga de setim escorregou até ao cotovelo, deixando vêr um braço roliço, fresco, enluvado de branco e ornado de braceletes, um dos quaes, de fórma muito caracteristica, chamou a attenção de Huberto. Era uma serpente de esmeraldas com a cabeça de rubis. O conde soltou uma exclamação, e, apontando para a joia, disse em tom ironico:

—Já sei o que queria saber... Não é preciso vossa excellencia falar.

—Talvez seja uma fortuna para o senhor, replicou o marquez com ar altivo. Porque esta senhora deve julgal-o severamente.

—Bem, bem! disse Brucken com uma risada, sem parecer notar a voz e a attitude offensivas de Pont-Croix. Não importa.

Curvou-se zombeteiramente deante da mulher mascarada e disse:

—Boa noute, senhora.

O marquez deu um passo afim de seguir Huberto; o dominó, porém, atravessou-se no seu caminho e murmurou com voz suffocada:

—Venha, peço-lhe.

E desappareceram na multidão.

No dia seguinte, Pont-Croix, que era o contrario de um homem paciente, enviou dois dos seus amigos ao conde de Brucken, pedindo-lhe explicações ácerca das liberdades que tomara para com elle, na vespera. Mas o terrivel Huberto não estava em disposições bellicosas. Declarou que o marquez fizera mal em tomar a sério phrases de baile de mascaras; que não pensara, de fórma nenhuma, desagradar-lhe, e que, se o tinha contrariado, estava deveras arrependido. Como Brucken não desse seguimento á aventura pelo que dizia respeito a M.me del Peral, e não mostrasse recordar-se do seu encontro, Clemente não insistiu e a questão ficou por ahi. Seis mezes depois, sobrevindo a ruina, deixou Manuela, afastou-se, e Brucken, não tendo já que luctar com semelhante rival, conseguiu que a viuva o tratasse melhor.

Comtudo, este desenlace feliz não acalmara o surdo rancor de Huberto. Pelo contrario, a sua animosidade contra o marquez concentrara-se, como se na satisfação da posse encontrasse um elemento de ciume retrospectivo. Assistira com alegria secreta ao desmoronamento da fortuna de Pont-

Croix, e, não obstante elle retirar-se da sociedade e já não lhe fazer sombra, perseguia-o ainda com o seu odio. Tendo substituido Clemente nas boas graças de M.me del Peral, nunca o substituira no coração. E, facto singular, aquelle amante desapparecido irritava-o, emquanto que Nuno, o amante presente, era supportado sem custo. Tolerara a partilha com o banqueiro, e tremia com a idéa de que a lembrança de Pont-Croix se conservava ainda no espirito de Manuela.

Da sua tolerancia para Nuno seria facil descobrir muitas e poderosas razões. A melhor e mais exacta era estar a viuva meio arruinada pela existencia que levava desde que vivia em Paris, e ter pedido os recursos necessarios á conhecida generosidade de Selim para com as amantes. A desculpa de Brucken consistia em haver ignorado durante muito tempo as relações da portugueza com o banqueiro. A sua falta era supportal-as depois de as conhecer e, em vez de se retirar, consentir que Manuela o apresentasse ao seu amigo, e o fizesse admittir na intimidade d'este. Se Huberto se achasse n'uma situação menos embaraçada, talvez se mostrasse mais altivo. Mas estava exactamente no mesmo caso que M.me del Peral. Os seus negocios complicavam-se cada vez mais, e a amisade de um financeiro apresentava-se-lhe como um beneficio celeste.

No emtanto, foi necessario reflectir um pouco antes de convencer-se das vantagens que resultariam da intervenção de Nuno. Ao principio zangou-se, protestou com violencia. Mas a colera de um amante não perturbava uma mulher que soubera envolver Esther nos laços da sua meiguice aduladora, Capaz de paralysar a hostilidade de M.elle Nuno, Manuela tinha força bastante para conter as rebelliões de M. de Brucken.

Elle tinha ido a sua casa, á rua de Napoles, e, com o rosto inflamado, os olhos negros de colera, dirigira-se-lhe com phrases amargas. Ella, recostada na *chaise-longue*, embrulhada n'um penteador elegante, deixou-o falar, pensan-

do que, para acalmar as tempestades de um coração furioso não ha nada tão salutar como abrir as valvulas das recriminações. Ouviu-o silenciosamente, polindo as unhas rosadas, e mostraudo-se extremamente enfastiada com tudo o que elle dizia. Passado um quarto d'hora, a eloquencia de Huberto decahira, e elle sentia-se um pouco desconcertado perante o mutismo da condessa. Ella, tanto mais serena quanto mais animado o via, olhava para elle de revez, e um sorriso malicioso erguia-lhe o canto dos labios. Vendo-o deante de si immovel, com as mãos tremulas e reclamando uma explicação, encolheu levemente os hombros e disse, com voz branda:

—É muito ingrato em vir ralhar comigo pelo facto de M. Nuno me distinguir com a sua amisade. Antes que o senhor desse por tal, podia eu ter quebrado as nossas relações afim de não complicar a minha vida. Pois deve notar que, se elle soubesse, por acaso, o que o senhor é para mim, podia tambem não gostar, zangar-se comigo, e creio que não exaggero dizendo que isso me custaria mais do que pôr-me mal comsigo, meu caro Huberto. Vejamos; o que quer, e para que são essas lamentações? O senhor é bastante razoavel para não suppor, um minuto sequer, que eu o despediria por sua causa. Com certeza que desejo agradar-lhe, mas não a esse ponto. Comprehenda bem isto: eu tenho cem mil francos de dividas e apenas cincoenta mil de rendimento. Ora, eu gasto quatro vezes esse rendimento; quero dizer que, para me conservar no pé em que vivo, teria de supprimir tres trimestres do anno. Isso é impossivel: a marcha das estações oppõe-se a que o faça. Por consequencia, é preciso encarar a situação como ella é, e não ameaçar destruir tudo quando se não pode reconstruir. Ora, meu amigo, o senhor está no mesmo caso que eu...

Huberto fez um gesto altivo, como se quizesse protestar, e o rosto contrahiu-se-lhe.

— Sim, tornou M.me del Peral, é bastante delicado para

não consentir que uma mulher se occupe dos seus negocios, e este assumpto desagrada-lhe. Comtudo, é preciso resignar-se a deixar-me tratar d'elle a fundo. Parece-me que esta discussão vae esclarecer tudo, e que estamos quasi a entender-nos.

O conde suspirou, inclinou a cabeça sobre o peito com ar abatido, e não tentou resistir á logica esmagadora de Manuela.

Esta continuou:

— O senhor é filho de banqueiro, mas não soube conservar o que seus paes accumularam. E' verdade que, o que era uma grande fortuna no tempo do Imperio, tornou-se uma abastança decente, com a Republica. Viute annos mudaram de tal maneira as condições economicas da existencia n'este paiz, que, d'hoje em deante, quem não trabalhar e não ganhar dinheiro, achar-se-ha reduzido á maior miseria. Chegámos a uma tal baixa de juros, que, d'aqui a pouco, o rendimento dos capitaes depositados será insignificante a ponto de não valer a pena collocar o dinheiro em mãos estranhas. Agora, em bons valores, estamos n'uma taxa de tres por cento. Não tardará muito que estejamos em um e meio. Que fortuna será precisa, então, não me dirá, encarecendo tudo muito mais, para que alguem possa viver dos seus rendimentos?

— Possue uma brilhante instrucção financeira, disse Huberto com amargura. Bem se vê que conversa com pessoas entendidas.

— E' como diz, meu caro. Selim nem sempre está bem disposto, e eu antes quero, ainda assim, que elle me falle em negocios do que em amor. Explicou-me claramente, não sem um ingenuo orgulho, qual era o seu caso e o dos seus camaradas na vida elegante. Todos os fidalgos ou apenas *gentlemen*, habeis em olhar para as moscas, vendo decorrer a existencia, estarão reduzidos, um dia, a engraixar as botas dos banqueiros ou dos grandes industriaes. Afinal, já começaram, moralmente, entende-se. E, quando se

vê o bairro de S. Germano, de sociedade com os principes, frequentar os salões dos enriquecidos na Bolsa, sejam ou não mal afamados, comtanto que a sua fortuna seja grande e os seus bailes magnificos, pode-se affirmar que soou a hora do servilismo para os filhos dos cruzados. Por consequencia, é preciso ser rico e tratar de sel-o ainda mais. O senhor e eu estamos n'uma situação proxima da indigencia. A mim resta-me o sufficiente para me retirar para o campo, a não ser que prefira ir viver de laranjas, em Portugal. O senhor vive de restos de esplendor e de uma bolsa de jogo. O scenario do palacio paterno serve-lhe de muito, faz boa figura na sociedade e possue todas as apparencias de um homem rico, mas, na realidade é apenas um homem prestes a dar á costa. Eu, no momento de naufragar, deitei a mão a uma boia de ouro. Quer fazer o mesmo? Estou ao seu dispor afim de lhe facilitar a abordagem.

Huberto ouvira com admiração o pequeno discurso da portugueza. Ella falara com grande tranquillidade, sem mudar o tom de voz, sem intenção satyrica, sem effeito de drama. Era claro, fino, exacto, como uma operação cirurgica executada por um mestre. Brucken via revelar-se-lhe uma mulher que elle não conhecia, que nunca suspeitara que existisse na condessa; uma mulher pratica, arrojada, um pouco cynica, e verdadeiramente do seu tempo. Disse comsigo mesmo: «Que forte que ella é! Quem havia de imaginar que esta bonita fronte emmoldurada por anneis de cabello negro como o ebano, occultava pensamentos tão audaciosos? E' realmente notavel e prefiro estar do seu lado a ser contra ella. Afinal, explicou-me muito amavelmente que as suas bondades para Nuno não devem irritar-me, pois o interesse é o movel exclusivo d'esses favores. E' a mim que ella ama, e só a mim. Podia deixar-me e não o fez: ha argumento mais convincente do que este?»

Manuela, que observava o seu amigo, de revez, disse, sorrindo:

— O que acabo de dizer-lhe deixou-o pensativo. Pode-se saber qual é o resultado das suas reflexões? Para que lado pende? Para o da loucura ou para o do juizo?

— A loucura agradar-me-hia mais, respondeu elle, curvando um pouco a fronte, e o juizo nunca esteve muito nos meus habitos... Mas este ultimo é bem poderoso falando pela sua boca...

— Submette-se, pelo que vejo. Tem razão e dá-me com isso uma grande prova de espirito.

— Agradecer-m'o-ha, ao menos?

— Com certeza! Mas o senhor tambem ha de agradecer a si mesmo. Ouça quaes são os meus projectos a seu respeito. Se o Huberto fosse homem que se mettesse em negocios, estou certa de que seria bem succedido, como qualquer outro, com a condicção de ser bem dirigido. O meu amigo pertence á tribu de Levi, apesar das suas maneiras nobiliarias, e, n'um debate de interesses, os seus instinctos de raça animal-o-hiam depressa. Mas creio que está pouco disposto a faltar aos seus habitos. Por consequencia, no que devemos pensar, para restaurar as suas finanças, é n'um casamento.

Huberto franziu as sobrancelhas; Manuela não fez caso e continuou:

— Veja que fortuna a sua! O que parecia dever causar-lhe desgosto, vae garantir-lhe o futuro. O homem de quem o meu amigo teve, por instantes, a fraqueza de sentir ciumes, é justamente quem lhe offerecia a occasião tão desejada, e a filha d'elle parece ter vindo ao mundo unicamente para dourar de novo o brazão de Brucken.

— M.elle Nuno? Pois pensa n'isso? exclamou Huberto.

— Penso tanto, para o senhor, que receio muito que outros pensem para elles. E se o meu plano lhe convier, tenciono dispôr tudo sem demora e embargar o caminho a todos os concorrentes. Não ignora que sou intima amiga de Esther, que exerço grande influencia no seu espirito. Emquanto ao pae sabe perfeitamente que elle nada me re-

cusa. O senhor é o genro que lhe convem. Titular, de exterior agradavel, e israelita, o que é muito importante. Se quer deixar-se guiar, este negocio estará concluido dentro em seis mezes...

Huberto ergueu-se com impaciencia, e fitando a bonita portugueza com olhos abrazados:

—Mas eu amo-a, Manuela, e não tenho desejos nenhuns de me casar ..

Ella desatou a rir, e, em tom ligeiro:

—Quem lhe diz que me não ame? Case-se sempre. Veremos se sua mulher poderá conseguir que me esqueça.

Huberto protestou por fórmalidade, mas a fraqueza da sua resistencia provava que elle estava prestes a ceder. Tendo ído a casa de Manuela para a censurar com violencia, partiu agradecendo-lhe o que sonhara para elle. Estava-lhe reconhecido por ella o ter enganado fazendo-o aproveitar com isso. Poucas capitulações mais immoraes podiam ligar um homem a uma mulher. Este negocio concluira-se com tranquillidade e lucidez perfeitas. Um não ignorava o que acceitara, a outra sabia muito bem o que tinha proposto. Esther era o fim da negociação, e, em algumas palavras, os dois contractantes decidiram a sua sorte.

Ainda não decorrera uma semana quando Brucken, já notado por Nuno como um *sportsman* notavel, era admittido na intimidade do banqueiro, graças á intervenção de M.me del Peral. Selim, que entendia de cavallos como um cego entende de pintura, gastava enormes quantias com a sua cavallariça, e não obtinha resultado algum. A coudelaria de Chambourcy, que comprara ao duque de Bligny, era magnifica. As suas eguas de creação eram de fina raça, e possuia padreadores illustres. Mandara vir de New-market o filho do celebre Heinsbury, para lhe educar os poldros. E era sempre vencido, mesmo nas corridas em que a victoria parecia não dever escapar-lhe.

Menos tenaz, menos orgulhoso, Nuno teria já renunciado a essa despendiosa phantasia, mas todos os grandes finan-

ceiros possuiam uma cavallariça de corridas, um yacht a vapor e uma tapada para caça. Estes *sports* eram a prova de uma grande fortuna; o banqueiro devia, portanto, cultival-os, e, quanto mais caros elles sahiam, mais necessario era persistir. Dizia-se: «Como este Nuno deve ser rico para fazer similhantes despezas!» Só por esta declaração era elle capaz de atirar milhões pela janella fóra. Comtudo, era negociante e desejava que o seu dinheiro lhe obtivesse alguns lucros.

A datar do dia em que levou Huberto a Chambourcy e o apresentou aos chefes de serviço como seu representante hyppico, chegando mesmo a insinual-o como seu socio tudo mudou. O celebre Heinsbury foi posto na rua, antes de quinze dias, tendo-se verificado que elle fazia perder os cavallos do amo, de connivencia com um *book-maker* em cujas mãos depositara alguns fundos. Foi substituido por um simples *jockey* que, por acaso, era tão honrado como habil. Brucken, installado na coudelaria durante uma estação, levantava-se ás quatro horas da manhã para ir vêr os poldros de Nuno galoparem por cima do orvalho. O resultado não se fez esperar. Na primavera, a cavallariça tão escarnecida triumphou em corridas importantes, e, em Deauville, o premio das garranas foi ganho por Mandragora. Selim exultou. Nunca mais jurou senão por Brucken.

Quando tinha a alegria deliciosa de assistir á volta de um dos seus cavallos victoriosos, no intimo da consciencia attribuia todo o merito d'esses triumphos a Huberto. Este, com perfeito tacto, deixava as honras da victoria a Nuno. No *turf* nunca falava nos cavallos. Nunca penetrava no salão dos proprietarios. Não queria mostrar que dirigia a cavallariça do banqueiro. Quando lhe falavam a respeito de um cavallo de Selim, fingia não saber nada ácerca dos projectos d'este. O animal corria ou não corria? Era Selim que devia decidir isso, assim como decidia tudo. Se tivera tantos contratempos, era porque o seu picador o roubava.

Elle mesmo descobrira a fraude, puzera tudo em ordem, e mais ninguem mandava em Chambourcy.

A vaidade de Nuno foi assim habilmente afagada por Huberto. E, querendo recompensal-o dos serviços que elle lhe prestava, Selim pediu-lhe que lhe entregasse uma quantia de dinheiro, restos do seu patrimonio, e encarregou-se de fazel-a fructificar na Bolsa. D'ahi em deante, Brucken não teve precisão de jogar no *Club*. Nuno jogou por elle e sempre com acerto. Além d'isso as apostas que fez nas corridas foram extraordinariamente lucrativas. Parecia que tudo o que se aproximava de Nuno era favorecido pela sorte e que na atmosphera do banqueiro se respirava ouro. Ainda não havia um anno que Huberto se tornara amigo intimo de Selim, e já lhe era indispensavel. Esther recebera-o com sympathia quando elle lhe fôra apresentado por M.me del Peral. Foi no momento em que a encantadora mulher se apoderou completamente do espirito de M.elle Nuno. As acções de graças que seu pae rendia sempre a Brucken, dispunham-a favoravelmente para com esse homem precioso, que, afinal de contas, era um rapaz amavel. Comtudo, na physionomia de Huberto, quando se não julgava observado, havia uma certa dureza que impressioneva desagradavelmente Esther. Pensava que elle não devia ser bom, que fingia sel-o, unicamente. Ora, para aquella natureza franca, sem rodeios, a falsidade era o peor dos defeitos. No emtanto, como no procedimento de Huberto cousa alguma confirmasse esta impressão, ella chegava a censurar-se pelo que julgava serem prevenções injustas. Tinha affeição a Manuela, e recebeu favoravelmente o seu protegido.

Esta maneira de ser não mudou senão com a descoberta fatal dos laços que uniam seu pae á formosa portugueza. E Huberto sentiu a repercussão da mudança que se deu no espirito de M.elle Nuno. A attitude de Esther modificou-se de um dia para o outro. Na vespera era tratado como um commensal agradavel, da mesma maneira que Termont,

La Brède e du Tremblays, que Esther conhecia desde a infancia. No dia seguinte achou uma physionomia glacial, um sorriso contrafeito, um aperto de mão esquivo. A desillusão causada por Manuela tornava verosimeis os maus presentimentos que Huberto lhe inspirava. Se uma trahira assim a confiança da amiga, o outro podia tambem enganal-a. A indignidade da mulher tornava provavel a indignidade do homem. Para se darem bem, deviam parecer-se um com o outro. O protegido não valia mais do que a protectora.

Comtudo, a consciencia leal de Esther protestava contra esta sentença. Tinha razões para condemnar Manuela, mas não havia nenhuma para condemnar Brucken. Podia desconfiar d'elle, nada mais. O seu procedimento não lhe dava o mais leve motivo para accusal-o. Huberto teve a noção clara do que se passava no cerebro de M.elle Nuno, e prevenira Manuela. Esta tranquillisou o seu alliado, promettendo-lhe ganhar junto de Selim o terreno que perdia na amisade de Esther. Em resumo, o que elle queria era ser genro do financeiro: encarregava-se ella d'isso. Era preciso que aquella insolentesinha, que lhe tornava a existencia tão difficil, sentisse que não era senhora absoluta, e ella trataria de lh'o provar.

Começara então a cercar Nuno, plantando as primeiras estacas do bloqueio. A tarefa não era ardua e metade já estava feita. Fora dos seus negocios, havia poucos homens tão faceis de illudir e de enganar como Selim. Terrivel no seu gabinete e na Bolsa, no meio dos especuladores e dos agiotas, em casa, rodeado pelos amigos intimos, era simples e bondoso. Esse homem que estrangulava adversarios financeiros, sem pestanejar, que combinava friamente as mais abominaveis tramoias para lograr os concorrentes, mostrava-se generoso e compadecido. Presenteava os amigos, as amantes, os indifferentes. Dir-se-hia que se duplicava, de tal maneira o abutre se fazia pombo. Já teria praticado extravagancias por Manuela, se esta, muito habil,

não quizesse provar-lhe que o amava só por elle. Ainda não lhe acceitara nenhum favor. Foi preciso elle zangar-se para a obrigar a receber, no dia dos seus annos, algumás joias esplendidas. Manuela pegara nos estojos que Nuno lhe levara, com uma tristeza humilhada que deixara o financeiro desolado e, ao mesmo tempo, cheio de alegria. Uma mulher que apenas olhava de relance para uma *rivière* de diamantes de trezentos mil francos, e deitava os braços ao pescoço do doador, murmurando-lhe ao ouvido: «E' só a ti que quero!» uma mulher tão forte devia levar muito longe um homem apaixonado. Seria capaz de obrigal-o a vêr estrellas com o dia claro, e quando lhe dizia: «O seu unico amigo verdadeiro é Brucken,» Nuno tinha provas tão numerosas d'esta affirmação, que nem ao menos pensava em verificar se era exacta.

Huberto era-lhe tão indispensavel como Manuela, e quando elle, por sua vez, lhe dizia: «O senhor não tem senão uma amiga sincera e dedicada, é M.me del Peral», Selim acreditava-o, affirmal-o-hia deante de Paris inteiro, seria capaz de apostar a cabeça em como isso era verdade. E pensava: «Minha filha, Manuela e Huberto, é tudo o que no mundo existe para mim. Se o fogo celeste abrazasse o resto da humanidade e eu pudesse salvar-me com estes tres seres, a vida parecer-me-hia ainda boa!» Pobre Nuno! Dava mais de duzentos mil francos por anno a Brucken, com o pretexto de dividendos, acções desempenhadas e outros pequenos suffragios financeiros. E, no emtanto, não se julgava quite para com o amigo, pelos serviços que este lhe prestava. Effectivamente, não poderia encontrar um administrador capaz de executar os prodigios que Brucken realisara em Chambourcy, sem que lhe custasse muito caro, e não ficaria com as honras que o conde lhe deixava. Dir-se-hia: «Nuno tem um bello entraineur: desde que mandou vir fulano é que a sua cavallariça melhorou;» ninguem dizia: «Foi Brucken que poz a coudelaria de Nuno no pé em que ella está.» Quando deitava as contas ao que o seu

amigo lhe custava, vía-se obrigado a confessar que era quasi de graça, e que um bebado de um Inglez, insolente e ladrão, custar-lhe-hia muito mais.

Foi elle o primeiro a falar no casamento de Huberto com sua filha. Manuela teve artes de obrigal-o a isso. Suggeriu-lhe todos os argumentos que militavam a favor d'esse projecto, sem proferir o nome do conde. Foi uma obra prima de habilidade. Traçou mil regos pelos quaes fez passar Nuno, regos que iam todos dar a Brucken. No dia em que, em casa d'ella, o financeiro chegou a dizer n'um momento de expansão: «Um homem como Huberto é que eu queria para minha filha», Manuela exclamou, como que illuminada por uma idéa subita: «Oh! que boa lembrança!» Depois, passado um instante, diligenciou combatel-a. Foi uma scena maravilhosamente representada. O rosto carregou-se-lhe, e ficou triste, extendida na *chaise-longue*, emquanto que Selim lhe remexia as rendas das mangas, assustado ao vel-a de repente silenciosa e preoccupada.

— O que tem, minha querida? disse elle, afagando com a mão grossa e trigueira os finos e brancos dedos da viuva. Emmudeceu repentinamente.

Ella, como se fizesse um esforço para se arrancar á meditação, ergueu para Selim os olhos a que elle não podia resistir, e respondeu:

— Estava reflectindo a respeito do que me disse de Brucken e que, á primeira vista, me pareceu excellente...

— E depois de reflectir, acha que é mau?

— Não. Porque uma idéa sua nunca póde ser má de todo. Comtudo, occorreram-me algumas objecções importantes, que me perturbaram, confesso... É uma questão delicada, casar uma menina como a sua, tão encantadora, tão boa, tão intelligente, tão rica!... Além d'isso, pertencendo a uma religião em que os homens que poderiam aspirar a ella, isto é, de boa familia, maneiras distinctas, de boa sociedade e aspecto agradavel, são raros...

— E Brucken não reune todas essas condicções? interrompeu Nuno com vivacidade.

— Com certeza; mas, para mim, tem um defeito enorme: ter sido eu que lh'o apresentei, e, por este facto, ficar com uma grave responsabilidade se o meu amigo realisar esse projecto.

Nuno não falara claramente em dar a sua filha a Huberto; dissera só isto: «Ahi está um homem que me convinha para genro.» E Manuela já transformava esta impressão, subitamente manifestada no abandono da conversa, em um plano estudado com reflexão.

— Mas que responsabilidade, querida amiga? perguntou o banqueiro.

— A do futuro de uma creança a quem ambos queremos tanto. Não é bastante para me inquietar? Que precauções se hão de tomar, que garantias se hão de exigir que sejam sufficientes, quando se quizer entregar essa adoravel Esther a um marido? É verdade que Brucken tem boa presença, é titular e pertence á sua religião, uma das cousas mais importantes para o meu amigo.

— Não consentiria, de maneira nenhuma, que minha filha desposasse um christão! disse Nuno com uma aspereza em que se manifestava a lembrança das perseguições soffridas, de geração em geração, durante seculos.

— E, no emtanto, se tivesse um filho, não lhe causaria horror vêl-o casar com uma christã...

— Isso é muito differente... A mulher é conquistada pelo homem. Elle domina-a, subjuga-a, fal-a sua... Perde a nacionalidade, a raça, as idéas, é como que absorvida por elle. Se eu désse a minha filha a um christão, era o mesmo que perdel-a. Morria para mim!

Estas palavras foram ditas em tom de verdadeira dôr.

— Socegue, disse Manuela brandamente. Não se trata d'isso; pelo contrario. Mas, voltando a Brucken, elle já não tem nada, não trabalha, e o senhor reprova a ociosidade.

— Pelo que diz respeito á fortuna, o argumento é sem

valor, disse Nuno: eu sou bastante rico para acceitar um genro arruinado. Emquanto á ociosidade, não me parece que seja tão grande como diz: Brucken trabalha muito para mim, e esse homem ocioso muitas noutes deve estar mais fatigado que algumas pessoas que pretendem andar sempre atarefadas.

— O senhor tem resposta para tudo! disse Manuela com um gesto de amuo. Pois aquelle rapaz agrada-lhe a esse ponto?

— Veja se encontra um pretendente que o valha!

— Não sou eu que devo procurar maridos para sua filha. Acho que seria a maior das inconveniencias entremetter-me nos seus negocios de familia. Além d'isso, bastava Esther saber que eu protegia um candidato para embirrar com elle immediatamente...

— Que infelicidade, a pequena deixar de ser sua amiga! suspirou Nuno.

— A unica pessoa que não deve queixar-se d'isso, replicou Manuela com um sorriso malicioso, é o senhor... Ella já não gosta de mim por eu gostar excessivamente do meu amigo.

O rosto de Selim illuminou-se. Nunca experimentara taes satisfações de amor proprio. Elle, que fôra tão enganado e tão maltratado por mulheres de má nota, que chegara a supportar tudo, para não se privar dos seus gosos, via-se amimado, afagado, estremecido por aquella bonita, espirituosa e elegante mulher. Como poderia pagar similhante felicidade? O que poderia inventar que recompensasse Manuela das suas attenções delicadas?

— Hei de conseguir que façam as pazes, disse elle collocando na fronte a alva mão da condessa, com uma especie de devoção amorosa. Esther é tão minha amiga, que ha de estimal-a quando vir que Manuela me suavisa e alegra o fim da vida...

— O fim da sua vida, Selim? interrompeu Manuela com vivacidade. Que está dizendo? Um homem de cincoenta

annos, no fim da vida? Mas, meu amigo, nós envelhecemos juntos... Somos da mesma edade: eu tenho vinte e cinco annos e, quando Selim fôr velho, sou eu velha, tambem.

Nos olhos de Nuno brilhou uma lagrima. A sua paixão fizera-o bastante ingenuo para acreditar o que Manuela dizia, e para se sentir commovido no mais intimo da alma. Pensou: «O que seria de mim agora, se a ternura d'esta mulher me faltasse? devo ligar-me a Manuela de maneira que ella nunca me deixe. Quero acabar os meus dias entre ella e Esther. Que alegria, vêr estas duas creaturas encantadoras e adoraveis acompanharem-me sempre, andarem de um lado para o outro, em minha casa!...»

(Continúa)

Georges OHNET.

O HERÓE DA ARENA

(Ao professor Sousa Martins)

Correra tudo ao Circo. Á voz dos pretorianos
No vasto amphitheatro agrupam-se os romanos;
Disputa-se um logar; o mesmo ardor inflamma
A plebe, o cavalleiro, a cortezã e a dama...
O sangue vae correr; na humedecida arena
Prepara-se a tragédia, a formidavel scena,
Tão familiar, tão grata aos hystriões do imperio,
Como ao romano antigo a guerra ao celtibério.

Na orchestra o senador de longas barbas brancas
Nostálgico contempla as trinta portas francas
Da vomitoria immensa e nas quatorze filas
Da ordem cavalleira as languidas pupillas
Das netas dos heróes inflammam-se aos olhares
Da turba ignota e vil dos rudes populares.
Era um gaudio feroz! Nas ultimas galeras
Tinham chegado a Roma as collecções de féras,
E o povo em densas mós, em massas delirantes,
Correra a victoriar na arena os elephantes.

Aos urros collossaes dos torvos pachydermes
Gelavam-se de espanto as multidões inermes,
E os miseros christãos no ergástulo encerrados
Brandiam contra os céos os membros torturados.
Era o supremo horror da tragica epopeia
Do imperio a desabar... Depois de lauta ceia,
Propércio, um candidato illustre e cavalleiro,
Citára o povo á festa, ao béllico terreiro,
E o povo triumphante em jubilos sorria,
Julgando-se maior que as pompas d'esse dia!

No bronzeo pedestal, dos césares campeiam
As signas imperiaes: mil flammulas ondeiam
Dos ventos ao sabor no pódium gigantesco.
Por toda a parte um luxo enorme, principesco,
De purpuras e oiro e estatuas se condensa,
Como um tributo pago áquella turba immensa
Por um rico senhor cem vezes millionario.

Ha no centro do Circo um portentoso aquário
De jacarés povoado e tubarões famintos,
Dez monstros colossaes, phosphóricos, retintos
Da negra côr da morte e, em rapidos cardumes,
Exhalando os clarões de enormes vagalumes.
Em nautica refrega á flôr das aguas vogam
Tri-remes d'alto bôjo, e os tristes que se affogam
Cortados pelo ferro, encontram na agua escura,
Nas fáuces d'algum monstro aberta a sepultura.

Nero, o sombrio heróe dos feitos legendarios,
Recusa tenazmente a vida aos arenarios,
E, aos requebros sensuaes das gregas prostitutas,
Dos ganimédes vis, das mauras dissolutas,
Ordena que os plutões, herculeos, vingadores,
Esmaguem a martello a fronte aos vencedores...

E Espártaco não surge á frente dos escravos,
Á frente dos heróes, dos seus setenta bravos?!...
Ninguem disputa aos céos a immorredoira gloria!...

«Espártaco é só um no pantheon da Historia!»

II

Mas não fôra sómente a crua espectativa
De ver rolar na arena uma cabeça altiva,
Nem o gozo cruel dos comicos tregeitos
Dos belluários vis sentindo sobre os peitos
As garras dos leões rasgando-os ferozmente,
Que assim povoára o Circo. O povo impaciente,
Colérico, assistira ao torvo desbarate
Das ceruleas facções, ao poderoso embate
Das naves, á agonia, á estrophe derradeira
Do tenebroso drama, á faina zombeteira
Do célere mercurio, e a voz da popnlaça
Conservára-se muda e silenciosa a praça!

Propércio, o candidato, ao povo seu bemquisto
Doára um gladiador de esforço nunca visto,
E os bronzeos corações phreneticos batiam,
Por seculos contando as horas que fugiam...
Trouxera da Aquitania um montanhez dos Alpes,
Robusto britador vivendo nos escalpes
Da aspérrima montanha á guisa dos selvagens.
Em suas excursões, phantasticas viagens,
Ao Sul, ao Norte, á India, ás terras do Levante,
Nunca Propércio vira um homem similhante,
Nem tanta robustez unida a tanto esforço.
Na curva esculptural, granitica do torso,
Do Semideus lembrava a athlética pujança...

Vira-o depois bater-se e na Allemanha, em França,
Vencer, calcar aos pés, athletas invenciveis,
Espedaçar na arena os monstros mais terriveis...
Na terra em que nasceu diziam-no anthropóphago,
De estomago de ferro e tolerante esóphago...
E o povo, essa creança ingenua, antegostava
Do barbaro gaulez a furia estranha e brava...

III

Horrisono clamor da popularia ruda
Do tétrico guerreiro a apparição saúda.

Se o genio da estatuaria em moles de granito
Quizesse esculpturar a fronte d'um precito,
Na horrenda catadura, esqualida, sombria,
Do tenebroso athleta o molde encontraria.
Seu rosto sepulchral, biparte-o fundamente
Da barba até á fronte o sulco d'um tridente.
Cobrem-lhe o largo peito enormes cicatrizes,
Das garras dos leões phantasticos matizes,
Bôcas por onde a morte em prelios truculentos
Intentara arrancar-lhe os ultimos alentos.
Beijam-lhe a espadua herculea os seus cabellos, soltos
Como as crinas d'um elmo, e formam-lhe, revoltos,
Uma hedionda couraça os longos pellos ruivos.
A voz — uma blasphemia articulada em uivos —
Nos animos aviva, inflamma a conjectura
De ser um cannibal a horrenda creatura!...
Enlevam-se d'amor as virginaes patricias...
E Nero, o proprio Nero! as languidas caricias
Das cortezãs, ao vel-o, extatico repelle...

Nos hombros semi-núa a ensanguentada pelle
D'um buffalo trazia; em seu robusto collo,

Suspensa da correía, a aljava a tiracollo
Despedia os clarões metallicos das settas.
Na destra, a immensa clava, a maça dos athletas,
Atlástico brandia; — a espada recta e longa
De hispanico modelo á esquerda se prolonga.
Affeito, na montanha, em sanguinosas brigas,
A espedaçar d'um golpe as frontes inimigas,
Sómente no vigor dos musculos assenta
Seu plano de victoria, e escudos, e ornamenta,
E malhas e broqueis e finas redes dúcteis,
Coxotes e braçaes... dispensa-os por inúteis.

Puzeram-lhe defronte um bando de guerreiros
Das insidias da arena os rabulas primeíros,
Os principes da esgrima, os velhos luctadores.

Encara-os friamente o rei dos gladiadores
E á imperial tribuna os olhos levantando
Saúda a Magestade, e ao sanguinario bando
De subito arremette... Em rábida peleja,
De settas e farpões, indómito os vareja...
Mas antes que ao temor succeda a persistencia
De tal maneira ao grupo affronta a resistencia,
Que, em meio d'essa mó brandindo a herculea maça,
Co'as peças da armadura os craneos despedaça.

Fugiam d'arrancada uns doze combatentes,
Reliquias d'esse bando heroico de valentes,
E como se na lucta, em poderoso assalto,
Sobre elles desabasse um muro de basalto,
Assim da herculea maça um choque formidavel
Detem, retalha, esmaga, a turba miseravel...

Do intrepido gaulez a mão cruenta, avara
De morticinio, a clava ao grupo arremessara....

Das ondas d'esse mar de sangue e d'armas rôtas
Ergueu-se lentamente um gladiador do Eurotas,
E, sopesando a maça, ao vencedor convida
De singular combate á nova e extranha lida.
Não hesita o gaulez e, em rapido sarilho
Floreando a enorme espada, o ultimo caudilho
Derriba exangue aos pés. A lamina possante
Fendera a maça, o elmo, o craneo do gigante.
Mas ao rigor do golpe a espada ferrea e dura
Deixara-lhe nas mãos — sómente a empunhadura!...

Chovem aos pés do athleta as joias consulares,
As gemmas da patricia, os limpidos collares,
E Nero, d'esse feito heroico arrebatado,
Co'o manto lhe arremessa um beijo apaixonado...

VI

Ribombam pelo espaço, energicas, potentes,
As notas marciaes das tubas refulgentes.

O intrépido gaulez, cuja brilhante espada
Fendia, ao lampejar de cada cutilada,
Capacetes de heroes e craneos de pantheras
Aguardava tranquillo o arremetter das féras.

Ao mavorcio clangor da pretoriana tuba
Moveu-se a corrediça; um leão de negra juba,
Despotico senhor dos montes africanos,
Galgóu d'um salto a fossa. Os pávidos romanos
Tremiam só d'ouvir-lhe a voz alti-sonante
Na arena a ribombar como um trovão distante.

Confiado no vigor athletico dos braços,
O peito a descoberto, as armas em pedaços,

O invencivel heroe das Gallias cisalpinas
Moveu-se contra a féra; em contracções felinas
Do salto a força mede, o impeto calcula...

Mas subito o leão distende a garra e pula.

Co'um murro colossal vibrado em plena fronte,
Como se alli pousasse o pé d'um masthodonte,
Do craneo espedaçado o encéphalo jorrando,
Derriba aos pés o athleta o monstro miserando.

No vasto amphitheatro um cantico de gloria
Do gladiador sauda a esplendida victoria,
E Nero, enthusiasmado, ao seu real thesouro
Pede e vota ao gaulez cem mil sestericos d'ouro.
Depois... desviando cauto um ganimedes jonio,
Segreda uma palavra ao lepido Petronio...
Desce á arena o poeta e sem que nada hesite
Com gesto affabil, brando, ao gladiador transmitte
Do seu real patrono uma proposta infame...
Do Collisseu fugindo e ao palrador enxame
Das cortezãs que a Fama em seu redor apinha,
De Nero, o pederasta, aos antros se encaminha
N'um carro triumphal o vencedor da arena.

V

Desmaia no horisonte a lampada serena
Das noites, e o rumor phrenetico da orgia
No palacio de Nero a instantes recrescia...

Já tinham succedido aos licenciosos jambos
De hellenico sabor os rudes dithyrambos,

E as facecias d'alcouce aos rendilhados threnos
Das boccas juvenis das cortezãs de Lemnos,
Quando em meio da festa a immensa claridade
D'um vasto incendio abrasa os muros da cidade.

N'um ricto de cruel, feroz contentamento,
Do cesar se confrange o rosto amarellento.
Petronio ás Musas brinda, ao Fogo, á rubra côma
Da meretriz do Imperio, a calcinada Roma.
E emquanto o incendio lavra as cupulas e morros
Da cidade immortal, circula a plenos jorros
Nas taças o licor da campaniana vide...

Cerrando a egregia mão do victorioso alcide
Com elle á alcova desce, e ao panorama horrendo
Da consternada Roma os olhos distendendo,
Como o tigre ensaiando em tremulos gorgeios
Um madrigal á pomba, assim dos cavos seios
De Nero, o algoz do mundo, em trinos se desata
De torvo epithalamio a limpida volata:

«Se para celebrar teus sanguinosos dramas
Veste a noiva de Nero a purpura das chammas,
Alma gemea da minha, arrasta-me aos baldios,
Da tua impura essencia, aos baráthros sombrios,
E saberei então—em lagrymas ímmerso—
Beber por uma taça o sangue do Universo!»

.....

Do herculeo sodomita aos ascorosos beijos
Inflammam-se do monstro os lubricos desejos.

.....

E quando o sol rompia acerejado e lindo,
Da rubra côr do incendio as fraguas colorindo,
Negrejava o perfil d'esse guerreiro... austero
Nos braços sensuaes, torpissimos de Nero!...

FREITAS E COSTA.

PRINCEZINHA

II

(Continuação)

Emquanto voltava as paginas, batia-lhe o coração com mais força, e avermelhavam-se-lhe as maçãs do rosto. Não poderia definir o que a perturbava e a deliciava como se tivesse respirado o perfume capitoso de uma flôr vinda de muito longe, e que se não parece com as outras flôres, que dá a sensação do desconhecido, do paiz onde se desejaria ir, para ahi viver até ao ultimo dia. Estava deslumbrada com aquella apotheose em que o amor se revelava aos seus sentidos, lhe apparecia tão bello, tão grande, tão dominador, como se fosse o anjo adoravel das Annunciações. Invejava a sorte da avó, que tivera a felicidade de amar e de ser amada, e a onda d'aquellas ternuras arrebatava-a, afogava-lhe o ser em uma languidez mysteriosa. Devaneava ao mesmo tempo que lia, encostada, com a face em braza apoiada na palma da mão. Nunca nenhum livro, nem mesmo os romances que ella ia buscar ás escondidas á bibliotheca, a tinham interessado a esse ponto, e, de repente, parou, atormentada por uma angustia surda. O tom d'aquellas notas tomadas dia a dia estava tão mudado, tão

triste, que lhe parecia seguir as impressões de uma outra mulher, e começar uma nova historia.

M. de Resclauze tivera medo d'aquelle amor que se prolongava mais do que um passatempo, que tomava uma apparencia de paixão séria. Furtava-se, e espaçava cada vez mais as suas visitas ao palacio. A sua indifferença calculada, a sua glacial e altiva polidez de grão senhor, que procura o pretexto de um rompimento, os conselhos ironicos de homem experiente e gasto, que elle lhe dava sorrindo, tinham aberto os olhos de Coletta, quebrado o encanto que os cegava. E ella havia-se retrahido altivamente, não lhe tinha dirigido nenhuma censura, nenhuma supplica para o reter nos braços, desempenhando sem uma fraqueza o papel atroz que a exhauria, occultando sob alegrias mentirosas, risos agudos, a dôr que a minava até ao fundo d'alma. Elle não lhe vira as lagrimas. Coletta supportara corajosa a provação suprema, redobrando de garridice, não se esquecendo nem de pôr as suas môscas, nem de perfumar as suas rendas, nem de polvilhar os seus cabellos, e quando pela derradeira vez os labios do duque tinham pousado na mão d'ella, a abandonada não se deixara succumbir, nem sequer desfallecera; tinha murmurado n'um tom muito brando:

— «Desejo-lhe muita felicidade, meu caro Jayme, tanta felicidade como aquella que me deu!»

E andando lentamente, sentindo a cabeça n'um remoinho, percebendo que lhe fugiam as forças, que estava a ponto de cahir, M.me de Séganzac retirara se para o seu quarto de vestir, para estar mais só, entregue inteiramente á sua magua irreparavel, para chorar, chorar sem descanço, chorar até seccar os olhos, até queimar as palpebras, como deve succeder aos que vão endoidecer no meio de soffrimentos horrorosos.

O diario não continha em seguida senão breves reflexões, — os échos dos longos suspiros que agitam o peito por instantes, no meio dos devaneios, — phrases curtas,

que revelavam o estado doloroso d'aquelle coração para sempre ferido.

«Eu queria regressar á côrte, para a companhia de M. de Séganzac e tive medo, não pude decidir-me a sahir da minha solidão, a deixar este solar onde me parece que reside ainda um pouco do passado, ternuras tão depressa extinctas. O que fará Jayme agora? Ter-me-ha esquecido completamente? Oh! se eu tivesse de encontral-o de novo, de vêl-o talvez ao lado da pessoa que me roubou o seu amor, de soffrer esse supplicio peior que todos os outros, creio que morreria immediatamente! Mas como correm lentos os dias quando se está inteiramente só, quando a gente guarda para si as suas saudades e o seu desgosto; como esta natureza é triste, e como me sinto cançada de viver!»

«Felizes aquelles que nunca foram felizes, que ignoram o amor!» havia ella escripto unicamente em uma outra pagina.

«Hoje, emquanto Lisette me penteava, eu não conseguia reconhecer-me no espelho. Como a tristeza nos envelhece! Dentro em pouco, com as minhas faces brancas, as minhas rugas e os meus pobres olhos gastos pelas lagrimas, serei parecida com uma avó, e comtudo ainda não tenho vinte e sete annos.

«Como é possivel que eu o ame ainda tanto como no primeiro dia, que eu pense n'elle incessantemente, que eu sonhe com elle durante o meu somno e que não tenha a força de lhe querer mal pelo seu abandono? Imagino algumas vezes, que voltará aqui implorar o seu perdão, que me não arrancou inteiramente do seu espirito, que se lembra das nossas bellas ternuras, e que estas não foram unicamente um fogo de vistas. E isso restitue-me forças, garridice, mocidade. Penso em encommendar vestidos novos para lhe agradar, quero ser bonita como era quanod elle

me conheceu, remexo os meus cofres de rendas e de joias, e Lisette mostra-se deslumbrada, arde em desejos de me interrogar, parece satisfeitissima por me ver reviver...»

Vinha, por fim, esta ultima nota lamentavel e brusca como um dobre funebre durante a noite:

«Volto da missa que mandei dizer pelo repouso da alma do duque de Resclauze, o qual ficou entre os mortos na derrota de Rosbach. Roguei a Deus para que o recolha no seu paraizo e não tendo mais nada a esperar, nem a amar na terra, desejo juntar-me com aquelle a quem amei, e acabar com uma existencia que me é pesada. Amen.»

Renata enxugou as lagrimas que lhe corriam ao longo das faces.

O sol declinava no poente. O *boudoir* silencioso era invadido por sombras vagas e por clarões rosados. Ella tornou a collocar piedosamente as cartas no cofre, o caderno na sua capa de veludo e a pôr tudo no logar aonde estava, atraz das pilhas de livros velhos.

Tinha o cerebro em braza, as pernas fatigadas como se tivesse dado um longo passeio, e o rosto tão alterado que, no fim do jantar, M.me de Lavorède impressionou-se, e interrogou-a com uma anciedade profunda:

— Tu escondes-me alguma cousa, minha querida, tenho a certeza d'isso, insistia ella. Nunca te vi com os olhos assim...

— O que hei de eu ter, maman? disse Renata, affectando rir para tranquilisal-a, — a maman está a toda a hora a inquietar-se sem motivo, — e envergonhada por ter mentido, com o segredo á flôr dos labios, correu para a janella aberta, e depois exclamou, de repente, com uma voz grave que surprehendeu M.me de Lavorède: — Eu nunca hei de casar; os homens são muito maus e nenhum era capaz de

amar-me, como sou amada pela minha querida mamansinha!

... E como se o acaso se tivesse empenhado em arrancar-lhe do coração todas as illusões, em pôl-a em guarda contra o amor cujos dias immediatos aos de festa eram tão terriveis, a Princezinha recebia em breve uma segunda lição tão desencantadora como a primeira...

... M.me de Lavorède conservava, por caridade, como engommadeira, no palacio de campo, uma orphã a quem havia recolhido outr'ora, quasi perdida na rua. Affeiçoara-se a essa creança que crescia a par de Renata, e que muitos tomavam por sua irmã collaça. E mostrava-lhe, por isso, mais indulgencia do que aos outros creados, não podia decidir-se a despedil-a, lembrava-se que a tinha trazido pequenina nos braços, revia-a sempre no fundo da sua memoria, tão fraquinha que ninguem lhe teria dado uma semana de vida, fazendo ali ó vel-a, com as faces cavadas, os olhos dilatados pela fome e pelo medo de lhe baterem.

Justina, sentindo a redea frouxa, abandonava-se aos seus instinctos de rapariga precoce, adormecia sobre a costura ao quarto ponto, não pensava senão em enfeitar-se, fazer-se bonita, demorando-se parada em frente de todos os espelhos. Tinha mãos de menina fina, e a mancha vermelha da sua bocca entreaberta, o brilho da sua pelle, os clarões profundos e ardentes das suas pupillas, onde chammejavam appetites inquietos, a sua roupa aceiada, os lenços de seda vistosos, que ella atava no alto da cabeça, o habito que tinha de rir e de replicar ao minimo cumprimento, attrahiam os homens á sua sombra como gerifaltes que espiam avidamente uma presa. Ás vezes, M.me de Lavorède falava a esse respeito com o cura da aldeia, entre duas partidas de xadrez:

— Não sei porque é, que andam todos atraz da rapariga, dizia ella, e verá que m'a perdem, como tem succedido com as outras, senhor padre cura!

E o pobre homem abanava a cabeça, e respondia n'um tom resignado:

— Que lhe ha de fazer, minha senhora, é o unico modo que ellas têem de arranjar marido!

E ninguem poderia imaginar que aquelle coração indocil tinha já achado o seu senhor, que o jardineiro da casa a domava a pouco e pouco, e lhe ensinava o amor como se ensina a falar a uma creancinha. Pierrou Cadillés era casado, e Justina, ao principio, tinha-o repellido com mais dureza que os outros. Comtudo, não podia deixar de pensar n'elle. Fazia-se córada logo que elle se approximava, e muitas vezes tinha chorado pensando na felicidade que teria sido para ella pôr a sua mão na d'elle, entregar-lhe a sua fé, ser sua mulher. Queria fugir-lhe, e não tinha força para o fazer. Repellia-o e maltratava-o, mas com tal paixão, com tão injustas censuras, que elle sorria e cada vez a cortejava mais ternamente. E exhausta de coragem, incapaz de se dominar por muito tempo, tinha-se rendido, tinha cedido aos rogos que a imploravam.

Desde esse dia, Justina não teve mais um minuto de repouso, conheceu aquella suggestão que orienta o pensamento para um fim invariavel, que innunda o ser de delicias e de angustias, o consome, o anniquila em soffrimentos sem causa.

Espiava o jardineiro, esperava-o nas ruas obscuras do parque, nos corredores, nas vinhas, para o enlaçar nos braços, embora apenas por alguns segundos, para apertar a bocca de encontro á d'elle e estancar ahi a sêde de amor. Recomeçava a ter ciumes d'aquella que occupava a alcova de Pierrou e que ahi dormia todas as noutes. Essa idéa atormentava-a, e chegava a desejar a morte da essa rival. A amisade mentirosa que devia testemunhar a essa mulher, a comedia que lhe era indispensavel representar pelas instancias imperiosas do seu amante; humilhavam-a, enervavam-a, faziam-a desatar em prantos.

Um domingo, á hora em que os sinos tocavam a ves-

peras, ouviu som alto de vozes para as bandas de um velho pavilhão, onde durante o inverno eram guardadas as laranjeiras, e onde o casal occupava dois quartos. Havia já uma semana que Pierrou andava apprehensivo, que se inquietava com as perguntas perfidas que sua mulher lhe dirigia a todo o proposito, com as ameaças com que ella o aguilhoava, com as allusões maldosamente feitas á engommadeira de M.me de Lavorède. E como Justina não duvidasse que marido e mulher estavam brigando ainda por causa d'ella, anciosa, approximou-se na ponta dos pés, e collou o rosto aos postigos de uma das janellas, que estava entreaberta. Foi immediatamente saccudida por um grande calafrio e sentiu-se desfallecer. Suffocava. Via tudo turvo. O jardineiro conseguira tranquillisar a mulher, e, reconciliados, estavam extendidos sobre a cama desmanchada, ao lado um do outro. Pierrou abraçava e beijava a camponeza com tanta doçura, como se fosse a amante, que elle tivesse nos braços. Justina reconhecia as intonações quentes, a voz que elle tinha quando lhe falava do seu amor. Eram as mesmas promessas, os mesmos beijos, as mesmas mentiras. E ria, renegava-a covardemente, exclamava encolhendo os hombros:

—Tu perdeste o juizo, Cadette, então eu era tão tolo que me importasse com aquella atrevida, sem vergonha?

A cada palavra, a cada beijo, Justina estremecia de vergonha e de dor, como se mãos invisiveis a enchessem de pancadas e a pisassem da cabeça aos pés, e meio doida, com o sangue alvoraçado, arqueava-se amparando-se com os dez dedos crispados nos tijollos da parede, na posição de um passaro crucificado. Tinha vontade de empurrar a porta, de se precipitar sobre o leito, de os matar como a animaes malfasejos, de saciar o odio nos seus gemidos de agonia, nos seus clamores desesperados, de insultar a mulher, de lhe gritar a plena voz, que o marido era culpado, que lhe estava mentindo com o impudor de um Judas. E com o olhar fixo, cheio de vertigem, contem-

plava ora os dois corpos enlaçados no fundo da alcôva, ora uma grande enxada cujo ferro luzia ao alcance da sua mão,

Estavam agora dormindo n'um somno de prostração. A mulher parecia mais velha. O homem como que tinha uma prega de desgosto e nojo vincada ao canto da boca entreaberta. Zumbiam as moscas, misturando com o silencio o seu confuso rumor. E de repente, voltando á razão, espantada, sem tornar a olhar, Justina desatou a fugir pelos canteiros n'uma correria louca, e precipitou-se na maior espessura do parque, como n'um refugio. Ali vagueou na sombra do grande arvoredo até ao pôr do sol, muda, n'uma dôr selvagem, obstinando-se em recalcar os soluços que a opprimiam, em comprimir o desespero com que se revoltava o seu orgulho. Mas quando de novo lhe appareceu o pavilhão — ao voltar para casa n'um passo machinal e arrastado — a pobre apaixonada, exhausta, deixou-se cahir de joelhos, e depois pesadamente, com o corpo todo sobre as folhas mortas que juncavam a areia da alameda. Estava mais cançada do que se tivesse andado desde a alvorada até ao crepusculo, do que se tivesse galgado as encostas pedregosas, e procurado em vão, no horisonte, durante horas e horas, alguma hospitaleira guarida, alguma fonte cujo ruido claro parece de longe o tilintar de um guiso. Tinha um respirar de fadiga, como quando se agonisa, e vencida, soluçou com tal violencia, que o rosto se lhe convulsionou, marcado por manchas vermelhas, e as fontes se lhe intumesceram, molhadas por grossas bagas de suor gelado. E n'aquelle fim de dia outomniço, com os seus pallidos e suaves clarões de cirios, de sonoridades cristallinas, na paz dormente e entorpecedora das cousas em que se extinguiam os ultimos ruidos d'azas, ouviam-se os soluços da inconsolavel, monotonos, ininterruptos, prolongados, fazendo lembrar os uivos sinistros de uma cadella extraviada, os olhos semi-cerrados, o pescoço erguido para o ceu, tornando-se, por vezes, apenas queixas fra-

cas, syllabas inintelligiveis como os vagidos dos pequeninos quando soffrem.

O jardineiro, que andava regando, accudiu assustado e, reconhecendo Justina, soltou um grito. Inclinou-se sobre ella, esfregou-a com as mãos, pallido, interdicto, repetindo com a voz abafada, balbuciante:

— Que tens tu, minha amiga, que tens tu?

E deante do silencio obstinado, da tragica desolação da sua namorada, presentia o que devia ter-se passado, a inutilidade das mentiras, e que ella sabia tudo, que o seu coração, tão cheio de ternuras, trasbordava de fel e de rancor, e que nunca ella lhe perdoaria o ter sido tão covarde. Lembrava-se dos beijos d'aquella boca saborosa, agora torcida pela afflicção. Perdia a cabeça. Mostrava rancorosamente o punho fechado, á sua casa. Quizera que ella desabasse, que sepultasse sob os escombros a mulher que causava a sua desgraça, que era a causa d'este temporal onde ia naufragar o seu amor. E ajoelhado, com os braços hirtos, apertava o corpo de Justina, levantava-o, embalava-o como o de uma creança. Ella parecia não o vêr, conservava-se inerte, continuava a lamentar-se com uma especie de desvairamento, não respondia uma palavra ás phrases inquietas de Pierrou:

— Que tens tu, minha amiga, pois não sabes que te amo?... Escuta-me, fugiremos d'aqui para Libourne ou para Bordeus, e ahi viveremos juntos, seremos como marido e mulher... Queres, sim?...

Justina, como que reanimada, soltara-se do abraço, e fitando-o com um olhar carregado de desprezo, gritou-lhe;

— Não me toques... Vae-te embora d'aqui, depressa: vae para ao pé da tua Cadette e não tornes mais a deixal-a, mentiroso, mentiroso!

E M.elle de Lavorède que, sentada ao fim do terraço, tinha surprehendido o desenlace d'esse drama intimo, viu o homem retirar-se, com as mãos pendentes, as costas curvas, emquanto a desesperada, firme e direita no meio

da alameda, desviava a cabeçe para esconder as lagrimas, para não seguir com os olhos aquella partida, que despedaçava o seu amor...

III

Aquella iniciação brutal que matava um apoz outro os seus sonhos de rapariga e lhe suffocava o coração antes d'elle ter batido, preservara-a das paixonetas romanescas, das experiencias de amor desastradas e ingenuas, onde se deixa sempre um pouco de si mesma e da sua innocencia.

Era feliz e tranquilla, ao lado de sua mãe, tornada a pouco e pouco uma amiga, á qual confiava todo o seu ser. Sentia-se amada, como nenhuma creatura no mundo jámais a amaria. Tinha medo da vida, como uma creancinha que pára, e retrocede, logo que deixa de vêr ao longe as janellas da sua casa, ou quando deixa de ouvir o som das vozes familiares.

Ás observações de uma doçura melancolica que lhe dirigia M.me de Lavorède, a esta pergunta, que ella lhe fazia quasi timidamente: «Então, não desejas casar-te,» perante as recusas formaes, desdenhosas, que cortavam pela raiz as minimas indicações de proposta, Renata respondia sorrindo:

— Estamos tão bem uma com a outra!... Porque quer a maman, que eu a deixe, que eu reparta o meu coração com outro, que eu deixe de ser a sua Princezinha?...

No entretanto, todas as suas amigas casavam.

Via-as passar, cada uma por sua vez, commovidas e radiantes nos seus grandes véus brancos; beijava-as em desfiles interminaveis de sacristia. Recebia-lhes as confidencias, as confissões, — as cartas escriptas entre duas paragens na viagem de nupcias e das quaes, aberto o sobrescripto, como que vôa luz, como que se evola o perfume exhalado pela felicidade. E, a seu pesar, Renata ficava perturbada,

irritada, punha-se a devaneiar analogas partidas, e alegrias d'aquellas, que ella ignorava, invejando-as, desejando-as.

Pensava no futuro com uma inquietação surda, imaginava para si aquellas existencias solitarias e desilludidas das solteironas que definham e consomem na sombra, como nas egrejas pobres a lampada do altar, alimentada, apenas, por algumas gottas de mau azeite, — pensava no ridiculo que as acompanha até á morte, nas cobiças que anceiam pela sua herança como se deseja uma presa, e que as mortificam e lhes envenenam os ultimos minutos, em que se é tão fraca, em que se gostaria tanto de não pensar em mais nada e de adormecer em paz.

Por haver lido as cartas saturadas de tristeza de uma desilludida, por ter surprehendido o rompimento de uma creada e de um jardineiro, por sua mãe ter sido infeliz, podia ella a esse ponto duvidar de tudo, afastar-se da lei commum, escolher a sorte irrisoria e desconsolada d'aquellas que são feias, doentes ou que não teem dote?

O casamento não era simplesmente o primeiro capitulo de um romance de amor, que termina bem ou mal, o preludio de sensações desconhecidas que ligam dois seres sob o mesmo jugo. Era. tambem, a alvorada da mulher, a maternidade que consola dos melhores soffrimentos, que enche a alma de quietação e de aspirações novas, o orgulho de se ser no mundo alguma cousa, o fim d'esse estado hybrico em que se não póde flirtar sem compromettimento, escolher a seu oapricho um livro n'uma bibliotheca, exprimir livremente a sua vontade, os seus sonhos e os seus desgostos.

Assim, pouco a pouco, sem ella o confessar a ninguem, acalmaram-se as suas inquietações, tornaram-se mais ajuisadas as suas idéas no contacto de todos os noivados recentes que a rodeiavam agora, e, quando em Biarritz, a viscondessa de Rosarieul, uma das casamenteiras mais subtis do arrabalde São Germano, depois de ter muito habilmente preparado a partida, pediu a M.me de Lavorède a mão

de sua filha para o conde de Pardeilhac, Renata hesitou, e não respondeu nem sim nem não.

Alto, com a apparencia do homem batido em todas as festas da sociedade, que leva a vida á rédea solta, como n'uma corrida de saltos, as faces ligeiramente córadas, o rosto fino e com uma certa distincção de raça, nariz de bom faro, olhos de um pardo frio e bigodes loiros retorcidos em ponta aos cãntos da bocca, mãos compridas e afiladas, dedos cingidos por alguns anneis, a voz arrastada, impregnada, dir-se-hia, de cansaço e de uma vaga impertinencia de grão-senhor, que despreza o seu tempo, monoculo sempre incrustado sob a sobrancelha direita, o conde João de Pardeilhac tinha aquelle verdadeiro chic, aquella presença de alta linhagem, que os salientes da ultima hora tentam debalde copiar, perdendo n'isso de todo os esforços e o tempo.

Trinta e quatro annos, — d'esses annos de relações feminas que são contados pelo dobro como as campanhas nas folhas de serviço de um official, que prateiam e rareiam os cabellos, que se accusam entre as rugas ostentadas em leque aos cantos das palpebras, cavadas em sulcos irregulares de uma fonte á outra, que curvam imperceptivelmente o tronco e retardam os gestos n'uma especie de preguiça, — mas toda a mocidade artificial, estudada, attrahente de um homem que não vive senão para as mulheres e para lhes agradar, que conhece o seu papel de seductor como o dialogo e os effeitos de uma comedia, que elle representou mais de cem vezes. Defendera-se do amor como da peor de todas as loucuras, não se envolvia n'uma aventura senão com a prudencia, o sangue-frio d'um duellista que tacteia apenas o ferro do seu adversario, estuda o seu jogo, teme algum mau bote ou algum perigoso ataque.

Renata havia dançado com elle. Divertira-se com isso. Ella conhecia a sua reputação de homem do mundo, e sentia uma especie de amor proprio pueril ao vêl-o no Porto-

Velho e nos concertos da praça Santa Eugenia abandonar as outras mulheres para dar o braço a M.me de Lavorède. Era inconscientemente ciosa, preoccupava-se com o que elle fazia, pensava vagamente em transformal o, convertel-o, salval-o. E elle prestava-se a isso de bom grado, parecia escutal-a e comprehendel-a, afinava-se pelo seu diapasão, experimentava não sabia que delicado e esquisito goso n'aquelle apaziguamento passageiro, n'aquelle ancorar como se fosse n'um porto cuja agua esverdeada não tivesse o menor remoinho.

Até certo ponto, sincero, tanto mais que acabava de desembaraçar-se de uma amante difficil, e tanto mais ainda, que bordejava na costa não esperando a menor d'essas heranças providenciaes que remedeiam as brechas, chegado a esse periodo da vida que todo o homem atravessa cedo ou tarde, em que se tem a presciencia do futuro, em que se somma, mau grado nosso, o numero dos annos perdidos, tinha sabido, com a sua assiduidade respeitosa, vencer a frieza instinctiva de M.me de Lavorède, fazer-se acceitar pouco a pouco como um amigo. E M. de Pardeilhac não teve alliada mais preciosa, e deveu aos rogos ardentes, aos conselhos com que ella cercou Renata o elle não sossobrar onde tantos outros tinham soffrido a humilhação de uma recusa...

...Dos seus esponsaes, M.me de Pardeilhac recordava-se da sua commoção, do seu pudor quando João a beijara pela primeira vez, lentamente, ternamente, na fronte, mesmo ao pé dos cabellos, e tambem de um longo passeio, uma noite, no jardim embalsamado por mil essencias, onde, caminhando a passos vagarosos ao longo das alamedas, emquanto a lua subia acima dos pinheiros alinhados como uma muralha escura, e o mar phosphorescente arrastava uma infinidade de pedrarias, elles tinham combinado juntos a sua existencia proxima, falado do futuro, devaneiado quasi, em que M. de Pardeilhac com as mãos d'ella nas suas, lhe havia jurado que a amaria sempre, que seria o seu melhor amigo, se dobraria aos seus menores capri-

chos, não teria outra alegria, outro fim senão tornal a feliz — e isso n'um tom tão carinhoso, tão terno, que ella havia estremecido até ao mais profundo do seu ser, e inclinando-se sobre o hombro d'elle, exclamara :

— Tambem eu te hei de amar com toda a minha alma, com todas as minhas forças; não hei de viver senão para te dar cada dia uma felicidade maior!

...Tinham acabado a sua viagem de nupcias em Mareilhes.

Alegre chegada nos carrilhões e nos abraços de um dia de festa. Triste partida, com a qual tivera a alma tão ferida, cujos dolorosos pormenores se não tinham nunca apagado da sua memoria. Oh! o rosto pallido e crispado de M.me de Lavorède, os seus longos silencios como se ella tivesse feito voto de não pronunciar mais palavra, os seus olhares que não podiam desprender-se dos cabellos loiros de sua filha, que se velavam de lagrimas reprimidas e borbulhando sob as palpebras! E a ultima tarde em que, ao lado da janella, ella trabalhava no seu bastidor, enfiava as agulhas com mão tremula, não levantava a cabeça senão para ver o relogio, para escutar o lento bater das horas! E em que tom, na vespera, ella lhe tinha dito :

— Eu gosto mais que não haja despedidas... Tu partirás depressa, depressa, o mais depressa possivel, não é assim?... É tão duro a gente separar-se, ficar sósinha!

Mas quando tinha ouvido dizer que se estavam arranjando as malas, exhausta, sentindo não ter coragem para deixar assim ir-se embora a sua princezinha, começar uma vida nova, sem a ter apertado nos braços, sem a ter ungido com os seus labios amantes como com um sagrado viatico que désse felicidade, a pobre senhora lançara-se ao pescoço de M.me de Pardeilhac, cobrindo-a de beijos desvairados, apertando-a a ponto de suffocal-a de encontro ao seu peito emmagrecido, e, por fim, n'um transporte supremo de ternura materna, como uma con-

demnada que supplica, exclamara, com os olhos fixos em seu genro:

—Ha de amal-a muito, diga-me, mas não m'a ha de roubar toda inteira!

E Renata censurava-se agora por não ter sentido uma afflicção maior deante d'essa pungente commoção, por ter esquecido tão depressa aquella que soffria na sua grande casa deserta,—a sua querida maman que a dera ao mundo, que a tinha creado e salvo da morte, amado como nenhuma creatura do mundo a amaria—por ter tão depressa readquirido a sua alegria de recem-casada desde que se tinham visto sósinhos no wagon, e que M. de Pardeilhac a fizera rir, distrahida com as suas historias parisienses e as suas ironias gaiatas.

... Com a sua natureza recta e honesta, que a mentira revoltava, com a sua alma de creança, que se teria dado perdidamente e para o resto da vida, no dia em que tivessem comprehendido o que ella encerrava de bondade e de ternuras, Renata teria sido, junto de um marido menos gasto que o conde de Pardeilhac, aquella camarada, aquella amiga, aquella amante ideal, que cada um de nós deseja encontrar n'uma mulher.

Contentou-se em tratal-a como uma rapariguinha frivola e estouvada, que é feliz comtanto que se divirta, dance, e se arrebique; não tentou mesmo fazer brotar o amor d'aquelle coração candido, como um maravilhoso diamante da ganga ende dormita.

Foi uma especie de figurante correcto que, para não parecer mal á sua domesticidade, se demora de vez em quando no quarto de sua mulher, lhe offerece o braço na sociedade e no theatro, evita de se fazer amar em excesso, conserva prudentemente a sua distancia e a augmenta de semana para semana, paga sem olhar para ellas as contas do costureiro, da espartilheira e da modista, e imagina que um beijo distrahido, na testa, açafates de lilazes brancos, joias galantemente offerecidas, as frias attenções

que se poderia ter por uma velha amante em casa de quem se janta ainda uma vez por semana, bastam para saciar os sonhos de um cerebro de parisiense, para encher o abysmo obscuro, insondavel e mysterioso que é o coração feminino.

Incapaz de sentir cinco minutos de verdadeiro amor, de comprehender o encanto feiticeiro que se evola das intimidades, do canto do lar, das noites que se passa ao lado um do outro, docemente, amorosamente, com algum perfume de ramo delicado evaporando-se no ar, beijos, contactos, conversas lentas e affectuosas onde fluctuam amisade, sonho, desejo, felicidade, onde bruscamente se olha para o relogio e se reconhece que é já bastante tarde, que o tempo é perdido quando cada hora não sôa a delicia de pertencer áquelle que se adora, de se anniquillar em extases e caricias que valem o paraizo, tinha retomado os seus habitos antigos, por ostentação ou por indifferença, deixando abandonadas, por cima da sua secretária, photographias e cartas de mulheres; e fugia do seu interior.

Teria acceitado, para ser mais livre e viver á sua vontade, um d'esses contractos tacitos em que se atira com a honra pela borda fóra como uma bagagem incómmoda, em que se equilibra o adulterio de parte a parte, como os pesos n'uma balança. Tel-a-hia achado mais a seu gosto, mais agradavel, se ella tivesse atirado comsigo para o turbilhão, e se se fizesse uma das mulheres da moda. Mas Renata não parecia comprehender as suas suggestões, teimava, apesar de tudo, em ser honesta, e em não faltar á fé jurada.

E havia momentos em que aquella solidão lhe parecia tão triste, em que o seu coração trasbordava de tal amargura, que teria dado dez annos da sua vida para vencer a indifferença de M. de Pardeilhac, e detel-o junto de si.

Elle voltava para casa cada vez mais tarde, e ella não conseguia adormecer antes de ter ouvido o fechar do por-

tão, o ruido dos seus passos amortecendo-se no tapete espesso da ante-camara.

E, uma noite, tinha-o esperado até á alvorada.

Ah! como são longas as horas quando se não dorme, quando se tem o cerebro cheio de idéas negras, e quando ellas teem uma voz enervante e aguda, que se crava cada vez mais na cabeça, e que a despedaça!

(Continúa).

René MAIZEROY.

O JUDEU ERRANTE

Á chuva, arrostando as tempestades e o furor do céu em delirio, sem descanço, sem repouso, sem tréguas, o Judeu continúa caminhando atravez dos campos, das florestas, dos castellos, das cidades, das capitaes, das planicies desertas; não caminha a pé, como antigamente, mas sim ao galope de cavallos pretos engatados á sua berlinda de viagem.

Não leva já vestida a blusa vermelha e o avental de couro e não se vê redemoinhar em volta da sua fronte, ao sopro da tempestade, uma comprida cabelleira espavorida como quando o encontraram burguezes de Bruxellas, no Brabante.

Hoje, o barão Isaac de Laquedem está completamente calvo, como uma pedra polida, e a sua barba grisalha, um pouco alongada no queixo, mas cortada rente nas faces, é talhada á ultíma moda.

Apesar de não tencionar demorar-se em nenhum baile, porque não pára em parte alguma, o barão Isaac anda officialmente uniformisado, debaixo do seu sobretudo forrado de pelles, enluvado, engravatado de branco, com a camisa bem engommada e a casaca preta, ambas a desapparece-

rem-lhe sob as fitas, os crachás, os cordões, os collares, as cruzes, as commendas e as estrellas de todas as ordens do Universo.

A multidão pasmada vê-o passar como um deus, e até alguns imbecis se deixam esmagar pelas rodas da sua carruagem. As mulheres dirigem-lhe os seus melhores sorrisos e beijos com as pontas dos seus dedos rosados e, a todas, sem preferencia, o barão atira um cheque! Um cheque, um cheque, um cheque, exactamente similhante ao precedente e sempre de cincoenta milhões; porque elle, que d'antes só tinha cinco réis, só tem agora cincoenta milhões; com a differença porém, que os tem sempre.

Quando passa em frente dos reaes palacios, os reis, esperando que elle se apeie, mandam apressadamente desenrolar tapetes de purpura; a propria rainha de Saba, reluzente no seu vestido de perolas, lhe pergunta da janella: «Queres subir, gentil mancebo? Serei amabilissima, se quizeres!» Trabalho perdido; os cavallos continuam a galopar furiosamente e da calçada, que abrazam com as patas, fazem brotar milhares de faiscas.

Comtudo o Judeu Errante morre de sêde e pede muitas vezes de beber. Se qualquer garoto ou alguma rapariga de quinta são ageis bastante para lhe entregar um copo de agua ou de agua-pé, elle agarra-o no ar, mata a sêde, e á Gothon e á rainha de Saba, como aos duques e aos principes, atira ao passar o seu cheque de cincoenta milhões, por não ter comsigo outra moeda.

E de minuto a minuto, na sua vertiginosa corrida, olha para o seu chronometro com calendario, para vêr se os mil annos acabarão depressa; e por vezes tambem accenda e fuma impacientemente um charuto alourado, muito sêcco, á espera sempre... do Juizo final.

Thèodore de BANVILLE.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

N'esse momento, abriu-se a porta do camarote do primeiro consul e appareceu elle acompanhado por Lannes, Lauriston, Berthier e Duroc. Napoleão cumprimentou, sorrindo, aquella multidão que juntava gritos de amor aos seus applausos.

M.me Bonaparte seguiu-o com alguns segundos de distancia. Junot ia entrar no camarote a fim de ver de perto o ar sereno do primeiro consul, que eu lhe fizera notar, quando Duroc se nos apresentou, com a physionomia perturbada e uns ares quasi espavoridos.

—O primeiro consul escapou agora mesmo da morte, disse elle rapidamente a Junot; vem cá abaixo, elle quer falar comtigo. Deixa-me encostar ao teu braço, porque estou a tremer. A minha primeira batalha causou-me menos commoção.

Antes que Junot voltasse, soubemos o que havia succedido. Começou a espalhar-se um ruido surdo, da platea para a orchestra, para o amphitheatro, e, em seguida para os camarotes.

—O primeiro consul foi atacado na rua de S. Nicacio, diziam.

No mesmo instante, e como que por um impulso electrico, todos soltaram a mesma acclamação, todos os olhares pareceram cobrir Bonaparte com affecto protector.

Entretanto olhava eu para o camarote do primeiro consul. Estava este sereno e parecia commovido sempre que o tumulto lhe deixava ouvir algumas palavras expressivas acerca do que acabava de acontecer. M.me Bonaparte não estava tão senhora de si. Tinha a physionomia transtornada; a sua attitude, sempre tão graciosa, n'essa occasião não era a mesma. Parecia tremer e querer esconder-se debaixo do chale, como se fosse um abrigo; e, realmente, esse chale tinha sido a causa da sua salvação pessoal. Chorava; apesar dos esforços que fazia para conter as lagrimas, ellas corriam-lhe ao longo das faces pallidas, e, quando olhava para o primeiro consul, tremia novamente. Sua filha estava tambem muito perturbada.

M.me Bonaparte, além da commoção causada pelo perigo a que escapara o primeiro consul, estivera quasi a ser victima da explosão.

Ia subir para a carruagem quando Rapp observou que o chale de M.me Bonaparte não dizia com o vestido. Ella primava, sobretudo, na harmonia completa de todos os accessorios de toilette. Tornou a subir os oito ou dez degraus do pavilhão de Flora para reparar essa falta. Demorou-se apenas tres minutos, mas esse tempo foi sufficiente para que a sua carruagem se achasse afastada da do primeiro consul que devia seguir immediatamente. Esse atrazo salvou-a; a explosão rebentou quando o trem de M.me Bonaparte chegava ao Carrousel. Os vidros foram despedaçados e os estilhaços cahiram no pescoço e nos hombros de M.elle de Beauharnais, que ia na frente da carruagem; e, apesar do chale em que se embrulhava, fizeram-lhe ligeiros golpes.

Nos dias que se seguiram á explosão da machina infernal, fomos ainda mais assiduos que de costume nas Telharias.

A' noute, mesmo depois do espectaculo, iamos a casa de M.me Bonaparte. Era uma felicidade quando encontravamos ahi o primeiro consul. A sua conversação, sempre attrahente, pela profundeza das idéas reunida á forma original que lhe dava a sua imaginação tão brilhante e tão rica, era deveras interessante. Os mais profundos jurisconsultos, os financeiros mais temiveis, os mais habeis diplomatas, rodeavam-o para o ouvir e pareciam estar ali mais para aprender do que para communicarem as suas luzes a um rapaz cujo rosto pallido indicava fadigas e vigilias.

Era, sobre tudo, na Malmaison, ou então em Paris, no salão de M.me Bonaparte, que se devia ouvir o primeiro consul.

Um dia fui convidada para almoçar com M.me Bonaparte, nas Telharias. Era um habito encantador, esse de convidar assim raparigas ainda excessivamente timidas para serem amaveis n'um salão, no meio de homens bastante superiores e que lhes causariam acanhamento. Conversando com M.me Bonaparte durante o almoço, no qual não havia ceremonia alguma, a respeito de modas, de espectaculos, de pequenos interesses de sociedade, essas raparigas animavam-se e deixavam de ser apenas guarnição da sala do primeiro consul, quando elle ia ahi buscar alguma distracção. M.me Bonaparte fazia as honras do almoço com uma graça encantadora. Eramos geralmente cinco ou seis, e todas da mesma edade (exceptuando a dona da casa). A essas refeições matinaes nunca assistiam homens; o primeiro consul prohibia-o positivaménte. M.me Bonaparte disse-nos que ia fazer uma visita e perguntou-nos se queriamos ir com ella. Acceitámos, perguntando lhe quem iamos visitar. Ella respondeu que era uma pessoa que podia comer-nos, mas que, n'esse momento, se achava de humor brando. Era a leoa do Jardim das Plantas, que acabava de ter filhos; o primeiro consul, a quem M.me Bonaparte mandou dizer onde ia, prometteu ir lá ter, se lhe sobrasse tempo.

A leôa estava muito bem de saude, sentindo-se apenas de humor languido, como dissera M.me Bonaparte. O seu guarda, Cassal, entrou na jaula. A leôa parecia gostar d'elle. Estava extendida n'uma boa cama de palha, com tapetes bem espessos, sobre os quaes os proprios filhinhos estavam tão quentes como no mais bello dos desertos da Africa.

M.me Bonaparte pegou n'um dos leõesinhos. A leoa começou a rosnar. Não tenha medo, disse Felix. Está por detraz de uma boa grade; e depois, ella não tem força nenhuma; não lhe faria grande mal.

—Oh! disse M.me Bonaparte, dispenso que lhe faça experimentar as forças. Sempre havia de ter bastante para me fazer arrepender de ter acariciado o filho.

Aquelle Cassal era um homem extraordinario, a seu modo. Contava cousas tão espantosas que affirmava ter visto nas viagens, que era impossivel acredital-as.

O primeiro consul chegou antes de nos irmos embora; vinha a cavallo. Afagou a leoa e conversou com Felix a respeito dos animaes.

Felix, vendo-se assim incitado, poz-se a contar uma das suas bellas historias; mas, quando estava no ponto mais admiravel, Napoleão disse-lhe, batendo-lhe no hombro:

—Mentes, meu rapaz; no logar a que te referes não ha crocodilos nem os houve em tempo nenhum. Mas é o mesmo; continua a tua historia.

O pobre Felix ficou tão desconcertado com a apostrophe do primeiro consul, que perdeu o fio da aventura.

Passeámos n'aquelle formoso jardim. O Jardim das Plantas era então o melhor estabelecimento d'este genero que havia na Europa. Napoleão disse-nos n'esse mesmo dia:

—Quero que este logar seja o mais attrahente para os extrangeiros instruidos que vierem a Paris. Quero que elles venham aqui vêr e admirar um povo no seu amor ás sciencias e ás artes.

A Malmaison era um sitio onde se ia talvez ainda mais

que ás Telharias, quando se era da intimidade da familia Bonaparte.

Propriedade de uma familia rica, gostando de viver com grande esplendor e tendo orgulhò em imitar os inglezes nas suas casas de campo, a Malmaison, já na época em que foi comprada por M.me Bonaparte, era uma habitação deliciosa.

O parque estava maravilhosamente distribuido, não havia nada mais fresco, mais cheio de verdura e de sombra. A proximidade do rio, não obstante o parque estar situado n'um ponto mais alto que a estrada e a praia, dava-lhe sempre uma frescura salutar, e a vegetação era magnifica. O primeiro consul tinha um jardimsinho só d'elle, onde se entrava por uma ponte coberta de lona, como uma barraca, jardim que ficava contiguo ao seu gabinete particular. Era ahi que elle descançava quando o excesso de trabalho lhe tornava necessario algum exercicio; porque n'esse tempo, como nos dois annos seguintes, só teve o descanço que a natureza imperiosamente exigia. Essa ponte disposta á maneira de barraca de campanha, era como que uma especie de quarto. Mandava levar para lá uma mesa e trabalhava, riscando mappas ou escrevendo notas e observações em memoriaes: — Quando estou ao ar livre, dizia elle, sinto as minhas idéas tomarem uma direcção mais elevada e mais vasta.

Por outro lado, Napoleão não podia supportar o mais leve frio sem ficar logo incommodado. Mandava accender o fogão no mez de julho e não comprehendia que os outros se não molestassem com o minimo nordeste.

A vida que se levava na Malmaison, na época do meu casamento, assimilhava-se á de todas as casas de campo onde se reune muita gente. Os nossos aposentos compunham-se de um quarto, um gabinete e outro quarto para a creada. Os moveis eram muito simples; e o quarto da filha da casa, que era contiguo ao meu, não differia d'este senão por uma porta de dois batentes, e ainda assim, pa-

rece-me que só occupou esses aposentos depois de casada. Os quartos não eram assoalhados. Davam todos para um comprido corredor, para o qual se subia por um degrau, deixando á direita os aposentos de M.me Bonaparte e a salinha onde se almoçava. Esse corredor era muito estreito, ladrilhado como o resto das casas, e deitava para um pateo.

Levantávamo-nos quando queriamos e, até ás onze horas, momento indicado para o almoço, podiamos fazer o que quizessemos. Ás onze, reuniam-se todos n'uma salinha de tecto muito baixo, a qual deitava para o pateo e era situada no primeiro andar; nunca havia homens, assim como nos almoços de Paris, a não ser alguem da familia.

O primeiro consul nunca se via antes de jantar. Descia ás cinco ou seis horas da manhã para o seu gabinete; trabalhava com Bourrienne, ou com os ministros, os generaes, os conselheiros d'Estado, e esse trabalho durava até ao jantar, o qual era sempre ás seis horas. Raras vezes deixava de assistir algum convidado. N'aquella época, todos os que rodeavam o primeiro consul se casavam, formando assim uma nova familia para accrescentar á que existia antes e que era já tão numerosa. O coronel Savary desposára, n'essa occasião, M.elle Faudoas, parenta de M.me Bonaparte. Esta senhora seria muito bonita se não tivesse a bocca muito distante do nariz, o que é sempre desagradavel, e se, apesar de muito nova, não tivesse os dentes quasi todos pôdres.

Uma pessoa verdadeiramente formosa era M.me de Lannes. Era muito estimada na Malmaison e nas Telharias, e merecia-o, não só por causa de seu marido, mas tambem por ella.

Parecia a copia de uma das virgens mais formosas de Raphael ou do Correggio. Era a mesma pureza de feições, a mesma serenidade no olhar, a mesma doçura no sorriso. Dançava pouco ou quasi nada, não obstante ser bem

feita e esbelta. M.me Lannes, n'essa época, era uma bonita e bondosa creatura, e, além d'isso, muito agradavel na vida de familia que levávamos na Malmaison.

Como já disse, jantava-se ás seis horas. Quando estava bom tempo, o primeiro consul mandava pôr a mesa no parque. Collocavam-a á esquerda do relvado que ha em frente do palacio, e um pouco adiante da alameda direita, da qual já não existem agora outros vestigios além de alguns castanheiros dispersos. Demoravamo-nos pouco tempo á mesa, e o primeiro consul achava o jantar muito comprido quando durava meia hora.

Nos dias bonitos, quando estava de bom humor e dispunha de alguns minutos furtados áquelle trabalho constante que o matava, jogava a barra comnosco. Fazia tramoia como no reversino: fazia cahir a barra, e, chegava ao pé de nós sem gritar: barra! emfim, eram trapaças que provocavam gargalhadas.

N'essas occasiões, Napoleão despia o casaco e corria como uma lebre ou antes, como a gazella a quem elle dava a comer o tabaco todo da sua tabaqueira, dizendo-lhe que corresse atraz de nós; e o maldito bicho rasgava-nos os vestidos e muitas vezes tambem nos mordia as pernas.

Um dia, depois de jantar, como o tempo estivesse bom, o primeiro consul disse:

—Vamos jogar a barra!

E ahi está o casaco no chão, e o conquistador do mundo correndo como um estudante de segunda classe.

O parque da Malmaison não era então como é hoje. Havia um fôsso que acompanhava parte da estrada, e que foi comprado para a grande plantação de tulipas e de platanos; os curiosos podiam vêr facilmente o que se passava no parque da Malmaison. Do lado do palacio havia uma balaustrada de ferro onde podiam encostar-se. M.me Bonaparte, que não jogava a barra, estava perto d'essa balaustrada com M.me de Lavallette, quando, ao avançar

alguns passos, ficou muito assustada á vista de dois homens cujo aspecto era de molde a causar receios, sobre tudo n'uma occasião em que a França estava ainda palpitante com o attentado de nivose. Esses dois homens estavam mal vestidos e falavam em voz baixa, olhando para o primeiro consul. Eu já não jogava e n'esse momento aproximei-me de M.me Bonaparte, que enfiou o braço no meu e disse a M.me Lavallette que fosse chamar seu marido ou Eugenio, mas que se acautelasse, não a visse o primeiro consul, porque elle detestava todas as precauções d'esse genero.

—Querem alguma cousa, cidadãos? perguntou ella com voz tremula.

—Oh! não, não queremos nada, cidadã... Estamos a vêr o primeiro consul. É que, como eu dizia agora a meu irmão, é uma cousa admiravel vêr o primeiro magistrado divertir-se assim, como o francez mais pobre da republica.

—Olha, continuou o homem, agarrando o braço do companheiro e apontando-lhe para o primeiro consul que segurava meu marido por uma orelha, olha como elle agarrou Junot! Muito gostava eu de me encontrar assim com elle, cara a cara; parece-me que não se veria livre de mim tão depressa!

No momento em que concluia esta phrase, o homem teve de recuar subitamente, e achou-se na presença de Rapp, conduzido ali por M.me de Lavallette.

—O que quer você d'aqui?... perguntou elle ao homem com voz de trovão. Se precisa alguma cousa, vá á estalagem que fica proxima do castello.

—Ah! parece que as cousas se vão transtornando, meu coronel, respondeu o outro homem que ainda não falara. Desde quando é prohibido olhar para o nosso general? Foi elle que deu ordem para o esconderem dos seus velhos soldados?

—Ah! com certeza que não foi elle!... accrescentou o outro.

— Vocês são militares? perguntou-lhes Rapp.

— Olha! diz se nós somos militares! Que pergunta!...

O primeiro consul, com aquelles olhos que vêem sem olhar e aquelles ouvidos que ouvem sem escutar, tinha comprehendido a historia toda logo ás primeiras palavras, porque reconhecera o quartel-mestre dos seus batedores, o qual, em Montebello ou em Marengo, tivera um braço cortado por uma bala, defendendo um official superior que alguns hulanos queriam acabar de matar. O primeiro consul até estivera dando ordens para que o levassem do campo de batalha em cima das espingardas crusadas de alguns soldados; depois tornara a vêr esse homem n'uma parada, quando lh'o apresentaram, e o seu rosto ficara-lhe gravado na memoria.

— Oh! temos por cá os invalidos... Boa tarde, rapaz! Então vieste visitar-me? Vamos, dá volta, vem mais uma vez receber ordens do teu general. Acompanha-o, Eugenio!

E, passando o braço em torno da cintura de Josephina, dirigiu-se para a entrada do palacio. O velho batedor apresentou seu irmão ao primeiro consul e observou-lhe que não era preciso a lei obrigal-o a jurar bandeiras.

— É um alistamento voluntario, meu general, e o general é o seu capitão de recrutamento.

— Pois se eu sou o capitão de recrutamento, disse o primeiro consul, o conscripto ha de ir beber á saúde da republica e á minha. Eugenio, conduz o teu soldado, filho, e faze-lhe as honras da casa em meu nome.

O velho batedor viu o primeiro consul afastar-se; emquanto suppoz que elle poderia voltar a cabeça, conservou-se sereno conforme poude: mas logo que deixou de o vêr, não se conteve mais e debulhou-se em lagrimas.

— Veja, dizia M.me Bonaparte chorando, veja ao que Bonaparte se arrisca.

E accrescentou, abraçando-me:

— M.me Junot, a physionomia d'aquelle homem causou-me uma impressão tão horrivel que tenho a certeza de

não poder dormir esta noute... E Bonaparte! Nem ao menos posso queixar-me deante d'elle, porque se zanga... Affiança que não tem nada a temer.

Retiramo-nos para os nossos quartos; e ainda não tinha dado meia noute, já todo o relvado estava mergulhado em somno.

De repente, ouve-se um tiro; partiu dos fossos do castello. No mesmo instante, e quasi sem tomarem a respiração, suspensa pelo medo, todos estavam de pé. As mulheres vestidas simplesmente com uma saia e os homens de ceroulas. O primeiro consul já estava no corredor, de *robe de chambre*, com um castiçal na mão, gritando com a sua voz forte e sonora:

—Não se assustem! não é nada.

Estava tão sereno como se não lhe tivessem interrompido o somno. O cavallo de um batedor cahira, pondo um pé n'um buraco de uma toupeira, quando ia a atravessar o relvado em frente do palacio. A carabina disparara-se na queda, pondo todo o castello em alarme. O primeiro consul, depois de ouvir a explicação do seu ajudante de campo, desatou a rir, e gritou, do guardavento que ha ao fundo do patamar grande:

—Josephina, não chores mais; foi uma toupeira que fez todo este barulho. Emquanto ao batedor, dois dias de prisão hão de ensinal-o a saber andar com o cavallo por cima da relva. Como é de suppôr que elle tambem apanhasse um bello susto não terá maior castigo. Boa noute, minhas senhoras; vão-se deitar e durmam bem.

Em uma bella manhã do verão de 1801, vimos chegar Rapp a nossa casa, pedindo-nos que lhe dessemos de almoçar e trazendo uma ordem a Junot para ir á Malmaison, e para mim um convite para lá passar o dia. Partimos logo que nos levantámos da mesa. Rapp voltava tambem para a Malmaison; demos-lhe um logar na carruagem e fomos juntos todo o caminho.

Rapp, Duroc, Lannes, Bessières, Lemarrois e mais dois

ou tres do exercito do Egypto e do exercito da Italia eram, de todos os officiaes da côrte nascente, os que sympathisavam mais completamente com Junot, porque falavam todos a mesma linguagem. O primeiro consul era para elles o pensamento dominante que desvanecia todos os outros.

No dia em que Rapp veiu buscar-nos para irmos á Malmaison, notámos que uma idéa fixa o preoccupava. Junot depois de contemplar a physionomia de Rapp, recebeu d'esse rosto sombrio um reflexo egualmente triste e, pegando na mão do seu irmão d'armas, disse-lhe:

—Rapp, ha alguma novidade por lá... O general?

Rapp inclinou a cabeça, sem responder; depois, apertando a mão a Junot:

—Não sei nada, mas o que é verdade é que o general recebeu algumas noticias que o desgostam; quando elle enruga a testa, cerra os olhos...

E franzia as sobrancelhas como Napoleão quando estava muito preoccupado.

—E depois, quando, além d'isto, afasta o almoço, empurra a cadeira, atira com o guardanapo, passeia, pede tres chavenas de café n'uma hora, com certeza que teve algum desgosto... E foi assim que elle passou o dia de hontem, e esta manhã começou de novo a mesma cousa...

Junot tinha os olhos humidos... o outro voltara a cabeça para a portinhola; envergonhava-se da commoção que sentia.

—Mas... disse eu, talvez o primeiro consul esteja apenas de mau humor, e só por isso imaginam que elle tem desgostos, a ponto de se sentirem tambem tão tristes que até se envergonham. Não teem mais juiso que duas creanças.

As cabeças dos dois rapazes voltaram-se uma para a outra, como que para se examinarem respectivamente. Desatei a rir. Rapp zangou-se.

—Talvez eu seja ridiculo manifestando vivamente a mi-

nha inquietação, disse elle: mas quem viu como eu a physionomia transtornada do meu general... Sabes, Junot?

E poz-se outra vez a imitar o primeiro consul.

—Quem o viu assim, comprehende que não é mau humor que elle tem, é desgosto... Hontem pela manhã, depois do almoço que não comeu, mandou apparelhar os cavallos; sahimos do parque pela porta de Bougival; íamos sós com Jardin; emquanto podiamos ser vistos do castello, o general foi a passo; mas logo que passámos o portão de ferro, enterrou as esporas na barriga do cavallo e o pobre animal subiu a galope de caça a estrada pedregosa de Bougival; se encontrasse uma d'essas pedras redondas e polidas que enchem aquelle sitio, teria rebolado até ao principio da estrada, sem que o general podesse detel-o. Quando chegámos acima, parou. O cavallo resfolegava a ponto de não poder dar um passo. Cheguei logo atraz do general, que estava só: Jardin ainda vinha longe. Então, n'aquelle bosque sombrio e deserto, já não pensei que o cavallo podia cahir; lembrei-me de assassinos espreitando o meu general para o atacarem.

É possivel que eu perdesse a cabeça, n'essa occasião. Tomei a liberdade de dizer ao primeiro consul que elle ia correndo como um doido e não sabia o que fazia.

—Que diabo, meu general! disse eu, não se deve inquietar d'esse modo as pessoas que nos estimam.

—O que! disseste-lhe isso? perguntou Junot rindo, com ar admirado.

—Pudera, replicou Rapp; elle bem sabia que era o coração que falava. Mas quando lhe fiz notar a solidão que nos envolvia, sorriu, assim...

E Rapp teve um sorriso de desdem e amargura, acompanhado por um movimento de cabeça peculiar a Bonaparte, e do qual só os que o conheceram pódem fazer idéa.

—Depois disse-me: O perigo não me assusta, coronel Rapp. Ha momentos em que o chamo, porque ha dias em que a vida custa a supportar.

E, dito isto, parte de novo no mesmo galope desesperado. Estavamos, se não em caminho direito, pelo menos em logar conveniente para seguir o general. Percorremos seis leguas, creio eu; e, quando regressámos, a physionomia do primeiro consul estava muito mais serena do que na occasião da partida.

O que Rapp dizia indicava, effectivamente, que um desgosto muito grande apoquentava o primeiro consul.

Quando chegámos a Malmaison, Bonaparte estava no seu gabinete. Mandou logo entrar Junot que esteve fechado com elle mais de uma hora. Algum tempo antes de jantar, vimol-os passeiando na alameda que conduzia ao portão de ferro do Juncal. Junot estava sério e parecia ouvir o primeiro consul com grande interesse. O rosto de Napoleão animava-se de vez em quando, e parecia illuminar-se com uma especie de clarão. Uma das vezes, chegando ao fim da alameda, do lado do castello, parou; e, como quizesse explicar demonstrativamente a Junot o que lhe estava dizendo, traçou varias figuras na areia, com o pé, e lembro-me de que, achando provavelmente que era muito difficil assim, pediu a espada a Junot e serviu-se d'ella sem a tirar da bainha, para continuar aquellas figuras estrategicas.

Quando nos dirigimos á casa de jantar já o primeiro consul estava á mesa; fez-me sentar ao seu lado e falou-me, logo em seguida, de cousas tão indifferentes, que era evidente ser apenas para evitar um silencio completo que elle sustentava uma conversa á qual não prestava attenção alguma.

Examinei-o e vi que estava, com effeito, acabrunhado por uma viva impressão. Ai! o motivo d'essa preoccupação era bem grave: tinhamos perdido o Egypto! Debalde o primeiro consul occultara as primeiras noticias que recebera e que lhe tinham feito vêr o futuro que elle temia. Os inglezes tinham triumphado!

Quando regressámos a Paris, Junot ia extremamente im-

pressionado. Falou-me de tudo o que lhe dissera o primeiro consul.

—Ha tanto tempo que conheço os seus projectos ácerca d'aquelle bello Egypto! dizia-me Junot. Quando passavamos nos *boulevards,* em uma d'essas noutes de verão cuja belleza era então o nosso maior prazer; quando estavamos em Paris, miseraveis e sem emprego, o primeiro consul falava-me no Oriente, no Egypto, no monte Libano, nos Drusos; e depois, quando os seus sonhos brilhantes se transformaram em gloriosa realidade, quando o general Bonaparte se viu chefe e dispondo do poder necessario para executar grandes cousas, sei, continuou Junot, que esse instante foi um dos melhores da sua vida. Fazer do Egypto um logar de onde pudesse, um dia, partir o raio que fulminasse a prosperidade da Inglaterra, era o seu plano, plano que estava quasi a ser executado. Por isso quando elle hoje me disse: *Junot... perdemos o Egypto!...* pensei na dôr, sim, na dôr que elle deve ter sentido, e o coração opprimiu-se-me com angustia. Rapp tinha razão! o meu general soffria cruelmente, hontem de manhã!

Talvez o primeiro consul não mostrasse a nenhuma das pessoas que o rodeavam, a que ponto o feria o golpe que acabava de receber da Inglaterra. Foi só áquelle que tantas vezes escutara as confidencias sonhadoras da sua amisade que elle ergueu o véu sob o qual occultava o seu coração attribulado.

N'essa occasião, Junot disse-me tambem que se ia executar o que até ahi não passara de projecto. No Egypto, depois do celebre combate de Nazareth,—esse combate em que Junot derrotou os turcos, separado do corpo do exercito a que pertencia e commandando algumas centenas de homens, em frente da vanguarda do grão-visir commandada por Ayub-Rey e composta de mais de tres mil homens,—o general em chefe ordenara que essa victoria, um dos mais bellos feitos d'armas das nossas guerras fosse consagrado de um modo glorioso; mas a ordem do dia

ainda não se puzera em execução. O primeiro consul servira-se das palavras mais affectuosamente honrosas para certificar a Junot que o projecto ia ser realisado. Eis como era essa ordem do dia:

«O general em chefe, querendo dar uma prova de sa-
«tisfação especial aos trezentos bravos commandados pelo
«general Junot, os quaes, no combate de Nazareth, repel-
«liram tres mil homens de cavallaria, tomaram cinco ban-
«deiras e cobriram o campo de batalha de cadavares ini-
«migos, ordena:

No quartel-general, no campo, em frente de Acre, no dia 2 de floreal do anno VII.

ORDEM DO DIA

«Art. 1.º — Offerecer-se-ha uma medalha de doze mil «francos como premio do melhor quadro representando o «combate de Nazareth.

«Art. 2.º — Os francezes estarão vestidos no quadro com «o uniforme do 2 de infanteria ligeira e do 14 de dragões. «Hão de figurar n'elle o general Junot, e os chefes de bri-«gada Duvivier e do 14 de dragões.

«Art. 3.º — O estado-maior mandará fazer, pelos artistas «que temos no Egypto, trajos de Mamelucos, de janisaros «de Damasco, de Alepinos, de Delettas, de Maugrebinos, «de Arabes; e envial-os-ha ao ministro do interior, em «Paris, para que mande fazer differentes copias e as envie «aos principaes pintores de Paris, de Milão, de Florença, «de Roma e de Napoles e determine a época dos concur-«sos e os juizes que hão de conferir o premio.

«Art. 4.º — A presente ordem do dia será enviada á

«municipalidade da communa dos valentes que se acha-«vam no combate de Nazareth.

O general em chefe,

Bonaparte.

Alexandre Berthier,

General de divisão, chefe do estado-maior general.

Por copia, conforme o registro da ordem.

O ajudante general.»

Concorreram seis pintores. Junot declarou que M. Gros fôra o que melhor comprehendera a idéa que elle mesmo tinha dado ácerca do assumpto. M. Gros possuia a grande vantagem do seu talento admiravel, auxiliado por um conhecimento mais especial do paiz, pois já estivera no Egypto. Em vista d'isto, Junot conferiu-lhe o premio, e foi elle o encarregado de fazer o quadro; este nunca se concluiu; fez-se apenas o esboço. O magnifico retrato do duque d'Abrantes, que tenho em minha casa, é uma obra immortal de M. Gros; estava destinado a servir para o grande quadro do combate de Nazareth. O rosto, unica parte do retrato que foi terminada, é uma obra prima de arte e de parecença.

Todos os que estudaram de perto o caracter de Napoleão, puderam vêr que o pensamento dominante d'essa grande alma foi a humilhação da Inglaterra. Foi o seu estudo mais constante; durante os quatorze annos que governou, em que teve o poder supremo, a omnipotencia quasi, todas as suas medidas se dirigiram para esse fim.

Bolonha foi designada, em 1801, como o ponto capital da grande empreza do desembarque em Inglaterra. De repente vê-se a maior actividade em todos os portos da costa

da Mancha; construe-se uma multidão de pequenas embarcações, organisam-se divisões de navios ligeiros, formam-se campos militares em todo o littoral da Mancha, até em Bolonha, a flotilha, como lhe chamavam. Estes preparativos causam alarme na outra margem. O governo britannico resolve fazer um ataque vigoroso. Nelson promette ao ministerio fulminar de passagem aquella reunião de barcos de papel a que chamam esquadra. Apresenta-se em frente d'elles, e, apesar das suas bombardas e dos seus brulotes, é forçado a retirar-se sem ter obtido resultado: Torna a apparecer, logo em seguida, á frente de oito navios de linha e doze fragatas; galeras, barcas, chalupas canhoneiras, bombardas, brulotes, brigues, cobrem o estreito com as suas velas. Nelson, dirigindo aquelle exercito naval, avança com ousadia. Sabe-se como elle era valente e até temerario da sua pessoa. A' sua coragem bem conhecida juntava um odio, que o não era menos, contra nós e, sobre tudo, contra o primeiro consul. A nossa esquadra estava ancorada a quatrocentas ou quinhentas toezas da praia. Nelson lembrou-se de que a esquadra d'Abukir se tinha perdido por causa de uma disposição similhante e, dirigindo o ataque com habilidade e coragem, apresentou-se elle mesmo para tornear as embarcações e passar entre ellas e a terra, Mas, se o ataque foi bem feito, a defeza não o foi menos. A esquadra salvou-se, protegida pelos fortes e pelas baterias da costa; a perda de Nelson foi immensa; viu-se obrigado a afastar-se.

Essa frota de Bolonha compunha-se de embarcações extremamente ligeiras e tão pequenas que em Paris, onde se graceja com tudo, chamavam-lhes cascas de nozes. Um dia o actor Brunet, que n'essa época era muito comico e tinha verdadeira graça, representando não sei em que peça, comia nozes, e pegando nas cascas, dava-lhes feitios e atirava-as á agua contida n'uma celha.

— O que estás fazendo? perguntava-lhe o actor que se achava n'esse momento em scena com elle.

— Faço navios para a esquadra de Bolonha, respondia Brunet.

A resposta não agradou, e o pobre Brunet foi passar vinte e quatro horas na prisão. No dia seguinte ao da sua sahida, representou-se a mesma peça. Quando Brunet chegou ao momento da replica, não disse nada. O outro actor perguntou-lhe outra vez o que estava fazendo; ou porque improvisasse ou porque a phrase já estivesse estudada, disse a Brunet com ar de impaciencia, vendo que elle não respondia:

— Talvez não saibas?

— Oh! se sei! respondeu Brunet. Sei perfeitamente o que estou fazendo. Mas, accrescentou em voz mais baixa, não quero dizel-o.

Os applausos e as risadas foram immensas.

Entre os extrangeiros que então abundavam em França, muitos tinham o espiritp cheio dos mais burlescos preconceitos contra Napoleão ou a favor d'elle. Um julgava que elle tomava uma chavena de café de hora a hora; que passava um dia inteiro no banho; outro, que jantava de pé: emfim, mil supposições, qual d'ellas a mais absurda. O que é muito notavel é que as versões mais extraordinarias vinham da Inglaterra.

Conheci uma ingleza, uma *mistress* Marschall, qne estava persuadida de que o primeiro consul vestia uns calções novos todos os dias, e a sua maior ambição era possuir uns d'esses calções. Mas o seu embaraço em proferir o terrivel nome technico do objecto impediu, muitas vezes, que a compra se effectuasse; e estou certa de que, quando Junot lhe disse que tinham mangado com ella, sentiu mais alegria por já não ter que perguntar: «— Póde vender-me uns calçôes do primeiro consul? do que tristeza por se vêr obrigada a abandonar a sua chimera. Os emigrados que, depois de règressarem à patria, tiveram mais falsa vergonha do que os outros e se conservaram mais tempo afastados da côrte consular, faziam de

Napoleão uma idéa tão differente da que deviam formar a seu respeito, que houve um meu conhecido, cujo espanto foi extremo quando o viu.

A França lançara-se nos braços do general Bonaparte com a confiança dos que, depois de soffrerem durante muito tempo, vêem por fim um termo aos seus males. Julgava-se então, e assim devia ser, que o soldado mais valente, o guerreiro mais illustre era quem devia administrar com mais justiça, ao mesmo tempo que nos faria respeitar lá fóra.

N'essa época, Bonaparte, apesar de não gostar dos inglezes, não queria outro ramo de louro para juntar á sua corôa triumphal a não ser o que alcançasse no dia em que fizesse as pazes com a Inglaterra. Foi para esse fim que escreveu ao rei Jorge essa carta notavel em que o solicita a não recusar a paz, para a felicidade do mundo inteiro.

«... terminemos a guerra, dizia elle; ha oito annos que ella devasta as quatro partes do mundo; deverá ser eterna? Não haverá meio algum de nos entendermos?»

Quando escrevia estas palavras pacificas, a ferida que a traição de El-Arich lhe abrira no coração, ainda sangrava. O sangue de Kléber fumegava no Cairo e os insultos de M. Pitt resoavam no parlamento d'Inglaterra. Em França, a opinião publica era toda a favor da guerra com os inglezes. O commercio estava esmagado, as finanças destruidas; mas desde o começo da revolução, o commercio tinha uma voz bem fraca nos interesses da Republica. Tudo era guerreiro. A França inteira era militar, e o general Bonaparte, se gritasse que o seguissem para atacar a Inglaterra, seria acompanhado por mais de cem mil voluntarios. Uma guerra com a Austria era muito menos nacional do que uma guerra com a Grã-Bretanha; não foi a França, foi a propria Inglaterra que repelliu todos os meios de reconciliação emquanto M. Pitt esteve no ministerio.

— Não acceitem as propostas d'esse homem, em caso nenhum, exclamara M. Pitt na camara dos communs.

O machiavelismo de M. Pitt precisava que se derrubassem dois imperios para continuar o seu caminho tenebroso. Commetteu um erro, destruindo toda a esperança de reconciliação entre a França e a Inglaterra, quando Bonaparte deu os primeiros passos afim de obtel-a.

— Fiz o que pude, disse o general Bonaparte aos francezes, mas o ministerio britannico regeita as minhas propostas.

E a Republica inteira offereceu soldados, dinheiro e ferro.

Mas é debalde que a Inglaterra quer resistir. A Russia abandona-a. M. Pitt, depois de ter fomentado as desordens da Europa, augmentando as suas desgraças, deshonrando a sua propria nação, violando os tratados feitos, abandona o leme do governo, agora excessivamente difficil de dirigir. Retira-se, com o pretexto de não querer entrar em negociações com o general Bonaparte.

O bombardeamento de Copenhague por Nelson, que se realisou depois de retirado o ministerio de M. Pitt, foi um dos factos mais notaveis d'essa parte do anno.

Esse acontecimento adeantou as disposições que o novo ministerio queria tratar comnosco. O gabinete de Saint-James queria ter tempo de reparar as suas avarias e de dispôr-se para novo cruzeiro.

Fosse como fosse, os preliminares da paz assignaram-se em Londres, entre a republica franceza e a Grã-Bretanha, no mez de outubro de 1801, e a suspensão immediata das hostilidades foi a primeira prova d'esse accordo que não devia durar dois annos.

Possuo uma relação, que aprecio muito, de uma conversação que o primeiro consul teve n'essa epocha, e na qual rectifica erros, ou antes, mentiras espalhadas com profusão por toda a Europa.

— Não é na America que eu os temo, dizia elle falando dos Inglezes; o gabinete britannico não fará ouvir phrases

mentirosas, que ninguem escutaria, junto da sepultura ainda aberta de Washington. Em grande parte da Europa tambem não se julgará que foi o medo que me obrigou a querer a paz.

Dizendo isto, parava, sorria, continuava o seu passeio, esfregava a testa, cruzava as mãos atraz das costas. A fronte parecia illuminar-se-lhe com aquelle sorriso admiravel sempre que era verdadeiro. E, nos seus pensamentos, dos quaes só dava a conhecer alguns jactos, o que dominava todos os outros era o de tornar a França rainha do mundo.

Parece-me que foi n'essa occasião que se tratou de restabelecer a Legião d'honra.

Essa questão fez um barulho de que não é possivel dar agora uma idéa exacta. Logo que se falou n'essa instituição da Legião d'honra, houve um sussurro extranho em todas as classes, em todos os partidos.

—A côrte consular vae subindo, e com mais brilho que todas as outras. Não acho isso mau nem extraordinario, dizia minha mãe, sorrindo; Bonaparte é um homem de espirito e de tino. Verão onde isto irá ter.

E abanava o cabeça brandamente, sentando-se do outro lado do sophá; porque n'esse tempo já quasi que se não levantava, para obedecer ás ordens dos medicos.

A concordata é mais um d'esses padrões, que marcam uma época immensa na historia da nossa revolução.

Sabe-se que, durante as nossas agitações revolucionarias, fecharam-se todas as egrejas de França; mesmo depois da constituição do anno III, era só com perigo de vida que se podia ouvir missa e cumprir os deveres da religião. No delirio irreligioso que se apoderara dos espiritos, decretou-se que o culto catholico fosse substituido pelo culto da Razão, á qual a egreja, outr'ora de Nossa Senhora, foi consagrada. Foi n'essa épocha que uma creatura infame, sentada no altar, figurou muitas vezes de deusa do templo. As outras egrejas de Paris foram tambem de-

dicadas a sêres metaphysicos; a liberdade, o amor, o hymeneu, etc.

A religião catholica tinha sido exilada de França, da mesma maneira que a moral e tudo o que alguns annos nos haviam roubado. Napoleão fel-a voltar, livre de todo o fanatismo e, no emtanto, pura de qualquer alteração. No dia em que se publicou a concordata, a França inteira ficou satisfeita.

O cardeal Consalvi, monsenhor Spina (depois cardeal arcebispo de Genova) e, o padre Caselli, tambem cardeal desde essa época, vieram a Paris afim de terminarem os negocios da concordata.

O primeiro consul quiz que se realisasse uma ceremonia religiosa, com todo o apparato que o nosso culto permitte, quando se promulgasse a concordata.

Foi o domingo de Paschoa de 1802 que o primeiro consul designou para a sua intronisação. A côrte consular, n'essa época, tinha um aspecto estranho, diga-se de passagem.

Napoleão não dera nenhuma ordem; mas fez-se saber aos principaes funccionarios publicos que seria muito do seu agrado que elles mandassem fazer uma libré aos seus creados, para o dia da ceremonia. Foram convidadas sessenta ou oitenta damas para acompanharem M.me Bonaparte á egreja de Nossa Senhora.

Os consules foram na mesma carruagem. M.me Bonaparte, se me não engano, ia com sua filha e suas cunhadas; depois seguia o cortejo sem distincção alguma. M.me Bonaparte foi conduzida á tribuna para ouvir o *Te-Deum*, assim como nós todas. N'essa época ainda existia a tribuna de Nossa Senhora. Apresentava um aspecto arrebatador, no dia da concordata. Era um açafate cheio de flôres viçosas. Mais de dois terços das senhoras quc rodeavam M.me Bonaparte ainda não tinham vinte annos; muitas tinham apenas dezeseis, e um grande numero d'ellas eram bonitas.

Ainda me lembro da *toilette* de M.me Murat, com o seu chapéu de setim côr de rosa encimado por um cacho de

plumas da mesma côr e emmoldurando aquelle rosto tão branco, tão fresco, tão primaveril. Levava um vestido de musselina da India, bordado á agulha, de um trabalho admiravel, e forrado de setim côr de rosa egual ao chapeu. Nos hombros tinha um grande chale mantilha de ponto de Bruxellas, e o vestido era guarnecido das mesmas rendas. Vi-a, muitas vezes mais ricamente vestida; nunca a vi mais bonita.

O lado singular d'esta ceremonia foi o apparato militar que reinava em toda a parte. Os tiros de peça, as tropas cercando a ala de povo, a cavallaria, as salvas d'artilheria que, desde o romper da aurora, faziam tremer todas as vidraças de Paris, todo o ruido dos campos de batalha juntando-se aos cantos religiosos, áquella pompa da egreja em harmonia com a solemnidade da ceremonia, essa reunião era verdadeiramente admiravel e falava á alma.

(Continúa).

DUQUEZA D'ABRANTES.

O BOM E O MELHOR

Pela aspera collina que, a uma legua de Burgos, eleva no seu cume a Cartuxa de Miraflôres, caminhavam, uma tarde do ultimo outomno, um moço artista e um velho camponez, habitantes accidentaes da historica cidade castelhana, decididos a não desperdiçarem a occasião de vêr os famosos sepulchros onde dormem o somno eterno o rei D. João II, sua esposa D. Isabel de Portugal, e seu filho, o infante D. Affonso. Iam conversando tranquillamente para tornarem a subida mais suave, e era facil adivinhar que o ancião, apesar do seu trajo, não passára a vida atraz de uma junta de bois ou manejando a enxada.

— Não repara n'uma cousa? dizia o rapaz. Este formoso mosteiro tem a fórma de um tumulo, e, para não faltar nada, sobre o parapeito lavrado que corôa a muralha, sahem dos botaréos majestosos pinaculos, á similhança de tochas que ardessem em outros tantos castiçaes á roda do catafalco.

— Apesar de todas essas tochas, respondeu o velho, sendo aqui a terra do frio, os frades passarão o inverno tiritando.

— Veja que belleza de janellas ogivaes! Que ornatos e que lavores tão elegantes!

— Sim; em se quebrando um unico vidro, pelo intervallo hão de entrar pneumonias ás duzias.

Entraram no edificio: atravessaram o pateo da fachada principal do convento; passaram a um outro pateo, onde um cartuxo, de barba comprida e negra cahindo sobre o habito branco, se occupava silenciosamente em trabalhos de carpinteria, e, aggregando-se-lhes alli um leigo, penetraram pelo claustro no pantheon régio. Nem o celebre retabulo em que, por ordem de Isabel a Catholica se empregou o primeiro ouro trazido do Novo Mundo, nem os ornatos de estylo ogival do côro dos frades, e as grandes bellezas da renascença que encerra o denominado dos leigos, nem os vidros flamengos de côres, que aformoseam a luz com tons doces e suaves, mereceram ao moço artista mais do que um olhar rapido.

A sua attenção, o seu pensamento, a sua alma inteira, ficaram escravisados pela peregrina magnificencia dos sepulchros. Dirigindo-se ao ancião, que contemplava, impassivel, aquelles prodigios da arte, explicava-lhe com enthusiasmo vehemente os infinitos e complicados primores do mausoléo descoberto; das estatuas de ambos os monarchas, creações milagrosas de um cinzel inspirado, que soube transformar o marmore em brocado e em finissima sêda, em rendas caprichosas e miudo aljofar, em orlas flexiveis e pedras preciosas, em carne e nervos, em perolas e flôres. Contemplando a rainha, modelada por mão de mestre e executada com delicadeza inexcedivel, augmentou de tal maneira o enthusiasmo do moço artista que o camponez não poude deixar de examinar todas as particularidades d'aquelle trabalho admiravel: o rosto, os olhos entreabertos, a corôa, o véu, o collar, a camisa que cobre todo o peito, o vestido, a sobre-tunica, o manto, as mãos com luvas e anneis, o livro, o rosario, os chapéus, cada filagrana, cada prego, cada joia, cada rosa, cada bordado, cada

linha, tudo foi alvo de grandes louvores. Com egual enthusiasmo indicou o artista os innumeraveis primores da estrella polygonal de oito pontas que fórma o mausoléo; aquelles nichos, arcos e doceis, aquellas estatuas, agulhas e columnatas; aquellas creanças, aquelles leões, e aquellas folhagens; aquelle conjuncto indescriptivel onde o genio de Gil de Siloc soube reunir em uma unica e majestosa idéa tantos pensamentos distinctos, como o jardineiro que fórma um bello ramo com flôres diversas, tinham, necessariamente, que arrancar aos labios do artista as phrases mais apaixonadas. Chegou a sua vez ao sepulchro mural e á estatua do infante ajoelhado, e quando o mancebo já tinha exgotado todas as phrases enthusiastas que existem na lingua humana, exclamou com despeito, provocado pelo socego philosophico do seu companheiro:

—Mas o senhor não vê esta multidão de bellezas?

—Tenho visto mais, disse o camponez.

—Mais?...

—Sim senhor, mais. Vi uma aldeia de vinte e cinco habitantes, onde fui pela primeira vez ha dez annos, porque meu pae, que Deus tenha, me deixou n'ella algumas terras, hortas e olivaes, e em poucos dias esbocei na minha carteira a physionomia moral d'aquella povoação com os seguintes apontamentos:

«Ninguem sabe lêr nem escrever. É difficil encontrar os homens trabalhando no campo e as mulheres arranjando as casas. Um forasteiro abriu uma padaria e d'ahi a pouco estava arruinado: todos iam buscar pão e ninguem pagava. Outro forasteiro abriu uma taberna: vendia por vinho uma mistura venenosa, sabendo mais a campeche do que a vinho, e vae-lhe parar ás mãos todo o dinheiro da aldeia. Não se conhecem os mandamentos da lei de Deus. Furtar, roubar, jogar, beber: são estas as occupações principaes dos homens. As mulheres andam sempre nas aldeias proximas, e teem uma reputação de mil demonios. Em resumo: trevas nas almas, trevas nas intelligencias.»

— E o que tem tudo isso com estes sepulchros? exclamou o rapaz.

— Parece-me, respondeu o ancião, que se é assombroso que o genio possa dar vida e formosura ao marmore e ao alabastro, ainda é mais que a ignorancia e a miseria possam destruir a vida e a formosura moral de um povo.

Ou o artista se julgou n'aquelle momento inferior ao camponez, ou não deu importancia ás palavras d'este. Dirigindo-se ao leigo, perguntou-lhe onde estava outra joia do mosteiro, a effigie de S. Bruno, e o leigo introduziu-os nas capellas, as quaes, como feias rugas da nave, se extendem pela egreja, do lado do evangelho. Contemplando a imagem do fundador dos cartuxos, o artista voltou aos seus enthusiasmos fervorosos. E com razão: porque, mesmo que o insigne artista Manuel Pereira não tivesse deixado outras esculpturas, bastava esta para lhe conquistar os louros da immortalidade. Custa a crêr que aquelle frade não tenha um coração cheio de vida debaixo do simples habito, e que aquella cabeça não esteja curvada ao peso de grande numero de pensamentos transcendentes. O velho contemplou, silencioso, a formosa estatua, e começou a lêr em voz alta os louvores que lhe dedica um epigramma latino, escripto em um quadro collocado na parede:

IN EFIGIEM S. BRUNONIS
CARTHUSIENSIUM PATRIARCHA...

— Agora vae perder, a lêr latim, o tempo que podia aproveitar estudando esta imagem? Repare que ha de haver poucos que façam uma cousa tão notavel, disse o artista.

— Eu já fiz muito mais.

— Muito mais?...

— Muitissimo. Consegui que na aldeia, de que falei ha pouco, todos saibam lêr e escrever. Consegui que aquelles homens passem o dia a trabalhar, e as mulheres arrumando

a casa e tratando dos filhos; que o taberneiro se arruinasse e desapparecesse da taberna; que prospere uma nova padaria; que uma aldeia tão microscopica possa sustentar uma eschola; que todos tenham consciencia dos seus deveres e que ninguem procure a felicidade por outros meios que não sejam a virtude e o trabalho.

— Tudo isso é muito louvavel; mas a arte, oh! para mim a arte está primeiro que tudo.

— Para mim está primeiro a humanidade. E se não receasse offendel-o, accrescentaria que as casas começam a fazer-se pelos alicerces e não pelos telhados; que ambas as cousas são indispensaveis, mas que não é o mesmo servir de apoio ou precisar d'elle. Ou antes, pondo as metaphoras de parte: é bom pensar em fazer artistas, mas é melhor pensar primeiro em fazer homens.

Não tornaram a dar palavra. Quando sahiram do mosteiro, o leigo ficou pensando que talvez lhe conviesse mais seguir o velho do que permanecer na Cartuxa.

P. M. BARRERA.

A SEGUNDA VIDA DE MIGUEL TEISSIER

VII

(Continuação)

Branca sentou-se ao pé d'ella, tão abatida, tão transtornada, que ao príncipio não encontrou nem uma palavra, nem um gesto de consolação. Aquella dôr silenciosa e resignada, de que ella era a causa remota, aquella ferida que ella fizera e não podia curar, condemnavam-a mais severamente, que as mais asperas censuras. Era a dôr que vinha á sua hora, como traidora, ao fim de tantos annos, quando o remorso fatigado acabara por adormecer, e que feria a innocente mais do que a culpada, mas esclarecendo, repentinamente, deante da consciencia alvoraçada d'esta, a longa fila das consequencias da falta irreparavel, todo o espaço devastado pelo mal, que o amor havia embellezado tanto. Ah! que horrivel punição eram as queixas d'aquella creança! E a pobre mulher presentia uma outra ainda, cuja obscura insistencia a perseguia desde o seu regresso a Paris: a indifferença de Miguel, o seu esquecimento, o seu egoismo, todo o sêr novo, que ella havia entrevisto no relampago de projectos que elle esboçava, dos seus projectos ainda vagos, que revelavam comtudo a sua ambição desperta, a sua vontade prompta a encaminhar-se

para objectos defezos, o seu desejo de viver uma segunda vida, onde ella não teria já o seu logar.

As lagrimas d'Annie cessaram breve. Ella tinha o pudor das suas lagrimas, e raras vezes se abandonava assim; mas d'esta vez, os nervos tinham sido mais fortes.

Enxugou as faces humidas, levantou um pouco a cabeça, firmou-se nos cotovellos, abrigando com uma das mãos os olhos da luz, e disse a Branca, debilmente:

—Desculpe-me, minha senhora; mas sinto-me tão nervosa hoje!

Havía, no seu tom, uma interrogação timida, como se ella tivesse perguntado a receio a causa do seu mal; de modo que Branca lhe respondeu, quasi a seu pesar, murmurando:

—Pobre menina! minha pobre menina!...

Annie, surprehendida, fitou-a. Viu um rosto tão pallido como o seu, com duas grossas lagrimas, que lhe velavam as pupillas azues; e inquieta já, na sua delicada sensibilidade, sempre prompta para pensar nos males dos outros, começou:

—Está chorando?... Tambem soffre, não é verdade?... Talvez eu, sem querer...

—Ah! não, minha querida menina! interrompeu Branca, dominando-se, com medo de lhe dar mais abalo. Creio que lhe era impossivel fazer mal a alguem... Vejo que soffre, vejo que soffre muito, e isso faz-me soffrer, tambem...

Houve um silencio, que Annie rompeu, perguntando com voz supplicante:

—Diga-me, peço-lhe, sabe alguma cousa que me diga respeito?...

Branca, hesitante, respondeu com outra pergunta:

—Ha muito tempo que conhece M. de Saint-Brun?

As feições d'Annie contrahiram-se; adevinhara perfeitamente o golpe que ía feril-a!

—Ha dois annos, pouco mais ou menos, disse ella com

a voz opprimida. Era uma das raras pessoas, que nós vimos em Annecy.

Branca continuou:

— Ia muitas vezes a casa de sua mãe?

— Algumas vezes... Ninguem ia muitas vezes a nossa casa... Elle, porém, agradou muito a minha mãe, por ser um rapaz brando e differente dos outros... Tinhamos feito o seu conhecimento por um puro acaso... Não tinhamos relações com sua familia... Elle, tambem, não tem senão pae, e é filho unico, creio...

Deteve-se; depois continuou, como para retardar a explicação, que todavia desejava:

— É preciso desculpar as palavras de Lourença, minha senhora; é uma creança, e diz cousas que não pensa. É que ella tinha medo, como eu, de perder um amigo. Temos tão poucos!... Isto é natural, pois não é?...

— Não se trata de Lourença, respondeu Branca. Sei que ella está sempre imaginando que eu lhes quero mal. Comtudo, devia já ter visto, que se não dá esse caso... Se a sua desconfiança tem por fim fazer-me soffrer, asseguro-lhe que o conseguiu bem, pois já não teem conta as lagrimas, que por esse motivo tenho chorado!

— E uma creança, repetiu Annie, que não encontrava outra desculpa. No fundo, não é má, e tem bom coração apesar das apparencias... Não lhe queira mal...

— Não, não lhe quero mal, e não tenho nada que lhe perdoar!...

Era um grito d'alma, que Branca se arrependeu logo de ter soltado, porque elle trahia excessivamente, cousas que ella tinha o dever de guardar unicamente para si. De novo Annie fixava em Branca os seus grandes olhos inquietos, que esperavam. Então, Branca, voltou á questão principal:

— Não se admire, minha querida menina, e não se affija de mais, peço-lhe, se M. de Saint-Brun estiver agora algum tempo sem voltar.

Annie empallideceu como se lhe fugisse o sangue, e fosse desfallecer:

— Porque, minha senhora? balbuciou ella, erguendo-se sobre a sua almofada... Porque quer afastal-o?

Esta pergunta, que Annie não tinha calculado, que acabava de brotar de um fundo ainda vivaz de suspeitas e de desconfianças, feriu Branca em pleno coração:

— Oh! não sou eu! exclamou ella; diga-me não acreditar que seja eu que lhe cause essa magua!... O que não seria eu capaz de fazer para tornal-a feliz!... E tenho que lhe dizer coisas dolorosas, sem poder nada em seu favor, nada senão offerecer-lhe a minha sympathia e a minha affeição!...

A commoção quebrava-lhe a voz. No entretanto, restabeleceu depressa a sua tranquillidade apparente, e continuou:

— O seu papá acha inutil que, n'esta occasião, M. de Saint-Brun continue as suas visitas, porque... porque elle ama-a.

Annie exclamou, com um relampago de alegria:

— Então, elle disse-lh'o?

— Disse... Mas M. de Saint-Brun é muito novo... E, além d'isso, se a questão de um casamento entre elle e Annie se apresentasse desde já, encontraria bastantes difficuldades.

— Ah! murmurou Annie, parece-lhe....

Accrescentou, balbuciando:

— Difficuldades... Difficuldades... Mas, porque, Deus meu!...

Gottas de suor aljofravam a testa de Branca: seria esse o momento proprio, depois de tão forte abalo, para descer ao fundo de explicações necessarias? E, comtudo, como deixar a essa creança esperanças que manteriam no seu coração fervente, um sentimento impossivel, e lhe prepararíam dôres novas?

— Essas difficuldades, respondeu ella com grande custo, viriam de seu pae...

Como o olhar limpido de Annie a fixava, Branca afastou os olhos, continuando:

— Bem sabe, ha cousas... no passado de seu pae... no nosso passado...

Foi-lhe impossivel continuar.

— Sim, bem sei, disse Annie, gravemente... Mas nunca pensei que essas cousas... pudessem afastar de mim... M. de Saint Brun.

Sem nada accrescentar, interrogava, comtudo; com a expressão, o olhar, toda a angustia da sua alma, perguntava porque haviam de recahir sobre ella os actos de seu pae, porque haviam de repelil-a sem conhecel-a, porque se havia de fechar deante dos seus passos o caminho da felicidade e do amor?

— O mundo é assim, murmurou Branca.

Calaram-se longamente, continuando cada uma em silencio a cadeia das suas reflexões.

Passaram-se dez minutos, muito lentos, pacificantes como o é sempre a aza invisivel do tempo. Annie, repellindo a almofada, sentou-se na *chaise-longue;* e, como parecia mais tranquilla, Branca disse-lhe, machinalmente, pensando alto:

— Ha de esquecer isso, minha querida menina... Na sua edade, a vida é ainda tão bella!...

Annie saccudiu a cabeça:

— Minha senhora, bem sabe que se não esquece, replicou. Qual a razão porque eu havia de ser menos capaz de um grande amor do que...

Ia dizer, seguindo tambem os seus pensamentos: «do que a senhora.» Reprimiu-se, porém, e disse:

—... Do que outra qualquer?...

Mas Branca .adivinhou-a, sentiu-se comprehendida, e amou-a.

Ao concluir a sua phrase interrompida, Annie levantara-se:

— Volto para o meu quarto, disse ella... A minha en-

xaqueca está um pouco melhor... graças a si... Agradeço-lhe a sua bondade.

E, de novo, mas, d'esta vez, com um gesto mais franco, mais espontaneo, extendeu a mão á sua madrasta. Não havia já nem rancor, nem desconfiança no olhar com que os seus olhos pardos lhe agradeceram, e abandonou-se muito meigamente quando Branca, cedendo a um impulso mais forte do que a sua reserva habitual, a attrahiu a si e a beijou na testa. Foi uma caricia quasi fraternal, que sellou a sua reconciliação: acabavam ambas de comprehender muitas cousas obscuras, que, sem duvida, não teriam sabido formular, mas que faziam irradiar nas suas duas almas a reciproca piedade pelas feridas, envenenadas ou puras, de que sangravam juntas na mesma dôr.

No seu quarto, Annie encontrou a irmã, que a estava esperando:

—Que te disse ella? exclamou Lourença, vendo-a entrar.

Annie deixou-se cahir n'uma poltrona:

—Ah! já não sei, murmurou ella, não posso comigo!... Não me fatigues, minha querida, supplico-te... Dóe-me tanto a cabeça!... Eu te contarei tudo, ámanhã.

Lourença approximou-se, e, com um gesto affectuoso, poz a sua mão pequena e fresca, na testa de sua irmã.

—Uma palavra simplesmente, interrogou, n'um tom interessado e terno... Elle volta?...

—Não... Está tudo acabado... Não nos tornaremos mais a vêr... Eu bem sentia, que isto não podia ser!...

Lourença teve, de novo, um movimento de colera:

—Foi *ella*, disse, como que silvando atravez dos dentes cerrados, foi *ella* que o despediu!...

—Não, não foi *ella*, respondeu Annie... Tu não *a* conheces: *ella* é boa... Eu te explicarei mais tarde... Agora, quero descançar... Não tenho forças para falar, acredita!...

E Annie foi accommettida de tal choro soluçante que Lourença, impressionada, deixou immediatamente de interrogal-a, poz-se a applicar-lhe compressas, e não a deixou senão quando a viu acalmada, com a cabeça voltada para o lado da parede, os olhos cerrados á força de fadiga.

Annie não appareceu ao jantar, que foi rapido e silencioso. Miguel, que chegara tarde, e que estava preoccupado, informou-se d'ella, distrahidamente:

— Está incommodada, respondeu Branca.

— Sim? O que tem?

— Dôres de cabeça. Naturalmente enxaqueca.

— Isso passa. É preciso tratal-a.

Comtudo, accrescentou, em seguida a um silencio:

— Seria bom chamar um medico... Ella é tão fraquita...

Lourença escutava, passando-lhe nos olhos uma chamma sombria, com uma grande raiva no fundo da sua alma e fazendo o julgamento do pae; levantou-se antes do fim do jantar, para ir cuidar da doente. Passados alguns minutos, Branca batia á porta do quarto onde estavam as duas meninas. Foi Lourença quem abriu, apenas o necessario para ver quem era. Trocaram apenas algumas palavras.

— Como está Annie? Quererá alguma cousa de mim?

— Não, minha senhora. Minha irmã doe-lhe muito a cabeça, e não quer vêr ninguem.

Branca entendeu não dever insistir.

Por duas ou tres vezes, na primeira parte da noite, campainhadas imperiosas chamaram as creadas ao quarto de Annie. Era Lourença, que pedia uma chavena de caldo para a irmã, agua quente, perolas d'ether: impaciente, ralhando com a creada de quarto sem comtudo deixar de reprimir a voz, mas enfermeira attenta e dedicada, com o passo subtil, e a mão muito leve. Emquanto Annie pareceu estar soffrendo, não a deixou. Quando a viu por fim adormecida, cerrou até meio os cortinados da cama, levou o candieiro

para o seu proprio quarto, sentou-se deante da pequena secretária e pareceu reflectir profundamente. Tomada a sua decisão, escolheu papel com larga tarja preta, experimentou uma penna, datou a carta, e parou para reflectir de novo. Em seguida, lentamente, como se a embaraçassem difficuldades inesperadas, tirou de uma gaveta um caderno de papel pautado, onde fez uma duzia de rascunhos, illegiveis, cheios de emendas, que ella rasgava e recomeçava sem cessar. Comtudo, chegou um momento em que pareceu contente com a sua obra, porque tornou a pegar no papel trajado de lucto e, com as sobrancelhas cárregadas, muito attenta, muito decidida, começou a transcrever por baixo da data as linhas seguintes:

«...Sr.,

«A ultima vez que nos veiu visitar, foi um acaso apenas que nos fez ter conhecimento da sua visita. Ora, sei que essa visita se não renovará: e, por outro lado, passam-se aqui acontecimentos que seria imperdoavel para mim deixar-lh'os ignorar. Sei perfeitamente que este passo junto da sua pessoa é muito incorrecto, e que uma menina não deve escrever a um cavalheiro; mas estamos n'uma situação tão excepcional, que eu não poderia deixar-me prender por taes considerações, tanto mais que o seu caracter me inspira plena confiança; porque se trata da saude, e talvez da vida de minha irmã.

«Sei que V. a ama; tenho a certeza d'isso; e tambem sei que ella o ama, embora nunca me tenha feito essa confidencia em termos precisos. E é, n'estas circumstancias, que intentam prohibir-lhe que a veja? A este respeito, teve ella com a nossa madrasta uma explicação, que a fez adoecer. Conheço-a, sei que é tão boa e tão paciente, que está prompta a supportar sem revolta o seu destino, mesmo que tenha de morrer. Eu, porém, tenho mais energia do que ella, estou prompta a luctar por causa d'ella, e se V.

a ama tanto quanto eu creio e se quer ter confiança em mim, estou convencida que chegaremos a fazel-a feliz, apesar de todas as contrariedades. Primeiro que tudo, é preciso que V. lhe escreva; ella tem necessidade de saber, por sua propria declaração, que não está tudo perdido. Mas o correio não é bastante seguro, e é melhor recorrer a outro meio, que eu lhe indicarei.

«Quarta-feira, ás dez horas, vou dar a minha lição de piano, ao boulevard Saint-Michel. Hei de, por conseguinte, atravessar o Luxembourg, em companhia da minha creada, passando pela avenida onde estão as estatuas das rainhas de França. Se quizer estar n'essa avenida, alguns minutos antes das dez horas, não póde deixar de me encontrar. Virá ao meu encontro de modo muito natural, e informar-se-ha da nossa saude. Creio que a creada não verá n'isso nada de extraordinario. Tenha a carta prompta e dobrada, e dê-m'a disfarçadamente, quando me apertar a mão. Eu levarei regalo.

«Comprehende que é preciso absolutamente que nos entendamos. Annie reprovar-me-hia se eu lhe dissesse o que faço, mas tenho cuidado em não lh'o dizer, e quanto mais reflicto mais vejo que tenho razão: porque não temos outra alternativa senão a de nos correspondermos para nos pormos de accordo, ou então renunciar a tudo. E, apesar dos obstaculos, tenho confiança no futuro, e conto com a sua energia para os vencer.»

Lourença releu a sua carta, ponctuou-a e, depois de uma ultima hesitação, assignou com o nome todo, por extenso. Metteu-a em seguida n'um sobrescripto, escreveu a direcção em letra larga e clara, e escondeu-a, até ao dia seguinte, em uma gaveta, da qual guardou a chave. Evidentemente, estava satisfeita comsigo mesma, e admirava o seu proprio acerto. Comtudo, voltou pensativa para junto de sua irmã, que estava dormindo.

—Parece um anjo, pensou ella, abrindo as cortinas.

Effectivamente, o rosto branco de Annie, no seu nimbo de cabellos d'oiro espalhados, resaltava sobre a alvura da almofada, muito pallida com uma expressão dolorosa.

—É necessario ser mau para a fazer soffrer! pensou ainda Lourença, enternecendo-se: ella que é tão meiga, tão passiva... — ...E tão ingenua, accrescentou: porque, emfim, ella acredita na bondade, na sympathia, na affeição de M.me Teissier!...

E a creança concluiu, não sem vaidade:

—Esta, nunca ha de comprehender nada da vida...

No dia seguinte, Annie, sem falar mais da sua enxaqueca, começou a andar pela casa, empregando-se como de costume nas diversas occupações que tinha creado para si. Lourença foi mysteriosa. Abandonou o piano com o pretexto que a bulha incommodava a irmã, fechou-se toda a manhã no seu quarto, e appareceu ao almoço com o seu vestido mais comprido, e com os cabellos escuros, que até então usara em trança cahida, levantados e presos em um bonito monete grego: uma verdadeira metamorphose, que ella meditava havia muito, e que os accidentes da vespera tinham abreviado.

— Mas, minha querida, que fizeste tu? exclamou Annie.

Branca absteve-se de manifestar a sua surpreza. Miguel, divertido com isso, respondeu:

— Creio que ella, desde hontem, cresceu immenso. Sabes, que estás uma verdadeira senhora, agora! E bem se vê que tens orgulho n'isso. Ora, pois, Deus queira que nunca tenhas saudades da tua trança cahida!

Lourença deixou-os brincar, sem sorrir, e, em todo o dia, nunca se esqueceu do seu tom de dignidade, como se estudasse com cuidado o seu papel de pessoa crescida.

No dia fixado, prompta antes da hora, repetia nervosamente os seus exercicios desprezados na vespera, impacientava-se apressando Candida que tinha de acompanhal-a á sua lição, beijava sua irmã com uma effusão desusada, e sahia dizendo-lhe muito amigavel:

— Até logo, querida!

Estava-se em janeiro. As arvores do Luxembourg, salpicadas de geada, destacavam os seus esqueletos sobre um fundo de céu claro e frio.

As alamedas estavam desertas, e os dois ou tres passantes que as atravessavam iam todos occupados em bafejar os dedos, para os aquecer.

— Ninguem perceberá, pensou Lourença.

De nariz no ar, muito fresca, com as duas mãos mettidas n'um regalo de astrakan preto, caminhava com passo descuidoso, que a Candida parecia excessivamente rapido. Approximando-se do momento critico da sua pequena intriga, não experimentava nenhum temor, apenas uma ligeira commoção, e dizia comsigo, com a sua habitual complacencia:

— Decididamente, eu sou muito forte!

Acabava, apenas, de formular esta reflexão, quando carregou as sobrancelhas e a completou:

— Elle, então, é o contrario!

Effectivamente, Amé, em vez de passeiar com passo rapido e com modos de atarefado, conservava-se encostado a uma estatua, na attitude evidente de alguem que está esperando. Por isso esta idéa inquietadora: «Vae comprometter-me,» passou pelo espirito de Lourença. Lançou um rapido olhar em torno de si: ninguem os via; Candida, transida de frio, pareceu-lhe não estar em circumstancias de fazer qualquer reflexão perigosa. Comtudo, quando elle se decidia a approximar-se d'ella, levantando timidamente o chapéu e extendendo-lhe cedo de mais a mão que sustinha a carta, Lourença parou e exclamou no tom mais admirado que poude fazer:

— Oh! M. de Saint-Brun! Que feliz acaso!

Amé balbuciou algumas palavras de explicação, emquanto ella lhe apertava a mão. Teve a impressão rapida de uns pequeninos dedos ageis que apertavam os d'elle, que se apoderaram n'um relance da carta dobrada que o estava

embaraçando, e que immediatamente passaram a refugiar-se no regalo de astrakan.

— Brrr... que frio! disse Lourença.

Estava acabado... Amé tremia. Porém, Lourença, muito tranquilla, perguntou-lhe:

— Ha um seculo que ninguem o vê. Tem tido muito que fazer?

— Oh! não. Quer dizer... sim, respondeu Amé, que tinha difficuldade em recuperar o sangue frio.

E continuou, dominando-se um pouco:

— Espero que em sua casa, minha senhora, todos estejam bem. M. e M.me Teissier?...

— Estão bem, disse ella com indifferença.

— E... sua mana?

— Annie passou bastante mal ante-hontem. Mas agora está melhor.

— Espero que não seja cousa grave?

— Oh! não, não é, póde estar descançado! Minha irmã tem necessidade de muito socego e de muita affeição. Sei do que ella precisa, e sou eu a sua enfermeira.

Deixaram-se, depois de um novo *shake-hand*.

— Até breve, não é assim? perguntou Lourença.

Amé respondeu com um olhar triste:

— Até breve, minha senhora.

Candida batia com os pés no chão para os aquecer. Quando voltou para casa, Lourença correu ao quarto de sua irmã, onde a encontrou sósinha e distrahida:

— Aqui tens! disse-lhe ella, extendendo-lhe a carta; isto é para ti, lê!

Annie, surprehendida, voltava entre os dedos o sobrescripto branco, que não tinha endereço nem direcção.

— Para mim? perguntou ella.

— Sim, para ti, lê, não te demores! Meu Deus! como tu és pouco curiosa!

Annie rasgou o sobrescripto, correu com a vista á assignatura e empallideceu:

— Oh! minha querida! exclamou ella, o que vem a ser isto?

Leu. Lourença, a quem ella já não ouvia, explicava-lhe:

— É uma carta... de M. de Saint-Brun. Entregou-m'a no Luxembourg. Eu tinha-lhe escripto.. Responde-te. Era isso o que eu queria!

Depois, quando viu que sua irmã chegava á ultima pagina:

— Quero que sejas feliz, ahi está! Tu és resignada de mais; eras capaz de supportar tudo! Eu não me confórme em que tu soffras por causa *d'elles*. Elle ama-te, tu amal-o, pois hão de casar, a despeito de tudo!

Annie, porém, assustada, murmurava:

— O que tu te atreveste a fazer!

E continuou, reflectindo alto:

— E eu? Elle pede-me que responda.

— E conta, de certo, com isso.

— O que lhe hei de eu dizer? Sabendo o que eu sei! E, depois, é mal feito. Não se deve nunca occultar nada a ninguem. Era preciso mentir, dissimular. Eu, é cousa que não sei, não posso!

Lourença interrompeu-a:

— Vejamos! disse ella, pegando nas mãos de sua irmã, raciocinemos, peço-te! Estamos nós, por ventura, na situação das outras raparigas? Não, pois não é verdade? Não temos familia. Fomos abandonadas de pae durante oito annos, e se elle nos tomou por fim, foi por não poder proceder d'outra maneira. Vês, perfeitamente, que elle não se occupa mais comnosco do que quando nós estavamos em Annecy, emquanto elle corria o mundo... Sua mulher? Oh! eu bem sei que ella te enfeitiçou. Mas, emûm, não tem nenhum direito sobre nós; dado mesmo que não seja má, não póde ter para comnosco especie alguma de affeição. Que interesse tomaria ella no nosso futuro? Não somos suas filhas, e incommodamol-a. É, pois, absolutamente comnosco arranjarmos a nossa vida á nossa conveniencia. E não temos, á escolha, muitos meios para o fazer!

Annie deixava dizer, e acabou por murmurar:

—Eu nunca tinha pensado essas cousas todas!

—Mas pensei-as eu, replicou Lourença. Sou mais reflectida e mais rasoavel do que tu imaginas. As conveniencias, os usos, tudo está muito bem, quando se é como toda a gente. Que mal pódes tu fazer, se responderes a M. de Saint-Brun? Nenhum. E, se lhe não responderes, tudo está acabado; e não ha mais nenhuma esperança para ambos. Tens medo de dissimular: a quem deves tu explicações, pergunto-te eu? Somos sósinhas, sósinhas para nos consultarmos, sósinhas para nos conduzirmos. Escutemos, pois, o nosso coração, e procuremos ser felizes!

N'este momento, tocaram para o almoço. Annie guardou a carta de Amé, no seu corpete:

—Desçamos, disse ella; depois verei.

VIII

Esse anno, o penultimo da legislatura, era notavel pela desorganisação extrema dos partidos. Em seis mezes, tres crises ministeriaes, de difficil solução, tinham exgotado as reservas da maioria. As opposições, seguindo a sua tactica habitual, applicavam-se a augmentar a desordem e a semear a desconfiança. O écco de sessões tempestuosas e vãs, nas quaes os clamores injuriosos embatiam as honras mais estaveis, retinia no paiz, do qual saccudiam a resignada e dolorosa indifferença. Como succedera muitas outras vezes, durante os ultimos dez annos, reclamava-se um homem, um pensamento dirigente, uma mão firme: e via-se approximar as eleições geraes sem que cousa alguma parecesse dever alterar o seu caracter habitual.

Foi n'estas circumstancias que Miguel Teissier entrou bruscamente em scena; e na verdade, para que fosse notado o reingresso d'esse esquecido, era bem precisa essa perturbação, essa incerteza inquieta, essa espectativa es-

morecida de qualquer cousa incognita, que produzem em certos momentos periodicos os sobresaltos do regimen parlamentar. Não era, effectivamente, por qualquer ostentação habil e imprevista, que Teissier se impunha de novo á attenção publica, mas simplesmente por uma longa brochura, de um caracter inteiramente theorico, que elle publicou com o titulo: *A Crise Actual*. Começava ahi, resumindo a historia politica d'este periodo. Analysava, com rara penetração, as phases da lucta que prosegue entre as tradições economicas, moraes e religiosas do antigo mundo novo; e esta exposição, sob um aspecto objectivo e desinteressado, que parecia quasi um capitulo de historia antecipada, tendia comtudo a justificar, sem que o parecesse, a evolução que se havia operado n'elle mesmo e o havia levado de um campo para o outro. Era, se o quizerem, um pamphleto, severo para os partidos, desdenhoso dos homens, mas d'onde resaltava um ideal social e politico, opposto em todos os pontos áquelle a que aspirava outr'ora o antigo campeão da direita republicana.

Um tal reviramento é sempre de perigosa execução, porque os partidos politicos interdizem aos seus homens o aproveitar de qualquer experiencia, e condemnam-os á immutabilidade; porém, Miguel com o seu instincto de luctador, comprehendeu que, se esse reviramento é possivel, é mediante a condição de se operar primeiramente no dominio do pensamento, não no da acção; e por muito fracas que fossem as suas probabilidades de exito, reforça-va-as tanto quanto podia apresentando-se primeiro no terreno da theoria pura. Com certeza, havia paradoxo, talvez mesmo mentira, nos seus juisos e nas suas deducções; mas quem póde dizer onde pára a sinceridade? Quem poderá marcar o estreito limite que separa as nossas opiniões desinteressadas d'aquellas que nós forjamos, sem o perceber, em consideração dos nossos interesses ou das nossas paixões? Este trabalho surdo havia-se feito na consciencia de Miguel, sem calculo e sem prevenção, pelo effeito

invisivel e natural de força negativa á qual elle fizera um primeiro sacrificio: em verdade, quando elle escrevia com enthusiasmo as melhores pagínas da sua brochura, teria podido jurar, em perfeita boa fé, que pensava todas as phrases, sem referir nenhuma ao seu caso particular. De modo que, para os outros, ellas produziam com egual força a mesma impressão que os seus discursos d'outr'ora, os quaes todavia desmentiam.

(Continúa).

Edouard ROD.